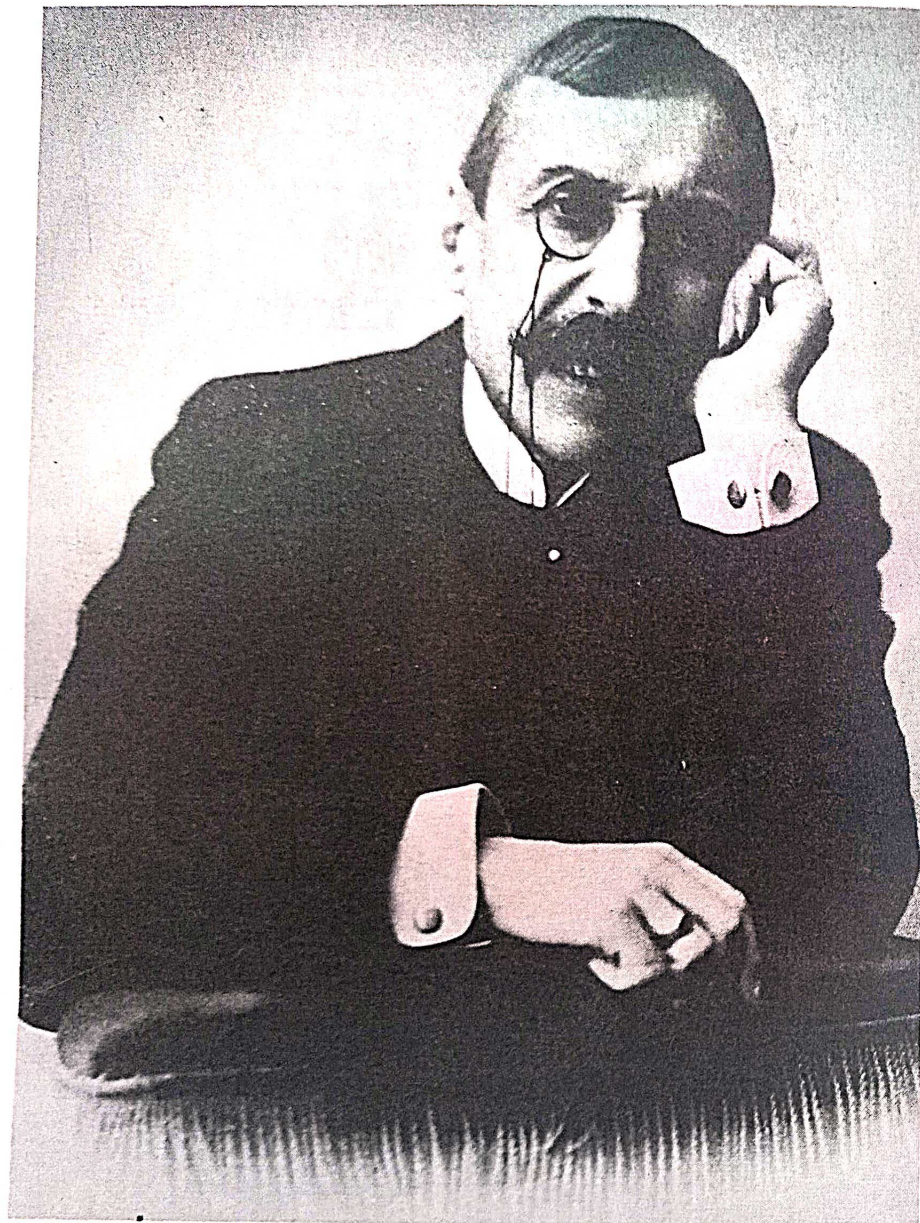
O LIVRO

Era Lisboa e Chovia é um roteiro cultural, histórico, literário e sentimental de Lisboa a partir da obra de Eça de Queiroz. Referências a locais, edifícios, palácios, confeitarias, restaurantes, lojas. praças, largos, ruas, becos e calçadas constantes da obra do grande escritor português foram extraídas e devidamente explicadas. Como estão hoje aqueles locais das lindas cenas da fabulação e da vasta correspondência de Eça de Queiroz? Muitas ilustrações fotográficas, de ontem e de hoje, enriquecem esta obra que é ainda uma antologia do que escreveu de mais engraçado, romântico e irônico o genial autor de **Os Maias**. Lisboa e arredores foram divididos e classificados em nove "circuitos ecianos", constituindo um verdadeiro guia da Lisboa de todos os tempos, com menções não só de Eça de Queiroz mas de dezenas de outros escritores, antigos e contemporâneos.

ERA LISBOA E CHOVIA

Eça de Queiroz (1845-1900):

"Sou um pobre homem da Póvoa de Varzim."

(*Correspondência*)

DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES

ERA LISBOA E CHOVIA

Todas as personagens de Eça
na Lisboa bem-amada

SEGUNDA EDIÇÃO

Capa:
Jane Maia

Foto da capa:
A. Campos Matos, do monumento a Eça de Queiroz, no Largo do Barão de Quintela, erigido por subscrição entre amigos e admiradores do romancista. Inaugurado em 9 de novembro de 1903. Trabalho em mármore de autoria do escultor Teixeira Lopes.

Revisão:
Luiz Carlos de Paiva e Souza

Direitos em língua portuguesa adquiridos por:

EDITORIAL NÓRDICA LTDA.
Av. N. S. de Copacabana, 1072, sala 1203
22060 — Rio de Janeiro — RJ.

Fone: (021) 287-9898
Telegramas: Nórdica, Rio de Janeiro.
Telex: (021) 31810 NOCA BR.

Depto. comercial e depósito:
Rua Pedro Alves, 233 e 237
20220 — Rio de Janeiro — RJ.
Fone: (021) 283-4649.

Composto na Gráfica Luz, Rio de Janeiro, RJ.
Impresso no Brasil — ref. 208/84.

Este livro *é* uma

Homenagem a
DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ,
que o inspirou e exigiu de mim que o fizesse

e *pretende* ser

um convite a brasileiros e portugueses a que,
ainda mais, se conheçam, se estimem
e se amem.

Lisboa, agosto de 1983
O AUTOR

A Dinah Silveira de Queiroz

"Em que tempo estarás meu amor?
Em que espaços adeja teu espírito?
Em que jardim cultivas tuas flores?
E que maneira tens de amar as coisas?
E que mundos já descobriste noutro mundo?
E quantas varas de Moisés já encontraste?
E quantos Édenes visitaste?
E quantas danças de Miriam já viste?
E quantas vezes subiste ao Sinai?
Ah! fala, fala meu amor,
quero ouvir a tua voz em sonhos,
como Samuel ouviu a voz de Deus,
voz serena e sem dor,
..............................".

De Mário de Oliveira,

em *Poemas de Amor e Desespero*,
Lisboa, 1982.

SILENCIOSO, AGORA

Quero quedar-me silencioso, agora
neste espaço inteiro onde brilham asas,
porque a terra agora tem um só sentido
e a construção se ergue e amplifica.

Quero estar calado neste fim de tarde,
neste breve rosto, nesta luz e luz,
como um beijo longo que nos lembre sempre
um súbito rumor que nos perturbe.

Quero, quero, quero estar contigo
neste só silêncio que nos vê e atrai,
nesta hora escassa em que o céu acorda
e não se morre nunca e não se morre mais.

Quero, sim, quero ficar quieto
nesta bruma ou brisa, nesta lua ou mágoa
de branda textura, em que se adivinha
este cais de espuma, de mistério e água.

João Rui de Sousa, in

O Fogo Repartido, Poesia (1960-1980),
Lisboa, 1981.

RECONHECIMENTOS

Na feitura deste livro teve o autor colaborações imprescindíveis e que merecem especial registro. Dentre colaboradores muito próximos, Dalmo Afonso Jeunon, incansável na busca de preciosa documentação em alfarrabistas e bibliotecas, na extração das anotações feitas pelo autor em toda a obra de Eça de Queiroz, na preparação de fichários e alistamento de dados diversos; Rina Bonadies, no copiar mais de uma vez todo o texto, tomar ditados, fazer revisões e pesquisar expressões e adjetivações, particularmente as que marcaram as primeiras obras de Eça de Queiroz; Wanda Sá, que tomou ditados e copiou rascunhos; Senador Luiz Viana Filho; Acadêmico Francisco de Assis Barbosa; Professora Beatriz Berrini, da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo; Embaixatriz Maria João Nabuco e Doutor Vinícius Barros Leal, que obtiveram publicações e textos de interesse e deram valiosos conselhos.

São devidos agradecimentos muito especiais a portugueses e entidades portuguesas que prestaram colaboração sobre temas da obra de Eça de Queiroz, ou sobre a cidade de Lisboa: Arquiteto Eduardo Martins Bairrada, profundo conhecedor da Capital portuguesa, da Câmara Municipal de Lisboa, por gentil recomendação do Engenheiro Nuno Krus Abecasis, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, também ele merecedor de nossos agradecimentos; Engenheiro Luís dos Santos Ferro; Arquiteto A. Campos Matos, que colaborou com seu conselho e com fotografias; Arquiteto Rui Palma Carlos; Doutor Geraldo Sales Lane, presidente do Grêmio Literário; Doutor Luís Leite Pinto, Presidente do Círculo Eça de Queiroz; Embaixador Vasco Futscher Pereira;

Comandante José Maria Baptista Costa, da TAP - Air Portugal; Escritor Luís Marques Forjaz Trigueiros; Escritora Manuela Azevedo; Escritor Manuel Marques Gastão; Escritor Nunes Bermudes; Escritor Francisco Costa; Escritor Carlos Pereira Callixto; Advogado Joaquim Parro; Senhora Maria da Graça Salema de Castro; Senhora Maria da Graça Paço d'Arcos; Escritora Helena Cidade Moura; Professor Fernando Castelo Branco; Professor Ernesto Guerra Da Cal; Domingos d'Oliveira Martins; A. J. Telles da Sylva, livreiro; Escritor Antônio Lousada; Senhor Américo Francisco Marques, do Centro de Antiquário do Alecrim; Doutor Pedro da Silveira, da Biblioteca de Lisboa; J. S. Silva, da Livraria Histórica e Ultramarina; Associação Comercial de Lisboa; Senhor Luís Antônio de Sousa Pedro, da Editora Livros do Brasil; Doutor José Manuel Meneres Sampaio Pimentel; Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Catarina de Sena, Cabra, do Convento de Bom Sucesso, Lisboa; Conselheiro Carlos Moreira Garcia; Embaixador Miguel Franchini Neto; Ministro Paulo de Tarso Nonato da Silva; Senhora Margarida Zobaran; Doutor Eudoro Pamplona Corte Real, Provedor da República; Doutor Fernando de Mello Moser, do Instituto Português de Cultura; Ministro Manuel Caldas Faria; Religiosas Dominicanas de Santa Catarina, do Colégio São José, no Ramalhão; Senhor João Manuel Ramalho Pereira, da Única Fábrica dos Pastéis de Belém; Senhor Álvaro Pinho, do Restaurante O Galão; Arquiteto Geraldo Orlandi; Senhor Paul de Nagy, e Senhora Manuel Ferreira Enes, da VARIG; TAP - Air Portugal; Senhor Eduardo Rodrigues Cardoso, do Instituto do Vinho do Porto; Doutora Lia Arez Ferreira do Amaral, do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa; Senhora Maria Odete Frutuoso da Costa, dos Caminhos de Ferro de Portugal — Linha de Cascais; Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa; Doutora Irisalva Moita, do Museu da Cidade de Lisboa; Senhor Armando Silva, do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa; Doutor João Palmares Ferreira, da Biblioteca Nacional de Lisboa; Doutor João Castelo Branco, da Biblioteca do Museu Nacional dos Coches; Doutor Alberto Júlio, do Museu Nacional do Trajo; jornalista Vasco Callixto; Sociedade de Geografia de Lisboa; Doutora Maria da Glória Pires Firmino, do Museu dos Correios, Telégrafo e Telefone; Grupo Amigos de Lisboa; Doutor Orlando Perrain da Silva Dias, da Câmara Municipal de Lisboa; escritor António Quadros; Senhora Helena Vaz Silva, do Centro Nacional de Cultura; escritor Antonio Valdemar; Conselheiro Eduardo Augusto Arala Chaves, Procurador-Geral da República; Professor Camilo dos Santos;

Doutor Brás Teixeira, do Teatro Nacional D. Maria; *Diário de Notícias; Diário Popular; O Dia;* paróquias de São Jorge dos Arroios, Nossa Senhora da Penha de França e Nossa Senhora da Pena; Patriarcado de Lisboa; Administração-Geral do Porto de Lisboa; Associação de Odontologia de Portugal; Juntas de Freguesia de Alcains e de Terras do Bouro; Livraria Portugal; Senhor Jaime Calheiros Carvalho, do botequim A Tendinha; Fotógrafo Júlio Almeira; Motoristas José Santos e Joaquim Moura.

O Autor

SUMÁRIO

À MANEIRA DE PREFÁCIO

A idéia de escrever este livro surgiu de um chamado telefônico da Rádio Comercial de Lisboa, no dia 16 de agosto de 1982, para o Embaixador do Brasil. Celebrava-se o aniversário da morte de Eça de Quieroz e se pedia a opinião do Embaixador sobre sua influência em nosso país. Feito o breve apontamento a respeito da *presença* ainda hoje do grande romancista português no Brasil, Dinah fez sobre o assunto uma crônica que foi publicada, em 18 de setembro de 1982, no *Correio Braziliense*, bem como em vários outros jornais brasileiros. Exigiu ela, porém, que eu desenvolvesse o tema num livro. As condições de seu estado de saúde já eram então delicadas. Há muito me pedia para que eu escrevesse e publicasse algo. Sabia de meu grande amor pela cidade de Lisboa e de meu interesse pela obra de Eça de Queiroz, de que ela também participava. E logo se seguiu uma intensa leitura e pesquisa sobre os locais de Lisboa e arredores em que se passaram episódios, cenas e relatos, em cerca de trinta livros da criação do imortal escritor português. Boa parte dessa leitura foi testemunhada por Dinah, em Lisboa e depois em São Paulo, já no período do agravamento de sua enfermidade. O trabalho prosseguiu no meu regresso a Lisboa em dezembro do ano passado, após a tristíssima e insubstituível perda que sofri, sofro e sofrerei na vida com o desaparecimento de Dinah, em 27 de novembro de 1982.

Construí um roteiro geográfico mais ou menos arbitrário. O livro foi dividido em nove capítulos, a partir da chegada ao Aeroporto — a maneira mais comum de um brasileiro desembarcar hoje em Lisboa. O último dos capítulos se refere a Sintra e arredores de Lisboa, nele

incluídos alguns bairros que, à época de Eça de Queiroz, eram periféricos.

O livro é concebido mais para brasileiros. Mas um português pode nele sentir como um brasileiro vê sua linda capital e como aprecia Eça de Queiroz. Procurei identificar muitos, quase todos os locais mencionados por Eça em sua fabulação, bem como em seus artigos e correspondência. É impressionante que ele se tenha tornado por excelência o escritor de Lisboa, cidade que ele viu pela primeira vez aos 21 anos de idade e onde morou durante seis anos, de 1866, ao chegar de Coimbra, a 1872, quando foi nomeado Cônsul em Havana. E naquele período sua permanência em Lisboa foi interrompida duas vezes: Évora e Leiria. De 1872 a 1900, ano de sua morte, Eça de Queiroz viveu em funções no exterior como Cônsul em Havana, Newcastle, Bristol e Paris. Veio muitas vezes a Portugal, em férias, trânsito ou licença, mas nunca mais voltou a residir em caráter permanente em sua pátria. Diz Luís de Oliveira Guimarães, em seu livro *Eça de Queiroz e a Cidade de Lisboa*: "Eça não era, como sabem, de Lisboa, a não ser eventualmente, aqui vivera. Sucede, porém, com as cidades o que frequentemente sucede com as mulheres. Vê-las e amá-las é obra de um momento. Eça, mal viu Lisboa, enamorou-se dela e tornou-se enraizadamente lisboeta. Considerava-se mesmo um produto alfacinha. Ele próprio o dizia alegremente a Ramalho que, aliás, também não era de Lisboa; 'Paris fez a Revolução, Londres deu Shakespeare, Viena deu Mozart, Berlim deu Kant, Lisboa deu-nos a nós — que diabo!'".

É difícil ou quase impossível apontar um escritor português cuja obra tenha sido tão profunda e extensamente ligada a Lisboa, sua vida, estilos e costumes, como Eça de Queiroz. Neste século, Joaquim Paço d'Arcos, falecido em 1979, com a *Crônica da Vida Lisboeta*, que enfeixa seis romances, é o escritor em especial ligado, por sua obra, à vida da cidade. Para quem conhece a criação do autor de *Os Maias* e a cidade de Lisboa, este livro pode apenas ensejar momentos de rememoração. Para quem não conhece, ou conhece pouco uma e outra, o livro pode representar um certo estímulo para saber mais da obra de Eça de Queiroz e de Lisboa. No primeiro capítulo há um exercício descritivo em boa parte baseado sobre palavras e expressões extraídas da primeira obra de Eça de Queiroz — *Prosas Bárbaras* — que ele começou a escrever com a idade de 21 anos incompletos, e de algumas outras obras suas. Mas aquelas primeiras manifestações de ficção eciana já denotavam o timbre forte, sutil, elegante e romântico do escritor que surgia. Em vários dos romances que se seguiram, mesmo

nos do período mais declaradamente realista, está presente muito da adjetivação que Eça soube usar de forma sedutora e magistral nas *Prosas Bárbaras*.

Considero dever relembrar o que assinalou Clóvis Ramalhete, em seu livro *Eça de Queiroz*, quanto aos esforços de identificar locais queirozianos feitos no início do século pelo diplomata Thomaz Pompeu Lopes Ferreira, cearense, nascido em 1879 e falecido em Berna, em 1913. Pertenceu à Academia Cearense de Letras. Não foi encontrado texto seu dedicado especificamente ao assunto, mas escreveu artigo sobre Eça de Queiroz em que alguns pontos de Lisboa em torno do monumento de Camões foram considerados.

Em essência, este livro é mais fruto de esforço de pesquisa do que de imaginação. Ora parece ser mais Lisboa do que Eça, ora o contrário. De permeio, ele é também um trabalho de antologia daqueles trechos que mais vão ao encontro do gosto brasileiro, com um pouco de literatura e de história de Portugal. Também de certo modo se afigura um novelo do qual se tenham puxado alguns fios da vida e da cultura portuguesas, deixados à mostra por Eça de Queiroz na sua explêndida capacidade de fabricar histórias e contá-las num grande painel de graça e encantamento, embora não poucas vezes com impiedosa ironia ou cáustica mordacidade.

Está pronto material para a continuação desta obra, com temas especiais na ficção de Eça de Queiroz: gastronomia, enologia, tabagismo, jogo e meios de transporte. Espero, quando possível, prosseguir nessa direção.

O Autor
Lisboa, agosto de 1983

UM LIVRO DE MUITO AMOR

Jorge Amado

O livro de Dário de Castro Alves, "Era Lisboa e Chovia...", cujo subtítulo esclarecedor, "Todas as Personagens de Eça na Lisboa bem-amada", logo nos dá ciência dos propósitos do autor, é um livro de muito amor. Em cada página o leitor sente-se preso a essa ardente atmosfera, cercado por ela, respirando a magia de amor que ilumina o escritor e lhe dita as palavras e as frases. Amor pela cidade de Lisboa, amor pela literatura de Eça de Queiroz, ligados na infinita saudade daquele amor maior de quem "o inspirou (ao livro) e exigiu de mim que o fizesse".

Preito de saudade à memória de Dinah Silveira de Queiroz, a esposa estremada de Dário de Castro Alves: não sei de casal mais perfeito na construção de uma vida de mútua compreensão, uma vida de poesia. A grande escritora e o ilustre diplomata, dois seres humanos de extrema sensibilidade que se uniram para se completar, somaram-se no calor de uma paixão humana feita de ternura, de doce convivência, de respeito e devotamento. Há um provérbio brasileiro que fala nas duas bandas da mesma laranja reunidas. Valia a pena vê-los juntos, de mãos dadas, atentos e solícitos, um adivinhando o outro, duas criaturas amadas e felizes. Dinah, mestra do romance brasileiro, falava do livro que Dário estava escrevendo com o mesmo ímpeto com que se referia a seu próprio romance em elaboração, "O Desfrute", na casa magnífica da Avenida das Descobertas, em Lisboa. Assim nasceu o livro de Dário: do amor, do mais entranhado amor.

Do amor pela cidade de Lisboa. Há dois ou três anos, jantávamos Zélia e eu na casa de um amigo português no momento exercendo o cargo de Ministro do Trabalho, Luís Moralles, e em nossa mesa sentavam-se o Prefeito de Lisboa e sua esposa. Em certo momento, voltando-se para mim, o Prefeito, rindo, perguntou:

— Sabe o senhor escritor qual a pessoa no mundo que melhor conhece Lisboa, cidade que tenho a honra de administrar?

— Acontece que sei quem é a pessoa que melhor conhece a cidade de Lisboa, senhor Prefeito.

— E de quem se trata?

— Do Embaixador do Brasil, Dário de Castro Alves.

— Exatamente. Jamais alguém soube tanto e tão bem de uma cidade.

Verdade comprovada por mim e por tantos outros brasileiros a quem Dário levou Lisboa adentro, Lisboa a fora, para ver palácios, praças, museus, recantos, igrejas e altares, conventos, estátuas, restaurantes e botequins, tascas onde se bebe a melhor ginjinha. Esse "Embaixador Dário de Castro Alves que amou Lisboa de amor à primeira vista e, amando-a, conheceu-a como quer a Bíblia, onde conhecer é amar", como escreveu Elsie Lessa em crônica recente. Dário conhece Lisboa palmo a palmo, beleza a beleza, cada história, todas as lendas, as verdades e os disse-que-disse, essa Lisboa agora recriada em seu livro. Ele a palmilhou mil vezes, na peregrinação de cada dia, subindo e descendo ladeiras, cruzando ruas e becos, no cais e no Bairro Alto, no fado e na canção, por entre o povo.

Seu cicerone nessa descoberta e nessa posse inteira da cidade foi Eça de Queiroz. Por amor a Eça, à sua literatura, à humanidade que ele criou e que viverá enquanto viver a língua portuguesa, por amor à Lisboa que ele recriou e imortalizou, Dário escreveu seu livro admirável. Cada um de nós, leitores brasileiros de Eça de Queiroz, apaixonados por sua obra genial, temos a nossa Lisboa aprendida em seus livros, nosso Portugal de seus romances, a Sintra dos boêmios e as serras de bem-comer e melhor beber o vinho generoso. Mesmo antes de conhecer Lisboa eu a imaginava, velho leitor de Eça — ainda o seu e cada vez mais. De Sintra sabia tudo e, quando ali cheguei pela primeira vez, palmilhei os passos de João da Ega.

Dário de Castro Alves fez o que até então ainda não fora feito pelos tantos que escreveram, em Portugal e no Brasil, sobre o mestre incomparável: reconstruiu casa a casa, rua a rua, bairro a bairro, a Lisboa de Eça de Queiroz com um conhecimento da cidade e da obra do romancista de "Os Maias" de causar espanto.

Um livro de agora em diante indispensável aos que amam Lisboa e amam Eça de Queiroz. Um livro que se faz ler com o encanto que decorre da leitura do autor de "A Capital" e com o prazer da descoberta de mil pequenos casos, de revelações inesperadas, de alegres constatações. O mundo de Eça e o universo de Lisboa nele estão expostos com a maior vivência por um autor cuja importância literária rompe os limites em que sua modéstia o tentou colocar, escondido nos bastidores, para situá-lo entre os principais analistas da obra e da vida do criador do primo Basílio e do padre Amaro, um dos ecianos mais sérios e competentes. Um livro que vai marcar época; já não se poderá falar sobre Eça sem citar Dário de Castro Alves.

"Grande e minucioso leitor de Eça de Queiroz e também grande apaixonado de Lisboa, o seu livro, Dário de Castro Alves, será — não tenho a menor dúvida — a síntese desses dois amores, e passará a ser, no futuro, mais do que um roteiro, um guia, mais do que um guia, um livro de História", disse Luís Forjaz Trigueiros ao saudar o autor de "Era Lisboa e Chovia..." no Círculo Eça de Queiroz. Síntese de dois amores, promessa feita e paga ao amor maior. Um livro de muito, de entranhado amor, repito, e o faço comovido pois acompanhei e assisti à feitura desse livro em dias que foram alegres e logo foram tristes, dias de viver e de morrer, dias de Dário e de Dinah.

Jorge Amado
Bahia, 28.11.1983

1.

LISBOA E OS OLIVAIS

"As geografias antigas dizem: 'Lisboa, cidade antiga rica e forte: ali o ar é melhor que em qualquer sítio da Espanha. Está sobre sete montanhas à beira do Tejo. Long. 9.30, lat. 38.42.' O ar é na verdade bom."

Eça de Queiroz, *in Prosas Bárbaras*,
Porto, 1951.

"A mui aprazível costa, que corre de Cacilhas até à Trafaria que tem uma légua de comprido, toda ocupada de pomares, vinhas, quintas e terras de pão, passando quem sai da cidade com a vista a ver toda a barra, e da parte esquerda, vindo para a cidade — tudo quanto se pode alcançar com a vista é muito, mui nobre, e sumptuosa a casaria que vai continuada até às portas da cidade."

Frey Nicolao d'Oliveyra, *in*
Grandeza de Lisboa, Lisboa, 1620.

"De um lado o mar, de vaga larga e mansa, quase sem crispação; do outro o rio, inquieto ao avizinhar-se da barra, temeroso talvez da imensidade em que ia desaguar."

Joaquim Paço D'Arcos, *in*
Crônica da Vida Lisboeta,
Rio de Janeiro, 1974.

É no ano da graça de 1983. Há nove horas um avião partiu do Rio de Janeiro e se aproxima de seu destino, o termo de Lisboa. São dez horas da manhã e a terra aparecera do lado direito. Ao longe, o Cabo Espichel e depois a fina e branca Costa da Caparica — um arco comprido de praia —, e, finalmente, coriscante, *entre raios de luz e vapores de nuvens esfarrapadas em tons diversos*, Lisboa!

O avião, já a menos de dois mil metros de altura, suavemente executa o procedimento de aterragem. Vai sobrevoar a foz do Tejo. Vista pelo monóculo de Eça de Queiroz, em *prosas* verdadeiramente *bárbaras*, aparece, então, Lisboa em todo o seu esplendor, com suas *meiguices primitivas de luz e frescura, serena, imperturbável, silenciosa. Sente-se abundante, gorda, coberta de luz, protegida, livre, caiada e fresca. Ressona ao sol. Como Roma, ela tem as sete colinas, como Atenas, tem um céu tão transparente que poderia viver nela o povo dos deuses. Como Tiro, é aventureira do mar. Como Jerusalém, crucifica os que lhe querem dar uma alma. É a hospedaria do vento, o antigo Euro paga a hospedagem atirando a poeira às ruas, às praças, às avenidas, aos cais, à cara de Lisboa! Sublime adulação: suja-a! Ela respeita a limpeza, mas adora a lama. Colisão! Lisboa, cidade inspirada, corta magnificamente o embaraço, lavando-se no lodo do Tejo! Atenas produziu a escultura. Roma fez o direito. Paris inventou a revolução. A Alemanha achou o misticismo. Lisboa, que criou? O fado...*

O avião continua descendo, descendo. À esquerda, toda a linha da costa do Estoril, o Forte de São Julião, o farol do Bugio, Algés. À direita, a Trafaria, Almada com o Cristo, Margueira com os estaleiros da Lisnave, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e, lá no fundo do Mar da Palha, a Ponta da Erva. À frente, mais perto, surge a casaria branca, o zimbório da Basílica da Estrela, mais adiante o Castelo de São Jorge, a cúpula

de Santa Engrácia, e mais longe Sacavém, Alhandra, Vila Franca, na rota da viagem sentimental de Garrett. Navios, barcos e veleiros povoam uma *correnteza* de docas — Pedrouços, Bom Sucesso, Belém, Santo Amaro, Alcântara, Marinha, Terreiro do Trigo, Poço do Bispo, Olivais. Descendo mais, já voamos sobre o vale de Alcântara, entre o Campo de Ourique e o bosque do Monsanto, onde as árvores pareciam *tomadas de um susto religioso* com o surdir do avião. A um lado, o Aqueduto das Águas Livres, à direita a Fundação Gulbenkian, o Campo Pequeno (a praça de touros), o Areeiro. As casas vão ficando íntimas. O vento sopra de norte para sul e a aterragem vai seguir aquele rumo mais comum em direção à pista 03. O devaneio fora interrompido pela voz no rádio, metálica e chiante, que anuncia as três letras do estranho código dos aeronautas a indicar a pista certa: *L* de Lima, *A* de Alfa, *R* de Romeu. *O vento e o tempo se confundem.* Mas ao bater-se a porta da cabine e extinguir-se, num sussurro, a conversa dos pilotos, volta a *tirania da imaginação e das quimeras.* Às vezes, *basta uma paisagem soturna, o carcomido muro de um cemitério, a visão de um antigo mosteiro, as emolientes brancuras de um luar numa estrada* — como aconteceu no Minho, com o personagem que conversava com Macário em *Singularidades de uma Rapariga Loura — para que o ser mais realista e positivo se torne visionário e sonhador, como um velho monge ou um poeta.*

Agora, ao som de uma música suave, talvez um fado castiço que ele não identificava mas achava bonito, e lhe tangia as cordas atávicas do coração, o que motivava o sonho e a fantasia eram aquelas *meiguices primitivas de luz* que banhavam Lisboa...

Fica-te em paz, Lisboa! És Baixa e magnífica. Os que te quiserem abençoar terão de se curvar um pouco para a lama: mas consola-te, se alguém te quiser amaldiçoar terá de se aproximar bastante de Deus!

Tu dormes, digeres, ressonas, soluças e cachimbas. E se algumas lágrimas em ti caírem, vai-as enxugar depressa ao sol! Fica-te em paz! Os que têm alma não querem a luz dos teus olhos; podes consumi-la a contemplar o céu e os universos; por causa do teu olhar sempre erguido para lá, ninguém terá ciúmes do céu!

Os que têm coração não querem as carícias das tuas mãos; podes emagrecê-las a rezar a Jesus; por causa das tuas mãos sempre erguidas para ele, ninguém terá ciúmes de Deus!

Tu tens a beleza, a força, a luz, a graça, a plástica, a água resplandecente, a linha magnífica, resigna-te, ó Lisboa querida, ó clara cidade bem-amada, ó vasta graça silenciosa, resigna-te, ó doce Lisboa, coroada de céu, resigna-te — a não ter alma!

Após as nove horas sobre o Atlântico e o rolar na pista, as turbinas não resfolegam como os comboios em Santa Apolônia, mas soltam um último assovio como de cansaço do vôo. No assento à direita, um homem *nédio* teve o cochilo interrompido pelo leve tocar de sua companheira com uma caixinha de chocolates suíços.

— *Acorda, homem, que estás em tua terra!*

— *Então é Portugal, hem?!... Cheira bem!*

E eis chegado a Lisboa o brasileiro em busca de atender a um desejo que pode ter muitas faces. Conhecer a terra de que mais ouviu falar em sua vida depois daquela *em que vestiu sua primeira camisa,* reencontrar parentes ou amigos, ver Portugal, fazer algum negócio, cumprir uma promessa ou perseguir um objetivo talvez não confessável, tocar a terra de antepassados seus ou da maioria dos brasileiros, entrar pela Europa adentro começando por esta parte *onde a terra se acaba e o mar começa,* ver suas cidades, vilas, freguesias, aldeias, povoados, póvoas, casais. Pertencendo a uma legião de milhões de brasileiros, talvez queira apenas uma coisa: ver a Lisboa de Eça de Queiroz, evocar cenas engraçadas e gostosas, tão verossímeis que nem parecem fantásticas, identificar lugares por onde transitaram maravilhosos personagens-símbolos e onde se passaram lindas e graciosas tramas, ou entrechos pândegos, enfim, gozar, rir, gargalhar com aquele autor que um dia chegava do Egito ao Cenáculo de seus amigos, a São Pedro de Alcântara, no Bairro Alto da velha Lisboa, disposto a impressionar, entalando pela primeira vez o monóculo numa elegância hierática, com luvas cor-de-palha, um imenso plastão, chapéu alto de seda, meias pretas com largas pintas amarelas, sobrecasaca lindamente talhada, assim como o descreveu Vianna Moog com base no testemunho de Batalha Reis. Conhecer, ou reconhecer a Lisboa de Eça de Queiroz, é o que lhe basta! Ir diretamente ao centro de Lisboa, ver o cenário das ameaças de Carlos Eduardo ao *biltre do Dâmaso. Era um dever público dar bengaladas no Dâmaso, uma tarde, no Chiado, com aparato...*

Chegar dessa maneira a Lisboa — excluídas as entradas por caminho de ferro ou por estrada de automóvel, ou as vindas por navio, escassas hoje — quer dizer desembarcar no Aeroporto da Portela de Sacavém. Já o nome ressoa com certa idéia de bulício, mesmo não

sendo carioca esse brasileiro. O aeroporto não é confortável, não é *aparatoso*, para usar adjetivo eciano. No fundo inconsciente desse homem, chegar a Lisboa — *era Lisboa e chovia* — era desembarcar em Santa Apolônia, isto sim, saltar do comboio e ver logo nas plataformas caras conhecidíssimas, surgindo das páginas de *Os Maias*, *A Capital*, *O Primo Basílio*, *O Crime do Padre Amaro*. Era dar uma de Fradique Mendes — reencontrar a Lisboa *dos arvoredos e pinheiros mansos, dos azulejos lustrosos e alegres do casario sujo, a cidade traduzida do francês em calão, na ansiedade perpétua de descobrir um resto do genuíno Portugal, motivo de sonho, de arte e de peregrinação.* Ou então era chegar *uma tarde de inverno, num paquete da Mala Real, a transparecer fadistice e catitismo, depois de cinco dias de quarentena no Lazareto...*

Bem, mas o brasileiro desperta de suas quimeras e entra em Lisboa por uma instalação que data de 1942, a então Aerogare. Essa chegada não estava prevista em Eça, desaparecido há 83 anos. José Augusto, que foi escriturário, oficial da circulação aérea, chefe da Torre de Controle de Lisboa, Diretor do Aeroporto e hoje secretário-geral da ANA (Administração Nacional de Aeroportos), deu um testemunho sobre o início do funcionamento da Aerogare de Lisboa há 40 anos passados. Não terão sido poucos os brasileiros que passaram pela antiga Aerogare de Lisboa. Ouçâmo-lo.

"A *cara* desse aeroporto era acolhedora. Expressava a arquitetura típica da época, não tão monumental como a que veio a ser utilizada, posteriormente, na estação marítima da Rocha do Conde de Óbidos (com pinturas de Almada Negreiros), mas também com alguns frescos. Tinha sido alindado com ferros forjados (portão e candelabros de parede), uma Rosa-dos-Ventos em estuque no "hall" principal, tendo ao centro um magestoso candeeiro (também em ferro forjado), bancos em nogueira folheada e envernizada para descanso do público, chão de mármore e cor branca interior. As galerias eram emolduradas por corrimão apoiado em bolas vermelhas, a que, por piada, se chamava *os queijos flamengos*. A gare do aeroporto, projetada pelo arquiteto Keil do Amaral, não era muito grande: 50 metros de comprimento por 20 de largura. No entanto, era suficiente. A infra-estrutura utilizada pelos aviões (aterragem, descolagem e estacionamento) era considerada bastante boa, com quatro pistas de mil por cinquenta metros, cuja orientação (N/S, E/W, NE/SW e NW/SE) servia a todas as condições de direção do vento. Os terrenos entre as pistas eram todos arrelvados cuidadosamente e a plataforma era em lage de betão. Para muitos, hoje, será difícil imaginar um aeroporto com ar bucólico. Mas era esse o clima que ele inspirava. Junto à aerogare, o parque de estacionamento era ladeado por dois renques de laranjeiras, canteiros com relva e

flores, um talude com chorões e bancos de jardim à sombra de palmeiras ao longo de toda a plataforma. Os aviões escasseavam nas suas andanças, eram muito pouco ruidosos e a aerogare estava distante da cidade. Lisboa acabava, de fato, no Areeiro e no princípio do Campo Grande. Ainda hoje, os empregados mais antigos recordam que o sossego era tanto que se ouvia o chilrear dos pardais durante o dia e o canto dos rouxinóis de madrugada..."

A fundação de Lisboa é atribuída pelos antigos a heróis legendários, segundo a explicação etimológica de seu nome — Ulisses, Lisa, Elisa. Há uma origem histórica e há uma origem fabulosa, "como se o maravilhoso da mitologia que nos deleita em uma composição poética devera também empregar-se para nos descrever a História filha da verdade e da imparcialidade".

Há quem a queira fundada por um bisneto de Abraão, chamado Elis ou Elisa, 3259 anos antes de Cristo, do qual o país tomou o nome de Li, daí Lusitânia. Passados séculos de esquecimento, pois não há quem deles fale, pretendem outros que tivesse Lisboa por restaurador a Ulisses, o qual, depois de ter destruído Tróia, vem edificar na última costa das Hespanhas esta cidade, balouçado e arrojado pelos temporais que o fizeram peregrinar por largo tempo e espaço. Daí tiram o nome de Ulisséia, Olissipo.

Segundo Matos Sequeira, a maior probabilidade de acertar está em atribuir a fundação de Lisboa aos fenícios, *Alis Ubbo* (enseada amena), que ocuparia o monte do Castelo de São Jorge, no alto e na vertente sul. A povoação veio a ser ocupada, a partir do ano 205 antes de Cristo, pelos romanos, que a elevaram, mais tarde, à invejável categoria de município com o nome *Felicitas Julia*, mas que não subsistiu à denominação latina de Olissipo ou Olissipona. Os tempos encarregaram-se de suavizar o nome: Lissibona, Lisboa.

Segundo a publicação *A Descoberta de Portugal*, Lisboa, 1982, a designação primitiva de Olissipo é reconhecida, por conclusões recentes, ser de raiz grega, mas refuta-se que tenha vindo do maravilhoso para o real e que derive do nome de Ulisses, o famoso rei de Ítaca, astuto triunfador de mil perigos, aqui eventualmente aportado e fundador de uma pequena feitoria, como o queriam os escritores antigos. Assim, parece aceitar-se melhor o suporte da corrente que busca a origem do vocábulo em Elasippos (condutor de cavalos), perfilhada pelo Professor

Antonio Augusto Esteves Mendes Correia e provinda do termo helênico *Elasipon*, um semideus que figura na história primitiva da Atlântica e que Platão refere no seu diálogo *Critias*. Elasippos, forma inicial de Olissipo, talvez proviesse dos afamados cavalos criados nos campos circunvizinhos do povoado, existente muitos anos antes da citação de Platão (século IV a.C.), e tinha certa importânica por figurar no poema de Rufus Avieno, *Ora Marítima* (séculos VI-V a.C.), e noutras fontes de idade paralela. Mas quantas outras interpretações não podem encontrar ainda os estudiosos acompanhados de melhor e mais convincente argumentação?

Ainda segundo Matos Sequeira, o *burgo romano* ocupava, da mesma forma que a póvoa fenícia, o alto e a parte sul do monte que então ficava a cavaleiro de um braço do Tejo, cujas águas alagavam toda a Baixa atual, abraçando o Monte de Santana e seguindo pelos talveques da Baixa de Valverde e da Mouraria. "Sobre o esteiro escarpavam-se pelo sul o Monte Fragoso e a Pedreira em declives rápidos, tais como hoje os outeiros da Outra Banda. A povoação romana fortificada pelo povo-rei possuía, além dos muros que a cercavam, no monte, algumas torres isoladas atalaiando a cidade, uma das quais devia assentar onde hoje se ergue a torre de São Lourenço, na Costa do Castelo, e outra, mergulhada no estuário da Baixa, onde se cruza a Rua dos Retroseiros com a dos Sapateiros."

Depois de romana, Lisboa foi bárbara — de Godos, Suevos e Visigodos — e foi moura (Aschbouna). Velhas cercas, a Cerca Moura e a Cerca Fernandina, a encerraram e a protegeram. Sua velha Sé já foi mesquita. Pestes, terremotos e guerras sacudiram-na e martirizaram-na. No seu brasão está o milagre de São Vicente, que a abençoou na Reconquista aos mouros em 1147. Em reconhecimento, Afonso Henriques mandou trazer do promontório de Sagres os despojos do Santo nascido em Huesca, na Espanha, acompanhada a barca por dois corvos. É esta a descrição oficial do brasão de Armas de Lisboa: "De ouro, com um barco exteriormente de negro, realçado de prata e interiormente de prata realçado de negro, mastreado e encordoado de negro com uma vela ferrada de cinco bolsas de prata. A popa e a proa rematada por dois corvos de negro, aprontados, leme de negro realçado de prata. O barco assente num mar de sete faixas onduladas, quatro de verde e três de prata. Coroa mural de ouro de cinco torres. Colar da Torre e Espada, listal branco, com dizeres: *Mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa*, de negro". Por isso, Lisboa é também chamada a cidade da Nau dos Corvos!

O poeta Antonio Nobre assim descreveu esta Lisboa de todos os tempos:

"Ah, Lisboa das naus cheias de glória
Lisboa à beira-mar, cheia de vistas,
Lisboa com o Tejo das conquistas,
Ó Lisboa de mármore! Lisboa
Quem nunca te viu, não viu coisa boa!
Meiga Lisboa, mística cidade!
Mandai meu corpo em grande velocidade,
Mandai meu corpo para Lisboa, sim?
Quando eu morrer (porque isto pouco dura)
Meus irmãos, dai-me ali sepultura!
Luar de Lisboa! Onde o há igual no Mundo!
Romântica Lisboa de Garrett!"

No século XVI, Lisboa, também chamada a cidade das vinte colinas, era grande empório comercial abarrotado de mercadorias, de estrangeiros e de glória e nela já viviam mais de 100 mil almas. Em 1º de novembro de 1755 um terremoto vitimou pelo menos 30 mil pessoas. Há quem tenha falado em até 70 mil. Goethe aludiu, considerando que era exagero, a 60 mil. Voltaire, em *Candide*, mencionou 40 mil mortos. Desde Pompéia, não teria havido maior terremoto na Europa. De 25 mil edifícios terão sobrado em boa forma não muito mais de 3 mil. O Palácio do Rei D. José, Palácio da Ribeira — construído por D. Manuel, o Venturoso —, desapareceu completamente. Quase uma centena de igrejas, de palácios, documentos preciosos, obras de arte — tudo desapareceu na voracidade do terremoto, maremoto e incêndio. Agustina Bessa-Luís explica, quase em estilo de uma pintura, como surgiu o perfil forte do Pombal naquele mar de destruição. "Alguém disse, duma maneira insidiosa e bela, que ter talento não é suficiente: é preciso também licença para isso. A licença para o talento de Sebastião José foi-lhe outorgada pelo terremoto." Na sua velha sege percorria as ruas cujos escombros era preciso remover, dava 130 ordens em oito dias, comia um caldo que a mulher lhe levava à carruagem. Fixou seu nome também num estilo arquitetônico, mandando recriar o centro de Lisboa de uma forma planejada, com perene modernidade. Esse encontro ainda hoje toma seu nome: a Baixa pombalina. Acompanhemos a descrição que dela faz em recente data um diplomata austríaco: "De repente, as ruas passam a cruzar-se em ângulo reto, as casas parecem todas construídas de modo igual ou pelo menos muito

semelhante, despertando de imediato a impressão de um conjunto nascido de um plano apadrinhado pelo espírito do absolutismo esclarecido. Sete ruas longitudinais paralelas à direção do vale, cortadas perpendicularmente por outras tantas ruas transversais, ligam as duas praças do centro da cidade, a Praça do Rossio e a Praça da Figueira, à margem do Tejo e à Praça do Comércio, que não tem nada o ar de uma praça comercial, mas antes o de uma sala de festas ao ar livre em que Lisboa recebe os seus visitantes de braços abertos. Sentêmo-nos, por um bocadinho, descansadamente, nos bancos de pedra do Cais das Colunas. Aqui, em face da criação de Pombal, cuja cabeça se reconhece no medalhão da base da estátua equestre do seu rei D. José I, com as ondas brincando de perto, é mais fácil do que em qualquer outro sítio refletir sobre a catástrofe terrível que alterou completamente a face da Cidade." É o que escreve Jorg Schubert em *Lisboa,* tradução do alemão, Lisboa, 1982.

Lisboa foi-se recuperando, atravessando duros momentos com as guerras peninsulares e as lutas entre liberais e absolutistas. Quando Eça de Queiroz a fixou em *Os Maias,* publicado em 1888, Lisboa, resplandecendo em luz, graça, riso, ironia ou tristeza, tinha 300 mil habitantes e Portugal cerca de 6 milhões. Nesta data, a população residente no Concelho de Lisboa é de 816 mil habitantes. São concelhos vizinhos, com suas populações: Loures, 374 mil; Sintra, 225 mil; Oeiras, 146 mil; Amadora (ao tempo de Eça, Porcalhota), 161 mil; Cascais, 139 mil e Almada (em frente a Lisboa, do outro lado do Tejo), 144 mil. A população de Lisboa, somada às do concelhos limítrofes, ultrapassa de pouco dois milhões. O feriado municipal ocorre em 13 de junho, dia de Santo Antonio (nascido em Lisboa, falecido em Pádua). Lisboa festeja os chamados Santos Populares — Santo Antonio especialmente, São Pedro, São Paulo. É época de ventos. Os ventos trazem os Santos ou os Santos trazem os ventos! Em *Ecos de Paris,* Eça preferiu chamá-los de "santos democratas, aqueles com quem o povo conversa nas suas orações, com quem convive, que tem dentro de casa sobre o altarinho doméstico e de quem recebe constantemente serviços e patrocínio".

Situada à margem direita do Tejo, a poucos quilômetros da sua foz, as coordenadas geográficas de Lisboa são medidas do Castelo de São Jorge. No extremo ocidental do continente europeu, ponto de passagem quase forçado das ligações marítimas e aéreas entre Europa, as Américas e a África, Lisboa é cultural, histórica e racionalmente uma capital de três continentes. Tem 87 Km² (um sexto de sua área é o Bosque de Monsanto). É limitada a Norte pelo Concelho de Loures, a Oeste pelos Concelhos de Sintra e Oeiras, e a Sul e Leste pelo

"...Tejo de ondas flavas,
Tejo de ondas ligeiras,
Em que se vão cruzando aventureiras
Velas, do rude pescador escravas,
Com livres garças e gaivotas bravas;
Ó Tejo de ondas várias,
Tejo, espelho fulgente,
Onde se mira, em sombras legendárias,
De tuas margens o jardim fremente,
Cujo perfume ao longe se pressente;
Tejo de ondas inquietas,
Tejo de foz sonora,
Tão querido de heróis e de poetas,
................................" (*)

Lisboa tem um clima atlântico com afinidades mediterrâneas. Em virtude da influência da corrente quente do Golfo, as suas temperaturas no inverno raramente atingem o zero grau centígrado. No verão, a temperatura é suavizada pela brisa do mar e poucas vezes excede os 35 graus centígrados. O período de chuvas vai de outubro a abril. É grande, mesmo no outono e no inverno, a percentagem de dias de céu limpo e boa visibilidade.

Veja-se como explica um autor do século XVII, Frey Nicolao d'Oliveyra, citado em epígrafe deste capítulo, as belezas e os encantos dos *salutíferos ares* de Lisboa: "Vem a ser esta cidade por extremo sã, assim por razão do céu como por respeito dos ares e signo a que está sujeita, como também com respeito da terra e vizinhança do rio. Em respeito do céu, por estar quase no meio da zona temperada em 30º e 9' (trinta graus e nove minutos), sítio temperadíssimo, pois está onde nem a vizinhança do Sol a pode aquentar demasiadamente, nem o seu apartamento esfriar, de onde se infere que, estando Lisboa quase no meio da zona temperada, está debaixo do signo de Áries, que é de tanto melhores influências que todos os outros. Em respeito da Terra, está situada de modo que olha ao Levante, e ao Meio-Dia toma todo o sol em nascendo, o que é grande bem para a saúde, porque, sendo úmida por causa do rio, a quentura que recebe do sol purifica o ar, gastando muitas partes das unidades dele, donde vem que quanto mais seco é o tempo, assim no inverno como no verão, tanto mais sã está a cidade."

Em 1839, P.P. da Câmara assim via esta cidade: "Lisboa (Olissipo), Capital do distrito do mesmo nome, da província da Estremadura e de todo o Reino de Portugal; antiga, grande, bela e rica cidade, edificada

---

(*) Magalhães de Azeredo, *in Cancioneiro de Lisboa,* volume terceiro, Lisboa, 1958.

sobre diversos montes, cujo declive para a parte do rio Tejo forma uma das mais majestosas vistas, talvez só na Europa igualada por Nápoles ou Constantinopla. Os sete montes principais são: os de São Vicente de Fora, Santo André, Castelo, Santana, São Roque, Chagas e Santa Catarina. Esse belo anfiteatro, coberto de casas até o seu cume, estende-se em figura prolongada de nascente a poente, ficando a sua face principal para sul, sobre o rio, o qual, unido já com as águas do oceano, forma um ancoradouro seguro e vasto de perto de uma légua de largura sobre um comprimento muito maior. O seu curso (Tejo) até desembarcar no oceano, em Cascais, é perto de 150 léguas portuguesas."

Não foi só P.P. da Câmara que se referiu às vistas de Nápoles e Constantinopla como as mais majestosas e comparáveis às de Lisboa. Eça faz o Conselheiro Acácio dizer numa conversa com Luísa: — "Lisboa, porém, tem beleza sem igual! A entrada, ao que me dizem (eu nunca entrei na barra), é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles. Digno da pena de um Garrett ou de um Lamartine! Próprio para inspirar um grande engenho!"

À saída do aeroporto, a 114 metros acima do nível do mar, *a manhã estava clara, o ar macio. A manhã muito linda* atraía para a rua. *Chovera de noite,* mas agora havia nos *tons da luz e do azul uma frescura doce.* Um pouco mais e se via ao longe o Tejo, no *empoeiramento da luz crua.* A minutos de distância, circundando-se o largo onde desemboca a Avenida Gago Coutinho, chega-se aos Olivais, hoje uma zona de urbanizações e arruamentos novos, onde ainda reponta aqui e ali a casaria antiga. Foi ali que Eça, em *Os Maias,* colocou a *Toca,* que Carlos Eduardo alugou a Craft para seus amores com Maria Eduarda. Naquela época (o romance foi escrito e publicado entre 1880 e 1888), os Olivais eram "logradouro apetecível da fidalguia lisboeta, zona essencialmente de regalo, por conseguinte de veraneios, de retiros afamados na estrada de Sacavém, sítio utilizado pela nobreza ativa e varonil", segundo Ralph Delgado em *A Antiga Freguesia dos Olivais,* Lisboa, 1969.

O Aeroporto da Portela de Sacavém está situado dentro do termo de Lisboa, em Santa Maria dos Olivais, uma das 53 freguesias do Concelho de Lisboa e das 83 paróquias de seu Patriarcado. A pista mais longa do aeroporto sai do termo de Lisboa e entra no Concelho de Loures, freguesia de Moscavide.

No local onde está hoje o aeroporto havia um povoado chamado Portela, uma *passagem* para Sacavém, freguesia do vizinho Concelho de Loures. Por Sacavém — hoje um subúrbio na área metropolitana de Lisboa, centro industrial com fábricas de louças, refrigerantes, adubos, moagens, movelarias e outras atividades — passava a via militar romana que ligava Olissipo a Emerita Augusta (Mérida). A desaparecida Estrada de Sacavém, importante ao tempo em que Eça publicava *Os Maias,* partia das antigas portas do tradicional bairro de Arroios, então ao limite nordeste da cidade e, no dizer de João Monteiro, em *Estrada de Sacavém,* Lisboa, 1952, *jiboiava* por aquele arrabalde privilegiado, procurado por aqueles que desejavam usufruir de locais aprazíveis. O acesso mais direto aos Olivais — e era o caminho que para a *Toca* seguiam Carlos Eduardo, Maria Eduarda, Craft e João da Ega — se fazia, porém, pela Estrada do Grilo, que arrancava da Estação de Santa Apolônia e seguia ao longo do Tejo pelo Poço do Bispo, Braço de Prata, Cabo Ruivo. Esse caminho pode mais ou menos ser percorrido hoje, a partir de Santa Apolônia, inclusive utilizando-se a velha Rua do Grilo.

A freguesia de Olivais, no termo de Lisboa, tomou seu nome da história de um "suave milagre". Há notícia, no século XIV, do fato lendário, mantido pela tradição, de uma imagem de Nossa Senhora ter sido encontrada na cavidade de um tronco de oliveira, ocasionando o batismo da nova jurisdição: a de Nossa Senhora ou de Santa Maria dos Olivais. Até ao começo do século XVIII, diz-se que o referido tronco era conservado na Sacristia da Igreja de Santa Maria dos Olivais. De 1852 a 1876, Olivais constituiu um concelho (município), voltando a ser uma freguesia de Lisboa. Ainda ali convivem as velhas casas de aldeia de Santa Maria dos Olivais como novos prédios residenciais de muitos andares, "como se — no dizer de Ralph Delgado — o passado e o presente se abraçassem cortezmente, excedendo-se o primeiro em confissões de austeridade e sacrifício e linhas arquitetônicas primitivas, enquanto o segundo floresce entre jardins, em ostentacões felizes e comodidades relevantes". Dessa parte moderna dos Olivais se poderia dizer que perfilha o estilo da arquitetura das superquadras em Brasília. Olivais também ganhou título de nobreza, criado pelo Rei D. Luís I, em 1864, no grau de Visconde, na pessoa de Antonio Teófilo de Araújo. O presuntivo sucessor do título é hoje Fernando Maria Pinto de Leite.

A casa que ficou tão conhecida na fabulação de Eça de Queiroz, com o nome de *Toca,* aparece na primeira parte de *Os Maias* numa referência feita por João da Ega em conversa com Carlos Eduardo.

João da Ega dizia de seu entusiasmo por Craft, com aquele ar imperturbável de *gentleman* correto. Com ele igualmente jogaria uma partida de bilhar, entraria numa batalha, arremeteria com uma mulher ou partiria para a Patagônia... "E que casa ele tem nos Olivais; que sublime *bric-à-brac!*"

Mais adiante, Carlos e Craft falam da bela coleção dos Olivais. Craft dava detalhes: "A coisa rica e rara que tinha era um armário holandês do século XVI; de resto, alguns bronzes, faianças, e boas armas." Foi nos Olivais que se realizou o ruidoso jantar em que, após muito beber, João da Ega se saiu com aquela tirada: "Queres que te diga o que penso de Darwin? É uma besta..."

No dia seguinte, Carlos Eduardo voltou aos Olivais e subiu ao quarto onde estava instalado o Ega. Pensou que Dâmaso levasse um dia o *brasileiro* Castro Gomes aos Olivais a ver as coleções do Craft, em meio das quais havia "um velho serviço de Wedgewood". Depois veriam, ele e Maria Eduarda, o jardim já em flor; ou tomariam chá no pavilhão japonês, forrado de esteiras. O que mais lhe apetecia era percorrer com ela as duas salas de Craft, parando diante de uma bela faiança ou de um móvel raro. Mas o alegre idílio dos Olivais, no qual Carlos Eduardo passearia com Maria Eduarda no terreno da quinta, enquanto Castro Gomes fosse entretido por Craft a mostrar-lhe as curiosidades do *bric-à-brac,* não se realizou. O *brasileiro* partiu para o Rio de Janeiro, já tinha a passagem no bolso, segundo o relato do Dâmaso.

Na segunda parte de *Os Maias* o sítio dos Olivais passa a ser o ninho de amor de Carlos Eduardo e Maria Eduarda. Havia ela feito sentir a Carlos da Maia que a casa em que morava, na Rua de São Francisco (Rua Ivens), a dois passos do Chiado, era demasiado "acessível aos importunos". Tinha que repelir quase todos os dias o que ela chamava "um assalto intolerável" à sua porta. E então lhe veio uma súbita idéia, que lançou a Carlos:

— "Diga-me uma coisa que lhe tenho querido perguntar... Não me seria possível arranjar por aí uma casinhola, um *cottage,* onde eu fosse passar os meses de verão?... Era tão bom para a pequena. Mas não conheço ninguém, não sei a quem me hei-de dirigir..."

Nesse ponto da narrativa, Carlos se lembra da "bonita casa" do Craft, nos Olivais. Craft tinha estado falando, com empenho, em seu plano de vender a quinta e desfazer-se das maravilhosas coleções de objetos, que incluíam, muito especialmente, as lindíssimas e antigas peças de faiança. A vivenda era *artística e campestre,* atravessando-lhe uma tentação irresistível. Disse ele que seria possível alugar a casa, ao

que Maria Eduarda comentou que "era um encanto". Carlos decidiu-se logo a prosseguir em seu intento, parecendo-lhe "desamorável e mesquinho" não realizar uma esperança que ela manifestava com fervor. A casa, segundo Carlos, ficava muito perto de Lisboa. "Vai-se lá numa hora de carruagem (hoje, não havendo dificuldade especial na circulação, chega-se ao Olivais em 15 minutos)". Continuaria nos Olivais as visitas que fazia a ela em Lisboa. Impossível renunciar ao encanto desta intimidade tão largamente oferecida, e decerto mais doce na solidão da aldeia. Em seguida ao chá, descreveu-lhe a "quietação da quinta, a entrada por uma rua de acácias e a beleza da sala de jantar com duas janelas abrindo sobre o rio..."

O arquiteto português Eduardo Martins Bairrada, assessor do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Engenheiro Nuno Krus Abecasis, a pedido deste, e em companhia do Doutor Orlando Perrain da Silva Dias, levou o autor a conhecer os Olivais, tanto a parte moderna quanto a parte velha, onde está situada a Igreja de Nossa Senhora dos Olivais. À guisa de surpresa, o Arquiteto Bairrada, um queiroziano, preparou um documento extraordinário. Estudando cuidadosamente, quer a narrativa corrente do romance, quer o diálogo dos personagens de *Os Maias,* cujas citações apresenta, reconstituiu, como se diz em linguagem corrente no Brasil, o "retrato falado" da *Toca,* não só a planta de situação como também a própria casa e sua planta interior. O citado documento foi oferecido ao autor deste livro e vai nele reproduzido. Não é conhecido outro estudo de como seria a planta da *Toca,* que não coincide bem, a julgar do estudo do Arquiteto Bairrada, com a Quinta do Contador-Mor, cuja fotografia aparece reproduzida na importante obra *Imagens do Portugal Queirosiano,* de A. Campos Matos, publicada no ano de 1976, em Lisboa, em edição fora do comércio. Campos Matos apresenta a fotografia da Quinta do Contador-Mor e a faz acompanhar do seguinte texto extraído de *Os Maias:* "... Isto é encantador! — repetia ela. — É um paraíso! Pois não lhe dizia eu? É necessário pôr um nome a esta casa... Como se há-de chamar? Vila Marie? Não. *Château Rose*... Também não, credo! Parece o nome de um vinho. O melhor é baptizá-la definitivamente com o nome que nós lhe dávamos. Nós chamávamos-lhe a *Toca.* Maria Eduarda achou originalíssimo o nome de *Toca.* Devia-se até pintar em letras vermelhas sobre o portão." À página 37 da obra *Imagens do Portugal Queirosiano,* diz Campos Matos que Eça se deixa arrastar pelo prazer de recriar o mundo denso e sensual do *bric-à-brac.* não podendo ocultar o secreto fascínio que ele lhe desperta. Logo adiante, explica que quase nada o grande romancista sugere quanto à caracterização do aspecto exterior da *Toca.* "Apenas nos dá a conhecer que ficava no fundo de uma rua de acácias, que era caiada, tinha janelas de peitoril, persianas verdes e uma portinha ao centro sobre três degraus." O Arquiteto Eduardo

Martins Bairrada considera que a Quinta do Contador-Mor não se conformaria com o aspecto que tinha a *Toca* (uma casa a que se tinha acesso por três degraus no centro de um terreno). No seu estudo são extraídas com precisão as citações que definem a *Toca* e permitem conceber a planta geral de situação e a planta interior.

O escritor e jornalista Antonio Valdemar, especialista em Eça de Queiroz, escreveu para o *Diário de Notícias*, de 26 de agosto de 1965, artigo sobre a Quinta do Contador-Mor, onde "Maria Eduarda e Carlos da Maia viveram a alegria e a tragédia". O artigo cita, ou resume, os principais episódios que marcaram a existência, em *Os Maias*, da *Toca*. Diz que a Quinta do Contador-Mor está ligada a uma breve mas emocionante história de amor, indagando-se, porém, sobre até que ponto essa história é verdadeira, e até que ponto são verdadeiros, no grande romance, as personagens e que figuras da época elas encobririam. A quinta, diz Antonio Valdemar, "constituía uma conjunto bem característico das antigas casas afidalgadas existentes na periferia de Lisboa". Antonio Valdemar examina a *Toca* mais do ponto de vista da criação literária do que do arquitetônico, como o fez para esta obra o Arquiteto Eduardo Martins Bairrada.

Na verdade, a casa era mais do que um simples *cottage*. Deduz-se isso quando Eça diz que Carlos Eduardo nem por um momento pensou na larga despesa que fazia só para "oferecer uma residência, por dois curtos meses, a Maria Eduarda, que se contentava com um simples *cottage* de árvores de quintal". Carlos Eduardo, ao repercorrer as salas do Craft, já com ares de dono, achou a princípio tudo mesquinho. Pensou em obras e retoques de gosto. Ao deixar os Olivais, Carlos Eduardo correu à Rua de São Francisco (Ivens), a anunciar a Maria Eduarda que lhe arranjara, enfim, definitivamente, uma "linda casa no campo". A menina Rosa, encontrando Carlos no patamar, ao saber da novidade, foi logo dizendo que ia ter duas vacas, uma cabra, flores e árvores para se balouçar. Maria Eduarda, de repente, ia ter "uma vivenda pitoresca", mobilada num belo estilo, deliciosamente saudável... Lá havia tudo, quase tudo, como num conto de fadas. As luzes estavam acesas, as jarras cheias de flores... Era só tomar uma carruagem e chegar. Estava feliz de lhe poder dar, por alguns meses de verão, uma "residência tão graciosa e tão confortável", um pedaço do paraíso.

Dias depois, num sábado, "dia belo entre todos e solene para seu coração, Maria Eduarda devia enfim visitar a quinta do Craft: e ficara combinado, na véspera, que passariam lá as horas do calor, até tarde, sós, naquela casa solitária e sem criados, escondida entre as árvores. Ele pedira-lho, assim, hesitante e a tremer; ela consentira logo, sorrindo e naturalmente. Nessa manhã, ele mandara aos Olivais

dois criados para arejar as salas, espanejar, encher tudo de flores. Agora ia lá, como um devoto, ver se estava bem enfeitado o sacrário da sua deusa... E era através destes deliciosos cuidados, em plena ventura, que lhe aparecia outra vez, suja e empanando o brilho do seu amor, a tagarelice do Dâmaso".

Numa radiante manhã de julho, Carlos saltava do *coupé* com um molho de chaves diante do portão da quinta de Craft. Maria Eduarda devia chegar às dez horas, só, na sua carruagem da Companhia. O hortelão, dispensado por dois dias, fora a Vila Franca. Não havia criados na casa; as janelas estavam fechadas. E pensava ali, envolvendo a estrada e a vivenda, "um desses altos e graves silêncios de aldeia, em que se sente, dormente no ar, o zumbir dos moscardos".

Logo depois do portão, penetrava-se numa fresca rua de acácias, onde cheirava bem. "A um lado, por entre a ramagem, aparecia o quiosque, com teto de madeira, pintado de vermelho, que fora o capricho de Craft, e que ele mobilara à japonesa. E ao fundo era a casa, caiada de novo, com janelas de peitoril, persianas verdes e a portinha ao centro sobre três degraus, flanqueados por vasos de louça azul, cheios de cravos. Só o meter a chave devagar e com inútil cautela na fechadura daquela morada discreta, foi para Carlos um prazer. Abriu as janelas: e a larga luz que entrava pareceu-lhe trazer uma doçura rara, e uma alegria maior que a dos outros dias, como preparada especialmente pelo bom Deus para alumiar a festa do seu coração. Correu logo à sala de jantar, a verificar se, na mesa posta para o lanche, se conservavam ainda viçosas as flores que lá deixara na véspera. Depois voltou ao *coupé*, a tirar o caixote de gelo, que trouxera de Lisboa, embrulhado em flanela, entre serradura. Na estrada, silenciosa por ora, ia só passando uma saloia montada na sua égua. Do gabinete forrado de cretones que abria sobre o corredor, Carlos viu Maria Eduarda chegar, pela rua de acácias, alta e bela, vestida de preto e com um meio véu espesso como uma máscara. Os seus pesinhos subiram os três degraus de pedra. O ambiente fora observado com rigor: os cretones do gabinete, o divã turco coberto com um tapete de Brousse, a estante envidraça cheia de livros. Daquele fresco ninho nunca mais voltaria a Lisboa."

A cozinha era arranjada à inglesa, toda em azulejos. No corredor, Maria Eduarda viu uma panóplia de tourada com uma cabeça negra de

touro, espadas e garrochas, mantos de seda vermelha, e ao lado um cartaz amarelo da corrida, como um quente lampejo de festa e de sol peninsular. A alcova desagradou-lhe com seu luxo estridente e sensual. Recebia a "claridade de uma sala forrada de tapeçarias, onde desmaiavam, na trama de lã, os amores de Vênus e Marte; da porta de comunicação, arredondada em arco de capela, pendia uma pesada lâmpada da Renascença, de ferro forjado; e, àquela hora, batida por uma larga faixa de sol, a alcova resplandecia como o interior de um tabernáculo profanado, convertido em retiro lascivo de serralho... Era toda forrada, paredes e teto — de um brocado amarelo, cor de botão de ouro; um tapete de veludo, do mesmo tom rico, fazia um pavimento de ouro vivo que poderiam correr nus os pés ardentes de uma deusa amorosa — e o leito de dossel, alçado sobre o estrado, coberto com uma colcha de cetim amarelo bordada a flores de ouro, envolto em solenes cortinas, também amarelas, de velho brocatel — enchia a alcova, esplêndido e severo, e como que erguido para as voluptuosidades grandiosas de uma paixão trágica do tempo de Lucrécia ou de Romeu. E era ali que o bom Craft, com um lenço de seda da Índia amarrado na cabeça, ressonava as suas sete horas, pacata e solitariamente.

Mas Maria Eduarda não gostou destes amarelos excessivos. Depois impressionou-se ao reparar um painel antigo, defumado, ressaltando em negro do fundo de todo aquele ouro — onde apenas se distinguia uma cabeça degolada, lívida, gelada no seu sangue, dentro de um prato de cobre. E para maior excentricidade, a um canto, de cima de uma coluna de carvalho, uma enorme coruja empalhada fixava no leito de amor, com um ar de meditação sinistra, os seus dois olhos redondos e agourentos... Maria Eduarda achava impossível ter ali sonhos suaves."

O famoso armário do tempo da Liga Hanseática era o "móvel divino" do Craft, um poema da Renascença. Uma poltrona Luís XV, ampla e nobre, feita para a majestade das anquinhas... Aparatosas majólicas de tons estridentes e desencontrados, cheias de grandes personagens: Carlos V, Alexandre. Lindas peças de Nevers, Marselhas, Derby, Wedgewood. Sobre uma larga peanha, "um ídolo japonês de bronze, um deus bestial, nu, pelado, obeso, de papeira, faceto e banhado de riso, com o ventre ovante, distendido na indigestão de todo um universo — e as duas perninhas bambas e flácidas como peles mortas de um feto".

Ao pé da janela, um divã baixo e largo, cercado por um biombo de seda branca. Junto do peitoril da janela um grande pé de margarida; "adiante, num velho vaso de pedra, pousando sobre a relva, vermelhejava a flor de um cacto; e dos ramos de uma nogueira caía uma fina frescura". Branquejava ao longo na colina azulada uma povoação de cujo nome Carlos não se lembrava.

Todas as manhãs, agora, Carlos percorria o poeirento caminho dos Olivais. Para poupar aos seus cavalos a soalheira, ia na tipóia do *Mulato,* o batedor favorito do Eça — que recolhia a parelha na velha cavalariça da *Toca* e, até a hora em que Carlos voltava ao Ramalhete, vadiava pelas tabernas.

"Ordinariamente, ao meio-dia, ao acabar de almoçar, Maria Eduarda, ouvindo rodar o trem na estrada silenciosa, vinha esperar Carlos à porta da casa, no topo dos degraus ornados de vasos e resguardados por um fresco toldo de fazenda cor-de-rosa. Na quinta usava sempre vestidos claros; às vezes trazia, à antiga moda espanhola, uma flor entre os cabelos; o forte e fresco ar do campo avivava, com um brilho mais quente, o mate ebúrneo do seu rosto; e assim, simples e radiante, entre sol e verdura, ela deslumbrava Carlos cada dia com um encanto inesperado e maior. Cerrando o portão de entrada, que rangia nos gonzos, Carlos sentia-se logo envolvido num extraordinário conforto moral, como ele dizia, em que todo o seu ser se movia mais facilmente, fluidamente, numa permanente impressão de harmonia e doçura... Mas, o seu primeiro beijo era para Rosa, que corria pela rua de acácias ao seu encontro, com uma onda de cabelo negro a bater-lhe os ombros, e *Niniche* ao lado, pulando e ladrando de alegria. Ele erguia Rosa ao colo. Maria, ao longe, sorria-lhes, sob o toldo cor-de-rosa. Em redor tudo era luminoso, familiar e cheio de paz."

No jardim, Carlos e Maria Eduarda se refugiavam "no quiosque japonês que uma fantasia de Craft, o seu amor do Japão, construíra ao pé da rua de acácias, aproveitando a sombra e o retiro bucólico de dois velhos castanheiros. Maria afeiçoara-se àquele recanto, chamava-lhe o seu pensadouro. Era todo de madeira, com uma só janelinha redonda, e um telhado agudo, à japonesa, onde roçavam os ramos — tão

leve que através dele, nos momentos de silêncio, se sentiam piar as aves. Craft forrara-o todo de esteiras finas da Índia; uma mesa de charão, algumas faianças do Japão, ornavam-no sombriamente; o teto não se via, oculto por uma colcha de seda amarela, suspensa pelos quatro cantos, em laços, como o rico dossel de uma tenda; e todo o ligeiro quiosque parecia ter sido armado, só com o fim de abrigar um divã baixo e fofo, de uma languidez de serralho, profundo para todos os sonhos, amplo para todas as preguiças..."

A *Toca* tem largas presenças ao longo da segunda parte de *Os Maias*. Presenças constantes, em que Eça vai sempre acrescentando pormenores como se tivesse realmente havido aquela casa, com um mundo de pequenos objetos, adornos e obras de arte, um verdadeiro *bric-à-brac*. Foi na *Toca* que houve a cena da prevaricação de *Miss* Sara, a inglesa, dama de companhia de Maria Eduarda. Carlos, num recanto do muro, sob as ramarias de uma faia, sumido na sombra, tremia de indignação ao ver transformada a santa em cabra, ela enroscada na relva com o homem forte e pesado, que momentos antes, com o lume do cigarro brilhando, passara com uma manta aos ombros. Ao dia seguinte, Melanie, a criada de Maria Eduarda, espanejava o quiosque japonês quando Carlos Eduardo entrou no salão e encontrou *Miss* Sara sentada no banco de cortiça, costurando à sombra das árvores. A vista do Tejo lá em baixo refrescava.

Não era só o *Mulato* que frequentemente fazia, em sua tipóia, o trajeto entre os Olivais e Lisboa. Também havia uma "traquitana, um lamentável calhambeque" — a caleche do *Torto,* que Craft muito utilizava quando vivia na *Toca* para vir "janotar a Lisboa". Carlos Eduardo usava com frequência um *coupé* para subir aos Olivais, passando pela estrada que arrancava de Santa Apolônia. Às vezes as viagens eram feitas ao cair da noite. Carlos rodava pela estrada dos Olivais. Na rua já se acendera o gás. Inquieto, no estreito assento da tipóia, acendendo nervosamente *cigarrettes* que não fumava, sofria já a perturbação daquele encontro difícil e doloroso com Maria Eduarda, cuja história com o *brasileiro* Castro Gomes lhe arrancara lágrimas e enchera seu coração de dor. Maria Eduarda tinha sido para Castro Gomes apenas uma "mulher de aluguer, uma Fulana de Tal, amigada", e na *Toca* ia dar-se o primeiro encontro depois da profunda desilusão.

Carlos tinha chegado à *Toca*. A tipóia esperava. Ao fundo da rua de acácias a porta estava aberta e deixava passar a luz do corredor,

frouxa e triste. Carlos julgou mesmo ver a figura de Maria Eduarda embrulhada numa capa escura, de chapéu, atravessar naquela claridade. Ouvira ela decerto o rodar da carruagem. Que aflita impaciência! Carlos subiu os três degraus de pedra, que já lhe pareciam de uma casa estranha. Dentro, o corredor estava deserto, com sua lâmpada mourisca alumiando as panóplias de touros. Depois de todo aquele terrível encontro de desilusão, nos Olivais, vem a proposta:

— "Maria, queres casar comigo?"

Maria Eduarda chamava Rosa através da janela. A menina, no jardim, pedia umas migalhas de pão para uns pardais que ainda não almoçaram. Veio o projeto de ficar para sempre na *Toca.* Daí a dias, Carlos e Ega vinham numa tipóia, pela estrada dos Olivais, em caminho da *Toca*. Pela estrada, na aragem doce do rio, Carlos falava de Maria, da vida naquele recanto, deixando escapar do coração o interminável cântico de sua felicidade. Ega hesitara em vir, receando o primeiro encontro com Maria Eduarda depois de revelada a história de suas relações com Castro Gomes. Recordava a *soirée* fatal com os Cohens, na *Toca,* a jornada da velha traquitana debaixo de um temporal, o grogue do Craft, a ceia de peru. "Mas dessa vez tudo era diferente no fim do verão e no fim das flores."

No outono, o velho Afonso da Maia falava em vir de Santa Olavia para o Ramalhete e Carlos, por dever doméstico, não podia permanecer ali instalado na *Toca,* agora pouco bucólica, com a quinta desfolhada e alagada, uma névoa sobre o rio, e um fogão (lareira) único na sala de cretones — além da suntuosa chaminé da sala de jantar. Os temporais de vento e água, desencadeados de madrugada, começavam a fustigar a casa. Foi numa manhã outonal que Carlos ouviu o toque do carteiro. Era uma carta de Ega com aquele sórdido, terrível comentário de um jornal que nem se podia chamar de jornal: a *Corneta do Diabo.* Coisas tremendas, frases em calão, asqueirosas, afadistadas, como só Lisboa as pode criar, pingavam fetidamente, à maneira de sebo, sobre ele e sobre Maria, emporcalhando tudo. Às onze horas da manhã era esperada na *Toca* a caleche do *Torto*. Ia bater uma hora da tarde quando a caleche começou a rolar de volta na estrada, ainda encharcada da chuva da noite. Logo adiante da vila, na descida, cruzaram com um *coupé* que trepava num trote esfalfado. Num relance, um chapéu branco e um monóculo, e logo depois, saltitando com longas pernadas de cegonha, se aproximava o Ega. Aí começa aquela história de obrigar à "besta imunda" do Dâmaso, denunciado pelo próprio Palma Cavalão, a retratar-se da ofensa e assinar um papel, como única saída, em que dizia ser um "ébrio hereditário". Para Carlos Eduardo o remédio para o Dâmaso era, à parte a solução de sangue, escarrar-lhe

na cara, ou dar-lhe em público "bengaladas aparatosas". Por fim, o velho Afonso da Maia já estava de volta ao Ramalhete. Carlos abandonava definitivamente os Olivais. Maria Eduarda regressava a Lisboa para a Rua de São Francisco. Carlos vinha muito impressionado, com profundas saudades da *Toca*. Relembrava infindavelmente aqueles dias alegres, a sua casinhola, o banho da manhã tomado de uma dorna (tina), a festa do deus Tchi, as guitarradas do Marquês de Sousela, as longas cavaqueiras ao café com as janelas abertas e as borboletas voando em torno dos candeeiros... Lá fora, as cordas de águas sob o vento de inverno batiam os vidros na mudez da noite negra. Carlos e Ega terminaram por ficar calados, pensativos, com os olhos no lume.

— "Quando esta tarde dei pela última vez uma volta na quinta — disse por fim Carlos — já não havia uma única folha nas árvores... Tu não sentes sempre uma grande melancolia nestes fins de outono?

— Imensamente! — murmurou Ega, lugubremente".

2.

ARROIOS, PENHA DE FRANÇA E PASSEIO

"A paróquia de São Jorge é realmente das mais antigas desta cidade. Ela deve ter sido instituída pelo primeiro Bispo de Lisboa, durante o ano de 1148".

Roberto Dias Costa, *in*
A Paróquia de São Jorge da Cidade de Lisboa, Lisboa, 1939.

"Nossa Senhora da Penha de França, convento espaçoso, edificado na iminência de um monte dos mais altos da cidade, chamado antigamente Cabeça do Alperce, com a mais dilatada vista sobre a cidade".

P.P. da Câmara, *in Descrição Geral de Lisboa em 1839*,
Lisboa, 1839.

"O Passeio Público foi um dos filhos dilectos do Marquês de Pombal; foi um dos instrumentos mais eficazes que teve o grande pensador para amalgamar as classes. Contribuiu para a mistura da pobreza, das classes médias e do povo".

Júlio de Castilho, *in*
Lisboa Antiga, Volume X.
Lisboa, 1937.

Na ficção de Eça de Queiroz, o bairro de Arroios aparece nos romances *Os Maias* e *O Primo Basílio* e no conto *José Matias.* Como entidade político-administrativa, trata-se da freguesia de São Jorge de Arroios; na administração religiosa, é a paróquia de Arroios, do Patriarcado de Lisboa. Ficava outrora na fímbria norte da cidade, a leste. O padroeiro do bairro é São Jorge, nascido na Capadócia ao final do século III, patrono da Inglaterra, a cuja história está ligado, pelo menos desde o século VIII. O Sínodo de Oxford confirmou esse preito de vassalagem em 1220. É o São Jorge do cavalo e do dragão, o mesmo tão popularmente venerado no Brasil, veneração que espelha vivas manifestações de sincretismo religioso, incorporando ao culto católico ritos embasados em tradições africanas.

Em Lisboa, a devoção a São Jorge nos Arroios é comum, não se revestindo de caráter popularesco através de procissões, vigílias ou atos especiais, como ocorre especialmente com Santo Antonio em Lisboa e São João no Porto. A veneração de São Jorge foi trazida para Portugal pelos cruzados ingleses que coadjuvaram Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos mouros.

Segundo Roberto Dias Costa, em sua publicação *A Paróquia de São Jorge da Cidade de Lisboa*, os que se domiciliaram em Lisboa logo instituíram na antiga Igreja de Nossa Senhora dos Mártires uma irmandade em honra daquele santo, a qual se conservou ali até que se transferiu, em 1241, para a Igreja do Convento de São Domingos. A devoção a São Jorge prosseguiu ao longo dos séculos com a fundação da Casa dos Vinte e Quatro, no século XIV, uma espécie de um tribunal popular composto de delegados dos vários ofícios mecânicos com a missão de proceder ao exame dos que aprendiam uma profissão e

fiscalizar a qualidade dos produtos vendidos. A memória de São Jorge foi lembrada carinhosamente por D. João I. A devoção por São Jorge em Portugal foi historicamente entranhada na alma do povo e hoje é orago da paróquia com o seu nome, em Arroios, uma das mais antigas freguesias em Lisboa.

A primitiva Igreja de São Jorge, antes do terremoto de 1755, ficava na colina do Castelo de São Jorge, perto do local onde está hoje a Sé, confinando com a Rua do Limoeiro. Não se pode dizer que, ao tempo do terremoto, a Igreja de São Jorge à Sé fosse um templo fartamente decorado e rico de alfaias, mas não seria dos mais pobres de Lisboa. Depois da calamidade de 1º de novembro de 1755, a igreja ficou danificada e nela perderam a vida alguns fiéis. Seu sacrário foi transferido para a vizinha Igreja de São Martinho, por breve período, e daí para uma ermida no Campo de Santa Bárbara (hoje, o Largo de Santa Bárbara está no coração do bairro de Arroios), sob o patrocínio de Nossa Senhora das Mercês. Outra mudança adveio: São Jorge foi para a ermida do Senhor Jesus da Boa Sorte e Santa Via Sacra, no Largo das Olarias, durante dez anos. Depois foi transferido para a Ermida de Santa Rosa de Lima, em Penha de França (então parte de Arroios), até que, em 1829, foi construída a Igreja de São Jorge, no atual Largo de Arroios, igreja que existia ao tempo de Eça de Queiroz e que deu lugar ao moderno templo do mesmo padroeiro, uma estrutura construída em concreto, inaugurada em 1972, da qual não se pode dizer seja graciosa. O Autor obteve fotografia da igreja antiga e da que a substituiu, no mesmo sítio. D. Miguel compareceu ao *Te-Deum* de inauguração da Igreja de São Jorge em 1829, quando reinava em Lisboa. No adro da nova igreja, inaugurada em 1972, foi colocado o cruzeiro mandado construir por D. João III (o monarca que no século XVI instituiu as capitanias hereditárias no Brasil), em honra de Nossa Senhora da Piedade.

Arroios foi centro de uma curiosa experiência ferroviária: o começo de uma ferrovia de Lisboa a Sintra, com a estação principal na Rua dos Arroios (ex-Palácio do Conde de São Miguel), de um só trilho, apoiados os vagões sobre rodas laterais que giravam sobre superfícies empedradas. O sistema era precário e durou apenas de 1875 a 1877, quando foi desativado. A companhia se chamava *The Lisbon Steam Tramways Company Limited* e operava com o sistema de viação a vapor, desenvolvido pelo engenheiro francês J. Larmanjat.

Como já foi dito, nos Arroios ficavam as portas de saída de Lisboa para o norte. No último quartel do século passado, Lisboa era uma cidade com obras viárias e ferroviárias talvez mais importantes do que se possa hoje imaginar. A estrada da circunvalação descrevia um longo

arco, de Tejo a Tejo, a partir de Alcântara, quase à beira do rio, indo até Arroios, e de lá até ao Alto de São João, descendo até quase ao Tejo, já na parte sudeste da cidade, perto da Estação de Santa Apolônia. Era dessa estrada em Arroios que partiam várias vias importantes de acesso ao norte da área vizinha à Capital e ao norte do país. Eram a Estrada do Arco do Cego, que se transformava em Estrada do Campo Grande, e, mais adiante, Rua Direita do Lumiar, em direção a Odivelas; a Estrada da Charneca, que se dirigia à Charneca e a Camarate, com ligação para os Olivais; a famosa Estrada de Sacavém, que se dirigia para a Portela, Encarnação e Sacavém; a Azinhaga (pequena estrada entre sebes ou muretas) do Areeiro que desembocava na Estrada de Sacavém; a Rua do Sol de Chelas, em direção a Chelas e daí até chegar à Azinhaga dos Ciprestes, que entroncava com a Estrada de Sacavém, aproximadamente na altura do que é hoje o Aeroporto da Portela de Sacavém. O nó rodoviário de Arroios estava em torno do cruzamento da Rua dos Arroios com a Rua de Pascoal de Melo, cruzamento esse que existe ainda hoje com os mesmos nomes.

Um caminho de ferro descrevia um arco, um anel como se diz hoje, bem mais extenso, partindo da estação do Caminho de Ferro em Alcântara e dirigindo-se para Benfica, Campo Pequeno, cruzando aquelas estradas já mencionadas que saíam de Arroios e descendo até à Estação de Santa Apolônia. Já existia o caminho de ferro em direção a Sintra e, em 8 de abril de 1889, era inaugurado o túnel do Caminho de Ferro do Rossio, que sai do tradicional logradouro lisboeta, com mais de dois quilômetros de extensão, ainda hoje em plena utilização. A ferrovia entroncava em Campolide com a que vinha de Alcântara e demandava Sintra. Os personagens do universo queiroziano se locomoviam com relativa facilidade, por várias saídas de Lisboa, em tipóias, fáetons, carruagens, *coupés, dog-carts,* vitórias, caleches, americanos, trens e comboios, ao longo de Lisboa e seus arredores.

No último quartel do século XIX, já era comum o hábito de passar um domingo nos arredores de Lisboa, saindo os meios locais de transporte da Rua do Ouro em direção a Arroios, e daí pela Estrada de Sacavém, ao longo da qual se situavam elegantes retiros (restaurantes ou pontos de encontro no campo). Era o que então se chamava, em linguagem de lazer, "ir às hortas". Um conhecido retiro de que dá conta João Monteiro, autor do livro já citado sobre a Estrada de Sacavém, era *A Perna de Pau,* de propriedade da famosa tia Gertrudes. Nenhum daqueles retiros dispensava de ter seu terreno e nele a presença de "hortaliças, legumes e várias espécies apetitosas que completavam os menus e figuravam em relatos dos periódicos de então". O retiro da tia Gertrudes figura nas *Farpas,* de Ramalho Ortigão: "*A Perna de Pau,* o restaurante célebre bem conhecido de todos os

estômagos com tendências bucólicas, de todos os estômagos impelidos pela nostalgia das hortas, (...), organiza com os primores da estação a nova lista dos seus acepipes."

Em *Os Maias,* Arroios figura no primeiro volume, pois lá morava o Papá Monforte, pai de Maria, que casou com Pedro de Maia e depois o abandonou, e de cujo casamento resultaram os dois filhos, Carlos Eduardo e Maria Eduarda. A relação incestuosa dos dois vai constituir a essência da trama do monumental romance. O Monforte, no início do romance, ao chegar a Lisboa, alugou um primeiro andar no Palacete dos Vargas. Eça de Queiroz não identificou esse palacete, embora tivessem existido em Arraios alguns palácios que eram bem conhecidos, como o do Conde dos Arcos, ex-Palácio dos Condes de São Miguel, que veio a transformar-se, tempos depois, na Estação do Caminho de Ferro Larmanjat. Também há notícia do Palácio dos Condes de Mesquitela, onde esteve situada a capelinha de Santa Rosa de Lima que, por um dado momento, serviu de sede à Igreja de São Jorge. Houve um grande baile no Palacete dos Vargas quando a pequena Maria Eduarda completou um ano de idade e o casamento dos pais — Pedro da Maia e Maria Monforte — prosseguia normalmente. A vida no Palacete dos Vargas era festiva e luxuosa, com um "saborzinho de orgia *distinguée,* como nos poemas de Byron, segundo o poeta Tomás de Alencar". Maria, mulher de Pedro, nunca fora tão formosa, uma *beltà* de Ticiano, com um esplendor copioso que lhe trouxera a maternidade. Brilhava naquelas altas salas de Arroios com sua radiante "figura de Juno, loura, os diamantes das tranças, o ebúrneo e o lácteo do colo nu, o rumor das grandes sedas". Seu símbolo era a tulipa real opulenta e ardente. Tinha requintes de luxo nas roupas brancas e nas rendas. O poeta Alencar freqüentava o Palacete de Arroios e dedicava estrofes a Maria, por quem devotava uma paixão platônica:

"Vi-te esta noite no esplendor das salas
com as louras tranças volteando louca..."

Vem depois o nascimento, em Arroios, de Carlos Eduardo, cujo nome, segundo o entrecho do romance, foi sugerido pela mãe em homenagem ao último Stuart, o romanesco Príncipe Carlos Eduardo. E vem a amizade com o Príncipe fugido de Nápoles, conspirador contra os Bourbons, sentenciado à morte, o qual foi alvo de um acidente, um tiro casual de espingarda numa caçada. O Príncipe foi hospedado por

Pedro no Palacete de Arroios e dessa estada adveio uma intimidade com a família, com Maria, mulher de Pedro, que resultou na fuga de Maria com o italiano, levando consigo a pequenina Maria Eduarda. Daí arranca toda a base da longa e por muito tempo indecifrável separação da pequenina criança, que a fabulação de Eça colocará anos depois ao lado do irmão, Carlos Eduardo, como amante. Em Arroios havia uma *obra Pia dos Cobertores,* com o fim de fazer no inverno distribuição de agasalhos às famílias necessitadas. Era Maria Monforte que presidia essa obra pia e o "esplendor da sua beleza aparecia agora velado por uma sombra tocante de ternura grave: a deusa idealizava-se em madona e não era raro ouvi-la de repente suspirar sem razão".

Após a fuga de Maria, com a pequenina, Pedro deixa os Arroios e vai com o pequeno Carlos Eduardo residir com o pai em Benfica. Foi lá que, numa madrugada, um tiro atroou na casa. Do quarto de Pedro vinha um cheiro de pólvora; e aos pés da cama, caído de bruços, "numa poça de sangue que se ensopava no tapete, Afonso encontrou seu filho morto, apertando uma pistola na mão". Mais tarde, Carlos Eduardo, já adulto, ouvia as histórias que o poeta Alencar contava a respeito de seu pai Pedro, do tempo de Arroios, dos amigos e dos amores de então, evitando cuidadosamente sequer pronunciar o nome da mãe, a Maria Monforte. Mais de uma vez, em passeio pelo Aterro, Carlos Eduardo estivera para dizer ao poeta:

— "Pode falar da mamã, amigo Alencar, que eu sei perfeitamente que ela fugiu com um italiano!"

Uma das últimas referências aos Arroios, em *Os Maias,* foi numa conversa entre o poeta Alencar e D. Maria da Cunha, velha amiga da família Maia. Diz-se no romance: "D. Maria fora uma das suas lindas contemporâneas, tinham dançado muita ardente mazurca nos salões de Arroios."

Em *O Primo Basílio,* Arroios figura como local do adultério de Luísa. Era lá que ficava o *Paraíso,* onde Basílio recebeu Luísa pela primeira vez. Vinha ela muito nervosa, "sem dominar um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso e bater o coração ao encontrar Sebastião. Era uma forma nova do amor que ia experimentar. Naquela casinha misteriosa, onde o aparato impressionava-a mais do que o sentimento. Era para os lados de Arroios, adiante do Largo de Santa Bárbara: lembrava-se vagamente que ali havia uma correnteza de casas velhas..."

Eça de Queiroz não identificou a casa, como às vezes o fez em seus romances. Por exemplo, o Conselheiro Acácio, que nasceu à Rua de São José, nº 75, morava à Rua do Ferregial de Cima, nº 3, 3º andar, rua que hoje se chama Vitor Cordon. O *Paraíso* do primo Basílio não tinha endereço certo. Adiante do Largo de Santa Bárbara está a Rua dos Anjos onde, no dia de hoje, se pode deparar com uma "correnteza de casas velhas", em frente à ermida do Resgate das Almas e do Senhor de Jesus dos Perdidos, construída em 1762. Foi feita para esta obra uma fotografia dessa "correnteza" onde bem poderia estar o local dos encontros de Luísa com o primo.

Afigura-se estranho a seus amigos que Luísa, morando no Bairro Alto, fosse vista em Arroios, naquela época um local bem distante, no limite nordeste da cidade. Saavedra viu-a passar no verão, quando Jorge trabalhava no Alentejo, ao largo da casa dele, em direção a Arroios, às vezes de trem, às vezes a pé. Um comentário desprevenido de Saavedra para Jorge sobre essas passagens de Luísa para Arroios levou Jorge a perguntar-lhe:

— "É verdade, onde ias tu a Arroios?

Luísa disse, bocejando ligeiramente:

— A Arroios?

— Sim. O Saavedra, um sujeito que estava em casa do conselheiro, diz que te via passar todos os dias para lá, de trem e a pé.

— Ah! — fez Luísa, depois de tossir. — Ia ver a Guedes, uma rapariga que andou comigo no colégio, que tinha chegado do Porto. A Silva Guedes!

— Silva Guedes!... — disse Jorge, refletindo. Imaginei que estava secretário-geral em Cabo Verde!

— Não sei. Estiveram aí um mês no verão. Moravam a Arroios. Ela estava doente, coitada: eu ia lá às vezes. Mandava-me pedir para ir lá. Põe essa luz fora, está-me a fazer impressão."

Queixou-se então que toda a tarde estivera esquisita. Sentia-se fraca, e com uma pontinha de febre.

No conto *José Matias*, Eça coloca o General Visconde de Garmilde, tio de José Matias de Albuquerque, residindo em Arroios, "numa casa

antiga de azulejos, com um jardim onde ele cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dálias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto de hera que o separava de outro jardim, o largo e belo jardim de rosas do Conselheiro Matos Miranda, com um arejado terraço entre dois torreõezinhos amarelos, que se erguia no cimo do outeiro e se chamava a Casa da Parreira". Mais adiante, referindo-se aos antigos hábitos da burguesia daquela época, que vivia severamente encerrada, diz Eça que a formosa Elisa Miranda, a Elisa da Parreira, "sublime beleza romântica de Lisboa nos fins da Regeneração, centro de estranhíssima paixão amorosa de José Matias, raramente emergia de Arroios e se mostrava aos mortais. Quem a viu, e com facilidade constante, quase irremediavelmente logo que se instalou em Lisboa, foi o José Matias — porque, jazendo o Palacete do Visconde de Garmilde na falda da colina, aos pés do jardim e da Casa da Parreira, não podia a divina Elisa assomar a uma janela, atravessar o terraço, colher uma rosa entre as ruas de buxo, sem ser deliciosamente visível, tanto mais que nos dois jardins nenhuma árvore espalhava a cortina da sua rama densa".

A casa não foi identificada por Eça. Hoje, Arroios já não apresenta ordinariamente o ar de ter aquele tipo de casa solarenga, mas pode-se deduzir que ela ficava perto de Penha de França, um bairro elevado, vizinho pelo lado leste, e que outrora foi parte da Freguesia de Arroios. A Casa da Parreira continua com as suas aparições ao longo do conto, em que se descreve uma bela atmosfera lisboeta, uma vinheta do fim do século XIX, com o passar de tipóias de praça, idas à ópera, a camarotes especialmente decorados, a tabacarias no Rossio, visitas ao saudoso Café Central, uma ceia tardia num gabinete reservado de restaurante, a degustação de um Colares que parecia engarrafado no Céu, e nisso tudo a divina Elisa com plumas roxas no chapéu, entrevista dentro de um *coupé* de gosto sóbrio e puro numa tarde de domingo. O casarão de Arroios foi a última propriedade que restou a José Matias na herança do Tio Garmilde e, daí em diante, o fio da história se conduz para o tristíssimo fim do Matias, sempre apaixonado pela divina Elisa, mas sempre renunciando a seu amor para morrer na miséria depois de praticamente morar num portal da Rua de São Bento, onde era visto à noite, da janela, pela bela Elisa, que apenas o percebia pelo lume de seu cigarro...

O Bairro de Penha de França constitui uma nova paróquia — a de Nossa Senhora da Penha de França — somente a partir de 1937,

pois era antes parte de Arroios. Como freguesia, se chama simplesmente Penha de França. Segundo Roberto Dias Costa, em *A Paróquia de São Jorge da Cidade de Lisboa,* um entalhador de profissão, Antonio Simões, lutando na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, ao sentir perdida a luta na qual sua vida corria perigo, fez uma promessa à Nossa Senhora de esculpir em Sua honra nove imagens. Tendo saído com vida daquela refrega, cumpriu seu voto e a última das nove imagens foi dedicada à Nossa Senhora da Penha de França, devoção que existia, ou existe, na Espanha, perto de Salamanca, e que era conhecida em Portugal. Essa imagem foi colocada na antiga ermida de Nossa Senhora da Vitória. Construiu-se depois uma ermida especialmente para esse fim, na parte de um terreno que pertencia a uma quinta chamada Cabeça do Alperce. Em 1598 estava pronta a pequena ermida dedicada à Nossa Senhora da Penha de França, na Cabeça do Alperce. Em 1603 essa ermida foi cedida aos religiosos de Santo Agostinho que, em 1625, fizeram novo templo à Nossa Senhora da Penha de França. O terremoto de 1755 destruiu-o, perdendo a vida mais de 300 pessoas que assistiam aos ofícios do dia de Todos-os-Santos (1º de novembro de 1755). D. José, com o valioso auxílio do Marquês de Marialva, mandou construir o templo que hoje se vê em Lisboa e de onde se tem uma bela vista da cidade. A primitiva imagem entalhada pelo homem que se salvou de Alcácer Quibir é a que está ainda hoje na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França.

Em *Os Maias,* João da Ega morava numa casa chamada Vila Balzac, que "esse fantasista andara meditando e dispondo, desde a sua chegada a Lisboa, e onde, finalmente, se tinha instalado. Ega dera-lhe denominação literária pelos mesmos motivos por que a alugara num subúrbio longínquo, na solidão da Penha de França — para que o nome de Balzac, seu padroeiro, o silêncio campestre, os ares limpos, tudo ali fosse favorável ao estudo, às horas de arte e de ideal. Porque ia fechar-se lá como num claustro de letras, a findar as *Memórias dum Atomo.* Somente por causa das distâncias, tinha tomado, ao mês, um *coupé* da companhia".

Quando Carlos um dia visitou seu grande companheiro, martelou a aldrava da porta, gritou a toda a voz por cima do muro do quintal e das copas das árvores o nome do Ega. "A Vila Balzac permanecia muda, como desabitada no seu retiro rústico. E todavia pareceu a Carlos que, justamente antes de bater, ouvira o estalar de rolhas de *Champagne.*" A casa tinha um ar suspeito de Torre de Nesle... No dia

seguinte Carlos foi novamente à Vila Balzac, chamando pelo seu dono, no "humilde tugúrio do filósofo". Há uma descrição do interior da casa, cuja alcova principal era forrada por um cretone de ramagens alvadias sobre fundo vermelho e onde o leito parecia ser o motivo e o centro mesmo da Vila Balzac. "Era de madeira. Baixo como um divã, com a barra alta, um rodapé de renda, e de ambos os lados um luxo de tapetes de felpo escarlate; um largo cortinado de seda da Índia avermelhada envolvia-o num aparato de tabernáculo; e dentro, à cabeceira, como num lupanar, reluzia um espelho. Carlos, muito seriamente, aconselhou-lhe que tirasse o espelho. Ega deu a todo o leito um olhar silencioso e doce, e disse depois de passar uma pontinha de língua pelo beiço:

— Tem seu *chic...*"

Em *O Primo Basílio,* a Penha de França figura na conhecida descrição que faz de Lisboa o Conselheiro Acácio, em companhia de Luísa, a partir do miradouro de São Pedro de Alcântara, em sua parte inferior, para a qual se desce por uma escadinha estreita (parte essa, tradicionalmente fechada). Encostados à grade, Acácio, solenemente, explica toda Lisboa mostrando o Passeio, a Encarnação, o Alto da Graça, a Penha de França, o Castelo, a Mouraria, Alfama, etc. Foi aí que mais uma vez disse o Conselheiro, com ênfase, que Lisboa era uma das mais belas cidades da Europa e cuja entrada só era comparável à de Constantinopla. No último quartel do século passado, auge do período das descrições lisboetas de Eça, a Penha de França era um bairro distante, situado na fímbria norte da cidade, para o lado oriental. Dos Arroios se subia à Penha por uma ladeira chamada Travessa do Caracol da Penha, hoje Rua Marques da Silva.

A partir de 1834, com o triunfo do movimento liberal e a desapropriação dos mosteiros e conventos, o dos agostinianos, da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, passou para o Estado e abriga, desde 15 de outubro de 1974, o Comando Central da Polícia de Segurança Pública. É bela a sua azulejaria. "O devoto templo de Nossa Senhora da Penha de França é um verdadeiro monumento sacro de Lisboa", no dizer de Fernando Augusto José de Araujo, em *O Santuário de Nossa Senhora da Penha de França em Lisboa,* Lisboa, 1903.

O Passeio Público e o logradouro que a ele sucedeu, a Avenida da Liberdade, são objeto de referência pelo menos nas seguintes obras de Eça de Queiroz: *A Capital*, *A Tragédia da Rua das Flores*, *O Mandarim*, *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, *Cartas*, *Cartas Íntimas*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *Alves & Cia.*, *O Mistério da Estrada de Sintra*, *Últimas Páginas*, *Os Maias* e *O Primo Basílio*. Nestas últimas duas obras, as referências são mais amplas e expressivas. Em *Os Maias*, pela extensão mesma do período que o romance abarca, figura o Passeio Público e, ao final, a Avenida da Liberdade.

Diz Júlio de Castilho, em sua monumental obra *Lisboa Antiga*, que, em 1782, à época pombalina, 27 anos depois do terremoto, um viajante inglês, Twiss, escrevia que se organizava em Lisboa um passeio novo com a singularidade de ter num dos extremos a vista risonha do cadafalso e, no outro extremo, a do paço da Inquisição. Delineara-o, em 1764, o arquiteto da cidade, Reinaldo Manuel, sobre um local que pertencia à casa do Conde de Castelo-Melhor (que veio a ser, depois, o Palácio do Marquês da Foz), chamado Hortas da Cera. Os primeiros freixos ali plantados foram dados pelo conhecido industrial Jácome Ratton, de seus viveiros da Quinta da Barroca d'Alva, perto de Alcochete, como ele o disse em suas *Recordações*, publicadas em Londres, em 1817. Os limites daquele passeio eram, ao norte, a Praça da Alegria de Baixo; a oeste, a Rua Ocidental; ao sul, em direção ao Rossio, o Largo do Passeio Público; e a oriente, a Rua Oriental, até onde chega a Rua das Pretas. De início, o Passeio Público era cercado de muros revestidos de hera e louro, com mais de uma dúzia de janelas de grades de cada lado. Em 1835, foi o passeio reformulado e os muros foram substituídos por um gradeamento em toda a volta e passou a ter um lago que o rematava para o lado norte. Seu comprimento era de perto de 400 metros e a rua central, no jardim, tinha 20 metros de largura. Na altura aproximada do local onde está hoje o Obelisco dos Restauradores, havia um espaçoso tanque rodeado de quatro estátuas. Ao centro do Passeio Público viam-se, igualmente, dois outros lagos com estátuas alegóricas a rios portugueses.

O Passeio, como diz Júlio de Castilho, era uma típica concepção pombalina, instrumento eficaz para amalgamar as classes. Contribuía para a mistura da nobreza, de classes médias e do povo. Afinava o antiquado público lisboeta ao diapasão de cidades européias mais modernizadas. Com ele se implantou o gosto dos jardins nas camadas humildes do povo, estimulando-o a prezar as flores e a aprender boas maneiras. Era quase um retiro campestre, ameno, para pessoas de todas as categorias sociais se espairecerem, livres do receio de atropelamentos ou maus encontros. Assinala Júlio de Castilho que uma rua, por maior e mais bela que seja, não pode preencher as vezes de um jardim. O Passeio teve a princípio jardins ao estilo francês do gênero Le-Nôtre, e depois ao estilo inglês.

Foi sobre a grande área daquele Passeio, tão fartamente referido em obras de Eça de Queiroz e autores portugueses do segundo e do terceiro quartéis do século passado, que se iniciaram, em 1879, os trabalhos para a abertura da nova Avenida da Liberdade. Desde 1859, apresentado pelo Visconde de Vila Maior, tramitava projeto na Câmara Municipal de Lisboa para abertura de uma larga rua que se iniciasse no Passeio Público, na altura da Rua do Salitre, e seguisse até São Sebastião da Pedreira. Em 1870, o Engenheiro Bartolomeu Dejante elaborou o projeto dessa futura avenida. Em 1873, o Deputado Saraiva de Carvalho (depois Ministro das Obras Públicas) apresentou à Assembléia projeto que autorizava a Câmara a proceder às necessárias expropriações que facilitassem a abertura da avenida com 50 metros de largura, com admirável sentido de antevisão da futura circulação que viria com a era do automóvel. Foi no período em que Rosa de Araújo era Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, de 1878 a 1885 (segundo José Augusto França, em *A Arte Portuguesa no Século XIX*, Lisboa, 1966), que a Avenida da Liberdade foi construída. Seu busto encontra-se na Avenida da Liberdade, na altura em que nela desemboca a Rua Rosa de Araújo. Os projetos já vinham de antes, como foi dito, mas executá-los e enfrentar os problemas práticos da construção foi obra muito meritória. Parte da população não viu com agrado o fim do Passeio Público, chegando mesmo a esboçar-se um movimento de protesto.

Júlio de Castilho, que escrevia em 1888 o capítulo de seu livro sobre o Passeio, na já referida obra *Lisboa Antiga*, ainda tocado de um sentimento de saudosismo a respeito do fim do Passeio, diz: "Perdemos na troca, me parece. Conservassem o Passeio e rompessem a avenida para lá da Praça da Alegria de Baixo. Isto é apenas uma opinião individual, exarada aqui por desafio. Manda quem pode e a opinião geral preconiza já as maravilhas da avenida. Os mortos vão depressa. Hoje, pois, que tudo findou, hoje que o lindo jardim pombalino morreu, que as suas árvores foram arrancadas, que a sua missão se cumpriu, que as suas memórias se profanaram para sempre, que as suas glórias são calcadas aos pés pelas gerações novíssimas, deixemos-lhe nós outros, ao velho Passeio Público, de ridente memória, deixemos-lhe neste livro de saudades o seu *aqui jaz*."

Quando do primeiro centenário do falecimento do Marquês de Pombal, em 1882, já estavam bem adiantados os trabalhos de construção da Avenida. Em Júlio de Castilho vemos que, "terraplanada a linha da Avenida, asfaltados os seus tabuleiros, povoadas de arvoredo as suas alamedas, rasgado de par em par aquele enorme canal aéreo para a passagem triunfal do aquilão (vento norte), aí ficou a grande artéria que serve hoje de fundo ao monumento da Praça dos Restauradores, só inaugurado, afinal, em 28 de abril de 1886".

Um mapa de Lisboa, na posse do Autor, datado de 1888, mostra a zona da Avenida da Liberdade já em seu traçado que hoje se vê, à qual tinham acesso as Ruas Alexandre Herculano, Rosa Araújo, Barata Salgueiro e Salitre, a partir do ocidente. Estava projetada a área que se destinaria a ser a Praça do Marquês de Pombal, a rotunda, e no que é hoje o Parque Eduardo VII já figurava a indicação do projeto de um futuro parque. Portanto, a Avenida da Liberdade, com este mesmo nome e seu atual traçado, é uma artéria quase centenária.

Em *A Capital*, Eça de Queiroz apenas aflora a existência do Passeio Público, como um dos pontos de lazer da Lisboa da época. Artur costumava ir à noite ao Teatro São Carlos, sondando todos os camarotes com o binóculo; e aos domingos, no Passeio, não cessava de esperar e invocar a Baronesa de Paradas, uma personagem que figurava nas colunas sociais, sob a epígrafe de *High-Life*, no *Século*. Em *A Tragédia da Rua das Flores*, há uma breve referência ao Passeio, juntamente com o Teatro São Carlos. Dâmaso pergunta a *Miss* Sarah se já conhecia Lisboa, se gostava da cidade, e especialmente se já vira o Passeio e o São Carlos. Em *O Mandarim*, Eça de Queiroz, fazendo o bacharel Teodoro, amanuense do Ministério do Reino, descrever-se a si próprio, põe o personagem a dizer: "Pelas tardes de verão nos bancos gratuitos do Passeio, gozam-se suavidades de idílio." Pouco antes, Teodoro, alcunhado de *Enguiço*, por ser magro, entrar às portas com o pé direito e tremer de medo de ratos, também se referia ao Teatro São Carlos, e às touradas, às quais se ia em tipóias apinhadas de andaluzas. Em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, em carta cujo destinatário não é mencionado, diz Fradique que, após uma tumultuosa sessão das Câmaras, à qual chegaram uns amigos numa tipóia, vai até à Baixa dar uma volta pela Avenida (a obra, de 1888, quando a Avenida já sucedera ao Passeio, foi publicada postumamente, em 1929). No volume as *Cartas*, numa correspondência ao Conde de Ficalho,

datada do Porto, de fevereiro de 1886, Eça de Queiroz convida-o a ir a Bristol, para onde viajava logo após seu casamento com Emília de Castro Pamplona, Condessa de Resende: "Lá teria você, com grande alegria nossa, o talher e o cachimbo hospitaleiro, se você fosse um homem bastante desprendido da Avenida e do conchego de seu gabinete para ir rever a velha Inglaterra sob seus novos aspectos radicais e filosóficos." Nas *Cartas Intimas*, volume apresentado por sua filha, sob o título geral de *Eça de Queiroz entre os Seus*, Eça, escrevendo de Lisboa à sua mulher, em Paris (a quem chamava de minha querida Emilinha), refere-se ao Hotel Malta, situado na Avenida, "onde se cobrava o alto preço de duas libras por dois cubículos". Não foi encontrada referência ao Hotel Malta, na Avenida. Segundo um erudito, houve, porém, à época, o Grande Hotel da Matta, a princípio no Calhariz e depois na Avenida da Liberdade nº 55. Seria um caso de erro tipográfico inicial: *Malta*, em vez de *Matta?* Um conhecido cozinheiro-hoteleiro, João da Matta, foi o proprietário de um e de outro hotel. Por outro lado, o *Roteiro das Ruas de Lisboa e Imediações*, de 1881, alista o Hotel Matta à Rua Nova do Carmo, nº 102. Mário Costa, no seu livro *O Chiado Pitoresco e Elegante*, se refere ao Hotel do Matta, no Palácio Pinto Basto, no Chiado. O assunto não se afigurou esclarecido, requerendo maior aprofundamento.

Em *A Ilustre Casa de Ramires* — no dizer de Vianna Moog, um auto-retrato de Eça —, Gonçalo deixava sua imaginação escapar desassossegadamente de Santa Irenéia e teimosamente esvoaçar pelos lados de Lisboa. A lembrança daquela torre se fazia como *névoa mole* (adjetivação característica das *Prosas Bárbaras*, da juventude de Eça), para em seu lugar surgir um apetitoso quarto com varanda sobre o Tejo, os corredores do Teatro São Carlos, as árvores da Avenida (*A Ilustre Casa de Ramires* apareceu em periódico em 1897 e, como livro, em 1900). No final do romance, Gonçalo, numa agreste noite de chuva em janeiro, partiu para a Capital; e ao longo do inverno lisboeta figurava nas colunas sociais (*High-Life*) dos jornais, a respeito de jantares, caçadas, tiros aos pombos, passeios na Avenida.

Em *Alves & Cia.* — no dizer de Clovis Ramalhete, um pequeno quadro da baixa burguesia, do comércio miúdo, que certamente pertencia às projetadas *Cenas da Vida Portuguesa* — Godofredo pensava ir ao Passeio mas receava encontrar o Machado. Seguiu pelo Terreiro do Paço e outros locais, "como sonâmbulo, sem reparar na gente que o acotovelava, na beleza da tarde de Verão, que morria num esplendor de ouro vivo". No desdobrar-se da novela, Godofredo, Carvalho e Medeiros foram para o Passeio Público, onde havia, naquela noite, "iluminação e fogo preso". É sabido que a iluminação pública a gás,

segundo Júlio de Castilho, chegara a Lisboa pouco antes de 1851, ano em que, no verão, houve estrondosas festas de luz, com milhares de pessoas a se juntarem para ver "maravilhosos renques de diamantes luminosos e aqueles obeliscos transparentes e multicores. O Passeio parecia então uma vasta sala de reunião de Lisboa, numa atmosfera de elegante fraternidade". O Passeio Público e a iluminação assim figuram em *Alves & Cia.*: "As noites piores eram aquelas em que procurava a animação do Passeio Público. Levava-o lá o horror da solidão; mas aquele isolamento no meio de tanta gente, sob as árvores iluminadas a gás, vendo tanto homem levando uma mulher pelo braço, era-lhe ainda mais doloroso do que a sala deserta e fria, com seu ar inabitado e o seu piano inútil!"

Em *O Mistério da Estrada de Sintra,* romance escrito a duas mãos (Eça de Queiroz tinha 25 anos e Ramalhão Ortigão, 34), o Passeio Público figura, não propriamente em seu enredo, mas no famoso prefácio que Eça e seu grande amigo assinaram para a segunda edição, em 1884, isto é, quatorze anos depois de ter aparecido o romance: "Há quatorze anos, numa noite de verão, no Passeio Público, em frente de duas chávenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade, (...) deliberamos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, buzinado à baixa, das alturas do *Diário de Notícias.* Para esse fim, sem plano, sem método, sem escola, sem documentos, sem estilo, recolhidos à simples torre de cristal da imaginação, desfechamos a improvisar este livro, um em Leiria, outro em Lisboa, cada um de nós com uma resma de papel, a sua alegria e a sua audácia". Troçando deles mesmos, Eça e Ramalho dizem então, no prefácio, que aquele romance tinha sido simplesmente execrável, que ninguém, como romancista ou como crítico, desejaria que seu pior dos inimigos o escrevesse: "Porque nele há um pouco de tudo quanto um romancista lhe não deveria pôr e quase tudo quanto um crítico lhe deveria tirar."

Em *O Francesismo,* artigo que consta da obra *Últimas Páginas* (1912), escrito originariamente para a *Revista Moderna,* em 1899, um ano antes de sua morte, Eça de Queiroz traz à tona recordações de infância e da sua passagem por Coimbra. Pretende demonstrar que "Portugal era um país traduzido do francês em calão". Rememora velhos tempos de estudante universitário em que o simples desejo de afirmar o que era português podia ser tomado como uma conspiração. "Porque havia então em Lisboa toda uma classe de políticos *franceses* que, no Grêmio, na Havanessa, à porta do Magalhães, faziam uma oposição cruel, inexorável ao Império francês e ao Imperador Napoleão!" Era necessário descer à rua e fazer barricadas. E mais

adiante: "Descer a rua, era a ameaça terrível. E descemos o degrau do Martinho! Depois, na rua, sob o quente luar de julho, ouvindo os foguetes para os lados do Passeio Público, voltamos para lá os passos frementes — porque um de nós, o mais exaltado, encontrava lá uma certa senhora, em noites de fogo preso. Ah, mocidade, mocidade, incomparável encanto! Onde estão os entusiasmados de então, a santa palidez que nos cobria a face ante a doçura que encontrávamos nos luares de maio e os foguetes alegres do Passeio?"

Em *Os Maias,* o Passeio é mencionado em animada conversa, num jantar no Hotel Central, no Cais do Sodré, da qual tomaram parte Dâmaso Salcede, Carlos da Maia, Cohen, Craft, Alencar e João da Ega. Nesse jantar muito se bebeu e muitas inconveniências foram proferidas. Foi nessa ocasião que João da Ega, incorrigível como sempre, soltou aquela enormidade: — "Portugal não necessita reformas, Cohen. Portugal o que precisa é a invasão espanhola!"

O poeta Alencar indignou-se. "Ega rugiu. Para quem estavam eles fazendo essa pose heróica? Então ignorava que esta raça, depois de cinquenta anos de constitucionalismo, criada por esses saguões da Baixa, (...), apodrecida no bolor das secretarias, arejada apenas ao domingo pela poeira do Passeio, perdera o músculo como perdera o caráter, e era a mais fraca, a mais covarde da Europa!...

— Isso são os lisboetas! — disse Craft.

— Lisboa é Portugal! — gritou o outro. — Fora de Lisboa não há nada. O país está todo entre a Arcada e S. Bento!..."

Na parte final do romance, Carlos Eduardo, nos fins de 1886, viera passar o Natal perto de Sevilha, na casa de um amigo seu de Paris. Daquela casa, chamada *La Soledad,* escrevia para Lisboa a João da Ega anunciando que, após dez nos, resolvera vir a Portugal, ver as árvores de Santa Olávia e as maravilhas da Avenida. Chegando a Lisboa, Ega o traz para ver a nova realização da cidade.

— "Ora aí tens tu essa Avenida! Hem?... Já não é mau!

Num claro espaço rasgado, onde Carlos deixara o Passeio Público pacato e frondoso — um obelisco, com borrões de bronze no pedestral, erguia um traço cor de açúcar na vibração fina da luz de inverno: e os largos globos dos candeeiros que o cercavam, batidos do sol, brilhavam, transparentes e rutilantes, como grandes bolas de sabão suspensas no ar. Dos dois lados seguiam, em alturas desiguais, os pesados prédios, lisos e aprumados, repintados de fresco, com vasos nas cornijas onde negrejavam piteiras de zinco, e pátios de pedra, quadrilhados a branco

e preto, onde guarda-portões chupavam o cigarro: e aqueles dois hirtos renques, de casas ajanotadas, lembravam a Carlos as famílias que outrora se imobilizavam em filas, dos dois lados do Passeio, depois da missa da uma, ouvindo a banda, com casimiras e sedas, no catitismo domingueiro. Todo o lajedo reluzia como cal nova. Aqui e além um arbusto encolhia, na aragem, a sua folhagem pálida e rara. E ao fundo a colina verde, salpicada de árvores, os terrenos do Vale do Pereiro punham um brusco remate campestre àquele curto rompante de luxo barato — que partira para transformar a velha cidade, e estacara logo, com o fôlego curto, entre montões de cascalho." Vale do Pereiro era uma área a ocidente da Avenida, na qual se situam hoje trechos das Ruas Alexandre Herculano, Brancamp, do Salitre e do Vale do Pereiro.

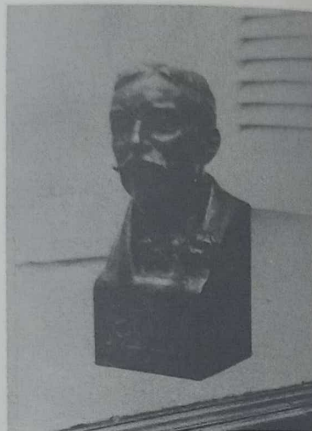
Em *O Primo Basílio,* o Passeio Público figura com mais intensidade (e é mesmo objeto de considerações de natureza social) do que em várias outras obras de Eça de Queiroz. Para começar, Jorge conhecera Luísa no verão à noite, no Passeio: "Apaixonou-se pelos seus cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes." E no inverno seguinte casou, um bocado no ar, como dizia Sebastião. Ao descrever a figura de Juliana, a empregada de Jorge e Luísa, aquela que, com sua chantagem, fornece uma das peças essenciais da engenharia do romance, Eça diz que ela tinha o "olho sempre aberto e o ouvido sempre à escuta". Consolava-se, já que Luísa não disfarçava sua antipatia por ela (sentimento que era devolvido em igual ou maior medida) com algumas pinguinhas, de vez em quando. E Juliana tinha um vício curioso: o pé, bonito, pequenino e catita, era o seu orgulho, a sua mania, a sua despesa. Dizia que não havia no Passeio um pé igual ao dela. "E apertava-o, aperreava-o: trazia os vestidos curtos, lançava-o muito para fora. A sua alegria era ir aos domingos para o Passeio Público, e ali, com a orla do vestido erguida, a cara sob o guarda-solinho de seda, estar a tarde inteira na poeira, no calor, imóvel, feliz — a mostrar, a expor o pé!"

O Passeio também aparece num encontro com D. Felicidade e Luísa. Havia uma festa de beneficência. Já de fora se sentia o *bruhaha* lento e monótono e via-se no Passeio uma névoa alta de poeira, amarelada e luminosa. Nessa ocasião, Luísa e Felicidade encontram Basílio, que voltava de uma tourada, que ele considerava uma sensaboria. Touros, só na Espanha, remataria Basílio.

Depois de algumas breves referências ao Passeio ao longo do romance, aquele logradouro é objeto da conhecida descrição que faz de Lisboa, para Luísa, o Conselheiro Acácio, postados ambos junto às grades de São Pedro de Alcântara. "Através dos varões viam, descendo num declive, telhados escuros, intervalos de pátios, cantos de muro

O grupo dos *Vencidos da Vida*, dentre os quais se encontra Eça de Queiroz.

Socios extraordinarios presentes em 31 de dezembro de 1884

1 Alfredo Baptista Lopes.
2 Antonio Marcellino de Lima Carvalho.
3 Antonio Tavares d'Almeida.
4 Antonio Vellez Caldeira.
5 Charles Reukart.
6 Daniel Gervais David.
7 David Cagi.
8 Eduardo d'Abreu.
9 Eduardo Figanière e Mourão.
10 Ernesto Madeira Pinto.
11 George Hai.
12 Henrique Alvaro Martins.
13 I. F. Neuman.
14 João Augusto Teixeira.
15 João de Lencastre e Tavora (D.)
16 João Rosa.
17 Joaquim Affonso Nogueira Soares.
18 José Azulay.
19 José Maria Eça de Queiroz.
20 José Maria de Serpa Pinto.
21 Julio Gyrão.
22 Luiz Silva (D.)
23 Luiz Soveral.
24 Manuel Serzedelio Iglesias.
25 Paulo Bastz.
26 Saturnino Alvares Bugallal (D.)

Entre os sócios extraordinários do Grêmio Literário, em 31 de dezembro de 1884, Eça de Queiroz era o de número 19. O busto de Eça, em bronze esculpido em 1918, encontra-se na sala que leva o seu nome, no mesmo Grêmio Literário cujo atual presidente é o Doutor Geraldo Salles Lane. Aqui o vemos na entrada da agremiação, Rua Ivens nº 37 (antiga Rua de São Francisco). (Fotos Júlio Almeida)

Estava o Padre ali sublime e dino
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrellas crystalino
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano;
Com uma coroa e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara que diamante

Eça de Queiroz

Em cima, transcrição manuscrita feita por Eça de Queiroz de estrofe de *Os Lusíadas,* que integra um livro de poucos exemplares, comemorativo do quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para as Índias (1898). Importantes personalidades transcreveram estrofes de *Os Lusíadas.* D. Carlos abriu com *As Armas e os Barões Assinalados* a série das transcrições manuscritas. Fotografia de Júlio Almeida extraída do exemplar existente na sede da Procuradoria Geral da República, em Lisboa.

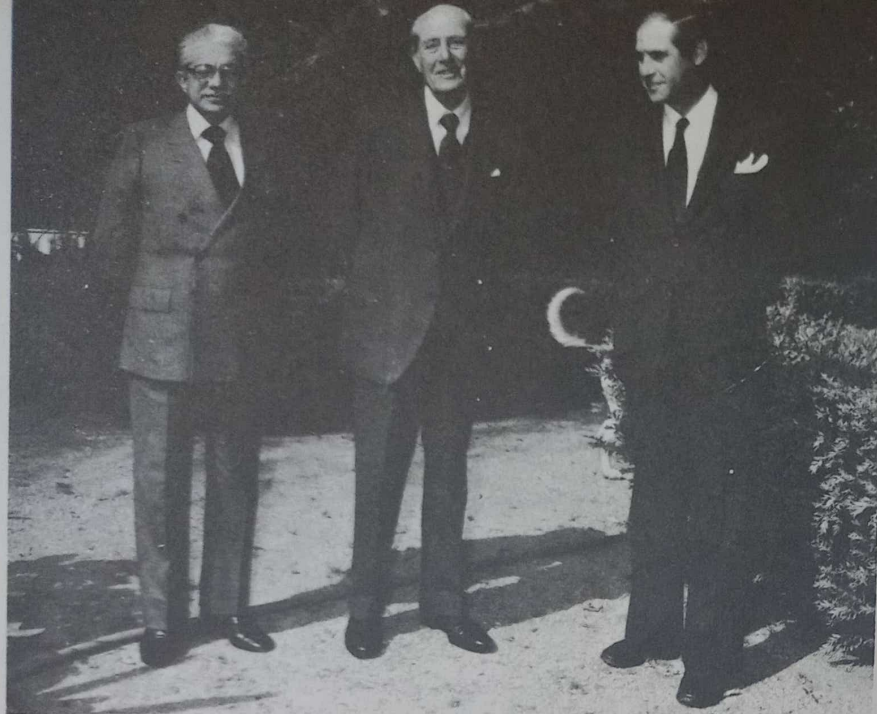
Embaixo, carta, até ao presente inédita, de Ramalho Ortigão a Batalha Reis, datada de Lisboa, 14 de novembro de 1900. Ramalho regressara da Suíça onde acompanhara "o nosso querido Queiroz", no ano da morte deste. Ao regressar a Portugal, Ramalho foi para Cascais "a fim de tomar os banhos do Estoril". Como é sabido, Ramalho era particular adepto de banhos de mar. Fonte: Biblioteca Nacional, Secção de Obras Raras, acervo de Jaime Batalha Reis.

1900 Nov

Lisbôa 14 de Novembro

Meu querido Batalha Reis — Estive em Paris, estive na Suisse onde acompanhei o nosso querido Queiroz, estive depois na Italia, voltei para Cascaes a fim de tomar os banhos do Estoril e somente ha oito dias me reinstallei nos Caetanos! ... mesmo entre as mais ... e tristes noticias da morte de sua mulher, tanto mais inesperada para mim quanto eram animadoras as ultimas noticias que Prado me dera d'ella em Paris no regresso de uma excursão a Londres.

Creia, querido amigo, que eu tomo a mais viva parte na dor por esta grande, irreparavel perda e aceite um estreito e longo abraço do teu velho amigo e dedicado

Ramalho

Em cima, da esquerda para a direita: o Autor, D. António Vasco José de Melo Silva César e Menezes (Marquês de Sabugosa, neto do 5º Conde de Sabugosa, escritor, poeta, membro da plêiade ilustre dos *Vencidos da Vida*) e seu filho, Engenheiro D. António Vasco de Melo Silva César e Menezes (14º Conde de São Lourenço). (Foto Júlio Almeida, Lisboa, 15 de março de 1983)

Embaixo, Dalmo Afonso Jeunon, colaborador de Dário Moreira de Castro Alves, na busca de documentos, livros e material iconográfico em alfarrabistas e livrarias, em sua mesa de trabalho. A seu lado, um mapa de Lisboa de 1888, ano da publicação de *Os Maias.* (Foto Júlio Almeida)

Dinah Silveira de Queiroz em sua casa de Brasília, em abril de 1979.

"Tomou aquela advertência mais como uma oportunidade para o galante, o feio e tão atraente Dom Guilherme. Mas logo ele lhe pediu novas de Lisboa, e ela o foi informando sobre casos do Reino.

Quando a ceia findou, ele tomou da guitarra e cantou canções de amor, como se estivesse em alegre serenata, sob o balcão de qualquer bela, na pátria distante." (*A Muralha*)

"Apanhara um livro que havia feito tanto rumor mas que para ele significava a obrigação de estar *em dia* com Eça de Queiroz. Era o escritor português mais lido no Brasil e logo deveriam perguntar-lhe por essa *Tragédia,* publicada cem anos depois de ter sido criada. Sabia que era uma história de incesto e já lhe haviam dito que para conhecer Eça seria necessário ler *A Tragédia da Rua das Flores.* Assim, ele ficaria compreendendo melhor aquele espírito negativista do grande autor de *Os Maias* que se ligara ao grupo *Os Vencidos da Vida,* com toda a sua enorme projeção que já tinha antes de morrer." (*O Desfrute*)

(Foto Deusedino Gonçalves Pereira)

Reconstituição pelo texto, da casa de Carlos da Maia que pertenceu a Guilherme Craft, nos Olivais. (Eça de Queiroz – "Os Maias")

Outras quintarolas
Rio Tejo
Povoado na colina
Vaso de pedra com cacto
Chaminé de Fábrica
Nogueira
Casa Caiada
Janelas de peitoril
Largo banco de cortiça entre 2 árvores
Alameda de acácias
Velha cavalariça da "Toca", onde o "Mulato" recolhia a parelha
Casa do criado
Persianas verdes
Renque de arbustos cerrados
Salão Nobre
Casa de banho
Alcova
Pé de margaridas
Sala
Três degraus
Casota do cão
Vasos de louça azul c/cravos
Cozinha
Portão
sineta
Kiosque japonês
Planta do piso térreo
Casa de jantar
Banho
Quarto de Rosa
Quarto de Miss Sarah
Sala de brincar
Planta do andar superior
1983

Fotografia de almoço na Embaixada do Brasil em Lisboa, em 31 de maio de 1983, ao qual compareceram quinze descendentes de Eça de Queiroz (ou cônjuges de descendentes). As iniciais (EQ) após o nome indicam essa condição. Da esquerda para a direita, na primeira fila: D. Maria da Graça Paço d'Arcos, D. Juju Viana, Francisco de Mello (EQ), D. Maria da Piedade Castelo Branco de Mello (EQ), Senador Luiz Viana Filho, D. Matilde de Queiroz Andrada (neta de Eça de Queiroz), Embaixador Dário Moreira de Castro Alves, D. Maria das Dores Eça de Queiroz de Melo (neta de Eça de Queiroz, Marquesa de Ficalho), D. Ysabel Faria. Em segundo plano: Geraldo Salles Lane, D. Luiza de Vilhena (Condessa de Alpedrinha), Jorge Correia de Campos (EQ), D. Sylvia P. Calmon, D. Matilde Eça de Queiroz Correia de Campos (EQ), D. Mariana Doll Eça de Queiroz (EQ), José Maria Eça de Queiroz (EQ), D. Teresa Eça de Queiroz Fragateiro (EQ), D. Ana Maria Doll Eça de Queiroz (EQ), Rodrigo Cortez Fragateiro (EQ), D. Maria Teresa Eça de Queiroz Cortez (EQ), Lopo Cancela de Abreu, D. Paula Marina Azevedo Campos Eça de Queiroz (EQ), Carlos Afonso Eça de Queiroz (EQ), Manuel Queiroz de Andrade (EQ), D. Maria Emília Cancela de Abreu, D. Rina Bonadies, Ministro Félix Faria e Senhor Fernando Lopes. (Foto Júlio Almeida)

Planta topográfica de Lisboa, desenhada por W. B. Clarke, em 1833 (pormenor da parte baixa da cidade). (Fonte: Biblioteca Nacional)

com uma ou outra magra verdura de quintal ressequido: depois, no fundo do vale, o Passeio estendia a sua massa de folhagem prolongada e oblonga, onde a espaços branquejavam pedaços da rua areada. Do lado de lá erguiam-se logo as fachadas inexpressivas da Rua Oriental, recebendo uma luz forte que fazia faiscar as vidraças: por trás íam-se elevando no mesmo plano terrenos de um verde crestado fechados por fortes muros sombrios, a cantaria da Encarnação de um amarelo triste, outras construções separadas, até ao alto da Graça..." Em outro ponto, é feita referência à Rua Ocidental — a que ficava do lado do poente da Avenida.

Para Basílio, numa conversa com o Conselheiro Acácio, o Passeio ao domingo era "simplesmente idiota...". O Conselheiro refletiu e assim respondeu:

— "Não serei tão severo, Senhor Brito.

Mas parecia-lhe que, com efeito, antigamente era uma diversão agradável.

— Em primeiro lugar — exclamou Acácio com muita convicção, endireitando-se —, nada, mas nada, pode substituir a charanga da Armada!

Além disso, há a questão dos preços... Ah! Tinha estudado muito o assunto! Os preços diminutos favoreciam a aglomeração das classes subalternas... Que, longe do seu pensamento lançar desdouro nessa parte da população... As suas idéias liberais eram bem conhecidas. Apelo para a Sra. D. Luísa — disse. Mas enfim sempre era mais agradável encontrar uma roda escolhida. Enquanto a si, nunca ia ao Passeio. Talvez não acreditassem mas nem mesmo quando havia fogos de vistas! Nesses dias, sim, ia ver por fora das grades. Não por economia! Decerto, não. Não era rico, mas podia fazer face a essa contribuição diminuta. Mas é que receava os acidentes! É que receava muito! (...) Além disso, nada mais fácil que cair uma fagulha acesa na cara, num paletó novo... É conveniente ter prudência." No enredo de *O Primo Basílio*, publicado em 1878, o Passeio antigo era ainda uma plena realidade. Mas já não tardavam os projetos para transformá-lo em Avenida.

Uma nota de história ligada ao Brasil merece aqui ser acrescentada. O Imperador do Brasil, D. Pedro II, visitou Lisboa pela primeira vez em 12 de junho de 1871, no início de uma viagem à Europa, e ao regressar da Europa ao Brasil, em 6 de março de 1872, segundo o *Diário de Notícias* do dia seguinte, "o Imperador traz a barba mais branca do que quando aqui passou". Essa citação é tirada de Mário

Quartin Graça, em *O Imperador do Brasil em Lisboa (1871-1872)*, segunda edição, Brasília, 1982. Quartin Graça dá conta das grandes iluminações públicas que foram preparadas, sobretudo no Rossio e no Passeio Público, e que constituem a nota mais saliente de homenagem ao Imperador do Brasil na sua segunda visita a Lisboa. Segundo o *Jornal da Noite*, citado no livro de Quartin Graça, "os candeeiros em volta da entrada do Passeio Público foram transformados à semelhança dos que se vêem às entradas do Rossio, tendo escudos ao centro com as armas de Portugal e do Brasil. Em torno, vêem-se mastros com galhardos e lustres. Na cascata do Passeio está preparada uma iluminação a gás deslumbrante, representando três escudos com o emblema das artes, o brasão de Lisboa e as armas de Portugal e Brasil".

José Augusto França explicou o significado do Passeio Público no programa da nova cidade pombalina. Com aquele logradouro entalado entre as forcas da Praça da Alegria e a Inquisição do Rossio, Lisboa transformava-se de medieval em zona comercial e de Passeio. As melhorias que foram impostas tornaram Lisboa uma cidade nova e moderna, aproveitando-se exemplos de outros países. A Lisboa de antes do Terremoto não tivera um centro de lazer como passou a ter com o Passeio Público criado por Pombal.

A Avenida da Liberdade, que sucedeu ao Passeio Público, foi sem dúvida uma grande realização do gênio português. Ainda não se estava na era do automóvel e se rasgava uma avenida larguíssima, talvez até um pouco mais larga do que o *Champs Elysées*. Mesmo hoje é uma avenida confortável, com suas duas pistas centrais e as duas pistas laterais, renques de árvores, estátuas de grandes personalidades da moderna história de Portugal e outros monumentos. Ao seu aparecimento, superados os momentos de protestos e de dúvidas, muitos a celebraram e decantaram. João de Saldanha Oliveira e Sousa, Marquês de Rio Maior, dedicou-lhe um poema, *Manhã na Avenida da Liberdade*, do qual vai citado o seguinte trecho:

> "De manhã, muito cedo, ao romper da alva,
> É que desço a Avenida erma e silente.
> Que ar tão puro! Inda livre dessa gente
> Que, a respirá-lo, o empesta, e que ele salva.
> Assobio, e as olaias, como salva,
> De pardais lançam nuvens ao Nascente;
> Nuvens cantantes, música estridente,
> Rubis de fogo em túnica e mais alva."

Augusto de Santa Rita fez um poema sobre Lisboa, em 1888, em que a Avenida é mencionada:

> "Lisboa dos velhinhos asilados
> Em guarda às cadeirinhas da Avenida,
> Tão cheinhos de rugas e engraçados,
> Em seu todo de amor e apego à Vida,
> Que até sentia tentações, ao vê-los,
> De tê-los
> Arrecadados
> Na mesma caixa de cartão, comprida,
> Em que eu guardava outrora os meus soldados.
> . . . .
> Lisboa dos bichanos nos telhados,
> Cravos e manjericos nas trapeiras,
> Lisboa dos Cafés iluminados
> E das acaloradas cavaqueiras..."

A fonte destas citações é o *Cancioneiro de Lisboa*, três volumes, Lisboa, 1958.

3.

ROSSIO

"Maior e mais abrutada, talvez seja. Mas não é esta lindeza do nosso Rossio, o ladrilhinho, as árvores, a estátua, o teatro... Enfim, para o meu gosto e para o regalinho de Verão, prefiro o Rossio... E já o disse aos turcos!"

Eça de Queiroz, *in A Relíquia*. Lisboa.

"Rossio, jadis champs de foire, tenait lieu de forum au peuple de Lisbonne. C'est aujourd'hui une des principales places de la capitale".

Marquis de Bombelles, *in Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788*, Paris, 1979.

"A Praça de D. Pedro está brilhantemente adornada de mastros com galhardetes de cores nacionais e brasileiras. Os candeeiros das esquinas que dão entrada para o Rossio transformaram-se em troféus sobrepujados de uma espécie de lustre, cuja iluminação há-de produzir excelente efeito. Os grandes lampiões colocados em frente do Teatro de D. Maria II foram cobertos de festões de talco, de variadíssimas cores, o que dá um aspecto magnífico".

Mario Quartin Graça, *in O Imperador do Brasil em Lisboa (1871-1872)*, Brasília, 1982, em citação do *Jornal da Noite*, Lisboa, 1871.

A palavra *rossio* se origina do adjetivo *ressio,* ou *recio,* que significava baldio, desocupado, bravio, devoluto, comum, desaproveitado. O adjetivo, com o correr dos tempos, se transformou em substantivo. De terreno ou terreiro rossio, comum, veio a simplificar-se em apenas rossio, isto é, terreiro, praça. Esta é a versão simplificada de seis páginas do livro *Lisboa Antiga*, de Júlio de Castilho, sobre a etimologia do nome Rossio. É como, por exemplo, o caso de largo, a significar praça ou pracinha. De terreno, campo ou espaço largo, passou-se simplesmente a largo. Em Lisboa, Largo de Santa Bárbara; no Rio de Janeiro, Largo do Machado. Diga-se que a palavra rossio, com o sentido do terreiro ou praça principal, chegou também a ser usada no Brasil, onde tivemos, por exemplo, o Rossio, que veio a chamar-se depois Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro. Em Portugal, não há só o Rossio de Lisboa. Há o Rossio de Leiria, o de Mafra, o de Alcobaça, o dos Olivais, bem como o de Évora.

Há notícia de que o Rossio de Lisboa teria começado a existir pelos fins do século XIII ou começo do século XIV. É escusado, neste trabalho, destrinçar com todas as minúcias as origens do Rossio, como o faz Júlio de Castilho ou J.J. Gomes de Brito em *Ruas de Lisboa.* Mas acrescente-se que, por toda a metade dos séculos XV e XVI (períodos de D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I, D. João III e D. Sebastião), o Rossio tinha existência definida e já era de fato o centro de Lisboa, com seu imponente Paço dos Estaos, onde chegaram a habitar alguns Reis. Gravuras de fins do século XVI dão uma visão bastante nítida do Rossio e daquele palácio, que se converteu no último quartel do século XVI em sede do Tribunal da Inquisição. Diz J.J. Gomes de Brito que após o desastre de Alcácer Quibir, em 1578, e com o domínio cas-

telhano, não somente o Rossio mas Lisboa decaiu muito do seu esplendor.

O Rossio de antes do cataclismo de 1º de novembro de 1755 apresentava, a norte, a sede da Inquisição; no lado leste (onde está hoje a conhecida Pastelaria Suíça), o grande Hospital de Todos-os-Santos, com sua igreja. A sul e oeste, casario, lojas. Os caminhos que se dirigiam do Rossio em direção ao Tejo, isto é, ao Terreiro do Paço (depois do Terremoto, Praça do Comércio), não eram reticulados como hoje o são, na concepção pombalina; eram ruas, várias delas, como ainda hoje ocorre na Baixa, com nomes de artesãos (Rua dos Espingardeiros, Rua dos Odreiros, Rua dos Escudeiros) sinuosas e irregulares. O Rossio de antes do Terremoto tinha 863 palmos de comprimento, isto é, de norte a sul, e 389 palmos de leste a oeste (o Rossio de hoje, retraçado a partir do Terremoto, tem 900 palmos de comprimento por 450 de lado).

O Convento de São Domingos já existia antes do Terremoto. Também existiam os chamados Arcos do Rossio, "onde se acomodavam as mais luxuosas lojas, que vendiam as fazendas da moda e tornavam esta praça a mais importante da capital", como se diz na já citada obra de J.J. Gomes de Brito. O Terremoto arrasou o antigo Rossio e o edifício do Tribunal da Inquisição ruiu completamente. Este foi, porém, reedificado por um dos notáveis arquitetos da reconstrução pombalina, Carlos Mardel, de origem húngara. Em 1820, depois da primeira manifestação da revolução liberal, diz J.J. Gomes de Brito que "o povo invadiu o palácio do terror e do fanatismo, devassou-lhe os cárceres subterrâneos e as masmorras. Derrubou a figura da Fé que se erguia no remate da fachada, e que tinha sido modelada pelo escultor Joaquim Machado de Castro". Na ausência do Rei D. João VI, que se encontrava no Rio de Janeiro, a regência do reino ali funcionou. Em 1836, dois anos depois de instalado o período liberal, no reinado de D. Maria II (nossa Maria da Glória), estando naquele edifício o Tesouro Público, a Secretaria da Fazenda e outras Repartições, sobreveio um grande incêndio que o destruiu. Em seu lugar, D. Maria II mandou erguer um teatro, o que foi feito segundo projeto de Fortunato Lodi. Em 13 de abril de 1846 foi o mesmo oficialmente inaugurado. A peça apresentada na inauguração foi o drama *Álvaro Gonçalves, o Magriço, ou Os Doze de Inglaterra*, original aprovado em concurso, de Jacinto Heliodoro Loureiro, e interpretado por atores do Teatro da Rua dos Condes. Em 1964, deflagrou-se um incêndio que ocasionou graves danos ao teatro e a materiais e acervos do mesmo. Encontra-se hoje completamente restaurado.

O monumento a D. Pedro IV foi comparado por um personagem do *O Primo Basílio* a "uma vela de estearina colossal e apagada". Esse monumento é o terceiro de uma série destinada a honrar o movimento

liberal e, depois, a figura de seu representante máximo, D. Pedro IV de Portugal (D. Pedro I do Brasil). Em 15 de novembro de 1821, D. João VI, acompanhado de seu filho D. Miguel, cimentou no centro do Rossio a pedra fundamental do futuro monumento. Sopravam ventos de revolta e o movimento liberal, ou ideologia vintista, como assim também se chamava, no dizer de Rocha Martins, na *Revista Municipal*, de Lisboa, em 1939, "foi varrido pelas espadas absolutistas e já não tinha direito a exibição na praça pública. O monarca mandou demolir o que se construíra e suspender os trabalhos". Em 1852, um ano antes de seu falecimento, a Rainha D. Maria II assistiu à colocação da pedra fundamental de outro monumento, destinado já a celebrar D. Pedro e o liberalismo.

Esse segundo monumento era modesto e foi objeto de sátira e muita verve dos lisboetas, férteis na colocação de alcunhas, os quais o batizaram de "galheteiro". Acrescenta Rocha Martins que o constitucionalismo estava de azeite e vinagre... Coberto o monumento de epigramas, ironia e alusões patuscas, a Câmara Municipal de Lisboa, ao tempo de D. Pedro V, mandou interromper as obras. Em 1862, no Governo presidido pelo Duque de Loulé, foi aberto crédito para projetar a construção de um novo monumento a D. Pedro IV, tendo vencido o concurso internacional o projeto nº 28, de origem francesa, dos arquitetos Jean Antoine Gabriel Davioud e Louis Valentin Elias Robert, apresentado sob esta epígrafe: "Les monuments sont la véritable écriture des peuples". O projeto foi aprovado em 1865 e o monumento foi inaugurado em 29 de abril de 1870, 44º aniversário da Carta Constitucional. Vale referir que, em 14 de maio de 1867, três anos antes da inauguração da coluna de D. Pedro, era fuzilado em Queretaro, no México, o Arquiduque Maximiliano, que Napoleão III, numa aventura desairada, pretendia fosse o fundador de uma monarquia francesa em terra asteca. A pertinência deste apontamento está, como o diz Rocha Martins, em desfazer uma fábula que existe em Portugal, no Brasil e até Estados Unidos da América, segundo a qual a estátua que está no topo do monumento do Rossio representa a figura de Maximiliano do México, porque teria havido uma fantástica "troca de estátuas" no porto de Lisboa. O projeto aprovado aparece devidamente fotografado no artigo de Rocha Martins na já citada *Revista Municipal*. Esse autor, que derruba de forma insofismável a fábula, não terá conseguido, porém, explicar a origem da lenda que ainda nos dias de hoje tem adeptos. E, como se não bastasse, Stanislaw Herstal, autor da exaustiva obra em três volumes, *Dom Pedro*, sobre a iconografia do filho de D. João VI, provou, através de fotografia tirada de perto, que a estátua no alto da coluna do Rossio é reprodução fiel do desenho do projeto aprovado. Nada fica de pé daquela fábula!

Na base da coluna de D. Pedro há as seguintes inscrições: no lado sul, olhando em direção ao Tejo: "A D. Pedro IV, os portugueses". Sobre o lado leste, olhando para a Pastelaria Suíça: "Nasceu em 12 de outubro de 1798". Sobre o lado norte, em direção ao Teatro Nacional D. Maria II: "Outorgou a Carta Constitucional em 29 de abril de 1826". Sobre o lado ocidental (lado do Café Nicola): "Faleceu em 24 de setembro de 1834". Um pouco mais abaixo: "Germano José de Salles, canteiro, construtor da parte architectônica". A estátua foi fundida na França. O monumento a D. Pedro é, pois, um monumento a D. Pedro IV como Rei de Portugal, oferecido pelos portugueses, numa manifestação a D. Pedro como político português que implantou o movimento liberal em Portugal. Não há nele menção à cidade do Rio de Janeiro, onde foi outorgada a Carta Constitucional. As duas fontes que se vêem, uma a norte e outra a sul da coluna de D. Pedro, substituíram dois poços que existiam no Rossio desde 1837. Os chafarizes, com escultura de ferro bronzeado de origem francesa, foram inaugurados em 1889. O Rossio era empedrado em xadrez, em 1837, segundo o risco do Brigadeiro Pinheiro Furtado, com desenhos de ondas negras e brancas. Em 1919, sob vários protestos, aquele tipo de empedrado foi substituído. Foram arrancados dezesseis bancos e 32 árvores.

No lado ocidental do Rossio, bem perto da esquina da Rua do Ouro, no prédio nº 26, onde ainda hoje está instalado o Café Nicola, da tradição do Bocage, cuja estátua lá se encontra, moravam no quarto andar os pais de Eça de Queiroz. Assinala Campos Matos, no seu já citado *Imagens de Portugal Queirosiano:* "Aí o escritor residiu quando recém-formado, por altura da criação dos textos que hoje constituem as *Prosas Bárbaras* e onde continuaria a hospedar-se quando de passagem por Lisboa até à sua morte, em 1900. Seu pai aí permaneceria sobrevivendo-lhe um ano ainda. Desse quarto andar, hoje instalação social de um banco, de onde se desfruta uma notável vista panorâmica sobre o Rossio e sobre os sucessivos planos de casario que o enquadram, podia o nosso autor contemplar o próprio coração da paisagem urbana do seu país. Nessa época o Rossio era ainda um belo espaço de convívio, encontrando-se integralmente revestido com um original pavimento em ladrilho preto e branco, de motivos ondulados, de que hoje só restam escassos metros quadrados em redor da estátua de D. Pedro. Por isso que o Raposão, de volta da Terra Santa, ao compará-lo com uma praça de Alexandria, se saísse com esta: "maior e mais abrutada talvez seja. Mas não é esta lindeza do nosso Rossio, o ladrilhinho, as árvores, a estátua, o teatro... Enfim, para o meu gosto e para um regalinho de Verão prefiro o Rossio... E lá o disse aos turcos!"

Uma placa, cuja fotografia acompanha este livro, colocada na parede do edifício, acima do Café Nicola, lembra o local de residência

de Eça de Queiroz. Nela, consta esta inscrição: "Neste prédio viveu e iniciou sua vida literária o grande escritor Eça de Queirós. Homenagem do Círculo Eça de Queirós e da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses. 1866-1966". Considerando que Eça de Queiroz veio a residir em Lisboa a partir do verão de 1866 e que, em 1872, partira para Havana, iniciando sua carreira consular, que o manteria em sucessivas missões no exterior (Havana, Newcastle, Bristol e Paris) até sua morte, em 1900, o escritor residiu em caráter permanente na cidade de Lisboa, seis anos incompletos, havendo ainda a descontar os períodos de estada em Évora (sete meses) e em Leiria (alguns meses). Nos 28 anos de exercício de sua carreira consular, voltou, porém, a Lisboa, não poucas vezes, em férias, licenças ou em trânsito.

Fundamentalmente, o Rossio era, no tempo de Eça, tal como o vemos hoje: no lado poente, o casario e lojas; no lado norte, o Teatro Nacional de D. Maria II; a nordeste, o Largo de São Domingos; casario no lado leste; o acesso à Praça da Figueira pelas Ruas da Betesga e do Amparo. E, no lado sul, casario com o Arco do Bandeira (advém do nome de Pires Bandeira, morador do local), do centro do qual saía, como hoje, a Rua dos Sapateiros já com esse nome, embora a tradição fosse ainda chamá-la de Rua do Arco do Bandeira. E as mesmas Rua do Ouro e Rua Augusta. Ao tempo de Eça já existia ao lado do Arco do Bandeira, à Praça D. Pedro IV, nº 6, o famoso botequim *A Tendinha*, fundado em 1840, local muito tradicional da Baixa lisboeta, famoso também por suas bebidas e comidinhas. *A Tendinha* é cantada em prosa e verso. Pertence à firma Calheiros e Carmo Lda. e seu principal dono é hoje Jaime Calheiros Carvalho. Amália Rodrigues, na apresentação no *Olympia* de Paris, cantou o fado *A Tendinha*, cuja letra de Raul Ferrão e José Galhardo aqui se reproduz:

"Junto ao Arco do Bandeira
Há uma loja, a Tendinha,
De aspecto rasca e banal
Na história da bebedeira
Ai, aquela casa velhinha
É um padrão imortal.
Velha Taberna
Nesta Lisboa moderna
És a tasca humilde e terna
que manténs a tradição.
Velha tendinha
És o templo da pinguinha
dos brancos, da ginjinha
da boêmia e do pifão.

Noutros tempos os fadistas
Vinham já grossos das hortas
Pr'o teu balcão caturrar
E os boêmios e os artistas
Iam para aí a horas mortas
Ouvir o fado e cantar."

Vale transcrever crônica de Carlos Rodrigues, que apareceu no *Diário Popular* de 2 de abril de 1980, na coluna *Lisboa & Criaturas*, intitulada "... *Velha Taberna*...":

"Ao fundo, no topo sul desta espécie de tabuleiro da cidade, que é o Rossio. Mesmo ao lado do Arco do Bandeira. Uma porta estreita, aparentemente pouco funcional para o movimento desta hora: para as sedes taxativas do fim da tarde; para o engano do estômago com o paladar de um croquete ou de um bolinho de bacalhau. Uma porta diferente das outras, em contraste com as montras gigantes do comércio. Toda a cidade parece ter confluído aqui, nesta hora. Há nos olhos das pessoas como que um destino menos certo. As pessoas arrastam-se num vagar colectivo. Caminham numa vaga onda de indiferença. As conversas sobem aos resíduos do dia. Em redor avivam-se os reclamos. Na ombreira da porta estreita, uma pintura-símbolo da Lisboa antiga. Uma data... e um letreiro decorado por gerações sucessivas: *A Tendinha*. A data, o letreiro e a pintura formam a síntese de um dos elementos mais típicos de Lisboa. E continuam a ser chamariz de um comércio que se opera generosamente, sem facturas nem máquinas de calcular. Contabilidade simples. Apenas a registradora, num constante abrir e fechar, é dona do segredo dos lucros. Falam as moedas, divididas nos compartimentos da gaveta... e as notas acamadas por sectores. A porta estreita é um sorvedouro de clientes. De toda a espécie de clientes que se esgueiram como enguias, subtraídos à multidão. Cada um, ao entrar, leva a pressa duma visita marcada, urgente e indispensável. Depois, ao sair, os rostos acusam um aspecto subitamente mais sadio — regalo vital entrado na circulação... É que esta hora não pede somente o vício de um café. É também a hora do "balde de três" e do bolinho de bacalhau mastigado num foguete. E da "imperial" que sai do barril bojudo, à vista do cliente... *A Tendinha!* Que bela crônica se poderia escrever sobre este tema, se o fado que eu ouço, em imaginação, se calasse e me deixasse ordenar idéias mais concretas a seu respeito! Se os acordes da guitarra de um boêmio, imaginário também, desaparecessem dos meus ouvidos... ou se este fado não fosse, já por si, a crônica mais fiel e perfeita sobre a história de *A Tendinha!* (...) e os boêmios e os artistas iam para ali a horas mortas ouvir o fado e cantar..."

Sim, é a voz da Hermínia ou doutra fadista qualquer que canta esse fado em *reprise*. O som da guitarra é cada vez mais distinto. O ritmo da cantadeira é saltitante, é castiço:

"... velha taberna
nesta Lisboa moderna
és a tasca humilde e terna
que manténs a tradição."

Lisboa de há mais de um século está aqui perpetuada. A sua boêmia antiga. Memórias inesquecíveis. Noitadas. Cicatrizes e risos. Choro de velhas guitarras — tudo isto nos evoca este recanto típico da cidade. Para cá do balcão, na exiguidade do espaço, o bom lisboeta que sorri. Que entra e que sai num corropio constante. Uma anedota que se conta. A graça que se contagia — um elo que a todos prende por alguns instantes.

— Uma de presunto...

— Mais um de três...

— Dois de tinto...

Mas é o som do fado que eu ouço, que paira na tarde, acima da multidão, a única crônica válida sobre este tema: *A Tendinha*. Só uma guitarra, que não as palavras, poderia acrescentar o resto..."

Helena Silveira, nas *Folhas de São Paulo*, de 15 de janeiro de 1982, prestou cumprimentos à *A Tendinha* que ela freqüentou em suas estadas em Lisboa.

O Rossio é obrigatoriamente conhecido de todos os que visitam Lisboa, especialmente amado dos brasileiros e, dentre estes, os de gerações mais maduras que naquele terreiro encontram marcas sensíveis de cidades brasileiras de 30 ou 40 anos atrás, hoje mais descaracterizadas em virtude de renovações urbanas mais vorazes do que as de Lisboa, por motivos econômico-sociais que não cabe nesta ocasião esmiuçar. O Rossio foi sempre ponto de reunião para o povo de Lisboa e ali se passaram, no dizer de J.J. Gomes de Brito, alguns dos sucessos mais importantes da história portuguesa. A vizinhança da Igreja e Convento de São Domingos contribuía para atrair o povo àquela praça. Lá também se passaram terríveis cenas, pois era de lá que saíam os autos de fé. Para citar apenas um caso, que tem ligações históricas com o Brasil, foi no Rossio, no ano de 1761, que o Padre Gabriel Malagrida, jesuíta, envolvido no processo dos Távoras, foi garroteado e queimado.

Em pelo menos dezoito livros de Eça de Queiroz, dentre romances e correspondência, o Rossio é objeto de referência. Coração de Lisboa, lugar da residência do próprio escritor e local de trabalho de um dos principais personagens, um dos que o encarnam — Carlos Eduardo da Maia.

Em *O Crime do Padre Amaro*, o personagem principal, quando se encontrava em Lisboa, depois de ter sido pároco na Gralheira (Beira Alta), no começo de sua vida religiosa, saía à noite no calor de julho "a dar duas voltas no Rossio. Amaro abafava-se no ar pesado e imóvel: a todos os cantos se apregoava monotonamente: — Água fresca! Pelos bancos, debaixo das árvores, vadios remendados dormitavam; em redor da praça, sem cessar, caleches de aluguer vazias rodavam vagarosamente; as claridades dos cafés reluziam; e gente encalorada, sem destino, movia bocejando a sua preguiça pelos passeios da rua".

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, o poeta das *Lapidárias* descreve a figura do Comendador Pinho, um brasileiro, no Rossio: "Depois do almoço calça as botas de cano, lustra o chapéu de seda, e vai muito devagar até à Rua dos Capelistas, ao escritório térreo do corretor Godinho, onde passa duas horas pousado num mocho, junto do balcão, com as mãos cabeludas encostadas ao cabo do guarda-sol. Depois entala o guarda-sol debaixo do braço, e pela Rua do Ouro, com uma pachorra saboreada, parando a contemplar alguma senhora de sedas mais tufadas, ou alguma vitória de librés mais lustrosas, alonga os passos para a Tabacaria Sousa, ao Rossio, onde bebe um copo de água de Caneças (no Concelho de Loures, de onde arranca o Aqueduto das Águas Livres) e repousa até que a tarde refresque. Segue então para a Avenida, a gozar o ar puro e o luxo da cidade, sentado num banco; ou dá a volta ao Rossio, sob as árvores, com a face erguida e dilatada em bem-estar. Às seis recolhe, despe e dobra a sobrecasaca, calça os chinelos de marroquim, enverga uma regalada quinzena de ganga, e janta, repetindo sempre a sopa." E mais adiante, o Padre Salgueiro, também um personagem-símbolo na fabulação de Eça de Queiroz, é objeto de um comentário de Fradique Mendes em que também figura o Rossio: "O que em Padre Salgueiro me encantou logo, na noite em que tanto palestramos, rondando pachorrentamente o Rossio, foi a sua maneira de conceber o sacerdócio. Para ele o sacerdócio (que de resto ama e acata como um dos mais úteis fundamentos da sociedade) não constitui de modo algum uma função espiritual — mas unicamente e terminantemente uma função civil."

Em *Notas Contemporâneas*, livro editado postumamente em 1909, está publicada uma carta de Eça intitulada *A Academia e a Literatura*, dirigida a Mariano Pina, jornalista e cronista (1859-1899), que colaborou também para a imprensa brasileira, datada de 25 de janeiro de 1888. O tema da carta era dos mais candentes: a negativa a Eça de Queiroz do prêmio D. Luís, em 1887, pela Academia Real das Ciências, cujo relator era Pinheiro Chagas. Como é sabido, Eça concorria com o romance *A Relíquia*. O prêmio foi concebido ao drama *O Duque de Viseu*, de autoria de Henrique Lopes de Mendonça, escritor pouco conhecido na história literária de Portugal. Mariano Pina tachara o concurso de "comédia". Pinheiro Chagas aparecia como o homem fatal na vida de Eça de Queiroz. No texto da carta, o Rossio surge como Pilatos no Credo. Referindo-se à cadeira que lhe foi oferecida na Academia, aquilo que na Academia Francesa se denominava *un siege*, diz Eça: "Se estes assuntos se conservam altamente privilegiados por só os ocuparem os homens de saber forte e de viva originalidade, ou se, por degeneração, se tornaram acessíveis, fáceis e desacreditados, como os bancos do Rossio — não me competia a mim averiguar."

Nas *Últimas Páginas*, do artigo *O Francesismo*, sem dúvida um dos escritos mais satíricos de Eça de Queiroz, merece ser citado o seguinte trecho: "Mas estamos colados às saias da França, como às de uma velha amante, a que nos acorrenta o vício e o hábito, e de quem não ousamos afastar-nos, para ir falar a alguma mulher mais interessante e mais fresca. Há tempos, na curta distância que vai do Rossio ao Loreto, eu fui assaltado por seis ou sete pessoas, que me travavam do braço, me arrastavam para a esquina, para me perguntar ansiosamente: Quem é uma certa Roda Brougton que escreve romance?" Ir do Rossio ao Loreto é bem o que se pode dizer em linguagem lisboeta subir o Chiado, caminhar pela Rua do Carmo e Rua Almeida Garrett em direção à Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, depois de passar pelos Mártires. Poucas caminhadas podem ser mais alfacinhas do que esta referida em *O Francesismo* por ele próprio, Eça, o caminhante, e não um personagem.

Em *O Egipto*, livro composto sobre as notas da viagem que Eça de Queiroz fez àquele país, em fins de outubro de 1869, o Rossio se faz presente no prefácio feito pelo filho. Eça ia em sua primeira viagem ao exterior a fim de assistir à inauguração do Canal de Suez, em companhia do Conde de Resende, cuja irmã, Emília, desposará dezesseis

anos depois. O livro, organizado por José Maria D'Eça de Queiroz, em 1926, afigura-se um trabalho extraordinário de reconstituição das notas soltas do pai, de difícil leitura. Possivelmente nenhuma outra pessoa teria feito trabalho igual. Segue-se a citação: "Aqueles bazares do Cairo, aquelas iluminações, aqueles cantos que se elevam na noite do mistério dos *mucharabiêhs*, não podiam ser descritos de memória, num terceiro andar do Rossio ou no Gabinete de Administração de Leiria. Aquilo traz consigo, entre as linhas, nas dobras do papel, a poesia, o calor, a poeira, o cheiro do Oriente!"

O Mistério da Estrada de Sintra foi o primeiro romance de Eça de Queiroz, escrito de parceria com Ramalho Ortigão, inicialmente publicado em folhetim pelo *Diário de Notícias*, na segunda metade de 1870. Quatorze anos depois apareceu em livro, com prefácio também assinado conjuntamente por Eça e Ramalho. O trecho a seguir, de fina elegância e com sabor de devaneio, consta das revelações do misterioso personagem que se assina A.M.C., quando se refere à Condessa de W: — "Soube daí a dias que a senhora com quem me encontrara era a Condessa de W. A figura dela tinha-me ficado moldada na memória como o rosto de um cadáver em uma máscara de gesso. Estava no Rossio quando me disseram o seu nome, ao vê-la passar em carruagem descoberta. Ia reclinada para o canto de uma vitória, quase deitada, mórbida, abstraída, indiferente, como se uma auréola invisível a segregasse dos aspectos e dos ruídos da rua, grosseiros demais para lhe tocarem. Tinha uma sedução alucinante, vestida de verão, com uma simplicidade cheia de mimo e de frescura, uma graça que se adivinha mais do que se via e que menos apetecia ver do que respirar. Levava no seio uma rosa cor de palha, e uma pequena madeixa de cabelos finos, dourados, transparentes, soltos do penteado, caía-lhe na testa. Cravei os olhos nela e tirei o meu chapéu; ela viu o meu cumprimento, olhou-me, como se eu lhe aparecesse pela primeira vez, com a mesma indiferença com que olharia para uma vidraça vazia ou para uma tabuleta sem dístico, e prosseguiu inalterável e imóvel como a imagem preguiçosa da formosura arrebatada do seu pedestal por um cocheiro agaloado e por dois cavalos a trote. Continuei a passear com um amigo com quem estava e cobri tanto quanto pude, com algumas palavras rancorosas a respeito da política a comoção que sentia."

Em *José Matias*, no livro *Contos*, já referido nesta obra quando do relato sobre Arroios, diz-se: "Um domingo, no Rossio, quando já se vendiam cravos nas tabacarias, avistei de um *coupé* a divina Elisa, com plumas roxas no chapéu. E nessa semana encontrei no meu *Diário Ilustrado* a notícia curta, quase tímida, do casamento da Senhora Elisa Miranda..." Ainda nos dias de hoje, especialmente na primavera e verão, vendem-se cravos e flores diversos em pleno Rossio, mais particularmente no canto sudoeste da Praça, no acesso à Rua do Carmo, quase defronte da casa onde morou Eça. Os jornais de Lisboa costumam entrevistar todos os anos as vendedoras de flores. Sobre esse quadro da vida lisboeta, vai citado, a seguir, trecho de uma crônica de Dinah Silveira de Queiroz, aparecida no *Correio Braziliense* de 23 de novembro de 1979: "Hoje o Rossio é um jardim movente no qual as mulheres vendem cravos, amores-perfeitos, rosas e até flores artificiais. As de Maria Manuela são finas: botões-de-rosa, que ela arma em buquês, dentro de uma bacia de barro, aqui também chamada de alguidar. A pele lisa, os lábios cheios, esta mulher de quarenta e dois anos vende suas flores desde os oito. Assim, com estas flores e concorrendo com sua voz cada vez mais alta com as outras floristas, também oferece as flores do campo que brotam sozinhas aos olhos de Deus, para transformá-las em modo de viver."

Em *Uma Campanha Alegre*, que reúne em dois tomos toda a parte que Eça de Queiroz escreveu, ao lado de Ramalho Ortigão, para o periódico *As Farpas*, diz o autor de *Os Maias*, neste trecho antológico de humor e sátira. Quando escreveu o artigo, em junho de 1871, Eça tinha 26 anos. "E não obstante, como tudo parece feliz e repousado! Os jornais conversam baixinho e devagar uns com os outros. O parlamento ressona. O Ministério, todo encolhido, diz aos partidos chuta! As secretarias cruzam os braços. O tribunal de contas, lá no seu cantinho, para se entreter, maneja sorrindo as quatro espécies. A polícia, torcendo os bigodes, galanteia as cozinheiras. O conselho de Estado rói as unhas. O Exército toca guitarra. A Câmara Municipal mata em sossego os cães vadios. As árvores do Rossio enchem-se de folhas. Os fundos descem, e descem há tanto tempo que devem estar no centro da terra. O povo, coitado, lá vai morrendo de fome como pode. Nós fazemos os nossos livrinhos. Deus faz a sua primavera... Viva a Carta!"

No segundo tomo, há uma missiva a Sua Majestade o Imperador do Brasil, datada de fevereiro de 1872. A passagem de D. Pedro II por Lisboa, em caráter não oficial, tinha sido objeto de relatos críticos e ironias. São bem conhecidas as repercussões que esses comentários tiveram no Brasil, em Pernambuco especialmente, repercussões essas referidas por Mário Quartin Graça no livro já mencionado, e com muita minúcia no livro *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil?* de Paulo Cavalcanti (São Paulo, 1966), bem como no exaustivo estudo de Heitor Lyra *O Brasil na Vida de Eça de Queiroz*, Lisboa, 1965. Houve no Rossio majestosa festa para celebrar a passagem, em privado, de D. Pedro II por Lisboa, tendo ele prestado tributo à memória do pai diante do monumento que pouco antes (1870) tinha sido inaugurado. Merece citação este trecho: "Carta a S.M. o Imperador do Brasil. Ousamos

dirigir-nos a Vossa Magestade Imperial, por um motivo de indeclinável justiça. Veio Vossa Magestade a estes reinos, e apesar de termos a obrigação de acreditar (segundo as ordens de Vossa Magestade) que não era Vossa Magestade que estava entre nós, sucedeu que alguns imprudentes, em risco de cair no imperial desagrado, ousaram afirmar por fatos públicos que Vossa Magestade era Vossa Magestade. Igualmente aconteceu que, se por um lado Vossa Magestade negava ser o Imperador do Brasil, dava bastante a entender, por outro, que não era inteiramente nem o defunto Pilatos, nem o atual varredor da travessa das Gáveas. Enfim, alguns indiscretos, vendo um homem alto, forte, encanecido, venerando, acadêmico, irmão dos terceiros da Lapa e com uma mala na mão — não esperaram mais, e no seu impulso febril e ávido de glorificar o Imperador do Brasil, festejaram Vossa Magestade. Deliberaram então estes sujeitos acender, em honra daquele que Vossa Magestade diz não ser, uma iluminação no Rossio ao pé da estátua do pai de Vossa Magestade — a quem nós, por abreviatura, neste país apressado e preguiçoso, chamamos familiarmente o Dador!"

No capítulo XXX, de julho de 1872, do segundo tomo de *Uma Campanha Alegre*, Eça se refere aos maus tratos impostos a um sargento espanhol, carlista, que se entregou às autoridades portuguesas, num ponto da fronteira setentrional dos dois países: "Há tanto tempo nos separamos da inteligência — que devíamos por fim encontrar-nos com a vileza. O Senhor Tenente, comandante da escolta — esse é um sintoma. É a consciência do exército. Tendo de conduzir um soldado espanhol internado, vencido, pacífico, desarmado, pede 20 homens: mas receia — e manda carregar as espingardas; mas treme ainda — e manda algemar o preso! Dá portanto a entender — que 20 soldados portugueses — corriam perigo nas estradas povoadas no Norte — diante de 1 soldado espanhol! Ó comissão do 1º de dezembro! Ó foguetes altivos, soberbas filarmónicas do Largo do Rossio! Aí está com o que vos responde o exército, com o seco ruído do engatilhar de 20 espingardas e com o metálico estalido dos fechos de uma algema — contra um soldado espanhol vencido e pacífico. De tal sorte, que se 1000 soldados espanhóis, de um bairro de Badajoz, passassem o Caia, desarmados, os 20 mil soldados portugueses, de todo o reino, armados, só teriam um meio de os conter — mandar os malsins algemá-los!"

Ainda nesta obra de Eça, no Capítulo XXXII, de agosto de 1872, dirige-se ele à alma de D. Pedro IV: "Depois que assim se encontrarem as comissões, Senhor, dirigiram-se com as filarmónicas para diante da estátua de Vossa Magestade. Por que Vossa Magestade tem uma estátua! — e é mesmo para nós uma felicidade ter esta ocasião de dar a Vossa Magestade esta nova soberba, e as nossas felicitações. Há três anos que Vossa Magestade a tem. É no Rossio. No meio. As

costas para o Teatro de D. Maria. Vossa Magestade está no alto de uma coluna, esguia, polida e branca como uma vela de estearina, e mostra, equilibrando-se sobre uma bola de bronze, um papel, a Carta — ao clube do Arco do Bandeira. É a quem Vossa Magestade a mostra. O clube do Arco do Bandeira pela sua atitude, modesta e digna, parece não dar por tal. Vossa Magestade está com a espada na bainha. Vossa Magestade passa à posteridade com um rolo de papel na mão, como um tabelião, ou um vate. Nada que lembre o soldado. É uma estátua-doméstica.

Ora, se era necessário representar, sobre uma peanha, o espírito político, jurídico, legista do constitucionalismo — não era Vossa Magestade que devia lá estar com a *carta* na mão, mas a figura de Mousinho da Silveira. Ora, nesse dia 24 a estátua de Vossa Magestade estava coroada. Mas como? Tinham passado dos telhados, de um dos lados do Rossio aos do outro, um fio de arame, e desse fio astuto pendia, a um metro da cabeça da estátua bamboleando-se, enorme, uma coroa larga como a roda de um ônibus! Embaixo, as filarmónicas arquejavam — de resto, foguetes, buxo, água *fresca* bem apregoada, e bandeirolas.

Que quer Vossa Magestade? — Lisboa faz o que pode; quem tem um temperamento saloio não pode tirar dele requintes de artista. Lisboa é uma cidade saloia; é uma cidade de fora de portas; é uma cidade de aldeia. A sua imaginação, violentada para conceber uma festa, não pode produzir mais que o arraial. Foguetes e filarmónicas — eis o que ela sabe dar de mais delicado aos heróis que ama. — De modo que este dia de festa como se pode definir? — UM ARRAIAL DE OPOSIÇÃO. Mais nada."

De *A Ilustre Casa de Ramires* vai extraído o seguinte texto, também expressivo da ironia eciana, bem uma mostra da *Estética da Ironia*, título do livro de Mário Sacramento, publicado em Lisboa, em 1945: "Era uma noite de maio, macia e quente. E, passeando ambos em torno das fontes secas do Rossio, Castanheiro, que sobraçava um rolo de papel e um gordo fólio encadernado em bezerro, depois de recordar as cavaqueiras geniais da Rua da Misericórdia, de maldizer a falta de intelectualidade de Vila-Real-de-Santo-António voltou sofregamente à sua idéia, e suplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os ANAIS esse romance que ele anunciara em Coimbra, sobre o seu avoengo Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I. Parou — ondeou o braço magro, como a correia de um látego, num gesto que açoutava o Rossio, a cidade, toda a nação. Sabia o amigo Gonçalinho o segredo desta borracheira sinistra? É que, dos portugueses, os piores desprezavam a pátria — e os melhores ignoravam a pátria. O remédio?... Revelar Portugal, vulgarizar Portugal. Sim,

amiguinho! Organizar, com estrondo, o reclamo de Portugal, de modo que todos o conheçam — ao menos como se conhece o xarope peitoral de James, hem? E que todos o adotem — ao menos como se adotou o sabão do Congo, hem?"

Mais adiante, no mesmo romance, a cobrir a vida de uma família com ascendência conhecida de mais de mil anos, por isso mesmo considerando-se acima do rei, há um trecho de carta de D. Maria Mendonça, "repórter precioso...", à Gracinha: "Não, não há segredos — afiançou Gracinha, rindo. — É unicamente sobre o Gonçalo, como num jornal. O administrador folheou a imensa carta, passou os dedos sobre o bigode, com certa solenidade: — Minha querida Graça: a costureira do Silva diz que o vestido... — Não! — acudiu Gracinha — É na outra página, no alto. Volte a página. — Mas o administrador gracejou, ruidosamente: — Oh! Está claro, carta de senhora, logo os trapos... E a senhora D. Graça a assegurar que era toda sobre Gonçalo. Pois já veriam se pelo meio se não falava ainda em vestidos... Ah! Estas senhoras, com os trapos!... — Depois recomeçou, na outra página, com lentidão e gravidade: — ... Deves agora estar ansiosa por saber da grande chegada do primo Gonçalo. Foi realmente brilhante, e parecia uma recepção real. Éramos mais de trinta amigos. Está claro, apareceu toda a roda da nossa parentela; e se rebentasse de repente nessa manhã uma revolução, os republicanos apanhavam ali junta, na estação do Rossio, toda a flor da nobreza de Portugal, da velha, da boa."

Em *Prosas Bárbaras*, a Introdução de Jaime Batalha Reis, escrita em Sintra, em setembro de 1903, constitui uma biografia de Eça de Queiroz, resumida mas com o valor de um testemunho. Jaime Batalha Reis, jornalista, crítico, economista e diplomata, nascido antes de seu grande amigo, mas que a ele sobreviveu 35 anos, foi seu companheiro no famoso Cenáculo, centro de tertúlias, meditações e cavaqueiras do grupo de Eça de Queiroz, dos tempos em que este começou a residir em Lisboa, a partir de 1866. Batalha Reis morava no Bairro Alto, esquina da Travessa do Guarda-Mor (hoje Rua do Grêmio Lusitano) com Rua dos Calafates (hoje do Diário de Notícias), sede do Cenáculo.

Batalha viu Eça pela primeira vez na sede da *Gazeta de Portugal*, em 1866, na Travessa da Parreirinha (hoje Rua do Capelo), ao Chiado. É nessa introdução que está inserida a descrição da chegada de Eça de Queiroz do Egito, em alta elegância, quando pela primeira vez, no Cenáculo, exibiu o monóculo. Esse minucioso relato do trajo de Eça de Queiroz, feito por Batalha Reis, consta em muitas biografias de Eça.

Vianna Moog terá melhorado e aprimorado aquele texto, o que tanto impressionou Álvaro Lins. Segue-se um texto do prefácio de

Jaime Batalha Reis às *Prosas Bárbaras*, em que resume comentário de Severo dos Anjos: "principal e célebre noticiarista da *Gazeta de Portugal*, entalando o monóculo ao canto do olho direito, inventava quotidianamente sobre o Eça de Queiroz e os seus *Folhetins*, epigramas em geral adoptados; e o Teixeira de Vasconcelos, exagerando, com a intenção mordaz, o seu natural gaguejar, concluía: — "Tem muito talento este rapaz; mas é pena que estudasse em Coimbra, que haja nos seus contos sempre dois cadáveres amando-se num banco do Rossio, e que só escre...va...va...va em francês. Pouco tempo depois de publicado o último desses *Folhetins*, em dezembro de 1867, já ninguém pensava no autor deles. Que importava às Academias, ao Café Martinho, ao Grêmio "suposto" Literário, e aos centros políticos, a aparição de um novo escritor, com um novo estilo? Eram ministros... não sei quem; discutia-se no Parlamento e na Imprensa... não sei quê; os negócios iam andando; os namoricos e as maledicências..."

Mais adiante, Jaime Batalha Reis dá estas informações de importância histórica: "Eça de Queiroz morava em casa da família, ao Rossio, no quarto andar no Prédio número 26. O seu quarto — pequeno, com uma mesa ao centro e uma estante de poucos livros — dava para a Rua do Príncipe. Aí foram, em parte, escrito os *Folhetins* das *Prosas Bárbaras*." Como é sabido, a Rua do Príncipe é hoje a Rua 1º de Dezembro, que passa por detrás do lado ocidental do Rossio (atrás do Café Nicola). Aquela fila de casario na parte ocidental do Rossio é de fundo estreito, certamente não mais de 20 metros. Portanto, o apartamento onde morava a família de Eça, dava frente para o Rossio e fundos para a Rua do Príncipe.

Em *A Capital*, Artur Corvelo caminhava triste: "sentia a névoa prender-se-lhe ao bigode, às pestanas, amolecer-lhe a goma do colarinho, e toda aquela humildade depositar-se-lhe na alma. Cheio de tédio, sentindo-se mais só nas ruas vazias de onde o nevoeiro afastara a gente, teve um desejo de se embebedar, aquecer o corpo e o espírito com genebra, rolar-se no deboche. Voltou ao Rossio: entrou num pequeno café, onde a cor suja da parede, o soalho negro, o estuque enxovalhado comiam a pouca luz dos bicos tristes de gás."

E logo adiante: "Artur, ainda vermelho, estava indignado. Havia na voz compenetrada, nos movimentos de olhos de Meirinho, fazendo o elogio da poesia obscena, uma satisfação langorosa que lhe lembrava, por vagas semelhanças, o velho do café do Rossio; e aquelas opiniões estúpidas faziam parecer mais irritante a correcção de sua barba e o catitismo do seu belo robe de chambre de ramagens."

E já perto do fim do romance: "Os sons fúnebres aproximavam-se. Saltou da cama, cobriu-se à pressa e correu à janela: uma tarde parda,

enevoada, triste, pesava sobre a cidade. Gente vestida de escuro debruçava-se pelas varandas; e ao longe, no Rossio, negrejava uma multidão. No espaço livre da rua, lajeado de pedrinhas miúdas, duas fileiras de tochas, de chamas tristes na tarde nublada, caminhavam em préstito; tons roxos de opas sucediam-se, e ao fundo, com um balanço leve, a impulsos ligeiros, uma cruz negra, com um enorme Cristo branco crucificado, adiantava-se, alta, no ar; distinguiam-se aos longos cabelos lúgubres caindo sob a coroa de espinhos, a toalha alva enrolada à cinta... E sem cessar, com tonalidades sombrias de tambores, a marcha fúnebre, abafadamente, ressoava. Era a Procissão de Cinzas."

Em *Correspondência* há uma carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão datada de 1873 (Eça, já em Newcastle, no início de seu primeiro posto na Inglaterra, após o curto período de Havana): "Por isso, amigo não creia que eu deva julgar-me feliz por me achar longe da infecção do Chiado. Ai! Como Madame de Staël, eu tenho saudades do enxurro do Rossio — você não compreende decerto este sentimento, porque nunca esteve exilado. O exílio importa a glorificação da pátria. Estar longe é um grande telescópio para as virtudes da terra onde se vestiu a primeira camisa. Assim, eu, de Portugal, esqueci o mau e constantemente penso nas belas estradas do Minho, nas aldeolas brancas e frias — e frias! —, no bom vinho verde que eleva a alma, nos castanheiros cheios de pássaros, que se curvam e roçam por cima do alpendre de ferrador..."

Também consta em *Correspondência* uma carta a Oliveira Martins, de 10 de maio de 1884, quando Eça era Cônsul em Bristol, na Inglaterra, em que também o Rossio é mencionado como um dos centros de sua educação a seguir à que teve em Coimbra: — "A tua carta de *Viriatho* é, além do que diz de mim, excelente em todos os pontos. A nossa arte e a nossa literatura vêm-nos feitas de França, pelo paquete, e custam-nos caríssimo com os direitos de alfândega. Eu mesmo não mereço ser exceptuado da legião melancólica e servil dos imitadores. Os meus romances, no fundo, são franceses, como eu sou, em quase tudo, um francês — exceto num certo fundo sincero de tristeza lírica que é uma característica portuguesa, num gosto depravado pelo *fadinho*, e no justo amor do bacalhau de cebolada. Em tudo o mais, francês, de província. Nem podia ser de outro modo; já no pátio da Universidade, já no Largo do Rossio, eu fui educado, e eduquei-me a mim mesmo, com livros franceses, idéias francesas, modos de dizer franceses, sentimentos franceses, e ideais franceses."

O Conde de Abranhos foi escrito em Dinan, na França, em 1879, mas só foi publicado pelo filho mais velho, José Maria D'Eça de Queiroz, em 1925, época em que o foram igualmente *A Capital*, *O Egipto*, *Alves & Cia.* Vale transcrever os trechos que se seguem, e não apenas

pelas referências que eles contêm sobre o Rossio: "Dois anos depois da sua formatura, encontramos Alípio Abranhos em Lisboa, numa casa da Rua do Ouro, que faz esquina para o Rossio, e praticando no escritório do famoso Doutor Vaz Correia.

O conde nunca me deu pormenores minuciosos sobre estes primeiros anos de Lisboa, nem encontro nas suas notas elementos pelos quais possa fazer deles uma narração detalhada. O país tinha então atravessado a grande crise social que é popularmente conhecida pelo nome da *Maria da Fonte*. Não me proponho, neste estudo puramente íntimo, fazer crítica histórica ou apreciar as consequências desta formidável convulsão da nossa política portuguesa.

Uma vantagem, porém — e insisto nela porque se prende indiretamente com a carreira política do Conde de Abranhos —, tiramos da Junta; e foi essa vantagem o ficar provada a impassibilidade em Portugal de um desses ministérios à Polignac e à Cabral, que vão, com uma obstinação altiva e brutal, contra as tendências do espírito público e pretendem impor-se pela força em lugar de conquistar pela habilidade. O povo é como um desses monstruosos elefantes da Índia de que tenho ouvido contar; de uma pujança indomável e de uma simplicidade risível; o mundo inteiro, pela violência, não o pode obrigar a caminhar contra a sua vontade, e uma criança, pela astúcia, obriga-o a fazer cabriolas grotescas. O povo tem a força de um elemento e um regimento não lhe pode impor uma idéia que um simples advogado hábil e em declamação lhe faz aceitar sem esforço. Isto eram verdades já velhas no antigo mundo helênico."

Outra citação:

"Descemos ao Rossio e apreçamos um caleche; o cocheiro, um batedor respeitado, o *Ginja*, pediu-nos 3$600 para nos levar a Belém, a presenciar a revolta. Éramos três e isto constituía um desembolso de um quartinho por cabeça, para ir assistir a um fato histórico... Tanta rapacidade indignou-nos. Achamos odioso que o *Ginja* aproveitasse as desgraças da sua pátria para erguer tão impudentemente a cifra das suas tarifas. Disseramos-lho em palavras severas e eloquentes: o *Ginja* ameaçou-nos com o pingalim (chicote). Então, percebendo que já se começavam a desencadear as paixões da plebe, recolhemos — eu pelo menos recolhi a casa, pensando que se o boato da revolta era exato e a imprudência do *Ginja* um sintoma, veríamos ao outro dia, repetidos no Chiado e na Baixa, os horrores de 93 e as matanças de Setembro.

Mas a verdade é que eu não acreditava na revolta; e no meu quarto, depois de ter meditado, como costumo todas as noites, sobre as vantagens da Ordem e a grandeza do Ente Supremo, adormeci, tranquilo e satisfeito.

Qual não foi o meu desgosto, ao outro dia, quando o Senhor Ferreira, estimável dono da casa de hóspedes onde eu então vivia, na Travessa da Conceição, me anunciou, atônito, que nessa madrugada houvera uma revolução em Portugal!"

Para Mário Sacramento, a novela *O Conde de Abranhos* é de um "mau gosto arrepiante", enquanto João Medina, em *Eça Político*, a considera merecedora de mesma atenção prodigalizada a outros escritos daquele a quem chama "nosso maior romancista". Diz Medina que poucos personagens ecianos serão tão odiosos e torpes como Abranhos. Clovis Ramalhete diz que *O Conde de Abranhos* veio a ser o que Eça anunciou fazer nas *Cenas da Vida Portuguesa* sob o título de *História de um Grande Homem* — a biografia de um político português que chega a Ministro pelos caminhos tortos da acomodação. E cite-se Ramalhete: "Conta-a um suposto Z. Zagalo, seu secretário particular, tipo néscio que muitas vezes, supondo fazer o elogio das virtudes de seu retratado, expõe-lhe as insuficiências morais e a fraqueza mental. *O Conde de Abranhos* é, em caricatura, referência à carreira de homem público de Antonio José de Ávila, o presidente do Conselho de Ministros do Reino que mandou fechar as Conferências do Casino iniciadas por Antero de Quental e Eça de Queiroz. Mas tem muito de comum com o Conselheiro Acácio, com o Pacheco e o Dr. Margaride de *A Relíquia*, tipos todos saídos de uma única matriz. Em *O Conde de Abranhos*, o ridículo e o traço exagerado escondem um ódio impiedoso e a figura resulta num boneco a quem sua própria matéria de construção compromete."

Após a novela *O Conde de Abranhos*, vem publicado o conto *A Catástrofe*, que João Gaspar Simões define como um fragmento do projetado romance *A Batalha do Caia*, conto inédito divulgado pelo filho, em 1925. Eça projetava um grande romance baseado sobre a batalha travada em 1709, no Rio Caia, entre anglo-lusos, de um lado, e franco-espanhóis, de outro. Os portugueses eram comandados pelo Marquês de Fronteira. O Rio Caia nasce no Alto Alentejo e corre para o Rio Guadiana. João Gaspar Simões, em *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, 3ª edição, Lisboa, 1980, narra em minúcias o plano de Eça sobre aquele romance e as vicissitudes por que passou, até que de tudo veio a resultar o conto *A Catástrofe*, impressionante pela narrativa, estilo e mensagem, com aquele fundo de ironia, agora erigido, pretendidamente, em lição nacional. A seguir, um trecho de *A Catástrofe* em que o Rossio aparece:

"Fazia anos o meu pobre amigo Nunes, que morava então ao Rossio. Desde a tarde que um pânico pairava sobre a cidade, porque a verdade é que, mesmo desde que estalara na Europa a guerra, tão violentamente provocada pela Alemanha, invadindo a Holanda, nunca em Lisboa, pelo menos na maioria do público, houvera o receio de que a coisa *chegasse cá ao nosso canto*, como então se dizia."

A Tragédia da Rua das Flores constitui a mais recente edição póstuma de produção de Eça de Queiroz, aparecendo praticamente um século após ter sido escrita e 80 anos depois da morte do escritor. Veio a lume em 1980 em meio a uma polêmica gerada pela luta de duas editoras por ter a primazia da publicação. Nesta data, ao que se saiba, circulam pelo menos seis edições diferentes da *Tragédia*. O prefácio da primeira edição da *Livros do Brasil* e o da *Moraes-Editores*, de Portugal, acrescentam elementos necessários à compreensão dos pontos de vista de cada uma das edições. João Gaspar Simões, na edição já mencionada de sua monumental biografia de Eça, também aduz considerações e documentos de interesse. Em 1925, o livro quase foi publicado e lançado. O mestre Guerra Da Cal o relacionara no famoso *Apêndice* ao seu livro *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*. Maria de Eça de Queiroz dizia que esta era a única obra de seu pai que ela não lia com agrado. Poderia, aliás, ter-se chamado *O Desastre da Travessa do Caldas*, ou *Os Amores de um Lindo Moço*, ou *O Caso Atroz de Genoveva*, ou simplesmente *Genoveva*.

É um romance imperfeito no sentido preciso da palavra: o autor certamente não o dera por terminado, pelo menos quanto ao estilo e minúcias de redação e até mesmo quanto a nomes dos personagens, embora quanto à estrutura do enredo pareça ele concluído. Lisboa refulge nesta obra que o Autor destas linhas considera merecedora de leitura atenta, mesmo tendo-se em conta o conceito generalizado segundo o qual *A Tragédia* é um borrão de *Os Maias*.

O Rossio tem suas vezes na *Tragédia*. Vejamos: "Numa manhã, o passeio a cavalo encantara Dâmaso. Genoveva era admirável, era uma amazona. Dâmaso fizera-a passar por todas as ruas, mas onde tinha relações; atravessar o Chiado, tinha caracolado no Rossio, olhando em redor com a face dilatada, para recolher os olhares de admiração, as expressões de inveja." Mais adiante: "E deixando-se (o pintor Gorjão) cair, com desalento, no divã, exalou com amargura: tinha vontade de se fazer salsicheiro; pintaria ele mesmo uma tabuleta; seria uma tabuleta extraordinária, onde os produtos essenciais de mercearia teriam a expressão humana, a brancura do toucinho, com a face balofa de um conservador; os queijos da serra teriam a papada dos vendedores burgueses; no vermelho dos salpicões flamejaria toda a prosperidade da agiotagem triunfante; todas as velas de sebo teriam, como as colunas do Rossio, aspecto de monumentos constitucionais; as barricas de manteiga afectariam o bojudismo enfartado e rançoso de um enorme ventre burguês."

O trecho seguinte é expressivo e nele Eça volta a comparar o monumento a D. Pedro IV com uma vela de estearina, como já o fizera em *A Relíquia*: "Daí a dias, Victor da Silva encontrou, no Rossio, Camilo Cerrão. Parecia ter perdido a sua animação habitual; tinha o ar estremunhado e melancólico e, sem transição, começou a queixar-se, com uma fisionomia contraída, deitando olhares irados, para os lados, como se estivesse descontente da cidade, dos habitantes, da cor, da luz e do Universo.

Os negócios iam mal. Tinha tido turras com a gente do *Variedades* e não se fazia um vintém. A culpa era do *Constitucionalismo* e da lei dos *Morgadios;* extintas as grandes famílias, tinham acabado as coleções ilustres. Os agiotas que tinham sucedido aos fidalgos só compravam litografias. O único freguês era o Estado... Mas o Estado era estúpido. A sua esperança era uma revolução. Mas, devia vir "amanhã", que, se tardasse uma semana, via-o sem pão na casa.

Victor escandalizou-se: — 'Que tolice! A sua bolha...'

— Não, não. O que me fazia conter, era pensar outra vez no retrato dessa senhora estrangeira.

Victor prometeu-lhe falar logo a Mme. de Molineux. Tinha a certeza — afirmava — que ela o desejava imenso.

Deram algumas voltas no Rossio. Camilo, que as dificuldades da vida azedavam, mostrava a cidade de um aspecto tão ignobilmente burguês e chato, as fisionomias inexpressivas do Português moderno, a fachada idiota do Da. Maria, a vergonhosa vela de estearina que tinha por pavio a imortalidade da Carta Constitucional!..."

Em *A Relíquia*, Teodorico passeava num dia de verão, no Rossio, com o inefável Dr. Margaride, o que fora delegado em Viana e depois juiz em Mangualde, rico por herança do irmão Abel, aposentado, ocioso, sempre a ler jornais na Praça da Figueira. A convivência de Teodorico com o Dr. Margaride, em locais públicos de Lisboa, prossegue, como a seguir se narra: "Teodorico descia o Chiado, numa noite estrelada, em silêncio ao lado do Dr. Margaride e pensava que, quando todo o ouro da titi fosse dele, ele poderia conhecer uma Viscondessa de Souto Santos ou de Vilar-o-Velho, não na sua frisa mas na alcova, despidas as sedas cor de palha, alva só do brilho da sua nudez, pequenina entre os seus braços. Ai, quando chegaria a hora doce entre todas de morrer a titi! Ao desembocarem no Rossio o Dr. Margaride convida Teodorico para tomar um chá ao Martinho onde há a melhor torrada de Lisboa." O relógio do Carmo, cujas ruínas são visíveis do Rossio, assim como o convento, dava as horas. Teodorico uma vez lá chegava quando soava uma hora. Indeciso, fumava um cigarro debaixo das árvores do Rossio. Já no fim do romance, Teodorico, de volta de sua

viagem à Terra Santa, onde tivera aquele maravilhoso sonho sobre a vida e paixão do Cristo (um dos pontos criticados, à época, por Pinheiro Chagas e outros, porque se dizia que o reles Teodorico não podia ter tão magnificentes sonhos), em conversa com o Padre Pinheiro, o esgalgado Negrão, a titi, o Dr. Margaride, com sua caixa de rapé, e o Justino, conta a comparação que fez do Rossio com uma praça de Alexandria, como já foi nesta obra referido. Definitivamente o Rossio estava acima da praça de Alexandria!

Em *O Primo Basílio*, o Rossio está bem presente. Reforça-se a descrição de seu caráter de praça central, com destinação de lazer, de gosto bem popular. Basílio, D. Felicidade e Luísa passeavam em Lisboa e tomavam neve (sorvete): "No Rossio, sob as árvores, passeava-se; pelos bancos, gente imóvel parecia dormitar; aqui e além pontas de cigarros reluziam:..." E a seguir, aquela já conhecida comparação da coluna de D. Pedro com uma colossal vela de estearina.

Basílio é descrito com todos seus defeitos e qualidades boêmias: "partidas de monte (caça) até de madrugada com ricaços do Alentejo; uma tipóia despedaçada num sábado de touros; ceias repetidas com alguma velha Lola e uma antiga salada de lagosta; algumas pegas aplaudidas em Salvaterra ou na Alhandra; noitadas de bacalhau e Colares nas tabernas fadistas; muita guitarra; socos bem jogados à face atônita de um polícia; e uma profusão de gemas de ovos nas glórias do Entrudo. As únicas mulheres mesmo que apareciam na sua história, além das Lolas e das Carmens usuais, eram a Pistelli, uma dançarina alemã cujas pernas tinham uma musculatura de atleta, e a condessinha de Alvim, uma douda, grande cavaleira, que se separara de seu marido depois de o ter chicoteado, e que se vestia de homem para bater ela mesmo em trem de praça do Rossio ao Dafundo."

Luísa ia também ao Rossio, no caminho para a prática de seus encontros ilícitos com o primo Basílio: "Às duas horas Luísa saía da Encarnação — e ia tomar um trem ao Rossio; para não parar à porta do *Paraíso* com espalhafato de tipóia, apeava-se ao Largo de Santa Bárbara; e fazendo-se pequenina, cosida com a sombra das casas, apressava-se, com os olhos baixos e um vago sorriso de prazer.

Basílio esperava-a deitado na cama, em mangas de camisa: para não se enfastiar, só, tinha trazido para o *Paraíso* uma garrafa de conhaque, açúcar, limões; e com a porta entreaberta fumava, fazendo grogues frios. O tempo arrastava-se, via a todo o momento as horas, e sem querer ia escutando, notando todos os ruídos íntimos da família da proprietária, que vivia nos quartos interiores; a rabuge de uma criança, uma voz acatarroada que ralhava, e de repente uma cadelinha que começava a ladrar furiosa."

E de novo eis Luísa no Rossio, em seu longo passeio que tivera um ponto alto em São Pedro de Alcântara, de onde o Conselheiro explicara toda a cidade: "Foram ao comprido do Rossio, até ao fim. Voltaram, atravessaram-no em diagonal. E, pelo lado do Arco do Bandeira, aproximaram-se para a Rua do Ouro. Luísa olhava em redor aflita, procurava uma idéia, uma ocasião, um acontecimento — e o Conselheiro, grave a seu lado, dissertava. A vista do Teatro de D. Maria levara-o para as questões da arte dramática: tinha achado que a peça do Ernestinho era talvez demasiado forte. De resto só gostava de comédias. Não que se não entusiasmasse com as belezas de um *Frei Luís de Sousa,* mas a sua saúde não lhe permitia as agitações fortes."

Mais adiante: "O trem (carruagem) partiu enfim. O Rossio reluzia ao sol: do americano, parado à esquina, gente descia apressada, de calças brancas, vestidos leves, vinda de Belém, de Pedrouços; pregões cantavam. Todos ali ficavam nas suas famílias, nas suas felicidades, só ela partia! Luísa, ao romper com o primo, já perto do fim do romance, tomou um *coupé* (nos Arroios) e partiu para o Rossio, entrando a chorar convulsivamente. Daí a dois dias, pela manhã, Basílio, no Rossio, procurava com o olhar em redor um *coupé* decente. Mas o Pintéus, avistando-o de longe, lançou a parelha. — Cá está o Pintéus, meu amo! — Parecia encantado de tornar a ver o sr. D. Basilinho. E apenas ele lhe disse:

— Lá acima, à Patriarcal, ó Pintéus!

— A casa da senhora? Pronto, meu amo. — E, endireitando-se na almofada, bateu."

Em *Os Maias,* Carlos Eduardo, médico formado por Coimbra, tem seu consultório no Rossio, um primeiro andar de esquina. "Carlos mobilou-o com luxo. Numa antecâmara, guarnecida de banquetas de marroquim, devia estacionar, à francesa, um criado de libré. A sala de espera dos doentes alegrava com o seu papel verde de ramagens prateadas, as plantas em vasos de Ruão, quadros de muita cor, e ricas poltronas cercando a jardineira coberta de coleções do *Charivari,* de vistas estereoscópicas, de álbuns de atrizes seminuas; para tirar inteiramente o ar triste de consultório, até um piano mostrava o seu teclado branco." Mas o trabalho de Carlos não era intenso: "Do Rossio, o ruído das carroças, os gritos errantes de pregões, o rolar dos americanos, subiam, numa vibração mais clara, por aquele ar fino de novembro; uma luz macia, escorregando docemente do azul-ferrete, vinha dourar as fachadas enxovalhadas, as copas mesquinhas das árvores do município, a gente vadiando pelos bancos; e essa sussurração lenta de cidade preguiçosa, esse ar aveludado de clima rico, pareciam ir penetrando pouco a pouco naquele abafado gabinete e resvalando pelos veludos pesados, pelo verniz dos móveis, envolver Carlos numa indolência e numa dormência."

Ainda em *Os Maias,* sempre o Rossio presente: "De novo a tipóia bateu para a Rua da Prata. O Senhor Vilaça ainda não viera; o escrevente estava realmente pensando que o Senhor Vilaça fora ao Alfeite. E diante desta incerteza, de repente, Ega ficou de novo descoroçoado, sem coragem. Despediu a tipóia; com o embrulho do cofre na mão foi andando pela Rua do Ouro, depois até ao Rossio, parando distraidamente diante de um ourives, lendo aqui e além a capa de um livro na vitrina dos livreiros. Pouco a pouco o negrume da véspera, um momento adelgaçado, recaía-lhe na alma mais denso. Já não via as 'libertações', nem as 'compensações'. Só sentia em torno de si, como flutuando no ar, aquele horror — Carlos a dormir com a irmã."

No fim do romance, Carlos Eduardo e João da Ega, depois da longa ausência do primeiro, de Lisboa, voltam ao Rossio e com saudade recordam os tempos do consultório de Carlos Eduardo e amigos desaparecidos. No lugar do antigo consultório, parecia existir um pequeno atelier de modista: "Carlos teve uma exclamação de saudade. Pobre marquês! Fora uma das suas fortes impressões, nesses últimos anos — aquela morte do marquês, sabida de repente ao almoço, numa banal notícia de jornal!... E através do Rossio, andando mais devagar, recordavam outros desaparecimentos; a D. Maria da Cunha, coitada, que acabara hidrópica; o D. Diogo, casado por fim com a cozinheira; o bom Sequeira, morto uma noite numa tipóia, ao sair dos cavalinhos..."

Logo adiante: "Eram quatro horas, o sol curto de inverno tinha já um tom pálido. Tomaram a tipóia. No Rossio, Alencar, que passava, os viu — parou, sacudiu ardentemente a mão no ar. E então Carlos exclamou, com uma surpresa que já o assaltara essa manhã no Bragança:

— Ouve cá, Ega! Tu agora pareces íntimo do Alencar! Que transformação foi essa! Ega confessou que realmente agora apreciava imensamente o Alencar. Em primeiro lugar, no meio desta Lisboa toda postiça, Alencar permanecia o único português genuíno."

Alexandre O'Neill, em *Uma Lisboa Remanchada,* Lisboa, 1979, faz versinhos à Avenida da Liberdade, ao Chiado, ao Parque Eduardo VII, à Travessa do Poço da Cidade (Bairro Alto), ao Benformoso (Mouraria) e a outros locais lisboetas. À Avenida da Liberdade dá o poeta lisboeta, que colaborou na *Seara Nova,* esta mensagem:

> "Subamos e desçamos a Avenida,
> enquanto esperamos por uma outra
> (ou pela outra) vida."

De Natália Correia, açoriana, poeta e ficcionista, também da *Seara Nova,* autora do romance *Anoiteceu no Bairro,* Lisboa, 1946, vai extraído o texto que se segue e em que figura a Igreja de São Domingos, bem a um canto do Rossio:

"Quim Felugem, encarrapitado num escadote, alinhava latas de conserva.

Passou os olhos pela primeira página: Eclodiu um movimento no México... hum!... hum!... Não interessa.

O cortejo de oferendas... também não interessa. A viagem e regresso do sr. Ministro das Colónias... boa viagem e que lhe fizesse bom proveito... Uma conferência da Sociedade de Geografia... boa soda... Um pedido de casamento... que casassem depressa e tivessem muitos meninos... Começaram as Novenas do mês de Maria na Igreja de S. Domingos... parabéns às beatas..."

João Rui de Sousa, lisboeta, colaborador de uma dezena de periódicos e jornais — *Seara Nova* inclusive —, celebra Lisboa em *Hipérbole na Cidade,* Porto, 1960. O Rossio é personagem:

> "Rossio. Rossio mil e um, mil e dois, mil e três...
> Rossio multimoda da Lisboa-viela,
> Lisboa aquecida. Lisboa despida.
> Lisboa-viagem numa caravela.
>
> Barcos de papel à tona d'água.
> Cesto de papel-à-vista, flor.
> Papel nos bolsos, papel nas arcas.
> Papéis-meninas a vender amor."

4.

PRAÇA DO COMÉRCIO, TERREMOTO E RECONSTRUÇÃO DA BAIXA POMBALINA

"...Pois ficareis alfacinha para sempre, cuidando que todas as praças deste mundo são como a do Terreiro do Paço, todas as ruas como a Rua Augusta, todos os cafés como o do Marrare".

Almeida Garrett *in Viagens na Minha Terra,* Lisboa, 1954.

"Place du Commerce. La plus grande place de Lisbonne et une des plus belles de l'Europe. Elle mesure 177 m. sur 92 m. formant un rectangle dont la partie méridionale s'ouvre sur la Tage (...)".

Marquis de Bombelles, *in Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788,* Paris, 1979.

"A sua (de Eça de Queiroz) visão crítica de Lisboa, predominantemente decadentista, nem sempre porém interessam peças de fundamental presença na estética citadina. Por isso que o Terreiro do Paço, tantas vezes citado, não conceda uma única referência à estátua de D. José, como do tão queirosiano Passeio Público, jamais ressaltará a presença vizinha, tão afirmativa, do Palácio Foz".

Campos Matos, *in Imagens do Portugal Queirosiano,* Lisboa, 1976.

"A Baixa é a sucessora do esteiro do Tejo, que nos tempos da conquista da cidade aos Mouros, chegava ao sítio onde está hoje o Rossio".

Carlos Pereira Callixto, *in Diário de Notícias,* Lisboa, 30 de julho de 1983.

A Praça do Comércio é um dos mais belos logradouros de Lisboa e de Portugal — sem dúvida uma das mais belas praças da Europa. É a denominação que deu D. José I, em 20 de dezembro de 1764, depois do Terremoto, ao local onde antes havia o Terreiro do Paço que D. Manuel o Venturoso mandou fazer, conquistando terreno ao Tejo, como o assinala J. J. Gomes de Brito. No velho Terreiro, do lado do Tejo, a ocidente, estava o Paço da Ribeira, vasto e suntuoso palácio onde D. Manuel faleceu (está sepultado nos Jerônimos). Na velha praça havia, no lado oriental, a Alfândega, começada ao tempo de D. Manuel e concluída ao tempo de D. João III, seu sucessor. O Terreiro do Paço foi literalmente arrasado pelo terremoto que se registrou depois de passados os 40 minutos das 9 horas da manhã do dia 1º de novembro de 1755, dia de Todos-os-Santos. Lisboa era, antes do megassismo, como assim continuou a ser bom período depois dele, uma cidade essencialmente ribeirinha, ao longo da margem direita do Tejo, de Xabrega (a oriente, onde está a belíssima Igreja da Madre de Deus) até Santos-o-Velho (tenha-se presente a tão falada Rampa de Santos, de *Os Maias*), e, com interrupções, ainda a Belém. A intensidade da concentração urbanística aumentava à medida que se caminhava para o centro, em torno do Terreiro do Paço e do Rossio, as duas praças então comunicadas por ruas sinuosas sém semelhança com o reticulado de hoje, originado diretamente da reconstrução pombalina. A planta de Lisboa de 1650, de autoria de João Nunes Tinoco, no dizer de Irisalva Moita (na introdução ao catálogo da exposição *Lisboa e o Marquês de Pombal,* no Museu da Cidade, 1982), "continua a ser o único documento que permite a reconstituição topográfica de Lisboa antes do Terremoto de 1755, já que a planta encomendada por D. João V a Manuel da Maia, em 1719, que daria uma imagem mais

correta da cidade destruída, desapareceu". Daquele ano de 1650 até ao ano do Terremoto não houve grandes alterações urbanísticas em Lisboa. Predominava a imagem da *urbs* labiríntica do tipo medieval, fortemente concentrada entre o Castelo de São Jorge, a oriente, e o alto de São Francisco (o Chiado), a ocidente, e as duas praças que vão subsistir, reorganizadas e reconstruídas — Rossio e Terreiro do Paço. A seguinte citação do texto de Irisalva Moita se afigura interessante: "Entre a massa confusa do casario, apenas alguns conjuntos arquitectónicos de maior presença se sobrelevavam o Terreiro do Paço, com o Paço da Ribeira, mandado construir por D. Manuel, mas, sucessivamente enriquecido nos reinados posteriores, com a sua imponente cúpula projectada por Terzi, rematava, do lado do Tejo, o principal eixo da cidade. À sua volta dispunham-se os mais importantes edifícios públicos: as Alfândegas, a Casa da Índia, os Estaleiros Navais. A leste, situava-se a Ribeira Velha, principal mercado de peixe e de hortícolas da cidade, enobrecido com o fundo arquitectónico onde se sobrelevava o portal manuelino da Igreja da Misericórdia e a desconcertante fachada da Casa dos Bicos; o Palácio Corte Real, ao Corpo Santo, que foi residência de D. Pedro II, enquanto Regente; o Palácio dos Duques de Bragança, transformado em Casa do Tesouro da Coroa, o Tesouro Velho, depois que os Braganças alcançaram a dignidade real (...). Sobre o confuso casario da cidade, dominava, porém, a imponente e mole arquitectónica em que, no decurso dos tempos, se transformaram os antigos Paços de Alcáçova, abandonados pela corte desde início do século XVI (no alto da Colina do Castelo). Apesar de a Cidade ter crescido, e ainda em 1741 se ter alargado com a nova freguesia de Santa Isabel (Campo de Ourique), as transformações operadas durante o reinado de D. João V traduziram-se, principalmente, em pormenores de ostentação que o ouro do Brasil sustentava."

O terremoto de 1755 fez ruir a parte mais nobre do "velho burgo alfacinha" que, sempre no dizer de Irisalva Moita, séculos de história tinham transformado numa das mais famosas cidades da Europa. O megassismo chegou a alcançar a escala 10 de Mercali. Logo após as destruições sobreveio uma imensa nuvem de poeira. A seguir, o inesperado maremoto e, depois, o pavoroso incêndio que se prolongou por quatro dias e que acabou por transformar em cinzas o que escapara ao sismo. Por cima de tudo, o saque e a pilhagem pelos malfeitores e a repressão sumária. Ficou em estado praticamente irrecuperável toda a *Baixa Lisboeta*, a colina de São Francisco (Chiado), o Carmo (cuja

igreja testemunha hoje a tragédia de ontem), as zonas da Sé e São Mamede (parte do Bairro Alto). Os óbitos, como já foi dito, foram de 10 mil, segundo os cálculos otimistas; até 30 mil ou 40 mil segundo os mais extremados. A maior abundância de iconografia do terremoto de Lisboa é de origem estrangeira. Algumas delas obviamente fantasiosas. No Museu Nacional de Arte Antiga (Museu das Janelas Verdes) há um quadro do pintor João Glama Stromberle intitulado *Cena de Desolação Junto da Igreja de Santa Catarina*, que é um documento contemporâneo do desastre de 1755.

Se Pombal disse ou não aquela famosa frase — "enterrar os mortos e tratar dos vivos" —, em resposta à indagação do Rei D. José I, sobre o que fazer depois da tragédia, deixa de ter relevância diante do fato de que imediatamente se começou a pensar na reconstrução de Lisboa. Nos primeiros dias da catástrofe, Sebastião José de Carvalho e Melo (não era ainda então nem Marquês de Pombal, nem Conde de Oeiras, era apenas um fidalgo de província, como diz Agustina Bessa Luís) começou logo a agir. Data de 29 de novembro o decreto que ordena o cadastro de cada bairro destruído e de 3 de dezembro o decreto que anuncia estarem encomendados os planos para cada bairro. Pombal contou com a colaboração direta do 1º Duque de Lafões, D. Pedro Henrique de Bragança, e de um grupo de notáveis arquitetos convocados por Pombal, o primeiro dos quais, Manuel da Maia (1672-1768), tinha 73 anos à época. Os outros mais importantes foram Eugênio dos Santos (1711-1760), Carlos Mardel (húngaro de nascimento, radicado em Lisboa desde 1733, com data de nascimento não esclarecida, falecido em 1763), Miguel Anchelo Blasco, José Monteiro de Carvalho, João Pedro Ludovici (filho do famoso arquiteto que construiu Mafra, Frederico Ludovici), Mateus Vicente, Reinaldo Manuel. Estes homens foram, segundo os relatos da história, verdadeiramente extraordinários como profissionais e como pessoas dedicadas à grande tarefa da reconstrução. De Eugênio dos Santos, o principal criador da Baixa pombalina, se diz que morreu de excesso de trabalho, sendo considerado, por isso, um mártir da restauração de Lisboa. Juntamente com Carlos Mardel é o co-autor do plano de reconstrução de Lisboa que foi finalmente aprovado e, com modificações, executado. É o chamado projeto número 5, de um total de 6 projetos que foram coordenados e examinados por Manuel da Maia. A reconstrução da parte baixa de Lisboa incluía uma área, a ocidente, a partir da Praça de São Paulo (onde se diz que a família de Sebastião José tinha interesses fundiários), até oriente, a Ermida dos Remédios, na Alfama. Estendia-se à colina de São Francisco e às Chagas, ultrapassando a antiga Rua das Portas de Santa Catarina (altura da Igreja do Loreto e da Encarnação). Alcançava o Rossio e depois o Passeio Público e subia a Encosta

do Castelo (Igreja do Socorro) e o Largo do Chão da Feira. A Praça do Comércio ficava ligada ao Rossio pelo famoso retângulo de ruas em reticulado, interligando-se os eixos da Rua Áurea e da Rua Augusta. A seguir a esta, a Rua Bela da Rainha (depois da Prata) e a Rua Nova da Princesa (dos Fanqueiros) que já desembocam em outra praça, a da Figueira. Cruzando estes eixos, a partir de sul para norte, as ruas Nova de El-Rei (do Comércio), de São Julião, dos Retrozeiros (da Conceição), da Vitória, da Assunção e de Santa Justa. Entre a Rua Áurea e a Rua Augusta desenvolve-se, mas não na mesma extensão daquelas, a Rua dos Sapateiros (antiga Rua do Arco do Bandeira) que desemboca em pleno Rossio, no Arco do Bandeira; entre a Rua Augusta e a Rua Bela da Rainha, a Rua dos Correeiros e, mais a oriente, a Rua dos Douradores, a dos Fanqueiros e a da Madalena, a qual leva ao conhecido Largo do Caldas (a partir de recente data, Largo do Doutor Adelino Amaro da Costa).

A Rua Áurea, a Rua Augusta e a Rua Bela da Rainha eram consideradas as mais nobres. De modo geral foram previstas nas construções, além do andar térreo, três andares e um último amansardado. O plano previa o primeiro andar com janelas rasgadas com balcão corrido e os outros dois de janelas de peitoril e o último, como já foi dito, com mansardas. Este foi o projeto piloto que se encontra na base da edificação da Baixa pombalina, da traça de Eugênio dos Santos. Carlos Mardel, que desenhou as construções do Rossio, fez uma linha diferente, com alternância de janela e porta ao nível do 1º andar, quebrando a continuidade da varanda corrida dos projetos de Eugênio dos Santos. A Praça do Comércio foi enriquecida com imponente arcada que reviveu a tradição arquitetônica (o Hospital de Todos-os-Santos, que existia no Rossio antes do Terremoto, era no estilo de arcadas). Eugénio dos Santos tinha proposto um Arco Triunfal ao começo da Rua Augusta, substituído por um esboço de Mardel, mas nem um nem outro foi construído. O atual arco, de gosto considerado duvidoso, foi feito mais de cem anos depois, em 1873, sob o risco de Veríssimo José da Costa. Colaborou para ele Vitor Bastos, autor das estátuas que representam Nuno Álvares, Viriato, Pombal e Vasco da Gama. Porta de entrada ou de saída da Baixa pombalina, o arco, a partir de maio de 1983, deixou de estar sob a administração da Direção-Geral do Patrimônio, do Ministério das Finanças, para ficar jurisdicionado pelo Instituto Português do Patrimônio Cultural. No alto, duas figuras representam o Tejo e o Douro. A inscrição latina que se vê acima, lida por quem está na Praça do Comércio, diz, em tradução portuguesa: *"As virtudes dos nossos maiores para que sirva a todos de exemplo. PPD: por subscrição pública."* O Terremoto e o espírito da reconstrução pombalina de Lisboa são objeto de estudos particular-

mente interessantes por José Augusto França, em seu livro *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, 1977.

Tal foi o vulto das construções ao tempo da recuperação da cidade por Pombal que bem se pode dizer, como assinala Irisalva Moita, que, muito antes da industrialização, surgiu um verdadeiro sistema de pré-fabricado em série para atender à grande demanda de modelos de portas, janelas, pilastras, arcos, balaustradas, varandas, etc., dado o planejamento de construções uniformes ou parecidas. Também é pertinente assinalar que Pombal mandou importar barracas de madeira da Holanda, para substituir as barracas de pano utilizadas pelos flagelados.

No centro da Praça do Comércio (que, segundo Manuel Cadafaz de Matos, no *Diário de Notícias*, de Lisboa, de 1º de janeiro de 1983, era a princípio arborizado com amoreiras da China), encontra-se a estátua equestre de D. José I, inaugurada com pompa e estrondosa festa em 6 de junho de 1775, dois anos antes de seu falecimento. A estátua é da autoria do escultor Moaquim Machado de Castro e a obra de fundição foi realizada no Arsenal do Exército, de um só jato, pelo Tenente-General de Engenharia Bartolomeu da Costa. A estátua pesa quase 30 toneladas e foram necessários três dias para arrastá-la do Arsenal do Exército para a Praça do Comércio. Transcreve-se a seguir interessante descrição de Manuel Cadafaz de Matos: "Aí situa-se, à direita, portanto do lado ocidental da praça, uma figura que conduz um cavalo pisando aos pés os inimigos e uma outra que empunha uma palma de vitória, numa alegoria à figura (mítica) do Triunfo. Na parte esquerda do monumento, portanto na parte oriental da referida praça, vê-se a figura da Fama, de trombeta em punho dando clamor às glórias do País. Ao lado, um elefante e um homem prostrado. Na face frontal do monumento podem ver-se as armas reais e, logo abaixo, um grande medalhão de bronze com a efígie em relevo do Marquês de Pombal. Quando o estadista caiu em desgraça, ao tomar as diretrizes do reino de D. Maria I, o medalhão com o busto de Sebastião José de Carvalho e Melo foi retirado. Estava-se no ano de 1777. Mas o evoluir dos acontecimentos (políticos) levaria a que, em 1833, o medalhão voltasse ao mesmo lugar."

Na obra *O Marquês de Pombal e o Brasil*, de Miguel Franchini-Netto, está transcrita a proclamação assinada por D. Pedro, em sua condição de Duque de Bragança e em nome de sua filha, a Rainha D. Maria II, pela qual manda repor a imagem em bronze do Marquês de Pombal no pedestal da estátua de D. José I. Lá ainda está.

A Praça do Comércio é fundamentalmente o centro administrativo do Governo português, embora hoje já o seja menos. O Primeiro Ministro tem à sua disposição o Palácio de São Bento, situado atrás do

edifício da Assembléia da República, e um moderno edifício na Rua Gomes Teixeira, nos Prazeres, onde se realizam as reuniões do Conselho de Ministros. Na Praça do Comércio estão hoje sediados os Ministérios da Administração Interna; da Agricultura, Comércio e Pescas; da Defesa; da Habitação, Obras Públicas e Transportes; das Finanças; da Justiça e Reforma Administrativa. Também funcionam na Praça do Comércio o Estado Maior da Armada e o Superior Tribunal de Justiça, olhando este para sul, entre os começos da Rua Augusta e da Rua da Prata. Sua grande sala D. Maria I é de reconhecida beleza e imponência. Também lá funcionam os Correios.

Em *O Mandarim*, um dos romances escritos na primeira pessoa, como a *Relíquia* e *As Cidades e as Serras*, Eça de Queiroz, na plena posse do humor e das *vis* cômica, nele já harmoniosamente fundidas estas duas fases da ironia (no dizer de Mário Sacramento, em sua já mencionada obra *Uma Estética da Ironia*), a maior parte da trama do livro se passa fora de Lisboa e de Portugal. Para Álvaro Lins, em *História Literária de Eça de Queiroz*, *O Mandarim* constitui a primeira evasão do naturalismo para o domínio da fantasia que sempre atraiu o grande escritor. Intencionalmente Eça levanta com esta novela problema que pessoalmente resolvera de modo diferente, em Havana, não deixando sem seu apoio os chineses de Macau nas plantações de Cuba. "Não matou o mandarim" e por isso não ficou rico como o Teodoro. O entrecho, fantástico na perfeita acepção da palavra, se fundamenta, no início, naquela história de que Teodoro um dia se deparou, num vetusto *in-folio*, com um capítulo intitulado *Brecha das Almas*, onde se dizia: "No fundo da China existe um mandarim mais rico que todos os reis de que a fábula ou a história contam. Dele nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdes os seus cabedais infindáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?"

Teodoro, definindo sua personalidade e suas ambições, pouco antes de topar com o mágico capítulo *Brecha das Almas*, diz que não podia negar que ele era ambicioso. "Não que me revolvesse o peito o apetite heróico de dirigir, do alto de um trono, vastos rebanhos humanos; não que a minha louca alma jamais aspirasse a rodar pela Baixa em trem da Companhia, seguido de um correio choutando; mas pungia-me o desejo de poder jantar no Hotel Central com champanhe, apertar a mão mimosa de Viscondessas e, pelo menos duas vezes por semana, adormecer, num êxtase mudo sobre o seio fresco de Vênus (...). Oh! tipóias, apinhadas de andaluzas, batendo galhardamente para os touros

— quantas vezes me fizestes suspirar! Porque a certeza de que os meus vinte mil réis por mês e o meu jeito encolhido de enguiço, me excluíam para sempre dessas alegrias sociais, vinha-me então ferir o peito — como uma frecha que se crava num tronco, e fica muito tempo vibrando!"

Trem da Companhia era uma carruagem dos serviços públicos de transportes de Lisboa. Trem era carruagem e comboio é para os brasileiros o trem. O Hotel Central, talvez o que mais aparece ao longo de toda a obra de Eça de Queiroz, foi um tradicional hotel situado à Rua dos Remolares (dizia-se Romulares) nº 27, no Cais do Sodré, onde está a praça hoje chamada Duque da Terceira, à direita de quem acede para a Rua do Alecrim. O prédio existe mas não o Hotel Central. Ao alto do edifício está a inscrição SADOMAR, uma firma de navegação marítima. Pelo lado da Rua do Alecrim, no mesmo local, há a entrada para o Hotel Bragança, mas este estabelecimento não tem o que ver com o Hotel Bragança do tempo de Eça de Queiroz, na Rua Ferregial de Cima, que será bem identificado no capítulo sobre o Chiado — o hotel em que se hospedou D. Pedro II quando visitou Lisboa em 1871-1872.

A seguir, Teodoro dizia que era saboroso, à noite, ir ao Martinho sorver aos goles um café, "ouvir os verbosos injuriar a Pátria". O Martinho era um famoso Café que existia ao longo da segunda metade do século XIX e só fechou suas portas na década de 1960 para ceder lugar a uma agência do Banco Fonsecas & Burnay. Também era conhecido pelo nome de Martinho do Camões. O pequeno largo que se encontra no canto noroeste do Rossio, entre o Teatro Nacional D. Maria II e a Estação do Rossio, já foi chamado Largo do Camões. Mas isto não era homenagem ao poeta Luís Vaz de Camões, recordado na importante Praça Luís de Camões, no Chiado, e sim a Caetano José da Silva Sotto Mayor, um juiz do tempo de D. João V, alcunhado Camões. Hoje o local se chama Praça D. João da Câmara (poeta e ator teatral, 1852-1908). É fonte destas informações o *Diário de Notícias*, de 7 de maio de 1983.

Outra coisa é o Martinho da Arcada (hoje café-restaurante), o mais antigo botequim de Lisboa, quase contemporâneo da construção da Praça do Comércio e das suas tradicionais arcadas. Situado no centro das atividades públicas de Lisboa, foi durante longo período, que decorre de sua fundação (1786) até por volta das décadas de 1940 e 1950, um local de frequência obrigatória para altas figuras da vida nacional. "A recordação de suas memórias" — diz um papel da década de 1930, na posse de sua atual proprietária, D. Albertina Sá Mourão, que também possui a Pastelaria Ferrari, no Chiado — "seria afinal

a história da vida pública portuguesa nos últimos 150 anos: mas conta também *entre* as suas tradições a presença de altas figuras da literatura e das artes nacionais que, no seu ambiente discreto, tranquilo e tradicionalista, encontraram o propício meio para as suas horas de vagares ou de trabalho." De Filinto Elísio a Fernando Pessoa, o poeta do movimento modernista em Portugal e idolatrado no Brasil, passaram por suas mesas notáveis personalidades de Portugal. Fernando Pessoa lá esteve três dias antes de morrer, em 1935, bebendo um último café com José de Almada Negreiros, como o relata seu biógrafo João Gaspar Simões. Era mesmo por alguns chamado o Café do Pessoa. No fim do século XVIII, começou por fazer dinheiro vendendo *neve*, isto é, sorvete, especialmente de morango e leite. Também lá se vendiam bilhetes para as carreiras de seges entre o Terreiro do Paço e Belém. D. Albertina Sá Mourão, que pode em 1983 ser encontrada na Pastelaria Ferrari, diz que sua mãe, D. Maria Judite Mourão, que conhecera de perto o poeta Fernando Pessoa, afirmava ser ele "uma figura triste, com um chapéu muito porco mas afinal um gênio". Estas e outras rememorações constam de artigo de Fernando de Assis Pacheco no quinzenário *Jornal de Letras*, de Lisboa, nº 44, de 26 de outubro de 1982. Dona Judite dizia que Fernando Pessoa tinha um defeito: "bebia muito vinho tinto e às vezes pagava a sopa com um poema." Na poesia intitulada *Sá Carneiro*, Fernando Pessoa se refere ao Martinho como o Café da Arcada. O Martinho da Arcada foi frequentado pelo Engenheiro Duarte Pacheco (o Ministro das Obras públicas que renovou Lisboa, na década de 1940), o Ministro Arantes e Oliveira, o Almirante Américo Tomás, o Almirante Mendonça Quintanilha Dias. Dentre escritores e pessoas ligadas à arte vem Júlio Dantas, que daquele botequim disse ser o coração político da cidade, Rafael Bordalo Pinheiro, Magalhães Lima, Júlio César Machado e outros. Parte do entrecho do recente romance de Fernando Namora, *O Rio Triste*, editado no Brasil e em Portugal, segundo o citado artigo, se passa no Martinho da Arcada, embora o Café habitualmente frequentado por Fernando Namora hoje se encontre na Avenida Infante Santo, perto de sua casa, a Pastelaria Infante Santo, também conhecida por Café do Alexandrino. Conforme, porém, Namora assinalou ao Autor destas linhas, seu romance *O Rio Triste* se refere ao antigo Martinho do Rossio, e não ao Martinho da Arcada.

Eça situa Teodoro como residindo na Travessa da Conceição. Em seu tempo, na Baixa lisboeta, já era corrente o nome Rua da Conceição, que substituíra o antigo nome de Retrozeiros, lembrado ainda hoje. As artérias que cruzavam as ruas principais, na direção sul-norte, na Baixa, eram anteriormente chamadas travessas. Depois passaram à categoria de ruas. Esta explicação é necessária porque, oficialmente,

Travessa da Conceição era na Lapa, hoje chamada Travessa da Conceição à Lapa. Hoje também existe uma Travessa da Conceição no bairro das Mercês. Mas não há dúvida de que Teodoro morava na Rua da Conceição, na Baixa, pois há referência ao repique dos sinos da Conceição Nova, igreja que existiu na parte ocidental da Rua da Conceição e foi destruída para integrar o conjunto do edifício da Caixa Geral de Depósitos, que dá frente para a paralela Rua de São Julião. A antiga Igreja da Conceição Nova foi alienada pelo Patriarcado de Lisboa para, em troca, construir a nova Igreja de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berna, esquina com a Avenida 5 de Outubro, na década de 1930.

Teodoro não era, por outro lado, excessivamente infeliz; "não suspirava, olhando as lúcidas estrelas por um amor à Romeu". Aspirava ao racional e ao tangível, ao que podia desejar um bacharel. Enquanto uma flor bastaria para consolar uma deserdada costureira de Londres, a substância da felicidade poderia estar, na Baixa lisboeta, em ser alguém um homem de Estado... Sucedem-se reflexões sobre a moral e as ambições diante dos cento e tantos mil contos oferecidos à luz de uma vela de estearina, na Travessa da Conceição, e, por fim, sem mais hesitar, Teodoro toca a campainha e mata o mandarim. E depois começa a chegar a riqueza na visita de um emissário que traz letras de Hong Kong, Xangai e Cantão, dinheiro muito, a sacar sobre Londres, Paris, Hamburgo e Amsterdão. E desponta logo sua vida de rico, com esbórnias em lupanares, para depois voltar à casa da Madame Marques, na Travessa da Conceição, e ter um dia a primeira daquelas alucinações que vão persegui-lo enquanto tiver nos bolsos o dinheiro e dentro de si a certeza de que matou para ficar rico: sobre a cama jazia a figura bojuda do mandarim fulminado, vestida de seda amarela, com um grande rabicho solto; e entre os braços, como morto também, tinha um papagaio de papel! Mas logo tudo desapareceu por um encanto... Vem a longa viagem à China, naquela fabulosa narrativa eciana, e ao final o personagem regressa, depois de emergir dos nevoeiros que cercam Gibraltar, desembarca em Lisboa no Cais das Colunas para de novo deparar-se com a figura bojuda do mandarim a encher todo o Arco da Rua Augusta; seu olho fixava-me — os dois olhos pintados do seu papagaio pareciam fixar-me também... Teodoro, então, se propõe a renunciar aos milhões que ganhara com o haver tocado a campainha mágica que matava no outro lado do mundo aquela figura bojuda, cujo avantesma não o largava. E por isso volta a seu quartinho na Travessa da Conceição e ao ramerrão dos seus escritos de amanuense do Reino. E vem a moral da história que Teodoro proclama: "Só sabe bem o pão, que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o mandarim."

O Cais das Colunas é um pequeno desembarcadouro sobre a Praça do Comércio a que se acede por uma rampa. É ornado com duas colunas mais altas, na extremidade. Na literatura contemporânea é referido, por exemplo, por Fernando Namora em *O Rio Triste*: "*A Tribuna* titulava a notícia sobre um cadáver que fora retirado das ludras (sujas, turvas) águas do Tejo, deste modo: Caiu ao Tejo no Cais das Colunas (...). Homens-rãs recuperam cadáver de jovem sem identificação (...). Ao fim da manhã de hoje ainda não tinha sido identificado o corpo do pescador que, ontem à tarde, se afogou no Tejo, junto ao Cais das Colunas, no Terreiro do Paço."

O Conde de Abranhos é um romance (Vergílio Ferreira, em *Sobre o Humorismo de Eça de Queiroz*, Coimbra, 1943, não concorda com a classificação de romance que o próprio autor deu a esta obra, considerando-a novela) em que a Baixa também esplende. Alípio Severo Abranhos, futuro Conde de Abranhos, na narrativa de seu secretário Z. Zagalo para a viúva, a Viscondessa de Abranhos, nunca fora visto, em moço, em conflitos com futricas ou em noitadas nos bilhares da Baixa. Era crescente a simpatia do Padre Augusto pelo moço Alípio, que não blasfemava, que o acompanhava naquele seu passeio higiênico ao comprido do Cais do Sodré. Depois da formatura, Alípio praticava advocacia no escritório do famoso doutor Vaz Correia, numa casa da Rua do Ouro que faz esquina com o Rossio, e morava na Travessa da Conceição, na Baixa, com o Senhor Ferreira, estimável dono de uma casa de hóspede. Dizia-se depois de Alípio que fora amante da velha Madame Gato, que tinha um prostíbulo no Arco do Bandeira, e também se espalhava que ele era filho de um sapateiro de Penafiel, muitas vezes condenado. A personagem D. Laura era dotada de uma língua feroz contra os que não exerciam a devoção à maneira dela, de seu Deus terrível que vivia na Igreja de São Domingos (na parte interior do canto nordeste do Rossio, o Largo de São Domingos, onde há hoje um botequim também famoso, *A Ginjinha*), insaciável de louvores. O sacerdote particular deste seu Deus era Padre Augusto, que morava numa casa de hóspedes às Portas de Santo Antão. Continua a existir, e com muita animação, a Rua das Portas de Santo Antão — da qual se poderia dizer que mais da metade dos estabelecimentos nela fixados são dedicados à venda de comedorias e bebidas, restaurantes, *snacks* modernos mas com comida tradicional, manteigarias, charutarias, etc. As Portas de Santo Antão, que há muito deixaram de ser portas, eram, no dizer de Júlio de Castilho, em *Lisboa Antiga,* uma das "mais ilustres de Lisboa". Faziam parte da cerca fernandina, porque construída pelo Rei D. Fernando, o Formoso, entre os anos de 1373 e 1375, como o relata com precisão Fernão Lopes em *Crônica Del-Rei D. Fernando.* A cidade necessitava, porém, de uma

nova couraça que a protegesse porque a mais opulenta parte da população do burgo lisboeta já morava fora da primitiva cerca moura e "alastrava num esplêndido arrabalde desamparado".

"Alípio Abranhos era acusado de ter relações culpadas com a mulher de um tal Bento, correeiro nas Portas de Santo Antão, mas este caso é inteiramente diferente. O correeiro era tão insensível à honra do seu lar que consentia que sua mulher fosse visitar diariamente uma tia — que ele sabia ter falecido havia meses. Além disso, pela sua posição modesta, esta ligação nunca poderia ser posta em evidência nem andar nas conversas da cidade, não correndo assim o risco de ser uma lição perniciosa para a mocidade." Esta era a *lição* do idiota Zagalo.

Padre Augusto morava às Portas de Santo Antão nº 36, 2º andar, em casa de Gervásio (existe hoje naquele endereço a Pensão Lafonense). Também vale referir este trecho em que aquela área de Lisboa aparece: "Daí a dias, ao sair da Igreja de São Domingos, Virgínia — que, como me afirmou o Conde mais tarde, tinha em rapariga o hábito de escutar às portas — ao ver Alípio corou prodigiosamente. E, quando recolhia com o sacerdote às Portas de Santo Antão, teve o gozo de lhe ouvir estas palavras memoráveis: — Não há que ver, o amigo deu no goto às senhoras."

Ao final da história, Abranhos, irmão gêmeo de Acácio, da estirpe dos Gouvarinhos, Sousas Netos (o inefável Conselheiro de *Os Maias*) e Pachecos (do *Fradique Mendes*) é feito Ministro. Era grande a expectativa em sua casa na Rua do Alecrim. Realizava-se a reunião no Paço (Palácio da Ajuda) para a formação do Governo. O bacharel Tavares (primo de D. Virgínia, pintor, poeta, dramaturgo, amador nestas artes mas um "formoso e variado talento") oferecera-se para ir pela Baixa, ao Martinho, ao Central (hotel), colecionar os boatos, para voltar ofegante, limpando o suor do pescoço, a dizer que não se sabia de nada; o Guedes (Guedes Navarro, o homem incumbido de formar o Governo) ainda devia estar para o Paço. Pouco depois Tavares fora de novo à Baixa, aos boatos; mais adiante, o bacharel voltava dos boatos, da Baixa, mas eis que Guedes Navarro, chefe do partido dos Nacionais que fora chamado ao Paço, para grande sensação, pressentida sua vinda pelo rolar da carruagem, chega à casa de Abranhos com quem se fecha no escritório. Pouco depois a porta se abre: a pasta era a da

Marinha! É nessa ocasião que há aquela famosa cena recordada por tantos ecianos: imperava a alegria em casa de Abranhos e o Doutor (aquele cavalheiro estimável, de aspecto lúgubre) "dava-lhe apertões furiosos, sôfrego dele, querendo sepultá-lo no seio, penetrar-se de Sua Excelência". Abriram-se garrafas para celebrar e "ficaram todos em grupo, no meio da sala, com os copos na mão, gozando a atmosfera ministerial de que já estava penetrada a casa". E mais: "Cercaram-no, estendendo as faces banhadas de riso para lhe beber as palavras." E assim Alípio Abranhos, já agora bem estabelecido e respeitado, ia começar sua carreira ministerial na pasta da Marinha, só tendo visto o mar aos 21 anos de idade, com um invencível horror a navios, não sabendo se Moçambique estava a ocidente ou a oriente da África...

Vergílio Ferreira considera que o núcleo da obra é humorístico, visto como o "idiota Zagalo" está incluído na idiotice geral. "Quer dizer, adentro de uma lição de moral ainda estreita, o Conde de Abranhos parece que há de servir o justo humorismo tal como o anotamos em *O Alienista*." Vergílio diz que, nesse conto de Machado de Assis, o leitor ri francamente com toda a história mas do riso nasce a reflexão ulterior. Simão Bacamarte só é ridículo até aquele ponto em que a reflexão do leitor entra em jogo e, assim, o cômico e o sério se combinam de modo a justificar o humorismo ideal do escritor. O humorismo está no centro da obra e alarga-se à periferia.

No conto *Catástrofe*, o personagem morava à esquina do Largo do Pelourinho justamente defronte do Arsenal. O Largo ou Praça do Pelourinho (hoje o título oficial é Praça do Município) é uma das mais regulares e formosas praças de Lisboa, circundada por nobre casario, enquadrada entre as ruas do Arsenal e Comércio e o Largo de São Julião. Ao centro o elegante monumento de onde lhe vem o nome. As duas principais edificações são o Palácio da Câmara Municipal (Paços do Concelho) e o majestoso Arsenal da Marinha, no lado sul da Praça.

Depois do Terremoto, começou-se a construir, segundo o risco do Arquiteto Eugênio dos Santos Carvalho, um novo edifício para a Câmara Municipal de Lisboa. Por circunstâncias diversas, a Câmara só ficou permanentemente instalada em 1795. Um incêndio, em 1863, destruiu-a quase completamente. Em 1875, ficou pronta a atual sede da Câmara Municipal de Lisboa. Foi autor do projeto, com modificações, o Arquiteto Domingos Parente. A primeira reunião da vereação de Lisboa nos atuais Paços do Concelho — um dos belos edifícios públicos de Lisboa — realizou-se em 26 de junho de 1876.

A parte norte e a parte ocidental da Praça do Município são formadas por bela casaria construída no rigor da arquitetura da reconstrução

pombalina. No conto *A Catástrofe*, o personagem diz que um prédio na Baixa é mais vantajoso do que uma casa bonita na Rua de Buenos Aires (na Lapa) ou no Bairro das Janelas Verdes. A casa defronte do Arsenal fora comprada com dinheiro da herança da tia Petronilha. Da sua janela o personagem diz que, antes da invasão, raras vezes pensara em observar a figura da sentinela do Arsenal. Com certo vagar e melancolia é retratada sua figura, às vezes à chuva, com suas passadas de sola dura.

Diz em certo momento o personagem: "Enquanto falavam assim, ao pé da mesa de jogo onde jaziam, esquecidas, as cartas do antigo voltarete (um jogo de mesa), pacato, cheguei-me à janela, todo o vasto céu estava toldado de uma névoa esbranquiçada; mas sob o Arco do Bandeira alargava-se um grande espaço azul, como a entrada circular de um imenso pórtico, e no centro brilhava uma larga lua triste, muda, lívida. A colina, ao lado, com o seu castelo, recostava em escuro a sua linha mole sobre a palidez azul do fundo. Uma tristeza imensa parecia cair daquela decoração. Invadiu-me a alma uma piedade vaga pelas desgraças pátrias e, sem saber por que, senti-me tomado de uma saudade angustiosa, a saudade de alguma coisa que desaparecera, que findara para sempre e que eu não sabia bem o que era. Embaixo, o Rossio brilhava surdamente entre as linhas iluminadas das lojas; o largo, em torno da coluna, que o luar tocava de um traço pálido, negrejava de gente; nem um grito, nem uma voz... era uma massa escura, que parecia estar ali amodorrada, arrebatada no terror instintivo que congrega os animais, esperando resignadamente a tormenta; e das casas brancas, altas, desconsoladas, caía a mesma sensação de abstenção aterrada e de concentração egoísta num medo obscuro."

Singularidades de uma Rapariga Loura é um conto escrito em Havana e publicado em Lisboa, em 1874, pelo *Diário de Notícias* — "a primeira narrativa realista escrita em português", segundo Fialho de Almeida. A mãe de Luísa, a cleptômana, noiva de Macário — o homem dos canhões (punhos) de veludinho —, estava numa modista, no primeiro andar de um prédio da Rua do Ouro, enquanto os noivos, na mesma rua, desceram a um ourives que havia embaixo. Dois trechos podem ser citados por sua graça como pela sua pertinência com a casa de jóias na Rua do Ouro. "... Luísa ia examinando as montras forradas de veludo azul, onde reluziam as grossas pulseiras cravejadas, os grilhões, os colares de camafeus, os anéis de armas, as finas alianças frágeis como o amor, e toda a cintilação da pesada ourivesaria." E este outro: "Deram alguns passos na rua (do Ouro). Um largo sol aclarava o gênio feliz; as seges passavam, rolando ao estalido do chicote; figuras risonhas passavam, conversando; os pregões ganiam os seus gritos alegres; um cavalheiro de calções de anta fazia ladear

o seu cavalo, enfeitado de rosetas; e a rua estava cheia, ruidosa, viva, feliz e coberta de sol." Ao fim do conto, dá-se a cena em que Luísa, depois de algumas suspeitadas manifestações de cleptomania, furta um anel com dois brilhantes do balcão da ourivesaria. O noivado foi desfeito. Macário — o homem que começara no conto por dizer que "seu caso era simples" — tirou o braço de Luísa passado no seu e despediu-se bruscamente da rapariga loura, dizendo: — "Vai-te (...)! És uma ladra!" E partiu naquela mesma tarde para a província.

Em *José Matias*, a Rua do Ouro volta a aparecer na fabulação queiroziana. O mais recente amor da divina Elisa era um apontador (capataz de obras) de Beja. José Matias, escaveirado e esfrangalhado, já na extrema decadência a que o levara aquela estranhíssima paixão de amor e de renúncia, viu o apontador numa manhã de chuva comprando (o gerúndio é de Eça) camélias a um florista da Rua do Ouro.

Em *Correspondência*, há uma carta a Ramalho Ortigão, de Newcastle, de 17 de maio de 1875, sobre *O Crime do Padre Amaro*, que estava então quase pronto. Eça pedia a Ramalho intercessão junto ao editor Chardron a respeito da venda da edição. Dizia: "Se o Chardron não quiser de modo nenhum — o tigre! — então, resta-nos o Moré, o Pereira, o Bordalo, etc. Mas isso é com você. Da Rua dos Caetanos (endereço de Ramalho) à Baixa é incontestavelmente mais perto do que Eldon Square — de onde lhe escrevo — à mesma Baixa."

Em carta a Teófilo Braga, Eça diz que este, juntamente com o grande e belo Ramalho, é quem mais o "tem empurrado pra diante". Escrevendo de Newcastle, em 12 de março de 1878, discorre sobre *O Primo Basílio*. Apresenta este seu romance sobretudo como "um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa; a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque, cristianismo, já não o tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria; nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc. — enfim, a burguesinha da Baixa. Por outro lado, o amante — um maroto, sem paixão nem a justificação da sua tirania, o que pretende é a vaidadezinha de uma aventura e o amor grátis. E de outro, a criada, em revolta secreta contra a sua condição, ávida de desforra." E seguem-se alusões a outros personagens: Acácio, D. Felicidade, Ernestinho, Sebastião, etc.

Nas *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, há uma supostamente dirigida ao próprio Eça de Queiroz. Descreve a vida de uma mulher em Lisboa. Após uma tumultuosa sessão na Câmara, aplausos, olhadela

aos deputados, tagarelice, vai até à Baixa. E antes, ia arranjar flores na praça da Figueira...

Na série de artigos sob o título geral de *Crítica e Polêmica*, apensos ao final das *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, no primeiro deles, *Idealismo e Realismo* (a propósito da 2ª edição do *Crime do Padre Amaro*), Eça imagina que se trate de descrever uma menina que se chamasse Virgínia e que habitasse defronte, num prédio da Baixa. Apresenta o dilema da descrição da personagem Virgínia por um romancista idealista e por um naturalista, cada um com sua técnica. Enquanto o escritor idealista pouco se interessa por pintá-la, o naturalista começa por uma coisa extraordinária: vai vê-la! E isto já é uma revolução na arte. Estuda tudo de Virgínia, que não é Cordélia, nem Ofélia, nem Santo Agostinho, nem Clara de Borgonha — mas que é a burguesa da Baixa, em Lisboa, no ano da graça de 1879.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, no princípio do romance, conversavam animadamente Gonçalo Mendes Ramires, o imenso Titó, o Gago e João Gouveia (o administrador do Concelho, ex-advogado em Mértola), sobre um alegado projeto de venda de Lourenço Marques aos ingleses (conforme clamavam, com horror, os jornais da oposição), pelo Governo do São Fulgêncio. João Gouveia disse então que, se ele fosse o responsável, venderia Lourenço Marques, Moçambique, e toda a costa oriental africana, "posta em praça, apregoada no Terreiro do Paço!". Mais adiante, Gonçalo, na torre, acompanhava, em pensamento, o André Cavaleiro nos seus giros pela Baixa, pela Arcada, pelos Ministérios. E imaginou, naquele jogo de tricas políticas, o André Cavaleiro aceitando com servilismo para Vila Clara "a candidatura de algum imbecil da Arcada (...)"

A Tragédia da Rua das Flores é um romance de cenário maciçamente lisboeta. Como em *Os Maias*, nele também refulge com pormenores a bela Sintra. Victor fora o jovem apaixonado por Genoveva no mistério daquela relação incestuosa, mistério que se decifra de forma muito rápida na parte final do romance. Sobrevém a morte imediata de Genoveva pelo suicídio, pela posse de um terror alucinado que a transtornou ou mesmo a ensandeceu, fazendo-a em um átimo atirar-se da janela para a rua, com um grito estridente.

O jovem advogado Victor trabalhava com o Doutor Caminha, na Rua do Arco do Bandeira. Tinha horror àquela rua. Uma ocasião, depois do almoço, Victor vai ao escritório, "um escritório atroz de tédio e de porcaria, na Rua do Arco do Bandeira" (Rua dos Sapateiros). Victor é apresentado ora deslocando-se pela Baixa, ora pelo Aterro, ou subindo a Rua do Alecrim, após dar uma volta ao Aterro. Luís Forjaz Trigueiros assinala, em capítulo intitulado *Nossa Lisboa do Eça*, de seu

livro *Monólogo em Éfeso,* que o Aterro, hoje Avenida 24 de Julho, continua, agora sem os veículos chamados americanos (bondes puxados a burro), mas com os elétricos (bondes): "que a Rampa de Santos, mais desafogada, se reclina, preguiçosa, junto à Igreja e ao muro do Palácio Marquês de Abrantes. (...) Com a intensidade de seu tráfego, nas horas de ponta, o Aterro, noite alta, desvenda-nos ainda seus fantasmas queirosianos. Perto, o Tejo pressente-se mais do que se vê, mas é o bastante para a identidade do local e certa idéia inconsciente do fluir do tempo, como as águas." O nome Avenida 24 de Julho veio homenagear o desembarque dos liberais, em 24 de julho de 1833. Comandava as tropas o Duque da Terceira, cuja estátua está hoje na Praça que lhe leva o nome (chamava-se Praça dos Remolares), no princípio da Avenida 24 de Julho, no Cais do Sodré. Num dado momento em que Victor foi passear no Aterro, "o mar batia tristemente contra o cais e, na extensão saturada de água, tremulavam luzes acanhadas de barcos que, às vezes, no súbito clarão de um luar gelado, desenhavam mastreações espectrais. Mas aquela decoração não condizia com o estado luminoso da sua alma..."

Um dos fascinantes personagens secundários de *A Tragédia da Rua das Flores* é o pintor Gorjão, na busca incessante "do verdadeiro princípio da Arte", na certeza de que, logo que o achasse, produziria obras consideráveis, renovaria a pintura em Portugal, faria escola, encheria os museus de quadros sublimes e viveria na posteridade. Para isso, lia todos os clássicos, todos os góticos. Gorjão — amigo de Victor, este um escutador paciente e atento de suas grandes tiradas e depósito passivo da exuberância do seu palavreado estético — se perguntava por que se dependuravam quadros nas paredes, para que se enfileiram galerias nos museus? Eis a resposta que o próprio Gorjão se dava: "para que o burguês, o homem primitivo, a alma nobre cansada das tristezas plebéias da vida, possa contemplar alguma coisa de mais belo, de mais nobre, de mais interessante, de mais pitoresco, que as salas de jogo, os cubículos da Boa Hora, a luz magra dos escritórios e oleados das secretarias. A sala, portanto, deve ser pitoresca; representar paisagens doces, suaves, onde se envolve o homem que é obrigado a viver constantemente na Baixa; onde se mostrem cenas grandiosas, de galas, de cavalgadas triunfais, de festas, aos que apenas vêem o movimento trivial dos americanos que rolam, ou de cangalheiros que passam (...)" Aparentemente Gorjão morava na Baixa, a julgar pelas descrições de seu atelier num quarto andar, que era o seu olimpo. Também engraçada e interessante é a descrição sobre o desalento em que, após suas conversas sobre a arte, com Victor, caía Gorjão, desejando até fazer-se salsicheiro: "Pintaria ele mesmo uma tabuleta; seria uma tabuleta extraordinária, onde os produtos essenciais de mercearia teriam expressão humana; a brancura do toucinho, com a face balofa de um conservador; os queijos da serra teriam a papada dos vendedores burgueses; no vermelho dos salpicões flamejaria toda a prosperidade da agiotagem triunfante; todas as velas de sebo teriam, como as colunas do Rossio, aspecto de monumentos constitucionais; as barricas de manteiga afectariam o bojudismo enfartado e rançoso de um enorme ventre burguês. E por baixo, em letras escarlates, de um escarlate radical e escaldante: Camilo Gorjão — merceeiro da Casa Real." Ainda sobre as idéias de Gorjão: "Imaginava ele uma escola de pintores sobretudo preocupados com a beleza plástica. As mulheres grávidas, vendo constantemente nas suas paredes belos quadros, com formas divinas de seres humanos, impregnando-se deles nos nove meses de gestação, dariam à luz como na Grécia corpos perfeitos. A raça portuguesa passaria a ser a mais bela do Universo, a rivalizar com a Grécia antiga. Passariam pelo Chiado costureiras belas como Vênus e se dirigiriam às secretarias do Terreiro do Paço amanuenses nobres como Apolo."

João da Maia, filho de uma das mais velhas famílias de Portugal, apresentado por Dâmaso a Victor, contava, para divertir as senhoras (Genoveva entre elas), uma conspiração de que tinha feito parte para proclamar a república. O local era um 4º andar na Rua dos Capelistas, com santo e senha. A Rua dos Capelistas é desde 1910 a Rua do Comércio.

Na *Correspondência de Fradique Mendes,* em um daqueles oito capítulos em que este é apresentado e definido por Eça de Queiroz (antes de transcrever-lhe as *Cartas*) como um cavalheiro do mundo, o poeta das *Lapidárias,* um dos personagens em que se encarna o próprio escritor, aparece menção à Travessa do Guarda-Mor, no Bairro Alto, cenário real do grupo de intelectuais amigos de Eça depois que passou ele a residir em Lisboa. Eça diz que numa noite espantara Teixeira de Azevedo com um Fradique idealizado em que tudo era irresistível: as idéias, o verbo, a cabaia (vestuário chinês de grandes mangas) de seda, a face marmórea de Lucrécio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto! Fradique dera-lhe a impressão de ser postiço e teatral. Depois dessa cena, Fradique, símbolo de elegância, personificação suprema do *chic* e do mais refinado dandismo intelectual, engravatado em cetim, de gardênia ao peito, ia com Teixeira de Azevedo, no fundo de uma tipóia, ao Hotel Central, no Cais do Sodré. No livro também se fala nos armazéns de Alfândega, no centro de Lisboa, na Rua da Alfândega (ali está um verdadeiro monumento, a Igreja da Conceição Velha), onde tinha encalhado um caixote contendo (o gerúndio é do próprio Eça) uma múmia egípcia, de um escriba do tempo de Amon, cronista de Ramsés II, defunto letrado que Fradique despachara de Paris para dar de presente a uma dama de Inglaterra, amiga

sua de Atenas. Para fins de Alfândega, a múmia teve de ser assimilada a arenque defumado. Também novamente entra em cena o Hotel Central, onde, num grande divã de cores estridentes, Fradique, na sua cabaia de seda, celebrava por entre o fumo da *cigarrette* a imortalidade de Boileau! Estava ele diante de duas janelas que miravam o Tejo, sentindo embaixo o rumor das carroças de ferragens que rolavam para o Arsenal da Marinha, ali perto.

Em carta a Madame de Jouarre, Fradique cumpria o juramento de que, todas as semanas após chegar a Lisboa, lhe mandaria descrições, notas, reflexões e panoramas, pelo correio. É nessa carta que Fradique conta sua chegada a Lisboa, quando no trem, à portinhola, um homem de boné de galão, com o casaco encharcado de água, pedia-lhe o bilhete chamando-o de Vossa Excelência! "Em Portugal, boa madrinha, todos somos nobres, todos fazemos parte do Estado e todos nos tratamos por Excelência." Era Lisboa e chovia. Vinham poucos no comboio, uns trinta talvez, gente simples, de maletas ligeiras e sacos de chita, gente que bem depressa atravessou a busca paternal e sonolenta da Alfândega e logo se sumiu para a cidade sob a molhada noite de março. Foi uma peripécia para Fradique encontrar a bagagem e uma tipóia para ir ao Hotel Bragança! Esta surgiu finalmente do negrume de uma viela...

Em outra carta a Madame de Jouarre, em que relata o que tinha andado a fazer na formosíssima Lisboa — *Ulyssipo pulcherrima* — Fradique conta aquela vidinha de passeios, pela Baixa e pelo Rossio, do Comendador Pinho, o Pinho brasileiro, em trecho já citado nesta obra. O Pinho envergava uma quinzena (jaquetão comprido) de ganga (tecido comparável ao brim ou mescla) e jantava repetindo sempre a sopa. Depois do café dava um "higiênico" (expressão que define o *cooper* de hoje) pela Baixa, com demoras pensativas mas risonhas diante das vitrinas de confeitarias e de modas. Aos domingos, à noitinha, com recato, visitava uma moça gorda e limpa que morava na Rua da Madalena.

Em outra carta a Madame de Jouarre, aparece a casa de hóspedes da Travessa da Palha (Rua dos Correeiros), onde Fradique conhece aquele notável personagem que é o Padre Salgueiro, com ligações de confissão e missa com fidalgas que têm capela ou através de longas residências em Lisboa, "nestas casas de hóspedes na Baixa, infestadas de literatura e política". E foi passeando com Padre Salgueiro, rondando pachorrentamente o Rossio, que Fradique Mendes tomou conhecimento da maneira como ele concebia o sacerdote, na verdade um funcionário do Estado (na monarquia, supostamente no reinado de D. Luís). O sacerdote é um empregado público que usa uniforme, a batina, como os guardas da alfândega usam a fardeta, que em vez de

todas as manhãs ir para uma repartição do Terreiro do Paço, para escrevinhar ou arquivar ofícios, vai a uma outra repartição onde há um altar para celebrar missas e administrar sacramentos. "Suas relações não são com o céu, mas com a Secretaria da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos. Como funcionário, executa certos atos públicos que a lei determina a bem da ordem social — batizar, confessar, casar, enterrar. Os sacramentos são cerimônias civis indispensáveis para a regularização do estado civil. Nas noites em que conversava com o Padre Salgueiro na Travessa da Palha, Fradique descobriu seu desconhecimento completo das origens e da história da Igreja. Jesus não possui melhor amanuense. Um outro amigo de Fradique, um frade do Varatojo (convento de missionários perto de Torres Vedras, Distrito de Lisboa), este sim era um homem tomado pelo êxtase de sua fé e pelo devorador cuidado na pacificação das almas e, por isso mesmo, chamava aquele zeloso funcionário da religião de o horrendo Padre Salgueiro."

A propósito de *A Correspondência de Fradique Mendes*, Dinah Silveira de Queiroz, em crônica intitulada *O Manto Diáfano da Fantasia*, publicada no jornal *A Província do Pará*, de Belém, em 12 de novembro de 1980, pretendeu apontar um cochilo em Eça de Queiroz, ou melhor, em Fradique... Logo no início das *Memórias e Notas* sobre Fradique Mendes, assinalou Dinah o seguinte trecho: "Li algures que Juan Ponce de Léon, enfastiado das cinzentas planícies de Castela-a-Velha, não encontrando também já encanto nos pomares verde-negros da Andaluzia — se fizera ao mar, para buscar outras terras, e *mirar algo nuevo*. Três anos sulcou incertamente a melancolia das águas atlânticas; meses tristes errou perdido nos nevoeiros das Bermudas; toda a esperança findara; já as proas gastas se voltavam para os lados onde ficara a Espanha. E eis que numa manhã de grande sol, em dia de São João, surgem ante a armada estática os esplendores da Flórida! *Gracias te sean, mi San Juan bendito, que hé mirado algo nuevo!* As lágrimas corriam-lhe pelas barbas brancas — e Juan Ponce de Léon morreu de emoção. Nós não morremos; mas lágrimas congêneres como as do velho mareante saltaram-me dos olhos, quando pela primeira vez penetrei por entre o brilho sombrio e os perfumes acres das *Flores do Mal*. Éramos assim absurdos em 1867!"

Havendo estudado em numerosas fontes a vida de Ponce de Léon, notou Dinah que ele não morreu de emoção ante os esplendores da Flórida. Depois de aportar naquela península, na primavera de 1513 (o nome adveio da época, *Pascua Florida*, em que a península foi vista pela primeira vez, algo assemelhável à origem do nome Monte Pascoal, no Brasil), Ponce de Léon cumpriu muitas outras missões, para morrer em Havana, depois de outras suas idas à Flórida, onde foi um dia ferido pelos índios seminolas e disso veio a morrer, em 1521. Errou o Eça ou *errou* só o Fradique?

Diga-se ainda que, na *Correspondência de Fradique Mendes*, há aquelas expressões tão lembradas dos ecianos brasileiros: "Está de escachar"! "É de rachar!" "Está de ananases!" "É de derreter os untos!..." Eça de Queiroz diz que se sentiu lacerado por usar esta "chulice" de esquina de tabacaria, assim atabalhoadamente lançada como um pingo de sebo sobre o supremo artista das *Lapidárias*, o homem que conversava com Victor Hugo à beira-mar! Entrou no quarto, atordoado, com bagas de suor nas faces. Felizmente, Fradique desaparecera por trás de um reposteiro de alcova.

Nas *Notas Contemporâneas*, volume que reúne crônicas de todas as épocas da vida de Eça de Queiroz, e pelas quais se evidencia a linha de evolução literária do grande escritor, há uma famosa carta a Pinheiro Chagas, datada de Bristol, 14 de dezembro de 1880, sobre o Brasil e Portugal. A carta é dessas peças engraçadas de Eça de Queiroz que não se pode deixar de ler.

Um trecho dela vai a seguir mencionado: "Discutia-se o processo de uma linda mulher da Alfama que comia crianças em salada; um desembargador aconselhou, para curar quartãs (febre intermitente), pérolas que tivesse usado a Rainha, moídas em pó; falou-se da escandalosa aparição de Belzebu no convento do Sacramento de Alcântara; e uma dama contou do judeu que dera uma dentada na perna do Senhor dos Passos da Graça!... Isto arrepiou-a de horror. E foi então que você, Pinheiro Chagas, disse, depois de pitadear com gozo:

— Mas há pior! Há pior!...

— Pior que a dentada? Não, ninguém podia acreditar que houvesse pior!

E você, pausado e grave, narrou o nefando caso: um herege, um jacobino, um traidor comprado pelo ouro do Brasil, tinha escrito que Portugal fora uma colônia brasileira, e que houvera horrores na nossa dominação da Índia!...

Fez-se na sala um silêncio trágico. As sécias (equivaleria a dizer grã-finas) apavoradas encolheram-se contra os monsenhores. De comovido, o herdeiro ilustre da casa de Angeja perdeu a vasa. E os morrões das tochas pareceram mais tristes...

O senhor prior de São Julião, esgazeando o seu olho de coruja, exclamou a tremer:

— E o monstro ainda não está no Santo Ofício?

— Trago-o de olho, meu reverendo — disse você, severo. — E hei-de ir falar ao Manique..."

A Igreja de São Julião (hoje fechada, pertence ao Banco de Portugal) fica na Rua de São Julião. É da tradição eclesiástica portuguesa chamar o pároco de prior, mesmo de uma igreja secular. Por exemplo, no antigo mosteiro dos Jerônimos, que não é mais mosteiro onde habitem frades hieronimitas, ou eremitas de São Jerônimo, mas sim um monumento nacional, a grande e belíssima igreja manuelina é secular, sendo hoje seu prior o Padre Henrique Policarpo Canas.

No artigo intitulado *Antero de Quental*, uma das bonitas coisas que escreveu Eça, conta ele o momento em que avista, ao atravessar com as sebentas (apostilas) na algibeira, o Largo da Feira, em Coimbra, numa noite macia de abril ou maio, sobre as escadarias da Sé Nova, "romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava. Era um bardo dos tempos novos, despertando almas, anunciando verdades. O homem cantava o céu, o infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela idéia pura e

... os transcendentes recantos
Aonde o bom Deus se mete,
Sem fazer caso dos santos,
a conversar com Garrett.

Era o Antero! Deus conversava com Garrett, depois, se bem estava lembrado, conversava com Platão e com Marco Aurélio. Todo o céu era uma irradiante academia. Os santos mais ilustres, os Agostinhos, os Ambrósios, os Jerônimos, permaneciam fora, pelos pátios divinos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe imprópria a penetrar no concílio dos filósofos e dos poetas." E depois vem aquele episódio, pelo menos assim Eça o narrou, em que ele viu o Antero destruir cartas e papéis, dobrando cada folha ao meio, e outras vezes mais até dobrá-las em oitavo. Depois, com uma faca, "como se fosse um ferro de vingança ou morte", cortava esses papéis para jogá-los fora. Eça, estudante de Coimbra, surgido do vão da janela onde se refugiara, parou à borda da mesa e disse:

— "Oh Antero, quanta ordem você tem na destruição!

E com um sorriso na face, onde havia um não sei quê de filósofo de Alexandria e de piloto do Báltico, Antero murmurou:

— O ritmo é necessário mesmo no delírio."

Mais adiante, Eça fala da força física de Antero, de seu espírito brigão e indômito, do seu murro triunfal (de que deu prova no centro de Lisboa e que testemunhou: "Conservou mesmo até à idade filosófica este murro fácil; e ainda recordo uma noite na Rua do Ouro, em

que um homem carrancudo, barbudo, alto e rústico como um campanário, o pisou brutalmente e passou em brutal silêncio... O murro de Antero foi tão vivo e certo que teve que apanhar o imenso homem do lajedo em que rolara, de lhe limpar a lama da rabona (jaqueta), e de o amparar até uma botica, onde lhe comprou arnica, o consolou, citando Golias e outros gigantes vencidos." Como é sabido, o temperamento brigão de Antero de Quental o levou ao Porto a fim de desafiar Ramalho Ortigão a um duelo, por causa de uma questão literária. São atribuídas a Antero de Quental estas palavras a respeito de suas intenções de desafiar Ramalho: "Vim ao Porto para dar-lhe porrada." No duelo Antero ganhou e fez sangrar um braço de Ramalho.

Em *A Cidade e as Serras*, as cenas lisboetas são escassas. O triunfo é das narrativas campestres, de incomparável beleza, daquela serra bendita do Portugal bem-amado. Mas Lisboa às vezes reponta, como neste trecho: "Já a meia gazeta me escapava das mãos dormentes. Mas da sua alcova, depois de soprar a vela, Jacinto murmurou entre um bocejo:

— Zé Fernandes...

— Hem?

— Escreve para Lisboa, para o Hotel Bragança... Os lençóis ao menos são frescos, cheiram bem, a sadio!

Cedo, de madrugada, sem rumor, para não despertar o meu Jacinto, que, com as mãos cruzadas sobre o peito, dormia beatificamente na sua enxerga de granito — parti para Guiães.

Ao cabo de uma semana, recolhendo uma manhã para o almoço, encontrei no corredor as minhas malas tão desejadas, que um moço do casal da Giesta trouxera num carro com recados do Senhor Pimentinha. O meu pensamento pulou para o meu Príncipe. E lancei pelo telégrafo, para Lisboa, para o Hotel Bragança, este brado alegre: — Estás lá? Sei recuperaste Grilo e civilização! Hurra! Abraço! — Só depois de sete dias, ocupados numa delicada apanha de espargos com que outrora civilizara a horta da tia Vicência, notei o silêncio de Jacinto. Num bilhete postal renovei, desenvolvi o grito amigo: — Estás lá? São os prazeres da Baixa que assim te tornam desatento e mudo? Eu, todo espargos! Responde, quando chegas? Tempo delicioso! 23 graus à sombra. E os ossos?... Veio depois a devota romaria da Senhora da Roqueirinha. Durante a lua nova andei num corte de mato, na minha terra das Corcas. A tia Vicência vomitou, com uma indigestão de morcelas. E o silêncio do meu *Príncipe* era ingrato e ferrenho.

Enfim, uma tarde, voltando da Flor da Malva, de casa da minha prima Joaninha, parei em Sandofim, na venda do Manuel Rico, para

beber de certo vinho branco que a minha alma conhece — e sempre pede."

O Hotel Bragança ficava perto do Chiado, à esquina da Rua Vitor Cordon (outrora Ferregial de Cima) com a Rua dos Duques de Bragança (veio a chamar-se Rua da Luta, para de novo voltar a ser dos Duques de Bragança), não distante da Baixa. Era o Hotel Bragança o mais belo hotel lisboeta da época. Nele ficou hospedado D. Pedro II na viagem já mencionada na presente obra (1871 e 1872). Nele hoje funciona uma dependência da Universidade Livre. Pertence o edifício à Fundação D. Manuel II.

O Crime do Padre Amaro é por excelência o romance de Leiria. Mas nele Lisboa também figura, principalmente porque Amaro aí morava quando adolescente (na Estrela), e mais tarde, já sacerdote, quando retorna da Beira em busca de influência para obter uma paróquia com melhores condições de vida. E no fim também reaparece Lisboa, no conhecido episódio passado no Largo de Camões. Em certo ponto bem avançado do romance, apresenta-se o sério problema de Amélia: a gravidez. O ideal seria obter-lhe o casamento com João Eduardo, escrevente de cartório, casamento que tornasse "tudo branco como a neve" e acalmasse "o terror da vingança do céu". Casá-la, enquanto era tempo! A solução estava no aforismo do Direito romano: *"Pater est quem nuptias demonstrant"*, o pai da criança é o marido da mãe. Mas o escrevente já teria partido para o Brasil. Fora recebida uma carta dele onde dava a morada "para o lado do Poço do Borratém", anunciando a resolução de ir para o Brasil. Em outra carta já dizia que embarcava no próximo paquete para o Rio de Janeiro. As esperanças de Amélia tinham sumido nas brumas do mar. Outras duas soluções pela via do casamento — com o Artur Couceiro e com o Fernandes — também não resultaram. O poço do Borratém é a área compreendida em torno da Praça da Figueira, zona gravemente arruinada quando do Terremoto de 1755. Vindo do Rossio se acede à Praça da Figueira ou pela Rua do Amparo ou por uma pequena rua chamada Betesga, palavra que quer dizer ruazinha, ou beco sem saída, segundo o dicionário de Morais, daí derivando o verbo embetesgar. Por detrás da Praça da Figueira, no lado oriental, há a Rua do Poço do Borratém, rua em que se situa a casa, da qual há apenas vestígios num arco de pedra, onde morou João das Regras, o famoso jurisconsulto e Chanceler-Mor do Mestre de Aviz, D. João I, cuja estátua está no centro da Praça da Figueira. A palavra Borratém vem do árabe, *ber* e *attem*, e significa poço da figueira.

Afinal, João Eduardo, que não chegara a partir para o Brasil, reapareceu. Figura no romance referência à memória dos infindáveis passeios de João Eduardo ao longo do Cais do Sodré (princípio do

Aterro). Fica-se com a impressão clara, por certas obras de Eça de Queiroz, que o Aterro servia como lugar de passeios "higiênicos", do tipo dos que se fazem hoje como prática crescente. João Eduardo, em seus amargos dias de Lisboa, "perdido naquela cidade que lhe parecia ter a vastidão de uma Roma ou de uma Babilônia e em que sentia o duro egoísmo das multidões azafamadas, esforçava-se mesmo por desenvolver mais esse amor de Amélia que lhe dava como a doçura de uma companhia" e daí partia para seus passeios ao longo do Cais do Sodré.

No final do romance, quando os lisboetas liam as notícias sobre a Comuna de Paris, há este trecho a merecer citação:

— "São grandes homens! — exclamava um rapaz exaltado.

Em redor as pessoas graves rugiam. Outras afastavam-se pálidas vendo já as suas casas na Baixa a escorrer de petróleo e a mesma Casa Havaneza presa de chamas socialistas. Então era em todos os grupos um furor de autoridade e repressão: era necessário que a sociedade, atacada pela Internacional, se refugiasse na força dos seus princípios conservadores e religiosos, cercando-os bem de baionetas!"

Alves & Cia. é outro romance (ou novela) eminentemente lisboeta. O escritório da firma *Alves & Cia.*, cujo sócio principal era Godofredo da Conceição Alves, se situava na Rua dos Douradores, em plena Baixa, rua estreita que corre da Praça da Figueira para a Rua da Conceição, entre a Rua da Prata e a Rua dos Fanqueiros. É curioso notar que hoje, em 1983, existe uma firma de produtos farmacêuticos chamada *Alves & Cia. (Irmãos)*, na esquina da Rua Antonio Maria Cardoso com o Largo do Chiado. Godofredo, depois da cena da pretensa traição, ou quase traição, também costumava passear ao longo do Aterro, e foi nesses passeios que ele concebeu a idéia de que, tirando-se a sorte, ou ele ou o Machado devia de se matar, a única coisa racional e digna a fazer. Um duelo à espada parecia-lhe ridículo. Para uma ofensa daquelas, só a morte. Como é sabido, Godofredo chegou em casa, na Rua de São Bento, e encontrou a mulher Ludovina, a amada Lulu, nos braços do sócio Machado. Mas não ficara provado que o ato da traição se tivesse consumado. De toda forma, "sobre o canapé de damasco amarelo, diante duma mesinha onde havia uma garrafa de vinho do Porto, Lulu, de *robe-de-chambre* branca, encontrava-se, abandonada, sobre o ombro dum homem que lhe passava o braço na cintura, contemplando-lhe o perfil com o olhar afogado em languidez. O homem era o Machado (seu sócio e amigo)." Godofredo chegou mesmo a ir à Rua do Ouro e olhar para uma pistola na vitrine (palavra usada por Eça de Queiroz, quando hoje os portugueses dizem montra e acham certa graça em que os brasileiros usem a palavra

vitrine) do Lebreton e a idéia da morte atravessou-o. Depois seguiu pelo Terreiro do Paço, pelo Aterro, quase até Alcântara. Ia escurecendo. Uma grande fadiga tomara-o de profundas emoções naquela caminhada pelo "ar mole" de julho (atente-se para o adjetivo *mole* nas descrições sobre o ar, o tempo, as nuvens, os vapores, que vem desde as *Prosas Bárbaras*). Godofredo se decidira mesmo a bater-se em duelo de morte com o Machado e ia tão estonteado com essa idéia que só na Rua do Ouro lhe ocorreu que não fechara seu escritório a chave. Mas como os amigos foram insistindo com ele na idéia de que duelo selaria para o público a existência do adultério escandaloso, lentamente começou o espírito de Godofredo da Conceição Alves a evolver para a pacificação e a melhor compreensão e alcance do que houvera. O Machado já voltara a frequentar o escritório na Rua dos Douradores e se estabelecera a rotina de relações frias, corteses, toleráveis, embora lhe fosse difícil suportar a vista de Machado, pelo que às vezes até deixava de ir à firma, preferindo vaguear pela Baixa, refazendo a lembrança daquele embaraçoso momento em que vira Ludovina no canapé amarelo com o Machado. E veio finalmente a reconciliação, para o que tanto trabalharam os amigos. Uma tipóia parava um dia defronte da casa de Godofredo, à Rua de São Bento. Vinha ele nada menos do que na companhia do Machado, as pazes feitas. Logo na escada, ouviram o som do piano e daí a instantes Godofredo estava diante de Ludovina, a quem diz radiante:

— "Trago-te aqui um convidado."

Machado vergava-se profundamente, disfarçando a sua perturbação na profundidade daquela cortesia. Os meses passaram, depois os anos. Machado estava casado. A firma Alves & Cia. crescia e enriquecia. O escritório, agora mais largo, mais luxuoso, com seus caixeiros, era à Rua da Prata. Godofredo mais calvo, Ludovina mais gorda. Para longe a memória daquele tempo em que Godofredo em vão procurava padrinhos para um duelo à queima-roupa, a um metro de distância, pois os padrinhos consultados diziam todos que duelo dessa natureza — morte certa! — era simplesmente um crime. Tudo estava agora na mais completa paz.

— "E nós que estivemos para nos bater!

— A gente em novo sempre é mais imprudente e por causa de uma tolice, amigo Machado!

E o outro respondeu sorrindo também:

— Por causa de uma grande tolice, Alves amigo."

Há um conto na literatura portuguesa contemporânea, de autoria de Fausto Lopo de Carvalho, intitulado *E à Noite Podemos Jogar as*

Cartas, no livro *Ouviam-se Vozes ao Longe* (Lisboa, 1974), que relata uma situação que se passa numa firma comercial sediada na Baixa: "O arquivo da firma estava instalado nas águas-furtadas dum prédio da Baixa: bafientas, apodrecidas, com teias de aranha e madeira carunchosa, em condições esplêndidas para a deflagração de um incêndio de proporções gigantescas."

No volume *Cartas*, há uma de Eça de Queiroz para Ramalho Ortigão em que ele pede ao grande amigo que adiante seis mil-réis a seu alfaiate, o Catarro, na Rua do Ouro, 100 — 1º andar (famoso alfaiate da Lisboa daquela época, referido pelo escritor Alberto Pimentel como máximo padrão de elegância; dentre seus numerosos e importantes clientes se encontrava Teóphilo Braga). Vale a pena citar o seguinte trecho: "Se você tem a ridícula originalidade de não ter, como tem todo o mundo em geral e o nosso grupo em particular — uma conta no Catarro, então não hesito em lhe pedir que você mesmo deposite os seis mil-réis nas mãos inábeis do Catarro, tecendo-lhe ao mesmo tempo, com dourada língua, os louvores do meu espírito e de minha elegância. Da minha elegância, repito."

Em carta datada de Newcastle, de 30 de abril de 1878, a Rodrigues de Freitas, Eça de Queiroz se defende da acusação de que *O Primo Basílio* seja um romance à imitação de Emile Zola. Rodrigues de Freitas tinha feito a defesa da originalidade lisboeta de *O Primo Basílio*. Diz Eça: "... é possível que, aqui e acolá, haja dessas vagas similitudes de ação — naturais quando se estuda um meio quase análogo, por um processo quase paralelo; mas a verdade é que eu procurei que os meus personagens pensassem, decidissem, falassem e atuassem como puros lisboetas, educados entre o Cais do Sodré e o alto da Estrela; não lhes daria nem a mesma mentalidade, nem a mesma ação se eles fossem do Porto ou de Viseu."

Em carta a Ramalho Ortigão, datada de Newcastle, 10 de novembro de 1878, Eça explica aspectos literários a respeito de *O Crime do Padre Amaro* (refere-se especialmente às transformações que fez na nova edição do romance), de *O Primo Basílio*, do projeto da *Batalha de Caia*. Com muito empenho e apaixonamento se refere a este projeto, que desembocou no conto *Catástrofe*, tema de carta que escreveu ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrade Corvo. "*Ma pensée intime* é esta: que o livro (sendo útil como um meio de mostrar ao país as consequências de prolongar uma tão horrorosa condição de abaixamento) — é, por um lado, inoportuno; por outro um ataque de folha em folha à vizinha Espanha; e serve portanto apenas para criar irritação. Por isso era melhor talvez que se não publicasse. Por outro lado, perder tais episódios literários! Oh, menino! Pois não poderei eu dar à publicidade uma descrição de Lisboa em anarquia; as igrejas cheias de mulheres aflitas, as improvisações dos batalhões voluntários, os bancos quebrando, a falta de trabalho organizando insurreições diárias, o pânico nas Secretarias, o burguês da Baixa em presença da catástrofe?"

De carta a Joaquim Pedro de Oliveira Martins, datada de Bristol, agosto de 1887, vai extraído este trecho:

"Há dias, recebi uma carta de *Séguier*, poeta e cônsul, em que me diz, que, por circunstâncias *inverossímeis mas reais*, se acha proprietário de um grande jornal (ou dos meios de o fundar) que, pela descrição, parece o nosso! Mesmas ambições, mesmo formato, mesmo *éclat*, mesma literatura, e na cadeira da direção política — o nosso Pinheiro Chagas. É o nosso jornal — nos arraiais românticos! Pareceu-me compreender que à fundação deste tremendo órgão retórico presidiu sobretudo o sentimento de que um jornal à *Figaro* é, em Lisboa, uma soberba especulação. Suponho que o bom *Séguier* recebeu um capital e em lugar de comprar inscrições ou de o pôr nos fundos turcos, funda um *Gil-Blas* da Baixa. Ele mesmo, de resto, confessa com bom humor que a coisa lhe *parece inverossímel* mas que é forçado a acreditar na sua *realidade*, visto ter já comprado máquinas, alugado casa de redação, etc. Este rival, não se me afigura terrível. É o *Correio da Manhã*, vestido nos armazéns da *Belle Jardinière*."

Em carta a Carlos Mayer, datada de sua casa no Rossio (vê-se pela série que a carta é de 1892), Eça de Queiroz diz que foi a Cascais ver o Ramalho e que perdera o comboio de volta das 16,30 da tarde. Andou de Cascais até Carcavelos a pé (duas léguas e meia) e lá tomou o comboio para o Cais do Sodré, onde chegou às 20 horas.

Em *Uma Campanha Alegre*, primeiro tomo, no primeiro artigo (os dois tomos de *Uma Campanha Alegre*, publicados em 1890 e 1891, contêm os artigos de autoria de Eça de Queiroz para *As Farpas*, escritos de maio de 1871 a novembro de 1872, com exclusão da parte devida a Ramalho Ortigão, co-autor daquele periódico satírico), há uma consideração sobre a poesia individual "que tem o nobre alcance quando o poeta se chama Byron, Espronceda, Hugo, Lamartine, Musset. São grandes almas sonoras onde vibra em resumo toda a vida que as cerca. Estuda-se ali, como num sumário, a existência de uma época. Mas, com franqueza, que se há de estudar na alma do Senhor João, ou na alma do Senhor Francisco? A imensa dúvida que pesa sobre a Baixa? Os

tormentos ideais que agitam a Rua dos Fanqueiros?" A Rua dos Fanqueiros, que faz parte do plano de reconstrução da Baixa pombalina, chamou-se antes Rua Nova da Princesa. Fanqueiro significa o vendedor de lençaria, ou tecidos de linho, algodão ou lã. Fanca quer dizer saco; fancaria quer dizer, em sentido literal, arruamento de fanqueiros, obra de fanqueiro. Em sentido figurado, pelo qual a palavra é de uso corrente no Brasil, quer dizer coisa grosseira, ordinária, porcaria; fazer um trabalho de fancaria; ser um profissional de fancaria.

Mais uma vez entra nesse mesmo artigo a Rua dos Fanqueiros: "A idéia que acode a todos é traduzir. E desde logo moços, que ficaram no seu tempo reprovados no exame de francês, traduzem. Onde está *vous*, põem *vossa excelência;* e este esforço prodigioso de invenção está gastando em Portugal a força de uma geração literária. Mas nem sempre se pode traduzir... O público gosta de ver cousas que se passem no Chiado e na Rua dos Fanqueiros; e depois, as obras francesas são para grandes companhias de atores, que pelo seu número, pelos seus recursos, pelo seu saber, deixam livre a fantasia criadora do dramaturgo."

Em artigo de julho de 1871, Eça faz comentário satírico sobre um fato ocorrido com uma carruagem na rampa do edifício da Assembléia, em São Bento. Um deputado desobedeceu às ordens de um polícia civil e fez sua carruagem avançar. É um pouco a história do "sabe com quem está falando?". Diz Eça: "Imagine-se com efeito um homem forte, febril, de batalhas a dar, palpitante de redutos a tomar, sôfrego de sangue inimigo — vivendo burguesmente e pacatamente na Baixa, ou no quartel do Carmo, e tendo por única glória estratégica destacar patrulhas para o Arco do Bandeira, e por único troar de artilharia os foguetes do Senhor Cardim! Um bravo, nestas circunstâncias, acumula dentro de si, dos gorgomilos ao estômago — quantidades prodigiosas de furor guerreiro. A cada movimento que faz, sobem-lhe à cabeça, vêm-lhe à boca — ondas de ardor bélico. Acrescentem a isto a atmosfera militar em que esta época se move e respira: guerras do Reno, guerras civis, províncias conquistadas, cidades que ardem, nomes de generais heróicos que cintilam em telegramas, o ruído, a fulguração da glória, a imortalidade na história..."

Há uma referência a "tomar sorvete no *Aurea*". Poderia tratar-se do Café Aurea Peninsular, estabelecido na Rua do Ouro, 183 a 191, e na Rua do Crucifixo, 116.

De um artigo de julho de 1871, vale a pena transcrever o seguinte trecho: "Houve este mês um pânico patriótico: julgou-se que íamos perder Macau! A China, segundo se afirmava, tinha intimado Portugal a evacuar aquela colônia — onde só devia reinar o rabicho.

Foi acusado acremente o Governo; a Baixa pululou de alvitres; e o orgulho nacional da Rua dos Retrozeiros pareceu profundamente ferido. Corria que o Senhor Carlos Bento, como outrora Caim, ouvia, a horas mortas, vozes vingativas que lhe bradavam:

— Que fizeste tu de Macau, Bento?

E tanto que o Governo, para nos tranquilizar, bradou dentre as colunas do *Diário do Governo*:

— Não, portugueses, não, Macau ainda é vosso!

A verdade parece ser que Macau está ainda preso à metrópole — por alguns telegramas que se estão trocando entre o governador de lá, e o governo de cá. Diríamos que está *por um fio!* — se tão lamentável equívoco se pudesse escrever, quando se trata do orgulho nacional e da Baixa.

As relações de Portugal com as suas colônias são originais. Elas não dão rendimento algum; nós não lhes damos um único melhoramento; é uma sublime luta — de abstenção!"

Em artigo publicado em agosto de 1871, são feitas diversas referências à Rua da Betesga ("O Senhor Antero de Quental, a quem o *comité* da Rua da Betesga fora oferecer a presidência, deu pontapés no *comité*"), à Rua do Arco do Bandeira, ao Hotel Central, e ao Rossio, em pequenos enunciados, fortemente satíricos, sobre três "revoluções" que estavam em andamento em Lisboa. "Foi ontem apupado no Rossio o Senhor V., poeta erótico, que ia a correr atrás de uma borboleta!" E esta: "Corre que se vendem algumas das colônias." Ou: "Vai ser demolida a estátua de D. Pedro IV;" e: "Ontem o Senhor V., poeta erótico, foi apupado na Rua do Arco do Bandeira, onde estava a contemplar um lírio." E esta ainda: "Parece que uma representação do clero exige o desterro do Senhor Alexandre Herculano."

Em artigo de dezembro de 1871, diz Eça de Queiroz que a Câmara Municipal de Lisboa, a fim de melhorar as condições da cidade, anunciou que ia comprar um leopardo. Depois, para completar a obra da regeneração municipal, ia mandar buscar araras do Brasil. Os 300 mil habitantes de Lisboa pedem higiene, limpeza, polícia, iluminação, passeios e eis que a Câmara responde, no seu zeloso cuidado, com um bicho dentro de sua jaula! "A glória da capital, a maravilha, o Aterro, é ladeado em todo o seu comprimento por duas suaves circunstâncias — o cheiro da imundície dos canos, e o pó de carvão das fábricas; oferecendo assim o caso de uma sociedade rica e *dandy* que passeia no brilho da riqueza e nos vagares do luxo — com a palma da mão sobre a boca e o lenço sobre o nariz!" Mais adiante diz que Lisboa é a cidade mais suja da Europa, superando o desleixo turco de Constantinopla e

a miséria indolente de Atenas. "E se não fosse o Tejo que lhe faz uma certa *toilette*, e este sol maravilhoso que tudo alegra e doura — Lisboa, aqui ao canto, junto do mar, como um cano, seria a sentina da Europa." — E o governo municipal — prossegue —, em lugar das obras públicas, lhe dá uma fera em substituição. "A Câmara, na sua inteligência, deve compreender que o bicho não é equivalente do edifício. Não é justo que nas praças, em lugar de dar ao habitante fatigado um banco de madeira — ela lhe ofereça o dorso de um rinoceronte. Deste modo toda a cidade corria o risco de ser em breve mordida pelos melhoramentos municipais. E seria desagradável que os jornais noticiassem: Ontem, a última obra em construção devorou na Rua Nova da Palma uma criança de cinco anos, ficando depois a lamber os beiços, de regalada." A Rua Nova da Palma, que sai do Martim Moniz e se transforma em Avenida Almirante Reis.

O artigo XLV, de dezembro de 1871, consiste em considerações críticas sobre o caso ocorrido no Aterro, quando Sua Majestade a Rainha passeava e "um mendigo vem junto dela e pede-lhe esmola. Um polícia corre e prende o mendigo. O desgraçado, retido todo o dia na esquadra policial, com frio e com fome, tem uma dor. Foi necessário mandá-lo em maca para o hospital. Não se sabe ainda se o fuzilarão. O dia estava nublado, mas seco. S.M., cujo vestido de veludo orlado de peles era perfeito, continuou serenamente na serenidade da tarde."

No segundo tomo de *Uma Campanha Alegre*, o artigo XXI, de fevereiro de 1872, é todo ele dedicado ao *Brasileiro* (Eça explica: "não o brasileiro brasílico, nascido no Brasil — mas o português que emigrou para o Brasil e que voltou rico do Brasil"). O artigo é um monumento da sátira e piada e merece ser lido por inteiro, pois é das mais engraçadas coisas, no gênero, que Eça escreveu. É o eterno tosco da Rua do Ouvidor que vem desfilar no Terreiro do Paço. A Rua do Ouvidor é o Chiado do trópico. "Há poucos anos o *Brasileiro* (não o brasileiro brasílico) é entre nós o tipo de caricatura mais francamente popular. Cada nação possui assim um tipo criado para o riso público. As comédias, os romances, os desenhos, as cançonetas espalham-se, popularizam-no, desenvolvem-no, aperfeiçoam-no, e ele torna-se o *grutesco* clássico — que chega a ser motivo de ornato industrial, cinzelado em castiçais, aguarelado em caixas de fósforos, torneado em castões de bengala. A França tem o inglês de coco diminuto na nuca, de larga e aguda suíça em forma de costeleta alourada, dentuça taluda, colarinho alto como um muro de quintal, rabona de xadrezinho, pé largo como uma esplanada, e ar lorpa (boçal); ultimamente tem a mais o prussiano, de imenso bigode na focinheira, cabelos em bandós, capacete em bico, um sabre prodigiosamente insolente e um relógio de sala roubado debaixo do braço!

Nós temos o brasileiro: grosso, trigueiro, com tons de chocolate, pança ricaça, joanetes nos pés, colete e grilhão de ouro, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a vozinha adocicada, olho desconfiado, e um vício secreto. É o *brasileiro*: ele é o pai achinelado e ciumento dos romances românticos; o gordalhufo amoroso das comédias salgadas; o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos; o maridão de tamancos, sempre o traído, de toda a boa anedota." Nesse mesmo artigo é feita uma referência à Rua dos Bacalhoeiros, rua muito tradicional que sai da Praça do Comércio em direção do oriente, terminando no Campo das Cebolas, onde está a Casa dos Bicos. E graça também há em que, depois de tudo, Eça considera injusta a troça. Os portugueses que ficaram em Portugal não têm o direito de rir dos *Brasileiros* que de lá voltaram. "Existe uma lei de retração e dilatação para os corpos, sob a influência da temperatura, coisa que se aprende nos liceus quando vem o buço. Pois bem! O *Brasileiro* é o português dilatado pelo calor."

Para Beatriz Berrini, em trabalho universitário, em São Paulo, intitulado *Eça de Queiroz e o Brasil*, a paixão eciana em nosso país não terá nascido por causa dos brasileiros presentes em sua ficção. "A denominação é ambígua, incluindo não somente os portugueses de torna viagem, como também os herdeiros de parentes enriquecidos na antiga colônia, além de alguns poucos naturais de nosso país (como o Castro Gomes, suposto marido de Maria Eduarda); abrange ainda personagens, como o papá Monforte, que se tinha enriquecido graças ao tráfico de escravos para o Brasil. O epíteto *brasileiro* tem em geral tonalidade pejorativa, podendo significar, por conotação, *pessoa repentinamente enriquecida* ou até ser sinônimo de *negreiro*. Assim, não é pelas menções a brasileiros, possíveis de se encontrar nos romances de Eça de Queiroz, que nossos compatriotas passaram a lhe dedicar afeto e admiração."

No artigo XXIII, de março de 1872, descreve Eça o tipo geral da menina de Lisboa, "um ser magrito, pálido, com penteado laborioso e espesso", e que se move com tal fadiga que mal se compreende como se poderá jamais chegar ao alto do Chiado. Não respira. Seus dias são passados na preguiça de um sofá, com as janelas fechadas ou percorrendo a Baixa e a sua poeira. O ar da Baixa corrompe o sangue. As que andam a pé, depois de ir de uma loja da Rua do Ouro à Igreja do Loreto, arquejam e recolhem à pressa no ônibus (carruagem para transporte coletivo; nos dias de hoje, ônibus em Portugal é autocarro ou camioneta). Mais adiante: "Lisboa é uma cidade doceira, como Paris é uma cidade intelectual. Paris cria a idéia e Lisboa o pastel (pastel em Portugal é doce). Daí a grande quantidade de doenças de estômago e de maus dentes. A deterioração pelo doce começa aos quatro anos. O sangue alimentado a massa, ovos, natas, dá estes corpos débeis

e estas almas amolecidas. O Baltresqui, o Ferrari, a Confeitaria Lisbonense arrasam o nosso organismo social."

No artigo XXXI, de julho de 1872, Eça de Queiroz tece considerações críticas sobre o estado das prisões em Portugal, sobre o Limoeiro (antiga cadeia, bem perto da Igreja de Santo Antônio e da Sé Catedral; hoje já não é prisão mas sede do Centro de Estudos Judiciários, do Ministério da Justiça), o tratamento e as roupas que se dão a um preso em seu degredo na África. Os serviços penais da França, que ele diz não serem exemplares, dão mais camisas e calças aos presos do que os de Portugal. Eça vergasta o que chamava de "a porcaria forçada" que impunha ao preso ter apenas uma camisa e uma calça. "Quem decretou esta infâmia? Se foi o regulamento das cadeias, reforme-se essa disposição como se lava uma nódoa. Esse regulamento não é inepto — é sujo. Não obriga só a reagir a consciência; obriga a pôr o lenço no nariz. Não precisa crítica — precisa benzina." Depois, diz que o degredado ganhou a camisa, não por asseios, higiene, dignidade ou dó. É porque o preso, até ao cais, tem de passar pela Baixa e não se quer enojar os curiosos. Para atravessar a Baixa basta uma camisa. Mais tarde, nem mesmo a camisa era dada. Uma camisa tem um desembargador!

Em *Prosas Bárbaras*, na importante Introdução, já referida, Jaime Batalha Reis diz que, pouco tempo depois de publicado o último dos *Folhetins* — em dezembro de 1867 —, os quais vieram a ser enfeixados nas *Prosas Bárbaras*, já ninguém pensava no autor deles. "Que importava às Academias, ao Café Martinho, ao Grêmio *suposto* Literário, e aos centros políticos a aparição de um novo escritor com um novo estilo?" Assinale-se a importância do Café Martinho em 1903 (o do Largo do Camões), de quando é datada a Introdução, colocado ao lado das Academias e do Grêmio Literário. Batalha Reis diz que imagens e epítetos dos *Folhetins* eram lidos entre gargalhadas no Café Martinho, nas Livrarias Silva (Livraria Universal), de Silva Júnior & Cia., ao Rossio, nº 22 a 25 (que hoje já não existe), Rodrigues (ao tempo de Eça, na Rua Augusta, nº 98, hoje na Rua do Ouro nº 188) e Bertrand (à Rua do Chiado, hoje Rua Garrett nº 73, à esquina da então Rua da Figueira, hoje Rua Anchieta). Conta ele, ainda, que uma noite o Conde Luís de Resende, Manuel, irmão deste, o João de Sousa Canavarro (oficial da Marinha portuguesa, a partir de 1881 Cônsul-Geral de Portugal nas Ilhas Sandwich), Eça de Queiroz e o próprio, foram jantar no *José Manuel*, ao Cais do Sodré, um restaurante então célebre, a preço fixo, onde causavam devastação e horror pela quantidade inverossímil do que comiam, discutindo toda a sorte de assuntos ininteligíveis. Naquele jantar diz que ficou demonstrado o vasto ridículo do romantismo e se aprovou o realismo na arte.

No folhetim *O Milhafre*, Eça de Queiroz, falando da literatura em Portugal, que dizia estar a agonizar, conta o seguinte episódio: "Seria talvez melhor a profissão de poeta lírico, se não fosse uma mesmo profissão perigosa. Ainda há pouco, um pediu em casamento não sei que doce açucena, moradora na Baixa, o pai dela interrompeu a história dos idílios sacrossantos e municipais para perguntar ao namorado gentil qual era a sua profissão. Sou poeta lírico, respondeu ele, e vivo do meu estado. O velho ergueu-se de golpe, tomou uma bengala e espancou o poeta lírico, laureado em três cançonetas exóticas."

No folhetim chamado *Lisboa*, do qual já foram extraídas para esta obra belíssimas citações, no primeiro capítulo, há este trecho: "Lisboa material tem feições morais. Há sítios que dão, aos que os pisam uma individualidade. O lajedo e a cantaria consagram espíritos. Encostar-se no Chiado! — isto significa ter a fina flor da graça, a vivacidade conceituosa e costumes despedaçados. Estar no Martinho — revela inspiração, divindade interior, lirismo e política. Ó Lisboa, tu não tens caracteres, tens esquinas!" E mais adiante, Eça não resiste ao trocadilho: "Fica-se em Paz, Lisboa! És Baixa e magnífica".

Em *O Mistério da Estrada de Sintra*, a importância da Baixa, a significar a vida, a inteligência e o espírito de Lisboa, está nesta frase: "... deliberamos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, buzinado à Baixa, ..."

Em *A Relíquia*, romance também muito lisboeta (ao começo e ao fim), o Doutor Margaride, aposentado, já cansado dos processos do tempo em que era delegado em Viana (Viana do Castelo), vivia em ócio, a ler jornais, num prédio de sua propriedade na Praça da Figueira. "Era um homem corpulento e solene, já calmo, com um carão lívido, onde destacavam (galicismo eciano, não perdoado por puristas da época) as sobrancelhas cerradas, densas e negras como carvão. Raras vezes penetrava na sala da titi sem atirar, logo da porta, uma notícia pavorosa: "Então, não sabem? Um incêndio medonho, na Baixa! Apenas uma fumaraça numa chaminé. Mas o bom Margaride, em novo, num sombrio acesso de imaginação, compusera duas tragédias; e daí lhe ficara este gosto mórbido de exagerar e de impressionar. Ninguém como eu, dizia ele, saboreia o grandioso... E, sempre que aterrava a titi e os sacerdotes, sorvia gravemente uma pitada."

Teodorico Raposo conta, ao princípio do romance, como começou sua verdadeira existência de sobrinho da Senhora Dona Patrocínio das Neves (a titi), com quem, vestido de preto, ia pontualmente à Igreja de Santana. Passava em São Domingos (ao lado do Rossio), dizia a oração pelos três santos mártires do Japão (São Francisco Xavier? São Paulo Miki? E outros mártires celebrados com este último?). Entrava

na Igreja da Conceição Velha, na Rua da Alfândega (já referida nesta obra, e onde está a imagem em pedra de Nossa Senhora do Restelo, do século XV, perante a qual rezou Vasco da Gama). Às vezes passeava no Arco do Bandeira, onde deixava sua égua, e gozava uma manhã regalada no bilhar do Montanha (na Rua dos Sapateiros). Às vezes corria até ao fim da Rua da Madalena, passando pelo Largo do Caldas. A Rua da Madalena, que sai de perto do Terreiro do Paço, da esquina da Rua dos Bacalhoeiros, sobe até uma parte mais alta, à direita da qual está o Largo do Caldas, a que deu nome o palacete da família Caldas, da era da reconstrução pombalina, uma família então importante. A seguir, a Rua da Madalena desce e se transforma em Rua do Poço do Borratém, a qual desemboca no Martim Moniz. Uma ocasião, depois que o relógio do Carmo dera a meia-noite, Teodorico fazia graves reflexões, estugando (apressando) o passo pela Rua Nova da Palma (hoje Rua da Palma), sobre o que acabara de conversar com o Doutor Margaride, o qual lhe revelara que a Dona Patrocínio das Neves, a titi, tencionava legar a sua fortuna, terras e prédios a irmandades religiosas de sua simpatia e a padres de sua devoção. E aqui vem a chave do enredo do romance: o Doutor Margaride achava que nem tudo estava perdido. "Jesus Cristo padeceu por nós. É a religião do Estado. Não há senão curvar a cabeça... olhe, quer você Teodorico a minha opinião? Pois aí a tem, franca e sem rebuços, para lhe servir de guia... Você vem a herdar tudo se Dona Patrocínio, sua tia e minha senhora (minha senhora é tratamento cavalheiresco em Portugal, não quer dizer minha mulher, mas senhora ilustre, amiga, ou a quem se serve), se convencer que deixar-lhe a fortuna a você é como deixá-la à Santa Madre Igreja..." Pela Rua Nova da Palma, Teodorico prosseguia em suas elucubrações. Ele podia ser, do ponto de vista da religião, apenas exemplar, mas não santo. Mas era preciso identificar-se tanto com as coisas eclesiásticas que a titi, pouco a pouco, já não o pudesse distinguir claramente desse "conjunto rançoso de cruzes, imagens, ripanços (missal), opas, tochas, bentinhos, palmitos (raminhos de palmeira), andores, que era para ela a religião e o céu, e tomasse a minha voz pelo santo ciciar dos latins da missa; e a minha sobrecasaca preta lhe parecesse já salpicada de estrelas e diáfanas como a túnica de Bem-Aventurança. Então, evidentemente, ela testaria em meu favor — certa que testava em favor de Cristo e de sua doce Madre Igreja!"

Teodorico tinha a sua mesada de três moedas estabelecida pela titi. Ia ao Salitre (Rua do Salitre), numa casa onde havia roseirinhas à janela, onde já não morava a Adélia, pois se mudara para perto do Largo do Caldas, onde vivia patrocinada por Eleutério Serra, da firma *Serra, Brito & Cia.*, com uma loja de fazendas e modas na Conceição Velha. E à noitinha, enquanto Eleutério, no Clube da Rua Nova do Carmo, jogava a manilha, ele tinha na alcova de Adélia a radiante festa

de sua vida. "Levara para lá um par de chinelos — era o eleito do seu selo. Às nove e meia, despenteada, envolta à pressa num roupão de flanela, com os pés nus, acompanhava-me pela escadinha de trás, colhendo em cada degrau, nos meus lábios, um beijo lento e saudoso.

— Adeus, Délinha!

— Agasalha-te, riquinho!

E eu recolhia devagar ao Campo de Santana, ruminando o meu gozo!"

Mais adiante, o hipócrita Teodorico Raposo tomava preocupações apuradas para evitar que ficasse na roupa ou na pele o delicado cheiro de Adélia, para o que trazia na algibeira bocadinhos soltos de incensos. Antes de galgar a escada da casa, queimava um pedaço da devota resina e expunha ao aroma purificador as abas do jaquetão. Depois subia e tinha a satisfação de ver a titi farejar e dizer regalada:

— "Jesus, que rico cheirinho a igreja."

E novamente corria ele ao Largo do Caldas, "à alcova de Adélia, a afundar-se perdidamente nas beatitudes do pecado". E sobre os ombros nus da amada, "desenrolavam-se as madeixas de seu cabelo negro, forte e duro como a cauda de um corcel em guerra".

Continuava Teodorico em suas reflexões. A igreja já tinha muitos bens, pelo que não lhe seria necessário o dinheiro que lhe pretendia deixar a titi. Ia fazer mesmo muito esforço para merecê-lo. "Assim pensava, pensava, olhando de través o céu, no silêncio da Rua de São Lázaro." (Esta rua, com curvas, sobe do que é hoje a Martim Moniz, um largo e baixo espaço aberto onde foi demolida grande casaria antiga, inclusive as ruas dos Vinagres e dos Álamos, em direção ao Campo de Santana, onde morava a titi, local que será objeto de consideração em outro capítulo.) O verão se faz muito presente no começo de *A Relíquia*. "À tardinha, quando refrescava, ia espalhar para a Baixa. Mas cada janela aberta às aragens da tarde, cada cortina de cassa engomada me lembrava a intimidade da alcovinha da Adélia; num simples par de meias, esticado na vitrina de uma loja, eu revia com saudade a perfeição da sua perna; tudo o que era luminoso me sugeria o seu olhar; até o sorvete de morango, no Martinho, me fazia repassar nos lábios o adocicado e gostoso sabor dos seus beijos."

Vem um dia a decisão da titi, em consulta com o Padre Casimiro, de que alguém que a ela pertença, que seja do seu sangue, vá fazer, por intenção dela, uma peregrinação à Terra Santa e essa pessoa havia de ser o Teodorico Raposo. Ele, feliz da vida com perspectiva de ir a Je-

rusalém, "lá para o lado onde vivem os infiéis e ondulam as escuras caravanas, e uma pouca de água num poço é como um dom precioso do Senhor". E no caminho para lá havia de ver muitas terras bonitas, pela Espanha, pela França, pela Itália, etc. Na Terra Santa, estava em companhia de Topsius, que fazia considerações sobre Fatmé, a circassiana, matrona bem acolhedora e que tinha no bairro dos Armênios um doce "pombal" de "pombas", onde dançava a gloriosa bailarina da Palestina, a "Flor de Jericó", a "saracotear uma dança da abelha que esbraseia os mais frios e deprava os mais puros". O sábio Topsius falava a respeito da enganadora voluptuosidade. Debaixo do sorriso luminoso estava o dente cariado. Dos beijos humanos só resta o amargor. Quando o corpo se extasia a alma se entristece...

— "Qual alma! Não há alma! O que há é um eminentíssimo desaforo! Na Rua do Arco do Bandeira esta Fatmé tinha já dois murros na bochecha... Irra!." Mas em plena Terra Santa, em meio ao sonho através do qual desfila maravilhosamente a paixão de Cristo, Teodorico pensa em sua cidade. Tinha sua doce Lisboa no coração, vadiando na doçura da manhã, de mãos nos bolsos, cantarolando um fado meigo, pensando na Adélia e no Sr. Adelino que, enroscados na alcova, beijando-se furiosamente, estariam certamente a chamá-lo de "carola", pelos passeios que fazia pelas terras das Sagradas Escrituras. "Àquela hora a titi, de mantelete preto, com o seu ripanço, saía para a missa de Santana; os criados do Montanha, esguedelhados, assobiando, escovavam o pano dos bilhares; e o Dr. Margaride, à janela, na Praça da Figueira, pondo os óculos, abria o *Diário de Notícias*. Ó minha doce Lisboa! Mas ainda mais perto, para além do deserto de Gaza, no verde Egipto, a minha Maricoquinhas nesse instante estava enchendo o vaso do balcão com magnólias e rosas; o seu gato dormia no veludo da cadeira; ela suspirava pelo seu portuguesinho valente... Suspirei também: mais triste nos lábios se me fez o fado triste."

E mais adiante, a contribuição o domina: "E os meus joelhos católicos quase bateram as lajes, num impulso de ficar ali caído, enrodilhado no meu pavor, rezando desesperadamente e para sempre. Mas logo como uma labareda chamejou por todo o meu ser o desejo de correr ao seu encontro e pôr os meus olhos mortais no corpo do meu Senhor, no seu corpo humano e real, vestido do linho de que os homens se vestem, coberto com o pó que levantam os caminhos humanos!... E ao mesmo tempo, mais do que treme a folha num áspero vento, tremia a minha alma num terror sombrio — o terror do servo negligente diante do amo justo! Estava eu bastante purificado, com jejuns e terços, para afrontar a face fulgurante do meu Deus? Não! Oh mesquinha e amarga deficiência da minha devoção! Eu não beijara jamais, com suficiente amor, o Seu pé dorido e roxo na Sua Igreja da Graça!

Ai de mim! Quantos domingos, nesses tempos carnais em que Adélia, sol da minha vida, me esperava na Travessa dos Caldas, fumando e em camisa — não maldissera eu a lentidão das missas e a monotonia dos septenários! E sendo assim, do crânio às solas dos pés uma crosta de pecado, como poderia meu corpo não tombar, já réprobo, já tisnado, quando os dois globos dos olhos do Senhor, como duas metades do céu, se voltassem vagarosamente para mim?"

O romance prossegue e eis Teodorico de volta, com "o deleite de rever sob aquele céu de janeiro, tão azul e tão fino, a minha Lisboa com as suas quietas ruas cor de caliça suja, e aqui e além as tabuinhas verdes descidas nas janelas, como pálpebras pesadas de langor e de sono". Mas o que o animava era sobretudo a certeza da gloriosa mudança que se fizera em sua fortuna doméstica e em sua influência social.

"Até aí, que fora eu em casa da senhora D. Patrocínio? O menino Teodorico que, apesar da sua carta de doutor e das suas barbas de Raposão, não podia mandar selar a égua para ir espontar o cabelo à Baixa sem implorar licença à titi... E agora? O nosso Doutor Teodorico, que ganhara, no contacto santo com os lugares do Evangelho, uma autoridade quase pontifical! Que fora eu até aí, no Chiado, entre os meus concidadãos? O Raposito que tinha um cavalo. E agora? O grande Raposo, que peregrinara poeticamente na Terra Santa, como Chateaubriand, e que, pelas remotas estalagens em que pousara, pelas roliças circassianas que beijocara, podia parolar com superioridade na Sociedade de Geografia situada às Portas de Santo Antão ou em casa da Benta Bexigosa..."

E, ao final, houve aquela coisa terrível que foi a troca de conteúdo do sacratíssimo embrulho de papel pardo. Trêmula e pálida, com a gravidade de um pontífice, Dona Patrocínio tomou o embrulho trazido por Teodorico, fez mesuras aos Santos, colocou-o sobre o altar, devotamente, desatou o nó da fita vermelha, depois, "com cuidado de quem teme magoar um corpo divino, foi desfazendo, uma a uma, as dobras do papel pardo... uma brancura de linho apareceu... a tia segurou-a nas pontas dos dedos, repuxou-a bruscamente — e sobre a ara por entre os Santos, em cima das camélias, ao pé da cruz — espalhou-se, com laços e rendas, a camisa de dormir de Mary!" Não saíram da lembrança de Teodorico aquelas palavras do Padre Negrão:

— "Deboche! Escárnio! Camisa de prostituta! Achincalhe a Dona Patrocínio! Profanação do Oratório!"

E assim, tendo descoberto no embrulho, não a relíquia maior, "a coroa de espinho, fonte de celestiais mercês para a titi", deparou-se

esta com a peça íntima da amiga de Teodorico. Todo o seu trabalho foi desfeito. Quando ela morreu, no testamento da virtuosa senhora consta que deixou a seu sobrinho Teodorico o óculo que se acha pendurado na sala de jantar...

Em *A Relíquia*, também aparece menção à Rua da Fé, onde morava o personagem Xavier. Esta rua, que ainda hoje guarda este nome (onde ficava, certo tempo, Ramalho Ortigão em suas vindas a Lisboa), sai da Rua de São José em direção à Rua de Santo Antônio dos Capuchos, esta desembocando no Campo dos Mártires da Pátria.

O Primo Basílio é um romance essencialmente lisboeta, em especial da Lisboa no verão. É uma obra realizada fora do cômico, no dizer de Vergílio Ferreira; não é humorística. "Para que fosse, importava pelo menos que Luís e Basílio urdissem uma ação ridícula, no todo ou em parte. Tal não sucede (...)"

Jorge, antes de casar, quando era estudante na Politécnica (era outrora situada na Rua da Escola Politécnica), recolhia-se cedo. Só duas vezes por semana, regularmente, ia ver uma rapariguita costureira, a Eufrásia, que vivia no Borratém (área da Praça da Figueira) e nos dias em que o brasileiro, o seu homem, ia jogar o *boston* ao clube. Recebia Jorge com grandes cautelas e palavras muito exaltadas. De seu corpinho fino e magro havia o cheiro amolecido de uma pontinha de febre. Quando a mãe de Jorge morreu, começou a achar-se só. À época do inverno, seu quarto nas traseiras da casa, ao sul, "recebia as rajadas do vento na sua prolongação uivada e triste".

Mais adiante, Luísa já casada (aquele casamento fora rápido, casou no ar! — como dissera o bom Sebastião), viu a notícia no jornal da chegada do primo Basílio, seu primeiro namorado, quando ela tinha apenas dezoito anos. Ninguém sabia disso, nem Jorge nem Sebastião. O namorico se dera nos serões da velha sala forrada de papel sangue-de-boi, da Rua da Madalena, a mamã ressonando baixo com os pés embrulhados numa manta, o sofá estofado de casimira clara. Mas a firma Bastos & Brito, de que fazia parte o Basílio, faliu. Ficara pobre e partira para o Brasil. Luísa fazia suas pequenas compras femininas na Baixa. Ela é uma personagem bem do centro de Lisboa. Depois que conheceu Jorge, no Passeio, namorara com ele também na Rua da Madalena.

Quando Luísa, casada, começou a ser cortejada por Basílio, de regresso do Brasil, voltaram-lhe reminiscência do primeiro namoro com o primo na Rua da Madalena. Referindo-se Luísa a Basílio, em conversa com Sebastião, na ausência de Jorge, que já cumpria tarefas no Alentejo, dizia Luísa: "É o meu único parente. Fomos criados ambos,

brincamos juntos. Em casa da mamã, na Rua da Madalena, estava lá sempre. Ia lá jantar todos os dias. É como se fôssemos irmãos. Em pequena trazia-me ao colo."

Um dia, Luísa descia o Moinho de Vento (hoje Rua D. Pedro V) quando se deparou com a "digna figura" do Conselheiro Acácio, que subia da Rua da Rosa (esta, ainda com o mesmo nome, desemboca na Rua Pedro V), com o guarda-sol fechado. Aí começa aquele longo passeio pelo centro de Lisboa, já referido nesta obra, passeio que termina no Rossio. Luísa, querendo livrar-se do Conselheiro, entrou na Igreja de Nossa Senhora dos Mártires mas ele ainda a esperava à saída e disse para Luísa:

— "Temos dado um delicioso passeio!"

E a seguir foram ao Rossio. Atravessaram-no em diagonal. E pelo lado do Arco do Bandeira, aproximaram-se da Rua do Ouro. Luísa olhava em redor, aflita, procurava uma idéia, uma ocasião... Mas tivera uma idéia e imediatamente disse:

— "Ah! Esquecia-me! Tenho de ir ao Vitry. Vou fazer chumbar um dente.

O Conselheiro, interrompido, fitou-a. E Luísa, estendendo-lhe a mão, com a voz rápida, disse:

— Adeus, apareça, hem? — E precipitou-se para o portal do Vitry."
Subiu até ao primeiro andar, correndo. Parou arquejando, esperou, desceu devagar, espreitou à porta. A figura do Conselheiro afastava-se direita, digna, para os lados das Secretarias. Chamou um trem:

— "A quanto puder! — exclamou."

E a carruagem entrou quase a galope na ruazinha do *Paraíso*, no bairro de Arroios. A empregada Juliana, de seu lado, saboreava com delícias de gula o gozo de ter na mão a patroa, a "piorrinha". Sentia-se vagamente "a senhora da casa, fechada na mão a felicidade, o bom nome, a honra, a paz dos patrões". Eram cartas de Basílio, claramente comprometedoras para a honra de Luísa. Em certa ocasião, Luísa tomou uma carruagem e deu ordem ao cocheiro para ir para o endereço do *Paraíso*. "E à maneira que o trem trotava parecia-lhe que toda a sua vida passada, Juliana, a casa, se esbatiam, se dissipavam num horizonte abandonado. À porta de um livreiro julgou entrever Julião; debruçou-se pela portinhola, precipitadamente; não o avistou, teve pena: ia-se sem ver um amigo da casa! Todos agora, Julião, Ernestinho, o Conselheiro, D. Felicidade, lhe pareciam adoráveis, com qualidades nobres, que nunca percebera, que repentinamente tomavam um grande

encanto. E o pobre Sebastião, tão bom! Nunca mais lhe ouviria tocar a sua malaquenha!

Ao fim da Rua do Ouro o *coupé* parou num embaraço de carroças e Luísa viu no passeio ao lado o Castro, o Castro dos óculos, o banqueiro, o que Leopoldina lhe dizia que tinha uma paixão por ela. Um rapazito roto oferecia-lhe cautelas; e o Castro nédio, com os dois polegares nas algibeiras do colete branco, com um desdém ricaço, dardejava olhadelas sobre Luísa, através dos seus óculos de ouro. Ela, pelo canto do olho, observava-o: tinha uma paixão por ela, aquele homem, que horror! Achava-o medonho, com o seu ventre pançudo, a perninha curta. A lembrança de Basílio atravessou-a, a sua linda figura!... E bateu nos vidros impaciente, com pressa de o ver."

Ao final do romance, Basílio descia a Rua do Alecrim quando encontrou o Visconde Reinaldo à porta do Hotel Street (Street English Hotel, que se situava à Rua do Alecrim, 46 — 2º andar), que lhe disse que sua prima Luísa tinha morrido.

"E foram descendo a rua, de braço dado, até ao Aterro. O dia estava glorioso: um friozinho subtil errava; no ar luminoso, leve, trespassado de sol, as casas, os galhos das árvores, os mastros das faluas, as mastreações dos navios tinham uma nitidez muito desenhada; os sons sobressaíam com uma tonalidade cantada e alegre; o rio reluzia como um metal azul; o vapor de Cacilhas ia soltando rolos de fumo que tomavam a cor do leite; e ao fundo as colinas faziam na pulverização da luz uma sombra azulada, onde as casarias caiadas rebrilhavam.

E os dois, passeando devagar, íam falando de Luísa.

O Visconde Reinaldo, delicado, lamentava a pobre senhora, coitada, que se tinha deixado morrer um tempo tão lindo! — Mas, em resumo, sempre achara aquela ligação absurda.

Porque enfim fossem francos: que tinha ela? Não queria dizer mal da pobre senhora que estava naquele horror dos Prazeres (cemitério), mas a verdade é que não era uma amante chique, andava em tipóias da praça: usava meias de tear, casara com um reles indivíduo de secretaria, vivia numa casinhola, não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ourelo (de pano grosso); não tinha espírito, não tinha *toilette*... Que diabo! Era um trambolho!

— Para um ou dois meses que eu estivesse em Lisboa... — resmungou Basílio com a cabeça baixa.

— Sim, para isso talvez. Como higiene! — disse Reinaldo com *desdém*.

E continuaram calados, devagar. Riram-se muito de um sujeito que passava governando atarantadamente dois cavalos pretos: — Que faetonte. Que arreios! Que estilo! Só em Lisboa!

Ao fundo do Aterro voltaram: e o Visconde Reinaldo passando os dedos pelas suíças:

— De modo que estás sem mulher...

Basílio teve um sorriso resignado. E, depois de um silêncio, dando um forte raspão no chão com a bengala:

— Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!

E foram tomar xerez à Taverna Inglesa."

Em *A Capital,* antes de Artur Corvelo chegar a Lisboa, de Oliveira de Azemeis, a Rua do Ouro já começava a aparecer, pois seu drama *Amores de Poeta* se passa ora num Castelo junto a Sintra, ora num vago palácio nas proximidades da Rua do Ouro. Artur Corvelo, nascido em Ovar, embarcara para a Capital cheio de esperanças, com um conto de réis no bolso, a peça *Amores de Poeta* e um livro de versos, *Esmaltes e Jóias.* O poeta Álvaro, no seu drama, era a personificação dele próprio, Artur — pobre, sublime fanatizador da linda e doce Duquesa de S. Romualdo, "a senhora de vestido de xadrez". O Duque, um caçador obtuso e brutal, descendente de visigodos, insultava o poeta, arremessando-lhe a luva branca num baile de máscaras. Bateram-se de madrugada num cemitério, depois de um monólogo em que, à maneira de Hamlet, Álvaro apanhava um crânio nas mãos e meditava sobre a morte. O poeta ia morrer no regaço da Duquesa, que corria vestida de branco por entre renques de ciprestes. Vis e embrutecidos fidalgos e eloquentes plebeus moviam-se como personagens subalternos. O texto era um desabafo amoroso e ao mesmo tempo uma propaganda revolucionária. Artur Corvelo estudara em Coimbra, onde se enamorara de uma senhora casada, "de olhos árabes e a graça de palmeira nova". Depois foi companheiro da Aninhas Serrana, a meretriz mais cara de Coimbra, o sonho ardente de toda a Academia pobre. Aninhas usava roupão cor de fogo, lia *A Dama das Camélias* e dela "contava-se como legenda singular que tomava banho".

O Rabecaz, amigo a quem ele se ligou, em Oliveira de Azemeis, porque necessitava de uma convivência "mais ou menos literária", aconselhou-o a ir para Lisboa e que lá se hospedasse no Hotel Universal,

no Chiado. "Tem as cantoras à mão... bela mesa redonda... tudo do fino, tudo do catita. Vá com o que lhe digo, ferre-se no Universal", Diante da hesitação de Artur, aconselhou o Rabecaz, o Hotel Espanhol, na Rua da Prata, nº 250, rua também chamada Bela da Rainha. E assim, parte o poeta republicano Artur Corvelo para Lisboa. O comboio também parava em Alhandra, onde um "ar lívido de madrugada clareava através da neblina chuvosa". O comboio partia de novo e, através da névoa, parecia avistar uma superfície de rio (Tejo) cor de aço. Antes de chegar aos Olivais, a máquina silvava e agora, à esquerda, Artur via "estender-se o rio largo e baço, agitado sob o vento. Os montes da outra banda confundiam-se como empastamento das nuvens. Uma falua, de vela cheia, cortava a espuma à bolina, na manhã áspera. Artur devorava com os olhos aquelas vizinhanças de Lisboa. (...) Era enfim Lisboa! (...) Com grande estrondo o comboio entrou na estação. (...) Enfim, um carregador, que parecia ocupado por deleite próprio em resmungar blasfêmias, levou-lhe com ar soturno o baú a uma caleche e o cocheiro bateu para o Espanhol. À beira do assento, com as mãos nos joelhos, Artur, através dos vidros embaciados, ia olhando avidamente as fachadas das casas, os cartazes nas esquinas, a prolongação das ruas. Galegos curvados sob o barril chapinhavam na lama, gente passava encolhida sob os guarda-chuvas. Teve um espanto ao ver de repente os arcos do Terreiro do Paço, o rio, mastreações de esquadras! Pela Rua da Prata, ia lendo avidamente as tabuletas. Quem viveria naquelas altas casas, cerradas ainda? Àquela hora, decerto, os jornalistas, as duquesas, dormiam depois das agitações intelectuais e amorosas da noite... — E uma felicidade exuberante encheu-lhe subitamente o peito."

Um dia, diante de um homem que lhe pedia uma esmola — Vossa Excelência quer favorecer um chefe de família desempregado? —, Artur aprumou-se e tirou cinco tostões da algibeira para dar ao homem de voz lamentosa. "Aquela miséria entrevista entristeceu-o mais. O Aterro, longo, solitário, com um ventozinho frio, deu-lhe um sentimento de melancolia; o coração confrangeu-se-lhe, sentiu a necessidade de voltar para o hotel, ver luz, estar debaixo de um teto, reler o seu drama, para se fortalecer com a certeza do seu talento, e contar o seu dinheiro, para se animar com a evidência dos seus recursos. Põe-se a caminhar depressa pela Rua do Arsenal: mas no Terreiro do Paço perdeu-se; confundia as ruas largas, já um pouco desertas, paralelas, infindáveis. Andou, voltou: tinha vergonha de perguntar pelo Espanhol. Numa rua estreita, vozes, por trás de tabuinhas verdes, chamavam-no com psiu! psiu! familiares; dois bêbados assustaram-no, cambaleando, praguejando — e atarantado, já aflito, chamou uma tipóia que passava devagar.

— Para o Hotel Espanhol! — disse, subindo para a tipóia."

Mais tarde, Artur se instalou no Hotel Universal, em pleno Chiado. Errava pela Baixa, dava uma volta no Aterro, numa moleza de vadiagem sempre procurando encontrá-la, isto é, aquela do seu drama. Com uma vaga voluptuosidade descia ao Martinho, olhando intensamente as mulheres que passavam.

Depois de ter conhecido Jacomo Nazareno, o revolucionário, que alguns identificam como inspirado na figura real do socialista José Fontana (1840-1876), Artur Corvelo, para dar uma impressão favorável, o convida para conversar no Hotel Universal. Nazareno, porém, com o tom hirto de um devoto que alude a uma orgia — respondeu que não frequentava esses covis de conservadores e *brasileiros*. Todo aquele luxo era por ele considerado como funesto à democracia. A conversa girava sobre caridade e justiça, já bem se vendo de que lado se colocava Nazareno que, em dado momento, diz: "Que sociedade, que asco! Não, realmente o Matias tem razão, é humilhante lutar contra uma tal sociedade! A luta supõe forças que se encontram! Mas assim, temos de um lado a força, do outro a pústula! Pouh! Portugal não deve ser reformado, como diz o Damião, deve ser queimado a nitrato de prata!... Estavam no Terreiro do Paço: uma Lua lívida deixava cair de entre as nuvens uma mancha luminosa sobre a água sombria." E logo a seguir: "Tinha parado e olhava, apertando com cólera o cabo do guarda-chuva, toda aquela reunião de edifícios oficiais, como a pesada e antiquada personificação de regimes funestos — o banco e o seu ágio, a Alfândega e os seus direitos, os Ministérios e o seu burocratismo — e pensando no mundo estabelecido, farto, que vive daquelas instituições (...)."

Quando Eça de Queiroz escreveu *A Capital* — segundo João Gaspar Simões, em 1878 —, fazia dois anos havia morrido José Fontana. Faltava tempo para que fosse celebrado, em Portugal, pela primeira vez o 1º de Maio, o que ocorreu sob a orientação do Partido Operário Socialista em 1890, segundo o jornal *Diário*, de Lisboa, de 1º de Maio de 1983.

Na ânsia de se fazer editar (o poema *Esmaltes e Jóias*) e de se fazer representar (o drama *Amores de Poeta*), e de praticar seu republicanismo, Artur foi com Jacomo Nazareno (o revolucionário radical) ao *Clube Democrático*, "sociedade mais ou menos secreta", na Rua do Príncipe (atual Rua 1º de Dezembro), onde, em lugar da larga reunião que esperava, lá encontrou apenas catorze ou quinze pessoas. A sessão, em que longo discurso rememorava os mártires da liberdade, desde Prometeu, fora uma estopada! A presença de Artur em Lisboa fora sob todos os sentidos infeliz: enganado, explorado, caloteado ou

insultado por miseráveis "amigos". Meirinho lhe pedira dinheiro e não lhe pagara; Melchior, a quem o Rabecaz o apresentara, explorara-o ao máximo com jantares, mulheres e tipóias; Nazareno, o radical, o expulsara do *Clube Democrático* por causa simplesmente o insultara e o expulsara do *Clube Democrático* por causa da dedicatória do drama de Artur ao "Augusto Personagem" (o Rei). Nazareno se convencera de que Artur era nada menos do que um espião... Damião, outro "amigo", o chamara de canalha. Manolo lhe roubara a amante. A única pessoa neste mundo que o estimara com desvelos de mãe, morrera sem vê-lo ainda uma vez, que era a tia Sabina, de Oliveira de Azemeis. Aquela maravilhosa "pândega de Lisboa", a que tanto se referira o amigo de Oliveira de Azemeis, o Rabecaz, se convertia dia-a-dia num rosário de amargura.

A peça de Artur, da qual o Rabecaz dizia ser "de arromba", foi simplesmente desprezada no "jantar literário" em que ele foi sordidamente explorado por Melchior, que recolheu os méritos da solenidade nas colunas do *Século*. O sarau fora programado para dar a oportunidade ao poeta Artur Corvelo de ler trechos de seu drama. Mas quem convidava, porque Artur era desconhecido, era o Melchior. O ambiente, no esplêndido salão do Hotel Universal, foi frio e hostil. Custou 22 libras a Artur que, ao final da notícia do *Século*, figurava em linhas absolutamente inexpressivas: "Houve também a leitura de trechos de uma comédia, escrita por um mancebo de Oliveira de Azemeis, o sr. Corvelo, se nos não falha a memória, que conseguiu fazer sorrir com alguns *calembours*". Sua peça filosófica fora reduzida a uma comédia... A edição dos *Esmaltes*, de sua vez, foi pífia e o revisor do *Século*, encarregado de fazer o giro dos livreiros, voltou com o dinheiro de apenas dois exemplares vendidos: "Artur ficou aterrado, sucumbido. E julgando que devia haver engano, negligência, talvez maroteira do revisor, foi ele mesmo na manhã seguinte percorrer as livrarias. Porém, não se atrevia a interrogar, julgando-se conhecido e prevendo a resposta. Enfim, na Rua do Ouro, depois de folhear alguns livros, examinar títulos, tomou um exemplar dos *Esmaltes;* abriu-o aqui, além, afectou interesse, perguntou o preço, pagou e, recebendo o troco de uma libra, disse com um ar distraído:

— Tem-se vendido muito disto?

— É o primeiro — disse o homem retomando a pena para continuar a sua correspondência.

E Artur saiu, embatucado, enrolando nas mãos nervosas o seu próprio volume."

Mais adiante, Artur estava decidido a esquecer Concha, sua amante espanhola. "Pisando com um pé nervoso a Rua do Arsenal, construía já o plano de uma nova existência: arrancaria o seu cérebro, como se tira uma pústula, a lembrança daquela prostituta de instintos vis, infectada de vírus — que lhe preferira o Melchior, a porca! Recomeçaria a trabalhar: afinal, o seu destino era fazer obras de arte e não viver agachado nas saias enxovalhadas de uma *muchacha* de bordel! Depois dos *Amores de Poeta* escreveria outro drama, comédias em verso! Forçaria a celebridade como quem viola uma mulher!" E vem aquele sonho louco de Artur Corvelo, em que se evoca a batalha do Caia, tema que tanto frequentou Eça de Queiroz, que dele queria fazer um romance e que desembocou no conto *A Catástrofe*, como já foi visto. O pretexto usado para ferir o tema foi a vingança de Corvelo contra Concha, que saiu de suas mãos para as de Manolo. "Quis adormecer mas não podia. A idéia de que ela, àquela hora, delirava doida nos braços do Manolo, de que nos intervalos da lubricidade, com os corpos lassos, muito unidos, caçoavam dele, riam, chamavam-lhe o asno do português, dava-lhe um ódio cortado de um pungente ciúme carnal, que o fazia torcer-lhe sobre o enxergão, atirando punhadas ao travesseiro. Como Melchior, sentiu ódio à Espanha. Oh, se houvesse uma guerra! Com que júbilo de vingança iria pelo país, lançando proclamações, armando aldeias, arremessando contra a fronteira massas esmagadoras de patriotas! E decidiu-se a escrever folhetins sobre a Espanha, pondo-a mais rasa que a lama!"

Foi sob estas impressões que toda a noite sonhou com invasões e batalhas: "Via-se à frente de Portugal armado em massa, passando o Caia, invadindo a Espanha, e vindo, com a fúria irreprimível de um elemento, abater-se sobre Madrid aterrada; aí, sentia-se semideus, era Aquiles; estava nu, tinha um elmo pelágico e arrastava três vezes em torno das muralhas, que lhe pareciam as de Tróia, entre um pranto de viúvas subindo para a mudez do céu, o corpo branco e exangue do Manolo. Depois, era em Lisboa, na celebração da vitória; aí, era o Cid; tinha uma armadura refulgente de emblemas; estava num palanque coberto de panos leves de seda, ao lado do Rei, de D. Luís de Bragança, que trazia sobre a cabeça, enterrada até aos olhos, uma enorme coroa de imperador da península. Amarrada a um pelourinho, nua, torcia-se a Concha, a quem verdigos experientes com músculos de atletas iam arrancando a pele a chibatadas; defronte, a perder de vista, estendia-se uma negrura de formas humanas; eram as raças de Espanha, cativas, com os pulsos arroxeados e cangas nos pescoços, que sargentos de caçadores, torcendo o buço e meneando a chibata, iam levando para os descampados onde deviam, plebe vil, estrumar os campos de trigo e enxovalhar as vinhas." Quando acordou, com um ruído na porta que se abria, soube que era a Concha, que estava lá embaixo com o galego, para apanhar seu baú.

Artur vagueava triste pelas ruas. Do *Clube Democrático*, fora repelido com vaias e assobios. Concha, que ele adorava, escapara de

suas mãos para as de um galego. Era desconsiderado, desprezado. De que lhe servia viver, envolvido na sua má sorte como uma atmosfera iniludível? "Um ar frio e húmido envolveu-o: estava junto à muralha do Terreiro do Paço. O rio agitado, na maré crescente, batia tristemente na escuridão, contra as escadas do Cais (o Cais das Colunas); entre os botes amarrados, a água tinha tenebrosidades frias; vultos de navios faziam na noite escura redobramentos de sombras, e aqui, além, num mastro, tremulava um fanal mortiço. — Era só subir ao parapeito, saltar, estava livre... Seria a agonia de um momento, uma sufocação estrebuchada, goles de água engolidos — e a paz!... Então pareceu-lhe que estava morto já, que o encontravam inchado, verde, todo coberto de lodo: reconhecê-lo-iam e o mistério dramático de sua morte encheria os jornais, dar-lhe-iam uma trágica celebridade!... Os *Esmaltes e Jóias* seriam lidos; procurar-se-ia neles o segredo da sua resolução, como num documento de amargura; folhetins compará-lo-iam a Chatterton, a Gérard de Nerval... A Concha choraria, a baronesa amaria a sua memória!... E aquela glória, em volta do seu cadáver, tentava-o estranhamente: por que não? Por que não?... Certos reflexos mais negros da água chamavam-no com intenções de pupilas humanas; reteve-o o horror do frio, a idéia da roupa molhada colada ao corpo e uma vaga inércia, a preguiça de tomar um resolução tão violenta... E ao mesmo tempo, sentia-se enternecido, com uma saudade romanesca da sua própria existência extinta. E olhava a água, de pé, com a cabeça toda em febre..." Nesse ponto, aparece uma pessoa e diz que lhe tiraram o chapéu. Era um homem que acabara de chegar da Rua dos Retrozeiros, na Baixa. Tinha bebido um bocado e dizia que de repente lhe tinham tirado o chapéu, um chapéu novo. Ia uma grande ladroeira pela Baixa! O homem do chapéu roubado acompanhava Artur para o Terreiro do Paço, até à porta do hotel Espanhol. Artur dele tentou despedir-se bruscamente mas ele o agarrou pelo botão do paletó, a insistir em que era muito conhecido na Baixa, que não podia chegar à noite em casa sem chapéu. "Artur no quarto e num desabafo de ira, arremessou o chapéu contra a parede, atirou uma cadeira ao chão com um pontapé e estendeu-se sobre a cama, vestido, prostrado, embrutecido, com a garganta tomada de lágrimas, desejando uma doença que o matasse, um cataclismo, um terramoto... E por fim adormeceu, pensando, mais consolado, que seria ridículo ter-se suicidado, porque se poderia atribuir a sua morte ao desgosto de haver sido abandonado por uma espanhola de bordel!"

No final do romance, Artur recebe a notícia de que a sua queridíssima tia Sabina estava muito mal. Melchior continuou a explorá-lo até ao último momento, fazendo-o passar mais uns dois dias de Carnaval em Lisboa e gastando seus últimos recursos. Para voltar para Oliveira de Azemeis teve de pôr no *prego* o paletó e as pistolas que

Meirinho lhe vendera. Apurou o preço da passagem e algo mais, que deu para um jantar de despedida com Melchior, seu "prestimoso" cicerone de Lisboa. Chegando a Oliveira de Azemeis, tia Sabina fora enterrada na véspera. De Lisboa, Melchior continuava a chamá-lo esperando que ele viesse com a *cheta* (grana) proveniente da herança (modesta) da tia Sabina. Para retomarem a bela pândega de Lisboa...

Na obra *A Capital,* Eça de Queiroz recorre, no dizer de Mário Sacramento, em *Uma Estética da Ironia,* a um tema íntimo: as decepções que colhera em Lisboa e as hesitações criadoras que vivera e estava vivendo no próprio ato de escrever. Não tenta dar-se diretamente nela, mas o faz através de uma imagem degradada, amesquinhada, de si próprio. Aproveita suas recordações de Coimbra e as submete à mesma operação de aviltamento. No frustrado poeta Artur, herói do livro, Eça oscila entre o humor (que chega a levar-nos a ver na obra uma piedade de Eça por si próprio) e o tom satírico com que, por vezes, o julga e ridiculariza. É o romance da paixão literária e artística que subjuga alguns, levados à frustração por não serem editados, lidos ou reconhecidos como pertencentes ao mundo das letras e das artes. No começo da sua vida literária, segundo o narrou Jaime Batalha Reis, Eça foi objeto de troça e ridicularia quando publicou os folhetins (*Prosas Bárbaras*). Recorde-se a amargura manifestada pelo grande escritor diante da frieza com que fora recebido inicialmente *O Crime do Padre Amaro*. Artur tem, pois, algo, ou uma pontinha pelo menos, do próprio Eça.

Em *Os Maias*, há perto de uma centena de referências à Baixa, ao Terreiro do Paço e a locais próximos. O romance é por excelência o grande painel da vida burguesa de Lisboa no último quartel do século passado, em que a Baixa, juntamente com o Chiado e o Rossio, como hoje ainda ocorre, é parte vital da cidade. A trama inicial da obra se passa, como foi visto, nos Arroios. Mas logo que Carlos Eduardo é feito médico (*Carolus Eduardus ab Maia,* segundo o diploma coimbrão) e começa "a sua gloriosa carreira, preparado para salvar a humanidade enferma — ou a acabar de matar, segundo a circunstância!", ei-lo a residir no Ramalhete, no bairro das Janelas Verdes, na Lapa. No seu *dog-cart,* com aquela linda égua, a *Tunante,* ou no fáeton com que maravilhava Lisboa, Carlos partia em grande estilo para a Baixa, para o trabalho. Seu consultório era na esquina do Rossio com a Rua do Ouro, portanto em pleno Rossio e em plena Baixa; já foi ele descrito, quando do tratamento que nesta obra foi dado ao Rossio. Ao consul-

tório de Carlos subiam os gritos errantes de pregões, o ruído das carroças e do rolar dos americanos naquele ar fino e naquela luz macia de novembro. João da Ega (*Johanes ab Ega*, bacharel em Direito por Coimbra) já era seu grande amigo e companheiro. O velho Afonso da Maia já tinha voltado a viver no Ramalhete, lindamente redecorado, desde 1875. João da Ega instava Carlos Eduardo a montar um cenáculo (na vida real, depois de chegar a Lisboa, em 1866, Eça de Queiroz veio a fazer parte do famoso cenáculo literário da Travessa do Guarda-Mor), a arranjar "uma boemiazinha dourada, umas *soirées* de inverno, com arte, com literatura". Ega refere a Carlos Eduardo a necessidade absoluta de conhecer o Craft, "a melhor coisa que havia em Portugal..." Ao ouvir de Carlos Eduardo a impressão de que devia tratar-se de "um inglês, uma espécie de doido", o Ega disse que era natural que assim se pensasse na Rua dos Fanqueiros, como a significar a opinião do homem comum da Baixa, da cidade de Lisboa; o indígena, vendo uma originalidade tão forte como a de Craft, não podia explicá-la senão pela doidice". Mais adiante, Ega romperá "nas costumadas admirações pelo Craft, encantado com aquele encontro que dava mais um retoque luminoso à sua alegria. O que o entusiasmava no Craft era aquele ar imperturbável de *gentleman* correto, com que ele igualmente jogaria uma partida de bilhar, entraria numa batalha, arremeteria com uma mulher, ou partiria para a Patagônia..."

Enquanto isso Carlos dava andamento à sua carreira de médico, atendendo gratuitamente a bacharéis seus contemporâneos, ou salvando de um garrotilho (difteria) a filha de um brasileiro no Aterro e assim ganhando a sua primeira libra, "a primeira que pelo seu trabalho ganhava um homem da sua família". Instalava nas Necessidades seu laboratório. Consolidava-se e aumentava sua amizade, seu convívio com João da Ega, em que muito se conversava de mulheres, de diversões, de filosofia, de literatura e de futilidades. As grandes conversas sobre Victor Hugo, "o campeão heróico de verdades eternas...", acordavam os silêncios do Aterro! João da Ega teve ocasião de apresentar Craft a Carlos, marcando-se um jantar no Hotel Central, adiado para converter-se numa festa de cerimônia em honra do Jacob Cohen. "Um jantar do Central é o que basta." Nele estarão também, entre outros, o Marquês de Souselas e "a besta do Steinbroken", o famoso Ministro da Finlândia. "Entravam no peristilo do Hotel Central — e nesse momento um *coupé* da Companhia, chegando a largo trote, do lado da Rua do Arsenal, veio estacar à porta. De dentro, surge um rapaz muito magro, de barba muito negra, oferecendo a mão a uma senhora alta, loura, com um meio véu muito apertado e muito escuro, que realçava o esplendor de sua carnação ebúrnea. Ela entra com passo soberano de deusa, deixando atrás de si, como uma claridade, um reflexo de

cabelos de ouro e aroma no ar. Craft e Carlos se afastaram e abriram passagem àquela dama de veludo branco de Gênova e botinas de verniz. Um preto, empregado do hotel, seguia com sua cadelinha nos braços. A voz de Craft quebrou o silêncio: — *Tres chic!...* Aparece na cena Dâmaso Salcede, apresentado a Carlos por João da Ega. O casal que chegara era os Castros Gomes, na explicação de Dâmaso Salcede, que dizia tratar-se de "uma gente muito *chic*, que vive em Paris". E Eça de Queiroz remata esta cena com uma daquelas esplendentes descrições do céu, do tempo, das nuvens, das cores: "Fora um dia de Inverno suave e luminoso, as duas janelas estavam ainda abertas. Sobre o rio, no céu largo, a tarde morria, sem uma aragem, numa paz elísia, com nuvenzinhas muito altas, paradas, tocadas de cor-de-rosa; as terras, os longes da outra banda já se iam afogando num vapor aveludado, do tom de violeta; a água jazia lisa e luzidia como uma bela chapa de aço novo; e aqui e além, pelo vasto ancoradouro, grossos navios de carga, longos paquetes estrangeiros, dois couraçados ingleses, dormiam, com as mastreações imóveis, como tomados de preguiça, cedendo ao afago do clima doce..."

Também reaparece, logo depois, o poeta Tomás Alencar, o "ilustre cantor das *Vozes d'Aurora*, o estilista de *Elvira*, o dramaturgo do *Segredo do Comendador*", que já conhecia Carlos, do Pote das Almas.

O jantar do Hotel Central foi um memorável encontro em que muita coisa se disse e muito se bebeu. Nele estavam Carlos Eduardo, João da Ega, o judeu Cohen, o poeta Alencar, Dâmaso Salcede, Craft. No auge da discussão, depois de muito beber *St. Emilion, Champagne* e muitas outras coisas mais, surgiu uma discussão daquelas em que Eça de Queiroz, através de seus personagens, maltrata e duramente vergasta Portugal. João da Ega, o Mefistófeles de Celorico, falava mal da raça do país, depois de cinquenta anos de constitucionalismo, criada por esses saguões da Baixa, educada na piolhice dos liceus, arejada apenas ao domingo pela poeira do Passeio e que perdera o músculo.

— "Isso são os lisboetas — disse Craft."

É então que João da Ega pronuncia aquela frase que está no âmago de um certo discurso que teima em perdurar:

— "Lisboa é Portugal. Fora de Lisboa não há nada. O país está todo entre Arcada e São Bento."

Queria isto dizer, na opinião do Ega, que a essência de Portugal está entre o Terreiro do Paço (o Governo) e São Bento (a Assembléia), naturalmente passando pelo Rossio e o Chiado. O *Diário de Notícias*, cuja importância na imprensa portuguesa dispensa comentário, em sua edição de 21 de março de 1982, ao informar sobre a visita do então

Primeiro-Ministro Francisco Pinto Balsemão à capital da Beira Baixa, a cidade de Castelo Branco, atribui a seguinte frase ao Chefe do Executivo português: "Portugal não começa nem acaba em Lisboa e não pode ser governado dentro de paredes estanques, no Terreiro do Paço." Dir-se-ia que Pinto Balsemão prolongou e deu sua resposta no acalorado debate do jantar do Hotel Central, *realizado* há cem anos...

A noite alongava-se e já eram onze horas quando, depois de beber café e mais conhaque e *chartreuse*, saem os boêmios do Hotel Central. Cohen saiu levando o Ega. Dâmaso, Alencar e Carlos foram passear a pé "por esse Aterro fora...". Alencar fez o elogio do Dâmaso, grande amigo dos Cohens, querido da sociedade, filho do velhaco e agiota Silva, que esfolara a todos. Assinava-se, porém, Salcede, talvez nome da mãe, ou talvez nome inventado. Logo na manhã seguinte ao ruidoso jantar do Hotel Central, Dâmaso fora ao Ramalhete deixar os seus bilhetes, "tendo ao ângulo, numa dobra simulada, o seu retratozinho em fotografia, um capacete com plumas por cima do nome — DÂMASO CÂNDIDO DE SALCEDE, por baixo as suas honras — COMENDADOR DE CRISTO, ao fundo a sua *adresse* — *Rua de S. Domingos, à Lapa;* mas esta indicação estava riscada, e ao lado, a tinta azul, esta outra mais aparatosa — GRAND HOTEL, BOULEVARD DES CAPUCINES, CHAMBRE Nº 103". Depois de tentar conhecer Carlos no consultório, Dâmaso, vendo-o passar no Aterro, uma tarde, "correu para ele, pendurou-se dele, conseguiu acompanhá-lo ao Ramalhete". Carlos levou-o para o *fumoir*, ofereceu-lhe um charuto e a conversa girou sobre Lisboa, que o biltre do Dâmaso, de perna traçada e explicando suas opiniões e gostos, considerava *chinfrim*, "... Só estava bem em Paris — sobretudo por causa do gênero *fêmea* de que em Lisboa se passavam fomes; ainda que nesse ponto a Providência não o tratava mal".

Em dado momento Carlos procurou por Dâmaso em sua casa à Lapa, onde fora recebido por um criado galego que, desde o início de suas relações com os Maia, Dâmaso o mantinha entalado numa casaca e "mortalmente aperreado em sapatos de verniz". Dâmaso havia saído a cavalo. Deveria estar por aí de lua-de-mel com alguma andaluza, pensou Carlos. Chegara ao fim da Rua do Alecrim quando se deparou com o Conde de Steinbroken, Ministro da Finlândia, que se dirigia ao Aterro, a pé, seguido da sua vitória a passo. Com ele se entretém em muitas conversas sobre os mais variados assuntos. Dizia Steinbroken que "...A Europa estava num desses momentos de crise, em que homens de Estado, diplomatas, não podiam afastar-se, gozar as menores férias. Precisavam estar ali, na brecha, observando, informando..." E o perfeito *gentleman*, o barítono plenipotenciário, escravo do protocolo e rigoroso cumpridor dos deveres sociais, dá aquele remate que é seu cartão de visita: *"C'est très grave, c'est excessivement grave!"*

Mas, neste ponto preciso, ocorre a fixação de Carlos Eduardo numa belíssima personagem, com a qual se ligará depois, ligação essa que vai constituir a essência da teia do grande romance. "Mas Carlos não escutava, nem sorria já. Do fim do Aterro aproximava-se, caminhando depressa, uma senhora — que ele reconheceu logo, por esse andar que lhe parecia de uma deusa pisando a terra, pela cadelinha cor de prata que lhe trotava junto às saias, e por aquele corpo maravilhoso, onde vibrava, sob linhas ricas de mármore antigo, uma graça quente, ondeante e nervosa. Vinha toda vestida de escuro, numa *toilette de serge* muito simples, que era como o complemento natural da sua pessoa, colando-se bem sobre ela, dando-lhe, na correção, um ar casto e forte; trazia na mão um guarda-sol inglês, apertado e fino como uma cana; e toda ela, adiantando-se, assim, no luminoso da tarde, tinha, naquele cais triste de cidade antiquada, um destaque estrangeiro, como o requinte caro de civilização superior. Nenhum véu, nessa tarde, lhe assombreava o rosto. Mas Carlos não pôde detalhar-lhe as feições; apenas dentre o esplendor ebúrneo da carnação, sentiu o negro profundo de dois olhos que se fixaram nos seus. Insensivelmente deu um passo para a seguir. Ao seu lado Steinbroken, sem ver nada, estava achando Bismark assustador. À maneira que ela se afastava, parecia-lhe maior, mais bela; e aquela imagem falsa e literária de uma deusa marchando pela terra prendia-lhe à imaginação. Steinbroken ficara aterrado com o discurso do Chanceler no *Reichstag*... Sim, era bem uma deusa. Sob o chapéu, numa forma de trança enrolada, aparecia o tom do seu cabelo castanho, quase louro à luz; a cadelinha trotava ao lado, com as orelhas direitas.

— Evidentemente — disse Carlos — Bismark é inquietador...

Steinbroken, porém, já deixara Bismark. Agora atacava Lord Beaconsfield (Disraelli).

— *Il est très fort... Oui, je vous l'accorde, il est excessivement fort... Mais voilà... Où va-t-il?*

Carlos olhava para o Cais do Sodré. Mas tudo lhe parecia deserto."

Após esta cena, a vitória partiu e o diplomata, agasalhando as pernas e o estômago num grande *plaid* (manta) escocês, disse a Carlos Eduardo que o passeio fora bom, mas que o "Aterro *no* era divertido". Carlos achara-o o mais delicioso lugar da terra. Voltou três vezes ao Aterro, sem reencontrá-la. Sentiu-se humilhado naquela "inquietação de rafeiro perdido, farejando o Aterro, da rampa de Santos ao Cais do Sodré, à espera de uns olhos negros e de uns cabelos louros de passagem em Lisboa e que um paquete da *Royal Mail* levaria uma dessas manhãs..." Por toda aquela semana Carlos deixara seu trabalho abandonado sobre a mesa.

Mais tarde, Carlos já sabia, por Taveira, que aquela esplêndida mulher fora vista num grande *landau* da Companhia, com o Dâmaso. Vem a saber da ida dela a Sintra e daí surge o plano de sua subida àquela linda serra na companhia do Maestro Cruges. Carlos o apanharia com o seu *break.*

O pianista morava com a mãe, "uma senhora vivida, ainda fresca, e dona de prédios na Baixa". E partiram rumo a Sintra. "Era uma manhã muito fresca, toda azul e branca, sem uma nuvem, com um lindo sol que não aquecia, e punha nas ruas, nas fachadas das casas, barras alegres de claridade dourada. Lisboa acordava lentamente: as saloias ainda andavam pelas portas com os seus seirões (cestas) de hortaliças; varria-se devagar a testada das lojas; no ar macio morria à distância um toque fino de missa." Cruges, com o rosto coberto com o *cache-nez,* de luvas, olhava a esplêndida parelha baia que reluzia como cetim sob o faiscar de prata dos arreios, os criados, em suas elegantes librés. Todo aquele luxo correto rolava em cadência. A galante aventura de Sintra será resumida no capítulo pertinente desta obra. Mas como Carlos não encontrou Maria Eduarda, Sintra, de repente, lhe pareceu um deserto intolerável e triste! Sentia um desejo desesperado de galopar para Lisboa, correr ao Hotel Central, invadir-lhe o quarto, vê-la, saciar os seus olhos nela. Irritava-o não encontrá-la, na pequenez de Lisboa, onde toda a gente se acotovela. Duas semanas farejara o Aterro como um cão perdido à procura daquela deusa transviada que lhe deixava cair na alma, por acaso, um dos seus olhares negros, e se evaporava como se tivesse remontado ao céu. Era para ele uma adorável desconhecida, de quem ele nada sabia senão que era alta e loira e que tinha uma cadelinha escocesa (está dito mais de uma vez que a cadelinha era *griffon,* uma raça belga de cães). Assim acontece com as estrelas de acaso! "Elas não são de uma essência diferente, nem contêm mais luz que as outras; mas por isso mesmo que passam fugitivamente e se esvaem, parecem despedir um fulgor mais divino, e o deslumbramento que deixam nos olhos é mais perturbador e mais longo..." Mais adiante, Carlos não saía de casa, esperando um recado, faiscando de impaciência. Nenhum recado veio e duas tardes depois, ao descer para o Aterro — a primeira visão que teve, às Janelas Verdes, foi a de Castro Gomes, de caleche descoberta, com a mulher ao lado e a cadelinha ao colo. Carlos decidiu findar aquela tortura, pedir muito simplesmente ao Dâmaso que o apresentasse ao Castro Gomes, antes de ele partir para o Brasil... "Não podia mais, precisava ouvir a voz dela, ver o que os seus olhos diziam quando eram interrogados de perto." O Aterro volta a aparecer, a exemplo do que ocorre em outras obras de Eça, como um lugar de passeio salutar. Carlos aconselhara o Marquês de Souselas, para superar seus achaques, a caminhar até ao Ramalhete, "pelo Aterro a fora, a passo ginástico, e em chegando lá — você está curado". Mas o Marquês, temendo o ar do rio, preferiu tomar uma tipóia, na companhia de Carlos, até ao Ramalhete.

Em dado momento, Maria Eduarda deixa o Hotel Central para instalar-se numa casa à Rua de São Francisco (Rua Ivens), ao Chiado. Ao longo do romance, vêm com frequência à memória de Carlos Eduardo os momentos em que Maria Eduarda morava no Hotel Central e passeava com Niniche, a cadelinha escocesa, pelo Aterro a fora. São constantes, ao longo de toda a obra, as rememorações do Aterro, quase sempre acompanhadas com descrições ou alusões ao ambiente, ao ar, ao céu, ao rio. Pelo Aterro, por entre a poeira de verão e o ruído das carroças, Niniche trotava, ligeiramente atrás daquela radiante figura de mulher. Carlos, só, dentro do *coupé,* voltando à Baixa, sentia agora uma alegria triunfante com a partida da Gouvarinho e a inesperada jornada do Dâmaso. Era como uma dispersão providencial de todos os importunos... E assim se fazia em torno da casa de Maria Eduarda uma solidão, com todos os seus encantos e as suas cumplicidades. Carlos Eduardo, vindo do Aterro, deixou a carruagem no cais do Sodré e subiu a pé até à Rua de São Francisco, onde estava a casa de Maria Eduarda. Uma vez, Maria Eduarda contara a Carlos a indignação que sentira na Praça da Figueira, na Baixa, quase com idéias de vingança, por ter visto nas tendas dos galinheiros aves e coelhos, apinhados em cestos, sofrendo durante dias as torturas da imobilidade e a ansiedade da fome. Carlos via semelhança dessa conduta de Maria Eduarda com o velho Afonso, seu avô, que não pisava sequer em cima de um formigueiro.

Embora a Rua Augusta fosse uma rua importante da Baixa, João da Ega, quando quis fortemente criticar a decoração da *Toca,* nos Olivais, classificou-a como digna de um estofador da Rua Augusta! "Essa concepção do paraíso — exclamou ele — parece-me de um estofador da Rua Augusta! Como natureza, couves galegas; como decoração, os velhos cretones do gabinete, desbotados já por barrelas... Um quarto de dormir lúgubre como uma capela de santuário... Um salão confuso como o armazém de um cara-de-pau, e onde não é possível conversar... A não ser o armário holandês, e um ou outro prato, tudo aquilo é um lixo arqueológico... Jesus! Eu odeio *bric-à-brac!*" A Rua do Ouro também volta a aparecer em *Os Maias,* referida por João da Ega quando nela cruzara com Jacob Cohen, parecendo-lhe que o canalha lhe atirara um olhar atrevido, sacudindo a bengala; o Mefistófeles jurava que se o canalha ousasse outra vez fitá-lo, espedaçava-o sem piedade, publicamente, numa esquina da Baixa. João da Ega e Carlos Eduardo elogiavam o poeta Alencar pela sua écloga a Sintra — Carlos,

arrependido de não ter completado a humilhação do Dâmaso, dando-lhe as merecidas bengaladas, pois o sabia autor de falatórios sobre suas relações com Maria Eduarda (tinha apenas ameaçado de arrancar-lhe as orelhas); e Ega, de sua parte, pensava que, numa dessas tardes, no Chiado, teria mesmo de esbofetear o Cohen, cuja mulher, Raquel, o traíra com o próprio Ega. Como iam para o Ramalhete, Alencar os acompanhou para o Aterro. "E falou sempre, contando o plano de um romance histórico, em que ele queria pintar a grande figura de Afonso d'Albuquerque, mas por um lado mais humano, mais íntimo; Afonso d'Albuquerque namorado; Afonso d'Albuquerque, só, de noite, na popa do seu galeão, diante de Ormuz incendiada, beijando uma flor seca, entre soluços. Alencar achava isto sublime."

De novo, o indefectível Aterro. A Gouvarinho fora procurar Carlos Eduardo no *Price*, onde jogava uma partida de bilhar com o Ega. Carlos Eduardo foi ao *coupé* e, do canto da velha traquitana, um vulto negro, abafado numa mantilha de renda, debruçou-se perturbado, pedindo apenas um instante para lhe falar. Era a Gouvarinho. Carlos já a rejeitara. Mas tal foi a insistência que ele saltou para dentro do *coupé* e, furioso, gritou ao cocheiro ordem de dar uma volta pelo Aterro. O velho calhambeque rolava na escuridão, em direção à rampa dos Santos. No vagaroso rolar do *coupé*, ao longo do rio, Carlos sentiu a respiração tumultuosa e angustiada da Gouvarinho. A conversa era penosa e, por fim, voltam confusamente os enleios de um amor já cansado. A tipóia parou defronte ao Ramalhete e outra vez voltou ao Aterro, por ordem de Carlos. O pensar em Maria Eduarda fez Carlos, de repente, dar um basta e dizer que suas relações com a Condessa estavam mesmo acabadas. Voltou-se com os punhos fechados como para espancá-la, diante dos insultos que a Gouvarinho dirigira à "aventureira que tem o marido arruinado e que precisa quem lhe pague as modistas". Finalmente o calhambeque parou, "Carlos fechou de estalo a portinhola e sem uma palavra, sem erguer o chapéu, voltou-lhe as costas, abalou a grande passadas para o Ramalhete, trêmulo ainda, cheio de idéias de rancor sob a paz da noite estrelada". De outra feita, Carlos Eduardo chegara ao fim do Aterro. "O rio silencioso fundia-se na escuridão. Por ali entraria em breve, do Brasil, o *outro* (Castro Gomes) — que nas suas cartas se esquecia de mandar um beijo à sua filha! Ah, se ele não voltasse! Uma onda providencial poderia levá-lo... Tudo se tornaria tão fácil, perfeito e limpo!"

E chegou o momento do encontro de Carlos Eduardo com Castro Gomes, um pedante, um rastaquera a calhar para a guilhotina, no dizer de Joaquim Guimarães, demagogo e adepto da Comuna. A cena se passou no Ramalhete. Castro Gomes chegara de repente e fez-se anun-

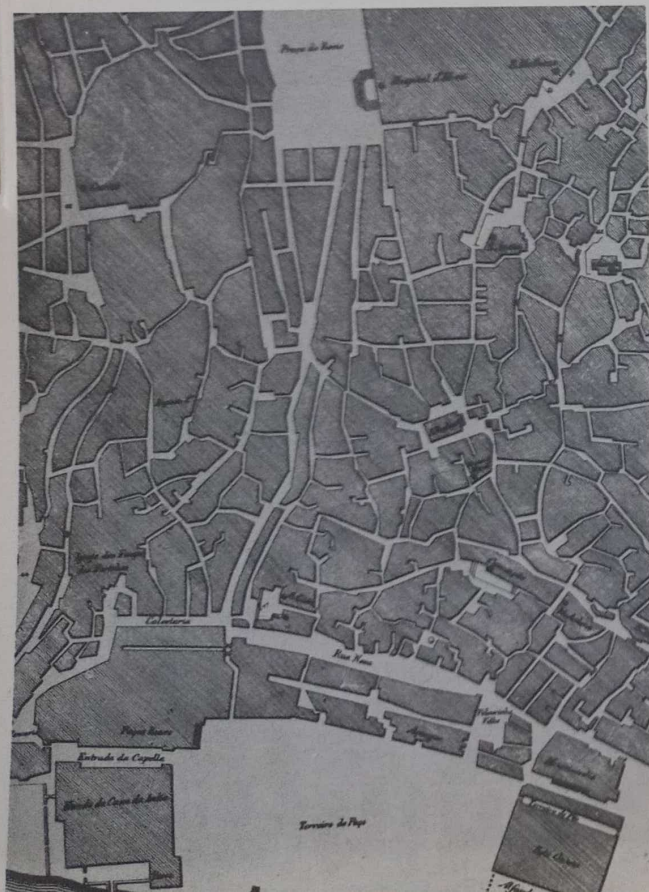
ciar com um bilhete com o timbre do Hotel Bragança. Carlos Eduardo vestiu um jaquetão de flanela e uma sobrecasaca. O *brasileiro* acabara de chegar do Rio de Janeiro, ou antes, do Lazareto. Tinha em seu bolso o escrito anônimo sobre as relações de Maria com Carlos. Disse que não atravessara o Atlântico por causa disso, seria o maior dos ridículos. E segue-se aquela conversa terrível para Carlos Eduardo. Para Castro Gomes, Maria Eduarda era apenas uma "Fulana de Tal, amigada"... Pagara-lhe a estada no Hotel Central como se fosse sua mulher, a quem permitira usar seu nome. Depois, pagara-lhe a casa na Rua de São Francisco. Conhecera-a somente havia três anos... Vinha dos braços de um qualquer e depois passara para os dele. Podia, pois, dizer, sem injúria, que ela era apenas uma mulher que ele pagava. Carlos Eduardo sentia dentro de si toda a fúria de uma revolta, pela ingenuidade com que se conduzira diante de uma mulher que qualquer um, em Paris, com mil francos no bolso, poderia ter num sofá, fácil e nua. Era horrível! No entanto, teria sido tão fácil, desde o primeiro dia no Aterro, "ter percebido que aquela deusa, descida das nuvens, era apenas amigada com um *brasileiro!*" Mas não é só o espírito da mulher que pode ser *mobile*. Depois do reencontro de Carlos Eduardo com Maria Eduarda, na *Toca*, ele se propõe casar com ela. Passadas todas as incertezas e tormentos que o tinham agitado desde o dia em que cruzara com ela no Aterro, Carlos anelava também pelo momento de se instalar no conforto de um amor sem dúvidas e sem sobressaltos. Na asquerosa nota da *Corneta do Diabo* os nomes de Carlos Eduardo e Maria Eduarda eram miserivalmente atirados à lama, em frases de calão, como já foi visto.

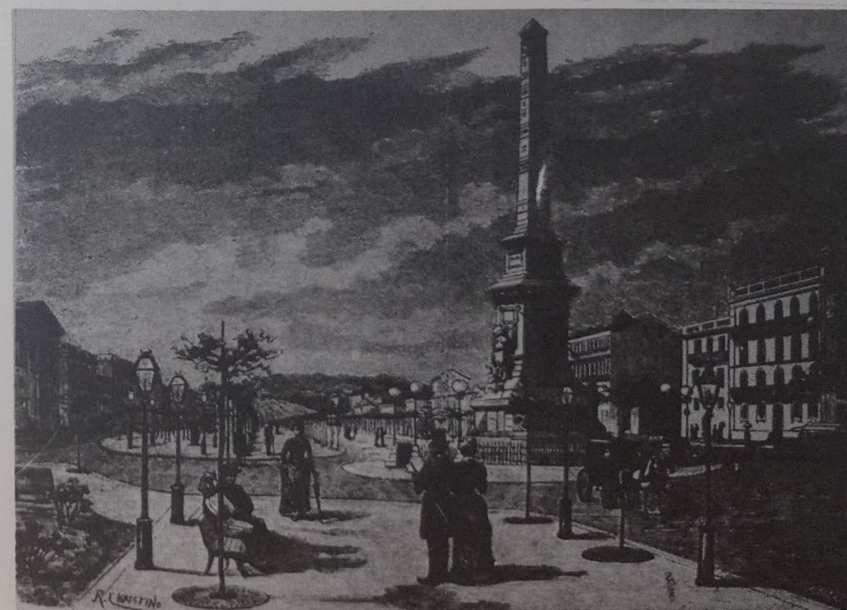
No Teatro da Trindade ia realizar-se um sarau literário e artístico para finalidade de beneficência, com a presença dos reis. E o Ega dizia, excitado, que havia duas coisas a não perder em Lisboa: uma procissão do Senhor dos Passos e um sarau poético. Carlos e Ega tomaram uma tipóia que rolava pelo lado do Pelourinho. Seguindo devagar pelo Aterro, Ega contou que já privara com o redator da *Corneta do Diabo*, o Palma, chamado Palma *Cavalão*, para se distinguir de outro benemérito chamado Palma *Cavalinho*. A tramóia estava descoberta. Por detrás estava o Dâmaso Salcede, que sabia de tudo. O Palma nada sabia de Carlos, nem de Maria, nem da casa da Rua de São Francisco. Ega e Carlos foram ao Largo de Santa Justa, à entrada do *Lisbonense*, a avistar-se com o Palma *Cavalão*. A história terminou com o Dâmaso a assinar uma declaração segundo a qual era um ébrio hereditário, com firma reconhecida no Tabelião Nunes, na Rua do Ouro. Do contrário — à parte um duelo de florete, com poças de sangue à vista — era enfrentar escarros na cara e bengaladas aparatosas em pleno Chiado, à vista de todos!

Sobrevém, por um acaso, a dramática revelação sobre o incesto de Carlos Eduardo e Maria Eduarda. À porta do Teatro da Trindade, no sarau de beneficência, um sujeito, de barbas de apóstolo, todo de preto, amigo do poeta Alencar, o democrata Joaquim Guimarães, tio do Dâmaso Salcede, tinha sido apresentado a João da Ega. A este, Guimarães ia pedir um favor: entregar um cofrezinho com papéis importantes a Carlos Eduardo da Maia, cuja mãe ele conhecera muito em Paris. Tinha guardado esse cofre por um bom tempo e, por acaso, o trouxera a Portugal nesta última viagem. Durante o sarau tinha ele refletido sobre a conveniência de entregá-lo à família. Sabendo da intimidade existente entre João da Ega e Carlos Eduardo, Joaquim Guimarães (o democrata, o demagogo, o carbonário, epítetos comuns a pessoas de pensamento revolucionário naquela época) lembrara-se de o confiar a Ega para que o entregasse ao Carlos da Maia, ou à irmã. Ega perguntou com espanto: "À irmã? A que irmã?" Guimarães respondeu: — "À irmã dele, a única que tem, a Maria." Guimarães estava hospedado no Hotel de Paris, no Pelourinho. Diante da reação de João da Ega à referência sobre a irmã de Carlos Eduardo, Guimarães disse que a vira, poucos dias antes, juntamente com Carlos da Maia e o Ega, na mesma carruagem, no Cais do Sodré. Isto foi o fio de Ariadne que puxou a revelação de toda a história do incesto. De todas as confirmações sobre a visão de Carlos Eduardo com Maria Eduarda numa tipóia, no Cais do Sodré, e dos documentos contidos no cofre, resultava aquela certeza monstruosa: Carlos era amante da irmã. Nem podia haver equívoco para Guimarães: ela, loura, e alta, esplêndida, vestida à francesa, "flor de uma civilização superior, faz relevo nesta multidão de mulheres miudinhas e morenas". Na pequenez da Baixa e Aterro, onde todos se acotovelavam, Maria Eduarda e Carlos Eduardo fatalmente se conheceriam, fatalmente se trairiam. Conhecerem-se, era certo. Amarem-se, era provável. Guimarães entregou pessoalmente o cofre a João da Ega, acompanhando-o até à esquina da Rua do Arsenal. O Ega via um trem (carruagem) que avançava, rolando devagar, do lado do Terreiro do Paço. Despediu-se rapidamente do democrata e deu ao cocheiro o endereço do Ramalhete. Na carruagem, através do Aterro, a ansiosa interrogação do Ega a si mesmo, sobre como proceder. Do Ramalhete, Ega resolveu partir para uma visita ao procurador Vilaça, no escritório da Rua da Prata, em plena Baixa, depois de rolar "pelo Aterro, numa tipóia descoberta, mais animado, respirando largamente aquele belo ar da manhã, fino e fresco, que ele tão raras vezes gozava". Como Vilaça não estava, algum tempo depois de novo a tipóia batia para a Rua da Prata. Com o embrulho do cofre na mão (parecia um velha caixa de charutos), foi andando pela Rua do Ouro até o Rossio. Voltou pela Rua da Prata e subiu ao escritório do Vilaça, que lá já se encontrava e com o qual tudo ficou bem esclarecido. Após um

Em cima, vista da Praça do Comércio, antigo Terreiro do Paço, cuja história está ligada ao antigo Paço da Ribeira, que D. João III transformou em residências reais. Ao tempo de D. João IV, segunda metade do século XVII, existiu no centro um chafariz de quatro bicas, com um Apolo ao alto.

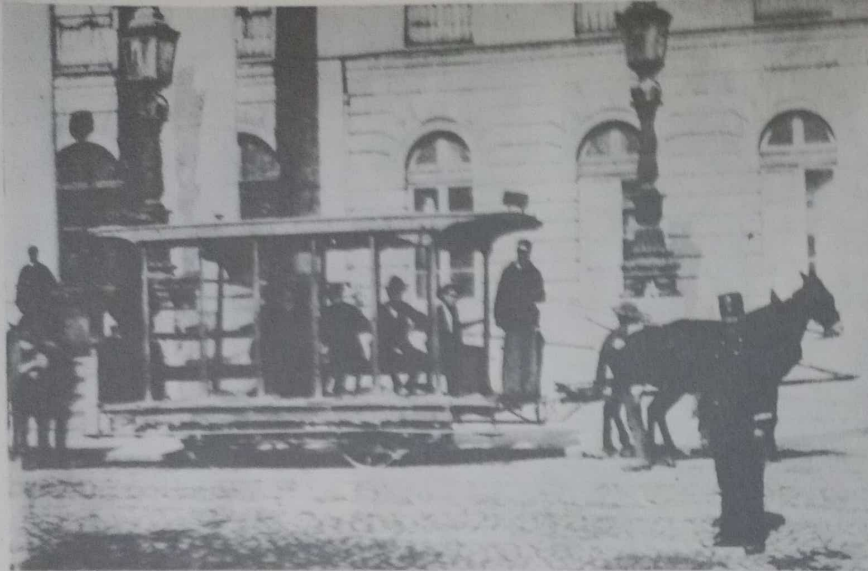
"Um ar frio e húmido envolveu-o: estava junto à muralha do Terreiro do Paço. O rio agitado, na maré crescente, batia tristemente na escuridão, contra as escadas do Cais; entre os botes amarrados, a água tinha tenebrosidades frias; vultos de navios faziam na noite escura redobramentos de sombras, e aqui, além, num mastro, tremulava um fanal mortiço. Era só subir ao parapeito, saltar, estava livre... (...) Certos reflexos mais negros da água chamavam-no com intenções de pupilas humanas; reteve-o o horror do frio, a idéia da roupa molhada colada ao corpo e uma vaga inércia, a preguiça de tomar uma resolução tão violenta..." (*A Capital*) (Foto Secretaria de Estado de Turismo)

Embaixo: "Uma velha *caleche,* de parelha branca, estava encalhada ali contra o passeio. Melanie saltou para dentro, à pressa. A traquitana rodou aos solavancos para o Terreiro do Paço." (*Os Maias*) (Foto A. Campos Matos)

Plantas topográficas de Lisboa, desenhadas por João Nunes Tinoco, em 1650 (pormenor da parte baixa da cidade). Fonte: Biblioteca Nacional. (Foto *Diário de Notícias*, de Lisboa)

Em cima, obras da Avenida da Liberdade, na década de 1870/1880, vendo-se à direita a casa do Marquês de Sá da Bandeira. *Embaixo,* a Avenida da Liberdade e a Praça dos Restauradores, na década de 1890. (Fotos *Diário de Notícias,* de Lisboa)

Em cima, a Estação de Santa Apolônia nos primórdios da década de 1860, quando o Tejo ainda chegava até o seu flanco sul, que era então o antigo Cais dos Soldados.

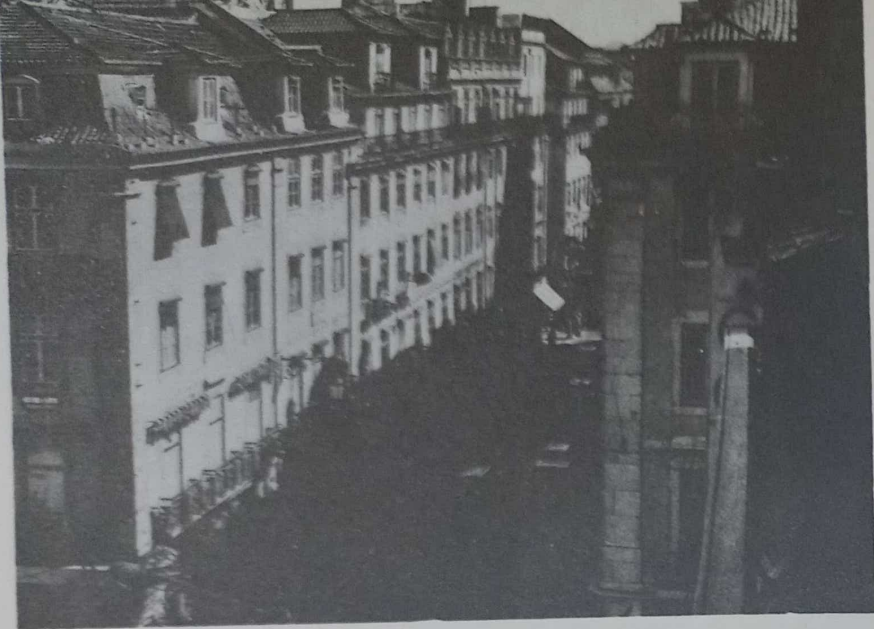
"E era esta a formidável nova anunciada por Carlos, a nova que ele contara de madrugada ao Ega, depois dos primeiros abraços, em Santa Apolônia. Maria Eduarda ia casar." (*Os Maias*) (Foto *Diário de Notícias,* de Lisboa)

A estação ferroviária de Santa Apolônia, inaugurada em 1865, passou pela ampliação de um andar a mais. "Era Lisboa e chovia. Vínhamos poucos no comboio, uns trinta talvez... (...) Finalmente, o carregador voltou, sacudindo a chuva, afirmando que não havia uma tipóia em todo o bairro de Santa Apolônia." (*A Correspondência de Fradique Mendes*) (Foto A. Campos Matos)

O Rossio, vendo-se ao centro o monumento chamado pelo povo de *Galheteiro,* que deu seu lugar, em 1870, à estátua de D. Pedro IV que, por sua vez, dá hoje oficialmente nome à famosa praça, conforme foto embaixo, tirada a partir do canto nordeste. (Fotos *Diário de Notícias,* de Lisboa)

Os meios de transporte têm um lugar especial na obra de Eça de Queiroz. A fotografia, cedida pelo Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, apresenta um *coupé* do fim do século passado. Bem poderia ser aquele "quase novo, fofo e asseado que rolava sem ruído", como Eça o descreveu em *Alves & Cia*. Ao longo da prosa queiroziana desfilam, além de *coupé,* tipóia, *break,* faéton, caleche, *dog-cart, char-à-banc,* vitória, americano (bonde puxado a burro — foto em cima), carruagem, ônibus, trem e outros tipos de veículos. Eça se comprazia em precisar os movimentos e marchas dos veículos: o galope era às vezes esfalfado, ora a marcha ora a meio galope. Havia o trote lento, o pacato, o largo, o lançado, o grande, o estilizado e até o desesperado como foi aquele da ida de Fradique Mendes, de Santa Apolônia ao Hotel de Bragança, numa positiva caleche que "rompeu a passo do negrume de uma viela".

Também os cocheiros foram celebrados em tipos marcados, como o Teso, o Mulato, o Ginja, o Canhoto, o Pintéus, o Pingalho.

O Rossio de nossos dias. Nas páginas de *O Primo Basílio* ele é assim descrito nas palavras de Eça de Queiroz: "No Rossio, sob as árvores, passeava-se; pelos bancos, gente imóvel parecia dormitar; aqui e além pontas de cigarro reluziam; sujeitos passavam, com o chapéu na mão, abanando-se, o colete desabotoado; a cada canto se apregoava água fresca do Arsenal; em torno do largo, carruagens descobertas rodavam vagarosamente. O céu abafava — e na noite escura, a coluna da estátua de D. Pedro tinha o tom baço e pálido de uma vela de estearina colossal e apagada". (Foto A. Campos Matos)

A partir de 1866, Eça de Queiroz morava em casa dos pais, ao Rossio, no quarto andar do prédio nº 26. O seu quarto — pequeno, com uma mesa ao centro e uma estante de poucos livros — dava para a Rua do Príncipe (hoje Primeiro de Dezembro). Aí foram, em parte, escritos os *Folhetins*. (*Prosas Bárbaras*) (Foto A. Campos Matos)

Em cima, o consultório de Carlos Eduardo podia estar localizado no edifício à esquerda, esquina da Rua Áurea com o Rossio, bem embaixo da placa onde se lê *Agostinho de Oliveira, Advogado.*

— "E o consultório, meu senhor, não é aqui nem acolá; é no Rossio, ali em pleno Rossio!" (*Os Maias*) (Foto A. Campos Matos)

Na foto do Autor, *embaixo,* o Arco do Bandeira, ao Rossio, acesso para a Rua dos Sapateiros. À esquerda, sob o anúncio *Coca-Cola,* a portinha do botequim *A Tendinha.* "Victor está preocupado ao almoço; o retrato de seu pai traz uma história. Depois do almoço, vai ao escritório, um escritório atroz de tédio e de porcaria, na Rua do Arco do Bandeira..." (*A Tragédia da Rua das Flores*) Ao lado, foto do cartaz do botequim, afamado pela sua ginjinha. (Foto cedida por Jaime Calheiros Carvalho)

jantar no Ramalhete, Carlos Eduardo decidiu ir à Rua de São Francisco. Fora nessa tarde, só, no seu quarto, que Carlos resolvera ir falar com Maria Eduarda. Ele, só ele. Partira a pé, pelo Aterro, abafado num paletó de peles, acabando o charuto. "A noite clareara, com um crescente de lua entre farrapos de nuvens brancas, que fugiam sob um norte fino." Ao longo do Aterro, retardava os passos, resumia, retocava seu plano, ensaiando mesmo consigo, baixo, palavras que lhe diria. Ficou assentado que o assunto seria levado ao velho Afonso da Maia, com todas as cautelas. À tarde, na Rua do Ouro, João da Ega, depois de almoçar no Tavares, via Carlos, que levava no *break* o Cruges e o Taveira — arrebanhados, certamente, para ele não se encontrar só à mesa, com o avô, que já soubera, pelo próprio neto e pelo Ega, de tudo. Essa revelação o levou depois à morte fulminante no jardim.

"Afonso da Maia lá estava, nesse recanto do quintal, sob os ramos do cedro, sentado no banco de cortiça, tombado por sobre a tosca mesa, com a face caída entre os braços. O chapéu desabado rolara para o chão; nas costas, com a gola erguida, conservava o seu velho capote azul. Em volta, nas folhas das camélias, nas áleas areadas, refulgia, cor de ouro, o sol fino de inverno. Por entre as conchas da cascata, o fio de água punha o seu choro lento." Maria Eduarda partiria para Paris num vagão-salão que o procurador Vilaça já lhe reservara. Ela se recusou a receber parte alguma de sua herança, aceitando, porém, uma doação que Carlos Eduardo lhe fez, correspondente a doze contos de réis de renda... arranjadas as coisas por intermédio do Vilaça. Sua morada seria perto de Orleãs, numa quinta que lá comprara, chamada *Les Rosières*. Ficou noiva de um vizinho, um *gentilhomme campagnard*, de família séria, com fortuna, que habitava um pequeno *château*, nos arredores. Ia ser Madame de Trelain. O noivo lhe conhecia o passado e os erros.

Depois do regresso de Carlos Eduardo a Lisboa e de seu reencontro com o João da Ega, passeavam eles pela cidade. Lisboa fazia diferença. A Avenida substituíra o Passeio. Dâmaso, casado, barrigudo, nédio, de flor ao peito, mamando um grande charuto, com o ar regaladamente embrutecido de um ruminante farto e feliz, estendeu a mão a Carlos, que lhe abandonou dois dedos, sorrindo, indiferente e esquecido. A "besta do Steinbroken" estava servindo agora na velha Grécia e isso divertia-os infinitamente. "Ega imaginava o Ministro finlandês, teso nos seus altos colarinhos, afirmando a respeito de Sócrates, com prudência: — *Oh, il est très fort, il est excessivement fort!* — Ou ainda, a propósito da batalha das Termópilas, rosnando, com medo de se comprometer: — *C'est très grave, c'est excessivement grave!* — Valia a pena ir à Grécia para ver!"

O Mefistófeles mostrava a Carlos um clube novo: o *Turf*, que vem a ser o antigo Jóquei da Travessa da Palha (Rua dos Correeiros, na Baixa). Fazia-se lá uma batotinha barata, tudo gente muito simpática. Depois o Ega contou o caso engraçado da ignorante Adosinda, que aparecera no Restaurante Silva, a dizer que era amiga de um belo rapaz, o *deficit*...

"Mas um ar lavado e largo circulava; o sol dourava a caliça; a divina serenidade do azul sem igual tudo cobria e adoçava. E os dois amigos sentaram-se num banco, junto de uma verdura que orlava a água dum tanque esverdinhada e mole.

Pela sombra pàsseavam rapazes, aos pares, devagar, com flores na lapela, a calça apurada, luvas claras fortemente pespontadas de negro. Era toda uma geração nova e miúda que Carlos não conhecia. Por vezes Ega murmurava um *olá!*, acenava com a bengala. E eles iam, repassavam, com um arzinho tímido e contrafeito, como mal-acostumados àquele vasto espaço, a tanta luz, ao seu próprio *chic*."

Em *Os Maias*, o Aterro teve, como se viu, uma presença extraordinariamente marcada. Não admira, pois, que Eça tenha escolhido o Aterro para o fecho daquela monumental obra. Carlos e Ega entregam-se a meditações sobre a renúncia e o desconsolo diante das coisas passadas. Afinal, dizia o Ega, não foram eles, desde o colégio, outra coisa que românticos, isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelos sentimentos e não pela razão. Carlos dizia que agora abraçava o fatalismo muçulmano: nada a desejar e nada a recear. Não se abandonar a uma esperança, nem a um desapontamento. Tudo aceitar — o que vem e o que foge. Deixar o *Eu* ir-se deteriorando e decompondo até reentrar e se perder no infinito Universo... Sobretudo não ter apetites, nem contrariedades. Ega concordava e dizia que não valia a pena dar um passo para alcançar coisa alguma na terra. Porque tudo se resolve, como já lhe ensinara o sábio do *Eclesiastes*, em desilusão e poeira. Se lhe oferecessem a fortuna dos Rothschilds, ou a coroa de Carlos V, à condição de que corresse, não apressaria o passo, não saía desse passinho lento, prudente, correto, seguro, que é o único que se deve ter na vida. E ambos retardaram o passo, descendo pela rampa de Santos em direção ao Aterro. Carlos lembrou-se de comer ao jantar um prato de paio com ervilhas, que lhe despertava o apetite desde Paris. Mas já se fazia tarde. Eram seis e um quarto e ele tinha dito ao Vilaça e aos rapazes para estarem pontualmente às seis horas no Hotel Bragança. E não aparecia uma tipóia sequer!

— "Espera! — exclamou Ega. — Lá vem um *americano*, ainda o apanhamos.

— Ainda o apanhamos!

Os dois amigos lançaram o passo, largamente. E Carlos, que arrojara o charuto, ia dizendo na aragem fina e fria que lhes cortava a face:

— Que raiva ter esquecido o paiozinho! Enfim, acabou-se. Ao menos assentamos a teoria definitiva da existência. Com efeito, não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para cousa alguma...

Ega, ao lado, ajuntava, ofegante, atirando as pernas magras:

— Nem para o amor, nem para a glória, nem para o dinheiro, nem para o poder...

A lanterna vermelha do *americano*, ao longe, no escuro, parara. E foi em Carlos e em João da Ega uma esperança, outro esforço:

— Ainda o apanhamos!

— Ainda o apanhamos!

De novo a lanterna deslizou e fugiu. Então, para apanhar o *americano*, os dois amigos romperam a correr desesperadamente pela rampa de Santos e pelo Aterro, sob a primeira claridade do luar que subia."

A Baixa e o Terreiro do Paço a debruçar-se sobre o Tejo apaixonaram prosadores e poetas de Portugal, que a eles se referiram em romances, contos e poemas. Um estudo amplo e exaustivo da presença da Baixa, do Terreiro do Paço e do Tejo na literatura portuguesa mostraria que Eça de Queiroz está em boa companhia quando inclui aqueles temas na sua fabulação. José Rodrigues Miguéis, em *Pascoa Feliz*, Lisboa, 1958, fala da Baixa, da Rua dos Fanqueiros, do Terreiro do Paço, do Tejo, da Avenida da Liberdade, do Chiado e de outras partes de Lisboa. Exemplificando: "Lembrou-me agora a Baixa vasta e sossegada, que a melancolia verde do gás iluminava, a Baixa da minha infância, com o seu ar tão simples e honesto, limpa e discreta. E sinto saudades."

Urbano Tavares Rodrigues, no *Diário da Ausência e Textos de Presença Activa*, tem, sobre a Baixa, este trecho: "A Rua do Ouro, às seis horas da tarde, titubeava com calor, suava de Setembro quente, turistas cobertos de sol e com marmitas às costas enfrentavam-se com

os manequins das lojas, oh!, composta Lisboa, arrumadinha por fora, esquelética, envenenada cadelinha voraz, que um dia hás-de morder, Rossio da pasmaceira, polícias de saias e o marialva à coca."

De Alberto Pimentel (1849-1925), em *Fotografias de Lisboa*, vai extraída a seguinte citação: "... Atraía-me o Tejo, fui vê-lo. Atravessei o Terreiro do Paço que estava ainda despovoado. Que diferença entre o Terreiro do Paço às oito da manhã e às duas da tarde! Depois do meio-dia todas as carruagens que passam na Baixa vão para o Terreiro do Paço. D'uma vez disse-me alguém na Rua Augusta indicando-me um sujeito que ia dentro d'um trem: — Aquele que ali vai é um padre; passa aqui há seis meses!"

Em *Lisboa Vista do Céu*, Jaime Cortesão fixa suas impressões sobre Lisboa vista de um vôo de avião:

"Ó! Lisboa do Tejo e das viagens,
Onde é mais fundo o Céu, há mais azul,
Perspectivas de sonho e de miragens,
já voei sobre ti, fui alma exul,
— Pasmavam os navios junto à amarra.
Estiravam-se os serros contra o sul,
Riam ondinas alvas para a barra!
............................."

Antônio Botto (1900-1959), em seu *O Livro do Povo*, celebra a Lisboa de sua infância, a Lisboa da velha Alfama, a Lisboa das Fragatas, do seu glorioso Castelo, de seu sorriso de nostalgia, a

"Lisboa das horas mortas
Com namoros à janela;
Lisboa que sabes rir
Lisboa de Chafarizes
Para morrer devagar;
Onde a água é um cantar
De nautas e mariantes,
Lisboa das guitarradas
no lirismo dos amantes!
...................."

Antônio Botto celebra o Tejo, o Terreiro do Trigo, o Chafariz de Dentro, o Beco da Bica, o Calhariz, os barcos que saem à Barra, o Rossio, o Borratém, o Carmo, a Rua do Amparo, a Rua do Benformoso, a Praça da Figueira, o Arco da Rua Augusta, a Rua dos Fanqueiros, a Mouraria. E tem esta poesia sobre uma das mais tradicionais ruas da Baixa pombalina:

"Rua da Prata. Ouvi bater um quarto
Num relógio talvez de carrilhão;
Tropecei num soldado. Uma esmolinha
Para comprar meio-pão!
Diz-me um garoto franzino;
E entro numa casa mesmo em frente
Do Banco Nacional Ultramarino
Para tomar qualquer coisa, um café quente,
E fumar um cigarro e descansar...
............................"

5.

SANTA APOLÔNIA, PARTES ORIENTAIS E OUTRAS

"Mora num beco de Alfáma e chamam-lhe a Madrugada. Mas ela, de tão 'stouvada, nem sabe como se chama. Mora num' água-furtada que é a mais alta de Alfama. A que o sol primeiro inflama quando acorda a madrugada."

David Mourão-Ferreira, *in*
Obra Poética, 1º volume, Lisboa, 1980.

"Velha como as coisas velhas que vende, esta feira da ladra..."

Do jornal *O Século*,
Lisboa, 7 de setembro de 1902.

"Ruas alegres da velha Lisboa, cheias de sol e de poeira, os telhados em bico e de imagens de azulejo, de ressaltos alpendrados e de janelinhas de rótulas, de frades e de colarejas, de ciganos e de marchantes, quem vos viu e quem vos vê! — "Estragaram a cidade!" — diria D. João V se ressuscitasse..."

Júlio Dantas *in*
Lisboa de Nossos Avós,
Lisboa, 1969.

A Estação de Santa Apolônia figura em pelo mênos uma dúzia de livros de Eça de Queiroz. Repartia com o porto, no último quartel do século XIX, a condição de principal meio de chegada à capital portuguesa, a partir do exterior. Inaugurada no dia 1º de maio de 1865, a estação de Santa Apolônia ficava na Rua do Cais dos Soldados, diante da Praia dos Algarves. O Tejo passava rente a ela, em seu flanco sul. Hoje, em terreno conquistado ao rio, corre a Avenida Infante Dom Henrique, entre a estação e a estrada de ferro de um lado, e o cais atracável, de outro, onde se situa o Terminal de Contentores de Santa Apolônia. O primeiro caminho de ferro em Portugal foi inaugurado em 1856. A linha ia de Lisboa ao Carregado (cerca de 40 quilômetros ao norte da Capital). Não foram poucos os que se opuseram à introdução dos caminhos de ferro em Portugal, pois isto parecia um sacrifício estéril para a nação, que deveria, ao contrário, ir avançando na construção de estradas macadamizadas. O romance *Os Maias*, um grande painel da época, reflete, na pessoa do Abade Custódio, esse sentimento de oposição às estradas de ferro. Quando soube que o procurador Vilaça viera no comboio até o Carregado, disse, suspendendo a colher que ia levar à boca: — "De causar horror, hem?". O abade assustava-se com as inevitáveis desgraças dessas máquinas. Gostava do progresso, achava até necessário o progresso, mas parecia-lhe que se queria fazer tudo à lufa-lufa. "O país não estava para essas invenções, o que se precisava eram boas estradinhas..."

O lugar da atual estação de Santa Apolônia, ponto de partida da linha inaugural, era ocupado por um quartel de artilharia, edifício grande mas irregular, com espaçosa área na frente, fechada com grades de ferro que o separavam da Rua do Cais dos Soldados. A construção foi iniciada em outubro de 1862, no ano seguinte ao da

coroação do Rei D. Luís I. O projeto era de autoria do Engenheiro Angel Arribas Ugarte. O edifício era iluminado por 143 candeeiros a gás. O caminho de ferro que sai de Santa Apolônia corre paralelamente ao Tejo, em direção a leste e depois a norte. No dizer de Vasco Callixto, Santa Apolônia poderá considerar-se o berço do comboio em Portugal, pois, mesmo sem estação, foi dali que, em 1856, partiu a primeira composição ferroviária rumo ao Carregado.

A denominação de Santa Apolônia advém do fato de que naquele local existia um edifício que, até 1833, era o convento das religiosas franciscanas da invocação de Santa Apolônia. Como é bem sabido, a partir daquele ano e de anos subsequentes, com a vitória liberal, as ordens religiosas em Portugal foram desapropriadas de seus bens. A capela de Santa Apolônia, que integrava o antigo convento, foi depois transferida para a vila de Chamusca, no Ribatejo.

O dia de Santa Apolônia, padroeira dos dentistas, ocorre a 9 de fevereiro. A ela se referiu no século III Santo Eusébio, o primeiro historiador da Igreja, com base em cartas de São Dionísio, Bispo de Alexandria, contemporâneo da santa. Segundo esse relato, Santa Apolônia sofreu o martírio da extração dos dentes e destroçamento dos maxilares, para ser depois queimada viva. Em 1964, por ocasião do II Congresso Nacional de Estomatologia, realizado em Lisboa, o médico e historiador José de Paiva Boléo apresentou estudo histórico e iconográfico sobre Santa Apolônia, martirizada no reinado do Imperador Décio e, desde o século XIV, protetora dos que padecem dos dentes, sendo, mais tarde, padroeira dos profissionais da ciência de tratar dos dentes. Um centro importante da devoção a Santa Apolônia está na Bélgica. Na Inglaterra ela é celebrada desde o século XIV. A devoção existe desde muito tempo na Alemanha, na Espanha, na Itália. O Papa João XXI, cujo nome secular é Pedro Hispano ou Pedro Julião, o único papa português, do século XIII, no seu livro *Thesaurus Pauperum*, recomendava a devoção a Santa Apolônia a todos os que têm dor de dentes. Em português o nome Apolônia tinha, a princípio, várias grafias: Apelônia, Appolônia, Aplônia e até Pulinária. Na Igreja da Madre de Deus, em Xabregas, perto da atual estação de Santa Apolônia, existe um busto que representa a santa. Suas insígnias ou atributos são, além da palma comum a santas martirizadas, a torquês, pinça ou alicate a segurar um dente. Quase sempre a iconografia de Santa Apolônia apresenta-a também com um livro aberto, símbolo da ciência e da cultura religiosa. A principal relíquia de Santa Apolônia está em Roma, na Igreja de Santa Maria Maggiore. Uma imagem de Santa Apolônia, objeto de forte devoção em Portugal, existe na povoação chamada Saim, Freguesia de Chorense, Concelho de Terras de Bouro, Distrito de Braga. Na vila de Alcains, Freguesia do Concelho

de Castelo Branco, existe a Ermida de Santa Apolônia, que data do século XVII. Alcains é a terra natal do Presidente Ramalho Eanes. Em ambos os casos o autor desta obra obteve confirmação dessas informações por troca de correspondência direta com autoridades locais.

Lisboa celebra muito em sua toponímia Santa Apolônia, segundo assinala o *Boletim da C. P.*, de maio de 1965, editado em Lisboa. Além da Estação de Caminhos de Ferro que tem o seu nome, há um Palácio de Santa Apolônia; há, por detrás do que foi o convento, o Forte de Santa Apolônia, sistema de fortificações seiscentistas da margem de Lisboa; e ainda o nome aparece na esquina de ruas diversas: Rua de Santa Apolônia, Calçada de Santa Apolônia e Rua da Cruz de Santa Apolônia. E há o Cais de Santa Apolônia, junto ao Tejo. Em Roma existe a *Piazza di Sant'Apollonia*, no Trastevere, onde, segundo a tradição, morou Rafael.

No ano de 1983, o dia de Santa Apolônia (9 de fevereiro) foi devidamente celebrado pela Associação Portuguesa de Odontologia, de Lisboa, com uma missa na Igreja de São João Evangelista, à Rua Barão de Sabrosa, e a bênção de uma imagem-escultura de Santa Apolônia.

As referências e citações de livros de Eça de Queiroz no presente capítulo podem dizer respeito à Estação de Santa Apolônia, à parte da cidade em torno de Santa Apolônia, ou a ruas, logradouros e edifícios que se situem na Lisboa Oriental e adjacências. Assim a chamava Almeida Garrett na sua famosa obra *Viagens na Minha Terra*, quando descreve Lisboa de uma embarcação que subia o Tejo em direção a Santarém, para leste do Terreiro do Paço. Era doce e suave a descrição que fazia da imensa majestade do Tejo em sua maior extensão e poder, que ali mais parece um pequeno mar mediterrâneo; e do outro, a frescura das hortas e a sombra das árvores, palácios, mosteiros, sítios, consagrados todos a recordações grandes ou queridas. Era a contemplação do imponente e pitoresco anfiteatro da Lisboa Oriental, "que é, vista de fora, a mais bela e grandiosa parte da cidade, a mais característica, e onde, aqui e ali, algumas raras feições se percebem, ou, mais exatamente, se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das crônicas". E Garrett menciona a Madre de Deus, o Beato, Xabregas, Marvila e as hortas de Chelas. "Que outra saída tem Lisboa que se compare em beleza com esta? Tirado Belém, nenhuma. E ainda assim, Belém é mais árido."

Em *Alves & Cia.*, há referências à mãe de Godofredo Machado, o sócio que teve razões para julgar-se traído. Ele era ligeiramente romântico, qualidade que herdara de sua mãe, uma senhora magra, que tocava harpa e passara a vida a ler versos. Fora ela quem lhe pusera "o

nome ridículo de Godofredo". Mais tarde, aquele sentimentalismo, que durante longos anos se dera às coisas literárias, aos luares, aos amores de romance, se voltaram para Deus num começo de monomania religiosa. "A leitora de Lamartine tornara-se numa devota maníaca do Senhor dos Passos e os seus últimos dias foram um longo terror do inferno! Ele (Godofredo) herdara alguma coisa destas tendências da mãe. Em rapaz tivera toda a sorte de entusiasmos que se não fixavam, que flutuavam, indo dos versos de Garrett ao coração de Jesus."

O Senhor dos Passos é uma das mais arraigadas e solenes devoções de Lisboa. Há registro de que a primeira procissão do Senhor dos Passos foi realizada em Lisboa em 1587, tendo saído da Igreja de São Roque. Logo ganhou forte apoio popular, juntamente com as procissões do Socorro e da Graça. Referindo-se a esta procissão — a do Senhor dos Passos da Graça —, Norberto de Araújo, em *Peregrinações em Lisboa*, diz que ela "endoidecia Lisboa, da Mouraria ao Rossio e São Roque". Sai às ruas no segundo domingo da quaresma e hoje é organizada pela Real Irmandade de Santa Cruz e Passos da Graça. A bela e pesada imagem do Senhor dos Passos é coberta por uma túnica roxa e tem a cabeça aureolada por um diadema que lhe foi oferecido pelo Rei D. José. Segundo a lenda, um peregrino foi certo dia bater à casa dos padres de São Roque e pedir pousada. A recusa em ser atendido levou-o a dirigir-se à Igreja da Graça — então Convento dos Agostinhos —, que o acolheu. Quando seus benfeitores o procuraram, o peregrino tinha desaparecido e em seu lugar estava a imagem de Cristo. Nos dias de hoje esta devoção é ainda muito forte e ocupa anualmente muito espaço na imprensa lisboeta, com fotografias sobre a procissão, o acompanhamento de bandas de música, as janelas acolchoadas. No ano de 1983 a procissão foi levada a efeito no domingo, 27 de fevereiro, tendo suscitado no dia seguinte manchetes como as que se seguem: "POMPA E CIRCUNSTÂNCIA DE HÁ 400 ANOS"; "GRAÇA SAI À RUA NA PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS"; "SENHOR DOS PASSOS PERCORREU DE NOVO O SEU CALVÁRIO"; "CALVÁRIO DE CRISTO RECORDADO NA GRAÇA". Bem se vê quão verossímil é a história da mulher do velho Afonso da Maia, em Londres, inconformada com aquele catolicismo sem romarias, sem fogueiras de S. João, sem imagens do Senhor dos Passos, sem frades nas ruas, sem santos vestidos, o que não lhe parecia sua religião por maior que fosse a assistência religiosa católica dentro de sua casa.

Já quase ao final de *Alves & Cia.*, bem perto de tudo arranjar-se entre Godofredo e Machado, que voltaram à santa paz do Senhor, Godofredo se desvela em atenções para com o Machado, cuja mãe adoecera gravemente. Todos os dias, três ou quatro vezes, ia à Casa do Machado saber como passava sua mãe. Uma tarde vem a notícia de

que a senhora morrera como um passarinho. Godofredo ocupou-se do enterro, dos convites e da compra de um terreno no Alto de São João. Trata-se do cemitério do mesmo nome, necrópole municipal chamada oficialmente de 1º Cemitério (Oriental), situado na Parada do Alto de São João, bairro do qual se desce facilmente em direção à margem do Tejo pela parte oriental da cidade, não muito distante da Estação de Santa Apolônia. Foi construído no princípio do século XIX, na antiga Quinta dos Apóstolos. Nele estão instalados alguns jazigos artísticos, nos seus arruamentos cuidadosamente ajardinados. Eça de Queiroz, que faleceu em Paris, em 1900, está nele sepultado, no lote nº 2884, Rua 17, jazigo de D. Alexandre Castro Pamplona, da família de sua mulher. O Cemitério do Alto de São João e o Cemitério dos Prazeres (Ocidental), este último em Campo de Ourique, segundo o *Roteiro de Lisboa* (*Guia Cultural de Ruas e Serviços Públicos*, Lisboa, 1982), "merecem ser visitados para admirar os belos mausoléus, boa ordem e inexcedível asseio que ali se encontra e o bem ajardinado dos mesmos". O Cemitério do Alto de São João tem forno crematório, que não funciona.

Em *José Matias*, do livro *Contos*, Matias, o grande apaixonado de Elisa, a qual vivia na Casa da Parreira — a famosa Elisa Miranda, a Elisa da Parreira, "a sublime beleza romântica de Lisboa nos fins da Regeneração, apenas entrevista através de vidros da sua grande caleche ou nalguma noite iluminada do Passeio Público" — vai para o Porto depois que Matos Miranda, vítima de diabetes, passou desta para melhor. Na Casa da Parreira todas as janelas permaneciam fechadas sob a tristeza da tarde cinzenta. O Matias atirava para o terraço da formosa vizinha — conhecida pela tradição como se conhece Helena de Tróia ou Inês de Castro — um olhar em que transparecia inquietação, ansiedade, quase terror. Um olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leoa. Matias se decide ir para o Porto. Era mais delicado... mas só durante os meses de luto pesado. Os amigos o acompanharam à Estação de Santa Apolônia. Na volta, dentro do *coupé* que uma grande chuva batia, filosofavam: um ano de luto, depois muita felicidade e muitos filhos. A divina Elisa ficava com toda a sua divindade e a fortuna do Miranda, uns 10 ou 12 contos de renda. Era a virtude recompensada. Mas, como é bem conhecida a história, Matias não se casou com a divina Elisa. Uma certa notícia no jornal dizia do casamento dela com o proprietário Francisco Tomás Nogueira. Os amigos ficaram espantados! Matias continuava abrindo as vidraças, estaticamente, para contemplar o terraço da Casa da Parreira. "Ele reinava na alma imortal de Elisa — que importava que outro se ocupasse de seu corpo mortal?" Mas, na verdade, para sacudir a pungência de seus tormentos, veio ele a mergulhar numa vida com muita agitação e estrépito, remexendo, aturdindo e escandalizando

Lisboa com extravagâncias que ficaram lendárias. Numa dessas, levou 30 ou 40 mulheres da rua montadas em burro e ele à frente, sobre um grande cavalo branco, conduziu-as aos altos da Graça para saudar a aparição do Sol! Todo esse alarido não lhe dissipou a dor e foi então que, no inverno, deu para jogar e beber.

Em *O Mistério da Estrada de Sintra*, A.C.M., em suas revelações dirigidas ao redator do *Diário de Notícias*, faz esta referência: "Respondem-me chorando: a fatalidade! Mas, meu Deus! Tomemos um exemplo, — a aventura trivial, a comum, o que se poderia chamar a aventura tipo, o que se vê todos os dias, em qualquer rua, no primeiro número par ou ímpar... a aventura que nós acotovelamos no passeio, que toma conosco neve na confeitaria italiana, e que se enterra ao pé de nós no Alto de São João" (Cemitério do Alto de São João).

Em *O Mandarim*, o bacharel Teodoro, no início do romance, antes de matar o mandarim, contava que, enquanto não podia considerar-se sombriamente um pária, procurava de qualquer forma distrair-se. As felicidades haviam de vir: e, para as apressar, fazia tudo o que devia como português e como constitucional, isto é, pedia-as todas noites a Nossa Senhora das Dores e comprava décimos de loteria. "E como as circunvoluções do meu cérebro me não habilitavam a compor odes, à maneira de tantos outros ao meu lado que se desforravam assim do tédio da profissão; como o meu ordenado, paga a casa e o tabaco, me permitia um vício — tinha tomado o hábito discreto de comprar na Feira da Ladra antigos volumes desirmanados, e à noite, no meu quarto, repastava-me dessas leituras curiosas."

A Feira da Ladra teve vários outros locais em Lisboa. O primeiro sítio onde existiu a *avó* da Feira da Ladra foi o Chão da Feira, ainda hoje assim chamado, bem perto da porta do Castelo de São Jorge, na época de Afonso II (século XIII). Havia lá uma feira semanal. Ao longo da história, passou para o Rossio, para a Alegria, para o Campo de Santana. Em 1882, a Câmara Municipal de Lisboa deslocou a famosa feira livre, em que tudo se vendia, do Campo de Santana (hoje Praça dos Mártires da Pátria), onde estava desde 1837, para o Campo de Santa Clara, onde ainda hoje se encontra. Essa mudança causou na época muita oposição. Júlio de Castilho diz que houve um "duelo tenaz" entre Santa Clara e Santana. Até a Rainha D. Maria Pia foi objeto de requerimentos! Por pouquíssimo tempo a transferência chegou a ser interrompida mas, semanas depois, o Campo de Santa Clara ganhou, com seu movimento aberto às terças-feiras. Como *O Mandarim* foi escrito em 1880, é lógico supor que a Feira da Ladra a que se referia acima Eça de Queiroz, por intermédio do seu personagem Teodoro, ficava no Campo de Santana e não no Campo de Santa Clara. A partir de 1903, ela foi permitida também aos sábados. Ainda

hoje funciona às terças-feiras e aos sábados. Acede-se ao local, pelo ocidente, por uma estreita rua que passa ao lado norte da Igreja de São Vicente de Fora. Na Feira da Ladra pode-se encontrar de tudo. Como dizia Júlio de Castilho a respeito da antiga feira do Campo de Santana, ela reunia e concentrava "um sem número de objetos que, dispersos pela sorte, se encontravam atônitos uns dos outros, como as palavras e as idéias numa grande enciclopédia".

A etimologia da denominação Feira da Ladra, segundo o Visconde de Santa Mônica, Henrique O'Neill, citado por Júlio de Castilho, não viria da palavra *ladra*, feminino de ladrão. Mas sim de *ladro* ou *Lázaro*, isto é, lazarento, miserável. Houve outrora, em Paris, uma célebre Feira de *Saint Ladre*, em vez de *Saint Lazare*, dando os franceses o nome de *ladreries* aos hospitais de leprosos. Júlio de Castilho não acredita nessa versão e diz: "Na escuridão que nos rodeia, confesso que a etimologia da palavra me é desconhecida." Alberto Pimentel, um erudito, defende como verossímil a opinião do Visconde Santa Mônica. No prédio de nº 139 da Rua de Santana, bem perto do Campo de Santana, existe uma lápide mandada colocar por seu proprietário, Manoel José Correia, indicando que, em 10 de junho de 1580, ali falecera o poeta Luís de Camões. Na realidade trata-se de um registro do local, pois que a casa onde teria morrido o poeta foi destruída pelo terremoto de 1755. No livro IV de *Peregrinação em Lisboa*, de Norberto de Araújo, aparece um desenho conjectural de Júlio de Castilho que dá uma imagem de como teria sido a casa do autor de *Os Lusíadas*.

No primeiro tomo de *Uma Campanha Alegre*, no artigo XXVI, de agosto de 1871, sobre algo de que muito se falava — "r-e-v-o-l-u-ç-ã-o" —, o autor diz que "S. M. El Rei Nosso Senhor visitou ontem o lausperene da Graça". O lausperene é o ato litúrgico da exposição permanente que se faz em Lisboa do Santíssimo Sacramento, para a adoração dos fiéis. Percorria sucessivamente, e por escala, as diversas igrejas da cidade, em cada uma das quais ficava o Sacramento exposto durante quarenta e oito horas. O vocábulo deriva de *laus* e *perennis*. O da Graça era particularmente importante.

No artigo XXX, de setembro de 1871, Eça glosa a notícia sobre uma "questão singular" que estava nos jornais: a ex-imperatriz francesa, Senhora D. Eugênia de Montijo, que atravessara Lisboa com destino à Espanha. Os baús imperiais passaram rapidamente, sem curiosidade da alfândega, para a Estação de Santa Apolônia. Houve, ou não houve, uma portaria do Governo expedida à alfândega para que a bagagem não fosse revistada? Os jornais discutiram se houve ou não essa portaria, que teria sido desnecessária pois se tratava de bagagem em trânsito. "Nunca se averigou se Madame Bonaparte tinha sido privilegiada delicadamente por essa Portaria quase amorosa — ou

se se aproveitara as disposições de uma Portaria qualquer, feita para mim, para ti." O artigo constitui uma fina ironia contra os favores que teriam sido dados a D. Eugênia Maria de Montijo de Guzmán, Condessa de Teba, esposa de Napoleão III, imperatriz dos franceses.

A Estação de Santa Apolônia figura ainda no artigo XL, de outubro de 1871. Eça diz ser um abuso dos caminhos de ferro o facilitar excessivamente a vinda de cidadãos da "aparatosa Espanha" em viagens de recreio através da "miséria portuguesa". Por outro lado, dizia ele que a "garrida Espanha" desejava profundamente que os portugueses conhecessem de perto o seu *salero* político, econômico, artístico, religioso e teatral. A Espanha chegaria mesmo a condecorar todos os portugueses que cometessem o arrojado feito de ir a Madri! O viajante português chega e o dono da confeitaria lhe traz chocolate e um contínuo do Paço Real lhe traz a comenda. O Governo da Espanha condecoraria mesmo todos os que tomassem bilhetes de primeira ou de segunda classe para Madri com o fim único de favorecer a Companhia dos Caminhos de Ferro. Nesse caso, remata Eça de Queiroz, "... era mais cômodo entregar logo a condecoração em Santa Apolônia: — Um bilhete de segunda classe e a condecoração! — gritaria o viajante ao postigo do vendedor de bilhetes. E a Companhia pregava-lhe a marca no bojo do saco de noite — e a comenda no peito do fraque. E o Senhor Comendador entrava para o vagão!"

No artigo XLVII, de dezembro de 1871, Eça de Queiroz tece uma série de considerações muito irônicas sobre a *coligação das fábricas de tabaco*, que tinham quase um monopólio. Se os donos daqueles empreendimentos pudessem ouvir o que dizia sobre eles a opinião da rua, "e se tivessem algum brio viril, sentiriam a necessidade de se bater em duelo, de dez em dez minutos, com dez cavalheiros de cada vez!" No desenvolvimento daquela teia de comentários mordazes contra o que ele chamava de meios fraudulentos para alterar os preços das mercadorias, vem uma alusão aos que "habitam Rilhafoles, ou que se babam de idiotismo". Rilhafoles era como se chamava o hospital para alienados mentais que se instalou no edifício que fora outrora dos religiosos da Congregação do Oratório de São Filipe Nery. Ficava no Pátio de Rilhafoles, na Rua da Cruz da Carreira, nº 110, na Freguesia da Pena. Esse hospital veio a chamar-se mais tarde, como hoje ainda é conhecido, Hospital Miguel Bombarda, que ocupa uma área grande situada entre a Rua Gomes Freire, a Rua Cruz da Carreira, a Alameda de Santo Antônio dos Capuchos, a Rua Luciano Cordeiro e a Rua Bernardim Ribeiro.

No segundo tomo de *Uma Campanha Alegre*, no primeiro dos artigos escritos para as *Farpas*, de janeiro de 1872, Eça de Queiroz faz considerações diversas sobre o novo ano que começa. "...mudo, impenetrável, com seu largo chapéu de feltro escondendo a face, a capa cor de mistério traçada à Lindor (personagem romântico do *Barbeiro de Sevilha*), e altas botas de pregas reluzentes. A ponta da sua espada ergue de leve, por trás, com uma prega sutil, a orla do manto escuro. O traidor — vem armado!" E segue-se um curiosíssimo e engraçado diálogo entre o ano novo e o ano velho. E, em dado momento, conversam sobre o caminho de ferro, que ainda gatinha; sobre Coimbra, onde a Câmara não varre as ruas para não perturbar os que estudam, mas os que estudam, com o barulho que fazem na rua, não deixam a cidade dormir. E Lisboa? "De resto, uma burguesa que desejaria parecer-se com uma *cocotte* — se pudesse costumar-se a lavar os dentes. (...) Mas a vida elegante de Lisboa? — É não ser cigarreiro da fábrica de Xabregas. Tudo o mais é elegante."

O vocábulo Xabregas, ou Enxobregas (forma primitiva), segundo Norberto de Araújo, se originaria verossimilmente de um lavadouro de roupas que havia no local. As mulheres batiam roupas e batiam-se em brigas e discórdias. As mais sensatas apartavam as brigantes e gritavam no apaziguamento: *leixa* (deixa) *bregas* (brigas). De *Leixa Bregas* passou a *Enxobregas* e *Xabregas*, pela redução e apócope. No coração de Xabregas vê-se hoje a mais linda igreja de Lisboa, a Madre de Deus, que pertencia ao convento fundado pela Rainha D. Leonor, sofrida viúva de D. João II, que, por inspiração de Frei Miguel Contreras, fundou a Misericórdia de Lisboa, em 1498. Dessa obra de D. Leonor, sepultada no próprio convento — hoje sede do Museu Nacional de Azulejaria — nasceu a primeira Misericórdia do Brasil, fundada, segundo Dahas Zarur, pelo Beato Padre Anchieta. Mas Eça de Queiroz não fala de Xabregas por causa da Madre de Deus, um dos mais notáveis monumentos de Lisboa, e sim por causa da fábrica de cigarros. É sabido que o lisboetíssimo Eça não se dedica especialmente a celebrar a Lisboa dos grandes monumentos, manuelinos ou barrocos, mas a Lisboa dos lisboetas, das pessoas vivas que se moviam, com suas virtudes, seus defeitos, suas malandrices ou aldrabices, seu costumes citadinos, suas sensações e devoções de portugueses, em cenários reais, tudo sob o prisma de seu monóculo crítico, com aquela graça, riso ou escárnio, em suma — "sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia". A Lisboa preferencial do Eça, em seus grandes romances da vida lisboeta, não é a dos Jerônimos, da Sé Catedral, da Madre de Deus, de São Roque, da Igreja de Jesus ou dos Paulistas. Quando tanto fala da Graça e do Senhor dos Passos, não é para descrever-lhes a história e as belezas. É para marcar a importância da devoção como costume sócio-religioso. Atente-se à frase do satânico João da Ega: — "Há duas coisas que é necessário ver em Lisboa... Uma procissão do Senhor dos Passos e um sarau poético!"

No século passado funcionava no local do antigo Convento de São Francisco, fundado por D. Guimar de Castro, Condessa de Atouguia, a pedido de D. Afonso V (segunda metade do século XV), uma fábrica de tabaco. A partir de 1834, a igreja fora profanada e os seráficos franciscanos, como as demais ordens religiosas, tinham sido expulsos pelos ventos do liberalismo. Ao tempo de D. Maria II, em 1838, estabeleceu-se no antigo convento a Companhia de Fiação e Tecidos de Algodão Lisbonense. Após um incêndio e nova remodelação, foi instalada no local, em 1845, a Fábrica dos Tabacos Lisbonenses que, em 1891, passou a chamar-se Companhia dos Tabacos de Portugal e finalmente Companhia Portuguesa de Tabacos. Em 1983, funciona no local da antiga igreja o Teatro Ibérico, fundado em 1980 pelo encenador Xosé Blanco Gil. No restante do prédio — o antigo convento — já não funciona a fábrica de tabacos, já não há *cigarreiros*, a que se referia Eça. Lá está instalado o Instituto de Formação do Emprego, do Ministério do Trabalho (uma espécie de SENAI ou SENAC conjugados).

Em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, figura, quanto a esta parte de Lisboa, o bairro de São Vicente. Em Carta a E..., diz Fradique: "Como todas as cousas e os entes deliciosamente pitorescos do século XVIII português, que se afundaram, se sumiram no grande terremoto constitucional que tudo nivelou e achatou — tipos, costumes e caracteres —, sumira-se, mergulhara nas trevas, o purista, o gramático, o fiscal da língua! Os que amam as cousas portuguesas ainda por vezes dele se lembravam, como de uma figura que mais que nenhuma outra adornava, dando-lhe significação, a velha sociedade portuguesa do tempo da senhora D. Maria II. Você, porém, chega, escreve, imprime — e eis que dentre as ruínas do Carmo, ou de não sei que velho casarão meio demolido do bairro de S. Vicente, se ergue essa sombra e se põe a marchar! É o purista, inteiro, completo, com a cabeleira sórdida a que ainda estão pegados bocados de palha, as meias engelhadas nos pernis escanifrados, o capelo cor de vinho com o cabeção erguido, a face chupada pelas ansiedades da prosódia, os óculos de aro de latão na ponta do nariz, bem bicudo para picar os galicismos, os braços atravancados de in-fólios clássicos e de dicionários, e nas ventas, ainda, a grossa pitada de simonte que ele respeitosamente colheu da caixa de Curvo Semedo!" João Curvo Semedo foi um famoso médico português do século XVII e começo do século XVIII, autor de uma obra célebre, *Polyantheia Medicional*, que esteve em grande voga na época. Simonte quer dizer fumo, tabaco, mais especialmente fumo de primeira folha usado para cheirar. Segundo o *Novo Dicionário de Aurélio*, Lima Barreto no romance *Clara dos Anjos* empregou a palavra simonte.

São Vicente é referência à parte da cidade dominada pela presença da grande e bela Igreja de São Vicente de Fora, no Largo de São

Vicente, sede da paróquia, do Patriarcado e de freguesia do Concelho de Lisboa. A construção da Igreja e Mosteiro de São Vicente de Fora se originou em 1147, logo após a vitória de Afonso Henriques sobre os mouros, em Lisboa, em cumprimento de uma promessa a São Vicente. Há no hagiológio cristão pelo menos trinta São Vicente, com ou sem epítetos diversos, mas o São Vicente de que se trata no caso é o São Vicente nascido em Huesca, na Espanha, martirizado pelo Imperador Daciano, no ano 304, na cidade de Valença, celebrado no calendário católico no dia 22 de janeiro. Afonso Henriques doou a igreja e o convento à Ordem de Santo Agostinho. A atual igreja data do tempo de Filipe II, do fim do século XVI e começo do século XVII, segundo a traça do Arquiteto Filipe Terzi. O terremoto de 1755 ocasionou-lhe danos, especialmente ao zimbório, que foi destruído. O conjunto — igreja e mosteiro — é um imponente monumento religioso de Lisboa, marcado por lindas proporções e brancura da obra de cantaria. Os azulejos do convento são notáveis, até mesmo pelo valor documental que apresentam vários painéis.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, Gonçalo Ramires acabava de saber que já estava certa sua eleição para deputado de Vila-Clara. (... "Tudo feito, ministro concorda, etc.") Terminada a carta, retomou languidamente o manuscrito da novela — incumbência que lhe dera José Lúcio Castanheiro, seu antigo colega em Coimbra, e que ele aceitara com simpatia. Seria uma novela calcada nas tradições heróicas da casa dos Ramires, Casa de mais de mil anos, exclamava o Castanheiro na exortação ao Fidalgo da Torre (como era conhecido, em Vila-Clara, Gonçalo Mendes Ramires): "É um fidalgo. O maior fidalgo de Portugal que, para mostrar a heroicidade da Pátria, abre simplesmente, sem sair do seu solar, os arquivos de sua Casa Velha de mais de mil anos. É de rachar!" Desde a carta escrita ao Gouveia que a imaginação do deputado de Vila-Clara esvoaçava teimosamente para os lados de Lisboa e, à hora da ceia, espalhou livremente a imaginação por aquela Lisboa, pelos corredores de São Carlos, "através dos antiquados palácios de seus parentes em São Vicente (São Vicente de Fora) e na Graça (onde está o Convento da Graça), através das salas mais modernas de cultos e alegres amigos — parando às vezes diante de visões que considerava com um riso deleitado e mudo. Alugaria aos meses certamente uma carruagem da companhia. E para sessões de São Bento, sempre luvas cor de pérola, uma flor no peito. Por comodidades levava o Bento, bem aprumado com casaca nova..." E Gonçalo prosseguiria depois no preparo do seu romance em dois volumes sobre a ilustre Casa a que pertencera Tructesindo Mendes Ramires, o amigo e Alferes-Mor de D. Sancho I, este filho de Afonso Henriques.

O Castelo de São Jorge, no alto da colina de São Jorge, assenta sobre fortificações antigas que tiveram origem, possivelmente, numa

cerca do tipo castrense, tendo passado por uma onda de sucessivas reconstruções, sob os domínios romano, visigodo e muçulmano. É o coração da Lisboa primitiva, o berço suspenso da cidade. Diz Norberto de Araújo: "... foi castro romano, cidade goda, ninho de águias mouriscas, acrópole do senhorio cristão." A designação de São Jorge vem de D. João I, o Mestre de Avis, do século XIV, que, pelo casamento com D. Filipa de Lencastre, reavivou o antiquíssimo culto pelo Santo patrono da Inglaterra. O Castelo era antes chamado de Alcáçova, palavra árabe talvez equivalente a *Alcazar*, em espanhol. O terremoto de 1755 causou nele grandes estragos. O coração do Castelo, a primitiva fortaleza dos romanos, godos, mouros, e dos cristãos do tempo de Afonso Henriques, estava circunscrito ao Castelejo (fortaleza) dentro do recinto do atual Castelo. De lá do alto, Bartolomeu de Gusmão, nascido no Brasil, em Santos, fez o vôo com sua passarola em direção ao Terreiro do Paço, em 1709. O Paço da Alcáçova, última residência real antes de D. Manuel I construir o Paço da Ribeira no Terreiro do Paço, compreendia a residência do rei, grupo de habitações e anexos. Foi verdadeiramente paço real a partir de Afonso III, no século XIII. Pode-se dizer que ali nasceu, no começo do século XVI, o Teatro português de Gil Vicente, com a apresentação do *Auto do Vaqueiro*, em 1502. D. Manuel ali recebeu Vasco da Gama ao voltar da Índia. Houve boas obras de restauração no Castelo por ocasião das celebrações do terceiro centenário da Restauração, em 1940. É o grande e natural miradouro sobre Lisboa, cujo casario e cujos telhados aparecem como num painel mágico. Foi, aliás, do Castelo que o grande pintor contemporâneo Carlos Botelho, falecido em 1982, aos 82 anos de idade, se inspirou para, segundo suas palavras, "traduzir na tela todo o pitoresco de Lisboa, toda a sua ingenuidade, todo o seu colorido e caprichosos arrumos do seu casario" (*Diário de Lisboa*, 4 de julho de 1983, ao rememorar Carlos Botelho).

No livro *Ecos de Paris*, numa correspondência sobre o 14 de Julho e festas oficiais, Eça de Queiroz diz que Paris e a França cada vez mais se desinteressam da festa de 14 de Julho. Ela nunca foi essencialmente popular. Se o povo dançava, é porque o Estado lhe estabelecia uma orquestra nas praças, entre lanternas chinesas. Diz o escritor que festas decretadas por lei nunca se tornam populares porque são horrivelmente fictícias. É o que ocorre com os aniversários de Constituições. Nos primeiros tempos, quando ainda vivem os que fizeram a Constituição, acendem-se algumas centenas de lanternas, que fazem sair à noite para a rua as famílias a gozar a iluminação. Os anos passam e as lamparinas diminuem e a data gloriosa fica só dos estudantes, no feriado. "Em Lisboa, a festa da proclamação da Carta Constitucional está reduzida a quatro lampiões muito baços e muito tristes, que se

penduram no alto do Castelo de São Jorge. Já ninguém sabe mesmo que há uma festa. Na verdade, já ninguém sabe que há uma Carta Constitucional."

A Carta Constitucional referida por Eça de Queiroz é a Lei fundamental outorgada à nação portuguesa por D. Pedro IV (D. Pedro I do Brasil), em 29 de abril de 1826, no Rio de Janeiro, diz-se que dias após ter recebido a notícia da morte de seu pai, D. João VI. Essa data está inscrita na face norte do monumento a D. Pedro, no centro do Rossio. A Carta, que corporifica o pensamento liberal de D. Pedro, vigorou ao longo do período monárquico português no século XIX. Consolidou e ultrapassou os ideais do Vintismo que resultou do pronunciamento militar ocorrido no Porto a 24 de agosto de 1820, originado por um desejo de mudança: o reino estava "virtualmente tornado colônia do Brasil", com a ausência do Rei (D. João VI só regressaria do Brasil em 1821) e a ocupação inglesa de Portugal por Beresford. O objetivo da Regeneração Vintista, proclamada no Campo de Santo Ovídio, no Porto, era o de elaborar uma Constituição escrita que fixasse os direitos naturais do homem e do cidadão. Foi a primeira experiência liberal portuguesa, realizada em sincronia com a segunda experiência liberal da Espanha. O Vintismo terminou em 1823 com a chamada Vila-Francada, também em consonância com a agonia do segundo liberalismo espanhol.

A propósito da Carta Constitucional e celebrações, recorde-se que a atual Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, já se chamou Rossio da Constituição, e depois Praça da Constituição, antes de receber o nome que hoje tem. O nome de Rossio da Constituição lhe foi dado por portaria de 2 de março de 1822, com o fim de comemorar o juramento que D. João VI fizera, no ano anterior, da Constituição que se estava por fazer em Portugal em decorrência do Vintismo. Foi praticamente uma revolução: o Rei jurou a Constituição com os filhos, os novos Ministros, a tropa, a municipalidade e o povo. É o que explicam Adolfo Morales de los Rios, em *Rio de Janeiro Imperial*, Rio de Janeiro, 1946; Hélio Vianna, em *História do Brasil*, São Paulo, 1972; o *Dicionário de História de Portugal*, Porto; e Pedro Calmon, em *História do Brasil*, Rio de Janeiro, 1963.

Em *Notas Contemporâneas* está publicada uma carta de Eça de Queiroz a Pinheiro Chagas, datada de Bristol, 14 de dezembro de 1880, a propósito de "excelente artigo" do poeta, novelista, historiador e político sobre Brasil e Portugal. Diz Eça: "Como hoje é domingo, chove, e eu não posso ir passear para debaixo das belas árvores do Severn, conversarei consigo um momento, aqui, ao canto do meu lume." Na carta, em dado momento, refere-se a discussões sobre coisas engraçadas ou estranhíssimas, em trecho que já foi citado nesta obra, no

capítulo relativo à Baixa. As discussões giravam sobre o processo da mulher da Alfama que comia crianças em salada, e também sobre a história da dama que contou de um judeu que dera uma dentada na perna do Senhor dos Passos da Graça! Eça de Queiroz rememorou que Pinheiro Chagas tinha resumido numa palavra todo o mundo de verdades e de idéias que se agitara no sarau, dizendo a um alto prelado: "Portugal é pequenino, mas é um torrãozinho de açúcar." Ao que o prelado replicou, depois de arrotar: "Tem você razão, Brigadeiro Chagas." Essa carta de Eça de Queiroz é primorosamente interessante, rica, engraçada.

O mesmo livro traz outra carta de Eça de Queiroz, datada de Bristol, 25 de janeiro de 1888, dirigida a Mariano Pina, conhecido homem de letras, escritor, jornalista, que colaborou também para a imprensa brasilera. Essa carta já foi, aliás, objeto de comentário na presente obra. Nela Eça de Queiroz agradece o apoio que Mariano Pina lhe deu quando seu romance *A Relíquia* foi preterido pela Academia de Ciências de Lisboa, deixando de receber o prêmio D. Luís. Eça se defende do tão conhecido argumento que Teodorico Raposo, um reles personagem, não podia ter tido o maravilhoso sonho que teve sobre a paixão de Cristo. Para ele, o que revoltou Pinheiro Chagas naquele "infeliz livro" é que Jesus da Galiléia não aparece suficientemente burlesco e que Teodorico Raposo não aparece suficientemente sério: "Nunca numa academia se disse nada tão extraordinário! E nunca se tratou uma academia com tanto desdém pela sua inteligência, pela sua gravidade e pela sua autoridade literária. E aí tem você, pois, caro Mariano Pina! Se eu dependuro da túnica de Jesus um grande rabo de papel — era laureado! E o conto seria meu — se eu tenho prudentemente arrancado das mãos de Teodorico o cigarro funesto de Xabregas! — Sempre Xabregas! Pinheiro Chagas, naquela ruidosa e valorosa azáfama que o traz redemoinhando com tanto brilho da política à literatura, confunde a Academia com o Parlamento, toma-me estonteadamente por ministro da fazenda, e investe contra mim por causa da questão dos tabacos!"

Já foi visto, neste mesmo capítulo, o relacionamento que existe entre Xabregas e o tabaco. Mas é interessante assinalar que, de fato, Pinheiro Chagas, no seu famoso relatório em que faz a crítica de *A Relíquia*, apontou o detalhe (galicismo de Eça) de que Teodorico acendeu um cigarro no pretório e, na carta de Eça a Mariano Pina, vem dito: "Com a mão trêmula Pinheiro Chagas mostra o cigarro blasfemo. E exclama textualmente: — *Arrepia, arrepia, na verdade, ver aquele cigarro no meio de tão sublime agitação!*"

Em *A Crítica a Os Maias*, numa carta a Fialho de Almeida, há uma referência ao bairro Estefânia. Esse bairro se situa em torno da Rua

D. Estefânia, que arranca da Rua Gomes Freire e, passando o Hospital de D. Estefânia e o Liceu Camões, alcança o Largo de D. Estefânia, transformando-se depois em Avenida Filipa de Vilhena, a qual margeia o bairro do Arco do Cego. D. Estefânia (1837-1859) era a princesa Estefânia Frederica Guilhermina Antonia de Hohenzollern Sigmaringen, que casou em 1858 com Pedro V. Foi muito curta sua vida de Rainha de Portugal — quatorze meses —, pois veio a falecer de difteria em 17 de julho de 1859. O viúvo, o jovem Rei Pedro V, sobreviveu a ela apenas dois anos. Como o casal real não deixou filhos, ascendeu ao trono o irmão de Pedro V, D. Luís I.

Em *A Tragédia da Rua das Flores*, durante o jantar em casa de Genoveva, "um jantar agradável com gente lavada, com *toilette* e com graça", do qual participavam Dâmaso, Victor, o Conde de Val-Moral, D. Joana Coutinho e João da Maia, filho de uma das mais velhas casas de Portugal mas que era secretamente republicano, este contou àquela a conspiração de que tinha feito parte, na Rua dos Capelistas, hoje Rua do Comércio. Explicava que o plano era simples: tratava-se de reunir seis mil operários, comprar armas e atacar o Castelo de São Jorge. Depois desciam para a Baixa e proclamavam: "Ou a República ou a metralha." Todos os lojistas que têm seus armazéns na Baixa ficavam naturalmente do lado da República.

Um tribunal revolucionário julgaria os vencidos, dentre os quais estaria certamente o Dâmaso (Dâmaso é nome de personagem em *Os Maias*, o famosíssimo Dâmaso Salcede, e também de personagem de *A Tragédia da Rua das Flores*). Como é costumeiro em Eça de Queiroz, muitos comentários engraçados ou ridículos são proferidos em ruidosos jantares. D. Joana Coutinho disse naquele jantar, depois de muito ouvir falar em comidas e bebidas, que achava ridículo beber vinho e comer; não se devia comer em público, ficava sempre mal a uma senhora. Recorde-se que de um poeta brasileiro se disse ter sentido grande decepção quando viu uma musa da Lírica, que visitava o Rio de Janeiro, comer macarrão num restaurante. D. Joana Coutinho pronunciou aquela deliciosíssima frase: "A minha idéia tem sempre sido que as pessoas verdadeiramente delicadas deviam reunir-se para comer morangos e beber leite." Aliás, repita-se que morango com leite é uma bela tradição portuguesa e diz-se que o Café Martinho da Arcada começou a ser preferido, no fim do século XVIII, pela neve (sorvete) de morango com leite. Depois dessa frase de D. Joana Coutinho, João da Maia disse em tom de troça: "E depois na alcova, a portas fechadas, devorar as boas postas de carne." A reação de D. Joana Coutinho foi de nojo. "Mas (ela) comia: apenas com as pontas dos dedos, debicava migalhas de pão; os seus movimentos sobre a cadeira pareciam de uma ave assustada e constantemente em volta dela havia uma gaze, uma

renda ou tule, que punha sobre a sua pessoa, transparências vaporosas e a idéia de asas." D. Joana Coutinho dizia ainda que o seu vinho era o *Lacrima Christi*, uma gota de *Lacrima Christi*! Mas a conversa foi ainda longe, com comparações entre comida e sexo, a delicadeza no comer e o amor platônico. Mais adiante a conversa girou sobre equitação e João da Maia falou sobre os saltos do Campo Grande: "Uns sujeitos, em cavalos de aluguel, a tropeçar numa relva artificial e raminhos de árvores sustentados por dois galegos. É grotesco..." Também há, em outra parte, referência a um domingo no Campo Grande, como momento e local de lazer. O Campo Grande, hoje um belo parque cortado pela Avenida do Campo Grande, prolongamento da Avenida da República, chamava-se, ao final do século XV, Alvalade-o-Grande. Sua transformação em parque ou passeio se deu no começo do século XIX, segundo João Pinto de Carvalho em *Lisboa de Outrora*, Lisboa, 1939. Alvalade quer dizer campo, pátio murado, estrado. Marques Gastão, em *Um Português na América do Norte*, Lisboa, 1957, tem esta referência a esta parte de Lisboa: "É quase dia claro e penso que seria agora o momento próprio para chegar a Lisboa, para a ver desprender-se de galas, gárrula, buliçosa, fresca, irrequieta e mexeriqueira, cheia de cor e de perfumes — para nela me confundir, apenas um segundo. Mas só chegarei à noite e a noite é triste, na nossa bela cidade — porque lhe falta o brilho das cores que morrem com o dia, as cores das plantas, das árvores e dos jardins; a cor das moradias dos nossos bairros, ali na Encarnação e no Alvalade e Areeiro..."

Em *Prosas Bárbaras*, na Introdução, conta Jaime Batalha Reis que alta noite, quando a excitação do trabalho e do café os havia quase alucinado, eles estendiam suas explorações a bairros velhos do centro "e pelas encostas mouriscas e fadistas do Castelo de São Jorge, a examinar a fisionomia fantástica, e quase humana, das casas antigas, algumas ainda então, nesses bairros, mais ou menos medievais". Aliás, nos dias de hoje, uma visita ao Pátio Dom Fradique, no Castelo, dá a impressão de testemunhar a presença de casas mais ou menos medievais. Diz Jaime Batalha Reis que Eça escreveu, então, que as casas sem luz "têm o aspecto calmo e sinistro dos rostos idiotas". No capítulo *Lisboa*, da obra mencionada, Eça diz que Lisboa "choraria pela Mãe Dolorosa, depois de ter erguido uma estátua a Voltaire: dependuraria ao pescoço, singelamente, com as contas de um rosário, a sua antiga viola de Alfama".

O vocábulo Alfama, segundo Frei João de Souza, em *Vestígios da Língua Arábica em Portugal*, citado por J. J. Gomes de Brito, vem da palavra árabe *alhama*, que significa refúgio. Segundo outra versão, deriva da palavra *hamma*, precedida do artigo *al*, que significa *fonte de água quente*. Era bem explorado o uso de águas terminais naquela

parte da cidade. É dos mais antigos bairros de Lisboa, precedendo a conquista cristã de 117. Na época da ocupação árabe, era um bairro de primeira categoria. Mais tarde, após o início do período da conquista cristã, tornou-se centro de marinheiros e pescadores, de caráter popular. É hoje uma parte característica da cidade e nela se celebram as mais pitorescas festas dos Santos Populares. Diz Norberto de Araújo, em sua grande obra *Peregrinações em Lisboa*, Livro X, que a Alfama é "labiríntica, confusa, polícroma, tortuosa, contorcida, cheia de abraços, de ruelas e de beijos de beirais". Seus pontos mais altos são as Portas do Sol e o Largo do Salvador. Na parte baixa, são atrações o Largo do Terreiro do Trigo, o Largo do Chafariz de Dentro e o Chafariz de El-Rei, talvez mais antigo. A partir do Chafariz de Dentro se pode fazer um pitoresco périplo circular em direção à Igreja de São Miguel (do século XIII, restaurada no século XVIII) e de lá para a Igreja de Santo Estevão. Tem a primeira a forma octognal, o que não é comum em Lisboa. A ermida do Espírito Santo, ou dos Remédios de Alfama, tem um pórtico manuelino. Há um beco estreitíssimo, o Beco do Carneiro, onde os telhados se tocam. As Escadinhas do Terreiro do Trigo não terão muito mais de um metro de largura. Há um bequinho que se chama da Bicha.

Ainda no capítulo sobre Lisboa, em *Prosas Bárbaras*, há um trecho bem tétrico de Eça de Queiroz, certamente daqueles que serviram de pábulo a crítica e derrisão na época em que foram publicados os *folhetins*, nos anos de 1866 e 1867, quando o grande escritor, então um ilustre desconhecido, apenas passara dos vinte anos e começava a morar com os pais, no Rossio. Descrevia a cena da passagem de carruagens lentas, com sua caveira cor de ouro. "Anda, cocheiro: é um freguês que vai para a cova: a passo! Alto de São João.

A Eternidade toma-te à hora! E enquanto o pobre morto vai, que dizem os que o viram partir, soluçando?

> Os filhos dizem: 'Tinha de ser...'
> A esposa diz: 'Vestida de luto!...'
> O agiota: 'Não foi mau freguês.'
> Os médicos: 'É um caso interessante...'
> Os que o levam para a cova: 'Era pesado, o maroto!'"

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, nas explicações que Eça de Queiroz dá sobre seu ilustre personagem, é citada uma carta dele a J. Teixeira de Azevedo. O poeta das Lapidárias diz que, apesar de trinta séculos de geometria afirmarem que a linha reta é a mais curta distância entre os dois pontos, o caminho que lhe parecia mais

direito e breve para subir do Hotel Universal, no Chiado, à Casa Havaneza, era rodear pelo bairro de São Martinho e pelos altos da Graça; "... a distância mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante". Eça acrescenta que esta independência de razão, que Fradique assim apregoava com desordenada fantasia, constitui uma rara qualidade, "uma virtude de radiosa excepção".

Sobre o que seja o bairro de São Martinho, que não é conhecido hoje como tal, segue-se citação de trecho de uma carta do arquiteto Eduardo Martins Bairrada, de 30 de abril de 1983, ao autor desta obra e que esclarece o assunto à perfeição:

"E sou de opinião que o devaneio queiroziano o levasse a procurar como exemplo de itinerário labiríntico 'vadio e delirante', o velho bairro ou freguesia de S. Martinho, já desde 1837, aglutinada com a de S. Tiago, imediações da Sé. Este bairro, de orografia difícil, compreendia o Campo das Cebolas, a actual Rua dos Bacalhoeiros, Rua da Padaria, Rua das Cruzes da Sé, Rua de S. João da Praça, Ruas do Barão e do Limoeiro até Santa Luzia — começando a subir para a Graça.

Para um homem como Eça que vivia, fundamentalmente, o Chiado e limites próximos, sair duma porta para outra, a dois passos entre si e amena inclinação, para fazer um percurso tão longo e cansativo, sobretudo a quem o fizesse a pé, constituía o máximo da sua fantasia exuberante.

Não conheço, em Lisboa, outro bairro que tenha ou tivesse tido a designação de S. Martinho e embora o que referimos já assim não se chamasse, no tempo deste escrito de Eça de Queiroz (1889-1890), a velha designação persistiu até tarde, mesmo toponimicamente, pois continuamos a ter, ao Limoeiro, o Largo de São Martinho, que nos soa com a nobreza dos vetustos paços fernandinos e o pitoresco evolado de Alfama e descido do Castelo.

A situação de, tal como a Graça, ficar para o outro lado do Rossio — já parte arrebaldina duma Lisboa que não era a sua, em *habitat*, ter-lhe-ia inspirado este espirituoso raciocínio pela ironia."

Não cessava Fradique de denunciar a "saloia macaqueação" da vida portuguesa, "da vida social de Lisboa, inábil, descomedida e papalva imitação de Paris". Tinha ele montado aquele "luminoso resumo", de ser Lisboa uma cidade traduzida no francês em calão e que era para Fradique, apenas transposta Santa Apolônia, "um tormento sincero". Santa Apolônia se liga bem a Fradique naquela cena muito conhecida de sua confusa e atabalhoada chegada a Lisboa: "Era Lisboa e chovia." Custara-lhe encontrar sua bagagem, finalmente surgida no

passeio, sob a chuvinha miúda. E aí houve a difícil busca da tipóia. Não havia uma só em todo o bairro de Santa Apolônia e já iam dar três horas da madrugada. Teve de encetar a viagem a pé, trilhando *à pata* a distância que vai de Santa Apolônia ao Hotel de Bragança, o mais elegante de Lisboa. A chuvinha continuava impertinente. Mas eis que de repente uma "positiva caleche rompeu a passo do negrume de uma viela". Gritos sôfregos e desesperados fizeram parar a parelha e sobre o calhambeque as malas rolaram em catadupa. Mediante um alto preço — três mil réis — a tipóia partiu num galope desesperado. No Hotel de Bragança, identificado o passageiro elegante, o cocheiro lamentou "que não tinha conhecido o Senhor Dom Fradique"; para ele era o que quisesse pagar...

Certa ocasião, Fradique encontrava-se numa taverna da Mouraria diante de um prato complicado e profundo de bacalhau, pimentões e grãos-de-bico. Para o gozar com coerência, Fradique despiu a sobrecasaca. E como um dos presentes lançasse casualmente na conversa o nome de Renan, ao atacar o pitéu sem igual, Fradique protestou com paixão: "Nada de idéias! Deixe-me saborear esta bacalhoada, em perfeita inocência de espírito, como no tempo do Senhor D. João V, antes da democracia e da crítica!"

Fradique, queixando-se do francesismo que imperava até na comida, dizia não encontrar mais em Lisboa "um cozido vernáculo", nem os pratos veneráveis do Portugal português, a maravilhosa cabidela de frango, petisco dileto de D. João IV. "Era um estranho desastre! As mais deliciosas comidas de Portugal, os doces, os vinhos, degeneraram, insipidaram, com o constitucionalismo e o parlamentarismo."

Em *O Conde de Abranhos*, o Desembargador Amado tomava sua sopa e fazia um guglu nojento e repelente, atirando para o soalho os escarros que merecia na face. Assim era aquela "besta obesa" que o Abranhos detestava, apesar de ser o seu genro... Um dia, após o sono bestial de seu enfartamento senil e uma anedota sobre D. João VI, morreu. Levaram-lhe o caixão, que pesava arroubas, para o Alto de São João, "puxado por quatro éguas cobertas de panos negros, agitando as cabeças e parecendo vaidosas com o cadáver que arrastavam". Quando o embalsamaram e lhe extraíram o cérebro, "viram que não era mais volumoso que o de um bacorinho recém-nascido. Na cavidade craniana meteram-lhe um pedaço de esponja velha, decerto mais útil e tão inteligente como o cérebro que substituía!" E assim apodrecia aquele resto de matéria mal organizada, "que rebolou durante sessenta anos pela terra, sob o nome desacreditado de Justiniano Sarmento Amado". O secretário Zagalo se penitencia das apreciações sobre a família Amado — a mulher do Desembargador era D. Laura, que recebia a direção espiritual, os conselhos e as baforadas do hálito im-

pregnado de alho do Padre Augusto, que morava nas Portas de Santo Antão. Abranhos a abominava, embora nunca deixasse de beijar, respeitosamente, a mão de sua devota sogra — "mão magra, amarela e seca como um caranguejo, de longos dedos que ela tinha sempre postos em atitudes de reza, contra o peito, na igreja, sobre o regaço, na sala, e em cima do prato, à mesa". Daquela devota e do montão de gordura tinha nascido o "anjo" que era D. Virgínia Sarmento Amado, Condessa de Abranhos.

Novamente entra em cena o Cemitério do Alto de São João. O Ministério Cardoso Torres, ao fim da última sessão parlamentar, estava gasto, segundo a gíria constitucional. "Há ministérios *que se gastam*. E todavia, esses ministérios, como os outros, administram o tesouro com honestidade, fazem o expedimento das secretarias com suficiente regularidade, mantêm no país uma ordem benéfica, não oprimem nem a imprensa nem a consciência: são respeitosos para com o chefe de Estado, acompanham com dignidade, ao Alto de São João, todos os defuntos ilustres, falam nas Câmaras com honrosa correção, são na vida privada cidadãos estimáveis, e no entanto — ao fim de alguns meses desta rotina honesta, pacata e higiênica — gastam-se."

Numa clara e luminosa manhã de junho, Abranhos recebeu de golpe a notícia de que o Ministério Cardoso Torres fora derrubado por uma revolução. Um velho general, seguido de três regimentos, num trote sossegado, pediu a demissão do Ministério e a concentração, na sua pessoa heróica e legendária, de todo o poder. Foi um *pronunciamento* à espanhola, na proporção, todavia, que existia entre o feroz gênio castelhano e o temperamento pacífico dos portugueses; entre uma sangrenta corrida de Sevilha e uma alegre tourada no Campo de Santana. Não houve patéticas derramações de sangue, que são da tradição clássica na violenta terra de Cid; houve apenas, segundo se diz, ferimentos ligeiros, facilmente curados numa farmácia amiga.

O Campo de Santana foi uma espécie de Rossio campestre da Lisboa do século XVI, subúrbio de hortas e azinhagas (estradinhas) do velho tempo de quatrocentos. A princípio, era chamado o Campo do Curral e nele se faziam as matanças de gado para o abastecimento da Lisboa quinhentista. Passou a ter o nome de Campo de Santana quando lá se ergueu o Convento de Santana, das freirinhas franciscanas, no século XVI. Foi sede da Feira da Ladra, como já foi dito. Nele existiu, no século passado, uma praça de touros. Ao tempo do Marechal Beresford, após a ocupação francesa com a corte de D. João VI instalada no Brasil, o Campo de Santana se tornou campo de martírio, pois aí, como bem assinala Norberto de Araújo, "foram enforcados os companheiros de Gomes Freire de Andrade, implicados ou suspeitos da conspiração contra o Marechal Beresford". Somente em 1880

passou a chamar-se Campo dos Mártires da Pátria, designação que perdura nas placas municipais mas não no ouvido e na língua do povo, que continua a chamá-lo Campo de Santana. Nele está, a sul, a Faculdade de Ciências Médicas, no seu edifício atual inaugurado em abril de 1906. O Patriarcado de Lisboa também se encontra no Campo de Santana, no lado ocidental, bem perto da Chancelaria da Embaixada da República Federal da Alemanha. No lado oriental, parte o acesso para o Palácio da Bemposta, através do Largo do Mitelo e Paço da Rainha. Foi mandado construir por D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV, que casou com o Rei Carlos II da Inglaterra e retornou para Portugal em 1693. Esse palácio é também chamado Paço ou Palácio da Rainha, sendo desde 1850 a Escola do Exército (Academia Militar). D. João VI também nele morou ao regressar do Brasil, assim como seus filhos D. Miguel (1828) e D. Pedro IV (1833). No Palácio da Bemposta fica a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Reino, a qual é utilizada pela Academia Militar para a celebração de cerimônias litúrgicas. Em frente à Faculdade de Ciências Médicas há uma estátua erigida ao Doutor José Thomaz Sousa Martins, natural de Alhandra, onde morreu aos 59 anos. É tido como uma importante figura moral e científica de Portugal. O monumento foi erigido por subscrição popular, em 1904, sete anos depois de sua morte. Além das qualidades profissionais e de sua capacidade científica, o Dr. Sousa Martins ganhou uma auréola de *santo* por uma espécie de religião de origem popular, não reconhecida pela hierarquia católica. O pequeno jardim que circunda o monumento — uma coluna que tem no topo a estátua, em corpo inteiro, do homenageado — e a própria base da coluna ostentam, permanentemente, flores e *ex-votos*. A "glorificação" de Sousa Martins se deve à sua capacidade profissional, a seu reconhecido espírito caritativo e a ligações com o espiritismo. Em 1983, no dia 8 de março, foram evocados com atos públicos, no Campo de Santana e em Alhandra, a cerca de 30 quilômetros de Lisboa, os 140 anos do nascimento do Dr. Sousa Martins.

O Campo de Santana tem acesso à Avenida da Liberdade pela Rua de Santo Antônio dos Capuchos e Rua das Pretas; ao bairro do Andaluz, pela Rua Luciano Cordeiro; à Bemposta, pelo Largo do Mitelo e Paço da Rainha; e a sudeste, para o Martim Moniz, pela Rua de São Lázaro, uma artéria que lembra uma rua da parte velha da Bahia.

Em *A Capital*, como já foi visto, o poeta Artur Corvelo chega a Lisboa, vindo de Oliveira de Azemeis. "Lisboa! Era enfim Lisboa!" Mas parece que não chovia. Com um grande estrondo o comboio entrou na estação (era Santa Apolônia, embora não mencionada pelo nome). Tinha Artur três recomendações expressas do Rabecaz: ver Sintra; ir gozar "o verdadeiro fadinho" no João da Mouraria; e não deixar de ir

às espanholas. Uma das clássicas obras portuguesas sobre o fado, *História do Fado*, de José Pinto Ribeiro de Carvalho, mais conhecido pelo anagrama de Tinop, não esclarece que estabelecimento era o João da Mouraria. A obra, que data de 1903, foi reeditada pela *Publicação Dom Quixote*, em 1982. Tinop diz que é "pelas canções populares que um país traduz mais lindamente o seu caráter nacional e os seus costumes".

O fado só posteriormente a 1840 apareceu nas ruas de Lisboa. Segundo Tinop, até então o fado que existia era "o fado do marinheiro, cantado à proa das embarcações onde andava de mistura com as cantigas de levantar ferro, canções de degredações e outras cantilenas das ondas do mar". O fado dos marinheiros foi o que serviu de modelo aos primeiros fados que se tocaram e cantaram em terra, embora não haja elementos seguros para determinar a gênese evolutiva dessa melodia, até ao ponto em que se transportou do mar para a terra, e depois, se aristocratizou, subindo das vielas e das tabernas para as "salas alcatifadas". Na verdade, o fado nasceu no embalo dos navios e são seus temas as ironias do destino, as dores lancinantes do amor, as dolorosas crises das ausências, os soluços da desesperança, as tristezas da saudade, os caprichos do coração, as traições amorosas, "os momentos inefáveis, em que as almas dos amantes descem sobre seus lábios e, antes de remontarem, ao céu, detêm o vôo num beijo dulcíssimo". A melancolia está para o fundo do fado como a sombra está para o firmamento estrelado. A partir de 1840 é que o fado desce dos navios e entra em Lisboa e *infesta* o Bairro Alto, a Alfama, a Mouraria, a Madragoa, a Bica, o Campo de Ourique, Alcântara. A Mouraria é o trecho que começava no Arco Marquês do Alegrete, hoje desaparecido, que se podia situar por detrás do atual Hotel Mundial, e ia até ao começo da Calçada dos Cavaleiros. Hoje (diga-se que de umas poucas dezenas de anos para cá), a Mouraria só existe no seu lado oriental, porque a ocidente foram feitas muitas demolições de casario degradado. Essa área aberta, com pequenos pontos de vendedores, paragens de autocarros (ônibus), refúgios e calçadas improvisadas, constitui como que um buraco aberto na paisagem urbanística de Lisboa. Há planos em marcha para recompor essa área, o Martim Moniz, encravado entre o Borratém, a Rua da Mouraria, o começo da Rua da Palma, a encosta que leva ao Hospital de São José, o início da Rua de São Lázaro e as traseiras de São Domingos. A Mouraria de Lisboa — segundo Norberto de Araújo, "aristocrática, religiosa, burguesa, popular, fadista, tumultuosa e delicada, evocadora e objetiva, romântica e poética num mundo de contradições — ainda existe". No ano de 1983, porém, a fadistagem da Mouraria é mais uma tradição do que uma realidade. O fado está hoje no Bairro Alto, na Alfama, em Alcântara. Na Mouraria ficou a tradição da Rua do Capelão, com a memória de seus rufiões,

suas cantadeiras, as Severas anônimas que constituíram outrora a glória do bairro. Dentro deste clima, não se pode deixar de lembrar aqui a Rua dos Vinagres, mencionada em *O Mistério da Estrada de Sintra*. Era uma viela que corria entre a Rua Silva e Albuquerque e a Rua do Arco do Marquês do Alegrete, a primeira a ocidente da Mouraria e a segunda, a oriente. No livro *Lisboa da Sua Vida e da Sua Beleza*, publicado em Lisboa, em 1937, o Engenheiro José Sousa Gomes, que faz uma descrição de toda a cidade naquela época, viu a Mouraria antes das destruições. Vale a pena citar o seguinte trecho que define a Rua dos Vinagres: "Na Rua Silva e Albuquerque domina a taberna, não existe a lojinha de ar modesto e simpático que aparece nas ruas da Mouraria e dos Cavaleiros. Entre esta rua e a do Arco do Marquês do Alegrete estão as ruelas dos Vinagres e Álamos, que são das mais suspeitas do bairro. São segredo da vida do *bas-fond* da cidade estes antros da Mouraria, onde se acoita por vezes a miséria e o crime. Na Rua dos Vinagres, lá está, em pleno dia, encostada à esquina, a meretriz rufia, gênero típico de todos os vazadouros das grandes cidades, em ar de desafio à fauna que frequenta esta rua de bordéis e tabernas, camada ínfima de párias ou degenerados." A Mouraria é bairro tão antigo como a Sé ou como a Alfama, embora sua fisionomia citadina só tenha tomado expressão mais de um século depois da Reconquista cristã de Lisboa, isto é, na segunda metade do século XIII. Afonso Henriques destinou aquela parte da cidade, na aba norte da encosta do Castelo, aos mouros que tinham sido atirados para fora da sua cidadela e da sua *almedina* (parte mais antiga e alta de uma cidade, situada ao redor de um castelo). Ali vivia a mourama, tida então por "gente impura", isolada do resto da população cristã, cuidando das suas hortas, seus casais, suas vielas, suas mesquitas, sua crença e sua desdita, no dizer de Norberto de Araújo.

O fado antigo começou a albergar-se aqui, por uma espécie de afinidade com o eco das arrastadas melancolias. Com a expulsão dos judeus de Portugal, D. Manuel o Venturoso tomou conta da Mouraria e esta passou a constituir um bairro livre, conservando, porém, o nome. E assim, a Mouraria foi assimilada. Em 1570 se iniciou na Mouraria a grande devoção de Nossa Senhora da Saúde, com sua famosa procissão. Nossa Senhora da Saúde é orago de uma pequena ermida que se situa na Rua da Mouraria. Tem sido um dos grandes espetáculos da Lisboa religiosa. Houve interrupções a partir de 1910, ano da proclamação da República, mas a tradição foi retomada. No ano de 1983, a procissão da Saúde se realizou no dia 8 de maio.

Ainda em *A Capital*, Artur Corvelo parte de regresso a Oliveira de Azemeis, dirigindo-se à Estação de Santa Apolônia. Artur teve apenas tempo de comprar seu bilhete para a bagagem e correr para a plata-

forma. Faltavam dois minutos para a partida. A máquina silvou. Apertaram-se as mãos nervosamente, o comboio rolou devagar. Artur debruçava-se ansiosamente fora da portinhola do comboio, cuja velocidade aumentava. Trazia consigo "dois pares de luvas pretas e um plastrão negro que comprara nessa tarde, e que levava para Oliveira, para usar coisas chiques, coisas de Lisboa, no luto da tia Sabina".

Em O *Primo Basílio*, o Conselheiro Acácio, logo no início, explicava a Jorge que já fizera construir sem vacilar, no Alto de São João, sua última morada, "modesta mas decente". Dispensava epitáfio, não queria elogios na sua sepultura. "Se os meus amigos, os meus patrícios entenderem que eu fiz alguns serviços, têm outros meios para os comemorar; lá têm a imprensa, o comunicado, o necrológio, a poesia mesmo! Por minha vontade quero apenas sobre a lápide lisa, em letras negras, o meu nome — com a minha designação de Conselheiro —, a data do meu nascimento e a data do meu óbito."

Juliana Couceiro Tavira, a famosa empregada de Luísa, em conversa com a Senhora Joana, pede algo para alívio das dores de cabeça. E faz uma invocação a Santa Engrácia! É o nome de uma santinha portuguesa, com uma linda história no antigo hagiológio cristão. Linda mas que dá lugar a certa perplexidade, como o assinalou Dinah Silveira de Queiroz em uma de suas crônicas, publicada no *Correio Braziliense* em 19 de janeiro de 1982. Dinah explica que Santa Engrácia planejou seu próprio martírio e ousa duvidar se, teologicamente, estaria certo que ela procurasse a morte, escolhendo até mesmo seu martirizador. Santa Engrácia, em francês *Sainte Encratide*, ou *Engratide*, é uma santa do século IV, nascida em Portugal. Seu pai queria esposá-la com um homem da Gália Narbonense e ela a isso objetava porque estava decidida a consagrar a Deus sua virgindade. Na monumental obra sobre a vida de Frei Bartolomeu dos Mártires, o escritor seiscentista Frei Luís de Souza, ao relatar a passagem do Arcebispo Primaz de Braga por Saragoça, na Espanha, local do martírio da santa, conta-lhe toda a sua história. Ela aceitou ir pra a Gália Narbonense porque teria precisamente a oportunidade de passar por Saragoça, onde campeava a terrível perseguição de Dioclesianos contra os cristãos. De sua iniciativa, procurou o prefeito Daciano e recriminou-lhe na face a bárbara conduta contra os cristãos, sabendo que dessa recriminação lhe adviria o martírio. Estar-se-ia perante um virtual caso de suicídio? É a pergunta que Dinah Silveira de Queiroz fez em sua crônica a propósito de Santa Engrácia.

Em 1569 foi criada em Lisboa a paróquia de Santa Engrácia, a instâncias da Infanta D. Maria, filha e herdeira do Rei D. Manuel o Venturoso, a qual, por ser demasiada rica, teria um dote insuportavelmente caro. Morreu solteira. A Infanta D. Maria, inteligente e esclarecida princesa, fundou e protegeu várias instituições religiosas e praticamente criou uma academia feminina de letras, com seu cenáculo literário. Em 1630, houve um ato criminoso contra a sede da paróquia no primitivo templo de Santa Engrácia. Um homem, que tinha um certo relacionamento com uma freira e que não a queria ver revelada, passou por ser culpado de um furto sacrílego no convento, a que se seguiu condenação capital pelo Santo Ofício. Ao dirigir-se para o patíbulo, teria rogado uma praga para que as obras da nova igreja de Santa Engrácia nunca terminassem. Ao tempo do Doutor Oliveira Salazar foram concluídas, mais de dois séculos depois, quando Santa Engrácia já não mais seria uma igreja mas um Panteão onde repousam os restos mortais de alguns Presidentes da República e escritores. Daí se origina a expressão tão comumente usada em Portugal como no Brasil: obra de Santa Engrácia, para designar aquela que demora muito a ser concluída. A cúpula e o zimbório de Santa Engrácia aparecem à distância, quando se avista Lisboa da Outra Banda, isto é, de Almada, juntamente com as duas torres de São Vicente de Fora. É uma espécie de *Les Invalides* de Lisboa. Mas graça verdadeiramente lisboeta, ela não tem.

Juliana guardava em sua memória a figura de D. Augusto, amigo de sua mãe, a engomadeira. Depois de um certo incidente, era que uma vizinha má lhe gritara que "sua mãe era uma desavergonhada e que seu pai estava na África por ter morto o Rei de Copas", a mãe de Juliana morreu com uma doença de útero. Só uma vez tornou Juliana a ver D. Augusto — uma tarde, com uma opa roxa, lúgubre, na procissão do Senhor dos Passos. O Cemitério do Alto de São João volta a aparecer numa cena em que a criada Juliana conversa com sua companheira Joana. A rapariga, estirada numa cadeira, dormitava. "Fora com o seu Pedro ao Alto de São João. E toda a tarde tinham passeado no cemitério, muito juntos, admirando os jazigos, soletrando os epitáfios, beijocando-se nos recantos que os chorões escureciam e regalando-se do ar dos ciprestes e das relvas dos mortos. Voltaram por casa da Serena, entraram a bebericar um quartilho no Espregueira... Tarde cheia! E estava derreada da soalheira, do pó, da admiração de tanto túmulo rico, do homem, e da pinguita de vinho."

Há em *O Primo Basílio* uma referência aos cigarros de Xabregas. E também mais outra sobre o Cemitério do Alto de São João. Luísa conversava com sua amiga Leopoldina, a qual, em dado momento, põe em dúvida se valia a pena levar uma vida de coruja, mortificar-se, "para vir um dia uma febre, um ar, uma soalheira, e boas noites, vai-se para o Alto de São João!"

No famoso passeio do Conselheiro Acácio com Luísa, pelo centro de Lisboa, estão eles em São Pedro de Alcântara, vendo a cidade à

distância. Do outro lado, erguiam-se "as fachadas inexpressivas da Rua Oriental, recebendo uma luz forte que fazia faiscar as vidraças: por trás iam-se elevando no mesmo plano terrenos de um verde crestado, fechados por fortes muros sombrios, a cantaria da Encarnação, de um amarelo triste, outras construções separadas, até o alto da Graça...". A referência à Encarnação é ao Convento da Encarnação, que não tem que ver com a Igreja da Encarnação, ao Chiado. O Convento da Encarnação foi mandado construir pela Infanta D. Maria. É um convento de freiras beneditinas, uma das belas jóias da arquitetura religiosa a ver em Lisboa, pouco conhecida, talvez, pela sua localização. E porque sua igreja só abre uma vez por semana, aos domingos. É um tesouro bem guardado. Para chegar a ela deve-se descer a Rua de Santana, que sai no Campo de Santana, e dobrar à direita num estreito beco, a Travessa do Convento da Encarnação, que leva ao Largo do Convento da Encarnação. Hoje, a igreja, onde há um belo altar de prata feito pelo arquiteto Ludwig, que construiu Mafra, e o antigo convento, são das Comendadeiras de Avis, viúvas e filhas solteiras de militares condecorados com a Ordem de Avis. Esse local é referido com certa minúcia por Dinah Silveira de Queiroz em seu romance *Guida, Caríssima Guida* (*O Desfrute*, na edição portuguesa). O orago da igreja é Nossa Senhora da Encarnação, representada com a pomba do Espírito Santo sobre sua cabeça.

Santa Apolônia também reaparece numa cena em que Luísa, com medo de estar só, em casa, pensava em Basílio, que àquela hora estaria comprando seu bilhete em Santa Apolônia. Instalando-se no vagão, acendendo seu charuto, devia estar partindo para sempre. Apesar de o detestar, sentia que alguma coisa dentro dela se partia com aquela separação e sangrava dolorosamente. E há também uma referência ao Lumiar, bairro na parte norte de Lisboa, a que se chega pela Avenida Padre Cruz ou pela Alameda das Linhas de Torres, esta o prolongamento do Campo Grande depois de cruzar com a Avenida Norton de Matos, avenida circular entre a Estrada de Benfica e o Campo Grande. Passa ao lado do estádio do Sporting Clube. Naquela época, o Lumiar era um bairro de Lisboa propriamente fora do perímetro urbano. Hoje, está situado a uns quinze minutos do centro da cidade.

Em *A Relíquia*, D. Maria do Patrocínio das Neves, rica e conceituada senhora, sobrinha do Comendador Godinho, vivia em Lisboa, ao Campo de Santana, nº 47, assistida por dois assessores espirituais, Padre Pinheiro e Padre Casimiro, pelo Dr. Margaride, juiz aposentado, e pelo tabelião Justino, da Confraria de São José, seu procurador. Tinha ela um sobrinho chamado Teodorico Raposo, já entrado em anos, e solteiro. Sua preocupação fundamental na vida era sua religiosidade, que ultrapassava os mais rígidos dogmas da Igreja. O

Campo de Santana figura muitas e muitas vezes ao longo de *A Relíquia* por estar ali a casa da titi. Em certo ponto do romance, se diz: "Logo no domingo, porém, jantando no Campo de Santana, os amigos dilectos, acontecem falar-se, ao cozido, de um sábio condiscípulo do Padre Casimiro que recentemente deixara a quietação da sua cela no Varatojo, para ir esposar, entre foguetes, a trabalhosa Sé de Lamego. O nosso modesto Casimiro não compreendia esta cobiça de uma mitra, cravejada de pedras vãs: para ele, a plenitude de uma vida eclesiástica era estar assim aos 60 anos, são e sereno, sem saudades e sem temores, comendo o arrozinho do forno da sra. D. Patrocínio das Neves..."

Dizia o Teodorico Raposo que, cedo da manhã de um domingo, 6 de setembro, dia de Santa Libânia (esta afirmação não confere com o calendário oficial do Vaticano, de 1983: o dia 6 de setembro é dia de Santo Eleutério e São Zacarias), foi ao quarto da titi, adormecida no leito castíssimo, para despedir-se dela. Na Capela de Santana, tocavam para a missa. "E um raio de sol, vindo do oriente, vindo de lá da Palestina ao meu encontro, banhou-me a face, acolhedor e risonho, como uma carícia do Senhor." E Teodorico Raposo partiu a caminho de Jerusalém.

Teodorico perguntou uma vez ao Dr. Margaride se ele conhecia uma dama que costumava encontrar às sextas-feiras na Igreja da Graça, visitando o Senhor dos Passos, com uma devoção e um grande fervor. Assinale-se que hoje, no ano de 1983, 96 anos depois de Eça de Queiroz escrever *A Relíquia*, celebra-se o lausperene na Graça às sextas-feiras. Teodorico conta como, sem repousar, correndo pelas ruas, esbaforido, ia à missa das sete em Santana, à missa das nove em São José, à missa do meio-dia na ermida da Oliveirinha. Descansava um instante a uma esquina, de ripanço debaixo do braço, chupando à pressa o cigarro; depois voava ao Santíssimo exposto na paroquial de Santa Engrácia, à devoção do terço no Convento de Santa Joana, à bênção do Sacramento na Capela de Nossa Senhora às Picoas, à novena das Chagas de Cristo, na Sua igreja, com música. Tomava então a tipóia do *Pingalho* e ainda visitava, ao acaso, de fugida, os Mártires e S. Domingos, a Igreja do Convento do Desagravo e a Igreja da Visitação das Salésias, a Capela de Monserrate às Amoreiras e a Glória ao Cardal da Graça, as Flamengas e as Albertas, a Pena, o Rato, a Sé! Eram dezoito visitas a igrejas num só dia. Era isto possível, em carruagem? Ou exuberância de imaginação e ironia?

A referência a Santana deve tratar-se de uma igreja que existia no Campo de Santana, no convento de freiras franciscanas. O convento foi reaproveitado e nele funciona hoje o Instituto Bacteorológico Câmara Pestana, bem ao lado da Faculdade de Ciências Médicas. São

José é a Igreja de São José, no Largo da Anunciada, perto do local em que *nasceu* o Conselheiro Acácio. A ermida da Oliveirinha era a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, na Rua de São Julião, na Baixa, construída depois do terremoto de 1755, e que pertencia à Corporação dos Confeiteiros. A Paroquial de Santa Engrácia devia ser, ao tempo de Eça, como o é hoje, a Igreja dos Barbadinhos, dedicada à Nossa Senhora da Conceição da Porciúncula. Nela há um busto em prata de Santa Engrácia oferecido pela Infanta D. Maria e um belo sacrário de pau-santo. O Convento de Santa Joana é o local onde hoje funciona a Brigada de Trânsito da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, à Rua de Santa Marta nº 61-B. A capela de Santa Joana é hoje a oficina de alfaiataria daquela corporação. A Capela de Nossa Senhora às Picoas ainda hoje existe, na Rua das Picoas, perto do Saldanha. Está desativada como igreja e dela se diz que será um abrigo para sacerdotes velhos. A Igreja das Chagas de Cristo fica na Rua das Chagas, perto do Calhariz e da colina de Santa Catarina. É uma igreja reconstruída após o terremoto de 1755 no local onde havia uma igreja do século XVI. É uma devoção importante em Portugal, especialmente nos Açores. As igrejas de Nossa Senhora dos Mártires (Chiado) e S. Domingos (a nordeste do Rossio) são por demais conhecidas. Ainda hoje a Igreja de São Domingos ostenta em seu interior a força do incêndio que a devastou em 13 de agosto de 1959. A Igreja do Convento do Desagravo é uma igreja fundada no século XVIII em memória do desacato que se registrou na antiga igreja de Santa Engrácia, no Campo de Santa Clara. A Igreja da Visitação das Salésias é uma igreja na Junqueira, na antiga Rua das Freiras, hoje Rua Alexandre de Sá Pinto, nome de um educador falecido em 1925. A Igreja faz parte do conjunto do antigo convento das Salésias fundado no século XVIII, hoje patrimônio do Estado, cedido à Casa Pia de Lisboa. Fica no bairro do Altinho, Freguesia de Belém. A Capela de Monserrate às Amoreiras se encontra na Rua das Amoreiras, hoje restaurada. Glória ao Cardal da Graça é a Capela de Nossa Senhora da Glória ao Cardal (epônimo de cardo) da Graça, ainda hoje existente, situada na Rua Senhora da Glória, nº 83, entre a Graça e São Vicente de Fora. Flamengas à referência à Igreja das Flamengas, na Rua 1º de Maio, perto do Calvário, um largo que se assemelha por vários motivos ao Largo do Machado do Rio de Janeiro, antes das grandes reformas urbanas por que atravessou recentemente aquele logradouro carioca. É uma igreja que pertencia ao antigo Convento de Nossa Senhora da Quietação, fundado em 1582, para religiosas flamengas que fugiram à perseguição luterana. Constitui uma surpresa a visita ao local, pois por fora pouco se faz notar ou deixa suspeitar a beleza em talha e azulejaria existente em seu interior. Fica na Rua 1º de Maio, nº 20, perto do conhecido Restaurante O Galão, propriedade de Álvaro Pinho da Silva. A igreja é afeta

ao culto e o convento abriga hoje a Irmandade da Quietação. Em frente a essa antiga casa, está o convento de freiras franciscanas do Calvário, com sua igreja, mas dessacratizados ambos. Albertas era referência à Igreja de Santo Alberto, das freiras descalças do Carmo, no bairro das Janelas Verdes, anexas ao Palácio do Conde de Alvor, ou Palácio Pombal, que veio a ser o Palácio das Janelas Verdes, onde viveu D. Amélia, Imperatriz do Brasil, e se transformou depois em parte do que é hoje o Museu Nacional de Arte Antiga. As freiras albertas estão instaladas hoje no Monte Estoril. A Pena é Nossa Senhora da Pena, na Calçada de Santana, uma igreja importante, sede paroquial. O Rato é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no Largo do Rato, e Sé é a imponente Sé Catedral, na subida ao Castelo. A Sé figura no seguinte trecho do livro de Antônio Alçada Baptista, *Peregrinação Interior*, volume I — *Reflexões Sobre Deus*: "Lembro-me duma célebre procissão de Nossa Senhora de Fátima. Aquilo era, no meu subconsciente de então, uma bem intencionada mistificação, pois o meu racionalismo ocupante era impiedoso para coisas deste género. No entanto, houve qualquer parte de mim que me fez incorporar na procissão de vela acesa, em cânticos e preces, desde a Igreja de Fátima até à Sé, com a cidade inteira debruçada sobre mim. Tudo isto pedindo a Deus que me falasse e me tirasse daquela amargura."

Depois do desastre sofrido por Teodorico, com a troca do embrulho com a relíquia por outro que continha a peça íntima da amiga Mary, dedicou-se ele a vendilhar relíquias diversas. Recordando seus compêndios de economia política, logo refletiu que seus proventos engordariam se eliminasse intermediários e se buscasse diretamente o consumidor pio. Dizia Teodorico: "Escrevi então a fidalgas, servas do Senhor dos Passos da Graça, cartas com listas e preços de relíquias. Mandei propostas de ossos de mártires a igreja de província. Paguei copinhos de aguardente a sacristãos, para que eles segredassem a velhas com achaques: — pra coisas de santidade não há como o sr. dr. Raposo, que vem fresquinho de Jerusalém!... — E bafejou-me a sorte. A minha especialidade foi a água do Jordão, em frascos de zinco, lacrados e carimbados com um coração em chamas; vendi desta água para baptizados, para comidas, para banhos; e durante um momento houve um outro Jordão, mais caudaloso e límpido que o da Palestina, correndo por Lisboa."

No seu testamento, D. Patrocínio deixara o prédio do Campo de Santana e 40 contos de inscrições para o Senhor dos Passos da Graça, a mobília do Campo de Santana, o Cristo de ouro, a deliciosa Quinta do Mosteiro e as inscrições do Crédito Público para o Padre Negrão; três contos de réis e o relógio para o Dr. Margaride. A Vicência ganhara as roupas de cama e o Teodorico, como já é sabido, o óculo, para

ver o resto de longe... como dizia filosoficamente o Justino, dando estalinhos nos dedos. Já ao final do romance, Teodorico como que via o próprio Senhor dos Passos fazendo desaparecer o maço de papéis de valor dentro da sua túnica roxa. O vidro do caixilho onde estava o Cristo abriu-se ao meio, com o fragor faiscante de uma porta do Céu. E Ele, sem despregar os braços do madeiro, deslizou serenamente para Teodorico que, na imaginação, ouvia uma voz repousada e suave: "Quando tu ías ao Alto da Graça beijar no pé uma imagem — era para contar servilmente à titi a piedade com que deras o beijo: porque jamais houve oração nos teus lábios, humildade no teu olhar — que não fosse para que a titi ficasse agradada no seu fervor de beata. O Deus a que te prostravas era o dinheiro de G. Godinho; e o Céu para que teus braços trementes se erguiam — o testamento da titi... Para lograres nele o lugar melhor, fingiste-te devoto sendo incrédulo; casto sendo devasso; caridoso sendo mesquinho; e simulaste a ternura de filho tendo só a rapacidade de herdeiro... Tu foste ilimitadamente o *hipócrita!* Tinhas duas existências: uma ostentada diante dos olhos da titi, toda de rosários, de jejuns, de novenas; e longe da titi, sorrateiramente, outra, toda de gula, cheia de Adélia e da Benta... Mentiste sempre — e só eras verdadeiro para o Céu, verdadeiro para o mundo, quando rogavas a Jesus e à Virgem que rebentassem depressa a titi."

Em *Os Maias*, Carlos Eduardo teve dificuldades em encontrar a morada de João da Ega, a Vila Balzac, na Penha de França, logo adiante do Largo da Graça, passando pela Cruz dos Quatro Caminhos (Largo dos Sapadores). O Largo da Graça também figura no momento em que Carlos e João da Ega voltavam da Vila Balzac e uma caleche de praça, aberta, cruzou com eles a largo trote. Dentro, um sujeito de chapéu baixo ia lendo um grande jornal. Era o Craft. E combinaram um jantar no Hotel Central, para o dia seguinte. Nesse jantar falou-se no crime da Mouraria, que impressionava Lisboa: uma rapariga com o ventre rasgado a navalha, por uma companheira, vindo a morrer na rua, em camisa (camisola, no Brasil). Dois farristas esfaqueando-se, toda uma viela em sangue — uma sarrabulhada, como disse o Cohen, sorrindo e provando o Bucelas.

Após um encontro da Condessa de Gouvarinho com Carlos Eduardo, em seu consultório, ela saiu e pediu um *coupé*. Um cocheiro, ao aceno de Carlos, lançou logo a tipóia. Pediu que fosse levada à Igreja da Graça. "A Senhora Condessa vai beijar o pé do Senhor dos Passos? — Ela corou de leve, murmurou: — Ando fazendo as minhas devoções..."

Em dado trecho, quando é narrada uma ida de Carlos Eduardo aos Olivais, está dito que depois de Santa Apolônia a estrada começou,

infindável, desabrigada, batida pelo ar agreste do rio. O cocheiro era o *Canhoto* que, ao ouvir falar de uma gorjeta de libra, montou em espalhafato e, às chicotadas, faz a velha traquitana ir a galope. A friagem entrava pelas gretas da tipóia.

João da Ega, tendo despedido os criados da Vila Balzac, teve outras complicações. A mãe do pajem procurou-o no Ramalhete, insolente, gritando que o filho desaparecera. Pervertido pela cozinheira, sumira-se com ela para as vielas da Mouraria, a começar aí uma divertida carreira de *faia* (fadista desregrado, boêmio). Nessa mesma noite, Carlos e Craft foram levar Ega à Estação de Santa Apolônia. Partia ele para Celorico, escorraçado por causa do escândalo com a Raquel Cohen. Em dado momento, no Teatro de São Carlos, Carlos Eduardo conversava com D. Maria da Cunha, sua velha amiga. Sucedem-se, aqui e ali, referências ao Senhor dos Passos, quase uma constante nas conversas entre personagens de *Os Maias*. A Estação de Santa Apolônia mais uma vez brilha naquela conhecida cena em que Carlos combinara um encontro amoroso com a Gouvarinho, fora de Lisboa. Partiriam para Santarém, a amarem-se, escondidos, numa estalagem. A Gouvarinho iria, decerto, com uma cabeleira postiça e com o *waterproof* de grande roda. Mas ele iria até Santa Apolônia apenas balbuciar uma desculpa tosca para não acompanhá-la. Chegaria no momento de partir e não lhe daria tempo sequer de choramingar; um rápido aperto de mão e adeus, para nunca mais... Mas eis que ao chegar a Santa Apolônia nenhuma desculpa era necessária porque o Conde de Gouvarinho decidira acompanhar a Condessa ao Porto. Resolução de última hora, quase iam perdendo o comboio. Carlos volta só, dentro do *coupé*, em direção à Baixa, sentindo uma alegria triunfante.

Santa Apolônia novamente aparece, num sábado, quando Afonso da Maia partiu para Santa Olavia, nos penhascos do Douro. Nesse mesmo dia, Maria Eduarda se instalara nos Olivais. Mais tarde Carlos ia partir para Santa Olavia. À noitinha, depois de conhecer o Ramalhete, e lá jantar, Maria Eduarda levava-o no *coupé* até Santa Apolônia.

Numa ocasião, no Grêmio Literário, Carlos se preparava para desafiar a duelo Dâmaso Salcede, autor comprovado do artigo injurioso publicado na *Corneta do Diabo*. Mas só deixaria de fazê-lo se Dâmaso escrevesse um documento com esta coisa simples: "Eu, abaixo assinado, declaro que sou um infame". Como a etiqueta reclamava outro padrinho além de João da Ega, foi lembrado o nome do Maestro Cruges. Redigiu-se um bilhete para o Cruges. O Conde de Gouvarinho e Steinbroken conversavam de pé no vão de uma janela do Grêmio. O aperto de mão que o Conde estendeu a Carlos foi seco e curto. "Agora que Carlos abandonara a senhora Condessa de Gouvarinho, a

Rua de São Marçal e o cômodo sofá em que ela caía com um rumor de saias amarrotadas — o marido amuava, como abandonado também." Mas, por outro lado, a conversa entre o Gouvarinho e o Ega era muito carinhosa. Lembraram conversas sobre divindades de Jesus e Ega disse que o Conde, na conversa sobre religião e sobre moral, naquela noite, parecia ter uma opa de irmão do Senhor dos Passos.

Mais uma vez a Santa Apolônia é cenário em *Os Maias*: "... a manhã clareava, limpa e branca, quando Ega e Carlos, ainda estremunhados e tiritando, se apearam em Santa Apolônia. O comboio acabava justamente de chegar; e viram logo, entre o rumor de gente que se escoava das portinholas abertas, Afonso, com o seu velho capote de gola de veludo, apegado a uma bengala, debatendo-se entre homens de boné agaloado que lhe ofereciam o Hotel Terceirense" (Largo do Pelourinho nº 13) "e a Pomba d'Ouro" (pensão ou hotel, à Rua Nova do Carmo, nº 27, 2º andar). Foi por Santa Apolônia que Carlos embarcou para a França depois de tudo o que houve: a dramática revelação do incesto e a morte de Afonso da Maia. Depois chegou a vez de Maria Eduarda partir num vagão-salão para Paris, da Estação de Santa Apolônia. Com ela, iam *Miss* Sarah, Melanie, Rosa e *Niniche*. As cortinas do vagão estavam cerradas. Junto do estribo ela tirou devagar a luva e estendeu a mão a Ega, que também embarcava, não para a França, mas para o norte de Portugal. Estaria no mesmo comboio até ao Entroncamento, vila no Distrito de Santarém.

Nos últimos momentos do romance, quando Carlos Eduardo voltara, dez anos depois, para rever Lisboa, passeava com João da Ega, o qual dizia que já nada havia de genuíno "neste miserável país, nem mesmo o pão que comemos!". Mas Carlos Eduardo, com a bengala, num gesto lento, apontou para os altos da cidade, os velhos outeiros da Graça e da Penha, com seu casario escorregando pelas encostas ressequidas e tisnadas do sol. Aquilo, sim, era genuíno. E conversaram sobre o casamento de Maria Eduarda, a formidável notícia anunciada por Carlos, a nova que ele logo contara de madrugada ao Ega, depois dos primeiros abraços em Santa Apolônia.

6.

CHIADO

"Pois as cidades têm alguma coisa parecida com as nossas salas de visitas, locais que o mundanismo e a elegância consagraram, onde se não tratam negócios e onde apenas existem estabelecimentos de luxo. Se quiséssemos, passaríamos toda a vida sem atravessar tais ruas: não há necessidade que lá nos chame. Ali se reúnem os descuidados da vida, os janotas e as damas de alto tom (...). Para nossa capital, esse papel é desempenhado pelo Chiado, eterno forum da elegância e distinção lisboetas. Esta simples palavra Chiado, pronunciada perante um provinciano, desperta-lhe todo um mundo de representações galantes, de luxo e de opulência, de movimento e de alegria."

Do jornal *O Século*, de Lisboa,
16 de novembro de 1902.

"Le Chiado une des plus anciennes rues de Lisbonne, aujourd'hui encore le centre de la vie commerciale de la capitale".

Marquis de Bombelles, *in Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788*,
Paris, 1979.

"...Carlos decidira dar bengaladas no Dâmaso, uma tarde, no Chiado, com aparato..."

Eça de Queiroz, *in Os Maias*

O vocábulo Chiado, segundo Mário Costa, autor do livro *O Chiado Pitoresco e Elegante,* Lisboa, 1965, de efeito sonoro e quase mágico, designa como adjetivo aquele que se revela *astuto, ladino, malicioso.* No dicionário de Caldas Aulete, *chiado,* o mesmo que *chiada* ou *chiadeira,* quer dizer o ruído provocado pelo ato de chiar, som agudo e desagradável. Há uma hipótese segundo a qual o nome Chiado adviria do ruído das carruagens que, séculos atrás, subiam a calçada (ladeira) do Chiado. Alberto Pimentel e Matos Sequeira, olisipógrafos ambos, estudaram a origem do nome Chiado. Enquanto o primeiro concluiu que ele derivou da existência e modos de proceder de duas figuras excêntricas, alcunhadas de Chiado (Gaspar Dias, o vinhateiro, e Antônio Ribeiro, o poeta chocarreiro), o segundo pesquisador afirmou convictamente que a transmissão de tal nome derivou da popularidade de que gozou o taberneiro na vida que levou em pleno Chiado, no Século XVI, de grande familiaridade com o poeta da rua, ex-frade franciscano, que em religião usou o nome de Frei Antonio do Espírito Santo, falecido em 1591. Pelas citações encontradas em várias fontes consultadas, o Chiado deixou a sua marca num tempo anterior a 1586, constituído por um curto trecho de rua que principiava na Rua do Carmo, entroncamento com a Rua Nova do Almada, e subia até à Rua da Cordoaria Velha, depois Rua de São Francisco, e hoje Rua Ivens.

Embora por tão variados motivos estejam hoje atenuados os traços de predomínio do Chiado na cidade, como centro de vida social, cultural e de boêmia elegante, continua ele a ser passagem obrigatória, e não só para o lisboeta. O forasteiro que não subir a Rua do Carmo em direção à tradicional Rua Garrett e ao Largo do Chiado, não poderá corretamente dizer, quando regressar à sua terra, que esteve em Lisboa. Para brasileiros amantes das letras portuguesas, aquele cenário a céu

aberto tem um especial encanto porque parte expressiva da fabulação de Eça de Queiroz lhe descreve e retrata os mais brilhantes e pitorescos aspectos, com fina e talvez insuperável ironia.

Até 1880, o Chiado era o nome da rua que vai da Rua Nova do Carmo até à Praça Luís de Camões. Naquele ano, a rua passou a chamar-se Garrett. Mas o nome de Chiado persistia e teimava na língua e na memória do povo. Em 1925 foi restabelecido o nome de Chiado apenas para designar o largo que vai do alto da Rua Garrett, esquina da Rua Paiva de Andrade, até à Praça Luís de Camões. Hoje bem se pode dizer que o Chiado é mais do que a Rua Garrett e o próprio largo com este nome. É um tanto toda aquela parte da cidade que tem por eixo a Rua Garrett e o Largo do Chiado, permeada pela sua atmosfera. Dir-se-ia que um conceito mais lato e afetivo de Chiado abarca a Rua do Carmo e a Rua Nova do Almada; a Rua Ivens (antiga Rua de São Francisco, e antes, da Cordoaria Velha, onde está o Grêmio Literário, e onde morou Maria Eduarda); a Rua Capelo (antiga Travessa da Parreirinha); a Rua Serpa Pinto (outrora Rua Estêvão Galhardo); a Rua Vitor Cordon (outrora Rua do Ferregial de Cima); a Rua dos Duques de Bragança (onde se situa o prédio, belo ainda hoje, que sediou o Hotel Bragança, um dos lugares mais tipicamente ecianos do Chiado); a Rua Paiva de Andrade (outrora Rua do Outeiro); a Rua Antonio Maria Cardoso (ex-Rua do Tesouro Velho); o pedacinho de rua ou largo entre as igrejas de Nossa Senhora do Loreto e Nossa Senhora da Encarnação (outrora Largo do Loreto), onde está aquele brasão da Lisboa eciana, e da primeira metade deste século, hoje ainda de pé mas transformado; a Casa Havaneza, no Largo do Chiado nº 25; o Teatro de São Carlos, no Largo de São Carlos, a praceta onde está a lápide a indicar o lugar em que nasceu Fernando Pessoa; o alto da Rua do Alecrim, com a Praça Barão de Quintela e a estátua de Eça de Queiroz; o começo da Rua da Misericórdia (outrora Rua Larga de São Roque, onde está o famoso Restaurante Tavares); a Rua Nova da Trindade; a Travessa da Trindade com o Teatro Trindade, de vivas lembranças da Lisboa de Eça; o Largo Rafael Bordalo Pinheiro (outrora Largo da Abegoaria, onde ficava o Cassino Lisbonense, das conferências da revolução literária e artística de 1871, hoje ainda com o letreiro da casa Barbosa & Costa); a Travessa do Carmo; o Largo do Carmo, com seu chafariz assinalado em *A Capital;* a Calçada do Sacramento. Tudo isto a falar por todos os poros de Eça de Queiroz. Tudo isto é o Chiado, ou participa do espírito do Chiado.

Júlio de Castilho, em sua obra *Lisboa Antiga,* volume VIII, apresenta o mapa geral de Lisboa de antes do terremoto. Contrapõe a um outro mapa em que, através de riscos em cores diferentes, bem se vê

como era o Chiado antes do terremoto e, modernamente, em 1937. Por eles se verifica a coincidência de não poucas ruas e locais que existiram antes e continuaram a existir depois do grande sismo. Uma delas era o Chiado, que arrancava da Rua Nova do Almada, a qual já tinha esse nome, bem defronte do Convento do Espírito Santo, para transformar-se em Rua Direita das Portas de Santa Catarina, em Largo da Cordoaria Nova e finalmente em Largo do Loreto. Onde está hoje a Praça Luís de Camões — inaugurada em 1860 e nela colocada a estátua do grande poeta, em 1867 — estiveram antes vários prédios, dentre eles o Palácio do Marquês de Marialva. A reconstrução respeitou em boa parte o antigo traçado do Chiado, ao contrário do que ocorreu com a Baixa entre o Rossio e o Terreiro do Paço, que foi toda reedificada sobre nova planta.

O Chiado tem sido o centro das confeitarias, pastelarias e cafés. E também foi o centro dos festejos do Carnaval. Em épocas em que não havia os meios de comunicação e de transporte de nosso tempo, uma especial e privilegiada fonte de entretenimento era passear pela cidade, frequentar seus locais de encontro e de comida, usufruir sua atmosfera de elegância e mundanismo. A doçaria portuguesa é baseada tradicionalmente sobre açúcar e ovos. Diz Júlio de Castilho que o artífice do açúcar pode ser na verdade um artista, um civilizador, "um Orfeu das trouxas de ovos", deleitando o paladar e o olfato e falando ao pensamento. Foi precisamente nas pastelarias do Chiado e da Baixa que Eça de Queiroz encontrou um ponto fraco dos portugueses, fonte de inspiração de sua ironia sobre a gulodice burguesa da cidade. Em *As Farpas*, Eça disse que as pastelarias "arrasam o organismo social português". A confeitaria é uma aristocracia culinária. Tem uma indiscutível realeza em si própria, "é arte mimosa e afeminada, serve-se muita vez ao som de música e os vinhos mais velhos e famosos da frasqueira se sentem honrados de serem servidos com ela" — assim disse Júlio de Castilho em palavras adocicadas de um lisboeta que, como tantos outros, sentiu o fascínio do Chiado. As pastelarias ainda existem no Chiado mas vários nomes famosos desapareceram e são evocados como grandes símbolos de um passado elegante. O Marrare, o Baltresqui, o Café Central, foram varridos de seus cantos mas grandes nomes da tradição lisboeta, como o Grêmio Literário, o Turf Club, o Restaurante Tavares, a Livraria Bertrand, a Casa Bénard, recém-reaberta sob a direção de D. Maria Augusta Montes, a Pastelaria Ferrari (irmã mais nova do Café Martinho da Arcada), a Livraria Férin, teimam em resistir às transformações e ao camartelo (picareta).

Falar de Chiado é, pois, falar de Lisboa e de Eça de Queiroz, ali mesmo perpetuado na estátua do Largo do Barão de Quintela, no descer da Rua do Alecrim, de autoria de Teixeira Lopes. O velho

poeta, o romancista do século XIX e a cidade se mesclam. Nomes de tal maneira entrelaçados que não se pode falar de um sem que o outro lhe assalte a memória, o espírito, o coração. E se alguém deixar o Rossio, subindo a Rua do Carmo, dobrando a esquina para continuar pela Rua Garrett até ao Loreto e à Praça Luís de Camões, tem a impressão de que, de repente, não mais do que de repente, vai encontrar algum personagem que o romancista fez transitar por ali em muitas de suas obras. O Chiado, "pitoresco e elegante", é como uma grande sala onde as pessoas se encontram, conversam, comem, bebem chá, apreciam o bom vinho generoso, fazem literatura ou política, apólices de vida e operações bancárias. E para pedir proteção ao Alto, não têm só a Calçada do Sacramento, com sua igreja, mas podem recorrer aos bons ofícios de Nossa Senhora dos Mártires, da Encarnação ou do Loreto. Na Igreja da Encarnação, no altar de Santa Isabel, o segundo à direita, pode o fiel ler esta oração à Rainha Santa, viúva de D. Diniz: "Mãe da Pátria, anjo de Paz, conselheira das virgens, conforto das esposas atroiçoadas, auxílio das viúvas, coração largo como o mar onde todos aqueles que sofrem encontram proteção e pronto socorro, roga a Deus por nós portugueses nas horas da vida e na hora da morte. Amém."

O autor de *Os Maias* se afigura, além do fotógrafo que sabe fixar num rápido *flash* um belo momento, cômico ou dramático, picaresco ou cínico, triste ou alegre, em sua obra monumental, um inigualável pintor de costumes e sobretudo um cuidadoso cenógrafo, um meticuloso e perfeito figurinista de tipos e situações. Quem se der ao trabalho de anotar o número de vezes em que o nome Chiado é escrito por Eça de Queiroz ficará certo de que não importa muito saber se o Chiado teve sua origem no nome do poeta, ou o contrário. Diz Júlio de Castilho: "Quem compreendesse a crônica minuciosa desta rua há bem pouco a primeira de Lisboa, pelo trânsito, pelo esplendor das lojas, pela qualidade dos seus frequentadores, empreendia obra do maior interesse e tinha para volumes."

Norberto Lopes, escritor e jornalista, em sua obra *Novela Sucesso*, tem este trecho em que o Chiado esplende: "Domingo de Páscoa. Uma chuva miudinha a pintar de verdade as folhas das árvores e um véu denso de melancolia a descer lentamente sobre o mistério das almas. O sr. Lobo subiu o Chiado a trautear o fadinho sentimental (...). Desfilavam apressadamente pelo Chiado as meninas do bom tom que saíam da missa do Loreto. Cochichava-se à porta da Havaneza acerca do último escândalo elegante. Grave, hierático, solene, descia o Chiado o dr. Júlio Dantas, levou a mão ao chapéu e cumprimentou-o com um sorriso. Tinham lido na véspera que a *Ceia dos Cardeais* se representara mais uma vez em Madrid e ficaram por largo tempo a dizer mal do dr. Júlio Dantas e do teatro espanhol...".

A Rua Garrett e o Largo do Chiado representam para a cidade, para os portugueses em geral, o que, possivelmente, a Regent Street representa para Londres, a Via del Corso para os romanos, a Quinta Avenida para os nova-iorquinos, o Boulevard des Italiens para os parisienses e até mesmo a nossa Rua Gonçalves Dias e a do Ouvidor, há tempos, para o povo carioca. Enfim, cada uma delas com suas características próprias em suas épocas com suas variantes, de conformidade com o espírito de cada povo, adulteradas umas e outras pelo tempo e pelos novos costumes, pela necessidade municipal de arranjar seu arruamento, seu tráfego, ou para atender a uma outra inovação qualquer do modernismo urbano. Em suma, o progresso — com a era do automóvel, da comunicação, da televisão, dos novos costumes — afetou tudo. E ao Chiado também.

Eça de Queiroz plantou seu principal cenário exatamente no Chiado e arredores. Conhecia com amor aquela parte de Lisboa da segunda metade do século passado, que ele palmilhava e fazia seus personagens também palmilharem. Às vezes o autor, utilizando "o manto diáfano da fantasia" talvez para esconder a origem de alguns de seus tipos, muda uma casa ou um edifício de uma rua para outra, com aquela liberdade que é direito próprio do ficcionista ou do diretor de cinema. É o caso do Ramalhete: uma linda casa é geralmente identificada como fonte de inspiração, mas ela não está na Rua das Janelas Verdes e, sim, em outro local, que não tem a mesma beleza e a mesma vista sobre o Tejo. Lembre-se o Café Marrare do Polimento, ou simplesmente Café Marrare, que desaparecia precisamente no ano em que Eça de Queiroz se instalava em Lisboa. Como o Marrare tinha aquela fama de ditar a elegância — diz Júlio de Castilho que frequentar o Marrare "imprimia caráter" — Eça de Queiroz havia de encontrar uma forma de trazê-lo às suas páginas. Quando Carlos Eduardo da Maia vinha residir em Lisboa, no Ramalhete, fazia vinte anos que o Marrare já não existia. Mas o infeliz Pedro da Maia, pai de Carlos Eduardo, escrevia sentado a uma mesa do Marrare apaixonadas cartas de amor para a lindíssima Maria Monforte.

Três igrejas naquela parte da cidade constituem parte viva da história lisboeta e cenários dos romances de Eça de Queiroz. A Igreja de Nossa Senhora dos Mártires foi destruída e várias vezes reconstruída, para finalmente ter, desde 1774, o aspecto que hoje tem, conforme projeto de Reinaldo Manuel dos Santos. Quando ocorreu o terremoto de 1755, que consumiu memórias preciosas da Capital, deixando em lugar de uma cidade velha, mas opulenta, um caos de ruínas, a Igreja dos Mártires resistiu ao tremor de terra mas foi consumida pelo fogo. Daí, segundo Júlio de Castilho, ter sido "reedificada na Rua das Portas de Santa Catarina, ali mesmo no Chiado, entalada entre a Rua da

Figueira, ao nascente (hoje Rua Anchieta), e a Rua da Ametade, ao poente, atualmente Rua Serpa Pinto". É lá que se encontra, numa das capelas, a inscrição: "N'esta parochia se administrou o primeiro baptismo depois da Tomada de Lisboa aos Mouros, no Ano de 1147."

E completando o quadro, por assim dizer eclesiástico, do Chiado, no antigo Largo do Loreto, ladeando a Rua do Alecrim, vê-se à esquerda a já mencionada Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, outro pedaço do cenário queiroziano, e à frente, do lado oposto, beirando a Rua da Misericórdia, a Igreja de Nossa Senhora do Loreto. É dentro dessas fronteiras que se levanta a história do próprio poeta Antonio Ribeiro Chiado, cuja estátua foi inaugurada em 18 de dezembro de 1925. É de bronze, sobre uma base de cantaria lioz e original do escultor Costa Mota; ao alargamento que a rua forma nesse sítio, foi, pela mesma ocasião, e por proposta do vereador Dr. Alfredo Guisado, dado o nome de Largo do Chiado. Na face anterior da base do monumento lê-se a seguinte inscrição: "A Antonio Ribeiro Chiado, Poeta do Século XVI, a Vereação de 1925."

A história do poeta que tem o sobrenome de Chiado nos diz de um franciscano que obteve a anulação de seus votos e viveu simplesmente como clérigo secular. Segundo Castilho, o poeta Chiado era um "dizidor e zombeteiro, irrequieto e talentoso, cabendo mal no apertado invólucro da sotaina e desafogando o seu talento em autos e escritos satíricos, e sentenciosos, de sabor muito popular. Sem ser um poeta de cunho, sem ter o largo envergamento de asas da águia que se chamou Gil Vicente, tem boa embocadura e graça; (...). Por entre as lonjuras e escuridades que hoje nos parecem ainda maiores, chispa aqui e ali o epigrama, nem sempre velado, nem sempre admissível para nós. (...). Na sua obra, porém, consegue o extravagante engenho do turbulento padre pintar alguns bons quadros da sociedade do seu tempo; não a sociedade alta mas a das praças e ruas, os fidalgos sem eira nem beira, as escravas negras, primas co-irmãs dos jograis de algum dia, os passeantes, os pescadores da morinheira e rumorosa Alfama". O poeta Chiado era contemporâneo de Camões, que fez a ele a seguinte referência, no *Auto de El-Rei Seleuco*, através de personagem que representava um mordomo: "... e mais tem outra coisa, que uma trova fá-la-á tão bem como vós, ou como eu, ou como o Chiado."

Nos dias de hoje, o poeta Antonio Ribeiro Chiado não está morto. No princípio de 1983, a companhia teatral *A Barraca*, com sede na Rua Alexandre Herculano, em Lisboa, apresentou a peça *Um Dia na Capital do Império*, calcada sobre vários autos e textos do poeta. Helder Costa, diretor de *A Barraca*, explica que o poeta Chiado se revela um verdadeiro repórter, um agudo observador das coisinhas

simples e desinteressantes, dos acidentes falsamente banais, que dão, porém, testemunho daquela urbe confusa, cosmopolita e contraditória que era Lisboa do século XVI, rainha do mundo, raiz do sonho imperial português.

Lá está, no Largo do Chiado, o bronze do poeta sentado em seu modesto banco, braço estendido, numa atitude apostólica ou de um contador de histórias, quase lembrando o nosso Padre Anchieta, dominando sua praça, seu pequeno mundo, seu pequeno teatro, seu picadeiro — que ainda é o coração de Lisboa. Se ocorreram mudanças dos estabelecimentos, o tempo e as circunstâncias adulteraram este ou aquele ponto, isto é efeito da civilização e do progresso. Muita água passou por baixo do moinho mas o Chiado continua. É normal que os transeuntes menos atentos ou mais apressados nem reparem na figura de Antonio Ribeiro Chiado. Certamente outros não saberão onde era a Rua do Ferregial de Cima, onde Eça de Queiroz alojou o mais conhecido de todos os personagens, o Conselheiro Acácio, que até estátua ganhou. A telefonista do Instituto de Preparação para a Universidade Livre certamente não sabe que o edifício onde trabalha foi o famoso Hotel Bragança, de famosos hóspedes, onde se reuniam os *Vencidos da Vida*. Embora já não seja o que foi, o Chiado ainda está impregnado de memórias e de beleza. Alexandre Herculano uma vez disse com um exagero que hoje soa engraçado: "Para ver o mundo só há dois píncaros, ou o Himalaia ou o Chiado!"

No início de *Os Maias*, é descrita a dor exagerada e mórbida de que era possuído Pedro da Maia, que passava por períodos de vida dissipada e turbulenta, de estroinice banal e romantismo torpe, e procurava afogar em lupanares e botequins as saudades da mãe. Essa exuberância ansiosa, que se desencadeara súbita e tumultuosamente na sua natureza desequilibrada, gastou-se depressa também. Pedro, pai de Carlos Eduardo, é descrito como um tipo psicótico. Escrevesse Eça mais tarde e Pedro teria sido posto no divã de um analista. Diz-se no romance: "Ao fim de um ano de distúrbios no Marrare, de façanhas nas esperas de touros, de cavalos esfalfados, de pateadas em São Carlos, começaram a reaparecer as antigas crises de melancolia nervosa; voltavam esses dias taciturnos, longos como desertos, passados em casa a bocejar pelas salas, ou sob alguma árvore da quinta todo estirado de bruços, como despenhado num fundo de amargura. Nesses períodos tornava-se também devoto; lia vidas de santos, visitava o Lausperene; eram desses bruscos abatimentos de alma que outrora levavam os fracos aos mosteiros."

O Café Marrare do Polimento, assim era seu nome completo, foi o primeiro parlatório e pasmatório (local público para encontro de ociosos) do Chiado, o mais notável centro de parolagem da Lisboa

da primeira metade do século XIX. Segundo João Pinto de Carvalho (Tinop), esse botequim desempenhou papel semelhante ao do Tortoni, em Paris. Foi fundado pelo napolitano Antonio Marrare, na Rua das Portas de Santa Catarina (Chiado), acontecimento anunciado na *Gazeta de Lisboa*, em 8 de janeiro de 1820 (D. João VI estava ainda no Brasil). O endereço era Rua das Portas de Santa Catarina nº 25. Lá se serviam "todas as qualidades de vinho engarrafados, licores e cervejas". Antonio Marrare, italiano, chegara a Lisboa, procedente do Brasil, onde servira de copeiro no Quartel-General de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1797. Em 1800, fundou uma loja de bebidas e conservas no Chiado, para depois instalar o famosíssimo Marrare do Polimento no endereço já mencionado. Amancebou-se com Margarida Bruni, bailarina do Teatro de São Carlos. Marrare morreu em 1839, passando o Café para seu sobrinho José, tendo sido famoso um seu empregado alcunhado de Pintassilgo. Naquela época, um café custava 30 réis. No Marrare vendia-se o puro *moka*, ao contrário do que por vezes ocorria em outros locais, onde o café era adulterado. O Marrare do Polimento, disse Tinop, era chamariz da mocidade doirada da época, *prazo dado* (palavra equivalente a *rendez-vous* dos franceses) das celebridades da crônica lisbonense de então. O Marrare era romântico e constitucional, isto é, era apreciado pelos liberais. No ano em que ele se fundara tinha ocorrido a primeira manifestação liberal portuguesa. No Marrare deram-se frequentes brigas, inclusive uma em que esteve envolvido um nome pânico da boêmia do Rio de Janeiro, o Manduca da Praia, expressamente chegado a Lisboa para dar uma surra em Santana e Vasconcelos. Houve um conflito, com intervenção policial, notícias nos jornais. Em 1866 — ano em que Eça de Queiroz conheceu Lisboa e nela se instalou, em casa dos pais, ao Rossio — o Marrare do Polimento fechava suas portas para sempre e, no dizer de Tinop, "a alma do Chiado cobria-se de um véu de lágrimas. Desaparecera o café primaz da Lisboa do Século XIX". No local onde esteve instalado o Marrare, hoje o nº 58-60 da Rua Garrett, há um grande letreiro vertical: *Império Seguros*.

O São Carlos, como tão abundantemente é mencionado na obra de Eça de Queiroz, é o outrora Teatro Real de São Carlos, cuja construção começara em 1792, segundo projeto do arquiteto José da Costa e Silva. A planta do teatro reproduzia a do *Teatro di San Carlo*, de Nápoles, como fora aquele antes do incêndio ocorrido em 1816. A inauguração do São Carlos de Lisboa deu-se em 30 de junho de 1793, com a ópera de Cimarosa *La Ballerina Amante* (cantada por Domenico Caporalini) e com dois bailados de G. Gioia (Felicidade Lusitana e *I Dispetti Amorosi*). Esses dados constam da obra *Cantores de Ópera Portugueses*, de Mario Moreau, Lisboa, 1981. No programa da inauguração do Real Teatro de São Carlos estava dito, em italiano, que o "*dramma giocoso per musica La Ballerina Amante*" era dedicado a S.A.R., a Sereníssima Senhora D. Carlota Joaquina, Princesa do Brasil. No ano de 1983, quando a presente obra é escrita, o São Carlos tem pois 190 anos de existência de gloriosas tradições. À época em que os grandes romances de Eça de Queiroz foram publicados — último quartel do século passado — a lírica tinha um papel de singular predominância na vida cultural e na vida elegante e boêmia das cidades. Assim acontecia em Lisboa. O São Carlos estava a dois passos do Chiado; estava no Chiado, considerado este em seu sentido mais amplo, como já foi visto. Tudo o que de fino e elegante se passava na sociedade lisboeta daquela época tinha de, em parte pelo menos, girar em torno do Teatro de São Carlos. Por isso, é natural que, a cada instante, em *Os Maias* e em tantos outros romances e contos de Eça de Queiroz, os personagens fossem ao São Carlos, saíssem do São Carlos, ceassem depois do São Carlos, tivessem camarotes alugados no São Carlos, decorassem seus camarotes no São Carlos, namorassem no São Carlos, cortejassem atrizes do São Carlos, se entregassem aos prazeres artísticos e mundanos do São Carlos, fossem ver o Rei e a Rainha no São Carlos, já que não tinham a chance de frequentar a Corte. Em suma, todo o mundo elegante, refinado ou fútil da sociedade descrita e pintada por Eça de Queiroz frequentava o São Carlos. Por exemplo, quando a belíssima Maria Monforte "rompeu subitamente numa manhã pelas ruas e pela sociedade de Lisboa", foi em São Carlos que ela começou a aparecer, fazendo "uma impressão de causar aneurismas!" — dizia o poeta Alencar. Numa noite, Pedro deixara o Marrare e fora rondar o palacete dos Vargas, apagado e mudo, nos Arroios, com a imaginação acesa em torno da Maria Monforte. Duas semanas depois, o Alencar, entrando em São Carlos ao fim do primeiro ato do *Barbeiro*, ficou assombrado ao ver Pedro da Maia instalado na frisa da Monforte, "com uma camélia escarlate na casaca, como um ramo pousado no rebordo de veludo". Nunca a Monforte aparecera mais bela, com uma dessas *toilettes* excessivas e teatrais que ofendiam Lisboa. Ela conservou algum tempo a sua atitude de deusa insensível; mas, depois, no dueto Rosina e Lindor, seus olhos azuis e profundos se fixaram gravemente em Pedro. O Alencar correu ao Marrare a berrar a novidade, que toda Lisboa ficou depois sabendo, da paixão de Pedro da Maia pela *negreira*.

Tempos depois, Pedro já morto, a Maria Monforte já bem longe, depois daquele ato de fuga desatinada de seu lar, Carlos se formava em Coimbra. João da Ega trouxera de Lisboa a Encarnación, uma soberba rapariga espanhola, que instalara numa casa ao pé da república de Carlos, chamada o *Paço de Celas*. Carlos alugara-lhe uma vitória com um cavalo branco e Encarnación fanatizou Coimbra com

a aparição de uma *Dama das Camélias*, "uma flor de luxo das civilizações superiores". Mas um dia, ela, surpreendida com outro, foi recambiada para Lisboa e para a Rua de São Roque, seu elemento natural. A suposição é que ela voltava a ter suas funções de corista no Teatro da Trindade, que aparece com frequência em *Os Maias* e outras obras de Eça. Foi o primeiro teatro público destinado à ópera italiana. O atual edifício foi inaugurado em 30 de novembro de 1867, no local onde antes esteve o Palácio dos Monteiros Pains, que já desde 1735 sediara o antigo Teatro da Trindade. Também existia na época, na Rua Nova da Trindade, perto do Teatro da Trindade, o Teatro do Gymnasio, com sala oval, camarote e platéia para mais de quinhentas pessoas. Nos guias da segunda metade do século passado vem alistado logo a seguir ao Teatro da Trindade. Nos dias de hoje, esse teatro, na esquina do Largo da Trindade com a Rua Nova da Trindade, se encontra lindamente restaurado e é propriedade do INATEL (Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores). O edifício do Teatro do Gymnasio, sobre cuja fachada ao alto se lê seu nome, está hoje abandonado. Foi inaugurado em 1846, com a estréia pelo grande ator Taborda.

Carlos, após montar seu consultório no Rossio, o fizera anunciar nos jornais: "... quando viu, porém, o seu nome em letras grossas, entre o de uma engomadeira à Boa Hora, e um reclame de casas de hóspedes — encarregou Vilaça de retirar o anúncio." Boa Hora significa historicamente Convento da Boa Hora, desapropriado à época da vida liberal. Pertencera aos frades Agostinhos, que tinham convento não só em Lisboa mas também em Setúbal, sob a invocação de Nossa Senhora da Boa Hora. Em 1842, o Ministro da Justiça visitou o prédio do Convento da Boa Hora com vistas a nele instalar os tribunais de justiça da Comarca de Lisboa, o que veio efetivamente a ocorrer. O prédio fica ao final da Rua Nova do Almada, no ponto em que entronca com a Rua de São Nicolau, logo depois de nesta desembocar a Rua do Crucifixo. O Tribunal da Boa Hora é um lugar "onde muitos passam horas más", no dizer do Padre Jacinto dos Reis, no interessante livro *Invocação de Nossa Senhora em Portugal*. O local em torno do Tribunal da Boa Hora, situado na Freguesia de São Julião, que inclui também o arranque da Calçada de São Francisco e, por extensão, o arruamento que conduz ao Largo do Pelourinho era conhecido pelo nome de Pote das Almas, expressão usual e utilizada na obra de Eça de Queiroz. Fazer o Pote das Almas era descer a Rua Nova do Almada até a Boa Hora e rumar para a Rua do Ouro e Rossio.

João da Ega, ao vir residir em Lisboa, era hóspede do Hotel Universal, "esse santuário!". Como o romance *Os Maias* foi escrito nos

começos dos 1880, embora publicado em 1888, a suposição é a de que o Hotel Universal então se situava na Travessa Estêvão Galhardo, nº 23, hoje Rua Serpa Pinto, no coração do Chiado. A partir de 1883, o Hotel Universal instalou-se no edifício onde estão hoje os Armazéns do Chiado, onde começa a Rua Garrett. Aquele edifício, como já foi visto, tinha sido o Convento do Espírito Santo da Pedreira. Depois do período liberal, chamou-se Palácio Barcelinhos (por serem os proprietários os Barões e Viscondes de Barcelinhos, antes de o passarem à posse do Visconde de Ouguela), onde vários estabelecimentos, clubes e hotéis estiveram instalados — Hotéis Europa, Gibraltar e dos Embaixadores. Sofreu o Palácio de Barcelinhos grande incêndio na noite de 29 de setembro de 1880. Em 1883, nele se instalou o Hotel Universal para ceder lugar, em 1894, como já foi visto, à Companhia dos Grandes Armazéns do Chiado, loja moderna para artigos de vestuário e utilidades em geral. No Hotel Universal, sediado no Palácio Barcelinhos, hospedava-se Camilo Castelo Branco, várias vezes, até mesmo perto de pôr termo à sua vida em São Miguel de Seide, em 1890. Seu quarto preferido era no 1º andar, na ala que dava para a Rua Nova do Almada. Também frequentava o Hotel Borges.

João da Ega referira naquela ocasião, em conversa com o Carlos da Maia, o projeto de publicar seu livro *Memórias dum Átomo*. Nos dois últimos anos de Coimbra começara a falar daquele livro, explicando o plano, soltando títulos de capítulos, citando pelos cafés frases de grande sonoridade. E entre os amigos discutia-se já o chamado livro do Ega como devendo iniciar, pela forma e pela idéia, uma revolução literária. Em Lisboa (onde ele vinha passar as férias e dava ceias no Silva) o livro fora anunciado como um acontecimnto. Bacharéis, contemporâneos ou seus condiscípulos tinham levado de Coimbra e espalhado pelas províncias a fama do livro do Ega. Já de qualquer modo essa notícia chegara ao Brasil... E sentindo esta ansiosa expectativa em torno do seu livro — o Ega decidira-se enfim a escrevê-lo.

O Restaurante Silva era um centro gastronômico de real valor, no dizer de Mário Costa no seu livro *O Chiado Pitoresco e Elegante*. Era o nome pelo qual o chamavam no trato diário porque seu proprietário era José Antonio Silva, considerado o melhor discípulo do popular João da Matta, o do Grande Hotel da Matta, instalado no Palácio Pinto Basto (em seu lugar, hoje, ao Largo do Chiado nº 8, no mesmo belo prédio, há um grande letreiro de uma companhia de seguros: *Mundial Confiança*). O verdadeiro nome do Silva era Restaurante-Club, situado no 1º andar do nº 12, Travessa de Estêvão Galhardo, com janelas sobre o Chiado, "com esplêndidas salas de

jantar e gabinetes confortáveis, espelhos de molduras douradas sobre os quais ficaram gravados, a golpes de brilhantes, nomes, datas e acontecimentos de pessoas da sociedade mais elegante e endinheirada da Capital", como narrou Mário Costa. Era num gabinete do Restaurante Silva que se redigia a *Gazeta do Chiado*, referida em *Os Maias* a propósito de um brilhante episódio de João da Ega. O restaurante, com direito de prioridade sobre os demais, existiu de 1874 a 1937. "Quando encerrou as portas, não era mais do que uma sombra, a lembrar penosamente os tempos áureos das ceias galantes em que intervinham as mundanas mais guapas, que gozavam de grande *cartel* entre a boêmia dourada." Bulhão Pato, escritor, poeta e gastrônomo, era assíduo frequentador desse restaurante. Foi no Silva que, por volta de 1879-1880, em certa noite, daquelas em que se juntavam muitos dos gastrônomos-literatos, e quando a ceia atingira o auge do entusiasmo, partiu de um dos pândegos a idéia de rifar uma das mundanas presentes, a mais simpática do grupo. "Sempre num delírio de graça e estonteamento, e levava à prática a estranha concepção, coube o *prêmio* ao Conde de Ficalho, o mais circunspecto dos convivas. Muito naturalmente o acontecimento entrou no domínio público e, no dia seguinte, tornou-se o assunto de toda a discussão, sendo pasto de críticas controversas." Eça de Queiroz participou daquele encontro em que se deu o curioso episódio e aproveitou a cena em uma de suas obras. Quanto às *Memórias dum Átomo*, mal caberia assinalar que João da Ega nunca as publicou, nem as escreveu. A idéia de fazer João da Ega pensar nesse tema se originava de uma idéia do próprio Eça, que falava precisamente em memórias de um átomo e apontamentos de viagem de uma raiz de cipreste, em *Prosas Bárbaras*.

Carlos Eduardo começava sua vida de médico. O espírito da elegância, do *chic* e do mundanismo e frivolidade da vida que levava pode ser bem retratado na seguinte citação de *Os Maias*: "Mas não aparecia no Ramalhete, nem no consultório; apenas se avistavam, às vezes, em São Carlos, onde o Ega, todo o tempo que não passava no camarote dos Cohens, vinha invariavelmente refugiar-se no fundo da frisa de Carlos, por trás de Taveira ou do Cruges, de onde pudesse olhar de vez em quando Raquel Cohen — e ali ficava, silencioso, com a cabeça apoiada ao tabique, repousando e como saturado de felicidade... O dia, tinha-o todo tomado; andava procurando casa, andava estudando mobílias... Mas era fácil encontrá-lo pelo Chiado e pelo Loreto, a rondar e a farejar — ou então no fundo de tipóias de praça, batendo a meio galope, num espalhafato de aventura. O seu dandismo requintava; arvorara, com o desplante soberbo de um Brummel, casaca de botões amarelos sobre o colete de cetim branco; e Carlos, entrando uma manhã cedo no Universal, deu com ele (Ega) pálido de cólera, a despropositar com um criado, por causa de uns sapatos mal envernizados. Os seus companheiros constantes, agora, eram um Dâmaso Salcede, amigo do Cohen, e um primo da Raquel Cohen, mocinho imberbe, de olho esperto e duro, já com ares de emprestar a trinta por cento."

O Grêmio e a Casa Havaneza surgiam fortemente em *Os Maias* depois do começo das aventuras de Carlos Eduardo, João da Ega e seus amigos. João da Ega perseguia amorosamente a Raquel Cohen. Em Lisboa, entre o Grêmio e a Casa Havaneza, já se começava a falar do "arranjinho" do Ega, embora ele procurasse colocar sua felicidade ao abrigo de todas as suspeitas humanas. "Mas em todos os seus modos (mesmo no disfarce afetado com que espreitava as horas), transbordava a imensa vaidade daquele adultério elegante. De resto, sentia bem que os seus amigos conheciam a gloriosa aventura, o sabiam em pleno drama."

Não seria preciso acentuar que o Grêmio Literário, há mais de um século instalado na atual sede, é um dos brasões do Chiado. Eça de Queiroz era seu sócio nº 19 e sentava-se a uma mesa, no lado esquerdo da sala de leitura de jornais (hoje também sala de televisão), então azul, hoje verde, no requintado ambiente do Grêmio, um clube privado, um local em Lisboa a ser conhecido, por prazer ou por obrigação. A mesa em que Eça de Queiroz lia jornais e escrevia cartas ainda lá está. O Grêmio foi fundado no ano de 1846 e foram seus sócios fundadores, entre outros, João Baptista Leitão de Almeida Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Fontes Pereira de Melo. Provisoriamente fora instalado numa casa da Rua do Ouro; depois na Rua dos Duques de Bragança; mais tarde na Rua Nova do Carmo, nº 5, onde permaneceu até 1874. O número de sócios fundadores era de 85. Alexandre Herculano, que não assinou os estatutos, está incluído naquele número. Também foram ilustres sócios daquele período inicial o Visconde de Sá da Bandeira, Andrade Corvo, Casal Ribeiro, Antonio Rodrigues Sampaio, Joaquim Antonio de Aguiar, Passos Manuel, Carlos Aulete, Henrique O'Neill, e tantos outros. A Rainha D. Maria II expediu a Carta Régia que aprovou os estatutos do Grêmio e por isso seu retrato, ladeado pelos dos dois filhos Reis — D. Pedro V e D. Luís I —, vem bem apresentado na sala nobre do andar térreo.

Passaram-se no Grêmio Literário cenas de certa importância para a política portuguesa. Quando Costa Cabral, no auge da luta para conservar o poder, levou à discussão do Parlamento projeto duma nova lei de imprensa — denominada então *lei das rolhas* — foi do Grêmio Literário, para onde haviam sido convocados jornalistas e escritores, que partiu, redigida por Garrett e Herculano, a representação ao Parlamento como protesto contra o projeto de lei do cabralismo. Mas, segundo João Saraiva, em conferência proferida em 1934, sob o título *O Grêmio Literário, Figuras e Episódios de Outros Tempos*, editada

em terceira edição, Lisboa, 1977, "só por incidente o Grêmio se ocupava com coisas políticas".

O historiador Fernando Castelo Branco fez para o semanário *Expresso*, de 1º de novembro de 1980, um interessante trabalho de pesquisa sobre Eça de Queiroz e o Grêmio Literário, com citações da obra do grande escritor a respeito do Grêmio e menções a fatos de sua história. Camilo Castelo Branco foi pouco generoso, uma ocasião, sobre o Grêmio Literário, dizendo que as letras haviam fugido de lá... A verdade simples é que o Grêmio durante muito tempo era ponto de reunião da alta política, da diplomacia, da alta burguesia, da nobreza e das letras. E também da batota. Ele é assinalado abundantemente em obras de Eça de Queiroz, especialmente *Os Maias*. Na época em que esta obra está sendo escrita, o Grêmio Literário continua a ter um papel social, artístico e literário importante, com uma programação de saraus de música erudita, conferências, políticas e literárias, tertúlias, ponto de encontro para almoços e jantares de personalidades portuguesas e de outros países. A Embaixada do Brasil o utiliza para finalidade cultural e social. O semanário *O Jornal*, do dia 6 de maio de 1983, reporta encontro que o Doutor Mário Soares lá manteve, no dia 4, com o secretariado do Partido Socialista com vistas à formação do Governo que resultou das eleições parlamentares realizadas em 25 de abril precedente. Seu Presidente há onze anos é Geraldo Sales Lane, eleito anualmente em assembléia de sócios (são hoje mais de dois mil). No prédio atual o Grêmio está desde 1875, o que coincide com o ano em que Afonso da Maia decidiu restaurar e redecorar o Ramalhete para que Carlos Eduardo, formado médico por Coimbra, viesse nele residir.

A Casa Havaneza abre para Mário Costa, em *O Chiado Pitoresco e Elegante*, a lista dos sete mais "radiosos símbolos do passado" do Chiado propriamente dito: Livraria Bertrand, a Brasileira (fundada cinco anos depois da morte de Eça de Queiroz), o Restaurante Silva, o Restaurante Augusto, o Café Central e o Café-Restaurante Tavares. Foi aquela casa fundada em 1865 por iniciativa de Ernesto Empis, associado da firma Henry Burnay & Cia. Desde a sua criação, há quase 120 anos, está no mesmo local. O que mudou foi o nome da rua: Rua do Chiado, depois Rua Garrett, hoje Largo do Chiado nº 25. Ela nasceu pequena, com uma porta só; foi depois ampliada e hoje está novamente reduzida. Era a casa tradicional importadora de cigarros e charutos, tabacos estrangeiros, em especial charutos de Havana. Era um grande ornamento do Chiado, preferido pelos elegantes do romantismo — marialvas e boêmios, atores, jornalistas e escritores, cavaqueadores, bonifrates, peraltas, peralvilhos, casquilhos, tafuis, janotas e *dandies*. Seria demasiado longo alistar os nomes dos

conhecidos e tradicionais frequentadores da Casa Havaneza, mas assinale-se que, dentre eles, estiveram Eça de Queiroz, Bulhão Pato, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Casal Ribeiro, Pinheiro Chagas e tantos, tantos ouros. Em maio de 1960 a Havaneza foi amputada de uma parte de sua área. O Banco Fonseca & Burnay tomou-lhe quatro das portas de frente ao Chiado e outras tantas para o lado da Rua Nova da Trindade. A inauguração da loja, no formato em que está hoje, se deu a 23 de maio de 1960, com recepção à imprensa. Matos Sequeira, olisipógrafo, que escreveu *O Carmo e a Trindade*, entre 1939 e 1941, obra de três volumes, dizia que à época a Casa Havaneza "era apenas uma recordação, castelo em derrocada e já sem guarnição, vivendo apenas da lembrança, da saudade e do antigo prestígio". É hoje uma loja de presentes finos, faianças modernas, peças delicadas e de bom gosto, gravuras, trabalhos em azulejo, charutos, cigarros, isqueiros, cinzeiros de porcelana, de cristal, etc., o que se chama internacionalmente *gift-shop*. A Havaneza dos romances de Eça é um sonho esfumado, um devaneio da memória naquela rua que Ramalho Ortigão chamava de "ladeira vaidosa"...

Carlos foi uma vez levar o Maestro Cruges num *coupé* à Rua das Flores, onde ele morava com a mãe e uma irmã. Mais tarde, Cruges iria habitar no mesmo prédio onde morava Maria Eduarda, em andar diferente, na Rua de São Francisco, em frente da então Travessa da Parreirinha, hoje Rua Capelo. A Rua das Flores, que é a do título do romance *A Tragédia da Rua das Flores*, é uma artéria que sai da Praça Luís de Camões, paralela à Rua do Alecrim, a ocidente, descendo em seu curso até à Rua de São Paulo, transformando-se em Travessa dos Remolares. Tem pronunciada inclinação e apresenta um belo casario antigo de quatro pisos, com cunhais e portais de pedra. Os balanços são constituídos de lajes de pedra maciça, com lindos gradis de ferro forjado. As calçadas são estreitas, algumas de mosaico e com motivos de estrelas de seis pontas. À altura do nº 63, cruza a Travessa de Guilherme Cossoul (nome do primeiro bombeiro-voluntário de Lisboa), como que dando mais abertura ao Largo do Barão de Quintela, com a estátua de Eça. A numeração se desenvolve no sentido da Rua de São Paulo para a Praça Luís de Camões.

Foi numa frisa no Teatro São Carlos que Carlos Eduardo foi apresentado ao casal Gouvarinho, recebendo "da senhora condessa um grande *shake-hands* em que tilintaram uma infinidade de aros de prata e de *blangles* (palavra não esclarecida; talvez fosse empregada com significado assemelhável e balangandã) índios sobre luva preta de doze botões. A senhora condessa, um pouco corada, ligeiramente nervosa, lembrou logo a Carlos que o vira no verão passado em Paris, no salão baixo do Café Inglês". Nessa ocasião, no São Carlos, o Conde

Gouvarinho referia-se ao ciúme entre Lisboa e Porto, que considerava uma dualidade como a que existe entre a Hungria e a Áustria. Gouvarinho via com bons olhos essa rivalidade, via progresso e civilização onde outros viam despeitos mesquinhos. Falava com voz lenta e rotunda, os vidros dos seus óculos faiscando vistosamente; "e no bigode encerado, na pera curta, havia ao mesmo tempo alguma coisa de doutoral e de casquilho." Carlos dizia: "Tem Vossa Excelência razão, senhor conde!" E Ega acrescentava: "Você vê essas coisas de alto, Gouvarinho." Ele cruzara as mãos por baixo das abas da casaca — e estavam todos três muito sérios. A cena se alinha ao lado daquelas bem próprias do Conselheiro Acácio.

Cohen, respeitado diretor do Banco Nacional, morava, com sua divina Raquel, numa hospitaleira casa da Rua do Ferregial de Cima (hoje Victor Cordon; a Rua do Ferregial de Baixo, logo atrás, a sul, que desemboca na Rua do Alecrim, ainda hoje guarda este nome). Lá, segundo o poeta Alencar, se jantava muito bem e "não deixava de haver talento e saber". Em um daqueles jantares surgiu famosa discussão sobre as reformas de que Portugal necessitava.

Em Dâmaso Salcede crescia adoração muda e profunda por Carlos Eduardo; o próprio verniz dos seus sapatos, a cor das suas luvas eram para o Dâmaso motivo de veneração. Considerava Carlos um tipo supremo de *chic*, do seu querido *chic*, um *Brummel*, um *d'Orsay*, um *Morny* — uma destas coisas que só se vêem lá fora, como ele dizia arregalando os olhos. Dâmaso despediu-se do Alencar, atirando muito alto ao cocheiro, para que Carlos ouvisse, a *adresse* da Morelli, a segunda dama de São Carlos. E seguiram, Alencar e Carlos, pelo Aterro...

O poeta Alencar, em uma ocasião, deu um charuto a Carlos Eduardo e isto o fazia por um momento voltar aos tempos em que, no Marrare, ele estendia em redor a charuteira cheia, com seu grande ar de Manfredo triste. Carlos achava o charuto excelente mas, no seu quarto do Ramalhete, antes de se deitar, acabava o "péssimo charuto" do Alencar, estirado numa *chaise-longue*, enquanto o mordomo Baptista lhe fazia uma chávena de chá e ele ficava pensando naquele estranho passado que lhe evocara o velho lírico. Dâmaso finalmente se aproximou do Ramalhete, convidado que fora para um jantar, pelo velho Afonso da Maia, impressionado este com a notícia sobre uma discussão no Grêmio Literário em que o Dâmaso ameaçou quebrar a cara a bengaladas de um tal Gomes que dizia ser Carlos Eduardo um asno. Para Dâmaso, a primeira ida ao Ramalhete foi um dia de azul e ouro, passando daí em diante a tratar Carlos Eduardo por você. Desde aquele dia do Grêmio, Dâmaso tornava-se feroz e pela menor coisa falava em "quebrar caras".

Na cena da visita da Gouvarinho ao consultório de Carlos Eduardo da Maia, acompanhada do menino Charlie, ele a despia na imaginação, enrolava-se com ela no cetim das formas, onde algo sentia, ao mesmo tempo, de maduro e de virginal. E outras vezes, como nas primeiras noites em que a vira no São Carlos, aqueles cabelos tentavam-no, assim avermelhados, tão crespos e quentes. Saiu. E dera apenas alguns passos na Rua Nova do Almada quando avistou o Dâmaso num *coupé*, lançado a grande trote, que o chamava radiante: "Tenho andado num turbilhão, um romance divino... mas eu te contarei! Um romance divino, *chic* a valer!" Esse romance, como Carlos veio a saber depois, era a aproximação de Dâmaso com Maria Eduarda, aquela esplêndida e elegante mulher da cadelinha escocesa, *griffon*, cor de prata.

O Marquês de Souselas, numa discussão com o clássico grupo de amigos, personagens centrais de *Os Maias*, indagou se Craft já tinha visto alguém com remorsos e acrescentou: "Não, a não ser no Teatro da Rua dos Condes, em dramalhões..." Esse teatro fora construído entre 1756 e 1765, no lugar, ou em torno do lugar onde está hoje o Cinema Condes. O nome do teatro (e da rua) vem de ter sido edificado em terrenos pertencentes aos Condes da Ericeira, que tiveram naquele sítio seu grande palácio, jardim e hortas. O teatro era de linhas deselegantes. A Rua dos Condes, a quarta à esquerda, na Rua de Santo Antão, a partir do Largo de São Domingos, finda no que foi a Rua Oriental do Passeio. É a mesma Rua dos Condes de hoje, que liga a Rua de Santo Antão à Avenida da Liberdade, à altura dos Restauradores.

Uma ocasião, depois da subida a Sintra na busca vã de Maria Eduarda, Carlos Eduardo conversava com Dâmaso numa tipóia, pelo Aterro. Dâmaso explicava que tinha um romance, o seu romance. Disse que o marido dela ia viajar para o Brasil, onde tinha negócios. Sendo ele a única pessoa que ela conhecia em Lisboa, estava portanto "metido de dentro". Dâmaso lhe dizia que não lhe beijara porque não houvera ocasião... "mas, que te posso dizer, é que tenho mulher!" Carlos Eduardo, sem suspeitar de quem se tratava, louvou o fato pois já era tempo de ele terminar com as criaturas ignóbeis, "uma ralé de lupanar". Mas que não fosse alardear isso pelo Grêmio e pela Casa Havaneza. Dâmaso respondeu: "Tu podes entender muito de medicina e de *bric-à-brac*, mas lá a respeito de mulheres, e da maneira de fazer as cousas não me dás lições..."

O romance entre João da Ega e Raquel Cohen tinha evolvido para amor clandestino com encontros regulares na Vila Balzac, ao mesmo tempo em que o Ega cumulava de atenções o marido enganado. Até que... no sarau de máscaras, tão ardentemente esperado, estava re-

servada ao Mefistófeles a amarga decepção, a vergonhosa cena. No salão estavam apenas dois convidados: um *urso* e uma *tirolesa*. Apenas entrou João da Ega, Cohen foi direto a ele e expulsou-o: "Você, seu infame, ponha-se já no meio da rua! Já, no meio da rua! Senão, diante desta gente, corro-o a pontapés!" Ega, fantasiado de Mefistófeles, personagem a calhar com seu tipo, via chegar ao fim aquilo que ele considerava "o romance melhor de sua vida". Não chegara naquele sarau a ver a sua amante mas imaginava que ela devia estar fantasiada de *Margarida*. Já se sabia no Grêmio, no Chiado, por toda a parte, que ele fora expulso da casa dos Cohens. O *urso* e a *tirolesa*, testemunhas do episódio, o tinham badalado (palavra textual de Eça de Queiroz). Dizia-se mesmo que o Cohen tinha chegado a dar um pontapé. A pequena Lisboa, que vivia entre o Grêmio e a Casa Havaneza, folgava em enterrar o Ega, que decidira recolher-se à quinta da mãe em Celorico de Basto, acabar as *Memórias dum Átomo* e reaparecer em Lisboa com seu livro publicado, "triunfando sobre a cidade, esmagando os medíocres". Carlos não perturbou esta radiante ilusão... Enquanto isso, Carlos, Craft, Dâmaso, o Marquês de Souselas e outros de seus comparsas não cessavam de transitar pelo Grêmio, pela Rua do Alecrim, pelo Loreto, pelos Mártires, pela Rua do Ferregial, pela porta do Mourão, pelo Hotel Central, a pé, no fundo de um *coupé* ou numa carruagem da companhia, puxada por um trintanário de luvas brancas. O Mourão era um estabelecimento de roupa branca, camisaria e chapelaria, onde se vendiam artigos da especialidade e se engomavam colarinhos, golas e chapéus de senhora, arranjos de véus e plumas. O Marquês de Souselas defendia a tourada, chamando imbecis aos que falavam em terminar com os touros, uns estúpidos que queriam acabar com a coragem portuguesa. Não havia outra coisa em Portugal (não tinham nem o *cricket* nem o futebol dos ingleses) capaz de dar a um rapaz um bocado de fibra. "Tirem a tourada, e não ficam senão *badamecos* derramados da espinha, a melarem-se pelo Chiado."

Depois da corrida do prêmio Del-Rei no *Jóquei-Clube*, que terminara grotescamente, com o cavalo solitário a chegar à meta em galope pacato, Carlos encontrou Craft no bufete bebendo mais *champagne*. Ficou assentado que o Vargas levaria o Craft no seu *dog-cart* para o Ramalhete. "Daí a pouco, a trote largo do fáeton, Carlos descia o Chiado, dava a volta para a Rua de São Francisco. Ia uma perturbação deliciosa e singular, com aquela certeza de que ela estava só na casa do Cruges; o último olhar que ela lhe dera, parecia ir adiante dele, chamando-o; e um despertar tumultuoso de esperanças sem nome atirava-lhe a alma para o azul." A casa era aquela em que morava, no 1º andar, Maria Eduarda. E em cima, morava o Cruges, com a mãe. Esse endereço seria hoje o nº 31 da Rua Ivens, em frente à Travessa da Parreirinha (Rua Capelo). A dois passos daquele edifício onde es-

tava a casa de Maria Eduarda há hoje uma grande placa que diz: *Fidelidade Grupo Seguradora*. Na casa de Maria Eduarda, alguém por dentro das janelas ia correndo lentamente os estores (persianas). Uma sombra de crepúsculo caía na rua silenciosa. Carlos sentiu que não devia tocar à porta de Maria Eduarda. Subiu mais adiante até o andar do Cruges e mal sabia o que havia de dizer ao Maestro para explicar aquela visita estranha, deslocada... Mas foi um alívio saber pela criada que Cruges tinha saído. "Embaixo, Carlos tomou as rédeas, e foi levando lentamente o fáeton até ao Largo da Biblioteca (hoje Largo da Academia das Belas Artes). Depois, retrocedeu, a passo. Agora, por trás do estore branco, havia uma vaga claridade de luz. Ele olhou-a como se olha uma estrela. Voltou ao Ramalhete."

Com o adensamento das relações entre Carlos da Maia e Maria Eduarda, a Rua de São Francisco vai crescendo de presença em *Os Maias*. As longas confissões de Carlos a Maria Eduarda a tinham posto ao corrente da vida dele, de suas sensações, de Santa Olavia, do gato — o Reverendo Bonifácio — e das excentricidades do Ega. "Ele tinha-lhe feito assim largamente todas as confissões; e ainda não sabia nada do seu passado, nem mesmo a terra em que nascera, nem sequer a rua que habitava em Paris. Não lhe ouvira murmurar jamais o nome do marido, nem falar de um amigo ou de uma alegria da sua casa. Parecia não ter em França, onde vivia, nem interesses, nem lar; e era realmente como a Deusa que ele ideara, sem contatos anteriores com a terra, descida da sua nuvem de ouro, para vir ter ali, naquele andar alugado da Rua de São Francisco, o seu primeiro estremecimento humano."

E pouco adiante: "Mas, antes da visita à Rua de São Francisco, não podia disciplinar o espírito, inquieto, nem tumulto de esperanças; e depois de voltar de lá, passava o dia a recapitular o que ela dissera, o que ele respondera, os seus gestos, a graça de certo sorriso... Fumava então *cigarretes*, lia os poetas." O amigo que Carlos gostava de ver chegar à casa era o Cruges — que vinha da Rua de São Francisco, trazia alguma coisa do ar que Maria Eduarda respirava. O maestro sabia que Carlos ia todas as manhãs ao prédio ver a *"miss* inglesa"; e muitas vezes, inocentemente, ignorando o interesse de coração com que Carlos o escutava, dava-lhe as últimas notícias da vizinha... Se ele não aparecia no Ramalhete, Carlos ia buscá-lo; entravam no Grêmio, fumava um charuto nalguma sala isolada, falando da vizinha; Cruges via nela um verdadeiro tipo de dama.

Chega o momento em que Dâmaso se dá conta das relações de Carlos com Maria Eduarda. Carlos, discretamente, de uma vidraça do Grêmio Literário, via Dâmaso sair da casa de Maria Eduarda na Rua

de São Francisco, soltar para o *coupé*, bater com força a portinhola, parecendo ter um jeito de escorraçado. À noite, Dâmaso vai ao Ramalhete em tom inquisitivo: "Como diabo te vou encontrar hoje com a brasileira?... Como a conheceste tu? Como foi isso?" E Carlos, imperturbável, cerrando os olhos como para se recordar, começou num tom lento e solene de recitativo:

"Por uma tépida tarde de primavera, quando o sol se afundava em nuvens de ouro, um mensageiro esfalfado pendurava-se da campainha do Ramalhete. Via-se-lhe na mão uma carta, lacrada com selo heráldico: e a expressão do seu semblante..."

Pouco depois desta cena, João da Ega retornava a Lisboa, após aquela ausência forçada pelo escândalo com a Raquel Cohen, expulso da festa pelo marido traído. Carlos, chegando ao Ramalhete de volta da Rua de São Francisco, encontrara no seu quarto nada menos do que o Mefistófeles, que tinha vindo a Lisboa incógnito, "apenas para comer bem e conversar bem". Estava hospedado no Hotel Espanhol, na Rua da Prata, na Baixa. Sua morada na Vila Balzac já era coisa do passado. Nas conversas, Carlos Eduardo negou que estivesse em amores com a Condessa Gouvarinho. Eram relações superficiais... ia lá às vezes tomar uma chávena de chá; e à hora do Chiado acontecia-lhe, como a todo o mundo, conversar com o Conde sobre as misérias públicas, à esquina do Loreto e nada mais. Atente-se para a expressão à *hora do Chiado*. Devia ser o entardecer, hora para cavaqueiras de galantes e mundanos. Os Cohens já tinham regressado a Lisboa, como constava no *high-life* de *Gazeta Ilustrada*. Ao saber disso João da Ega disse: "Fez-me o efeito de haver um cabrão a mais na cidade."

À conversa junta-se o velho Afonso, que se queixava de que aquela gente não estava fazendo nada por Portugal. Dizia que, no meio da "prodigiosa imbecilidade nacional", o homem de bom senso e de gosto devia limitar-se a plantar seus legumes, como Alexandre Herculano. Prosseguia o velho Afonso: "Mas pelo amor de Deus, façam alguma coisa!" E vem aquela resposta de João da Ega: "O Carlos já não faz pouco. Passeia a sua pessoa, a sua *toilette* e o seu fáeton, e por esse facto educa o gosto!"

A essa altura, Dâmaso já sabia de tudo e de dentes rilhados dava murros surdos no sofá do Grêmio, com uma cor de apoplexia, contando tudo ao João da Ega: Carlos aproveitara sua ausência de Lisboa para meter-se em casa de Maria Eduarda, à Rua de São Francisco. Agora já se pronunciava o nome de Maria Eduarda no Grêmio Literário, na Casa Havaneza, no Restaurante Silva, talvez até nos lupanares. João da Ega, já instalado no Ramalhete, via todas as manhãs Carlos partir para a Rua de São Francisco, levando flores, e via-o

chegar de lá "besuntado de êxtase"; via-lhe os silêncios repassados de felicidade e esse indefinido ar, ao mesmo tempo sério e ligeiro, risonho e superior, do homem profundamente amado... E o Dâmaso, cada vez mais tagarela e maledicente a respeito de Carlos Eduardo, que agora claramente ruminava seu desgosto e já falava em quebrar-lhe a cara. A essa altura "Carlos já estava decidido a dar bengaladas no Dâmaso, numa tarde, no Chiado, com aparato..." E Dâmaso também envolvia Carlos, na sua tagarelice pelo Grêmio e pela Casa Havaneza, com detalhes torpes que envolviam questão de dinheiro. Carlos chegou mesmo a pensar em correr à casa do Dâmaso e tomar uma atitude de força. Aquela insinuação sobre dinheiro talvez só pudesse ser castigada com a morte! Uma vez, Carlos Eduardo chegou à Rua de São Francisco; Maria Eduarda fora passear em Belém com a filha mas lhe deixara um bilhete para vir à noite *"faire un bout de causerie"*. Carlos desceu as escadas devagar, guardando esse bocadinho de papel na carteira como uma doce relíquia; e saía ao portão, no momento em que o Alencar desembocava defronte, da Travessa da Parreirinha, todo de preto, moroso e pensativo. Ao avistar Carlos, parou de braços abertos; depois, vivamente, como que se recordando, ergueu os olhos para o primeiro andar do prédio.

O poeta Alencar passeava com Carlos Eduardo no Chiado e pararam à esquina do Seixas (uma tradicional quinquilharia na Rua Garrett) quando justamente lhe aparecia o Ega com uma bela rosa branca no jaquetão de flanela azul. Do outro lado da rua, vinham o Gouvarinho, o Cohen e, ao lado deles, de chapéu branco e colete branco, o Dâmaso, a deitar olhares pelo Chiado, "risonho, ovante, barrigudo, como um conquistador nos seus domínios". Já aquele arzinho gordo de tranquilo triunfo irritou Carlos. Mas quando o Dâmaso parou defronte, no outro passeio, todo de costas para ele, ostentando rir alto com o Gouvarinho, Carlos não se conteve e atravessou a rua. Foi breve, e foi cruel; sacudiu a mão ao Gouvarinho, saudou de leve o Cohen; e, sem baixar a voz, disse ao Dâmaso friamente:

"Ouve lá. Se continuas a falar de mim e de pessoas de minhas relações, do modo como tens falado, e que não me convém, arranco-te as orelhas."

O conde acudiu, metendo-se entre eles:

"Maia, por quem é! Aqui no Chiado..."

"Não é nada, Gouvarinho — disse Carlos detendo-o, muito sério e muito sereno. — É apenas um aviso a este imbecil."

Mais adiante, o Taveira, após sair do Grêmio, dissera a Carlos Eduardo que o Dâmaso apregoava por toda a parte que o Maia, depois

do caso do Chiado, lhe dera explicações humildes e covardes. As ameaças de Carlos já falavam "de uma boa bala na cabeça do Dâmaso, ou em partir-lhe uma costela".

Um dia Carlos levou Maria Eduarda para conhecer o Ramalhete, onde jantaram lindamente servidos pelo criado Baptista, um jantar à portuguesa, feito pela Micaela, cozinheira da casa, na ausência do *chef* francês que tinha viajado com o velho Afonso para Santa Olávia. Micaela conservava a tradição da antiga cozinha freirática do tempo de D. João V. "Assim, para começar, minha querida Maria, aí tens tu um caldo de galinha, como só se comia em Odivelas (freguesia situada no vizinho Concelho de Loures, onde está sediado o antigo Convento de Odivelas, hoje uma bela instituição de ensino para moças dirigida por D. Deolinda dos Santos Fonseca e por D. Ofélia Sena Martins), na cela da Madre Paula (freira com quem D. João V teve descendência, um dos chamados 'meninos de Palhavã', D. José, que veio a ser Inquisidor-Mor), em noites de noivado místico..."

Maria Eduarda perguntou ao criado Baptista se ele ia ficar em Lisboa. Respondeu dignamente o Baptista: "Não, minha senhora. Só o tempo de cumprir o meu dever de cidadão subindo duas ou três vezes o Chiado. Depois volto para a relva..." Ia para Sintra.

O encontro de Carlos Eduardo com o brasileiro Castro Gomes, e a revelação deste de que não era casado com Maria Eduarda — esta era apenas uma mulher paga por ele —, levava Carlos a uma longa e triste meditação enquanto rolava numa tipóia pela estrada dos Olivais. Nem mesmo sabia como ia tratá-la quando se apeasse à porta da *Toca*, depois do galope esfalfado por aquela estrada solitária. Considerava que havia "uma mentira, uma mentira dita no primeiro dia em que fora à Rua de São Francisco e que como um fermento podre ficava estragando tudo daí por diante, doces conversas, silêncios, passeios, sestas no calor da quinta, murmúrios de beijos morrendo entre os cortinados cor de ouro... Tudo manchado, tudo contaminado por aquela mentira — primeira que ela dissera sorrindo, com seus tranquilos olhos límpidos..." Mas depois vem aquela surpreendente indagação: "Maria, queres casar comigo?" Na sórdida nota anônima publicada na *Corneta do Diabo*, a Rua de São Francisco era mencionada: "Pobre palerma! Ainda assim o sô Maia só apanhou os restos do outro, porque a tipa, já antes de ele se enfeitar, tinha pandegado à larga, aí para a Rua de São Francisco, com um rapaz da fina, que se safou também, porque, cá como nós, só aprecia a bela espanhola. Mas não obsta a que o sô Maia seja traste! — Pois se assim é, dissemos nós, cautelinha, porque o diabo cá tem a sua corneta preparada para cornetear por esse mundo as façanhas do Maia das conquistas. Ora viva, sô Maia!" Referindo-se a Lisboa, com o espírito profundamente magoado por aquela nota, cuja autoria não tardaria a ser identificada, Carlos Eduardo diz para Maria: "Pois sim, mas o Chiado, a coscovilhice, os politiquetes, as gazetas, todos os horrores... A mim está-me positivamente a apetecer uma cubata (choça) na África!"

Chegava aos Olivais o João da Ega, a falar do sarau literário e artístico que, em benefício dos inundados do Ribatejo, se "ia cometer" no Salão da Trindade. Fora convidado para ler um episódio das *Memórias dum Átomo* mas a isso se recusara, por modéstia. O Maestro Cruges ia ribombar ou arrulhar uma das suas meditações. Depois desta cena voltaram para Lisboa, numa caleche que parou no Hotel Central, onde Ega ficou, com aquele seu monóculo vivamente entalado. Carlos Eduardo e Maria Eduarda ali apearam-se e tomaram o americano (bonde puxado a burro) para o Ramalhete. Ega ficou no Aterro a conversar com Guimarães, tio de Dâmaso, o do *Rappel*, o íntimo do Gambeta. As maquinações estavam sendo urdidas para a descoberta do redator do imundo comentário da *Corneta*. Dentre os que estavam na lista para receber o viperino exemplar da *Corneta* estava o Ministro do Brasil.

Mais tarde, Ega e Guimarães tiveram encontro no Café Lisbonense, com o Palma Cavalão, para investigar a autoria do artigo da *Corneta*. Artiguinhos como este apresentados na Boa Hora (tribunal) levavam à grilheta. Finalmente tudo esclarecido: pela letra, pela lista das pessoas, pelas declarações do Palma Cavalão, o Dâmaso era não só o inspirador mas materialmente o autor do artigo... Carlos da Maia exigia, como injuriado, uma reparação pelas armas. Ega foi ao Dâmaso e disse a ele que tudo ficara sabido. Dâmaso dava pulinhos curtos de gordo e dizia que duelos em Portugal acabavam em troça. Fora convidado a assinar uma carta para afirmar que tudo o que fizera publicar na *Corneta* sobre Carlos e certa senhora fora invenção falsa e gratuita. Só isto o salvaria. Doutro modo Carlos um dia, no Chiado, no São Carlos, escarrava-lhe na cara. E, dado esse desastre, dizia Ega ao Dâmaso, a não querer ser apontado em Lisboa como um incomparável covarde, tinha de se bater à *espada* ou à *pistola*. Em qualquer desses casos, Dâmaso era um homem morto. E aí veio o esforço para convencer o Dâmaso a dizer na carta que ele era um ébrio hereditário, o que era uma coisa normal tratando-se de um rapaz mundano e femeeiro. Na Inglaterra era tão chique beber que Pitt e Fox, e outros, só falavam nos Comuns *aos bordos*. Musset era um bêbado. A História, a Literatura e a Política, tudo fervilhava de bebedeira. Na casa do Dâmaso estavam as marcas de suas glórias sociais: bilhetes e retratos de cantoras, convites para bailes, cartas de entrada no hipódromo, diplomas do Clube Naval, do Jóquei-Clube, do tiro aos pombos, etc. Dâmaso assinou a carta que pouco depois estava nas mãos de Carlos Eduardo.

A idéia era mostrar a carta a todos os amigos, na Casa Havaneza, no bilhar do Grêmio, no Silva, nos camarins de cantoras. Ega e Carlos Eduardo foram à cidade, à Rua de São Francisco, onde Maria já estava reinstalada, de volta dos Olivais; iam levar a ela a notícia da decisão que tinham tomado de editar a *Revista de Portugal*. Ega não entrou em casa de Maria Eduarda, despediu-se de Carlos, subiu lentamente o Chiado, leu os telegramas na Casa Havaneza (era o lugar onde o lisboeta podia informar-se com maior rapidez dos acontecimentos importantes), depois, na esquina da Rua Nova da Trindade, encontrou um homem rouco que lhe ofereceu uma senhazinha. Outros, em volta, gritavam na sombra do Hotel Aliança: Bilhetes para o Ginásio! Havia um cruzar animado de carruagens. Os bicos de gás do Ginásio tinham um fulgor de festa e Ega deu de rosto com o Craft que atravessava do lado do Loreto, da gravata branca e flor no paletó. Era uma festa de beneficência. O Ega levou o artigo para ser publicado na *Tarde*, cujo diretor, o Neves, fora seu companheiro de casa no Largo do Carmo. A redação era na Praça de Camões e assim aconteceu, por ordem do Neves, o qual mandou tirar um outro artigo e incluir em seu lugar a carta de retratação do Dâmaso: "As questões de honra antes de tudo!"

Há uma interessante conversa na redação em que se fala na loteria da Misericórdia (ainda hoje a loteria corre na Santa Casa da Misericórdia, em Lisboa, inclusive a esportiva, situada ao lado da Igreja de São Roque, no hoje Largo de Trindade Coelho). O velho Afonso, que não lia a *Tarde*, soube confusamente do episódio, que o Dâmaso soltara no Grêmio algumas palavras desagradáveis para o Carlos e depois declarou num jornal que estivera bêbedo. O Craft sempre sustentou que Carlos devia ter dado antes "bengaladas secretas" no Dâmaso. "Mas dias depois não se falava mais nesse escândalo. Outras cousas interessavam o Chiado e a Casa Havaneza. O ministério fora formado, finalmente! Gouvarinho entrava na Marinha, Neves no Tribunal de Contas. Já os jornais do governo caído começavam, segundo a prática constitucional, a achar o país irremediavelmente perdido, e a aludir ao rei com azedume... E o derradeiro, esvaído eco da carta do Dâmaso foi, na véspera do sarau da Trindade, um parágrafo da própria *Tarde* onde ela fora publicada, nestas amáveis palavras: 'O nosso amigo e distinto *sportsman* Dâmaso Salcede parte brevemente para uma viagem de recreio à Itália. Desejamos ao elegante turista todas as prosperidades, na sua bela excursão ao país do canto e das artes'."

E aí chega o momento do sarau da Trindade, um dos muitos trechos engraçados a ler em *Os Maias*. Lá estavam os homens, a gente do Grêmio, da Casa Havaneza, das secretarias, uns de gravata branca outros de jaquetões; o Sousa Neto, pensativo, o Gonçalo com sua gaforinha ao vento; o Marquês de Souselas, atabafado num *cache-nez* de seda branca; os rapazes do Jóquei-Clube, os Vargas, o Mendonça, o Pinheiro, o Neves com um botão de camélia na casaca mal feita. O gás sufocava, vibrando cruamente naquela sala clara de um tom desmaiado de canário. Uma tosse tímida de catarro logo abafada no lenço desmanchava o silêncio. O Maestro Cruges, com o nariz bicudo contra o caderno da Sonata, martelava sabiamente o teclado. Senhoras cansadas bocejavam por detrás dos leques. Murmurava-se o nome do grande maestro Cruges. Ega explicou à Senhora D. Maria da Cunha, que perguntava se a composição tocada era da autoria do Maestro, dizendo que se tratava da *Sonata Patética* de Beethoven. Como não foi bem entendido, a Marquesa de Soutal, bela, séria, cheirando em frasquinho de sais, disse que era a *Sonata Pateta*. Foi um rastilho de risos sufocados. Aquilo parecia divino. Alguém disse: "Muito bem, senhora Marquesa, muito catita." E ouvia-se o frufru dos leques, enquanto os encatarrados tossiam livremente em meio ao sussurro que crescia. O pobre Maestro Cruges, caído sobre o teclado, com a gola da casaca fugida para a nuca, suava, estonteado por aquela desatenção rumorosa, atabalhoando as notas. Carlos saiu do teatro perseguindo o Eusebiozinho que tinha cumprido um certo papel naquela infâmia da *Corneta*. Ega seguia atrás de Carlos Eduardo e, finalmente, agarraram Eusebiozinho no Largo da Abegoaria (Largo Rafael Bordalo Pinheiro). Disse Carlos, rugindo, ao agarrar Eusebiozinho: "Ouve cá, estupor! Então também andaste metido nessa maroteira da *Corneta?* Eu devia rachar-te os ossos um a um!"

Ega e Cruges decidiram tomar o seu grogue ao Grêmio. Desceram a Rua Nova da Trindade, devagar, no encanto estranho daquela noite de inverno, sem estrelas, "mas tão macia que nela parecia andar perdido um bafo de maio". Passavam à porta do Hotel Aliança quando o Ega sentiu alguém que se apressava e o chamava. Parou, reconheceu o chapéu recurvo, as barbas brancas do Guimarães, o democrata que morava em Paris. Aí tem início aquela conversa na qual Guimarães disse que em Paris tinha sido íntimo da mãe de Carlos da Maia... e essa conversa é o começo daquela *bomba* que vai explodir no cerne da trama de *Os Maias*: a revelação do incesto de Carlos e Maria. Depois de muita coisa explicada, seguiram algum tempo calados. "Um bater de carruagens atroava as descidas no Chiado." Junto deles passaram duas senhoras, com um rapaz que bracejava falando alto do poeta Alencar. Foram conversando, caminhando até ao Pelourinho (Largo do Município), até à Rua do Arsenal onde o Guimarães tomou um trem que avançava rolando devagar do lado do Terreiro do Paço. Ega ficou pensando num caso de incesto que tinha ocorrido em Celorico mas que não se consumou porque tudo ficou esclarecido com os banhos. Os noivos ficaram embatucados, quase havia uma mixórdia

na família. Atente-se para essas duas palavras tão do uso brasileiro (embatucados e mixórdia). Só que, quanto a mixórdia, ela é originariamente entendida como adulteração, mistura impura, em qualquer sentido, a respeito de vinhos ou outra coisa. Mixordeiro é, em uso corrente em Portugal, aquele que adultera os vinhos. Em maio de 1983 a imprensa lisboeta anunciava nova legislação que pune mixordeiros com multas de até três mil contos.

Ega, no dia seguinte, almoçava no Café Tavares, lendo os jornais que falavam no sarau, em linhas curtas, prometendo para depois detalhes críticos sobre esse brilhante torneio artístico. O Restaurante Tavares, ou Tavares Rico, outrora Café Tavares, é hoje um dos belos e vivos símbolos do Chiado. Sua fundação arranca em 1779, com café e bilhares. O responsável foi Nicolau Massa. O lugar inicial do café já era na Rua Larga de São Roque, hoje Rua da Misericórdia (perto do atual Largo de Trindade Coelho). Segundo Mário Costa, em *O Chiado Pitoresco e Elegante*, em 1784 o Tavares mudou-se para seu atual endereço, na mesma Rua Larga de São Roque, hoje nº 35-37. Data de 1823 o ano em que entraram na posse daquele Café, que a princípio tinha a alcunha de *O Talão*, os irmãos Manuel e Antonio Tavares. Mário Reis cita Tinop em *Os Cafés de Lisboa* (Revista *Serões*, nº 52, outubro de 1909) para dizer que os irmãos Tavares eram excêntricos do mais fino quilate e que se dirigiam aos fregueses sempre em versos. O Café era suspeito de abrigar certos elementos do liberalismo e, por isso, foi perseguido ao tempo de D. Miguel. A casa, em 1983, tem como sócio majoritário Fernando Lopes, que lhe dá a nota de elegância e categoria gastronômica e enológica. O Tavares tem, em sua história, uma aura de romantismo que atraiu celebridades, particularmente no período da *belle-époque*, dando alma e magnificência à época que se lhe seguiu. O Tavares se liga à história dos *Vencidos da Vida*, onze personalidades da última década do século passado, dos quais fazia parte Eça de Queiroz. Diz-se que o grupo nasceu por acaso, a um convite de Carlos Lobo da Ávila a ilustre amigos para jantar no Tavares. Oliveira Martins lembrou o título *Vencidos da Vida* no jantar do Tavares, logo aplaudido por todos. O Rei D. Carlos I se considerava confrade suplente do grupo. Outro ponto em que se reuniam aqueles cavalheiros era no Hotel de Bragança. O grupo era constituído por José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915), José Maria Eça de Queiroz (1845-1900), Francisco Manuel de Mello, Conde de Ficalho (1837-1903), Antonio Cândido Ribeiro da Costa (1852-1922), Antonio Maria Vasco de Mello Silva César e Menezes, Conde de Sabugosa (1854-1923), Carlos de Lima Mayer (1844-1910), Carlos Lobo de Ávila, Conde de Valbom (1860-1895), Joaquim Pedro d'Oliveira Martins (1845-1894), Luís Mário Pinto de Soveral, Marquês de Soveral (1853-1922), Abílio

de Guerra Junqueiro (1856-1923) e Bernardo Correia Pinheiro de Mello, Conde de Arnoso (1855-1911). Em 1955, o Restaurante Tavares, segundo a imprensa, esteve para cerrar suas portas. Mas, em 1956, o Tavares ressurgiu de forma brilhante, e com uma ceia do *Grupo Amigos de Lisboa*. O *menu* dessa famosa ceia foi publicado por *O Século* em 15 de janeiro de 1956. Matos Sequeira, olisipógrafo, historiador e escritor, fez uma pequena palestra sobre a história do Tavares. Ramada Curvo evocou figuras de políticos, militares, artistas, escritores, poetas e belas mulheres que freqüentaram o Tavares. Também fizeram palestras Luís de Oliveira Guimarães (hoje colaborador do *Diário de Notícias* de Lisboa) e Augusto Pinto, sobre gastronomia e enologia. Em 1961, o Tavares sofreu novas transformações e foi considerado pelos poderes públicos "estabelecimento de utilidade turística".

O Chiado continua sempre e muito presente em cenas diversas como: ceia no Augusto com o Taveira e duas raparigas espanholas, La Paca e a Carmen Filósofa; encontros no Hotel de Bragança; visitas à Rua de São Francisco; encontro no Hotel de Paris, no Pelourinho; no Hotel Alliance; no botequim da Trindade; encontros no Grêmio; noitada do Ega no Augusto e um amanhecer estremunhado na alcova da Carmen. O Restaurante Augusto situava-se no primeiro andar da Travessa da Trindade, nº 12 (antiga Travessa das Portas de Santa Catarina). Foi o principal concorrente do Restaurante Silva. Seu *maitre d'hôtel*, José Jorge Augusto do Carmo, havia sido empregado do Silva. Em 1899, mudou-se para o local da Casa José Alexandre, com entrada pela Calçada do Sacramento, bem perto da Rua do Carmo.

Há um daqueles jantares famosos com vinhos antigos (Porto de 1815), em casa do Marquês de Souselas, para celebrar o seu "fausto natalício". Ele esperava Carlos e o Ega às seis horas para ajudarem a comer a galinha de dieta. No jantar também estava o Darque, o Craft, um rapaz gordo que tocava guitarra, o procurador do Marquês, que jogava damas com o Teles. O jantar foi divertido e regado com os soberbos vinhos da casa. Houve bacará e Carlos estava com uma "sorte de cabrão", como classificou o Darque. Mas tudo terminou à meia-noite, limite marcado pelo médico à festa do natalício. No dia seguinte, Ega jantava no Universal. Enquanto isso, Carlos e o Maestro Cruges jantavam escondidos num gabinete do Augusto, com medo do avô, do Ega, do Vilaça. Carlos tinha agora a certeza de que eles a essa hora já sabiam de toda a história do incesto. O velho Afonso da Maia não resistiu a esse desgosto. No seu enterro, um a um desfilavam os trens da Companhia com os convidados, que abotoavam os casacos, corriam os vidros contra a friagem do dia enevoado. O Darque e o Vargas iam no mesmo *coupé*. O correio (serviçal) do Gouvarinho

passou choutando na sua pileca branca. E sobre a rua deserta cerrou-se, finalmente, para luto o portão do Ramalhete.

Passado ano e meio, depois da partida de Carlos da Maia e João da Ega para Londres e outros destinos, num lindo dia de março, Ega reapareceu no Chiado. E foi uma sensação! Vinha esplêndido, mais forte, mais trigueiro, soberbo de verve, num alto apuro de *toilette*, cheio de histórias e de aventuras do Oriente, não tolerando nada em arte ou poesia que não fosse do Japão ou da China, e anunciando um grande livro, o seu livro, com este título grave de crônica heróica: *Jornada da Ásia*.

Carlos então vivia em Paris. Em fins de 1886 voltou a Lisboa e houve aquele reencontro amigo com João da Ega, passeios para rever a cidade, hospedagem no Hotel de Bragança, ceias no Silva, caminhadas pelo Chiado, maledicências contra os políticos "que não limpavam as unhas, não tinham maneiras, coisa que não sucedia nem na Romênia nem na Bulgária". Para Ega as mulheres tinham nojo dos políticos e o Gouvarinho estava sempre no pelourinho. O poeta Alencar reapareceu, a tomar café muito forte. Depois, os três — Carlos, Ega e Alencar — voltaram a andar por Lisboa e "durante um momento, pasmaram para a incomparável beleza do rio, vasto, lustroso, sereno, tão azul como o céu esplendidamente coberto de sol".

E então Carlos, Ega e Alencar fizeram um jantar no Bragança, um "jantarinho à portuguesa...", com um cozido, arroz de forno e grão-de-bico para matar saudades... Depois disso, combinaram uma visita ao Ramalhete, que Alencar logo qualificou como uma "romagem sagrada". E partiram pela Rua do Tesouro Velho, caminho do Hotel de Bragança para o Chiado. No Loreto, Carlos reentrava na intimidade daquele velho coração da Capital. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno da estátua triste de Camões. O Hotel Alliance (era na Rua Nova da Trindade nº 10; nesse endereço existe hoje o Restaurante da Trindade), mudo e deserto como antes. Um lindo sol dourava o lajedo; varinas (vendedoras ambulantes de peixes) com canastras à cabeça meneavam os quadris na plena luz; na Havaneza fumavam uns vadios de sobrecasaca, politicando. Carlos achava horrível, não a cidade, mas a gente "feíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada..." Desceram o Chiado. Pararam diante da Livraria Bertrand e de lá o Ega mostrou o Dâmaso à porta do Baltreschi (no local, tem hoje sede a firma Santos & Araujo, Ltda., de máquinas de costura PFAFF, à Rua Garrett nº 49-51). Era uma pastelaria instalada no Chiado desde 1885, ponto de encontro de *snobs* da moda e da erudição, segundo Mário Costa. Para Tinop, em sua *Lisboa de Outrora*, o Baltreschi era frequentado por um grupinho de "inválidos da madracice" (palavra derivada de madraço, que significa mandrião,

ocioso). Eram seus frequentadores Jerônimo Colaço, peralvilho muito presente nas crônicas do *high-life*, e Abreu de Oliveira, o discutidíssimo Barão de Oliveira, vulgo Barata Loura do *petit-monde* literário.

Os irmãos Bertrand, fundadores da tradicional livraria com seu nome, eram João José Bertrand e Pedro Bertrand. A firma, que começou na Rua Direita do Loreto, antes do terremoto, tinha o nome de Pedro Faure e Irmãos Bertrand. Pedro Bertrand era genro de Pedro Faure. A Livraria Bertrand se encontra na Rua Garrett desde 1773.

Dobrando à direita, Carlos, Ega e o Alencar desceram a Rua Nova do Almada, quando foi contado o caso da Adosinda, que aconteceu no Restaurante Silva. Depois Carlos perguntou pelo Taveira, já um bocado grisalho, segundo a resposta do Ega, e "metido continuamente com alguma espanhola, ditando bastante a lei no São Carlos e murmurando todas as tardes na Havaneza, com um ar doce e contente: Isto é um país perdido!" Enfim, um bom tipozinho de lisboeta fino, rematava o Ega.

Já no Ramalhete, Ega perguntou, no fundo de um sofá, se Carlos não tivera a idéia, o vago desejo de voltar para Portugal... Carlos considerou Ega com espanto. "Para quê? Para arrastar os passos tristes desde o Grêmio até à Casa Havaneza?"

Em *Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres*, a carta nº VIII é dedicada a Benjamin Disraeli, Lorde Beaconsfield, cuja morte — diz Eça de Queiroz — ocorrera em 19 de maio (1881). A Enciclopédia Britânica põe, entretanto, o falecimento de Disraeli em 19 de abril. A crônica era parte de uma série de artigos de Eça para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Servia ele no Consulado em Newcastle até 1878, quando vivera intensamente um período de crise financeira pessoal, do que dera conta em correspondência a Ramalho Ortigão, o qual lhe sugeriu pedir ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, Doutor Andrade Corvo, um adiantamento de ordenados. Disraeli figura com frequência na dialogação dos personagens de *Os Maias*, em especial nas conversas do impagável Steinbroken, Ministro da Finlândia, que tinha por chavão definir Lorde Beaconsfield como *"très fort, excessivement fort!"*. O Chiado entra indiretamente na história, desta forma: "Recomeçando hoje estas *Cartas de Inglaterra* — que eu não podia escrever de Lisboa, onde estive alguns meses gozando os ócios de Títiro, *sub tegmine fagi*, à sombra dessa faia constitucional que se chama o Grêmio — devo memorar, ainda que tarde, a morte de Benjamim Disraeli, Lorde Beaconsfield, ocorrida no dia 19 de maio, pela madrugada, em Londres, na sua casa de Curzon-Street."

No livro *Prosas Bárbaras*, na *Introdução* de Jaime Batalha Reis, como já foi visto, aparecem referências ao Grêmio Literário, onde se

davam gargalhadas a propósito dos primeiros folhetins de Eça, que foram postumamente (1903) publicados com aquele título. Batalha Reis viu Eça de Queiroz pela primeira vez na redação da *Gazeta de Portugal*, à Travessa da Parreirinha nº 26 (desde o fim do século passado, passou a chamar-se Rua Capelo, no Chiado, em homenagem a Hermenegildo Capelo, Vice-Almirante que, tendo por companheiro Roberto Ivens, realizou a famosa travessia da África, de Angola à Contra-Costa. Era irmão do naturalista Felix Antonio de Brito Capelo; do Vice-Almirante Guilherme Capelo, e do astrônomo João Carlos Capelo). Diz Batalha Reis que Eça era "uma figura muito magra, muito esguia, muito encurvada, de pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda que se mostrava inteiramente desenhada a preto intenso e amarelo desmaiado. Cobria-a uma sobrecasaca preta abotoada até ao mento, uma gravata alta e preta, umas calças pretas. Tinha as faces lívidas e magríssimas, o cabelo corredio muito preto, de que se destacava uma madeixa triangular, ondulante, na testa pálida que parecia estreita, sobre olhos cobertos por lunetas fumadas, de aros muito grossos e muito negros. Um bigode farto, e também muito preto, caía aos lados da boca larga e entreaberta onde brilhavam dentes brancos. As mãos longas, de dedos finíssimos e cor de marfim velho, na extremidade de dois magros e longuíssimos braços, faziam gestos desusados com uma badine muito delgada e um chapéu de copa alta e cônica, mas de feltro baço, como os chapéus do século XVI nos retratos do Duque de Alba, de Filipe II de Espanha, ou de Henrique III de França. Era o Eça de Queiroz."

Clovis Ramalhete, no livro *Eça de Queiroz*, diz que Álvaro Lins, quando preparava a sua *História Literária de Eça de Queiroz*, soube que vivia no Recife um homem de quem se dizia que, certa tarde, vira o Eça em Lisboa. Conta que Álvaro Lins foi procurar aquela figura preciosa: "Tinha pouco a contar: foi há muitos anos, em Lisboa. No Chiado, num fim de dia, levantou-se na calçada um murmúrio baixo e curioso: 'Olha o Eça!' — 'Ali vai o Eça de Queiroz!'. E olhando, ele viu o vulto lendário, a famosa silhueta magra, recurva, alta, sempre elegante, num ar de cansaço, e que passava observando lentamente as pessoas e as coisas. Álvaro Lins voltava sempre a exigir do amigo que lhe contasse mais uma vez como fora. Queria saber mais, beber aquele minuto de Eça vivo. O homem sabia pouco e sempre repetia a mesma história: o murmúrio, o vulto magro e lento, o ar cansado..."

Batalha Reis afirma que costumava jantar num qualquer restaurante pouco frequentado, cerca da Rua Larga de São Roque (hoje Rua da Misericórdia) ou do Chiado. Eça escrevia num tipo especial de papel almaço, que ele próprio comprava numa pequena loja de chá e papel selado no nº 41 da Rua Larga de São Roque (na Rua da Mi-

sericórdia nº 41, hoje, esquina da Rua da Espera, funciona parte da Farmácia Azevedo, Irmão & Veiga). "Fumava cigarros sem cessar enquanto compunha, incluindo sobre o papel que olhava muito de perto. Enquanto escrevia não falava, não atendia a coisa alguma." Como é sabido, o poeta Charles Baudelaire teve considerável influência em Eça de Queiroz. A edição em volume de *Fleurs du Mal* só mais tarde lhe chegou às mãos e por isso ele e Batalha Reis iam à Biblioteca do Grêmio Literário para ler, em coleções antigas de revistas francesas, as poesias que Baudelaire nelas havia publicado pela primeira vez. Naquele período, o Grêmio não funcionava ainda na atual sede. Jaime Batalha Reis apresenta na *Introdução* o quadro completo dos folhetins que Eça publicou na *Gazeta de Portugal*, em 1866 e 1867. Na menção ao folhetim *Mefistófeles* há uma referência, entre parênteses, a J. Petit, que era então um cantor do Teatro de São Carlos, de Lisboa. Em 1871, Eça de Queiroz fazia sua famosa palestra na série das Conferências Democráticas do Casino, como assim diz Batalha Reis, sobre o realismo na arte, na qual expôs idéias praticadas por Flaubert e Courbet e teoricamente descritas por Proudhon, no livro *Do Princípio da Arte e do Seu Destino Social*. O Casino Lisbonense tinha sede num edifício situado no canto sudoeste do Largo da Abegoaria (Largo Rafael Bordalo Pinheiro), defronte do atual prédio do Círculo Eça de Queiroz. As conferências do Casino, inauguradas em 1871, de fundamental importância para a história literária da época, são amplamente relatadas em biografias de Eça de Queiroz.

A idéia da criação do Círculo Eça de Queiroz coube a Antônio Ferro. Foi na noite de 14 de novembro de 1939, em sua casa, numa reunião de cinco amigos, que o plano se concretizou. Em 24 de janeiro de 1940 houve novo encontro, ao qual compareceram cerca de 30 novos adeptos, quando foi criada uma comissão organizadora de doze membros. Elaborados os estatutos, foram estes aprovados por Alvará do Governo Civil de Lisboa em 16 de dezembro de 1940.

Pertencem à categoria *A* os sócios de nacionalidade portuguesa ou estrangeira, maiores, que residem em Lisboa ou arredores. O número limite de sócios da categoria *A* é de 202, número que será sempre preenchido por escolha da Direção. A escolha do número 202, e não outro qualquer, para marcar o quantitativo de sócios da categoria *A*, foi inspirada no famoso romance *A Cidade e as Serras*, onde o palacete da residência do Jacinto tinha, em Paris, o nº 202, na Avenida dos Campos Elísios. A sugestão foi do arquiteto Jorge Segurado.

No capítulo *Lisboa*, de *Prosas Bárbaras*, é extraída a seguinte citação: "Lisboa material tem feições morais. Há sítios que dão, aos que os pisam, uma individualidade. O lajedo e a cantaria consagram

espíritos. Encostar-se no Chiado! — isto significa ter a fina flor da graça, a vivacidade conceituosa e costumes despedaçados. Estar no Martinho — revela inspiração, divindade interior, lirismo e política crítica. Ó Lisboa, tu não tens caracteres, tens esquinas!"

O conto *No Moinho*, do livro *Contos*, é a história de Adrião, um homem fino, escritor de êxito, que morava em Lisboa e que vai para a província tratar de assuntos de propriedades suas numa vila onde morava a prima Maria da Piedade, bela, santa, de uma infinita dedicação ao marido permanentemente enfermo e aos filhos, também doentes e chagados. Esse era o seu mundo, um quase hospital, e nessa vida ela se comprazia, com grande humildade. Mas eis que chega o primo, sai, passeia com ela, conta com a assistência dela para tratar de seus negócios e por ela se deixa atrair. Beija-a sobre os lábios, "um só beijo, profundo e interminável. Ela tinha ficado contra o seu peito, branca, como morta: e duas lágrimas corriam-lhe ao comprido da face". Lá naquela distante terra, naquele lindo ambiente, Adrião pensava, perplexo, sobre o que a prima desejaria na vida: o Chiado ou o Teatro da Trindade... Não, talvez pensasse em outros apetites, nas ambições do coração insatisfeito. Mas para Adrião tudo ficara naquele beijo. Retornou a Lisboa. Maria da Piedade ficou, porém, para sempre perturbada. Seu amor por Adrião transcendeu a imagem do primo, estendeu-se para um ser vago, meio príncipe e meio facínora, que tivesse, sobretudo, a força. Cansou-se de ser a santa enfermeira da família e tornou-se Vênus. A solidão e a solidez da sua virtude foram sacudidas pelo beijo do primo no bucólico moinho. E entregou-se a um manganão odioso e sebento, de cara balofa e gordalhufa, mal cheiroso, a pedir-lhe dinheiro emprestado para sustentar a amante Joana, criatura obesa, alcunhada na vila de "Bola de Unto".

No conto *José Matias*, do livro *Contos*, a bela Elisa também apareceu nos dois bailes da Assembléia do Carmo, de que o Matos Miranda, seu primeiro marido, era diretor venerado. A Assembléia do Carmo era um clube que existia na Rua Nova do Carmo.

Elisa era a presença real de uma divina criatura na existência de José Matias. Como seu tio, o visconde de Garmilde, jantava cedo, à hora vernácula do Portugal antigo, José Matias ceava, depois da ópera, naquele delicioso e saudoso Café Central, onde o linguado parecia frito no Céu e o Colares no Céu engarrafado. Elisa também ali ceava, invisível. Pairava idealmente naquele ambiente. Porque não podia andar com a imagem de Elisa numa tipóia de praça, nem consentir que sua augusta imagem roçasse pelas cadeiras de palhinha da platéia de São Carlos, José Matias montou carruagens de gosto sóbrio e puro e assinou um camarote na Ópera.

Em *Alves & Cia. e Outras Ficções*, Godofredo subia na calmaria ardente, sob o seu guarda-sol, a Rua Nova do Carmo (hoje simplesmente Rua do Carmo). Ao alto da rua, no Restaurante do Matta, parou para encomendar uma empada de peixe para as seis horas. Comprou um fiambre, um queijo da Serra e olhava o que mais poderia levar, para celebrar os quatro anos de casamento com Ludovina. Jamais tinha havido entre eles uma nuvem de desentendimento. Subiu o Chiado, olhava as personalidades na rua, um grande poeta, um grande historiador, que nesse momento conversava à porta da Livraria Bertrand. Comprou charutos para o sogro, tomou a Calçada do Correio (hoje do Combro). Seguiu pelo Calhariz rumo à Rua de São Bento. Esse tinha sido o itinerário de Godofredo Alves em direção à sua casa, naquele fim de verão para, infelizmente, deparar-se com aquela cena, com travo amargo da traição, em que Ludovina estava no quarto abraçada com o sócio Machado. Esse percurso pode ser feito hoje em cerca de trinta minutos a pé, desde a antiga Rua dos Retrozeiros (hoje Rua da Conceição, na Baixa), depois pelo Chiado, Praça Luís de Camões, Rua do Loreto, Calhariz, Calçada do Combro e Rua de São Bento. Godofredo sentia um desejo de lhe atirar em rosto todas as bondades que tivera para com ela, todas as dedicações de seu amor, todos os caprichos dela a que obedecera..., até o camarote em São Carlos.

Mais adiante, os amigos faziam a conspiração para desarmar os planos de duelo do Godofredo: "Os amigos são para as ocasiões. Carvalho e Godofredo foram buscar numa carruagem o Telles Medeiros, que morava lá no inferno adiante da Estrela." O sol de julho abrasava as ruas. Era um *coupé* quase novo, fofo e asseado, que rolava sem ruído. Carvalho, de melhor humor, recostou-se e abotoou as luvas. Quando o *coupé* atravessou o Loreto (ponto mais alto do Chiado, entre a Igreja de Nossa Senhora do Loreto e a Igreja da Encarnação), uma grande curiosidade pareceu invadir subitamente o Carvalho. Quis saber detalhes da traição. Carvalho estava convidado para padrinho do duelo e iam consultar o Telles Medeiros.

Depois que Ludovina voltou da Ericeira, Godofredo ansiava por fazer as pazes. Soubera, por um outro personagem, que Ludovina, depois daquelas férias forçadas, estava sadia e apetecível, tomara banhos, estava mais forte, mais gorda, com melhor cara do que nunca. Godofredo fazia tudo para vê-la, até rondava a casa da modista, D. Justina, no Largo do Carmo, no Chiado, na esperança de a ver de lá sair ou para lá entrar. Até que um dia, ao deixar uma tabacaria, acendendo o charuto, viu-a de costas e ficou tão perturbado e trêmulo que não teve reação e a perdeu de vista, embora tenha depois subido e descido o Chiado à sua procura. E foi para casa com uma imensa

saudade dela, tendo diante dos olhos aquela figura alta vestida de preto com uma flor amarela no chapéu. De novo a avistou uma semana depois na Calçada do Combro. As pazes finalmente vieram, Godofredo levou-a a Sintra em nova lua-de-mel. Estiveram na famosa pensão Lawrence. Foram ao São Carlos em carruagem da Companhia, em frisa bem em evidência, para fazer exposição de sua felicidade doméstica.

O conto *Um Dia de Chuva*, um dos três contos que completam o livro *Alves & Cia. e Outras Ficções*, é a história de José Ernesto, o jovem que queria comprar uma quinta longe de Lisboa, numa região de serras e de névoas, e terminou por casar com Maria Joana, a filha mais diferente de D. Gaspar, o dono do Paço de Loures (não se refere a Loures, perto de Lisboa). Quando herdada a fortuna de seu tio, tinha por uns tempos esquecido a idéia da quinta e realizava outros sonhos. Acabara por realizar em Lisboa "uma instalação de rapaz elegante, estética, com carvalhos lavrados, cadeiras de couro e colchas da Índia. Aí, empatara dois ou três anos na ociosidade da cidade, com um fáeton, uma cadeira em São Carlos, uma certa Micaela, corista do Trindade, e uma paixão pela mulher do seu senhorio, na Rua de São Bento". José Ernesto propôs ao procurador de D. Gaspar, o Padre Ribeiro, jogar uma bisca. Naquele silêncio de aldeia, que lhe parecia intoleravelmente vazia e estéril, pensava em voltar a Lisboa. "E nesse momento pensava parar no Chiado, diante de algum amigo para murmurar com tédio: 'Que há de novo? — Não era realmente uma existência humana! E era, sobretudo, de uma tão grande solidão!...'"

No livro *Cartas* consta uma carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão datada de Londres, 10 de agosto de 1882 (à época, era Cônsul em Bristol), cujo parágrafo final merece transcrição: "Quando vêm mais *Farpas?* Está-as você forjando em bigorna de ouro, ou está simplesmente passeando a fantasia pelo pó fedorento do Chiado? Dê notícias suas, que diabo! Que eu não conclua que chegou você àquele estado de *negatividade* a que uma tola moral chama felicidade, e que não tem história. Apertado abraço do amigo do coração, Queiroz."

Nas *Notas Contemporâneas*, vem publicada uma carta a Joaquim de Araújo, datada de Newcastle, 25 de fevereiro de 1878, sob o título *Ramalho Ortigão*. Joaquim de Araújo (1858-1917) foi poeta e prosador, de importância à época, com vasta bibliografia. Foi Cônsul de Portugal em Gênova. Fundou a revista *Harpa*. Morreu louco. Eça acusava recebimento da carta de Joaquim de Araújo em que este pedia, com pressa, uma biografia sobre Ramalho Ortigão. "Creio que o que você deseja é a biografia do espírito de Ramalho Ortigão, a história interior, a do seu talento; não a história exterior, a da sua vida. Um homem de

letras, que não escreve as suas memórias, tem realmente direito a que os outros lhas não escrevam. De resto, a história do Ramalho Ortigão conta-se facilmente: tem vivido com honra e trabalhado com valor. Pode-se acrescentar que nasceu no Porto (intelectualmente em Lisboa), e que possui duas qualidades eminentes, de grande resultado moral, raras nos seus contemporâneos: não é bacharel e tem saúde. A biografia do seu espírito é mais complexa."

Essa carta, de valor literário e biográfico, na linha do parágrafo inicial, ocupa quase vinte páginas das *Notas Contemporâneas*. Eça explica que o primeiro fim das *Farpas* foi promover o riso, a mais antiga e ainda a mais terrível forma de crítica. Diz então em trecho antológico: "Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta de uma instituição, e a instituição alui-se; é a Bíblia que nô-lo ensina sob a alegoria, geralmente estimada, das trombetas de Josué, em torno de Jericó. Há uma receita vulgar para produzir o riso; toma-se, por exemplo, um personagem augusto; puxa-se-lhe a língua até ao umbigo; estiram-se-lhe as orelhas numa extensão asinina; rasga-se-lhe a boca até à nuca; põe-se-lhe um chapéu de bicos de papel; bate-se o tambor e chama-se o público. Mau método, meu caro! Apenas a multidão ri o seu riso, e sai, o personagem recolhe a língua, contrai a orelha, franze a boca, esconde o chapéu de bico — e continua a ser augusto! As *Farpas* tinham inteiramente outro processo: era obrigar a multidão a *ver verdadeiro*. Um grande pintor de Paris dizia-me, o ano passado: *A multidão vê falso*. Vê: em Portugal sobretudo. Pela aceitação passiva das opiniões impostas, pelo apagamento das faculdades críticas, por preguiça de exame — o público vê como lhe dizem que é. Que amanhã o *Diário de Notícias*, ou outro órgão estimado, declare que o Hotel Aliança (ou Alliance), ao Chiado, é uma maravilhosa catedral gótica, que insista nisto no local e no folhetim — e numa semana o público virá fazer no largo do Loreto semicírculos estáticos e *verá*, positivamente *verá*, as ogivas, as rosáceas, as torres, as maravilhosas esculturas do Hotel Aliança."

Na nota intitulada *Brasil e Portugal*, datada de Bristol, de 14 de dezembro de 1880, constituída por uma longa carta a Pinheiro Chagas (já referida nesta obra a propósito de outro tema), Eça de Queiroz diz: "Evidentemente, porém, o homem que lhe escreve não é aquele que você há meses abraçava, inteiro e intacto, à esquina sagrada da Casa Havaneza..." Logo adiante, diz que Pinheiro Chagas o esmaga sob pedregulhos desproporcionados: "É a crítica histórica, a teoria científica do meio, o reverendo Bernardo de Brito, Darwin, a Revolta do Maranhão, o General Madeira, a Casa Havaneza e o seu tabaco..." Usando daquela sua ironia, conta-lhe um segredo: "Que a *Gazeta de Notícias* (do Rio de Janeiro) me dava um milhão (um milhão em ouro)

para eu injuriar semanalmente Portugal, deitar peçonha nas nascentes do Alviela e fazer saltar pela dinamite a estátua de Camões!"

O Alviela é um rio de Santarém que assegura o abastecimento de água em Lisboa, através do canal do Alviela, que entrou em funcionamento na década de 1880. Alberto Pimentel, o conhecido polígrafo, em seu livro *O que Anda no Ar*, editado em 1881, celebra com grande alegria a chegada das águas do Alviela a Lisboa onde, no verão, era conhecida a grave deficiência do abastecimento de água. Faltavam então apenas três quilômetros para os encanamentos serem completados. A obra começara em 1869, segundo o *Roteiro de Lisboa*, Lisboa, 1982. Substituía o sistema do Aqueduto das Águas Livres, construído entre 1729 e 1749, ao tempo de D. João V. Este aqueduto é um dos mais belos monumentos de Lisboa, com 25 quilômetros de extensão. Em 1911, foi feito um filme de dez minutos, dirigido por João Tavares, intitulado *Os Crimes de Diogo Alves*, que relata as façanhas de um famoso delinquente que aterrizou Lisboa nos anos de 1836 a 1839, chegando à perversidade de atirar algumas de suas vítimas de cima do Aqueduto das Águas Livres, e que terminou por ser justiçado em 1839. A Cinemateca Portuguesa conta com esse filme em seu acervo.

Na nota intitulada *Três Prefácios*, o *Prefácio I* diz respeito ao livro *Azulejos*, do Conde de Arnoso. É datado de Bristol, 12 de junho de 1886. Eça de Queiroz, num texto de interesse e encantamento, diz que "se a nossa amada Lisboa, velha criada de abade, que se arrebica à francesa, tivesse já compreendido (...) que o naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ela é na *sua* realidade, e não como tu a poderias idear na tua imaginação — seria honrar o teu livro, suspeitá-lo de naturalismo!" Mais adiante: "Seria inútil ir explicar em berros, por uma tuba de bronze, aos ouvidos da nossa suave Lisboa, acocorada à beira do Tejo a ver correr a água — o que significa naturalismo." A deleitosa cidade desviaria da corrente o olho lento e murmuraria com aquela voz pachorrenta e bonachã que é tão sua: "O naturalismo? Está falando do naturalismo? Bem sei, é *grosseria e sujidade...*"

O Chiado volta a aparecer nesta nota a respeito da definição de conto, que Eça diz ser "esta leve flor de arte que se cultiva cantando. Distração que encerra uma educação; passar o dia, longe da Casa Havaneza e das suas pompas, aperfeiçoando uma frase a buril, recortando uma imagem no tecido alado da imaginação, colorindo de luz e verde um canto de paisagem — é uma alta lição de gosto que enobrece e afina mais delicadamente todo o ser".

No prefácio *Aquarelas*, de João Dinis, Eça critica os poetas moços em Portugal que se lançaram na indiscreta e desastrada imitação do

parnasianismo francês, do que surgiu uma contrafação de uma afetação requintada. Como se uma amanuense de Marco-de-Canaveses (terra onde nasceu Carmem Miranda, perto de Penafiel, Distrito do Porto) quisesse imitar um Lorde inglês. "Ainda me recordo", diz Eça, "de certa poesia em que um parnasiano contava à sua amante, uma 'duquesa', pisando o 'asfalto' do Chiado, por entre as 'acácias em flor', com botinas de 'cetim verde' e uma cauda de seda 'cor de *vieil-or*', enquanto ele seguia de longe, cheio de 'desprezo por Deus', triturando maquinalmente entre os dedos a 'flor de Angsoka'! Nada mais completo. E o que são no fundo esta duquesa, estas acácias no Chiado, estas botinas de cetim verde, esta flor de Angsoka, que é uma flor fabulosa, todas estas cousas ingênuas, delirantes e pavorosas? A casaca de veludo verde-negro de Lorde C., nos ombros da amanuense de Marco-de-Canaveses."

A nota a propósito dos *Maias* é uma carta a Carlos Lobo de Ávila (1860-1895, político, parlamentar, orador), um *Vencido*, em que Eça comenta que havia recebido um jornal do Rio de Janeiro, o *País*, onde destacava um artigo de Pinheiro Chagas (sempre este homem fatal!), cujo título — *Bulhão Pato e Eça de Queiroz* — logo lhe causou confusão e assombro! O artigo do jornal brasileiro condenava com máxima rispidez certa injúria que ele fizera em prosa a Bulhão Pato e que celebrava certa desforra que Bulhão Pato tomara em verso. A "injúria" consistira em "caricaturar" Bulhão Pato nos *Maias* sob os bigodes e os rasgos de Tomás de Alencar, e a desforra de Bulhão Pato correr à sua grande lira e lançar contra Eça uma grande sátira! "Tais se me apresentaram os fatos. E perante eles o meu assombro e confusão provinham de que, nesta fria manhã de janeiro do ano da graça de 1889, antes de ler o *País* — eu ainda ignorava totalmente a ofensa contra o simpático autor da *Paquita* e o castigo retumbante que recebera do autor cruel dessa andaluza. Talvez pareça pouco natural, sobretudo àqueles para quem a Casa Havaneza e o Café Martinho formam os confins do mundo, que eu não conhecesse um feito literário, tão considerável, de tão largo eco como a sátira."

Na nota sobre Antero de Quental, já nesta obra referida e citada, em um de seus esplêndidos parágrafos Eça se refere ao "encerramento bruto" das conferências do Casino (Casino Lisbonense) e à carta com que Antero esmagou o considerável Marquês de Ávila (o Primeiro-Ministro que determinou a suspensão das conferências) com tão picante e patrício desdém que o pobre Marquês se magoou até se lhe umedecerem os olhos com uma alusão à origem de seu nome. Antero ficou tão angustiado com essa mágoa que causara, que correu a imprimir uma retratação apiedada que consolasse o velho...

Mais adiante, Eça de Queiroz se referiu às conferências do Casino que chamou de "Aurora de um mundo novo, mundo puro e novo que depois, oh dor, creio que envelheceu e apodreceu...". Em torno dessa citação Eça descreveu o cenáculo da Travessa do Guarda-Mor e a participação nele de Antero. Na nota sobre a crítica aos *Maias*, constituída por uma carta a Fialho de Almeida, datada de Bristol, de 8 de agosto de 1888 (pouco depois, Eça de Queiroz assumia o Consulado em Paris, seu último posto consular), o grande escritor verberava violentamente a atitude de Fialho diante de *Os Maias*. Em dado momento, disse Eça: "Oh Fialho... que interesse supremo o fez aliar-se ao Conselheiro Acácio? Está você, por acaso, apaixonado pela mulher de Acácio, e finge-se assim pudico, ordeiro e patriota para lisongear o benemérito e cornudo homem!..." Fialho de Almeida pretendia fazer uma defesa de Lisboa diante do que considerava ofensas em *Os Maias* à "cidade incomparável, perfeitíssima *Urbs*". Na carta, um documento cáustico, há este comentário de Eça de Queiroz: "Você distingue os homens de Lisboa uns dos outros? Você, nos rapazes do Chiado, acha outras diferenças que não sejam o nome e o feitio do nariz? Em Portugal há *só um homem* — que é sempre o mesmo ou sob a forma de *dândi*, ou de padre, ou de amanuense, ou de capitão: é um homem indeciso, débil, sentimental, bondoso, palrador, *deixa-te ir;* sem mola de caráter ou de inteligência, que resista contra as circunstâncias. É o homem que eu pinto, sob os seus costumes diversos, casaca ou batina. E é o português verdadeiro. É o português que tem feito este Portugal que vemos.

Outra cousa bem singular é você duvidar da exatidão de certos detalhes, traços de sociedade, como as senhoras falando de criados ou apostando dez tostõezinhos nas corridas, etc. Oh homem de Deus, onde habita você? Em Lisboa ou em Pequim? Tudo isso é visto, notado em flagrante, e por mim mesmo aturado *sur place!*"

Fialho (José Valentim Fialho de Almeida, 1857-1911) foi dos mais brilhantes prosadores da literatura portuguesa de transição do século XIX para o século XX. Entre as obras que escreveu deve referir-se *Os Gatos*, série de panfletos publicados, de início, todos os meses, e pouco tempo depois semanalmente, que são crônicas da vida portuguesa do último quartel do século passado. *Os Gatos* é hoje considerada uma das mais valiosas obras da literatura jornalística do século XIX em Portugal. Começada a publicar em 1889, uma vez por mês, pouco depois era editada semanalmente, até 1894. O primeiro livro impresso foi *Contos* (1881), seguindo-se-lhe, no ano seguinte, *A Cidade do Vício* e posteriormente *Pasquinadas* (1890), *Vida Irónica* (1892), *Lisboa Galante, Jornal de um Vagabundo*, entre outros. Postumamente, artigos dispersos em várias publicações foram reunidos e editados em

diversos volumes. Foi fonte para esta nota a publicação *Repensar Lisboa Segundo Fialho d'Almeida*, de Maria Bela Jardim, Lisboa, 1983.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, romance veladamente sebástico, segundo Antonio Quadros, logo no princípio, Gonçalo Mendes Ramires era apresentado pelo autor como o fidalgo da torre — "assim era conhecido na sua velha aldeia de Santa Irinéia, na vila vizinha, asseada e vistosa Vila-Clara e mesmo em Oliveira". Diz Mestre Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, que Gonçalo Mendes Ramires, a representar o luxo de antagonismos do caráter português, é mais do que a síntese do fidalgo — "é a síntese do português de não importa que classe ou condição". E Gilberto Freyre traz à colação as definições e comparações de Gonçalo com Portugal no final do romance *A Ilustre Casa de Ramires*, analisando-as com seu critério sociológico.

Os Ramires entroncavam limpidamente sua estirpe, sempre na linha varonil, "no filho do Conde Nuno Mendes, aquele agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Irinéia, que casou em 967 com Dona Elduara, Condessa de Carrion, filha de Bermundo, o *Gotoso* Rei de Leão". A família era mais antiga na Espanha do que o próprio condado portucalense. E vem aquela pincelada histórica sobre essa família cujas raízes antecediam às do Rei de Portugal, daí que Gonçalo, com muito orgulho disso, não esperava graças e favores do Rei. Ele é que podia agraciar o Rei... "O pai de Gonçalo, ora regenerador, ora histórico, vivia em Lisboa, no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário e pelo lajedo da Arcada até que um ministro do reino, cuja concubina, corista de São Carlos, ele fascinara, o nomeou (para o afastar da Capital) Governador civil de Oliveira". Aí estão menções importantes a áreas de Lisboa: o Hotel Universal (já foi visto que, inicialmente, estava instalado na Travessa Estêvão Galhardo, nº 23, hoje Rua Serpa Pinto, no coração do Chiado; de 1883 a 1894, estava no edifício que é hoje os Grandes Armazéns do Chiado); a Arcada, quer dizer do Terreiro do Paço; São Carlos, o famoso teatro da ópera. Sobre o Banco Hipotecário, não foi encontrada referência em fontes especializadas; talvez — repita-se, talvez — seja um nome fictício. Resta por esclarecer.

Um ano depois da formatura, em Coimbra, Gonçalo foi a Lisboa por causa da hipoteca de uma quinta sua e esbarrou no Rossio com José Lúcio Castanheiro, então empregado no Ministério da Fazenda. Castanheiro ardia na chama da sua idéia — a ressurreição do sentimento português! "Era uma noite de maio, macia e quente. E, passeando ambos em torno das fontes secas do Rossio, Castanheiro (...), depois de recordar as cavaqueiras geniais da Rua da Misericórdia...", estimulara o maior fidalgo de Portugal a escrever um livro, pelo menos

um conto, de vinte ou trinta páginas para publicar nos *Anais*. "De folhetim em folhetim se chega a São Bento. A pena agora, como a espada outrora, edifica reinos. Pense você nisto!" E despediu-se Castanheiro de Gonçalo Ramires. O fidalgo da torre recolheu para o Hotel Bragança, impressionado, ruminando a idéia do patriota. "No seu quarto do Bragança abriu a varanda. E debruçado, acabando o charuto, na dormente suavidade da noite de maio, ante a majestade silenciosa do rio e da lua, pensava regaladamente que nem teria a canseira de esmiuçar as crônicas e os folios maçudos... Com efeito! Toda a reconstrução histórica a realizara, e solidamente, com um sabor destro, o tio Duarte." Mais de uma vez Gonçalo se referira ao seu gosto pelo Hotel Bragança. Mesmo longe de Lisboa o recordava. No fim do romance, no dia da celebração de sua eleição para Deputado, quando findava o dia de triunfo com os luminares e os foguetes, Gonçalo, parado, junto ao miradouro de sua torre, em Santa Irinéia, considerava agora o valor dessa vitória por que tanto almejara, por que tanto sabujara. "Deputado! Deputado por Vila-Clara, como o Sanches Lucena. E ante esse resultado, tão miúdo, tão trivial — todo o seu esforço tão desesperado, tão sem escrúpulo, lhe parecia ainda menos imoral que risível. Deputado! Para quê? Para almoçar no Bragança, galgar de tipóia a ladeira de São Bento, e dentro do sujo convento escrevinhar na carteira do Estado alguma carta ao seu alfaiate, bocejar com a inanidade ambiente dos homens e das idéias, e distraidamente acompanhar, em silêncio ou balando, o rebanho do São Fulgêncio, por ter desertado o rebanho idêntico do Brás Vitorino. Sim, talvez um dia, com rasteiras intrigas e sabujices a um chefe e à senhora do chefe, e promessas e risos através de redações, e algum discurso esbraseadamente berrado — lograsse ser ministro. E então? Seria ainda a tipóia pela calçada de São Bento, com o correio atrás na pileca branca, e a farda mal feita, nas tardes de assinatura, e os recurvados sorrisos de amanuenses pelos escuros corredores da secretaria, e a lama escorrendo sobre ele de cada gazeta da oposição..."

A Rua da Misericórdia não podia ser a de Lisboa, onde a antiga Rua Larga de São Roque somente na década de 1930 passou a chamar-se Rua da Misericórdia. Devia tratar-se de uma rua em Coimbra. O que Castanheiro menciona como Rua da Misericórdia deve ser provavelmente a Rua do Colégio Novo, onde estava instalada a Misericórdia. À época de Eça de Queiroz em Coimbra, segundo o advogado e jornalista Joaquim Parro, que se apoiou em extensa e profunda bibliografia, não havia uma Rua da Misericórdia em Coimbra.

Em *A Cidade e as Serras*, o reencontro das malas perdidas foi anunciado por um telegrama de Zé Fernandes para o seu Príncipe, para Lisboa, precisamente para o Hotel Bragança: "'Estás lá? Sei recuperaste Grilo e civilização! Hurra! Abraço! Diante do silêncio de

Jacinto, Zé Fernandes enviou novo bilhete postal: 'Estás lá? São os prazeres da Baixa que assim te tornam desatento e mudo? Eu, todo espargos! Responde. Quando chegas? Tempo delicioso! 23 graus à sombra. E os ossos?...' E o silêncio do seu Príncipe era ingrato e ferrenho. Jacinto preferia o Hotel Bragança: "Os lençóis ao menos são frescos, cheiram bem, a sadio!'."

Ao final do romance — a derradeira obra de Eça de Queiroz, em que o grande escritor é arauto do retorno às saudáveis virtudes nacionais e faz penitência do irreverente denegrimento das instituições da vida nacional portuguesa — há uma conversa entre Jacinto e Zé Fernandes em que este diz que vai para a taberna do Torto, "por causa daquele vinhinho branco que, sempre quando por ali a levo, a minha alma me pede". Jacinto reprovava beber vinho branco depois do almoço. Mas Zé Fernandes retrucou: "É um costumezinho antigo... Aqui a taberninha do Torto... um decilitrozinho... a almazinha m'o pede." E segue-se a deliciosa conversa sobre o sebastianismo, um fascinante tema que, mais do que à história, pertence à vida, ao sangue e ao psiquismo da Nação portuguesa. O escritor Antonio Quadros, em recente livro — *Filosofia do Mito Sebastianista* —, faz interessante análise histórica e sociológica dessa manifestação da alma portuguesa, que surgiu depois do desastre de Alcácer-Quibir. Jacinto pasmava de que ainda houvesse no reino um sebastianista. E Zé Fernandes explica: "Todos somos ainda em Portugal, Jacinto! Na serra ou na cidade cada um espera o seu D. Sebastião. Até a lotaria da Misericórdia é uma forma de sebastianismo. Em todas as manhãs, mesmo sem ser de nevoeiro, espreito, a ver se chega o meu. Ou antes a minha, porque eu espero uma D. Sebastiana..."

Em *O Mandarim*, depois que Teodoro repinicou a campainha e matou Ti Chin-Fu, o mandarim do outro lado do mundo, começou a preocupar-se com a China. Ia ler os telegramas na Casa Havaneza, no Chiado, e o que seu interesse já buscava eram sempre notícias do Império do Meio. Parecia até que nada se passava na região das raças amarelas... "A Agência Havas só tagarelava sobre Herzegovínia, a Bósnia, a Bulgária e outras curiosidades bárbaras..." A Agência Havas, das primeiras empresas de divulgação de notícias no mundo, foi fundada em Paris, 1835, por Charles Havas, que comprou a *Correspondance Garnier*. Operava ela, a princípio, com serviços de pombos-correios entre Paris e Londres e Bruxelas. Em 1856 incorporou também uma agência. A descoberta e o aperfeiçoamento da comunicação telegráfica fizeram logo crescer as atividades das agências noticiosas. Dois antigos homens da Havas, Paul Lulius Reuter e Bernard Wolff, fundaram agências noticiosas na Inglaterra e na Alemanha. Em Lisboa a Agência Havas tinha escritórios na Rua Augusta, nº 270, 1º andar, e na Rua do Ouro, nº 30, loja. No Porto também estava

instalada na Rua de Santa Catarina nº 30, 1º andar. Suas atividades eram "reclames, comunicados e assinaturas".

Mais adiante, Teodorico ia começar sua vida de milionário. Deixou a casa de Madame Marques que, já o sabendo rico, o tratava todos os dias a arroz-doce e pessoalmente o servia com seu vestido dominical. Comprou, e nele habitou, um palacete amarelo ao Loreto, no Chiado. E um dia se arrancara das doçuras do bulevar e sulca os mares em direção ao Império do Meio. Após chegar a Pequim, não tornara a ter aquela alucinação, a de "avistar a forma odiosa de Ti Chin-Fu e do seu papagaio. A consciência era dentro em mim como uma pomba adormecida". Um dia, quando as primeiras neves alvejavam nas montanhas setentrionais da Manchúria, e Teodoro se ocupava a caçar gazelas, com auxílio de falcões e cães negros da Tartária, recebia ele do alegre padre Loriot um envelope com o selo da águia russa: era uma carta do bom Camilloff. O padre Loriot vinha de Pequim e galgara à lufa-lufa pelo caminho íngreme do burgo, com uma criancinha nua e faminta nos braços. A carta dizia que houvera um equívoco na interpretação sideral sobre o lugar em que viviam a viúva e a família de Ti Chin-Fu. E de novo Teodoro tinha de bater por outras estradas na China — "Oh sorte grotesca e desastrosa! Deixo os meus regalos ao Loreto, o meu ninho amoroso de Paris,...". O bulevar acima referido seria a Avenida da Liberdade, parcialmente pronta à época em que *O Mandarim* apareceu, em 1880. O *Roteiro de Lisboa* de 1881 já registra a Avenida da Liberdade.

Ao regressar da China, depois daquela alucinação da figura bojuda que Teodoro avistara do Cais das Colunas, sobre o arco da Rua Augusta, está ele à noite em seu quarto ao Loreto, meditando sobre a necessidade de se libertar daqueles milhões e, com isso, daquela pança e daquele papagaio abominável! Abandonou o palacete do Loreto e sua existência de nababo, voltando a realugar seu modesto quarto na casa da Madame Marques. Mas, indignado com as humilhações que passou a sofrer, porque o julgavam arruinado, um dia, subitamente reentrou com estrondo no seu palacete e no seu luxo. "E naquela noite, de novo, o resplendor das suas janelas aluminou o Loreto. Pelo portão aberto viam-se outrora negrejar, nas suas fardas de seda negra, as longas filas de lacaios decorativos. E logo Lisboa, sem hesitar, se rojou a seus pés. Madame Marques chamava-o, chorando, filho de seu coração." Em mais de uma ocasião Teodoro vai ao *London Brazilian Bank*, estabelecimento que se situava na Rua Nova d'El-Rei, nº 73, comumente então chamada Rua dos Capelistas, hoje do Comércio, na Baixa, bem perto do Terreiro do Paço (Praça do Comércio).

Em *A Relíquia*, Teodorico Raposo, que morava no Campo de Santana, descia às vezes o Chiado, parava numa loja de estampas,

diante do lânguido quadro de uma mulher loura, com os peitos nus recortada numa pele de tigre e sustentando nos dedos um pesado fio de pérolas. Narra ele: — "A claridade daquela nudez fazia-me pensar na inglesa do senhor barão: a esse aroma, que tanto me perturbava no corredor da estalagem, respirava-o outra vez, finalmente espalhado, na rua cheia de sol, pelas sedas das senhoras que subiam para a missa do Loreto, espartilhadas e graves." A criada da tia Patrocínio era a Vicência. Diz Teodorico Raposo que a titi a trouxera, havia seis anos, da Misericórdia. Trata-se de referência à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que fornecia e indicava pessoas de confiança para serviços domésticos. Vicência era muito carinhosa para com o menino Teodorico Raposo. Às vezes, deixando-o à porta do colégio, ela dizia: — "Adeus, amorzinho." — e lhe dava um grande beijo. Segundo narra Teodorico: "Muitas vezes, de noite, abraçado ao travesseiro, eu pensava na Vicência, e nos braços que lhe vira arregaçados, bordos e brancos como leite. E assim foi nascendo no meu coração, pudicamente, uma paixão pela Vicência." Teodorico conta que, montando uma égua, a perna bem colada à sela, um botãozinho de camélia no peito, ia caracolando, em ócio e luxo, até ao Largo do Loreto. Outras vezes, deixava a égua no Arco do Bandeira e gozava uma manhã regalado no bilhar do Montanha. À noitinha, enquanto Eleutério, no clube da Rua Nova do Carmo, jogava a manilha, ele ia ter na alcova da Adélia a radiante festa da sua vida. Como ele crescera, a titi lhe mandara fazer uma casaca, que ele estreou no São Carlos, indo ouvir o *Poliuto* — ópera que o Doutor Margaride recomendara como repassada de sentimentos religiosos. Acrescenta Teodorico: "Fui com ele, de luvas brancas, frisado. Depois, no outro dia, ao almoço, contei à titi o devoto enredo, os ídolos derrubados, os cânticos, as fidalgas que estavam nos camarotes, e de que lindo veludo vestia a rainha." Outra vez foi Teodorico com o Doutor Margaride ao São Carlos. Vinha ele de uma confeitaria do Rossio, onde comprara trouxas de ovos para a Adélia. Como estava de casaca, o Doutor Margaride, depois de um abraço paternal, o convidou para ver *O Profeta*, ópera de Meyerbeer, de tanta virtude como uma santa instrumental da Igreja. E lá foi subindo, melancolicamente, ao lado do Doutor Margaride, a Rua Nova do Carmo. Teodorico sofria o momento, "em vez de preguiçar num colchão amoroso, vendo a minha deusa em camisa comer o seu docinho de ovos". Após a ópera, desceram o Chiado em silêncio e foram tomar chá ao Martinho.

Teodorico disse que, nos seus esforços de tornar perfeita sua devoção, aos olhos da titi, dependurou nas paredes as imagens dos santos mais excelsos, "como galeria de antepassados espirituais de quem tirava o constante exemplo nas difíceis virtudes; mas não houve de resto no Céu santo; por mais obscuro, a quem eu não ofertasse um

cheiroso ramalhete de padre-nossos em flor. Fui eu que fiz conhecer à titi S. Teléfolo, Santa Secundina, o beato Antonio Estroncónio, Santa Restituta, Santa Umbelina, irmã do Grão São Bernardo, e a nossa dilecta e suavíssima patrícia Santa Basilissa, que é solenizada, juntamente com Santo Hipácio, nesse festivo dia de Agosto em que embarcam os círios para a Atalaia".

Há uma referência de Teodorico às reminiscências do Xavier e da Rua da Fé. A velha Rua da Fé ainda lá está com o mesmo nome, perto do Largo da Anunciada, de onde sai em direção à Rua de Santo Antonio dos Capuchos, Freguesia de São José, onde finda. De outra feita, Teodorico Raposo, tendo aparelhada a égua e, já de esporas, foi saber se a titi tinha algum pio recado para São Roque, por ser aquele o seu milagroso dia. São Roque, santo francês do século XIV, nascido em Montpellier, tem seu dia em 16 de agosto. Como foi alimentado por um cão quando estava chegado na Itália, tornou-se o padroeiro dos cachorros. Na Igreja de São Roque em Lisboa há pinturas e uma imagem de São Roque tendo a seu lado um cachorro que lhe traz pão. A titi conversava com o Padre Casimiro e disse que nada tinha para São Roque, pois já se havia entendido com ele. Mas havia a titi dado a conhecer o projeto de mandar Teodorico Raposa a Jerusalém e já no Montanha (Café Montanha, com bilhares, que existia à Rua do Arco do Bandeira nº 146-158, hoje Rua dos Sapateiros) e na Tabacaria do Brito (Tabacaria Brito & Azevedo, que havia no Largo de Camões, nº 81, perto do Rossio), já se falava nessa santa empresa.

Após o retorno de Teodorico da Terra Santa, prodigalizava ele no *Diário de Notícias* anúncios tentadores sobre preciosidades da Terra Santa, a preços em conta, na Tabacaria Rego (não foi identificado este estabelecimento; poderá ter existido, como poderá ter sido fictício). Eram pedaços da túnica da Virgem Maria; eram cordéis das sandálias de São Pedro. Já devia ele uma pesada conta na Pomba de Ouro. E há depois uma referência ao trabalho que ele cumpria numa fábrica de fiação. Na Assembléia do Carmo, esse seu trabalho era elogiado.

Em *Últimas Páginas*, após os três maravilhosos textos — realmente maravilhosos! — sobre São Cristóvão, Santo Onofre e São Frei Gil, vêm alguns escritos de Eça de Queiroz nos quais o Chiado figura. O primeiro deles é uma carta a Camilo Castelo Branco. Eça diz que leu nas *Novidades* um artigo de Camilo intitulado *Notas à Procissão dos Moribundos*, "em que V. Exa., resmungando e rabujando, se queixa ao público de que eu e os meus amigos *implicamos consigo sempre que isso vem a talho de fouce, e lhe assacamos aleivosias.* Como exemplo deste indecoroso hábito, cita V. Exa. um período da minha

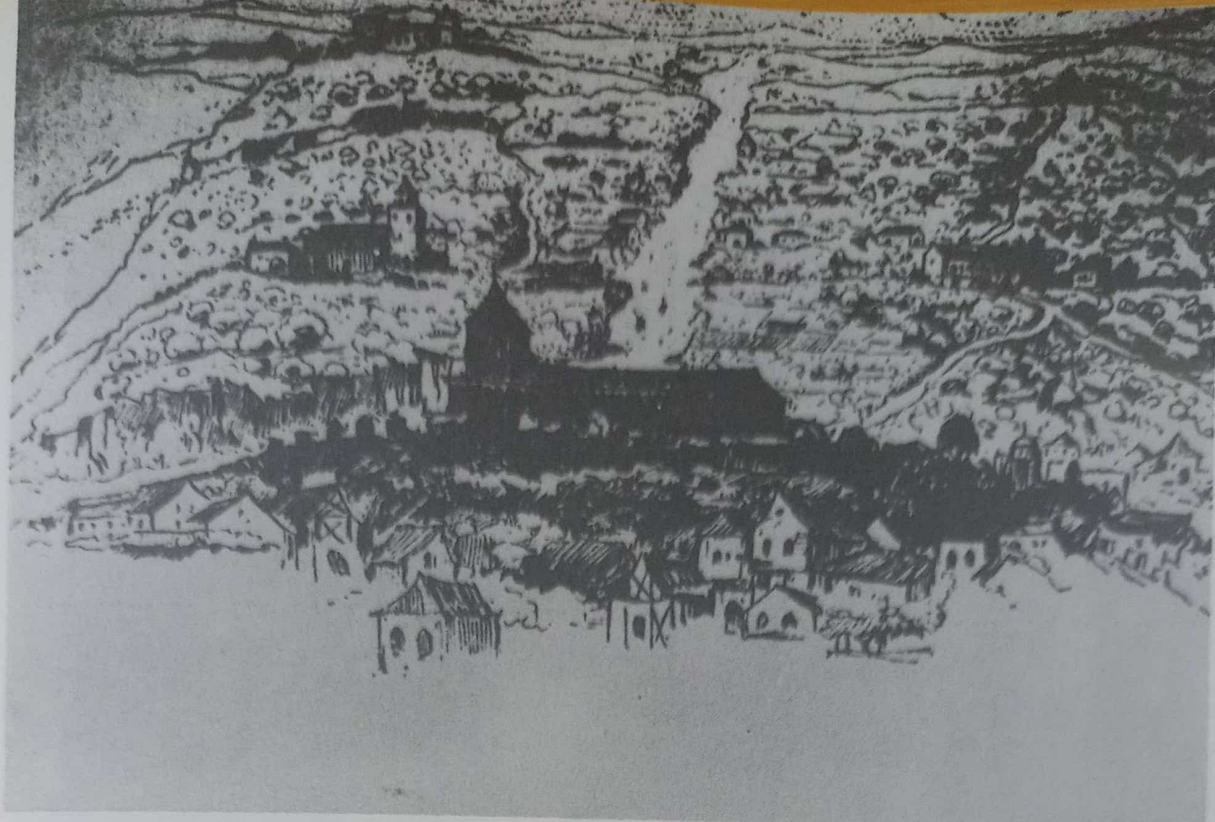
carta a Bernardo Pindela, nos *Azulejos*, em que eu alegremente me rio dos discípulos do romanticismo que, depois de clamarem contra certos escritores, como realistas e chafurdadores do lodo, apenas imaginam que ao público só esse lodo apetece, para seu consumo intelectual, e se apressam a escrever na capa de seus livros: *romance realista*, para que o público, aliciado pelo rótulo, os compre também a eles, e os leia também a eles... E V. Exa., meu caro confrade, acrescenta logo com a mais consciente certeza: — Ora, isto é comigo!". Mais adiante, diz Eça de Queiroz a Camilo que, quando se queixara aos ventos e ao Chiado das pessoas que implicam com ele, ou que desdouram a sua glória, não se volte para ele, Eça, e para seus amigos, "mas olhe em torno de si para os seus admiradores, e para dentro de si mesmo, talvez". E prosseguem as considerações sobre a guerra de *realistas e idealistas*, guerra que diz ter ficado quase tão desinteressante e cediça como a guerra dos clássicos românticos, a guerra das Duas Rosas ou a guerra de Tróia.

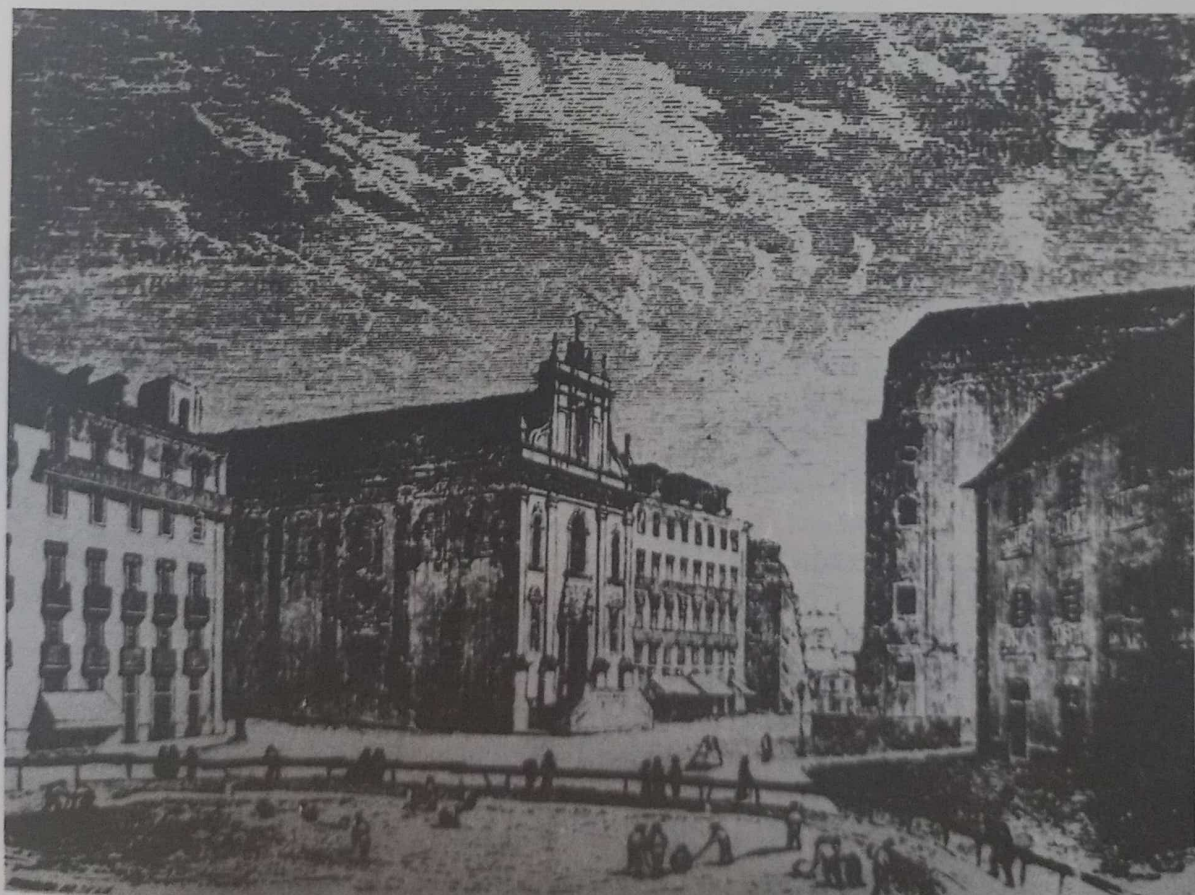
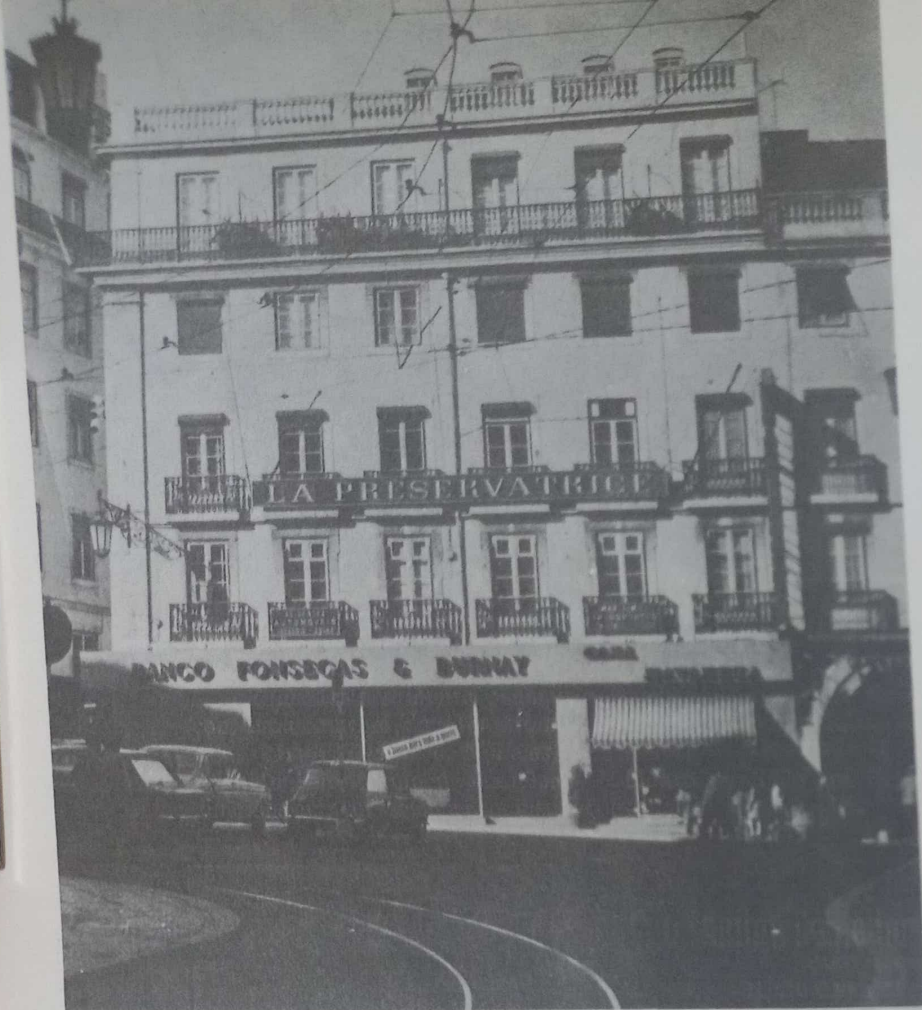
O artigo *O Francesismo* começa com aquela fórmula que Eça diz ter lançado — *Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo* — e que diz ter aperfeiçoado para: *Portugal é um país traduzido do francês em calão.* Logo a seguir, Eça refere o carinhoso acolhimento que teve aquela sua fórmula dando, para isto, a seguinte explicação: "Talvez porque a idéia de vernaculidade desagradava, lembrando pedantismo, caturrice, a Academia das Ciências, o pingo de rapé, outras cousas antipáticas. Enquanto que a idéia de calão nos sugere, sobretudo a nós lisboetas, chalaça alegre, bacalhau de cebolada, Chiado, Grêmio, pescada frita nas hortas, em tarde de sol e poeira, e outras delícias, de que eu, ai de mim, estou aqui privado!" Mais adiante, diz que havia em Lisboa toda uma classe culta e interessante de políticos "franceses", que, no Grêmio, na Havaneza, à porta do Magalhães (loja de modas e novidades, na antiga Rua do Chiado, nº 16), faziam uma oposição cruel, amarga, inexorável, ao Império francês e ao Imperador Napoleão!

E mais este trecho: "O que um pequeno número de jornalistas, de políticos, de banqueiros, de mundanos decide no Chiado que Portugal seja — é o que Portugal é. Se um grupo amanhã decidir que Portugal seja turco — através do país inteiro todos os chapéus altos, todos os chapéus desabados, todos os cocos, todos os barretes de varino, tenderão lentamente mais ou menos a tomar a forma de turbante. Por ora, todavia, tudo é francês. A toda a parte chega esta ondulação do francesismo partida do Chiado — mais forte no Porto do que em Guimarães, mais visível em Guimarães do que em Lamaçal-de-Bouças, mas sensível para quem sabe ver debaixo das superfícies."

Em *O Mistério da Estrada de Sintra*, na *Segunda Carta de Z.*, Eça diz que uma máscara de veludo preto não basta para disfarçar um conhecido. O cabelo, o andar, a estatura, a voz, as mãos, a *toilette* são bastantes para revelar, trair um indivíduo. No caso, tratava-se de um médico, um homem relacionado, um velho diletante de São Carlos que não poderia deixar de ter visto os quatro mascarados. E numa terra em que toda a vida se concentra nos doze palmos de lama do Chiado! Não há ninguém que no salão do São Carlos não identifique o menos conhecido, o menos célebre dos rapazes de Lisboa mascarado no Carnaval: "Lá vai Fulano!"

Na *Narrativa do Mascarado Alto*, Capítulo XIII, a Condessa e o Conde voltavam no paquete da Índia para Gibraltar. O Conde partia triste; *Mademoiselle* Rize ficava e o Chiado esperava-o. No capítulo *As Revelações de A.M.C.*, o misterioso missivista se apresenta como natural de Viseu e criado numa aldeia encravada entre dois montes da Beira. Diz ele, a respeito de uma senhora vestida de preto e coberta com um grande véu de renda, que ele viu parada junto a uma carruagem de praça, e que estava sendo maltratada numa discussão com o cocheiro: "Era a primeira vez que me achava perto de uma dessas formosas senhoras da sociedade, tenra, fina, delicada, como nunca vi ninguém! Tinha uma carnação láctea e aveludada, como a pétala de uma camélia, prodígio de mimo só comparável ao de uma outra mulher que não conheço, e que uma noite passou por mim no salão do São Carlos, encostada no braço de um homem e envolta em uma grande capa de listas cor-de-rosa."

No capítulo *A Confissão Dela*, há esta frase em que o Chiado transluz: "Mandei pôr a *caleche*. Eram quatro horas. Desci o Chiado. Ia alegre, trunfava; a minha vida parecia-me larga, cheia, esplêndida, coberta de luz. Entrei nas modistas, olhei, escolhi, comprei, com impaciência de noiva, e recatos de conspirador. Apertei a mão a algumas amigas." E mais adiante: "Sentia-me vagamente melancólica. O rio, aquelas casas triviais, todos aqueles aspectos que eu conhecia, que eram para mim até aí quase inexpressivos, apareciam-me, pela última vez que os via, com uma feição simpática. Tive uma saudade piegas daqueles lugares; quis sorrir, escarnecer; mas a verdade era que aquela paisagem, o pesado Hotel Central, o terraço do Bragança-Hotel, a grosseira e escura Rua do Arsenal, todas essas coisas alheias a mim, me despertavam inesperadamente o desejo instintivo de tranquilidade, de família, de situações pacíficas, fazendo destacar no fundo da minha vida, num relevo negro, a aventura que eu ia intentar; e aparecendo-me como um ajuntamento de velhos rostos amigos que se despedem, faziam-me pensar nas coisas irreparáveis, no exílio e na morte! A minha carruagem subia a passo a Rua do Alecrim. As luzes acendiam-se. O céu estava ainda pálido."

Em cima, imagem de fins do século XIII, vendo-se o antigo Convento do Espírito Santo da Pedreira (onde hoje estão os Armazéns do Chiado); em frente, em direção ao poente, a estrada de Santos, que veio anos mais tarde a ser a Rua Almeida Garrett de hoje que, no cimo, desemboca na Praça Luís de Camões.

Embaixo, obras na Praça Luís de Camões, em fase preparatória para a colocação da primeira pedra do monumento ao Poeta. (Fotos *Diário de Notícias,* de Lisboa)

Em cima, a Casa Havaneza, hoje amputada de parte de suas instalações. "Na quinta-feira, os três, que se tinham encontrado na Casa Havaneza, eram introduzidos por uma rapariga vesga, suja como um esfregão, na sala do Conselheiro." (*O Primo Basílio*) (Foto A. Campos Matos)

Ao lado, a estátua ao poeta António Ribeiro, o *Chiado,* foi mandada erigir pela Câmara Municipal de Lisboa e inaugurada em 18 de dezembro de 1925. É de autoria de Costa Mota. Não é, logicamente, do tempo de Eça de Queiroz, falecido em 1900. Mas, hoje, simboliza o próprio Chiado.

"Era necessário enxovalhá-lo (ao Dâmaso) de tal modo, com tal publicidade, que ele não ousasse mais mostrar em Lisboa a face bochechuda, a face vil... Quando o *coupé* parou à porta da quinta, Carlos decidira dar bengaladas no Dâmaso, uma tarde, no Chiado, com aparato..." (*Os Maias*) (Foto do Autor)

Comemorações do Dia de Camões, na Praça Luís de Camões, com a colocação de uma coroa de flores pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Engenheiro Nuno Krus Abecasis. Foto Corrêa dos Santos, Lisboa.

"Voltou-se: era o cônego Dias. Abraçaram-se com veemência, e para conversarem mais tranqüilamente foram andando até ao Largo de Camões, e ali pararam, junto à estátua..." (*O Crime do Padre Amaro*)

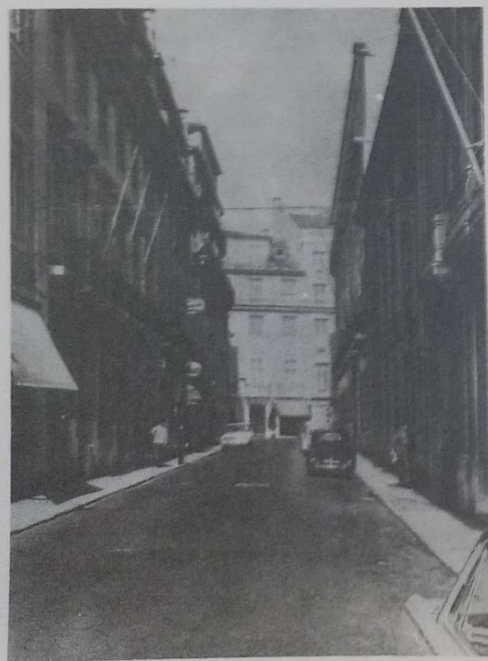
Em cima, um dos locais lisboetas mais falados na obra de Eça de Queiroz: a antiga Rua do São Roque (hoje Rua da Misericórdia) em que aparece, à direita, o Restaurante Tavares; à esquerda, as Igrejas do Loreto e da Encarnação e, a seguir, a Rua do Alecrim. "Marcos Vidigal já me esperava, impaciente, roendo o charuto. Saltou para a tipóia; e oatemos através do Loreto, que escaldava ao sol de agosto." (*A Correspondência de Fradique Mendes*) (Foto A. Campos Matos)

Embaixo, à esquerda, a Rua das Flores, esquina com a Praça Luís de Camões. "O dia estava cheio de sol, já um pouco quente; um azul vivo de Primavera meridional resplandecia e, como havia alguma poeira, a carroça da água ia regando, devagar, a Rua do Alecrim; as altas casas da Rua das Flores punham a rua numa sombra discreta e ficava ali um recanto da cidade recolhido e silencioso." (*A Tragédia da Rua das Flores*) (Foto do Autor)

À direita, o nº 19 da Rua do Grêmio Lusitano, tal como aparece hoje. Ao tempo de Eça, chamava-se Travessa do Guarda-Mor, sede do Cenáculo.

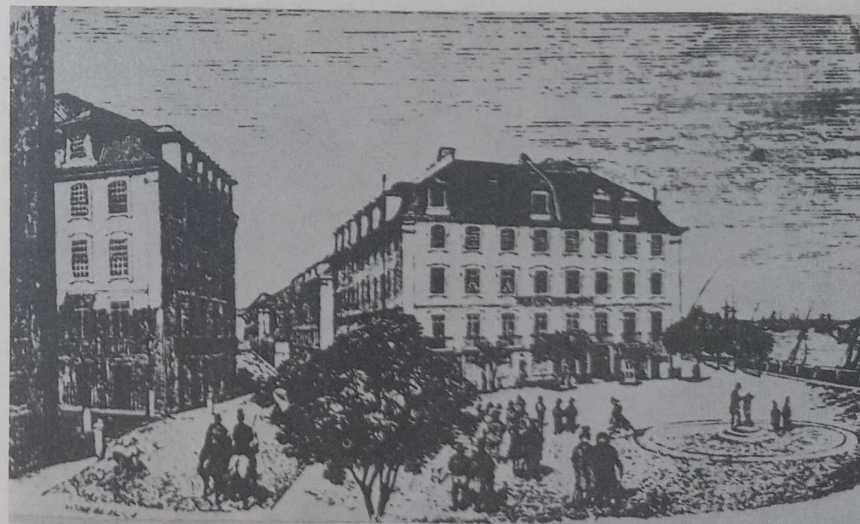
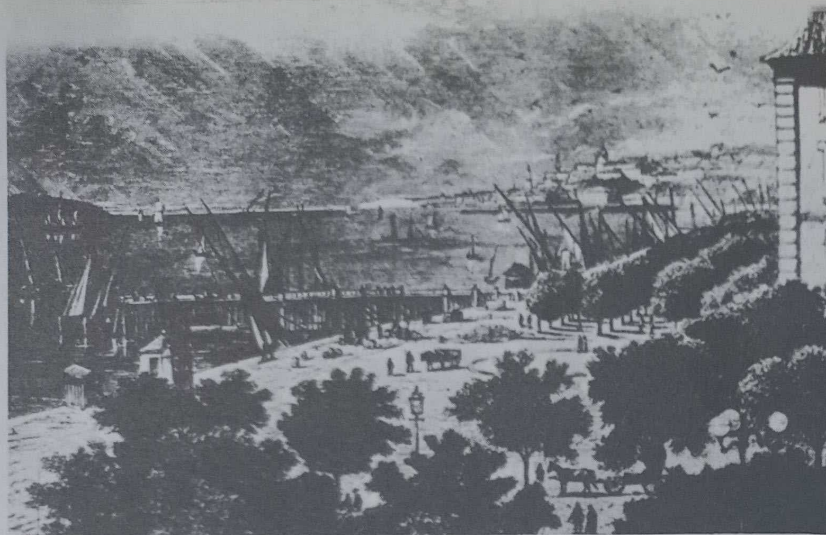
"Eu morava no primeiro andar da casa nº 19 da então Travessa do Guarda-Mor em pleno Bairro Alto. (...) Uma larga janela de sacada abria para a Rua dos Calafates." Jaime Batalha Reis, 1903, em *Introdução* a *Prosas Bárbaras*. (Foto do Autor)

Em cima, antiga Rua do Ferregial de Cima (hoje Rua Victor Cordon). "Mas se necessitar alguma coisa, uma informação, uma apresentação nas regiões oficiais, licença para visitar algum estabelecimento público, creia que me tem às suas ordens! E conservando na sua mão a mão de Basílio: — Rua do Ferregial de Cima número três, terceiro. O modesto tugúrio de um eremita." (Conselheiro Acácio, em *O Primo Basílio*)

Embaixo, a Pastelaria Baltreschi, hoje uma casa de máquinas de costura, *PFAFF*: "Está um dia apreciável! (teria dito o Conselheiro Acácio). E ofereceu-lhe bolos à porta do Baltreschi." (*O Primo Basílio*) (Fotos A. Campos Matos)

Em cima: "A chuva recomeçara; e ao fundo da Calçada do Alecrim separaram-se, quando soavam devagar as onze horas na torre da Igreja de S. Paulo". (*A Capital*)

Ao lado, antiga Travessa da Parreirinha, hoje Rua do Capelo. Ao fundo, a antiga Rua de São Francisco, hoje Ivens. "Mas havia a *mentira,* a *mentira* inicial, dita no primeiro dia em que fora à Rua de São Francisco, e que, como um fermento podre, ficava estragando tudo daí por diante, doces conversas, silêncios, passeios, sestas no calor da quinta, murmúrios de beijos morrendo entre os cortinados de ouro..." (*Os Maias*) (Fotos A. Campos Matos)

Em cima, os *americanos* circulando pela Praça do Pelourinho, hoje Praça do Município, vendo-se a Câmara Municipal de Lisboa.

Embaixo, a Antiga Praça dos Remolares, hoje Praça Duque da Terceira, entre as Ruas do Alecrim, dos Remolares e Cais do Sodré. (Fotos *Diário de Notícias,* de Lisboa)

Em cima, o Aterro na altura do Cais do Sodré, como era na década de 1870. (Foto *Diário de Notícias,* de Lisboa)

Embaixo, a Avenida 24 de Julho, antigo Aterro, vista numa tarde de inverno lisboeta. "Chegara ao fim da Rua do Alecrim quando viu o Conde de Steinbroken, que se dirigia ao Aterro, a pé, seguido da sua vitória, a passo (...). Do fim do Aterro aproximava-se, caminhando depressa uma senhora — que ele reconheceu logo, por esse andar que lhe parecia de uma deusa pisando a terra, pela cadelinha cor de prata que lhe trotava junto às saias, e por aquele corpo maravilhoso, onde vibrava, sob linhas ricas de mármore antigo, uma graça quente, ondeante e nervosa". (*Os Maias*) (Foto do Autor)

Eça de Queiroz como apreciador supremo de Lisboa, de sua luz, de suas cores, do aspecto de sua casaria, muitas e muitas vezes se refere ao colorido da cidade. A este propósito, o pintor contemporâneo Abel Manta lamentou, em depoimento aos *Amigos de Lisboa,* que a cidade houvesse perdido talvez o seu maior encanto com aquela mão de oca com que há alguns anos foi enlambuzada. "Aquela figura *grisaille,* de madrepérola, onde sobretudo os brancos eram de uma riqueza de tentar Cezannes, Renoirs, Friezas e Utrillos, levou-as o diabo. O próprio sol de Agosto — *brutal, provinciano e democrático,* como lhe chamava o Sá Carneiro — quebrava as suas fúrias de encontro ao casario patinado e aos telhados musguentos. Vê-se que, como para limpar uma pintura, também limpar uma cidade não é tarefa fácil. Que vejam, para não ir mais longe, esta Praça de Camões e o Chiado..."

Em *O Crime do Padre Amaro,* Gouveia Ledesma, Secretário-Geral que dirigia o distrito de Leiria na ausência do Governador Civil, levantava-se tarde. Naquela manhã, de *robe-de-chambre,* à mesa do almoço, partia os seus ovos quentes, lendo com saudade, no jornal, a narração apaixonada de uma pateada em São Carlos, quando o criado, um galego que trouxera de Lisboa, veio dizer que "estava ali um cura. — Um cura? Que entre para aqui! E murmurou para a sua satisfação pessoal: — O Estado não deve fazer esperar a Igreja. — Ergueu-se e estendeu as duas mãos ao Padre Natário que entrava, muito composto, na sua longa batina de lustrina (tecido lustroso)."

Praticamente quase todo o enredo do romance se desenvolve em Leiria e arredores. Mas a história se conclui em Lisboa, de forma muito característica. "Nos fins de Maio de 1871 havia um grande alvoroço na Casa Havaneza, ao Chiado, em Lisboa. Pessoas esbaforidas chegavam (...) para a grade do balcão, onde a uma tabuleta suspensa se colavam os telegramas da Agência Havas; sujeitos de faces espantadas saíam consternados, exclamando logo para um amigo mais pacato que os esperava fora: 'Tudo perdido!'" Eram as notícias sobre a Comuna de Paris. Num dia já quente, no começo de verão, as pessoas andavam no Largo do Loreto, pelo Chiado até ao Magalhães, voltavam a cada momento; havia vozes lançadas com furor, entre o ruído das tipóias e os pregões dos garotos gritando *suplementos.* Batalhava-se nas ruas da capital francesa. O Chiado lamentava com indignação aquela ruína de Paris. Havia indivíduos furiosos com o incêndio das Tulherias e outros invectivavam contra o desrespeito aos monumentos em que eles tinham posto os seus olhos. Havia um estremecimento de furor do Loreto ao Magalhães. Num grupo ao pé da Casa Havaneza discutia-se e politicava-se em torno do nome de Proudhon, que já se

começava a citar em Lisboa como um monstro sanguinolento. Outros diziam que ele era um bom estilista, ao que alguém berrou: — Se aqui o pilhasse no Chiado rachava-lhe os ossos! E rachava mesmo. Ninguém se mostrava mais exaltado do que um guarda-livros de hotel que, do alto da Casa Havaneza, brandia a bengala, aconselhando à França a restauração dos Bourbons. Padre Amaro e o Cônego Dias se encontraram, abraçaram-se com veemência e foram andando até ao Largo de Camões. E ali pararam junto à estátua. Amaro aspirava à paróquia de Vila Franca. Esse encontro é rico de considerações interessantes sobre Portugal e sobre o caráter do principal personagem do romance. "O mal é que não nos respeitam, não fazem senão desacreditar-nos." O Conde de Ribamar apareceu e juntou-se a eles, para dizer-lhes: "Enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como Vossas Senhorias, Portugal há-de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a Fé, meus senhores, é a base da Ordem!" E acrescentava: "Senão, vejam Vossas Senhorias isto: Que paz, que animação, que prosperidade!" E apontava para o Largo do Loreto onde, num fim de tarde serena, se concentrava a vida na cidade. Tipóias vazias rodavam devagar. Nalguma magra pileca ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho. Outras cenas são apontadas e descritas. E o Conde de Ribamar dizia: "Vejam toda esta paz, esta prosperidade, este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos a inveja da Europa! E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país — ali ao pé daquele pedestal, sob o frio olhar de bronze do velho poeta, erecto e nobre, com os seus largos ombros de cavaleiro forte, a Epopéia sobre o coração, a espada firme, cercado de cronistas e dos poetas heróicos da antiga pátria — pátria para sempre passada, memória quase perdida!"

No monumento a Camões, de autoria de Victor Bastos, inaugurado em 9 de outubro de 1867, na Praça Luís de Camões, há estátuas menores, sobre a grossa coluna no cimo da qual está o Poeta, das seguintes figuras das letras portuguesas antigas: Fernão Lopes, João de Barros, Vasco Mousinho de Quevedo, Gomes Eanes de Azurara, Francisco de Sá Menezes, Fernão Lopes de Castanheda, Pedro Nunes e Jerónimo Corte Real.

Há um interessante relacionamento entre Eça de Queiroz e a principal obra de Camões. Em 1898, ao celebrar-se o quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo das Índias por Vasco da Gama, fez-se uma grande edição autográfica do programa das comemorações, ilustrada e com reproduções de retratos inéditos, com prefácio de

D. Antonio Mendes Bello e Manuel Pinheiro Chagas, e dirigida por Fernando Costa, da Real Academia das Ciências de Lisboa. Ilustres personalidades foram convidadas a copiar de punho estâncias do I Canto de *Os Lusíadas*. A estância I ("As armas e os barões assinalados...") foi transcrita por D. Carlos. Coube a Eça transcrever a estância XXII, conforme fotografia reproduzida nesta obra.

O romance *O Conde de Abranhos* começa com a carta de Zagalo, secretário particular de Alípio Severo Abranhos, Conde de Abranhos, à Excelentíssima Senhora Condessa de Abranhos, sobre as razões que ele tinha para glorificar a memória do varão eminente, orador, publicista, estadista, legislador e filósofo. Zagalo assinala seu endereço particular: um quarto andar da Rua do Carvalho (hoje Rua Luz Soriano, no Bairro Alto), "ninho doméstico" que a generosidade de Abranhos o permitiu adquirir. Dizia ser o único a ter privado com o Conde de Abranhos em chinelos e *robe-de-chambre*. Todos conheciam o *grande homem* que viram em São Bento, nas secretarias, no Paço, no Grêmio. Mas era ele quem conhecia o *homem*. Mais adiante, Zagalo diz que Abranhos revelava seu gosto pelo luxo, pelas largas habitações tapetadas, enquanto considerava odiosa a pobreza. "Quanta vez, mais tarde, quando ele subia o Chiado pelo meu braço, eu me vi forçado a afastar com dureza os pobres, que à porta do Baltreschi ou da Casa Havaneza vinham, sob o pretexto de filhos com fome ou de membros aleijados, reclamar esmola: o conde, se os via muito perto, ficava todo o dia enjoado."

Zagalo narra o episódio que precedeu a indicação de Abranhos para a lista de candidatos a Deputado pelo círculo (distrito eleitoral) de Freixo-de-Espada-à-Cinta. Inicialmente era candidato governamental Artur Gavião, filho do Presidente do Banco Nacional, um jovem de vida dissipada a quem o pai queria forçar, pelos deveres que lhe imporia São Bento — isto é, o Parlamento —, a uma vida disciplinada, sóbria e útil. Conta-se que Alexandre Herculano dizia: — Se o Gavião queria morigerar o rapaz, devia-o conservar no bordel, e não o mandar para o Parlamento! A indicação do Artur Gavião para o Parlamento era considerada uma afronta ao bom senso, tratando-se de um indivíduo que, às quatro horas da tarde, descia o Chiado numa tipóia com meretrizes andaluzas, completamente embriagado.

Por causa de uma questão de ofensa em debate parlamentar, uma calúnia, o Conde de Abranhos foi envolvido num duelo. Preveniu o Padre Augusto, sigilosamente, embora dizendo que não era caso de segredo de confissão, para que, se houvesse uma desgraça, consolasse a Virgininha. A princípio fora o duelo fixado para realizar-se na Cruz Quebrada. Estava tudo pronto para começar às sete da manhã — uma

manhã clara, fria e seca. Alípio e suas testemunhas chegavam ao local aprazado e eis que o regedor de Belém e seus cabos de polícia, desembocando com fúria, detrás de um maciço de árvores, apoderaram-se dos sete cavalheiros, incluindo o respeitável cirurgião. Foram postos em liberdade às dez horas. A alegria de D. Virgininha, depois que soube de tudo, foi, porém, interrompida pela visita de dois cavalheiros que vieram dizer que a polícia fora avisada em tempo por uma pessoa da casa. Uma brincadeira torpe. Por isso, era proposto novo duelo, para a manhã seguinte, no Lumiar. Se novamente a polícia aparecesse, era a prova provada de que tinha havido fraude no processo do duelo. Nesse caso, todos os amigos de seu adversário teriam de ser enfrentados em duelos em separado, incluindo o Peixotinho. Cinco duelos em lugar de um! Mal sabiam os que passavam, à Saída do São Carlos, pelo Largo do Quintela, que ali, no segundo andar, por trás de uma janela iluminada, onde morava Abranhos, havia um *Horto*, uma hora do *Jardim das Oliveiras*. Abranhos sentia-se alucinado. Pensou em aprender um *bote secreto*, desses de que lera nos romances, que se aprendem em Itália e que inspiram terror em salas de esgrima. Pensou em fazer testamento. Desejou que houvesse uma revolução, ou um incêndio que devorasse metade de Lisboa. Desesperadamente olhava a tenebrosa pacatez do Largo do Quintela. O duelo realizou-se e Abranhos sofreu um *golpezito*, que sararia com adesivo em três dias, mas a honra foi satisfeita. Alípio voltou para Lisboa com seus padrinhos, na tipóia, tapando a orelha com o lenço. "Tal foi este combate histórico. Os jornais da oposição celebraram o orador que sustentava as suas idéias com a espada e derramava por elas o sangue de sua orelha."

O *Almanach Palhares*, de Lisboa, do ano de 1900, traz o que se poderia chamar um código de normas sobre o duelo: testemunhas, adversários, armas e formas de encontro. Menciona a frase de um escritor português que dizia ter o duelo em Portugal consumido mais tinta do que derramado sangue.

Não obstante vir de longe a proibição de duelos (as Ordenações Filipinas o condenaram), não obstante tal prática atentar contra as determinações da Igreja e contra disposições dos códigos penais de 1852 e de 1886 — isto não era bastante para impedir que irrompessem duelos em Portugal, sob uma atmosfera de tolerância na aplicação da lei. Atente-se, no caso de duelo em que foi envolvido o Conde de Abranhos, para o fato de que a polícia interveio e prendeu, apenas por algumas horas, os participantes daquele desafio. Quando Eça de Queiroz escreveu *O Conde de Abranhos*, em 1879, vigia, portanto, a proibição de duelo no código penal de 1852. Neste, como no de 1886, as penas eram consideradas leves. Eram previstas penas de alguns

meses de prisão para os duelistas e, no caso extremo de resultar a morte de um adversário em duelo, o autor do homicídio, segundo o artigo 385, do Código Penal de 1886, podia ser punido com prisão de um a dois anos. O código Penal, hoje em vigor, aprovado pelo Decreto-Lei nº 400 de 23 de setembro de 1982, não contém referência ao crime do duelo em Portugal porque este caiu em desuso; já não é costume bater-se em duelo.

No livro *Os Grandes Duelos em Portugal*, Lisboa, 1946, Artur Portela descreve o que chamou de o último duelo em Portugal, ocorrido em 21 de abril de 1928, entre o Doutor Dias Ferreira e o Doutor Beirão da Veiga. Eram ambos professores do Instituto de Ciências Econômicas e Financeiras e o motivo do duelo não era uma grande questão de pundonor, não era a honra do lar conspurcada. Era uma discrepância em matéria de ordem interna daquele estabelecimento de ensino. Depois de receber as testemunhas, o Doutor Dias Ferreira se dirigiu ao Grêmio Literário (onde, aliás, ainda hoje se pratica esgrima como desporto, contando com um conhecido especialista e professor, o Mestre d'Armas Pimentel). Pediu a um amigo que o ensinasse como se pegava numa espada. O duelo, pelas normas conhecidas, devia ocorrer no dia seguinte ao do lançamento do desafio. Lisboa ficou dominada por esse *affair*. Faziam-se complicadas diligências para evitar o encontro, até com intervenções de Ministros. Pediu-se ao comandante da Polícia (era Ferreira do Amaral, um bravo oficial da batalha da Flandres) que prendesse os antagonistas, o que ele não aceitou, havendo mesmo declarado: "Se me obrigam a proibir o duelo, têm de se bater a murro!" Na estrada militar da Ameixoeira (no Lumiar, parte norte de Lisboa, não distante do aeroporto), no famoso duelo, o Doutor Beirão da Veiga feriu o Doutor Dias Ferreira com uma incisão de quatro centímetros no antebraço. Os médicos o declararam em estado de inferioridade, pelo que o desafio foi terminado, com honra para ambas as partes. Mais tarde, reconciliaram-se. Artur Portela, em cuja obra este relato se fundamenta, não deu conta de procedimento judicial a respeito daquele pacto de honra.

Zagalo fala de um sobrinho de D. Joana Carneiro, um *marialva* de calça justa e jaquetão cingido, grande frequentador do Café Central (à esquina da Travessa Estêvão Galhardo, hoje Rua Serpa Pinto, com o Chiado), com a voz rouca da noitada da véspera, sempre acanhado de se encontrar numa sala entre senhoras, num lugar onde não houvesse fadistas, nem pilecas, nem meios litros. A tia, inquieta do futuro, procurava afincadamente colocá-lo numa repartição do Estado.

O secretário do Conde de Abranhos narra o episódio da revolução que, na madrugada, houvera em Portugal. Perguntar-se-ia se Eça de

Queiroz não buscou inspiração no fato histórico conhecido por saldanhada, movimento que estalara à uma hora da madrugada do dia 19 de maio de 1870. Daquele ato de força, dirigido pelo Marechal Duque de Saldanha, resultou a demissão do Governo chefiado pelo Duque de Loulé. Retornando a *O Conde de Abranhos*, disse Zagalo que, se não houvesse guerra civil, o Conde pensava combater a ditadura militar, na tribuna, se ela estivesse aberta; na imprensa, se ela fosse livre; se não, na rua, na Casa Havaneza, no Grêmio, no São Carlos, no Magalhães, no Chiado. Abranhos recusou-se, em carta, a aceitar a pasta num ministério que teve sua origem num ato violento e inconstitucional. Num dia abafado, de céu plúmbeo e canicular, espalhou-se a notícia de que o general estava a expirar. Tinha sido visto, dias antes, subir o Chiado a cavalo, como costumava, e ali estava agora, agonizando, entre o terror dos que a ele tinham ligado as carreiras e as fortunas e a esperança daqueles que, por dever oficial, lhe cercavam o leito mas ansiavam por herdar o poder de que ele se apossara. Alípio Abranhos retirara-se para Campolide a esperar, no remanso do campo, a próxima crise. Na época em que Eça de Queiroz escrevia, Campolide era quase campo aberto, no limite noroeste da cidade, como se pode bem ver em mapas de Lisboa da década de 1880. O tempo passou e Alípio Abranhos foi escolhido em outro governo como Ministro da Marinha. Depois dos momentos de grande alegria, em que os parentes e amigos gozavam a atmosfera ministerial de que já estava penetrada a casa de Abranhos, saíam eles do alto da Rua do Alecrim para seus destinos. A Fradinho quis logo saber se ela poderia ir ao São Carlos, para o camarote do ministério.

No conto *A Catástrofe*, está dito que: "De repente, do lado da Rua do Carmo, veio um rumor: era como que uma melopéia ritmada, que se sentia, que vinha no ar, que se aproximava; luzes de archotes, destacando-se no caiado das casas, apareceram à esquina do Rossio, e um grupo desembocou, marchando vivamente, ao compasso de um hino patriótico, cujo ritmo o impelia, num passo largo:

> "Guerra, guerra, a guerra é santa,
> Pela santa independência...".

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, na parte sobre memórias e notas, Eça traça o perfil daquela maravilhosa figura que foi o Fradique. Para Celso Vieira, em *O Génio e a Graça*, Porto, 1951, Fradique é composto por pedaços de velhos amigos. Mas por vários personagens Eça de Queiroz distribuiu reflexos de sua própria sensibilidade, do próprio Eu; até mesmo João da Ega, "em vez de autoretrato, é uma espécie de autocaricatura. Não se lhe encontra a melhor biografia nesses tipos... ou nos seus biógrafos. Autenticamente, vamos achá-la na correspondência epistolar, tão reveladora e faiscante de verve, tão imaginosa ou imprevista como lhe era a conversação"; desentulhou Eça de Queiroz o Fradique Mendes da obscuridade e ergueu-o no alto do escudo com o radiante mestre dos novos.

Foi, uma noite, à *Revolução de Setembro*, procurar um companheiro de Coimbra, Marcos Vidigal, que, vadiando em Lisboa, escrevia uma "Crônica lírica" aos domingos, para a *Revolução*, a fim de gozar, gratuitamente, bilhetes para a ópera do São Carlos. Vidigal esclareceu a Eça que Fradique, o poeta das *Lapidárias*, não residia em Lisboa. Viera da Inglaterra visitar Sintra e parava em Lisboa no Hotel Central, antes de recolher a Paris, seu centro e seu lar. Se ele, Eça, desejasse conhecer um homem genial, que o esperasse no domingo seguinte, às duas horas, depois da missa do Loreto, à porta da Casa Havaneza. Era tradicional a missa da uma naquela igreja da comunidade italiana, no Chiado, um belo templo do século XVI, reconstruído após o terremoto de 1755. Ainda nos dias de hoje há a missa da uma no Loreto, sem aquela significação social, logicamente, da época queiroziana. E o autor gastou a noite preparando frases, cheias de profundidade e beleza, para lançar a Fradique Mendes e glorificar as *Lapidárias*. Com amoroso cuidado, burilou e repoliu esta frase: "A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos!" Marcos Vidigal já o esperava impaciente roendo o charuto. Saltaram para a tipóia e bateram através do Loreto, que escaldava ao sol de agosto, e desceram a Rua do Alecrim. Ao chegarem ao Hotel Central, Vidigal empalideceu de desespero ao saber que Fradique tinha tomado uma caleche para Belém. Mas, um instante depois, uma tipóia lançada a trote estacava na rua com as pilecas fumegando. Um homem descia, ligeiro e forte. Era Fradique Mendes. Eça podia à vontade contemplar no Hotel Central o cinzelador das *Lapidárias*. O que logo o seduziu foi "sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquele chão de ladrilhos onde pousavam seus largos sapatos de verniz, resplandecendo sob polainas de linho".

Em 1916, mais de três lustros depois da morte de Eça de Queiroz, o Hotel Central esplendeu em homenagem a um brasileiro que foi amigo do grande escritor português: Olavo Bilac. Lá se realizou um banquete ao poeta parnasiano, em sua terceira e última viagem à Europa. Bilac só viera a conhecer Eça de Queiroz em Paris, em 1890, graças a Domício da Gama e Eduardo Prado. Diz R. Magalhães Jr., em *Olavo Bilac e Sua Época*, Rio de Janeiro, 1974, que houve exagero de quem afirmou que Eça e Bilac ficaram tão íntimos que teriam sido companheiros de pândegas. Bilac era um jovem de 25 anos e Eça já tinha 45. José Guilherme Merquior, em *De Anchieta a Euclides*, Rio de

Janeiro, 1977, alude corretamente às relações familiares de Bilac com Eça, um coroamento para a vida do jovem parnasiano, como também o foi colaborar na *Gazeta de Notícias*, ao lado de Machado de Assis.

Diz o criador das histórias de Fradique que, em 1871, percorria o Egito e eis que lá o encontrou navegando no Nilo, vestido numa cabaia de seda, celebrando por entre o fumo da *cigarrette* a imortalidade de Boileau. Perguntou depois pela pachorrenta Lisboa, então já vestido com uma larga quinzena preta e um colete branco fechado por botões de coral. O laço da gravata de cetim negro representava bem, naquela terra de roupagens soltas e rutilantes, a precisão formalista das idéias ocidentais. O autor conta as revelações de Fradique à medida que ele falava do *babismo*, uma outra fé que surgia no mundo muçulmano com seu cortejo de martírios e de êxtases. E um dia, voltou a Portugal avistando numa manhã o claro Tejo, lançando uma injúria às igrejas de Lisboa. Desembarcou, galgou a bendita Rua do Alecrim e, em meio do Loreto, à hora em que os diretores gerais sobem da Arcada (Terreiro do Paço), abriu os braços e bradou: — "Eu sou a porta!"

O *babismo* a que se refere Eça de Queiroz, por intermédio de seu heterônimo Fradique Mendes, é a fé Bahá'í, que gira em torno de três figuras centrais: a primeira, um jovem nativo de Xiraz, de nome Mirzá'Alí-Muhammad, conhecido como o Báb (quer dizer Porta), que, em maio de 1844, aos 25 anos, anunciou sua pretensão de ser o arauto de uma nova fé, da iniciação de um novo ciclo na história religiosa da humanidade. Atuou, nessa nova religião persa, como São João Batista para o Cristo. A segunda figura, predita pelo Báb, foi o Bahá'u'lláh (a Glória de Deus), encarcerado em Teerã e exilado em Bagdá e depois em Constantinopla e Adrianópolis. Durante o exílio, formulou as leis e preceitos de sua Revelação e de sua Fé, proclamando sua mensagem ao Oriente e ao Ocidente, a cristãos e muçulmanos, aos chefes do Islã xiita e sunita, aos sumos pontífices do zoroastrismo. E a terceira figura do *babismo* foi o seu filho mais velho, 'Abbás Effendi, conhecido como Abdu'l-Bahá (o servo da Bahá), que faleceu em 1921 e está sepultado em Haifa. A comunidade Bahá'í no Irã, talvez cerca de 350 mil pessoas, tem enfrentado problemas com a ascensão de novo regime no país, em 1979. A comunidade Bahá'í mundial tem hoje sede no Monte Carmelo, em Haifa, Israel. Segundo as notícias da imprensa portuguesa, em maio de 1983 acabara de realizar-se a 5ª Convenção Internacional da fé Bahá'í em Haifa, com a presença de mais de uma centena de assembléias espirituais nacionais de variadas áreas do mundo, de Portugal inclusive. A literatura religiosa Bahá'í em língua portuguesa tem base no Brasil, sendo seu principal manual religioso o livro *A Presença de Deus*, de Shoghi Effendi, traduzido do inglês em 1981,

editado no Rio de Janeiro pela Assembléia Espiritual Nacional dos Bahá'í do Brasil. Um volume de 552 páginas.

O interesse de Eça de Queiroz por assuntos orientais foi obviamente espevitado por sua visita ao Oriente Médio em fins de 1869 (havia apenas 25 anos que o Báb anunciara sua missão), quando ele contava apenas 24 anos de idade. Naquela ocasião visitara o Egito e outros lugares daquela região, tendo assistido à inauguração do Canal de Suez. *A Correspondência de Fradique Mendes* em que o *babismo* foi mencionado — como se acaba de ver — foi originariamente publicada na *Revista de Portugal*, em 1888. Postumamente, em 1909, foi publicada em livro. Bem se pode imaginar o certo valor de novidade que havia, àquela época, em referir-se Fradique Mendes ao *babismo*, proclamando no Loreto: "Eu sou a Porta!"

O que logo impressionava na inteligência de Fradique, ou antes, na sua maneira de se exercer, era a suprema liberdade junto à suprema audácia. Relembre-se aquele episódio, já referido nesta obra, do desafio aos trinta séculos de geometria: a ida do Hotel Universal à porta da Casa Havaneza, pela *curva* vadia e delirante através do bairro de São Martinho e pelos altos da Graça. Fradique era de resto ajudado por uma prodigiosa memória, que tudo recolhia e tudo retinha — vasto e claro armazém de fatos, de noções, de formas, todos bem arrumados, bem classificados, prontos sempre a servir. "O nosso amigo Chambray afirmava que, comparável à memória de Fradique, como instalação, ordem e excelência do estoque, só conhecia a adega do Café Inglês". Deve tratar-se, talvez, da Taberna Inglesa, situada perto do Hotel Central, nº 2 a 8, do Cais do Sodré e Rua dos Remolares (então grafada Romulares).

Fradique costumava dizer que Lisboa só lhe agradava como paisagem. Com alguns fortes retoques, incluindo uma varredela definitiva pelas suas benditas ruas, Lisboa seria uma dessas belezas da natureza criadas pelo homem, motivo de sonho, de arte e de peregrinação. Mas uma existência enraizada em Lisboa não parecia tolerável a Fradique porque lhe faltava uma atmosfera intelectual. "Depois, certas feições, singularmente repugnantes, dominam. Lisboa é uma cidade aliterada, afadistada, catita e conselheiral. Há literatice na simples maneira com que um caixeiro vende um metro de fita; e, nas próprias graças com que uma senhora recebe, transparece fadistice; mesmo na arte há *conselheirismo;* e há *catitismo* mesmo nos cemitérios. Mas a náusea suprema, meu amigo, vem da politiquice e dos politiquetes."

Na carta de Fradique ao Visconde de A.T., escrita em Londres, responde ele à pergunta sobre qual o melhor alfaiate de Londres. Dizia ele que, se o caro patrício desejasse um alfaiate que pudesse citar

com orgulho, à porta de Havaneza, rodando lentamente para mostrar o corte ondeado e o fino da cinta, e que servisse mais tarde, na velhice, como recordação consoladora de elegâncias moças — então ele aconselhava o Tomás Cook.

Em carta a Madame de Jouarre, escrita de Lisboa, Fradique descreve o respeitado hóspede de D. Paulina, o Pinho, brasileiro, o Comendador Pinho, aqui já referido, que chegou uma tarde de inverno num paquete da Mala Real. Passeava por todo o centro da cidade, subia o Chiado, dobrava a esquina da Rua Nova da Trindade, regateava com placidez e firmeza uma senha para o Ginásio (Theatro do Gymnasio Dramático, já nesta obra explicado). Todas as sextas-feiras ia ao *London-Brazilian Bank*. Em outra carta a Madame de Jouarre, Fradique dizia que Padre Salgueiro, durante o inverno, só uma noite ia ao teatro, ao São Carlos, que era quando se cantava o *Poliuto*, uma ópera sacra de puríssima lição (de autoria de Donizetti, baseada na tragédia de *Corneille*, *Polyeucte*, tirada da hagiografia bizantina). Também Gounod tem uma ópera com o mesmo nome e tema, mas a menção ao nome *Poliuto* indica que se trataria, na história de Fradique, da composição italiana.

Em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, na edição da Editora Brasiliense, de São Paulo, Augusto Pissarra diz na introdução que no livro há uma curiosa miscelânea — dois folhetins da fase inicial de Eça de Queiroz, do tempo da *Gazeta de Portugal*, e uma série de artigos diversos, alguns de polêmica, algumas páginas dos últimos anos da vida do grande romancista. Um desses artigos se intitula *Vencidos da Vida*, em que Eça historia a criação daquele grupo num jantar íntimo do Restaurante Tavares, presumivelmente no fim do ano de 1888. Eça de Queiroz só veio a fazer parte do grupo em março de 1889, data em que gozava férias consulares em Lisboa. O artigo fora publicado no jornal *O Tempo*, dirigido pelo *vencido* Carlos Logo de Ávila, em resposta a um comentário que Pinheiro Chagas tivera no *Correio da Manhã*, estranhando que se apelidassem de *vencidos* aqueles *vencedores*. O primeiro jantar dos *vencidos* a que compareceu Eça de Queiroz se realizou a 26 de março de 1889. Faltou Guerra Junqueiro, que enviou da Ponte de Lima aquele conhecido telegrama em verso, que começa assim:

> "Onze da noite, chega o telegrama. Tudo
> já neste Eden do Lima é silencioso e mudo,
> astros e bacharéis, rosas e vereadores,
> ...."

Foi num desses banquetes, segundo Silva Gaio, que aconteceu a deliciosa pilhéria daquela mulher, *poule de luxe* da época que, tendo

ouvido falar de *deficit* orçamental, disse que o conhecia muito — era um rapaz do Banco Inglês. Esse episódio Eça utilizou no fim de *Os Maias*, dando ao personagem o nome de Adosinda.

Numa carta dirigida a *A...* (Tratar-se-ia do Conde de Ficalho), Fradique Mendes desaprova energicamente sua idéia de um romance sobre a Babilônia: "Que interesse podem ter os homens e as mulheres de Babilônia para o seu público, que vive no Chiado e na Rua do Ouvidor?"

Em carta a *E...* (um comentário feito nessa carta é quase idêntico a um que fizera Eça de Queiroz em carta a Mariano Pina, a respeito de galicismos e estrangeirices, de um patriota que reclamava das estrangeirices mas que na verdade escrevia em mau francês), Fradique se refere aos que amam as coisas portuguesas, os entes deliciosamente pitorescos do século XVIII, portugueses que se afundaram, se sumiram no grande terremoto constitucional que tudo achatou — tipos, costumes e caracteres. Tudo sumira e mergulhara nas trevas, o purista, o gramático, o fiscal da língua. Diz, então, Fradique, que, dentre as ruínas do Carmo ou de algum casarão do bairro de São Vicente, se ergue aquela sombra e se põe a marchar. As ruínas do Carmo são as da igreja gótica mandada edificar, com o Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, por D. Nuno Álvares Pereira, em 1389, e que nele foi sepultado. O terremoto de 1755 os danificou seriamente. A Rainha D. Maria I mandou reconstruir a igreja mas a obra não prosseguiu. Da igreja restam as imponentes colunas e os arcos, bem visíveis do Rossio, um dos *ex-libris* do centro lisboeta. Na igreja está instalado o Museu de Arqueologia e também a Associação dos Arqueólogos Portugueses. No mosteiro, que já não é o antigo, está hoje alojada a Guarda Nacional Republicana. No dizer de Raul Proença, em seu famoso guia de Portugal, de 1924, reeditado pela Fundação Gulbenkian em 1979, a Igreja do Carmo "era duma majestosa imponência, não só pela vastidão das suas três naves, como pela rica decoração que a ornava".

Em *Uma Campanha Alegre*, 1º Tomo, no artigo I, de julho de 1871, diz Eça de Queiroz que o Parlamento é "uma casa mal alumiada, onde se vai, à uma hora, conversar, escrever cartas particulares, maldizer um pouco e combinar partidas de *whist*. O Parlamento é uma sucursal do Grêmio". No artigo II, Eça faz um estudo crítico sobre os quatro partidos políticos de Portugal: o *histórico*, o *regenerador*, o *reformista* e o *constituinte*, todos constitucionais, católicos, centralizadores, com o mesmo afeto à ordem. Vivem, porém, num perfeito antagonismo, irreconciliáveis, latindo ardentemente uns contra os outros de dentro de seus artigos de fundo. Possuem, de comum, a lama do Chiado, que todos pisam, e a Arcada, que a todos cobre. No artigo III, comenta a

abertura das conferências democráticas por Antero de Quental, no Casino, em 19 de maio de 1871. "É a primeira vez que a revolução, sob a sua forma científica, tem em Portugal a palavra." O Casino Lisbonense era um antigo Café Concerto, segundo o *Almanach Industrial, Commercial e Profissional*, de Lisboa, de 1865, um "vasto estabelecimento" situado no Largo da Abegoaria, no Chiado, no qual se apresentava, no inverno, uma orquestra com artistas franceses. Davam-se nele grandes bailes de máscaras, os mais concorridos de Lisboa e o Café, sempre segundo o anúncio na referida publicação. Aberto todos os dias, era o mais elegante de Lisboa. Tinha por atração especial as *cancanistas* francesas. Mantinha loja de bebidas, dois bilhares, gamão, damas, dominó, assaltos e jogos de vasa. Conquanto na fachada do prédio que foi sede do Casino Lisbonense ainda em 1983 esteja inscrito em letras grandes o título da firma Barbosa & Costa, uma loja de móveis, ela já não funciona no local. Apenas lá se viam lotes de brinquedos para crianças, vendidos de forma avulsa. O andar térreo guarda todo o aspecto de instalações próprias de uma casa de diversões de categoria superior.

No artigo IV, Eça faz comentários sobre o partido reformista, que apareceu um dia, de repente, "sem saber como, sem se saber por quê. Era um estafermo austero, pesado, de voz possante. Ninguém sabia bem o que aquilo queria. Alguns diziam que era o sebastianismo sob o aspecto constitucional; outros, que era uma seita religiosa para a criação do bicho-da-seda. Corriam as mais desvairadas opiniões. Apresentava-se tão grave, tão triste, tão intransigente, que no Chiado afirmava-se ser um personagem da história romana empalhado!"

No artigo XII, é comentada a suspensão das conferências democráticas pelo Ministro do Reino, Marquês de Ávila e Bolama, o qual, nesse sentido, fizera chegar um papel, por um empregado de polícia, ao Senhor Zagalo, diretor do Casino. O artigo constitui um comentário de fundo, de cunho marcadamente irônico. Podiam ser lidos, nas bibliotecas e no Grémio, jornais e toda sorte de livros materialistas, racionalistas e socialistas. Mas as conferências do Casino ficavam proibidas. Enquanto isso, eram permitidas no Casino as conferências do deboche, e com muitos alunos: "Mulheres decotadas até o estômago, repertório de cantigas impuras, obscenas e imundas, ridicularização do pudor, da família, do trabalho, da virgindade, de dignidade, da honra, de Deus."

No artigo XIV, Eça faz uma análise do discurso da Coroa. O Poder Executivo, num momento de adorável franqueza, confessou ao Poder Legislativo que S. M. o Imperador do Brasil tinha estado em Lisboa. O comentário sobre o discurso da Coroa é simplesmente cáustico. Em

dado momento diz Eça que, não podendo falar como uma página de história, a Coroa conversa como uma tagarelice do Chiado. Como, no interregno, "o fato mais característico da vida nacional foi o partir para o Porto a companhia do teatro do Ginásio, que remédio se não que o discurso da coroa dê parte desse sucesso constitucional?"

No artigo XVIII, a propósito de Macau, Açores e África, em dado momento há esta frase: "E a Senhora Fulana, ladra muito conhecida na sociedade da Boa Hora." É uma referência ao tribunal criminal de primeira instância da comarca de Lisboa, com sede no antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, Largo da Boa Hora.

O artigo XXIV consiste em um comentário sobre o Parlamento, que Eça diz ser uma escola de humildade porque vive na Idade do Ouro, quando o mal ainda não existia e Caim era um bom rapaz; quando os tigres passeavam docemente com os cordeiros, quando ninguém havia tido o cavalheirismo de inventar a palavra *calúnia!* E a palavra *mente!* não atraía bofetada. "E veremos os tempos em que um senhor deputado, esbofeteado em pleno e claro Chiado, dirá modestamente ao agressor, mostrando o seu diploma: 'Sou deputado da nação portuguesa! Apelo para o país! Pode continuar a bater!'"

O artigo XXVI consta de comentários engraçados a respeito de r-e-v-o-l-u-ç-ã-o! São várias sentenças e frases compostas para *épater*. Uma delas é esta: "Mandaram-se fundir à Alemanha três carrilhões, no valor de três milhões cada um, para os Inglesinhos, São Luís e Mártires." Inglesinhos quer dizer o Convento e Igreja dos Inglesinhos Católicos, fundada em 1594, situado na Travessa dos Inglesinhos, entre a Rua da Atalaia e a Rua dos Caetanos, no Bairro Alto. São Luís é referência à Igreja de São Luís, Rei de França, na Rua das Portas de Santo Antão, que se avista do Largo de São Domingos. Foi edificada em 1551 e pertence à comunidade francesa, como o Loreto pertence à comunidade italiana. E Mártires é a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em pleno Chiado. Outra frase: "Foi preso o Senhor Batalha Reis, antigo conferente do Casino."

No artigo XXXV, diz: "Saíamos do Antony. Um pouco adiante de nós, subindo a Rua Nova do Carmo, vinham conversando dois espanhóis, espadaúdos e robustos. No alto da rua, ao fundo do Chiado, alguns fadistas, num grupo ruidoso, tocavam guitarra." Logo adiante, dizia que uma patrulha, que descia o Chiado, começou por atirar às costas do espanhol uma pancada horrível, que o deixou rendido, sufocado, a arquejar. Um fadista gania, escalavrado, sob outra coronhada municipal. Um dos soldados, depois, queixava-se de ter escangalhado a arma! Antony seria, com muita probabilidade, um restaurante situado na Rua do Príncipe, hoje Rua 1º de Dezembro.

No artigo XLI, Eça de Queiroz se queixava de que tinha reaparecido, no Teatro de São Carlos, um antigo costume prejudicial aos interesses da monarquia: quando S. M. está na Tribuna, no aparato da corte, no seu pequenino camarote cor de cereja, os espectadores não podem aplaudir, nem patear, nem mostrar opinião. Não aplaudir, ficar sério e sorumbático, é talvez respeito; mas pode confundir-se também com desgosto e tédio. Se um estrangeiro perguntasse — por que está esta platéia tão amuada? —, a resposta poderia ser: porque faz anos o seu Rei.

No artigo XLIV, sobre mazelas de Lisboa (nele está a curiosa história da compra do leopardo pela Câmara Municipal de Lisboa), diz Eça que a cidade vive sobre um furúnculo; onde quer que se pique, isto é, que se escave, sai uma vaporização torpe, que perturba. Há dias assim foi ao pé da Casa Havaneza. "E, no entanto, a Câmara mantém ao domicílio da imundície a inviolabilidade que a Carta só garante ao cidadão."

O artigo L é sobre o teatro em Portugal, que Eça diz estar acabando. Em primeiro lugar, pelo abaixamento geral do espírito e da inteligência; e em segundo, pelas condições industriais e econômicas dos teatros. Essa verdade ressalta dos próprios cartazes. O Ginásio (Rua Nova da Trindade), o Príncipe Real (teatro que se situava na Rua Nova da Palma, hoje Rua da Palma, perto da Mouraria, com fachada para o poente), a Rua dos Condes, dão comédias traduzidas dos velhos repertórios estrangeiros ou dramalhões para a estulta plebe, complicados com incêndios, naufrágios, desabamentos, maravilhas baratas. O Teatro encetou a ópera cômica. Aliás, o *Barba Azul* de Offenbach aparece referido no começo mesmo da *Tragédia da Rua das Flores* e a cena se passa no Teatro da Trindade. O repertório galante fatigou. "O Teatro D. Maria é a jangada da Medusa da arte Nacional". Sobrenadam, num esforço heróico, os restos da velha geração artística. O São Carlos chilreia. Eça fortemente se queixava de que o Governo não dá nada aos teatros nacionais mas subsidia o São Carlos. "O teatro de São Carlos o que é? O que faz? Não aumenta decerto o nosso patrimônio literário. Faz apenas a popularização da velha escola italiana de música sensualista, arte de que nada resulta para o país, senão alguns duetos que as donzelas beliscam ao piano, ou que os sinos tilintam ao levantar da hóstia! Que educação se tira da *Traviata* expirante, ou do imbecil *Trovador que corre a salvá-la!*" Mais adiante diz que o teatro de São Carlos não constitui um elemento de civilização, mas de decadência. É um teatro exclusivo de um público limitado, escolhido, sempre igual. O artigo é longo, a crítica é feroz e impiedosa (atente-se para o fato de que Eça tinha 26 anos quando escreveu este artigo). Termina por dizer que o luxo se sustenta pelo luxo. O São

Carlos, sem subsídio, que eleve os seus preços. Se ninguém quiser, que se feche o São Carlos.

O artigo LI trata da emigração e do aproveitamento das terras do Alentejo. "Tem sido de um alto grotesco este conselho que se dá de arrotear os terrenos do Alentejo! Todo o mundo dá, os jornais, os frequentadores da Casa Havaneza, os moços de café, e os poetas líricos. *Arroteie-se o Alentejo!* — exclama cada um esfregando as mãos, e puxando o fumo do cigarro. — Pois bem, meus senhores, sim, arroteemos! Mas então aproveitemos este grande impulso nacional, esta energia das forças vivas! E de passagem — conquistemos o Santo Sepulcro, e mandemos varrer o Largo do Loreto!"

Em *Uma Campanha Alegre*, 2º Tomo, o artigo XXI, de fevereiro de 1872, trata de maneira muito irônica e engraçada do *Brasileiro,* como já foi visto nesta obra. Merece ser assinalada a frase segundo a qual o Chiado, sob os trópicos, dá a Rua do Ouvidor. E esta outra: "O brasileiro não é elegante como o Conde de Orsay ou Brummel: — mas tu, português *dandy* desventuroso do Chiado, ou contribuinte da Rua dos Bacalhoeiros, tens a tua elegância dependurada no bom Nunes Algibebe!" Nunes parece ser referência à firma J. Nunes Corrêa & Cia., armazém de fazendas e fatos (roupa de homem) feitos, que se situava à Rua do Ouro, nº 40 a 44, e à Rua de São Julião, nº 150 a 156, segundo o *Almanach Commercial de Lisboa,* 1888. Algibebe quer dizer vendedor de roupa feita.

O artigo XXIII tece considerações sobre Lisboa, a cidade doceira. Eça de Queiroz cita três pastelarias, das quais diz que "arrasam o nosso organismo social": Baltresqui (de Rodolfo Baltresqui, suíço, a princípio estabelecido na Rua dos Capelistas, 141 e 168; mais tarde, no Chiado, como já foi visto); Ferrari (fundada em 1846, na Rua Nova do Almada, nº 93, àquela época, hoje com o mesmo número) e Confeitaria Lisbonense, que se situava na Rua Larga de São Roque (hoje Rua da Misericórdia), nº 133 a 135.

O artigo XXXII consiste em uma carta dirigida à alma de D. Pedro IV, nos Elísios. Nela Eça de Queiroz trata das rivalidades entre Lisboa e o Porto: "É necessário que Vossa Majestade saiba que existe uma incurável rivalidade moral, social, elegante, comercial, alimentícia, política, entre Lisboa e Porto. Lisboa inveja ao Porto a sua riqueza, o seu comércio, as belas ruas novas, o conforto das suas casas, a solidez das suas fortunas, a seriedade do seu bem-estar. O Porto inveja a Lisboa, a Corte, o Rei, as Câmaras, São Carlos e o Martinho. Detestam-se. As damas de Lisboa riem-se da pouca distinção da pequena ciência, da falta de *chic* e de *quê* das *toilettes* do Porto? O Porto,

rubro de ódio, cobre as suas senhoras da suntuosidade dos estofos e das faíscas dos diamantes."

Em *Correspondência*, na carta dirigida a Ramalho Ortigão, datada de Newcastle, março de 1875, Eça de Queiroz comenta o discurso do Deputado Assunção no Parlamento, a que se referira Ramalho no volume das *Farpas*, que remetera a Eça. Acha o discurso extraordinário e pede a Ramalho o texto integral. Indaga: "Não será invenção de Ramalho, de Dickens, ou de uma obra inédita de Molière? Passou-se mesmo tal sessão? Possuímos, real, vivo, um tipo igual, se não superior, aos grandes tipos funambulescos que os países só possuem na idealidade estética da arte!" E prossegue: "A Espanha tem Sancho Pança; a França, Prudhomme; a Inglaterra, Perknif e tantos outros, sem esquecer o imortal Pikwick — mas têm-nos no romance, no teatro, no poema; nós, temos o nosso Assunção vivo, de carne, com um belo esqueleto movediço e engonçado, no Chiado, no Grêmio!"

Em carta a Oliveira Martins, datada de Bristol, 5 de maio de 1885, Eça de Queiroz pede informações mais precisas da vida e das intenções políticas de seu querido amigo. Pergunta-lhe por que abandonou o ilustre autor de *Os Comentários* (Júlio César) e largou "a correr como um perdidinho para o Largo de Camões, onde se ergue o santuário das *Novidades* e do Valbom (Carlos Lôbo de Ávila). Isto precisa uma explicação: dá-me para eu a dar aos que me pedem. Dize quando sai essa *Província* — e, repito-o, enverniza-lhe os tamancos. Dá abraço fraternal a Santo Antero. Teu do c. Queiroz."

No final da carta a D. João da Câmara (ator que hoje dá nome ao largo situado entre o Teatro D. Maria II e a estação ferroviária do Rossio), datada de Londres, 10 de maio de 1885, Eça de Queiroz dá o seguinte fecho: "Dá tremendo abraço a Bernardo (Conde de Arnoso) e a Vicente (Visconde de Pindela) a quem, de resto, escrevo. E lembre-me a Simãozinho (Doutor Simão Lopes Ferreira), se o vires no Grêmio (Literário)."

Em carta a Oliveira Martins, datada de Bristol, 10 de junho de 1885, Eça de Queiroz diz que tem andado num tal *período de estupidez* que não tem podido mandar-lhe um bocado de prosa bem confeccionado. Diz que estava pensando numa série de cartas escritas por um certo grande homem que viveu há tempos, depois do cerco de Tróia e antes do de Paris, e que se chamava *Fradique Mendes*, homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, *dilettante* e voluptuoso, *gentleman*, um amigo que já morreu. Quando viajava pelo Japão ou Ásia Central, fazia paisagem e quadros de costume. Em Portugal, pintava aos seus amigos de Londres e de Berlim as coisas e as idéias do Chiado, de São Bento, das tabacarias e dos salões.

Em carta à Condessa de Ficalho, datada de Londres, 21 de outubro de 1885, diz Eça de Queiroz que viajar é deixar um sítio onde se estava comendo, num hotel triste, um *boeuf-à-la-mode* triste, para ir, através da poeira, confusão e bagagem, comer, noutro hotel mais triste, outro *boeuf-à-la-mode* mais triste. "Mas nós vivemos num país tão monótono, que nem nele se conspira; e mesmo talvez não valesse a pena mandar fazer uma capa negra e reunir-se com alguns sujeitos de barbas, num subterrâneo, para tramar em voz cava a destruição da Carta e do Grêmio!"

Em carta ao Conde de Sabugosa, datada de Paris, 16 Rue de Berri, 31 de outubro de 1888, Eça de Queiroz alude à condição em que ele se encontra, como diretor de uma revista, uma coisa considerável chamada *Revista de Portugal* que a casa Chardron (do Porto) vai editar. Solicita-lhe um fino e burilado artigo. E conclui assim: "É como a mesa do Tavares ou do Bragança — com a diferença do *champagne extra-dry* não ser servido em copos, mas em frases!" O Conde de Sabugosa vivia no Palácio dos Césares, em Santo Amaro, numa casa hoje em mãos dos descendentes. Está situada na Rua 1º de Maio, nº 120-124, outrora a Rua do Calvário, vulgo Rua de São Joaquim. Geralmente se diz que aquela casa serviu de inspiração a Eça de Queiroz para criar o Ramalhete. Cabe aqui recordar que, em dada passagem de *A Relíquia*, Eça faz Teodorico Raposo visitar, num só dia, 18 igrejas para agradar à titi. Na lista delas está a das Salesias e a das Flamengas, ambas situadas não longe da casa do Conde de Sabugosa, que ele frequentava. Em outra carta ao Conde de Sabugosa, datada de Paris, 21 de julho de 1889, diz Eça de Queiroz que muito apreciou o elegante, erudito e interessante artigo do Conde, intitulado *Tourada*. Os pagamentos dos artigos, conforme trataria do assunto Manuel da Silva Gaio, secretário da *Revista de Portugal*, seriam feitos pelo correspondente da Livraria Chardron em Lisboa, a Férin (Livraria Férin, ainda hoje existente, à Rua Nova do Almada, nº 70).

Em carta a Oliveira Martins, datada de Paris, 26 de abril de 1894, Eça de Queiroz alegra-se por ter boas notícias de seu querido amigo e comenta-lhe o livro *Condestável*. Essa carta de Eça é uma breve incursão em temas históricos de Lisboa e Portugal. Cumprimenta Joaquim Pedro por essa "maravilhosa e inesquecível obra". Elogia a página sobre Valverde, aquela sobre Aljubarrota. E diz: "E pela parte toda do Convento do Carmo, não tenho senão a abraçar-te, mestre e amigo. Está claro que foste servido por um tipo de incomparável grandeza, e um momento de vida verdadeiramente sublime. Mas, aí no Carmo, nunca estiveste abaixo do teu herói — e ainda que seja penoso, muito penoso, fazer um tal elogio e um confrade em letras, sou for-

çado a confessar que toda essa parte da história de Frei Nuno está nobremente ao lado da vida de D. Nuno."

A carta a Carlos Mayer é um pequeno poema em francês, assinado José Maria, de *l'Académie Portugaise*. Desse pequeno poema, vai extraída a seguinte quadra: "Ou bien au Casino, dans un coin solitaire / Dédaignant des bonheurs trop faciles à cueillir, / Creuses-tu ces problemes qui depuis le Calvaire / Heurtent noutre pauvre âme et la font tressaillier?"

Em *O Primo Basílio*, Eça de Queiroz pinta, no início, o retrato de D. Felicidade de Noronha: "Às nove horas, ordinariamente, entrava D. Felicidade de Noronha. Vinha logo da porta com os braços estendidos, o seu bom sorriso dilatado. Tinha cinquenta anos, era muito nutrida, e, como sofria de dispepsia e de gases, àquela hora não se podia espartilhar e as suas formas transbordavam. Já se viam alguns fios brancos nos seus cabelos levemente anelados, mas a cara era lisa e redonda, cheia, de uma alvura baça e mole de freira; nos olhos papudos, com a pele já engelhada em redor, luzia uma pupila negra e húmida, muito móbil; e aos cantos da boca uns pêlos de buço pareciam traços leves e circunflexos de uma pena muito fina. Fora a íntima amiga da mãe de Luísa e tomara aquele hábito de vir ver a 'pequena' aos domingos. Era fidalga, dos Noronhas de Redondela, bastante aparentada em Lisboa, um pouco devota, muito da Encarnação" (poderia ser referência à Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, no Chiado, como ao Convento da Encarnação, perto do Campo dos Mártires da Pátria).

Mais adiante, é a vez da descrição da impagável figura do Conselheiro Acácio (talvez o mais feliz dos tipos irônicos de Eça, seguramente o mais conhecido e mais evocado de seus personagens). "Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até à calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto: tingia os cabelos que de uma orelha à outra lhe faziam colar por trás da nuca — e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da boca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do crânio. Fora, outrora, diretor-geral do Ministério do Reino, e sempre que dizia 'El-Rei!', erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais; não dizia vomitar, fazia um gesto indicativo e empregava restituir. Dizia sempre "o nosso Garrett, o nosso Herculano". Citava muito. Era autor. E sem família, num terceiro andar da Rua do Ferregial, amancebado com a criada, ocupava-se de economia política: tinha composto os *Elementos Genéricos da Ciência da Riqueza e Sua Distribuição, Segundo os Melhores Autores*, e como subtítulo: *Leituras do Serão*. Havia apenas meses publicara a *Relação de Todos os Ministros de Estado desde o Grande Marquês de Pombal até Nossos Dias, com Datas Cuidadosamente Averiguados de Seus Nascimentos e Óbitos*."

O Conselheiro Acácio, D. Felicidade, Luísa e Basílio passeavam pelo centro da cidade. Basílio achava preferível subir a pé ao Largo do Loreto. A noite estava agradável e andar fazia bem a D. Felicidade. "Depois, diante do Martinho, falou em irem tomar neve; mas D. Felicidade receava a frialdade, Luísa tinha vergonha. Pelas portas do café, abertas, viam-se sobre as mesas jornais enxovalhados; e algum raro indivíduo, de calça branca, tomava placidamente o seu sorvete de morango. No Rossio, sob as árvores, passeava-se..." Neve era sorvete. E o Martinho, a que se refere o texto, a julgar pela proximidade do Rossio, não era o da Arcada mas o famoso Café que existia no ex-Largo de Camões (não confundir com a Praça Luís de Camões), nº 14 a 18, *queirozianamente* denominado por Francisco Carlos Parente "o mais arcaico monumento da cavaqueira a maledicência lisboeta" (revista *A Construção Moderna*, Lisboa, 10 de agosto de 1908). O *Almanach de Lisboa*, de 1865, fazia, num só anúncio, a publicidade dos dois estabelecimentos, pelo que se deduz que pertenciam, à época, à mesma firma. No anúncio se dizia que a especialidade era sorvete.

Depois subiram os três pela Rua Nova do Carmo em direção ao Chiado, onde um garoto os perseguiu com cautelas de loteria. Uma troça de rapazes bêbedos assustou muito as duas senhoras que, ao Loreto, tomaram uma caleche descoberta, ali bem ao lado das grades da Praça de Camões. E partiram subindo a Rua Larga de São Roque, com suas casas apagadas, Basílio permanecendo imóvel no largo, com seu chapéu na mão.

Conversava-se em casa de Luísa, presentes o Conselheiro Acácio e Basílio. "Lisboa no verão era tão secante!" (adjetivo muito utilizado por Eça de Queiroz, que significa desagradável, aborrecido). O Conselheiro declarou que "Lisboa só era imponente, verdadeiramente imponente, quando estavam abertas as Câmaras e São Carlos". Disse que era um velho assinante de São Carlos, fazia 18 anos. Como a conversa passou a girar em torno de música, cantou-se. Basílio cantou uma modinha da Bahia (referências nas obras de Eça de Queiroz a canções populares brasileiras ou a certas coisas do Brasil são geralmnte vistas como fruto de influência de pessoas que vieram do Brasil e que o assistiram nos primórdios de sua infância):

> "Sou negrinha, mas meu peito
> Sente mais que um peito branco"...

çado a confessar que toda essa parte da história de Frei Nuno está nobremente ao lado da vida de D. Nuno."

A carta a Carlos Mayer é um pequeno poema em francês, assinado José Maria, de *l'Académie Portugaise*. Desse pequeno poema, vai extraída a seguinte quadra: "Ou bien au Casino, dans un coin solitaire / Dédaignant des bonheurs trop faciles à cueillir, / Creuses-tu ces problemes qui depuis le Calvaire / Heurtent noutre pauvre âme et la font tressaillier?"

Em *O Primo Basílio,* Eça de Queiroz pinta, no início, o retrato de D. Felicidade de Noronha: "Às nove horas, ordinariamente, entrava D. Felicidade de Noronha. Vinha logo da porta com os braços estendidos, o seu bom sorriso dilatado. Tinha cinquenta anos, era muito nutrida, e, como sofria de dispepsia e de gases, àquela hora não se podia espartilhar e as suas formas transbordavam. Já se viam alguns fios brancos nos seus cabelos levemente anelados, mas a cara era lisa e redonda, cheia, de uma alvura baça e mole de freira; nos olhos papudos, com a pele já engelhada em redor, luzia uma pupila negra e húmida, muito móbil; e aos cantos da boca uns pêlos de buço pareciam traços leves e circunflexos de uma pena muito fina. Fora a íntima amiga da mãe de Luísa e tomara aquele hábito de vir ver a 'pequena' aos domingos. Era fidalga, dos Noronhas de Redondela, bastante aparentada em Lisboa, um pouco devota, muito da Encarnação" (poderia ser referência à Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, no Chiado, como ao Convento da Encarnação, perto do Campo dos Mártires da Pátria).

Mais adiante, é a vez da descrição da impagável figura do Conselheiro Acácio (talvez o mais feliz dos tipos irônicos de Eça, seguramente o mais conhecido e mais evocado de seus personagens). "Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até à calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto: tingia os cabelos que de uma orelha à outra lhe faziam colar por trás da nuca — e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da boca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do crânio. Fora, outrora, diretor-geral do Ministério do Reino, e sempre que dizia 'El-Rei!', erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais; não dizia vomitar, fazia um gesto indicativo e empregava restituir. Dizia sempre "o nosso Garrett, o nosso Herculano". Citava muito. Era autor. E sem família, num terceiro andar da Rua do Ferregial, amancebado com a criada, ocupava-se de economia política: tinha composto os *Elementos Genéricos da Ciência da Riqueza e Sua Distribuição, Segundo os Melhores Autores,* e como subtítulo: *Leituras do Serão.* Havia apenas meses publicara a *Relação de Todos os Ministros de Estado desde o Grande Marquês de Pombal até Nossos Dias, com Datas Cuidadosamente Averiguados de Seus Nascimentos e Óbitos.*"

O Conselheiro Acácio, D. Felicidade, Luísa e Basílio passeavam pelo centro da cidade. Basílio achava preferível subir a pé ao Largo do Loreto. A noite estava agradável e andar fazia bem a D. Felicidade. "Depois, diante do Martinho, falou em irem tomar neve; mas D. Felicidade receava a frialdade, Luísa tinha vergonha. Pelas portas do café, abertas, viam-se sobre as mesas jornais enxovalhados; e algum raro indivíduo, de calça branca, tomava placidamente o seu sorvete de morango. No Rossio, sob as árvores, passeava-se..." Neve era sorvete. E o Martinho, a que se refere o texto, a julgar pela proximidade do Rossio, não era o da Arcada mas o famoso Café que existia no ex-Largo de Camões (não confundir com a Praça Luís de Camões), nº 14 a 18, *queirozianamente* denominado por Francisco Carlos Parente "o mais arcaico monumento da cavaqueira a maledicência lisboeta" (revista *A Construção Moderna*, Lisboa, 10 de agosto de 1908). O *Almanach de Lisboa,* de 1865, fazia, num só anúncio, a publicidade dos dois estabelecimentos, pelo que se deduz que pertenciam, à época, à mesma firma. No anúncio se dizia que a especialidade era sorvete.

Depois subiram os três pela Rua Nova do Carmo em direção ao Chiado, onde um garoto os perseguiu com cautelas de loteria. Uma troça de rapazes bêbedos assustou muito as duas senhoras que, ao Loreto, tomaram uma caleche descoberta, ali bem ao lado das grades da Praça de Camões. E partiram subindo a Rua Larga de São Roque, com suas casas apagadas, Basílio permanecendo imóvel no largo, com seu chapéu na mão.

Conversava-se em casa de Luísa, presentes o Conselheiro Acácio e Basílio. "Lisboa no verão era tão secante!" (adjetivo muito utilizado por Eça de Queiroz, que significa desagradável, aborrecido). O Conselheiro declarou que "Lisboa só era imponente, verdadeiramente imponente, quando estavam abertas as Câmaras e São Carlos". Disse que era um velho assinante de São Carlos, fazia 18 anos. Como a conversa passou a girar em torno de música, cantou-se. Basílio cantou uma modinha da Bahia (referências nas obras de Eça de Queiroz a canções populares brasileiras ou a certas coisas do Brasil são geralmnte vistas como fruto de influência de pessoas que vieram do Brasil e que o assistiram nos primórdios de sua infância):

> "Sou negrinha, mas meu peito
> Sente mais que um peito branco"...

O Conselheiro deu então seu endereço: "Rua do Ferregial de Cima, número três, terceiro, o modesto tugúrio de um eremita". Esta última frase se tornou quase um epigrama. A antiga Rua do Ferregial de Cima é hoje Rua Victor Cordon, em honra a Francisco Maria Victor Cordon, explorador português da África, da segunda metade do século passado. Nasceu em 1851 e morreu em 1901. Como já foi visto, algumas ruas do Chiado tiveram seus nomes mudados no fim do século passado e começos deste para homenagear modernos exploradores portugueses, como Capelo, Ivens, Antonio Maria Cardoso (explorador português da África, do Niassa especialmente. Nasceu em 1849 e morreu em 1900). Hoje, na Rua Victor Cordon nº 3 há uma placa colocada pela Câmara Municipal de Lisboa, em 18 de julho de 1952, que diz ter vivido e falecido naquela casa, a 17 de julho de 1913, o poeta Conde de Monsarás. Antonio de Macedo Papança (Conde de Monsarás) nasceu em Reguengos de Monsarás, em 1852. Sua maior obra, que lhe confere lugar entre os poetas portugueses que se fizeram eco de uma terra, segundo o *Dicionário de Literatura* organizado por Jacinto do Prado Coelho, Antonio Soares Amora e Ernesto Guerra Da Cal, é *Musa Alentejana*, seu último volume de poesias (1908). Tem um sabor virgiliano, no dizer de Urbano Tavares Rodrigues.

A uma referência de Basílio de que estava a cear no Grêmio quando trovejou, Luísa lhe perguntou se costumava cear. Respondeu Basílio: "Cear! Se se podia chamar cear ir ao Grêmio rilhar um bife córneo e tragar um Colares peçonhento." Hoje seria impossível deparar-se com um Colares peçonhento num bom lugar em Lisboa, muito menos no Grêmio Literário.

Sebastião e Joana caminhavam na rua e comentavam a respeito de um rapaz que todos os dias ia à casa de Luisinha, um primo que chegou do Brasil, um perfeito rapaz, todo janota. A vizinhança se punha a mexericar, a comentar. Estava-se a armar um escândalo. Sebastião descia a Rua Larga de São Roque quando encontrou Julião. E ficaram parados ao pé de uma confeitaria. Na vidraça, emprateleirava-se uma exposição de garrafas de Malvasia (vinho da Madeira, de cepa doce).

Há um momento em que Basílio pela primeira vez beija Luísa, em casa dela. Basilio deitou um olhar rápido em redor da sala e foi-a levando abraçada murmurando: "Meu amor! Minha filha!" Tropeçou mesmo numa pele de tigre estendida ao pé do divã. Ao chegar Juliana, Basílio cofiou o bigode, deu duas voltas na sala, acendeu um charuto e, para quebrar o silêncio, sentou-se ao piano e começou a cantarolar a ária do terceiro ato do Fausto: "Al pallido chiarore / Dei astri d'oro... Os joelhos de Luísa tremiam. Ouvindo aquela melodia, uma recordação foi-se formando no seu espírito ainda estremunhado. Era

uma noite, havia anos, em São Carlos, num camarote com Jorge; uma luz elétrica dava ao jardim, no palco, um tom lívido de luar legendário; e numa atitude estática e suspirante o tenor invocava as estrelas; Jorge tinha-se voltado, dissera-lhe: — Que lindo! — E o seu olhar devorava-a. Era no segundo mês do seu casamento. Ela estava com um vestido azul-escuro. E à volta, na carruagem, Jorge, passando-lhe a mão pela cintura, repetia: — Al pallido chiarote / Dei astri d'oro..."

Foi nesse momento que surgiu a idéia de Basílio de procurar uma casinha para se verem melhor, mais à vontade; não era mesmo prudente ali, em casa dela... Basílio deixou Luísa e foi para o Grêmio Literário onde as salas estavam quase desertas, naquela noite em que o calor mole do gás abafava. Lá escrevera uma carta para Luísa, às três horas da madrugada, depois de algumas partidas de *whist* (um jogo de cartas), um bife, dois copos de cerveja e uma leitura preguiçosa da *Ilustração*. Espiritualmente, Luísa já se sentia como tendo um amante e pensava no que dizia Leopoldina: "Não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita."

Que requintes teve Luísa naquela manhã em que recebeu a carta de Basílio: "Perfumou a água com um cheiro de Lubin, escolheu a camisinha que tinha melhores rendas. E suspirava por ser rica! Queria as bretanhas e as holandas mais caras, as mobílias mais aparatosas, grossas jóias inglesas, um *coupé* forrado de cetim... Porque nos temperamentos sensíveis as alegrias do coração tendem a completar-se com as sensualidades do luxo: o primeiro erro que se instala numa alma até aí defendida facilita logo aos outros entradas tortuosas; — assim, um ladrão que se introduz numa casa vai abrindo sutilmente as portas à sua quadrilha esfomeada."

D. Felicidade propôs a Luísa que fosse com ela à Encarnação. Luísa aceitou, apetecia-lhe ir ver altares alumiados, ouvir o ciciar de rezas no coro se os requintes devotos dissessem bem com as suas disposições sentimentais. Achava tão delicioso viver, sair, ir à Encarnação, pensar no seu amante! Luísa ia depois encontrar Basílio no *Paraíso* pela primeira vez. Estava muito nervosa e não conseguia dominar seu medo indefinido. Ao descer o Chiado (esta referência indica que se trata aqui da Ercarnação, ao Chiado), sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante e mesmo olhava com certo desdém os que passavam no movimento da vida trivial — enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa. Mas, à medida que se aproximava o momento, ela sentia uma contração de acanhamento, como um plebeu que tem de subir, entre alabardeiros solenes, a escadaria de um Palácio. Em outra ocasião Luísa visitava D. Felicidade que quebrou um pé na Encarnação. Segundo outros, torcera um pé. Havia quem dissesse que ela quebrara uma

perna. Luísa ficava sempre à cabeceira dela. Gertrudes chegou a dizer que D. Felicidade dera uma queda na Encarnação e que ficara em pedaços. "São pieguices de beatas", rosnou Julião, "o doutor". Luísa testemunhara que D. Felicidade tivera uma simples luxação. Tinha o pé em compressas de arnica, cheia de terror de perder a perna, rodeada de amigas, saboreando os mexericos do Recolhimento (pareceria — repita-se pareceria — aqui tratar-se do antigo convento, então e hoje Recolhimento das Comendadeiras, esposas e filhas de oficiais condecorados com a Ordem de Aviz, na Encarnação, no bairro de Santana, fundado pela Infanta D. Maria, filha de D. Manuel), e debicava petiscos. Luísa ia tomar um trem ao Rossio e, para não descer à porta do *Paraíso* "com espalhafato de tipóia", apeava-se ao Largo de Santa Bárbara.

Em outro momento, a empregada Juliana descia por São Pedro de Alcântara e, tomando para o Largo do Carmo, ia à ruazita defronte do quartel (essa ruazita era provavelmente a Rua da Condeça — assim era grafada em guias da época — hoje Rua da Condessa, que desemboca no Largo do Carmo bem defronte do quartel da Guarda Nacional Republicana). Ali morava num terceiro andar sua íntima amiga, a tia Vitória, uma velha que fora inculcadeira. Essa palavra, em uso corrente na época, aplicava-se a uma mulher que inculcava ou dava notícia de criadas domésticas. Era uma espécie de agente de empregos domésticos.

Enquanto isso, D. Felicidade continuava na Encarnação inundada de arnica. Sebastião fora para Almada, o Conselheiro partira para Sintra, a deliciar-se com as maravilhas daquele Eden, e a empregada Juliana ficava feliz com o silêncio pacato que reinava na casa e dizia para Joana: "Não se pode estar melhor! A barca vai num mar de rosas. — E acrescentou com uma risadinha: — E eu ao leme!"

Luísa já estava em plenos momentos de entrega a Basílio que, às vezes, já lhe parecia indiferente, muito secado... Basílio retrucava: "Mas que queres tu? Queres que te ame como no teatro, em São Carlos. Todas sois assim!..." Às seis horas da tarde, Luísa se desprendeu dos braços de Basílio e fez-lhe jurar que havia de pensar nela toda a noite, não queria que ele saísse: tinha ciúmes dele, do Grêmio, do ar, de tudo. Vem depois aquele conhecido trecho do passeio pela cidade, em que Luísa encontra, descendo do Bairro Alto, a figura digna do Conselheiro, trecho já bem referido nesta obra. É um passeio que começa em São Pedro de Alcântara, vai à Praça Luís de Camões, ao Chiado, passa pela Baltreschi (também grafado Baltresqui), pelo Valente (camisaria que existia na Rua Nova do Carmo, pertencente a Nunes Valente). Luísa quis desvencilhar-se e entrou na Igreja dos Mártires para fazer uma devoçãozinha. Disse adeus ao Conselheiro,

fechou a sombrinha, estendeu-lhe a mão, mas o Conselheiro a esperava à porta. Ao sair devagarinho, Luísa o viu à porta, direito, com as mãos atrás das costas num quadro lendo (a pauta dos jurados). Imediatamente louvou a devoção de Luísa e, conselheiralmente, disse que a aprovava muito: "A falta de religião era a causa de toda a imoralidade que grassava. E além disso é de boa educação. Vossa Excelência há-de reparar que toda a nobreza cumpre." Calou-se; aprumava a estatura, todo satisfeito de descer o Chiado com aquela linda senhora tão olhada. Ao passar por um grupo, curvou-se para ela misteriosamente e lhe disse ao ouvido sorrindo: "Está um dia apreciável!" Parou à porta do Baltreschi. Entrou no Valente e pediu gravatas de *foulard*. Acompanhou Luísa a uma boa farmácia, porque notou que ela estava incomodada e lhe convinha tomar água de flor de laranja. Desceram a Rua Nova do Carmo em direção ao Rossio. Aproximaram-se da Rua do Ouro e, à vista do Teatro de D. Maria, o Conselheiro falou em questões de arte dramática. De resto só gostava de comédias... Finalmente Luísa disse que tinha de ir ao Vitry fazer chumbar (obturar) um dente. O Vitry era o famoso cirurgião-dentista de Suas Majestades Fidelíssimas, A. Dumareille de Vitry, na Rua Áurea (vulgo do Ouro), nº 292, esquina do Rossio.

O processo de chantagem de Juliana vai de vento em popa. Aconselhava-se ela com tia Vitória. Não havia tempo a perder. Juliana devia ir falar com Basílio no hotel e entender-se com ele. E Vitória, sabendo que Juliana tinha em mãos uma carta que incriminava Luísa, dizia: "Ora essa! Que pensas tu? Por uma carta, que quase não tinha mal nenhum, pagou uma pessoa que bate aí o Chiado de carruagem — ainda ontem a vi com uma pequerrucha que tem — pagou trezentos mil réis. E em belas notas. Pagou-os o janota, já se sabe, foi o janota que pagou. Se fosse outro, não digo, mas o Brito! É rico, é um mãos-rotas, cai logo..."

Em meio à chantagem, e após confidências com Leopoldina, Luísa saiu. "Foi subindo devagar até ao Largo de São Roque. A porta da Igreja da Misericórdia estava aberta, com o seu largo reposteiro vermelho de armas bordadas que o vento agitava brandamente. Veio-lhe um desejo de entrar. Não sabia para quê; mas parecia-lhe que, depois da excitação apaixonada em que vibrara, o fresco silêncio da igreja a acalmaria. E depois, sentia-se tão infeliz que se lembrou de Deus! Necessitava alguma coisa superior, de forte a que se amparar. Foi-se ajoelhar ao pé de um altar, persignou-se, rezou o padre-nosso, depois a salve-rainha. Mas aquelas orações, que ela recitava em pequena, não a consolavam; sentia que eram sons inertes que não iam mais alto no caminho do Céu que a sua mesma respiração; não as compreendia bem, nem se aplicavam ao seu caso: Deus, por elas, nunca

poderia saber o que ela pedia, ali, prostrada na aflição. Quereria falar a Deus, abrir-se toda a Ele; mas com que linguagem? Com as palavras triviais, como se falasse a Leopoldina! Iriam as suas confidências tão longe, que O alcançassem? Estaria Ele tão perto, que a ouvisse? E ficou ajoelhada, os braços moles, as mãos cruzadas no regaço, olhando as velas de cera tristes, os bordados desbotados do frontal, a carinha rosada e redonda de um Menino Jesus!"

Num sábado, o *Diário do Governo* publicou a nomeação do Conselheiro Acácio ao grau de Cavaleiro da Ordem de Sant'Iago, atendendo aos seus grandes merecimentos literários, às obras publicadas de reconhecida utilidade, e mais outras coisas. Convidou logo Jorge, Sebastião e Julião para um jantar na quinta-feira, um modesto jantar de rapazes, no seu "humilde tugúrio", para festejarem a régia graça. O jantar seria às 17:00 horas. Na quinta-feira, Jorge, Sebastião e Julião se encontraram na Casa Havaneza e de lá foram para casa do Conselheiro, onde houve um famoso jantar e uma famosa conversa. O Conselheiro advertira: "Não esperem o festim de Lúculo: é apenas o modesto passadio de um humilde filósofo!" Lá estava um outro sujeito, o Alves Coutinho. Uma sopa de macarrão. "Pode ir trazendo o cozido, senhora Filomena!" Havia um creme crestado a ferro de engomar. O café foi servido na sala. Adelaide trazia os licores. E viram, então, aparecer uma bela mulher de trinta anos, trazendo uma bandeja de prata onde tremelicavam copinhos, a garrafa de conhaque e o frasco de curaçao.

No dia 13 de março de 1983, o Centro Nacional de Cultura de Lisboa, dirigido por Helena Vaz Silva, promoveu um "passeio de Conselheiro Acácio" pelo centro de Lisboa, sob a orientação douta do Professor Fernando Castelo Branco. Os participantes, perto de uma centena de pessoas, eram convidados a ostentar um "perfume da época" em seu traje. O passeio terminou com um almoço no Restaurante Canteiro, na Rua Victor Cordon, precisamente em frente do nº 3, daquela rua, antiga Ferregial de Cima, onde morou Acácio. Foram rigorosamente seguidos a ementa (menu) e o ritual daquele jantar.

A conversa no jantar do Conselheiro Acácio é um monumento! Em presença dos doces que a Senhora Filomena dispôs sobre a mesa, os personagens discutiam gulodices. Para os folhados, o Coco! Para as natas, o Baltreschi! Para as gelatinas, o Largo de São Domingos. "O docinho e a mulherzinha é o que me toca cá por dentro a alma — dizia o Alves Coutinho." Todo o tempo que não dedicava ao serviço do Estado dividia-se com solicitude entre as confeitarias e os lupanares. Foi nesse jantar que o Conselheiro Acácio criou uma imagem parecida com aquela que o ator da televisão brasileira Jô Soares

tornou famosa: "Tu vales zero!" O Conselheiro falou então de si "com modéstia: reconhecia, quando via na capital tão ilustres parlamentares, oradores tão sublimes, tão consumados estilistas, reconhecia que era um zero!" E com a mão erguida formava no ar, pela junção do polegar e do indicador, um *O*: um zero! Proclamou o seu amor à pátria: que amanhã as instituições ou a família real precisassem dele — e o seu corpo, a sua pena, o seu modesto pecúlio, tudo oferecia de bom grado! Queria derramar todo o seu sangue pelo Trono! — E, prolixo, citou o *Eurico*, as instituições da Bélgica, Bocage e passagens dos seus prólogos. Honrou-se de pertencer à Sociedade Primeiro de Dezembro... "Nesse dia memorável — exclamou — eu mesmo ilumino as minhas janelas, sem o luxo dos grandes estabelecimentos do Chiado, mas com uma alma sincera!" (Primeiro de Dezembro, data da Restauração, celebrada pela monarquia.)

Vai-se completando a estrutura do romance: a empregada Juliana tinha Luísa na mão (cartas trocadas entre Luísa e o primo e que a comprometiam). Luísa tinha caído debaixo da sedução do primo mas, por sua formação e por sua mentalidade, se sentia apegada aos cânones de sua moral burguesa, de sua religião e também ao amor por Jorge. Esse é, precisamente, o drama de Luísa. Ela não era uma desavergonhada, nem era moralmente, ou materialmente, uma prostituída. Juliana pedia 600 mil réis pela devolução da carta, uma alta soma. Levado o assunto por Luísa a Basílio, este não quis pagar o preço da chantagem: achou-o alto. Disse que mal valia um terço. Tendo confidenciado o grave caso dela a Leopoldina, uma pessoa amoral, para quem o casamento era formalidade sem valor, a solução desta foi a pior: Luísa procurasse o Castro, o banqueiro, que havia muito nutria um desejo sensual ardente por ela. Que mal havia em alugar o corpo durante alguns momentos para sair de um apuro? Luísa chegou a ter um encontro a sós com o Castro mas, em vez de entregar-se-lhe, arrepiou caminho e agrediu o banqueiro. Jorge chegava do Alentejo. As aflições de Luísa a frequentavam em seus sonhos e pesadelos. Resolveu procurar Sebastião, narrar-lhe sua desgraça e pedir-lhe auxílio. Foi urdido um plano pelo qual Luísa, Jorge e D. Felicidade iriam ao São Carlos ver o *Fausto*, tendo Sebastião cuidado do camarote, recados a D. Felicidade e a Jorge e carruagem. Luísa e D. Felicidade desceram o Chiado. Grupos de pessoas gesticulavam às portas da Casa Havaneza, os trens passavam em direção ao Largo do Picadeiro até chegarem à Rua dos Duques de Bragança. Viram com prazer o guarda-portão do Hotel Gibraltar de calções vermelhos vir, com o boné na mão, à portinhola da carruagem. D. Felicidade, que tinha dado graças a Deus porque podia arrotar, reparou numa senhora que lhe pareceu *estabanada*, que descia vestida de *soirée*, com sapatos arredondado, de cetim branco. E Jorge apareceu considerando

tudo aquilo uma extravagância: teatro, tipóias! Disse até que ia pedir divórcio. Daí partiram para São Carlos e Jorge, que não estava vestido para a ocasião, ficaria atrás no camarote. Durante aquele momento o bondoso Sebastião ia à casa de Luísa procurar Juliana, para provocar-lhe um susto com a presença de um agente do Limoeiro (cadeia). O plano de Sebastião excedera a expectativa e Juliana morreu de um colapso, diante do sobressalto, depois de lhe entregar as três cartas, uma de Luísa e duas de Basílio. É interessante, neste ponto, a transposição do entrecho do *Fausto* para dentro do espírito de Luísa, a remexer sofregamente seu grave caso, seus terrores, seu drama.

A partida de Basílio, a morte de Juliana, o retorno de Jorge — tudo parecia apontar para a superação do problema. Mas Eça não queria o *happy-end*. Depois de recuperar sua saúde — uma febre nervosa, como explicava Julião — Luísa melhorava e tudo parecia serenar. Mas eis que chega de Paris uma carta, endereçada a Luísa, e Jorge, após hesitações, resolveu abri-la. Era de Basílio e comprometia Luísa, relembrando sucinta mas claramente "as boas manhãs passadas no *Paraíso*", as aflições de Luísa por causa de uma pessoa que a explorava. Duas semanas passaram-se, Jorge sem querer mostrá-la a Luísa. Mas esta estranhava a atitude amuada do marido. E este, um dia, resolveu exibir-lhe a carta. Tão grande foi o choque de Luísa que ela desmaiou e caiu mortalmente doente. Jorge, em seu amor por Luísa, arrependia-se de seu ato mas de nada adiantava. O laço da tragédia estava lançado. Jorge passava dias ao pé de Luísa como seu enfermeiro. Esgotados os recursos da medicina para o caso da esposa agonizante, Jorge implorava a Deus um milagre que a salvasse. Vendo-a morta, beijava-lhe os lábios frios. Adeus, exclamou.

"A noite estava muito escura: erguera-se um nordeste frio; gotas de chuva tinham caído. Ao Loreto, Julião parou subitamente e exclamou: 'Ai, esquecia-me! Sabe a novidade, Conselheiro? A D. Felicidade recolhe-se à Encarnação.' — 'Ah!' — Disse-mo agora. Eu fui justamente vê-la antes de ir ver um doente à Rua da Rosa. Estava com uma febrezita. Coisa de nada... A comoção, o susto! E deu-me parte: recolhe-se amanhã à Encarnação.' O Conselheiro disse: 'Sempre conheci naquela senhora idéias retrógradas. É o resultado das manobras jesuíticas, meu amigo!' — E ajuntou com a melancolia do liberal descontente: 'A reação levanta a cabeça!' Julião tomou familiarmente o braço do Conselheiro, e sorrindo: 'Qual reação! É por sua causa, ingrato...' O Conselheiro estacou: 'Que quer o meu nobre amigo insinuar?' — 'Sim, homem! Não sei como diabo descobriu uma coisa grave...' — 'O quê? Acredite...' — 'O que eu também descobri, seu manganão! Que o conselheiro tem duas travesseirinhas na cama, tendo uma só cabeça... Disse-mo ela!' — E rindo muito, dizendo-lhe 'Adeus! Adeus!', desceu rapidamente a Rua do Alecrim. O Conselheiro ficou imóvel, no largo, de braços cruzados, como petrificado. — 'Que infeliz senhora! Que funesta paixão!' — murmurou enfim. E acariciou o bigode, com satisfação."

Basílio voltou a Lisboa e procurou Juliana e soube então que Luísa tinha morrido. Desceu a Rua do Alecrim, encontrou o Visconde Reinaldo à porta do Hotel Street (Rua do Alecrim, nº 47). E o romance conclui com aquela conversa debochada, já referida nesta obra. O Visconde Reinaldo dizia: "De modo que estás sem mulher..." E Basílio, dando um forte raspão com a bengala: "Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!"

Em *A Capital,* logo no início, na Estação de Ovar, aguardava-se a chegada do comboio do Porto. Artur Corvelo esperava a passagem do padrinho, no comboio que se dirigia para Lisboa. Um sujeito bochechudo, o Joãozinho Mendes, de Ovar, a quem chamavam em Coimbra o Chouriço, se aproxima de Artur e, após uma troca de breves comentários ("Que se divirta em Lisboa", lhe dizia Artur), acrescentou: "Fica por minha conta! Há-de encher-se esse ventrezinho! E então que vamos ter um rico inverno em Lisboa! Sassi em São Carlos, cancanistas francesas no Casino... naturalmente fornada nova de espanholas... Não lhe digo mais nada..." Aí estavam resumidos três ítens da atração de Lisboa para os homens da província: o São Carlos, o Casino, com suas coristas francesas e as espanholas (Lolas, Carmens, Conchas), tão frequentes na obra de Eça de Queiroz.

Nos seus tempos de estudos em Coimbra, Artur Corvelo considerava odiosos seus compêndios de Direito Natural e Romano e passava as noites a escrever versos, que só mostrava a um companheiro que vivia num quarto vizinho, extremamente gordo e que falava com muita frequência do *Pote das Almas* como o que mais lhe impressionara em Lisboa. Essa expressão define, como já foi visto, a área de Lisboa em torno do Largo da Boa Hora, na confluência da Rua Nova do Almada com a Rua de São Nicolau, onde está situado o Tribunal da Boa Hora. Esse colega de Artur era conhecido no cenáculo pelo nome de *Pote-sem-Alma.* A ocupação do *Pote-sem-Alma,* ou simplesmente *Pote,* era decorar a sua sebenta e chorar o amor perdido, a prima Felícia, que o abandonara por um morgado de Bragança. Quando se preparava para ir para Lisboa, era com o Rabecaz que trocava idéias e recebia informações. Ao dizer-lhe Artur que nunca

estivera em Lisboa, o Rabecaz deu uma palmada na coxa e disse: "— Então meu caro senhor, não sabe o que é gado! Não faz idéia do que é um pé catita! — E com uma punhada na mesa: — Então, não sabe o que é a pândega!" Gado, no sentido aqui empregado, tem o mesmo sentido da palavra também utilizada no Brasil, em linguagem pejorativa masculina.

O Rabecaz disse que tinha vivido em Lisboa, com cavalos, com cadeira em São Carlos, com carruagem. Fora um príncipe! No tempo em que o Marrare era um céu aberto. Por indicação do Rabecaz, Artur escreveu a Damião, em Lisboa, mandando-lhe o trecho da cena entre Álvaro e a Duquesa, num parque em Sintra, do seu drama em cinco atos *Amores de Poeta*. Os elogios e as expressões de entusiasmo do malandro Rabecaz, quando se tratava de poesia, eram simples, não variavam: "Está catita, está catita." Ou então, em caso de peça filosófica: "Está de arromba! Hirra!" Depois de certa demora, veio a resposta do Damião, devolvendo a *cena* e fazendo este comentário: "Parecia escrito como um libreto de ópera. Há períodos que precisam urgentemente acompanhamento de flautim." Acrescentava que aquelas florescências de linguagem eram então de um mau gosto deplorável e de um ridículo desopilante: "Eu sei, sim, que é nesse estilo que escrevem os gênios que gingam pelo Chiado... Mas os gênios do Chiado têm por missão histórica fazer rir — rir de um riso consolador e sereno: são a nossa melhor pilhéria, sobretudo quando são tristes, e constituem a única alegria que um Destino inimigo nos mede escassamente, gota a gota: sem eles, Portugal seria o legendário Solar do Tédio."

E um dia Artur se aprestava para ir para Lisboa e tencionava mesmo viver com o Daniel, um génio que devia estar bem relacionado na literatura, na imprensa, enfim, no meio intelectual. O Rabecaz desaprovava essa idéia e dizia: "Vá com o que lhe digo, ferre-se no Universal." Como *A Capital* foi escrito em 1878, devia tratar-se do Hotel Universal sediado na Travessa das Portas de Santa Catarina, nº 1 (hoje Travessa da Trindade), segundo o Roteiro de Lisboa, de 1881. Ao dizer Artur que não queria, a princípio, afrontar o luxo desproporcionado de um hotel no Chiado, Rabecaz reviu sua sugestão: "Então ferre-se no Espanhol, na Rua da Prata. Tem boa pândega também..." O Hotel Espanhol, como já foi dito, ficava na Rua da Prata nº 250. Já no comboio, depois de cear no Entroncamento (vila e estação onde se esperava o comboio que vinha de Madrid e que se ligava à composição procedente do Norte), Artur conversava com um indivíduo que lhe parecia vir de Madrid ou de Paris. A conversa logo girou em torno de como estava o São Carlos naquele ano. O companheiro trazia um cesto com um cãozinho amarelo, que lhe pareceu

semelhante a um sapo, de focinho negro e achatado, vincado de duas rugas velhas e olhos redondos e estúpidos. O cãozinho se chamava *John*. Depois de instalado no Espanhol, Artur descia o Chiado entontecido pelo movimento, abstrato, infeliz com os pés torturados pelo verniz novo e aquecido de seus sapatos. Atirou-se para a cama no hotel e pôs-se a reler *Esmaltes e Jóias*, versos que em sua provinciana Oliveira lhe pareciam de um ideal tão nobre mas que, lidos agora em Lisboa, tinham um tom de pieguice pueril, no meio das vagas grandezas que sentia em redor e dos vastos interesses que suspeitava."

Artur já se fizera amigo de Melchior. Ambos de luvas claras, subiam o Chiado, de braço dado, decididos tacitamente a estimarem-se, ligados já por uma amizade nascente. Depois encontraram Carvalhosa, que Artur disse ter conhecido em Coimbra. Tinha respeito desmedido pela monarquia e falava de *papo* sobre as questões de política, à Casa Havaneza, torcendo a ponta da pera (barba) com os dedos queimados pelo cigarro. No jantar no Hotel Universal, Melchior, excitado, descrevia com palavras muito cruas as pernas da Vizenti, a primeira dançarina do São Carlos, e resolveram descer ao quarto do Sarrotini, segundo baixo da Ópera, grande pândego, acrescentou Melchior. Junto da porta estava o Sarrotini de jaquetão de veludilho (veludo de algodão) sobre calças cor de alecrim, grosso e vermelho, falando italiano misturado com espanhol, verboso e jovial. Na saleta várias pessoas conversavam, bebiam café em torno das luzes de um piano aberto, em meio a uma imponderável névoa de fumo de charutos. No São Carlos cantava-se *A Africana* (de Meyerbeer), como o relatou no dia seguinte Artur numa carta a Rabecaz, deslumbrado: "A majestosa arquitetura dos camarotes, a vastidão do palco, a soberba tribuna real e aquela sociedade elegante, silenciosa, escutando uma divina música, é realmente, amigo Rabecaz, impressionante!" A Sassi cantava com sua voz cálida, revibrante nos agudos, lasciva nas modulações doces, a dar em Artur um arrepio de emoção. Os olhos de Artur saciavam-se sofregamente dos detalhes: os camarotes, o tom rico e escuro, o lustre de pingentes fulgurantes, a gravidade monárquica da tribuna com sua cortina de veludo cor de cereja entre as cariátides hercúleas, as casacas dos homens, a brancura dos pescoços das mulheres a deixarem sentir a influência das genealogias que as enobreciam e dos palacetes que habitavam, as luvas de oito botões, as formas dos penteados; desejava saber o que diziam, por que sorriam: "Daí a pouco, na tipóia que batia a trote para o Espanhol, Artur resumia o seu maravilhoso dia: fizera roupa, jantara no Universal, conhecera deputados, o baixo Sarrotini, o bom Meirinho, vira-a tão linda no luxo da ópera, entre as harmonias divinas de *A Africana*, e, finalmente, na coluna social de um jornal, a notícia de sua presença em

Lisboa. A vida em Lisboa ser-lhe-ia fácil, sem abalos, luminosa. Os *Esmaltes e Jóias* torná-lo-iam ilustre. E, no dia seguinte, Artur instalou-se no Universal, no Chiado, com seu movimento de rua rica. Seguiu finalmente aquele conselho do Rebecaz: "Ferre-se no Universal." As comidas davam-lhe "um lânguido bem-estar enfartado que lhe entorpecia a imaginação, e o rumor do Chiado, a vaga sussurração da cidade, traziam-no numa distração enleada. Com a janela aberta ao dia esplêndido de um inverno luminoso, fumava, cismando em passeios, *soirées* a que assistiria, futuras críticas dos *Esmaltes e Jóias*, aplausos de teatro, gravatas que ambicionava — e, com preguiça de trabalhar no seu livro, ficava-se a contemplar, numa vaga e distante fulguração, a celebridade que ele lhe traria."

No Chiado os pregões cantavam, "os trens rolavam, e ele, no indolente entorpecimento da omeleta e do bife, olhava para o alto, com a pupila húmida de bem-estar, a vida em baixo reinar, mover-se, e atirava para o céu luminoso baforadas brancas de água de colônia e, de luvas claras, ficava um momento à porta do hotel, saboreando a entrada larga, o guarda-portão decorativo; em seguida, ia à Casa Havaneza florir-se com uma camélia, e de boquilha em riste, fazendo vergar a *badine* (bengala), descia o Chiado, errava pela Baixa, dava uma volta ao Aterro, numa moleza de vadiagem, procurando encontrá-la, a Ela." Abandonava-se a ambições indefinidas: frequentações ilustres, amores fidalgos, assinatura em São Carlos, carruagem da companhia. Depois da Havaneza, em meio a deputados e janotas, a emanações intelectuais e sociais que lhe pareciam sair das conversações, dos perfis, das atitudes, descia ao Martinho, no Largo de Camões. À noite, no seu quarto, vinha-lhe uma tristeza mole: música, luzes, rolar dos trens, janelas alumiadas do Restaurante Silva.

A calçada do Correio é referida com certa frequência em *A Capital*. É hoje a Calçada do Combro. Lá, uma vez, Artur encontrou Melchior. "Vinha com um indivíduo baixo e cheio, de barba preta, fina, a carne mole e baça, as pálpebras inflamadas; a fita do chapéu era gordurosa e o colarinho parecia enxovalhado de roçar no pescoço gordinho; sobre o peito do jaquetão abotoado, pendia um *pince-nez* enorme de vidros defumados, preso por uma larga fita de *moiré*. Era o poeta Roma, autor estimado dos *Idílios e Devaneios*."

Como Artur desejasse muito encontrar editor para seu livro de poesia *Esmaltes e Jóias*, Melchior disse que imprimir um volume catita era fácil. O livro seria colocado nos livreiros em comissão. "Já um editor, nem pensar. Um editor para um livro de poesias! — era mais fácil achar um diamante no Chiado." Após o jantar, que foi organizado para leitura de trechos do drama de Artur — ele, ofegante, terminou

a cena. Só Melchior e Meirinho tiveram *bravos!* Artur, na manhã seguinte, correu ao Café Tavares, na Rua de São Roque, para ler no *Século* a notícia do jantar. Havia apenas uma curta notícia local em que o mérito da festa era atribuído a Melchior e não a Artur Corvelo. Mais tarde, Artur descia a Rua de São Roque até ao Hotel Universal como pedra que rola, praguejando alto de indignação e com um ódio homicida a Melchior. E encontrou debaixo da porta uma sobrecarta. Era a conta do jantar: vinte e duas libras. Com maior ou menor frequência aparecem em *A Capital* os seguintes locais: Calçada do Correio; Rua do Carvalho (hoje Luz Soriano); Rua de São Roque (Misericórdia); Rua do Alecrim; a Igreja de São Paulo (na Praça de São Paulo, ao lado da qual passa a Rua de São Paulo, em prosseguimento à Rua dos Remolares); Pote-das-Almas; Chiado; Passeio; Rua do Norte (saindo da Praça Luís de Camões em direção ao Bairro Alto, onde se situa hoje a bem conhecida Adega do Machado); Rua do Arsenal; Rua Nova do Carmo (do Carmo). Como em tantos escritos de Eça de Queiroz, subia-se e descia — ou descia-se e subia — o Chiado. Aliás, subir e descer o Chiado são expressões correntes na literatura portuguesa em que se menciona aquela parte da cidade — seu coração, no dizer de Alberto Pimentel no seu livro *O Que Anda no Ar*, Lisboa, 1881. Para ele, o coração de Lisboa é o Chiado, como o Terreiro do Paço é seu pulso, o São Carlos a sua voz. Acrescenta ele, em conhecida crônica, que o Chiado é o *rendez-vous* da mocidade marialva, o local das primeiras modistas. "Estar no Chiado, ser do Chiado, conhecê-lo e ser conhecido, carece dum verbo que designe todos estes fatos. Esse verbo pode ser este — *Chiadar*." Alberto Pimentel tem uma crônica de muito interesse nesse mesmo livro — *A Arte de ser Lisboeta* — em que ele menciona, como traços caracterísitcos do lisboeta, comer alface ao jantar, falar cantando, ter certos vícios prosódicos, usar calças de boca de sino, frequentar o Teatro São Carlos, dizer mal do resto do país, etc. O poeta Mário de Sá Carneiro, em seu livro de novelas *Céu em Fogo*, Lisboa, 1915, diz em certa altura: "Mas quando decidira já regressar ao hotel, subindo o Chiado, encontrou de súbito Vitorino Bragança, o autor dramático — alguém que, por exceção, o interessa vivamente, e por quem o artista experimenta uma real simpatia..."

Gentil Marques, na sua obra *Eça de Queiroz*, Lisboa, 1945, referindo-se às andanças boêmias de Eça e Batalha Reis, diz: "Os seus passos levantam ecos nos passeios do Rossio. Eles desceram o Chiado, silenciosos e meditabundos. Talvez tragam um pouco de sono, também, porque a manhã já começou e a noite foi passada em claro."

No romance *Os Homens e as Sombras*, Lisboa, 1951, de Alves Redol, também se subia o Chiado: "tomou um trem, subiu o Chiado, encheu-se de embrulhos de chocolate, e lá foi para certa Rua da Lapa.

Ao dia seguinte tinha muito trabalho, a que acrescentara mais uma tarefa com a ida ao pasteleiro do Chiado".

Na *Balada da Praia dos Cães*, Lisboa, 1982, de José Cardoso Pires, há o seguinte trecho referente ao Chiado: "Subiu o Chiado (subiram, mais propriamente) em navegação de cruzeiro. Na esteira fulgurante que o Habeas-Corpus deixava para trás, Elias Santana teve ocasião de observar que, guardadas as devidas distâncias, o Chiado era uma calçada de cemitério rico em romagem permanente. Cantarias, portais lavrados, igrejas, vendedeiras de flores."

Artur, em certa ocasião, desceu o Chiado acotovelando gente, com palavras vagas, murmuradas, que lhe saíam da boca como um vapor de cólera. Entrou no Martinho (Largo do Camões) e o criado que limpava o mármore da mesa ficou admirado do gesto brusco com que se atirou para uma cadeira e da voz furiosa com que pediu Genebra. E quando seu furor se evaporou, Artur reparou na presença do republicano Nazareno, com a chávena defronte, fumando, a cabeça encostada à parede, as lunetas reluzindo sombriamente. Artur estava com ódio dos burgueses do Hotel Universal. Era vítima de engodos, ciladas e explorações daqueles pretensos amigos. Melchior lhe mandara uma carta para convidá-lo para uma pândega no Dafundo, com espanholas. Despesas divididas, como num piquenique (palavra textual de Eça de Queiroz) de amigos. O encontro para a partida era às nove em ponto, na Casa Havaneza. A famosa Concha estava pronta e Artur seria o seu *cavaliere*. Viva a folia! "Artur ficou com o bilhete na mão, hesitando: a letra irregular e desmanchada do Melchior entrevia como que uma impetuosidade de troça, desalinhos de *toilette*. A idéia da Orgia aparecia-lhe toda reluzente de tentações: numa abundância de luzes de gás, jactos doirados de champanhe saltando dos gargalos estreitos, mulheres de decotes atrevidos cantando, valsas improvisadas fazendo saltar os cristais sobre a mesa e em que o frufru das sedas se misturava ao estalar dos beijos!... Desejava muito ir — mas a sua promessa a um homem tão bem relacionado como Meirinho?... A esperança de a ver, a Ela?... Respondeu, não sem orgulho, que sentia muito, mas já estava convidado para uma *soirée* no *High-Life*". E a seguir vem a descrição do sarau em casa de D. Joana Coutinho, em Santa Isabel (Campo de Ourique), um daqueles famosos saraus dos romances de Eça, como os há em *A Tragédia da Rua das Flores*, *Os Maias*, *O Primo Basílio*, etc. Ao final de tudo, à saída, uma senhora robusta, gorda, enorme, com uma espessura tremenda de saias e folhos, familiarmente chamada a Viscondessa, sentara-se em cima de seu *claque* (chapéu alto, tipo cartola), que ficou aniquilado.

Em outra ocasião, Artur, quando trabalhava na revisão das provas dos *Esmaltes e Jóias*, recebeu da redação do *Século* novo bilhete de

Melchior: "Amigo. Hoje, sábado, é o dia da pandegazinha. Esitve esta manhã com as sílfides. Aceitam. Eu levo a Carmen, você a Concha. A tipóia do José Teso está arranjada. Às 9 horas lá vou buscá-lo ao hotel. A divina Concha está ansiosa por ver *el Señor Arturito. Salero!*" Desta vez, depois dos tédios dos últimos dias, o convite para a pândega vinha bem a propósito para Artur. Queria embebedar-se, gritar, delirar. Diante daqueles gozos carnais, o Platonismo, a Sociedade, a Arte, a Revolução, pareciam-lhe coisas fictícias. Parou a revisão das provas. Saiu ao acaso pelo Chiado pensando na Concha, imaginando-a "alta, pálida, de olhos árabes, com os ardores de um sangue sevilhano e as melancolias de uma existência transviada. Desejava-a tanto, tanto que quase já a amava." Ao tornar ao hotel, depois do curto passeio, o porteiro apontou para um rapaz que o esperava à porta. Com a voz cautelosa trazia um recado para ele. Levou-o até defronte do Casino (Casino Lisbonense, a dois passos do Hotel Universal), e conversaram. Era um convite dirigido a ele, camarada, para a instalação do Clube em casa nova (era o Clube Republicano, clandestino, do Nazareno e do Matias). Quando às nove horas chegou ao Clube, na Rua do Príncipe, em vez de uma larga reunião encontrou quatorze ou quinze pessoas. Os participantes eram jacobinos socialistas, proudhonianos, etc. Dizem alguns que Eça de Queiroz se teria inspirado em José Fontana para criar alguns dos tipos que faziam parte daquele Clube revolucionário, talvez até mesmo o Nazareno.

A esse propósito, assinale-se que Eça de Queiroz escreveu um artigo intitulado *Primeiro de Maio* para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de 19 de junho de 1892, na série que veio depois, em 1905, a ser editada em livro sob o título *Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres*. Esse artigo *Primeiro de Maio* não havia, porém, sido reproduzido no livro e ficou desconhecido do público português até 1977, quando o Arquiteto A. Campos Matos o publicou no semanário *O Jornal*. Em 1979, editou ele uma plaqueta ilustrada por João Alberto Manta com o referido artigo de Eça de Queiroz, em que há muitas considerações sobre anarquismo e socialismo à época. Heitor Lyra explica, em sua conhecida obra *O Brasil na ida de Eça de Queiroz*, o sentido geral da colaboração do grande escritor para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, que tinha uma tiragem diária, na década de 1890, da ordem de 40 mil exemplares. Acrescente-se ainda que o *Primeiro de Maio* não havia escapado à atenção de Ernesto Guerra Da Cal em sua monumental obra *Bibliografia Queirosiana*.

Artur caía numa inércia mole, os músculos afrouxados, pensando em que, se não fosse a República, ele estaria àquela hora batendo para o Dafundo, sentindo sob o assento da caleche os pezinhos da Concha entre os seus. Enquanto isso assistia, bocejando, a uma pessoa que lia

grossos manuscritos. Era uma longa história sobre os Mártires da Liberdade, história que arrancava em Prometeu. Num dado momento da leitura, por demais cansativa, perguntaram ao Artur: "— Onde vai o homem? — 'Vai ainda nos Mártires da Reforma!' — 'Ainda faltam três séculos' — murmurou o sujeito de barbas e óculos erguendo ao céu os braços e olhos." Artur perdeu de todo a pândega do Dafundo. Quando chegou ao hotel, disse o porteiro que um sujeito viera procurá-lo quatro vezes, entre 9 e 10:30 da noite, e que da última vez estava furioso e rogava pragas. Pela descrição — gordote, já entrado, grandes bigodes — Artur reconheceu Melchior. No dia seguinte, Melchior lhe entrou no quarto com ímpeto irado e classificou como canalhice a falta de Artur ao encontro marcado. "É simplesmente uma canalhice! Venho aqui com a tipóia, com as raparigas, às nove: nada, tinha saído! Volto às nove e meia, com as raparigas na tipóia: nada! Volto às dez: nada! E aqui me vejo eu com as mulheres, com a tipóia, a bater as ruas, Chiado abaixo, Chiado acima, elas furiosas, o cocheiro desconfiado — enfim, uma indecência!"

Mais adiante, novo programa no Dafundo era proposto pelo Melchior e que incluía a Concha. "Partiram às nove horas, numa caleche descoberta: levavam a Concha e a Carmen. Melchior, que parecia entusiasmado, mandara o *Teso* bater pelo Chiado e direito no assento, com o chapéu ao lado, o charuto flamejante, atirava adeuses com a ponta dos dedos para os grupos escuros da Havaneza e do Baltresqui. Artur, um pouco embaraçado, encolhido, admirava a Concha: a mantilha preta dava uma palidez mais mimosa, mais tocante, ao seu rosto de feições finas, de um tom melancólico; os seus olhos árabes, húmidos, bem rasgados, tinham na sombra uma negrura mais profunda; recostava-se com um abandono lânguido mas senhoril, retraindo castamente os pezinhos para não encontrar as botas de Artur. Logo no Aterro, Melchior começou com as suas pilhérias: fazia declarações inflamadas à Carmen — uma grossa andaluza, de grandes carnes e olhos banhados num fluido negro como tinta — beijocava-lhe as mãos papudas, chamava-lhe num espanhol grotesco: *mi palomba, flor de benedicción!*... — remexia-lhe no vestido, atraía-a pelos braços, fazendo-a rir, de um riso cálido de cócegas e de pândega! (...) Tinham passado Pedrouços, adormecido e escuro e a Carmen, muito solicitada, entoou a sua *malagueña;* Melchior, mascando o charuto com entusiasmo, seguia o compasso, saracoteando a cintura e fazia o acompanhamento, batendo as mãos em cadência. A voz da rapariga era acre e mordente e as notas arrastadas, os a-a-ahs muito modulados, perdam-se pela noite, misturados ao trotar das ferraduras, ao rodar da tipóia no areado do *macadame.* No alto silêncio azulado brilhava uma Lua imóvel, muito serena, e um ar vivo passava, salgado das emanações do rio. Artur sentiu um fluxo de ternura triste, de enleio poético

afogar-lhe o peito e recostando a cabeça, suspirou. Então, muito terna, a Concha debruçou-se para ele, e, chamando-lhe *hijo mio,* quis saber o que o fazia sofrer. Ele carregou a voz de ternura, para dizer: *nada!* Ela apertou-lhe a mão docemente — Artur, não duvido do seu amor."

Essa pândega num hotel do Dafundo teve um final inesperado: do hotel saíam gritos de mulheres. Raparigas desciam assustadas. No corredor um homem vinha com uma toalha e uma bacia na mão e uma mulher passou aos gemidos. Ouviam-se choros dilacerantes de uma mulher rouca. Um homem erguia ao ar o braço direito... Um indivíduo gordo procurava vedar o sangue... carnes dilaceradas por facadas transversais.

Melchior, cheio de terror das desordens, dos fadistas, da polícia e do sangue, empurrou à pressa as espanholas para dentro da tipóia. O cocheiro *Teso* largou de volta para Lisboa, uma volta lúgubre, as raparigas falando baixo. Tinham reconhecido o rapaz, o Álvaro, o querido de Adelaide, da Rua do Norte. Questões de ciúmes. Fora uma pândega estragada. Ao chegar a Lisboa foram cear ao Silva. Daí a dias, Artur despedia-se do Hotel Universal. "Teve saudades do criado, um velho muito trigueiro que o servia. Quis tornar a ver a sala de jantar que lhe agradava tanto, quando, depois do almoço, soprava à varanda cheia do bom sol de Inverno, o fumo do seu charuto caro, ouvindo ao lado o tlintlim da loiça e embaixo o Chiado, no seu rumor de vida rica." Desceu com pressa, ávido do *Espanhol* e das suas delícias. Era uma outra página da sua vida que se virava.

E a vida de Artur ia caindo, seu dinheiro ia acabando. O que de novo preocupava seriamente Artur era o dinheiro. Desde a intimidade com o Manolo, as despesas cresciam. O republicano tinha todos os dias uma idéia cara: irem a Queluz, irem a São Carlos, uma ceia na Ponte de Algés, e com as contas do hotel, as tipóias, as luvas, os charutos, tinha dias de duas, três libras!

Era o entrudo. "Pobre idiota! — saiu, foi andando até à Rua Nova do Carmo. A rua estava cheia de gente que se movia devagar, numa madracice de pasmaceira; pelas janelas, algumas com as vidraças tiradas, senhoras apareciam, fugiam, figuras debruçavam-se com um ar excitado. Cartuchos de farinha estalavam com uma poeirada branca, revoadas de feijões estralejavam sobre os chapéus; sujeitos, enfarinhados, tinham gestos furiosos; outros seguiam com um desdém secado; aqui, além, máscaras maltrapilhas passavam com pressa, como indo tratar de um negócio, ou exibindo-se com esgares lunáticos, fazendo destoar subitamente guinchos idiotas; patrulhas rondavam com um ar enfastiado e uma atmosfera baixa, parda, pesava lugubremente, penetrando os corpos, dando às expressões um tédio mole.

Artur, receando uma cartolada no chapéu, um esguicho na cara — insultos muito irritantes para quem traz a alma magoada —, retrocedeu rapidamente até ao hotel. Mas, ao passar no corredor sombrio, um vulto destacou-se do vão de uma porta e esmagou-lhe placidamente um *ovo de cheiro* no pescoço; deu um grito à frialdade do líquido e voltando-se, furioso, viu a face do Dideirinha banhada de júbilo. — Foi a Mercedinha que mandou! Foi ela que mandou! Diz que é para o distrair. Tem gracinha, não? Tem-me enfarinhado todo, a Mercedinha..."

No final do romance, já Artur, ciente de que sua tia Sabina estava mal, não resistiu, porém, às tentações do Melchior para ir a uma festa de entrudo em Lisboa. Foi jantar com Melchior ao Café Central. Foram ao Teatro D. Maria, porque a Concha devia estar lá naquela noite. Foram ao Trindade, ao São Carlos. Foram ver as cancanistas ao Casino, cuja fachada flamejava de luzes, com suas janelas alumiadas e sonoras. Sons de instrumentos de metal sobressaíam no andar de cima, no *brouhaha* contínuo e no rumor do soalho batido. "As cancanistas! — exclamava Melchior já excitado pelo ruído do baile. Outro gania: Perneemos, perneemos!" Artur já estava quase a partir de Lisboa, sentindo uma vaga saudade enternecida da Capital, da vida que deixava. "A cidade, coberta de um bom sol, com os seus cartazes nas esquinas, as lojas dos livreiros abertas, as carruagens rolando, parecia-lhe ser o único lugar possível para uma existência inteligente: se não conseguira chamar a atenção da senhora do vestido de xadrez na véspera, poderia ser mais feliz outras vezes! Nunca o Melchior lhe parecera tão afectuoso; e achava de repente, nas fisionomias que passavam, um vago tom inesperado de simpatia. Comovido, disse: — Ao menos, pela última vez, jantemos juntos, Melchior." E foram jantar no Cruz. "Que diferença do primeiro jantar no Universal! E vinham-lhe outras recordações daquele Inverno: a pândega ao Dafundo, as noites de São Carlos, nas torrinhas, com a Concha... Artur sentia a garganta presa. E Menchior, lúgubre, só repetiu o paio com ervilhas, porque, disse — era um prato que lhe fazia bem à alma. — Mas você volta, Artur? — Se o drama for, venho aos ensaios!" Na Rua das Gáveas, bem perto da Praça Luís de Camões, ao Chiado, existiu no final do século passado um Café-Restaurante Cruz.

O *Teso* era o cocheiro que o levou para o Espanhol naquela noite, o que aumentou a sua saudade de Lisboa. "O Chiado, muito claro, estava na sua hora viva, e Artur, direito no assento, ia devorando com os olhos os lugares que amava: a Casa Havaneza, a janela do seu quarto, lá em cima no Universal! — que ferro ir-se! — e o Baltresqui, com os *lunchs* às duas horas, e o Godefroy (A. Godefroy, cabeleireiro francês, à Rua do Chiado, nº 80-86), onde comprava frasquinhos de

feno para a Concha! Ah! O cartaz do São Carlos fez-lhe morder os beiços de comoção: revia o lustre, o largo palco, os coros; outras carruagens passavam com librés, indo para lá! — E ele partia!..." Chegado ao Espanhol, Artur subiu ao quarto e, enquanto Manuel descia o baú, ficou um momento imóvel, olhando as paredes, o leito onde dormira tantas semanas com a Concha, a varanda onde ela tanta vez se encostara... — "Acabou-se! — disse por fim Artur, descendo. E na tipóia do *Teso*, dando um último olhar à janela do seu quarto, em cima, bateu para Santa Apolônia. Melchior o despediu. A máquina silvava e o comboio começava a rolar. À última hora, Artur perguntou a Melchior pelo embrulho. E ele, "correndo ao comprido do comboio cuja velocidade aumentava, estendeu um embrulho a Artur, que o arrebatou sofregamente. Eram dois pares de luvas pretas e um plastrão negro que comprara nessa tarde e que levava para Oliveira, para usar coisas chiques, coisas de Lisboa, no luto da tia Sabina."

A Tragédia da Rua das Flores se inicia com aquela cena no Teatro da Trindade, onde se representava o *Barba Azul*. O coro dos cortesãos saía, recuando em semicírculos, com os espinhaços vergados, quando, num camarote sobre o balcão à esquerda, uma senhora alta desapertava devagar os fechos de prata de uma longa capa de seda negra forrada de peles escuras. Foi logo uma sensação no público amodorrado. Binoculavam-na à carga cerrada. E segue-se aquela descrição de uma mulher bonita e elegante, com as emoções que desperta, tão do gosto de Eça em tantas obras, não faltando um tipo de jóia um tanto preferida em sua fabulação: uma cobra que se enroscava no braço daquela mulher de olhos negros e grandes, em cinco voltas, e parecia pousar com delícia sobre a carnação branca a sua cabeça chata onde reluziam dois grossos rubis como olhos ensanguentados. É a descrição de jóia de modelo bizantino. A dama poderia ser a Princesa Breppo; depois era Madame de Héronville, Madame de Molineux e, finalmente, Genoveva. Por ela logo se apaixona um outro Dâmaso, que não é Salcede mas é Mavião. Assim, o romance, do qual tão comumente se diz que é um borrão de *Os Maias*, editado 103 anos depois de escrito (1877), começa em torno do Chiado. Uma das hipóteses com que se especulava naquela brilhante noite, a que não faltava a presença do casal real (era a época de D. Luís I e da Rainha Maria Pia, da Casa de Savoia), era que aquela dama vinha para o Teatro São Carlos. Também logo naquela *soirée* aparece a figura do jovem Victor Silva, bacharel em Direito, que vivia com seu tio Timóteo e praticava no escritório do soturno Doutor Caminha. E não faltou quem dissesse, muito ao estilo marialva: "Aquilo é gado!" Dois brasileiros presentes murmuravam: "São destas francesas que vêm a ver se arrecadam. Como há tantas no Rio." O camarote da misteriosa dama foi visitado por um homem de Trás-os-Montes, Joaquim Marinho: "Era baixo,

delgado, com uma calva grave e bela barba aloirada, tinha o pé pequenino e andava sem ruído, despercebido, deslizando; tinha um sorriso cortesão e, falando, esfregava docemente as mãos. A sua polidez era tão refinada que embaraçava. Tratava todas as pessoas por *meu excelente amigo*. Trazia o bolso cheio de pastilhas de chocolate para as senhoras." Costumava oferecer cerveja a capitalistas no Baltreschi (nas edições da *Livros do Brasil* e da *Moraes*, o nome da pasetlaria vem assim grafado, embora no anúncio do *Almanach* de Lisboa, de 1865, a grafia seja Baltresqui).

Dâmaso era o que se chamava um janota e dele se dizia que não estava nunca sem mulher. Caracolava seu cavalo pelo Largo dos Mártires (trecho do Chiado em frente à Igreja dos Mártires). Victor Corvelo, calado, achava-a agora mais cativante. Imaginava-a habituada aos grandes ambientes de Paris, aos requintes do Café Inglês, de Paris. As raparigas espanholas, com camélias nos penteados, disformes camadas de pó-de-arroz nas caretas redondas, batendo desesperadamente os leques, sondando a platéia com olhares devoradores, também estavam na *soirée* da Trindade. A casa de Timóteo, onde morava o sobrinho Victor, era na Rua de São Francisco, um pouco adiante do Grêmio, no terceiro andar, bem perto, logo se vê, da casa de Maria Eduarda de *Os Maias*.

Timóteo falava do irmão Pedro, que casara com Joaquina (em outra parte Joana) dos Melros. Timóteo considerara aquele casamento, na época, como uma burrice do mano Pedro. Um dia Pedro aparece vestido de luto: Joaquina fugira. E contou sua história: depois de casado viera da Guarda para Lisboa. Lá, sua mulher seria sempre a filha de Maria Silvéria (compare-se o tom depreciativo da referência à filiação de Joaquina, ou Joana, com a de Maria, filha do Monforte, o *negreiro*, em *Os Maias*). Em Lisboa viviam na Rua do Crucifixo (ainda hoje com este nome, sai da Rua da Assunção, por trás dos Grandes Armazéns do Chiado). Um dia, dois meses depois do nascimento do filho, antes mesmo do batizado, Pedro voltara de uma caçada e encontrou um bilhete de Joaquina: "Adeus. Esquece-me porque meu destino leva-me para longe." Pedro levou o pequeno para a casa da Tia Dorotéia. Foi-lhe posto o nome de Victor, nome do pai dos irmãos Pedro e Timóteo. Pedro foi para Luanda, onde se tornou um ébrio. Para ele e para todo o mundo a mulher tinha morrido e pediu, como um juramento de honra a Timóteo, que nunca dissesse ao pequeno Victor sobre a fuga de sua mãe. Timóteo deu sua palavra de honra mas ficou assentado que o nome Ega, da família de Pedro e Timóteo (que Joaquina havia incorporado), desapareceria, e o jovem se chamaria Victor Corvelo, como Timóteo também se assinaria Timóteo Corvelo. O nome Ega "ficou porco", por causa do gesto de Joaquina. Pedro

morreu pouco depois de uma febre e foi sepultado em Angola. Trazido por Timóteo, Victor veio para Portugal aos quatro anos de idade. Joaquina vai reaparecer na história como a Genoveva.

Quando já se vendiam os móveis da casa da tia Dorotéia, que tinha morrido "do seu catarro", em severo inverno, chegou uma carta de Espanha dirigida ao Excelentíssimo Senhor Pedro Ega, aos bons cuidados de Dona Dorotéia de Ataíde, na Rua de Oliveira, 50 ou 60. A Rua de Oliveira poderia ser, provavelmente, uma pequena rua na Mouraria, como poderia ser uma rua situada na Calçada da Estrela, à Lapa. Hoje, esta última se chama Travessa da Oliveira à Lapa e a primeira se chama Rua do Terreirinho, entre o Largo do Terreirinho e a Rua do Benformoso, na Mouraria. Outras hipóteses poderiam ser formuladas, mas a indicação de Eça não é clara. A carta dizia, em apenas duas linhas: "Sua mulher morreu, enterrou-se esta manhã no cemitério de Oviedo."

Dâmaso conquistou Genoveva a peso de ouro. A fraseologia clássica da eloquência libertina (Genoveva, nos momentos amorosos, o chamava de meu bichano, minha vida, meu ratinho, cordeirinho quente!) bastava para que tudo adormecesse dentro dele e o amor "rugisse com impaciência lusitana". Dâmaso escondia cuidadosamente aos seus amigos a prodigalidade com que ele a cumulava, fazendo-se passar por amante de coração. Proclamava-a rica, generosa e desinteressada. Chegava ao ponto de comprar-se, em segredo, uma abotoadura de punhos, que usava apresentando-a como presente dela. Espalhava para todos que ela lhe dava presentes todos os dias. Dizia isto nos cafés, em São Carlos e nos lupanares. Queria mostrar-se com ela, ser invejado no Chiado, na Casa Havaneza e ouvir dizer: "O Dâmaso, que felizardo!" Quanto a ela, não a entusiasmava a idéia de se mostrar com aquele imbecil. Mas aceitou um camarote em São Carlos e um domingo no Campo Grande (passeios a cavalo). Alegava frequentes enxaquecas, três a quatro vezes por semana, pelo que dizia a Dâmaso, fingindo constrangimento, que não lhe podia dar hospitalidade naquela noite. Mandava às vezes Melanie levar-lhe bilhetes de escusas em casa dele, na Rua da Emenda (hoje com o mesmo nome, paralela à Rua das Flores, onde esteve situada até 1975 a residência da Embaixada do Brasil). Dâmaso, encantado, se interessava pelo passado de Genoveva e Melanie dava corda... contando-lhe segredos sobre a Condessa de Molineux.

Dâmaso fazia Genoveva passear a cavalo — era uma amazona — por todas as ruas onde tinha relações; atravessava o Chiado, caracolava no Rossio, recolhendo as impressões de inveja na rua. Queria que ela saísse, aparecesse. Ela pedia uma viatura própria, com parelha de

cavalos ingleses, um *groom* decente e lhe prometia espalhafato pelas ruas. Dâmaso estava inclinado a dar-lhe uma *victória* e já a imaginava a descer o Chiado, a trote estilizado, e ouvindo pela Casa Havaneza, pelo Baltreschi aquele murmúrio de inveja: "É o Dâmaso! Que maroto! Que *chic!*"

Victor frequentava o escritório do Doutor Caminha, que advogava na Boa Hora; com os autos abertos diante de si, sentia-se em estado de tédio. A certeza de que Madame de Molineux amava Dâmaso criava nele um vago sentimento de ódio por ela. O tio Timóteo, em conversas com Dâmaso sobre mulheres, dava razão àquelas que, para aturar bonifrates e magricelas com a espinhela derreada (espinhela caída é uma expressão de uso corrente no interior do Brasil), o queixo caído, sem pilhéria nem músculo — só mesmo cobrando. "É justo que o bonifrates pague. Eu sou por elas, coitadinhas!"

O pintor Gorjão, conhecido personagem de *A Tragédia da Rua das Flores*, já referido em outra parte desta obra, para viver fazia cenografia na Rua dos Condes, no Variedades. À noite, porém, em casa, como dizia, fazia Arte. Variedades deve ser outro modo de chamar o Teatro da Rua dos Condes, onde se apresentavam com êxito espetáculos do tipo revista e variedades, bem perto dos Restauradores. No fim do século passado era dirigido pelo ator José Antonio do Valle, conhecido também no Brasil. Nele brilhou a atriz brasileira Amélia Loppicolo.

Victor foi um dia à casa de Madame de Molineux saber notícias dela. Ficou muito contrariado ao ver à porta o *coupé* do Dâmaso. No último lance de escadas, deu com Dâmaso, que descia. Após o embaraço do encontro, Dâmaso contrariou ainda mais Victor, dizendo que ela estava muito bem. Estivera com ela toda a noite mas agora tinha saído. Victor desceu à rua devagar, considerando a atitude de Dâmaso como de uma "secura brutal". Estava desesperado com ele; queria encontrá-lo para o cumprimentar com indiferença.

Deu uma volta ao Aterro, subiu e desceu o Chiado, meteu a cabeça em todas as lojas, comeu bolos no Baltreschi, mas não o viu. À noite, Victor percorreu todos os teatros. "Ao anoitecer começara a cair uma chuva miudinha. E dentro da tipóia, na Rua dos Condes para a Trindade, da Trindade para São Carlos, ia resolvendo a atitude que tomaria se a visse num camarote; nem a iria visitar! Far-lhe-ia um cumprimento seco! Namoraria outras! Riria com as pilhérias dos atores. Fitaria Dâmaso, bocejando com tédio, e se ele o fitasse, ou tivesse um movimento atrevido: — cortava-lhe a cara a bengaladas." Mas Victor não encontrou Madame de Molineux. Já perto do Teatro D. Maria, encontrou Palma Gordo (em *Os Maias* há o conhecido personagem Palma Cavalão), a quem perguntou pelo Dâmaso. A resposta

foi: — Há-de estar com a... — e disse uma obscenidade. Victor bebeu uma garrafa de Colares, dois copos de conhaque, julgando-se interessante na sua dor e pensando em Alfred de Musset, que, ele também, se embebedava com álcool, para esquecer as desilusões do amor humano." Ao outro dia, foi de novo procurar Madame de Molineux, mas a resposta da criada Melanie foi a de que de manhã, com o Dâmaso, tinha ido a Queluz. Novo desgosto de Victor que, para não sofrer as perguntas do tio, foi jantar só, num gabinete, ao Silva. "Desceu o Chiado, devagar, com o abandono fatigado de um adolescente; sentia uma calma no olhar, aquela lassidão magoada que deixam as lágrimas e, todavia, não lhe desagradava estar triste por um desgosto de amor; porque dá à consolação da verdadeira tristeza uma origem nobre sobre as nossas aflições."

Victor, em companhia de Aninhas, sua amante, em casa de quem estava com frequência, foi ver no Variedades uma mágica. Ao sentar-se no camarote, fez-se pálido como cera: "defronte, Dâmaso, de casaca e gravata branca, próspero, deleitado, balofo, triunfante, falava com Madame de Molineux, que logo o notou. Estava esplêndida, com um lindo vestido de seda preta, jóias, luvas, medalhão ao peito. E o amor antigo encheu o peito de Victor, sufocou-o." Mas as maneiras de Madame de Molineux com o Dâmaso lhe deram uma grande cólera. E então começou a inclinar-se para a Aninhas, a fazer-lhe ninharias, rindo alto, arrastando a cadeira. Aninhas deitou-lhe um olhar faiscante: já odiava Madame de Molineux. E Dâmaso não se fartava de mostrar a Victor a sua intimidade, a sua felicidade, suas atitudes triunfantes e movimento de ombros piedosos diante de certas expressões fracas dos atores.

Ao longo do romance, Madame de Molineux passou a adorar Victor: "Uma paixão frenética, servil, fanática, apossara-se dela. Tinha 38 anos — e via-se a amar loucamente um rapaz de 23 anos. Aquela paixão não se assemelhava a nada do que sentira: até aí, reconhecia-o agora, não tivera senão caprichos, *toquades*, manias, ilusões, desejos dos sentidos, fogachos do temperamento. E, de repente, quase velha, um amor completo, irresistível, fanático, apoderava-se dela. Amava-o com todos os entusiasmos da alma, e todas as fibras do corpo; sentia-se capaz de o servir de joelhos, com a devoção duma irmã de caridade e a abnegação duma mãe — e desejava devorá-lo de carícias, com todas as alucinações duma bacante, e as torpezas duma prostituta."

Em *A Tragédia da Rua das Flores* são mais ou menos frequentes referências ao Variedades, à Casa Havaneza, à Rua do Alecrim, à Rua das Flores, ao São Carlos, ao Hotel Universal, ao Restaurante Silva, à Rua do Correio, ao Hotel Central, ao Chiado em geral, ao Botelho (com taverna na Rua dos Retrozeiros, na Baixa), ao Pote-das-Almas,

ao Godefroy, à Praça Luís de Camões, ao Café Inglês, ao Hotel Pelicano (Rua Nova da Princesa, depois Rua dos Fanqueiros nº 278, no Largo de Santa Justa), à Calçada do Pimenta. Eça de Queiroz certamente se referiria ao Pátio do Pimenta, e não Calçada, o qual existia em seu tempo, como hoje. É um pequeno pátio que sai da Rua de Ataíde, bem por trás da Igreja das Chagas de Cristo, perto da Rua das Flores e que, pelas circunstâncias descritas, é o local de que falava o autor. Foi o Pátio do Pimenta uma das muitas moradas de Almeida Garrett em Lisboa. Residiu ele em uma dezena de locais, um dos quais à Rua do Alecrim, de onde "regalava os olhos com uma nesga do Tejo e um pedaço de Cacilhas", no dizer de Aquilino Ribeiro, em 1954, no prólogo a *Viagens na Minha Terra*.

Em dado momento, Timóteo sabia, com efeito, que Victor ia ver Genoveva todos os dias, que abandonara o escritório, todas as ocupações, todos os hábitos antigos (como em *Os Maias*, Carlos Eduardo abandonara o consultório por causa de Maria Eduarda). Era, de certo, o seu desejo, como velho libertino e antigo espadachim, que Victor tivesse uma pequena; mas absorver-se assim, numa paixão, viver agarrado às saias de uma mulher, perder a alegria e o apetite, fazer-se um vadio, isto era demais. Já chegara aos ouvidos de tio Timóteo que Madame de Molineux "era uma aventureira, feita de frieza e de rapacidade, que estava arruinando Dâmaso". Victor, em sua opinião, estava perdendo sua carreira, seu futuro e sua dignidade na intimidade ignóbil de uma barregã (mulher amancebada) descarada. Genoveva era a sereia, a mulher fatal que impele ao casamento vil. A melancolia de Victor crescia. Às vezes, tinha vontade de não ir vê-la mas, chegando a sua hora, uma força irresistível levava-o para a Rua das Flores.

Naquele jantar havido em casa de Genoveva, já referido nesta obra — em que D. Joana Coutinho dissera que as pessoas verdadeiramente delicadas deviam reunir-se para comer morangos e beber leite... — havia tudo menos aquela gente de *soirées*: "nada de acadêmicos caturras nem de poetas pálidos, nem de velhas de turbante. Dissera Genoveva: — Quero gente lavada, com *toilettes* e com graça. Dâmaso lhe submetera uma lista dos convidados, depois de combinações complicadas. Ela conhecia algumas das pessoas, outras pareciam-lhe aceitáveis pela sonoridade do nome e por excentricidades biográficas." Ao chegar Victor, Genoveva apresentou-o à senhora que ele devia conduzir à mesa: uma segunda dama do São Carlos, alta, forte, com nariz bourbônico, o cabelo de azeviche, uns dentes esplêndidos. Tinha feito carreira nos teatros excêntricos da América do Sul, México, Peru, Chile, um pouco do Brasil; falava, com finura, todas as línguas, mesmo um pouco de português, e contava das suas viagens e das suas aventuras.

"Tinha uma vivacidade original de conversação, uma acumulação pitoresca de anedotas, e atrevimentos masculinos; tinha uma *toilette* um pouco violenta, onde se ressentia o gosto aparentoso e detonante de Havana ou de Valparaíso; e as suas maneiras tinham o desenvolto dos bastidores, combinado com um cerimonial veneziano."

A conversa ao jantar não transcorrera de modo fácil. Genoveva e Dâmaso trocavam expansões de tom recriminatório. Era claro que Genoveva queria humilhar Dâmaso — cochichara João da Maia à vizinha. Era absurdo convidar pessoas desprevenidas para assistirem a cenas de família. João da Maia tinha dito em tom que todos ouviram: "Mas o Sr. Silva (Victor), para poeta, não me parece muito pacífico. Vi-o, no outro dia, dar umas bengaladas, na Rua do Alecrim, com um desembaraço respeitável..." Todo o tom da conversa estabelecera no ânimo dos presentes a certeza de que Victor era amante de Genoveva e que havia ali uma pequena comédia de ciúmes. E depois do jantar veio a música, a cavaqueira (bate-papo). Dâmaso queria ficar à noite com Genoveva, que lhe negou hospitalidade sob alegação de dor de cabeça, ao mesmo tempo em que Victor ficava cuidadosamente guardado em um quarto fechado a chave. A uma hora da madrugada, a casa escura e fechada, Dâmaso retornou, puxou o cordão da campainha mas esta fora propositadamente desligada. Houve um escândalo, com Dâmaso batendo à porta de Genoveva com pancadas de tacões, um vizinho a protestar. A casa continuava muda e Dâmaso saíra para a rua, debaixo de chuva torrencial, seus sapatos de verniz chapinhando as poças. Teve um desejo feroz de quebrar as janelas com pedras. Correu, sob as cordas de água que caíam, até à Praça Camões, onde não encontrou carruagem. Foi ao Grêmio Literário: fechado. "Desceu ao Rossio, nem uma tipóia. E a chuva caía, em torrentes grossas: os enxurros sussurravam: e as luzes dos candeeiros viam-se através duma névoa espessa, e com fitas riscadas de fios lustrosos de água. Tinha quase as lágrimas nos olhos. — Foi embora para casa: tinha as meias de seda molhadas. As abas do claque de cetim, deformadas pela chuva, entornavam-lhe água no pescoço; arfava, cansado, suando sob a frialdade, enterrando-se em poças, ao atravessar o macadame — sentindo as canelas trespassadas do molhado, com lágrimas na garganta, amaldiçoando Genoveva, chamando-lhe os nomes mais obscenos, imaginando vinganças, num frenesi aflito. — Esteve ainda a dar argoladas na porta, meia hora: — e quando o criado, estremunhado, veio abrir, rompeu pela escada, grunhindo injúrias, e obscenidades!"

Ao dia seguinte, Dâmaso foi à casa de Genoveva para encontrar Melanie com um bilhete em que simplesmente dizia, com todas as letras, que não o recebera à noite anterior porque não estava só. Dizia compreender que suas relações, a partir dessa confissão, ficassem cor-

tadas. E esperava, da sua delicadeza, que não insistisse em vê-la. "Seria provocar um conflito desagradável." Dâmaso desceu as escadas trêmulo de raiva. Melanie, ao preço de duas libras, revelara a companhia noturna de Genoveva: Victor. "Ladra! — berrou Dâmaso quando Melanie fechou violentamente a porta." E ele, que já tinha gasto com Genoveva mais de doze contos de réis, lhe tinha dado ações, mobiliara-lhe a casa! "Arfava em suores, pelo Largo do Quintela fora: o seu cerebrozinho estava numa ebulição frenética: planeava difamá-la pelos jornais! Arranjaria quem desse uma sova de pau no Victor. (...) A ladra! E não haveria leis? Era impossível que não houvesse leis!" Dâmaso subiu o Chiado a tremer de raiva. Mas a sua vaidade sugeriu uma explicação: talvez fossem ciúmes, intrigas. Alguém houvesse contado a Genoveva que ele tivesse outra amante. Escreveu-lhe e deu ordem ao galego que esperasse pela resposta. "E ficou num banco da Casa Havaneza, fumando severamente um charuto."

E eis que de repente Victor entra na Casa Havaneza e se depara com o Dâmaso. Ao vê-lo, fez-se pálido mas, numa resolução repentina, disse-lhe familiarmente: "— 'Olá'. — 'Não falo a canalhas' — bradou Dâmaso. Victor ergueu a bengala. Dâmaso, instintivamente, agachou-se. Um sujeito corpulento precipitou-se e segurou Victor que, fechando os punhos, lançou o desafio do duelo: — 'É uma pendência de honra...'. E Dâmaso: — 'É um canalha! Imaginar que eu me bato! Está enganado. Venha para cá. Racho-lhe os ossos'. — Dâmaso soprava e tinha os olhos vermelhos. Duas lágrimas rolavam-lhe pelo nariz. Fez-se pálido. Alguém pediu um copo de água. Pessoas paravam para olhar o episódio. Dâmaso envergonhou-se, chamou um trem, o cocheiro bateu. A gente dispersou-se, rindo: 'Questão de mulheres', disse o sujeito robusto. O que lambia a estampilha disse, com uma vozinha fina, e com o olhar aceso, de desejo: 'Temos duelos, hein?' — O sujeito robusto encolheu desdenhosamente os ombros: 'Duelos! Em Lisboa! Uma pulhice. Comédia, é tudo uma comédia...' — 'Graças à civilização, graças à civilização' — disse o outro, abrindo uma boca enorme, e passando a língua noutra estampilha, pondo-se em bicos de pés. O sujeito robusto fez sobre a civilização uma observação obscena — e afastou-se, fazendo girar a bengala."

Dâmaso, mais tarde, contava o episódio da Casa Havaneza a João da Maia e a Gonçalo Cabral. Este aconselhou logo: "Mas então, bata-se!" — E Dâmaso, com uma resolução violenta: "Não me bato, não me bato! Não me faltava mais nada!" Victor e João da Maia combinaram que se devia arrancar ao Dâmaso uma satisfação escrita que o *achatasse*. Senão, duelo a espada, na Cruz Quebrada, ao outro dia, de manhã, ao primeiro sangue. Victor sentia um impulso de virilidade e uma

dilatação de orgulho com a idéia do duelo. Julgava-se muito nobre, quase heróico. Saboreava mesmo a emoção que lhe daria aparecer com o braço ao peito, pálido. Mas também lembraram-lhe casos de pessoas que nunca jogaram a espada, ou dispararam uma pistola, e morreram. E via-se estendido sobre a relva com fios de sangue escorrendo. "Aquilo fez-lhe bater o coração; veio-lhe como uma certeza súbita de que a vida era um bem delicioso, olhou o céu, que lhe pareceu encantador, e a cidade, a que a luz dava a alegria suave dos tons de Inverno. Uma nuvem, que se avermelhava para os lados do mar, fez-lhe de novo pensar no sangue, em lábios roxos de feridas. Teria por acaso medo? E, àquela idéia, sentiu todo o sangue fugir-lhe do coração — mas para se reconfortar entrou na Taverna Inglesa, e bebeu dois cálices de Xerez. O calor do vinho reanimou-o e saiu, desejando encontrar-se já no campo, em mangas de camisa, brandindo a espada, com uma fúria de leão. E depois os jornais falariam, vir-lhe-ia uma celebridade de valente, as mulheres olhá-lo-iam, os homens temê-lo-iam; e agora quase tinha receio que Dâmaso não aceitasse. E, todavia, invejava vagamente as pessoas tranquilas que passavam, que não iam decerto a bater-se em duelo, ao outro dia de madrugada."

Finalmente, Dâmaso fez uma carta a Victor para retratar-se da palavra descortês que lhe dirigira na Casa Havaneza ("canalha"), que não traduzia suas intenções porque, na ocasião, se achava inteiramente embriagado. Os padrinhos de Victor, João da Maia e Gonçalo Cabral, davam por terminada a sua missão. Tudo estava no *Diário Popular*. E Victor fizera Genoveva ler a notícia.

Dâmaso recebeu a visita de um parente, Casemiro Valadares, um sujeito sério, de sobrancelhas cerradas e de quem se dizia: "O Valadares não é para graças." Em matéria de duelo, questões de pacto de honra e pendências entre cavalheiros, era um mestraço! Infelizmente para Dâmaso, ele tinha considerado a carta publicada no *Diário Popular* como "a vergonha das vergonhas". Queria que o Dâmaso reabrisse toda a questão. Mas este recusou com violência: "Para camisa de onze varas, já bastava! Estava farto de complicações. Havia duas noites que não dormia." Valadares achou tudo tão estranho que considerava que o Dâmaso devia desafiar o próprio padrinho, João da Maia, para duelo. Durante alguns dias Dâmaso viveu um pouco retirado no fundo do *coupé*, não indo a teatro. Uma noite arriscou-se a ir ao Grêmio e recebeu dois: "Olá, seu Dâmaso." Animado, mostrou-se pela tarde na Casa Havaneza. Recebeu apertos de mão. Foi a São Carlos e na visita aos camarotes as senhoras tiveram, sem diferença, os mesmos sorrisinhos, as mesmas amabilidades: ou ninguém tinha lido a notícia no Jornal, ou achavam natural — foi a sua reflexão. E achou Valadares caturra e espadachim. E no Grêmio falou violenta-

mente, numa roda, contra Madame de Molineux e Victor, chamando-o desavergonhado e, a ela, de bêbeda. Como que corroborando o julgamento sobre a condição de ser *A Tragédia da Rua das Flores* um rascunho de *Os Maias*, vem o episódio da carta anônima publicada na *Corneta do Diabo*, parecida com aquela que aparece no grande romance, em termos altamente insultuosos para Victor: "Ora viva, Sô Victor! Então deixas o escritório do ilustre Dr. C.? Já se não necessita explorar a viúva e o órfão? (...) É que o Sô Victor achou emprego mais bem remunerado e, em lugar de explorar a viúva, explora a estrangeira." E faz outros comentários, que andavam no Chiado. A primeira idéia de Victor, ao ler a nota, com lágrimas de raiva, foi chicotear o Dâmaso. Tremia em pensar que o tio Timóteo lesse a nota. E ele leu, dobrando cuidadosamente o *Times*, depois de correr os olhos sobre artigos a respeito da política egoísta e covarde da Inglaterra, de Lorde Beaconsfield. Tio Timóteo continuava a pensar mais nas grandes questões do mundo, espalhadas no *Times*. Mais tarde, Genoveva foi ao *atelier* de Camilo Serrão, que reclamava a presença de seu modelo (Genoveva) para um retrato que bem poderia trazer-lhe a glória e a fortuna. Mas, no *atelier* de Camilo Serrão, Genoveva encontrou Victor com Joana, a mulher do pintor. Momentos antes tinha-se beijado e Joana chorava. "Genoveva entrou devagar no *atelier*, olhando ela e ele, com um olhar seco, febril os lábios brancos: — A senhora sabe que este homem é o meu amante? — Joana não respondeu. Genoveva dardejou sobre eles dois olhares cruéis, como estocadas: — Pois se o torna a esquecer, eu lho lembrarei de outro modo." E imperiosamente chamou Victor para segui-la. Um *coupé* de praça os esperava à porta e até à Rua das Flores não disseram uma palavra, não se olharam. Depois veio a longa queixa de Genoveva, a dizer que sacrificou tudo por Victor, riqueza, divertimento, prazeres, luxo, tudo para ser por ele enganada com uma criada de servir, ou cozinheira. Mas o amor faz tudo passar. E uma noite, Genoveva e Victor foram ao Circo Price (um teatro-circo erigido em 1860, na altura da Rua do Salitre, ao desembocar desta no que é hoje a Avenida da Liberdade, correspondendo seu local aproximadamente ao sítio onde está hoje o monumento aos Mortos da I Grande Guerra). O povo o chamava comumente Círculo dos Cavalinhos, por causa da apresentação de espetáculos hípicos com pôneis amestrados. Zarzuelas e números de acrobacia eram também montados por *Mr.* Price, um inglês, proprietário do teatro-circo, que teve entre seus frequentadores D. Luís e D. Maria Pia. O Real Ginásio Clube Português ali se exibia com saraus ginásticos, em noites feericamente iluminadas a gás. O Circo Price começou a ser demolido em 1879, para a abertura da Avenida da Liberdade, em meio a cerimônias que constituíram em si um espetáculo.

As cadeiras estavam vazias. Aqui e além alguns sujeitos; marujos ingleses, meio bêbedos, boxeavam-se na geral; duas espanholas vestidas de verde abanavam-se com frenesi. Sobre um cavalo escuro, uma volteadora tomava atitudes graciosas. O palhaço lhe atirava beijos. Ao som da charanga, um cavalo branco galopava, em movimento monótono e dormente, sustentando um homem esguio, de musculatura melancólica e pobre, que fazia jogos malabares. Tio Timóteo tinha decidido visitar Genevova para tentar afastá-la de Victor e impedir seu casamento. A noite arrefecia e Victor e Genoveva foram para casa. Já eram onze horas da noite quando subiam a Rua das Flores e, parando diante da casa onde ela morava, olharam as altas janelas do 3º andar onde havia luz. Imaginaram a aventura para tio Timóteo subir aquelas escadas com sua perna de pau. No dia seguinte, a casa estava arrumada com um ar bastante respeitável e burguês para esperar a visita de tio Timóteo. Genoveva completou a decoração com alguns acessórios de honestidade. Abriu sobre o piano o *Stabat Mater* de Rossini. Pôs um livro de missa em lugar visível, como se tivesse ido de manhã à igreja. Atirou negligentemente para cima da mesa um recibo de ajuda a escolas de crianças pobres. Colocou um esfregão na sua cesta de costura, em lugar do bordado, para revelar preocupações úteis e não vagares elegantes. Considerava que a sala estava um templo de virtude. Victor apareceu e ao meio-dia saiu, dizendo a Genoveva: "Vou para o Chiado ver se passa a carruagem do tio Timóteo; ponho-me a esperar que ele saia — e venho logo saber as novidades." E ia sair mas, por um impulso estranho, quase melancólico, voltou, apertou-a contra o peito, beijaram-se profundamente e ele saiu comovido, jurando que houvesse o que houvesse seria dela, para sempre.

Era uma hora da tarde quando a velha parelha do tio Timóteo parou à porta do prédio. Genoveva ouvia, com o coração a bater-lhe, os sons secos da perna de pau que subia devagar. Na conversa, tio Timóteo sentia vagamente que conhecia aquela fisionomia e que já vira aquele olhar. Genoveva mordia um pouco o beicinho e descia as suas grandes pestanas pretas. Mas ergueu-as logo e o seu olhar prendia-se ao de Timóteo, com uma insistência ansiosa. A ela também lhe parecia que conhecia aquela figura. Quando? Quando o vira? Onde? Em dado momento os olhos de ambos penetraram-se, como numa interrogação desesperada. E Timóteo disse que vinha falar-lhe de Victor. Disse que não era um velho tio de comédia, burguês, que se aterra quando o rapaz tem uma amante. Todos os homens têm amantes: é tão necessário como tomar banho. Ele seria o primeiro a aplaudir Victor — se aquela ligação não lhe trouxesse transtornos graves. Em dado ponto da conversa, Genoveva, candidamente, decidiu contar sua história, porque via em Timóteo um homem de bem, um homem de coração, de inteligência, que a compreenderia. Victor não sabia de

nada. Pensava, como todo o mundo, que ela era uma senhora da Ilha da Madeira, que fugira com um inglês e que, em Paris, depois se fizera... — o que eles dizem *cocote!* Ao contar sua origem e sua história, todos os pontos se fecharam, Genoveva fora casada com Pedro da Ega e Victor era seu filho! Timóteo dizia: — "Maldita! Maldita! Maldita! (...). Ela levou as mãos à cabeça, com um gesto medonho: os olhos saíam-lhe das órbitas, a boca queria gritar; começou a torcer as mãos; a sua trança soltou-se; levou os dedos convulsivamente ao colar, a mola desprendeu-se; e dando passos vagos pela sala, com sons roucos e terríveis, os braços altos, batendo o ar — foi cair sobre o tapete, com os braços abertos. Timóteo berrou, olá! olá! — Melanie correu; precipitou-se, com gritos sobre Genoveva; foi abrir a janela; começou a desapertá-la. — E Timóteo, alucinado, encostando-se às paredes, desceu as escalas, atirou-se para a carruagem; o cocheiro ao voltar-se ficou pasmado de lhe ver as lágrimas a rolarem pelos olhos."

Victor chegou pouco depois em casa e deparou-se com o estranho quadro de Genoveva esguedelhada, colete aberto, lívida, velha, os braços caídos. Todo o jeito dela era anormal. Victor correu para ela, cujos braços faziam sinal que não! não! Respirava tragicamente. Os olhos terríveis, saídos das órbitas, fixavam-se nele com uma persistência pavorosa. Ela aparentava possuída de um terror alucinado e ele não sabia do que se tratava. "Endoideceu!", dizia ele. Ela, numa ânsia terrível, soltou num baque súbito um grito: "Maldito! Maldito!"

"E, olhando num relance, correu à janela, e, lançando o corpo sobre o peitoril, atirou-se, com um grito estridente. Victor sentiu ainda o seu corpo fazer, na rua, como que um som baço e mole dum fardo de roupa."

Os jornais falaram alguns dias no suicídio na Rua das Flores. A polícia fez algumas investigações preguiçosas e o caso, considerado daí em diante como suicídio, lentamente esqueceu. Dâmaso, a princípio, ficou embatucado. Reapareceu depois, gordinho e risonho, a dizer: — "Eu sempre lho profetizei. Era doida. Havia de acabar mal."

7.

BAIRRO ALTO

"Durante os dias da Abrilada estava ele (Afonso) nas corridas de Epsom, no alto de uma sege de posta, com um grande nariz postiço, dando hurras medonhos — bem indiferente aos seus irmãos de Maçonaria, que a essas horas o senhor Infante espicaçava a chuço, pelas vielas do Bairro Alto, no seu rijo cavalo de Alter."

Eça de Queiroz, *in Os Maias*,
Belo Horizonte, 1980.

"São Roque (L'église de) est due à l'Architecte Terzi et de la fin du XVI ème siècle. On y remarque particulièrement la chapelle S. João Baptista dite joanine parce que sa décoration fur commandée par le roi D. João (Jean) V à l'architecte Vanvitelli. La richesse des marbles italiens qui la décorent en fait un véritable joyau."

Marquis de Bombelles, *in Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788*, Paris, 1974.

"Aqui, o pitoresco das ruas e das edificações rivaliza com o ambiente de diversão que constitui o principal atractivo para a maioria dos visitantes, seja nas tradicionais casas de fado, nos bares-discotecas de exótica clientela, seja nos pequenos restaurantes típicos onde a qualquer hora do dia não falta o movimento e a animação."

Lisboa, edição da Câmara Municipal,
Lisboa, 1982.

Diz Norberto de Araújo, no livro VI de *Peregrinações em Lisboa*, que o Bairro Alto é um "aglomerado popular riscado há quatrocentos anos e que, mercê de circunstâncias sociais favorecidas pelos elementos naturais topográficos, criou uma individualidade". O livro de Norberto de Araújo data de 1938-1939. O Bairro Alto tem sua antiguidade mas não é tão velho quanto a Alfama e a Mouraria. Foi inicialmente conhecido pelo nome de Vila Nova de Andrade, e depois Bairro de São Roque, antes de ter consolidado seu nome como Bairro Alto. As origens desse local de Lisboa remontam ao início do século XVI — uma herdade extramuros das Portas de Santa Catarina (da Cerca Fernandina), as quais se situavam aproximadamente onde estão hoje as Igrejas do Loreto e da Encarnação. O Bairro Alto compreende, na sua planta geral, cerca de 30 ruas e travessas, correndo metade delas no sentido norte-sul e a outra metade na orientação leste-oeste. Vários nomes de ruas daquele bairro — que tem como um de seus eixos principais a atual Rua da Misericórdia — vêm ainda da era quinhentista. O terremoto de 1755 não significou o arrasamento completo do Bairro Alto, como ocorreu com a Baixa, que renasceu em outro estilo e outra forma. Como o século XVI foi o século da Índia e do Brasil, a Lisboa de então cresceu e extravasou de seus limites. O Bairro Alto terá sido uma expressão daquele crescimento de Portugal no mundo. O século XVII o consolidou e nele havia três freguesias eclesiásticas com nomes hoje vivos: Chagas (Igreja das Chagas de Cristo), Loreto (Nossa Senhora do Loreto) e Santa Catarina (uma das belas igrejas paroquiais de Lisboa, na Calçada do Combro). Antes do terremoto, o Bairro Alto integrava o segundo bairro de Lisboa, juntamente com a Encarnação, o Sacramento, subúrbios de Campolide (Rato) e a nova freguesia de Santa Isabel (Campo de Ourique). Ligada ao nascimento, à beleza e às tradições do Bairro Alto tem sido a Igreja de São Roque,

da Companhia de Jesus, mandada edificar no final do século XVI, situada no antigo Largo de São Roque, a partir de 1913 Largo de Trindade Coelho (escritor, jornalista, de belas tradições coimbrãs, 1861-1908). Era a antiga Casa Professa dos padres jesuítas, que tanto beneficiou aquela parte da cidade. D. José I, em 1768, após a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal (1759), fez doação do edifício, igreja, terrenos e bens da Casa Professa de São Roque à Misericórdia de Lisboa. A lotaria (no Brasil: loteria) da Misericórdia de Lisboa foi criada em 1783 por D. Maria I, com a finalidade de auxiliar obras pias, hospitais, expostos, e, mais tarde, a Casa Pia de Lisboa, fundada pelo Intendente Pina Manique, ainda ao tempo de D. Maria I. A Lotaria tem sempre funcionado no edifício vizinho à Igreja de São Roque, no antigo Largo de São Roque. A imprensa lisboeta informou em 16 de junho de 1983 (*Correio da Manhã*, página 17) que o Doutor Pedro Vasconcelos, Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, assinou contrato para a compra ao Instituto de Emprego e Formação Profissional do imóvel situado à Avenida da Liberdade nº 194, para nele reinstalar, em 1985, a Lotaria Nacional, assim deixando a tradicional sede de São Roque, onde terá estado por mais de duzentos anos.

O Bairro Alto é uma parte característica de Lisboa, de aspecto setecentista, pitoresco, cativante em seu todo, com ruas, ruelas e vielas, com seu pequeno e variadíssimo comércio, centro de gastronomia e de casas de fado, área de belos e senhoris palácios, bem como de edifícios de moradia de pessoas de recursos médios. Segundo o escritor e jornalista Jorge Ramos, em reportagem publicada no semanário *Turismo*, edição de 14 de dezembro de 1982, em Lisboa, "o Bairro Alto é o coração da Capital, a imagem fiel da velha Lisboa no seu pitoresco e colorido". Foi no século XVII que se tornou um bairro turbulento, célebre para brigas, rixas e disputas, coutada da vadiagem em sua ronda noturna, "local de amores venais e aventuras galantes, em que rufiões e fidalgos quase se confundiam", segundo citação que Jorge Ramos faz de Nogueira de Brito. Os faias (malandros do fado) deram fama ao bairro. Nele viveu e morreu o poeta Manuel Maria de Barbosa Du Bocage, nascido em Setúbal, em 1765, e falecido em Lisboa, em 1805, na Travessa André Valente, nº 25, uma pequena transversal da Rua do Século.

Nos ranchos que têm desfilado em recentes anos na Avenida da Liberdade, nas festas de Santo Antônio de Lisboa, o Bairro Alto comparece com pelo menos quatro tipos populares: as vendedeiras de flores, as varinas (vendedeiras de peixe), os aguadeiros (vendedores de água) e os ardinas (vendedores de jornais). É da tradição do Bairro Alto fornecer jornais à cidade. Três dos cinco vespertinos que hoje se editam em Lisboa saem do Bairro Alto: *A Capital*, *Diário Popular* e

Diário de Lisboa. *O Globo* bem como o matutino *Correio da Manhã* e o semanário *Tempo* saem bem perto do Bairro Alto, no Príncipe Real. Também no Bairro Alto foi fundado em 1881 o jornal *O Século*, iniciativa de Sebastião de Magalhães Lima (nascido no Rio de Janeiro, em 1850, falecido em Lisboa em 1928), jornalista republicano, deputado, irmão do escritor Jaime de Magalhães Lima. Seu endereço era na Rua Formosa nº 43 (depois Rua do Século), no casco do que era o antigo Palácio Lançada onde, durante bom período no século passado, D. Maria Krus mantinha um salão literário frequentado por grandes nomes da época, como Antonio Feliciano de Castilho, Bulhão Pato, Almeida Garrett, José Estêvão e outros. Em 1921, estendeu-se a norte para o imóvel vizinho que foi desanexado do corpo lateral do Palácio Pombal. *O Século* deixou de editar-se a partir da revolução de abril de 1974. Numa parte de suas tradicionais instalações funcionava, em maio de 1983, o Ministério da Qualidade da Vida. Sebastião de Magalhães Lima dirigiu também a *Vanguarda*, órgão que tinha sede no Bairro Alto. Seu túmulo no Cemitério dos Prazeres é dos mais conhecidos — uma grande estátua que o figura, perto da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, reverenciada pelos maçons portugueses. Ainda no Bairro Alto se publicam dois periódicos esportivos: *A Bola* e o *Record*.

Na Rua dos Calafates (desde 1885 Rua do Diário de Notícias) foi fundado o *Diário de Notícias*, por iniciativa de Tomaz Quintino Antunes e Eduardo Coelho. Inicialmente era publicado na própria sede da antiga Tipografia Universal, que Tomaz Quintino Antunes comprou, com as oficinas, naquela rua cuja designação quinhentista se referia aos calafates que trabalhavam para os estaleiros e ficavam lá embaixo, em Santos, Remolares e Ribeira das Naus. O primeiro número do *Diário de Notícias* apareceu em 29 de dezembro de 1864 e começou a publicar-se, regularmente, a partir de 1º de janeiro de 1865. O edifício daqueles começos do *Diário de Notícias* era um modesto prédio de dois andares, situado na esquina da Rua dos Calafates com a Travessa do Poço da Cidade (ainda hoje com o mesmo nome).

Eduardo Coelho, primeiro diretor do *Diário de Notícias*, faleceu em 1889. Um monumento em bronze foi-lhe erigido em 1904, em São Pedro de Alcântara. Seu nome foi dado a uma rua do Bairro Alto. Era irmão de Adolfo Coelho, o que fez a última das conferências no Casino Lisbonense, em 1871. Tomaz Quintino Antunes faleceu em 1908, aos 88 anos de idade, com o título de Conde de São Marçal. O *Diário de Notícias* constituía uma sociedade composta de herdeiros dos dois fundadores, *Coelho, Cunha e Brito & Cia*. Em 1919, aquela firma deu lugar à Empresa *Diário de Notícias S.A.R.L.*, pertencente ao grupo de Fausto Figueiredo, tendo assumido a direção do jornal o Doutor Au-

gusto de Castro, notável escritor, jornalista, teatrólogo, acadêmico e embaixador. Em 1940, ano do terceiro centenário da independência de Portugal (Restauração), o *Diário de Notícias*, cuja aparelhagem gráfica e mecânica atingira alto nível de modernização, se instalou em novo edifício no alto oriental da Avenida da Liberdade, nº 266, com fundos para a Rua Rodrigo Sampaio, onde se encontra nesta data. No dizer de um veterano jornalista, "Adeus — velha folha da Rua dos Calafates!"

Em 29 de dezembro de 1914 o *Diário de Notícias* publicou interessante livro em comemoração do cinquentenário de sua fundação, sendo então diretor Alfredo da Cunha. Contém notas e informações a respeito do relacionamento de Eça de Queiroz com o jornal. Alfredo da Cunha assinalava que, em fins de julho de 1870, quando o *Diário de Notícias* começou a publicar os folhetins do *Mistério da Estrada de Sintra*, o jornal não completara ainda meia dúzia de anos de existência. O fundador do grande matutino, Eduardo Coelho, foi, com Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, "cúmplice na mistificação que assombrou, durante dois longos meses, os leitores menos precavidos do jornal da antiga Rua dos Cafalates". E em seguida vêm publicados uma carta de Eça de Queiroz a Eduardo Coelho e um texto de Alfredo da Cunha, em que este cita esta frase de Camilo Castelo Branco a respeito do *Mistério*: "Há-de ficar assinalado no desenvolvimento das belas coisas que estavam embrionárias no vocabulário marasmado durante dois séculos."

O nome da Rua do Grêmio Lusitano, que substituiu o da Travessa do Guarda-Mor, foi homenagem à Maçonaria, pois na esquina com a Rua da Atalaia, em 1875, foi instalada a sede do Grande Oriente Lusitano Unido, fundado em 1869. José Elias Garcia, Grão-Mestre da Maçonaria, vereador de Lisboa, promoveu a mudança do nome da Travessa do Guarda-Mor para a Rua do Grêmio Lusitano.

Também no Bairro Alto está a Academia das Ciências de Lisboa, com sede em antigo convento de frades franciscanos, o Convento de Jesus. Sebastião José de Carvalho e Melo, que veio a ser o Marquês de Pombal, nasceu no Bairro Alto. A arquiteto alemão Frederico Ludwig, que construiu Mafra, ali fez sua bela mansão, maliciosamente chamada de "palácio das lascas" — alusão às sobras de Mafra. É hoje sede do Solar do Vinho do Porto e do Instituto Português do Cinema. A família do notável empreendedor que foi Jácomo Ratton, francês de origem, ali implantou fábricas e seu palácio, construído em 1822, sede do Tribunal Constitucional a partir de 1982, sob a presidência do Professor Armando Marques Guedes.

Segundo Norberto de Araújo, Bairro Alto significa "balbúrdia, anedota, fama do gênero ínfimo, tropel de gente, arruído de trabalho,

música de pregões, e o resfolegar das rotativas, às horas matinais — canta o galo nos quintais das traseiras cor-de-rosa velho". Ele se define "nas fachadas, nas janelas, nos cunhais, nos tímpanos das ermidas, nos beirais setecentistas, nos registros de azulejos, nas marcas foreiras, nas empenas de bico, nos canteiros floridos, na boca das baiucas, nos traços da nobreza vencida pelo tempo, nos sulcos vivos do trabalho das oficinas — na tradição oral e na memória silenciosa das coisas".

Do ponto de vista da obra de Eça de Queiroz, pelo menos duas dezenas de suas obras contêm referências ao Bairro Alto. De singular importância a este respeito é o fato de que o *Cenáculo* se situava naquela parte da cidade, à Travessa do Guarda-Mor nº 19, 1º andar, esquina da então Rua dos Calafates, onde morava Jaime Batalha Reis, jornalista, escritor, crítico, economista e diplomata (1847-1935), amigo íntimo de Eça de Queiroz. Antonio Cabral, em seu livro sobre a vida e a obra de Eça de Queiroz, editado em 1916, assinala que em fins de 1867, ou princípios de 1868, se formou o célebre *Cenáculo*, em casa de Jaime Batalha Reis, na Travessa do Guarda-Mor. "Era uma reunião de rapazes, uma espécie de boêmia literária, em que se discutia arte, filosofia, letras, política, religião, tudo acompanhado de um berreiro ensurdecedor que fazia o desespero da vizinhança. (...) O *Cenáculo* era constituído, primitivamente, por Eça de Queiroz, Salomão Saragga, Jaime Batalha Reis e também Santos Valente, Marianno Machado de Faria e Maia e José Eduardo Lobo de Moura, que tinha sido condiscípulo de Eça de Queiroz no curso na Universidade, era notável pelo imprevisto dos seus ditos e faleceu como juiz presidente da Relação dos Açores. Também de quando em quando compareciam nas barulhentas sessões Augusto Fuschini, José Tedeschi, Frederico Philemon da Silva Avelino, e os srs. Alberto Telles e *maestro* Augusto Machado, Antero de Quental, que tinha vindo da ilha de S. Miguel para Lisboa, em novembro de 1868, e foi um dia apresentado no *Cenáculo*, passando logo a ser uma das suas principais figuras. Tão intimamente se ligou com o sr. Jaime Batalha Reis que foi depois viver com este na sobreloja de uma casa de S. Pedro de Alcântara, em frente da alameda (jardim de S. Pedro de Alcântara). Ali começou Oliveira Martins a frequentar o *Cenáculo* e também, mais tarde, Ramalho Ortigão, já então de pazes feitas com Antero de Quental, seu adversário três anos antes no célebre duelo da Arca d'Água.

Eis o que era — e quem o constituía — o famigerado *Cenáculo*, a que Eça de Queiroz, um dos seus membros mais ilustres, se refere saudosamente em várias passagens de escritos seus. Escreve ele no artigo acerca de Antero de Quental, *um gênio que era um santo*: "Enfim Antero volta a Lisboa, encontra o Cenáculo. Encontra o nosso querido Cenáculo instalado na travessa do Guarda-Mor, rente a um quarto

onde habitavam dois cônegos e sobre uma loja em que se agasalhavam, como no curral de Belém, uma vaca e um burrinho. Entre essas testemunhas do Evangelho e esses dignatários da Igreja, rugia e flamejava a nossa escandalosa fornalha de Revolução, de Metafísica, de Satanismo, de Anarquia, de Boêmia feroz. J. Batalha Reis era o dono do aposento temeroso, e Via-Láctea, galego ilustre, o seu servo. Via-Láctea dormia pendurado, como um paio, da chaminé da cozinha. As suas ocupações não consistiam em escovar ou carrer. A Via-Láctea fora confiada a missão transcendente de espreitar a passagem da Idéia ao longo do rio do Espírito, para nos avisar, e nós corrermos e a prendermos na rêde rutilante do Verbo. Durante dois anos, cada dia, a horas de sol e a horas de treva, empurramos nós com fragor a porta da cozinha, e berramos com ânsia: "Via-Láctea! Via-Láctea! Viste enfim a Idéia Pura boiando na corrente Espiritual... E durante dois anos Via-Láctea, de dentro da chaminé ou de sobre a tampa d'um caixote, imutavelmente rosnou com uma dignidade triste: *'Num bi nada'*. Aí Antero apareceu n'uma fria manhã — e foi aclamado. Naquela viela de Lisboa ressuscitou, então, por um momento, a encantada e quase fantástica Coimbra de que ele sempre conservara uma saudade romântica. Antero, porém, que desembarcara em Lisboa, como um Apóstolo do Socialismo, a trazer a Palavra aos gentílicos, em breve nos converteu a uma vida mais alta e fecunda. Nos fôramos até aí no Cenáculo uns quatro ou cinco demônios, cheios de incoerência e de turbulância, fazendo um tal alarido lírico-filosófico que por vezes, da noite, os dois cônegos estremunhados rompiam a berrar, o burro por baixo zurrava, desoladamente, e no céu, sobre os telhados fronteiros, a luz parava, enfiada. Mas toda a nossa alma se ia nesse alarido, e o vento vão da Boêmia a levava, para onde leva as almas descuidadas e as folhas de louro secas... Sob a influência de Antero logo dois de nós, que andávamos a compor uma ópera-bufa, contendo um novo sistema do Universo, abandonamos essa obra de escandaloso delírio — e começamos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes. Via-Láctea começou a varrer."

Há no começo de *Os Maias* uma referência ao Bairro Alto, já transcrita em uma das epígrafes que abrem este capítulo. Afonso da Maia, o jacobino cujo ideário político tanto desgosto causava ao pai, Caetano da Maia — este absolutista, adepto do Infante D. Miguel, e que se benzia ao ouvir o nome de Robespierre — resolveu abandonar o ambiente conflituoso em que vivia e partir para a Inglaterra. Para o velho Caetano (bisavô de Carlos Eduardo) isto era um milagre, pois assim o filho deixava de "pactuar com Belzebu e com a Revolução" (liberal). Afonso veio pedir ao pai a bênção e alguns mil cruzados para ir à Inglaterra, "esse país de vivos prados e de cabelos de ouro,

de que lhe falara tanto a tia Fani". O velho Caetano viu nisso uma intercessão de Nossa Senhora da Soledade (tradicional devoção em Portugal, também chamada Senhora das Angústias, da Amargura, da Piedade, das Dores, etc., segundo o Padre Doutor Jacinto dos Reis, em *Invocações de Nossa Senhora em Portugal*). E Frei Jerônimo da Conceição, seu confessor, considerou o milagre não inferior ao de Carnaxide. É alusão a Nossa Senhora da Rocha, cuja pequenina imagem, muito milagrosa, foi descoberta em 28 de maio de 1822, numa gruta na Ribeira do Jamor, Freguesia de Carnaxide, Concelho de Oeiras, vizinho do Concelho de Lisboa. A imagem é chamada Nossa Senhora da Conceição da Rocha. Tinha acabado de surgir aquela poderosa devoção ao tempo em que o personagem Frei Jerônimo da Conceição a ela se referiu. O período de D. Miguel termina de todo em 1834, com a batalha de Asseiceira, a rendição perante as forças liberais e a assinatura, em 26 de maio, da Convenção de Évora Monte. Afonso já estava na Inglaterra nos dias da *Abrilada*, "bem indiferente aos seus irmãos de maçonaria que, a essas horas, o senhor Infante espicaçava a chuço, pelas vielas do Bairro Alto, no seu rijo cavalo de Alter". A *Abrilada* foi um movimento contrário a D. João VI, desencadeado por seu filho, o Infante D. Miguel, em 29 de abril de 1824, e na sucessão do movimento antiliberal iniciado em 27 de maio de 1823 e que ficara conhecido pelo nome de *Vila-Francada*. Alter é referência à sede da antiga Coudelaria Real, talvez a mais importante das instituições do gênero em Portugal e que contribuiu para a divulgação do nome de Alter do Chão, uma vila do alto Alentejo, perto de Crato e de Portalegre. Foi povoação romana situada na estrada de Lisboa a Mérida com o nome de *Elteri*, e que teria sido destruída pelo Imperador Adriano. A Coudelaria Real de Alter do Chão foi fundada por D. João V em 1748, por iniciativa de seu filho, o Príncipe D. José, que subiria ao trono dois anos depois. Dessa coudelaria saiu o cavalo chamado *Gentil*, que serviu de modelo para o da estátua de D. José, no Terreiro do Paço (Praça do Comércio). Nos tempos que correm, tem-se a impressão de que há um ressurgir da alta escola de cavalaria e equitação em Portugal. A Escola Portuguesa de Arte Equestre, de criação recente, foi objeto de referências na imprensa portuguesa a propósito da manifestação de seu interesse em reivindicar para si o Picadeiro de Belém, organizado na sequência (sempre segundo a imprensa) da criação da Coudelaria de Alter, na coutada de Arneiro. Desde 1904, por iniciativa da Rainha D. Amélia, o Picadeiro de Belém passou a abrigar o Museu dos Coches. Segundo o *Correio da Manhã*, de 7 de julho de 1983, a Senhora Maria Madalena de Cagigal e Silva, diretora do Museu dos Coches, opôs-se àquele objetivo, afirmando que não há tradição de picaria real ou de exibições para o público ligada ao antigo Picadeiro Real.

Mais adiante, no episódio do crime da Mouraria, em que uma rapariga apareceu com o ventre rasgado a navalha (já referido nesta obra), Dâmaso Salcede tinha a satisfação de dar detalhes sobre o assunto. Conhecera a que dera as facadas, quando ela era amante do Visconde de Ermidinha, o qual ia vê-la mesmo depois de casado. Prometia-lhe montar uma confeitaria para os lados da Sé se ela um dia deixasse aquela vida de fadista boêmia. "Mas ela não queria. Gostava daquilo, do Bairro Alto, dos cafés de *lepes*, dos chulos..." *Lepes* é gíria portuguesa para definir moeda de dez réis. O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete, registra precisamente a expressão *café de lepes*, um café ordinário, a dez réis.

O poeta Alencar, em uma ocasião, acompanhando Carlos Eduardo até ao Ramalhete, dele se despede e dá seu endereço: "Tem bom ar esta vossa casa... Pois entra tu, meu rapaz, que eu vou andando por aqui para a minha toca. E quando quiserem, filho, lá me tens na Rua do Carvalho, 53, 3º andar. O prédio é meu, mas eu ocupo o terceiro andar. Comecei por habitar o primeiro mas tenho ido trepando... A única cousa mesmo que tenho trepado, meu Carlos, é de andares..." Como já visto, a Rua do Carvalho é hoje a Rua Luz Soriano, que sai do Largo do Calhariz para dentro do Bairro Alto, a norte. O Calhariz era, como hoje, um largo situado no eixo da Rua do Loreto e da Calçada do Combro — ligando-as. Naquele largo se situa hoje um imponente edifício, fruto do remanejamento e junção de dois antigos palácios que perderam sua identidade, e onde tem hoje sede a Caixa Geral de Depósitos. Os dois antigos palácios eram o Palácio dos Condes de Sobral e o dos Duques de Palmela. Hoje o conjunto da Caixa Geral de Depósitos (comumente chamado Palácio Palmela) se estende da Rua Luz Soriano até a Rua da Atalaia, arrancando do centro desse conjunto a Rua da Rosa, uma da mais típicas do Bairro Alto. O prédio da Caixa dá fundos para a Travessa das Mercês, que corre na direção leste-oeste. Em frente, no lado sul do Calhariz, está o antigo Palácio dos Marqueses de Valada. Segundo o dicionário de Caldas Aulete, calhariz é uma casta de uva, embora em vários manuais modernos sobre vinhos portugueses consultados não tenha sido encontrado registro dessa cepa.

Os Condes de Gouvarinho moravam na Rua de São Marçal. A casa em que se teria inspirado Eça de Queiroz para residência da família Gouvarinho pode ter sido aquela situada ao nº 79 daquela rua, que pertencia à família Teixeira da Mota, a qual, após um incêndio, em 1981, a vendeu ao Instituto Democracia e Liberdade, órgão do Partido Centro Democrático e Social. Essa é a convicção a que chegou o Doutor Carlos Teixeira da Mota, segundo informou ao autor desta

obra o Doutor Mário Quartin Graça, pela descrição que Eça de Queiroz faz das salas, das janelas, do jardim e de outros pormenores da casa. Lá, uma ocasião, o Conde instalou Carlos Eduardo numa poltrona, no seu escritório, e leu-lhe um artigo que destinava ao *Jornal do Comércio* sobre a situação dos partidos em Portugal. A uma janela aberta sobre o jardim, "Carlos teve um momento de intimidade com a Condessa e contou-lhe, rindo, como os cabelos dela o tinham encantado, a primeira vez que a vira". A Rua de São Marçal (um dos vários endereços que teve Fernando Pessoa) desce da Rua da Escola Politécnica, no Bairro Alto, até transformar-se em Rua da Cruz dos Poiais, que inflete para a Rua dos Poais de São Bento.

Em uma ocasião, Carlos apeava-se de um *coupé* de praça, "que viera parar, devagar, à esquina da Patriarcal, com os estores verdes misteriosamente corridos. Dois sujeitos que passavam sorriram-se, como se o vissem escoar-se desajeitadamente de uma portilha suspeita. E, com efeito, a velha traquitana de rodas amarelas acabava de ser uma alcova de amor, perfumada de verbena, durante as duas horas em que Carlos rolara dentro dela, pela estrada de Queluz, com a senhora condessa de Gouvarinho". Patriarcal ou Patriarcal Queimada é alusão à antiga sede patriarcal do ocidente de Lisboa e que se situava no que é hoje a praça do Príncipe Real, logradouro onde termina a Rua D. Pedro V e começa, na direção norte, a Rua da Escola Politécnica. João Pedro Ludovici, filho de Frederico Ludovici (Ludwig), nomeado Arquiteto-Mor com a morte do pai, fez o projeto da construção da Basílica Patriarcal, levantada sobre as fundações do Palácio Tarouca, na Cotovia (primitiva designação do local hoje chamado Príncipe Real), a partir de 1756. Essa Basílica ardeu em 10 de maio de 1769, por ato criminoso, e do incêndio se originou o nome de Patriarcal Queimada. Ao tempo em que Eça de Queiroz escrevia, aquela parte da cidade já se chamava Príncipe Real. O povo, porém, ainda utilizou por muito tempo o antigo nome de Patriarcal Queimada. Ainda existe hoje, com o nome de Calçada Patriarcal, uma pequena ladeira que desemboca no Príncipe Real.

Carlos Eduardo já se enervava, amolecido, sentindo os primeiros bocejos da saciedade da Gouvarinho. Pelo Passeio de São Pedro de Alcântara, sob o ligeiro chuvisco que batia as folhagens da alameda, ele ia pensando como se poderia desembaraçar do seu ardor e do seu peso. A Gouvarinho queria invadir toda a sua vida, queria fugir com ele, ir viver num sonho eterno de amor lírico, o mais longe possível da Rua de São Marçal. *"Se tu quisesses!"* Mas Carlos *não queria* fugir com ela! O Passeio de São Pedro de Alcântara já está, com o mesmo

nome e no mesmo lugar, com folhagens que podem ser batidas por um ligeiro chuvisco...

Em dado trecho, há uma conversa de Sousa Neto com Carlos Eduardo em que aquele, ao exprimir-lhe o prazer que tivera em conhecê-lo, disse que também tinha conhecido seu pai, Pedro da Maia, de quem disse ter sido "um elegante"; e que também conhecera sua mãe, Maria Monforte. "E de repente calou-se, embaraçado, levando a chávena aos lábios. Depois, lentamente, voltou-se para escutar melhor o Ega, que ao lado discutia com o Gouvarinho sobre mulheres. Era a propósito da secretária da legação da Rússia, com quem ele encontrara nessa manhã o conde conversando, ao Calhariz. O Ega achava-a deliciosa, com o seu corpinho nervoso e ondeado, os seus grandes olhos garços... E o conde, que a admirava também, gabava-lhe sobretudo o espírito, a instrução. Isso, segundo Ega, prejudicava-a: porque o dever da mulher era, primeiro, ser bela; e depois ser estúpida... O Conde afirmou logo com exuberância que não gostava também de literatas; sim, decerto o lugar da mulher era junto do berço, não na biblioteca..."

O Primo Basílio é o romance por excelência do Bairro Alto. Luísa, a personagem central, nele vive, mas em endereço que Eça não identificou. Em dado momento Luísa e D. Felicidade tomaram uma caleche, deixando Basílio no Loreto, e subiram a trote largo as Ruas de São Roque, São Pedro de Alcântara e Moinho de Vento (hoje Rua D. Pedro V). Ainda hoje existe a Calçada do Moinho de Vento (no bairro de Santana) e a Travessa do Moinho de Vento (na Lapa). Mais adiante, Luísa e Basílio conversavam e Basílio lhe propunha passear em Sintra, "um passeio adorável". Luísa manifestou medo — Basílio disse que podiam ir a uma quinta. Podiam "ir às Alegrias, à quinta de um amigo dele que estava em Londres. Só viviam lá os caseiros, era ao pé dos Olivais, era lindo!" O nome Alegria em Lisboa sugere naturalmente a Praça da Alegria e imediações, um de cujos pontos interessantes é o Jardim Botânico, ainda hoje existente ali perto, nas encostas da Cotovia, correspondendo aos fundos da antiga Escola Politécnica instalada em 1837, que sofreu incêndio em 1843. O novo edifício foi construído entre 1844 e 1879. No local funciona hoje a Faculdade de Ciência de Lisboa. Mas Alegrias poderia ser apenas o nome fictício da quinta de um amigo de Basílio. Em outro ponto, Luísa desceu do *coupé* na Praça da Alegria, de onde subiu a pé para a Patriarcal, onde residia. A Praça da Alegria é a mesma de hoje e de lá se sobe para o Príncipe Real por uma rua sinuosa que toma dois nomes, a saber, Rua da Alegria (de onde arranca a Rua da Mãe d'Água) e, sempre subindo, Calçada da Patriarcal, que desemboca no

Príncipe Real. Juliana descia, em dado momento, por São Pedro de Alcântara e tomando para o Largo do Carmo ia à ruazita defronte do quartel (sede da Guarda Nacional Republicana desde 1910; à época em que o romance foi escrito, a Guarda Municipal de Lisboa, desde 20 de abril de 1845, tinha sede no Carmo). A ruazita, conforme já foi dito, devia ser a Rua da Condeça.

Ao longo de *O Primo Basílio*, vários locais do Bairro Alto são realçados por Eça de Queiroz. Com maior ou menor frequência surgem referências à Rua Larga de São Roque; o Largo de São Roque (largo de Trindade Coelho); São Pedro de Alcântara (rua e jardim, excelente miradouro da cidade); Rua do Moinho de Vento; Patriarcal Queimada ou simplesmente Patriarcal (Príncipe Real desde 1859, Praça do Rio de Janeiro após 1910 e de novo hoje Príncipe Real); Rua da Escola Politécnica, às vezes referida apenas como Rua da Escola (a mesma de hoje, sai do Príncipe Real em direção ao Rato); Rua da Rosa (a mesma de hoje, vem do Calhariz e inflete levemente para o oriente, até alcançar a Rua D. Pedro V).

Luísa e D. Felicidade subiam uma vez o Moinho de Vento (de sul para norte). "A noite estava imóvel, de um calor mole; e desejava, sem saber por quê, rolar assim para sempre, infinitamente, entre ruas, entre grades cheias de folhagens de quintas nobres, sem destino, sem cuidados, para alguma coisa de feliz que não distinguia bem! Um grupo defronte da Escola Politécnica ia tocando o fado do Vimioso; aqueles sons entraram-lhe na alma como um vento doce, que fazia agitar brandamente muitas sensibilidades passadas: suspirou baixo." Fado do Vimioso era referência às quadras que complementam o fado da Severa. O Conde de Vimioso (D. Francisco de Paula de Portugal e Castro, 13º Conde de Vimioso, 1817-1965, de uma família nobre originada no século XVI) mantivera reais e legendários amores com Maria Severa, nascida na Madragoa e que morreu jovem (1820-1850 ?). Sua mãe, alcunhada *Barbuda*, mantinha uma taberna naquela parte da cidade. Severa morava, então, numa betesga (viela) do Bairro Alto, segundo certa tradição na Travessa do Poço da Cidade (já referida, a propósito da fundação do *Diário de Notícias*). Dizia-se, segundo Tinop, que tinha batido o fado com o Manozinho, conhecido fadista do local, com o Mesquita (um fadistão embarcado) e o Manuel Botas, à época um fedelho que se tornou um *inteligente* das touradas. Pela década dos 1840, a Severa e a mãe mudaram-se para a Rua do Capelão, na Mouraria, vulgarmente chamada Rua Suja, frequentada pela marujada inglesa e portuguesa. Tinop diz que, no tempo da Severa, fim da primeira metade do século passado, havia emulação entre os fadistas da Mouraria e os do Bairro Alto que, muitas vezes, em maltas, se batiam com

unhas e dentes, acrescentando que os de Mouraria levavam a melhor, aplicando em seus adversários "tundas de meter os tampos dentro". A mãe de Severa era o que se chamava um *estafermo* (espantalho, pessoa que nada faz a não ser atrapalhar). Era mulher de briga, de faca ou de acha de lenha, uma fadistona trigueira e mal encarada, com umas barbaças bem visíveis. A filha era linda, insinuante, encantadora. Da Rua do Capelão, esquina do Beco do Forno, mudou-se para a Rua da Amendoeira, bem perto, uma rua muito típica que sai da Rua Marquês da Ponte de Lima (onde hoje, na Tasca do Marquês, se pode degustar a tradicional sopa chamada fava rica). A Severa, depois de vários amores — houve um com o *Chico 10*, que matou a navalhada um rival e foi degredado para a África —, por fim conheceu o Conde de Vimioso, que a procurou por sua beleza e fama de fadista. Ela batia o fado na taberna da Rosária dos Óculos, no topo do Capelão, uma "quarentona frescalhota e pândega que usa óculos e tocava banza (guitarra) razoavelmente". O Conde ia vez ou outra buscá-la de sege e ela desaparecia uns tempos da Mouraria. Cantava "com subtil virtuosismo, com voz lenta e mole como uma carícia extenuada, com o perfeitíssimo *chic* grulha da fadistice, enquanto o fado expirava na glória morrente dos acordes arrastados, os eflúvios da embriaguez andavam no ar, corações tremiam num sopro de alegria e os ouvintes, como que um incêndio os percorria dos calcanhares à nuca". Uma vez o Conde de Vimioso levou a Severa a uma toirada em Salvaterra, onde ela cantou o fado noite a dentro. E levou-a a seu palácio no Campo Grande (sobre este a bela revista *Casa & Jardim*, de Lisboa, de Fortunato de Almeida, estampou bela reportagem com fotografias a cores), onde ela se apresentou para gente ilustre. A Severa, segundo a lenda, morreu de indigestão de borrachos regados a pinga. O certo é que ela, em 1850, estava doente e finou-se na enxerga de uma enfermaria. O Conde já a havia deixado. Em 1901, Júlio Dantas escreveu o romance *A Severa* que imortalizou as histórias e lendas daquela "rapariga alta, bonita, clara, graciosa, bem feita e bem posta, com olhos peninsulares que eram dois abismos negros cheios das vertigens do infinito" (nas palavras de Tinop). A história foi retomada por Leitão de Barros no filme *A Severa* de 1931, tendo encarnado o papel-título a artista Dina Tereza, hoje com mais de 80 anos de idade e que reside em São Paulo. Foi o primeiro filme sonoro português. É esta a letra da canção conhecida de tantos brasileiros, com letras de Júlio Dantas e música de Frederico de Freitas:

"Ó rua do Capelão,
Juncada de rosmaninho
Ó rua do Capelão
Juncada de rosmaninho

Se o meu amor vier cedinho
Eu beijo as pedras do chão
Que ele pisar no caminho
Se o meu amor vier cedinho
Eu beijo as pedras do chão
Que ele pisar no caminho
Há um degrau no meu leito,
Que é feito p'ra ti somente
Meu amor, sobe-o com jeito...
Se o meu coração te sente,
Fica-me aos saltos no peito.

Tenho o destino marcado,
Desde a hora em que te vi,
Ó meu cigano adorado
Viver abraçada ao fado,
Morrer abraçada a ti".

O *Fado do Vimioso* é bem mais longo e seu texto completo vem transcrito à página 105 da *História do Fado*, de Pinto de Carvalho (Tinop), edição da *Publicação D. Quixote*, Lisboa, 1982. A primeira das dezoito quadras é esta:

Quem lhe vê a face morena,
Quem vê seus olhos tiranos,
Nada vê que mais cative,
Ainda que viva mil anos".

Em *A Capital*, o Bairro Alto figura com certa frequência, por causa das idas de Artur Corvelo ao *Século*, onde trabalhava seu *amigo* Melchior Cordeiro. Os personagens circulam com maior ou menor frequência por São Pedro de Alcântara, debaixo de suas árvores; ou pela Rua do Moinho de Vento; Rua do Carvalho; Calçada do Correio; Rua Larga de São Roque; o Rato; o Salitre; a Rua da Escola (Rua da Escola Politécnica); a Rua do Norte. As citações a ruas do Bairro Alto envolvem frequentemente o espírito e a topografia daquela parte da cidade: Artur galgava a Rua do Século, que constitui uma ladeira na direção norte, até alcançar o Príncipe Real; Artur descia a Rua de São Roque até ao hotel (Universal), como a pedra que rola; Artur quase era atropelado por uma carruagem a trote na Praça Luís de Camões; Artur tornava a subir a Calçada do Correio; Artur, de repente, deu de rosto com Melchior Cordeiro, que descia a Rua do Carvalho, e que fizera um movimento para se esquivar, dando-lhe "um aperto de mão mole, hesitante, com as faces escarlates". E foi-o levando pelas ruas mais isoladas do Bairro Alto...

Em 1981 a imprensa lisboeta noticiou um crime cometido à porta de uma discoteca do Bairro Alto, evocando, naquela ocasião, o velho espírito de boêmia e crime do Bairro Alto. Repita-se: apenas o velho espírito, pois, conquanto o Bairro Alto seja a área de Lisboa, preferentemente dedicada ao fado e à vida noturna, é evidente que as coisas não se passam hoje como nos tempos de que escrevia Eça de Queiroz.

Em *A Tragédia da Rua das Flores*, há referências mais ou menos frequentes ao Teatro da Trindade, na Rua Nova da Trindade e Largo da Trindade (já considerado na parte sobre o Chiado); à Rua da Emenda; à Rua do Norte; à Academia das Ciências (já também considerada nesta obra, situada no antigo Convento de Jesus dos frades franciscanos). Também o espírito do Bairro Alto de então é aflorado, sem a intensidade com que é tratado em *O Primo Basílio.*

Em certa parte do romance, Victor se mostrava muito aflito com as indiferenças de Genoveva. Mas, pensava ele dentro de si, talvez estivesse pedindo uma paixão à pressa, quando o amor é sobretudo paciência. Não podia esperar retribuição logo ao segundo dia, como o faz um credor. "O que queria ele, então? Que ela, como uma mulher do Bairro Alto, mal ele a fitasse, se dirigisse logo para a alcova? Que estúpido que fora!" Victor Silva, o personagem principal da *Tragédia,* tinha em Aninhas uma de suas paixões. "A pobre rapariga torturava o seu pequenino cérebro mole, para achar o meio de o prender, de o cativar, mas, por uma fatalidade, os seus esforços para o seduzir eram tão desajeitados, que faziam desesperar Victor." Quando ela queria fazer-se alegre, Victor via nos seus abandonos "o desconchavo da libertinagem do Bairro Alto".

Em *O Crime do Padre Amaro,* por excelência o romance de Leiria, Lisboa figura no começo e no fim. O Padre Amaro, recém-ordenado, recebeu uma carta do Padre Liset em que dava conta dos negócios da Marquesa, a qual lhe atribuíra a honra de administrar o legado que deixara para o Amaro. Apesar de que os negócios mundanos não devessem importar a uma alma voltada ao sacerdócio, "são sempre as boas contas que fazem os bons amigos". Depois da morte do tio de Amaro, a tia "se entregou a um caminho que o respeito me impede de qualificar: caiu sob o império das paixões e, tendo-se ligado ilegitimamente, viu os seus bens perdidos juntamente com a sua pureza, e hoje estabeleceu uma casa de hóspedes na Rua dos Calafates nº 53." A Rua do Norte também aparece no romance. A filha de um organista da Sé de Évora, filha única, muito linda, fugira com um alferes para Lisboa. Dois anos depois, um personagem que ia muito à Capital, o Silvestre da Praça, "vira-a descer a Rua do Norte, de *garibaldi* escarlate e alvaiade num olho, com um marinheiro inglês". *Garibaldi* era

um casaco largo que usavam as mulheres, também chamado casebeque. O velho professor de órgão era chamado Tio Cegonha. Ao final do romance, novas referências são feitas ao Tio Cegonha e ao Bairro Alto. Amélia estava grávida de Amaro e daí a dois ou três meses, "com aquele seu desgraçado corpo de cinta fina e quadris estreitos, não poderia esconder o seu estado. E que faria então? Fugir de casa, ir com a filha do Tio Cegonha para Lisboa, ser espancada no Bairro Alto pelos marujos ingleses..."

Alves & Cia., como já foi visto, tem por principais cenários lisboetas a Baixa e São Bento. Algumas referências são feitas à área do Bairro Alto, concretamente à Calçada do Correio (como parte do caminho que, às vezes, Godofredo Alves fazia a pé, de seu escritório na Baixa à sua casa em São Bento, conforme já visto).

Em *O Conde de Abranhos,* o secretário Zagallo, o que narra toda a história de Alípio numa carta dirigida à Viúva, a Condessa de Abranhos, diz que morava num quarto andar da Rua do Carvalho. Mais adiante, há menção a um Beco dos Cavaletes, que parece — repita-se: parece — ser uma invenção de Eça de Queiroz, em um trecho de fina ironia sobre o aliciamento do cidadão para votar com o Governo. É um pequeno compêndio sobre como um Governo pode chegar até à tirania por métodos suasórios: "Tiranizar um país, com o aplauso do cidadão e em nome da liberdade." Vale a pena esta citação: "Ponho-lhe na mão uma espada; e ele, baboso, diz: Eu sou a força! Coloco-lhe no regaço uma bolsa, e ele, inchado, afirma: Eu sou a fazenda! Ponho-lhe diante do nariz um livro, e ele exclama, de papo: Eu sou a lei! Idiota! Não vê que por trás dele, sou eu, astuto manejador de títeres, quem move os cordéis que prendem a Espada, a Bolsa e o Livro!" Zagallo, seguindo a lição do Conde de Abranhos, dizia que podia "governar esse grande e velho reino da Taprobana (topônimo usado em *Os Lusíadas* para designar o Ceilão) pela Camila Pelada, no Beco dos Cavaletes!" Parece ser uma *boutade* fantasiosa e alegórica, talvez, segundo Helena Cidade Moura, numa alusão ao cavaletes tipográficos, considerando-se o Bairro Alto como centro de jornais e tipografias.

O secretário Zagallo conta a história de Juliana, amarelinha, esguia, de membrozinhos moles e olheiras fundas, e de cuja boquinha aberta como o bico de um pintainho que espera um grão de milho saía uma vozinha trêmula que dizia:

> "É noite, o astro saudoso
> Rompe a custo o plúmbeo céu;
> Tolda-lhe o rosto formoso
> Alvacento, úmido véu..."

Esta precoce menina foi depois D. Júlia de Mendonça, esposa do seu chorado amigo Carlos Luís de Mendonça, hábil taquígrafo da Câmara dos Deputados. "Não correspondeu, porém, a sua vida de mulher ao seu delicado sentimento de criança, pois, como é sabido, esquecendo o que devia a si própria, a Carlos Luís e à sociedade, foi encontrada, na própria alcova conjugal, nos braços plebeus de um Alfredo, galã do Ginásio." O Ginásio pode ser referência ao Real Ginásio Clube Português, que apresentava espetáculos e saraus ginásticos no Circo Price, como ao Teatro Ginásio. Zagallo se refere ao Padre Augusto, que passava suas meias, limpava sua batina com benzina, arrumava e espanejava seu quarto e comprava na Farmácia Azevedo uma dissolução (solução) de ácido oxálico para polir seu candeeiro de latão. A Farmácia Azevedo (Filhos), fundada em 1775, hoje situada no nº 31 do Rossio, estava antes mais abaixo, no nº 19, onde fica hoje a casa de loteria Pão Quente. Adquiriu a Farmácia Azevedo, Irmão & Veiga (que data de 1851) e ficava à rua Larga de São Roque (Rua da Misericórdia), nº 24 a 28. A parte administrativa, estoque, faturamento, etc., dos Laboratórios Azevedos, logo adiante do Restaurante Tavares, tem sua entrada pela Travessa da Espera nº 3 (esquina com a Rua da Misericórdia), com a denominação de Laboratórios Azevedos — Sociedade Industrial Farmacêutica SARL. Sob o título da Farmácia Azevedos, no Rossio, há hoje a seguinte menção: "Medicamentos desde 1775".

No conto *A Catástrofe*, que vem no final do livro *O Conde de Abranhos*, o personagem que narra a história diz que tencionava alugar uma pequena casinha, alegre e fresca, para os lados do Vale de Pereiro, já explicado nesta obra. Há hoje a Rua do Vale do Pereiro, que sai da Rua do Salitre em direção à Rua Alexandre Herculano, desembocando quase ao Largo do Rato.

Em *O Mistério da Estrada de Sintra*, há, no capítulo *Intervenção de Z.*, uma referência à Rua das Chagas, em Lisboa, "onde fora feita a fotografia do mascarado, em casa de Henrique Nunes". A Rua das Chagas ainda hoje existe. Principia no fim da Rua do Ataíde e termina no Largo do Calhariz. Arranca da Igreja do Cristo das Chagas, fundada em 1542. Mais adiante, no capítulo *Narrativa do Mascarado Alto*, o espírito do Bairro Alto é evocado no seguinte trecho: "Uma ocasião, ao sair da casa dele, onde tinha perdido algumas dúzias de libras, recolhia eu a Clarence-Hotel, levemente irritado, e sentindo um prazer excêntrico em cantar o fado pelas ruas de Malta, a mil léguas do Bairro Alto."

No livro *Contos*, em *Singularidades de Uma Rapariga Loura*, Macário contava sua história e dizia que as Vilaças costumavam ir aos sábados em casa de um tabelião muito rico na Rua dos Calafates:

"...eram assembléias simples e pacatas, onde se cantavam motetes ao cravo, se glozavam motes e havia jogos de prendas do tempo da senhora D. Maria I, e às nove horas a criada servia a orchata" (refresco à base de leite de amêndoas). A Rua dos Calafates, já for demais mencionada nesta obra, é hoje a Rua do Diário de Notícias. A rapariga loura, que veio a revelar-se uma ladra, era Luísa, filha de uma Vilaça. A palavra aljube, mencionada no final do conto, quer dizer cafua, prisão.

No conto *José Matias*, na parte em que o personagem principal começa a desesperar-se na sua estranha paixão de renúncia pela bela Elísa, ele aturdiu e escandalizou Lisboa. No capítulo em que a Mouraria foi considerada, fez-se menção a "uma ceia que ele, José Matias, ofereceu a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro Alto e da Mouraria..."

Em *Prosas Bárbaras*, na *Introdução* de Jaime Batalha Reis, há numerosas referências ao Bairro Alto, todas elas já consideradas nesta obra.

No livro *Cartas*, há várias delas dirigidas a Ramalho Ortigão. O Bairro Alto nelas figura pelo endereço de Ramalho Ortigão, que era a Calçada Nova dos Caetanos. Eça mencionava simplesmente Calçada dos Caetanos, hoje chamada Rua João Pereira da Rosa, que vai da Rua do Século em ascensão até à Travessa dos Inglesinhos. Ramalho morava no que é hoje o nº 6, 3º andar dessa rua, conforme o indica uma lápide mandada colocar pela Câmara Municipal de Lisboa. A Rua dos Caetanos, propriamente dita, começa no local onde está a Igreja dos Inglesinhos, na Travessa dos Inglesinhos, e vai até à Rua das Mercês, por trás do Calhariz e Calçada do Combro.

A Correspondência de Fradique Mendes, na primeira página, tem uma referência de Eça de Queiroz no Cenáculo: "Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenáculo, deslumbrados pelo Lirismo Épico da *Légende des Siècles*, 'o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey' — decidíramos abominar e combater a rijos brados o Lirismo Íntimo, que, enclausurado nas duas polegadas do coração, não compreende dentre todos os rumores do Universo senão os rumores das saias de Elvira, tornava a Poesia, sobretudo, em Portugal, uma monótona e interminável confidência de glórias e martírios de amor." Baudelaire e Fradique eram dois grandes ídolos de Eça de Queiroz, como este o diz. Fradique era, porém, um dos heterônimos de Eça. Vale a pena transcrever este trecho: "E esse folhetim amarrotado da *Revolução de Portugal* tomava assim uma importância de uma revolução de arte, uma aurora de poesia, nascendo para banhar as almas moças na luz e no calor especial a que elas aspiravam, meio adorme-

cidas, quase regeladas sob o álgido luar do romantismo. Graças te sejam dadas, meu Fradique bendito, que na minha velha língua *hé mirado algo nuevo!* Creio que murmurei isto, banhado em gratidão. E, com o número da *Revolução de Setembro*, corri à casa de J. Teixeira de Azevedo, à Travessa do Guarda-Mor, a anunciar o advento esplêndido!" A *Revolução de Setembro* tinha sede na Calçada do Combro nº 36. A Travessa do Guarda-Mor também é mencionada mais adiante: "Sim, mas inteiramente *novo*, dessemelhante de todos os homens que eu até aí conhecera! E à noite, na Travessa do Guarda-Mor (ocultando a escandalosa apologia de Boileau, para nada dele mostrar imperfeito), espantei J. Teixeira de Azevedo com um Fradique idealizado, em que tudo era irresistível: as idéias, o verbo, a cabaia de seda, a face marmórea de Lucrécio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto!"

Na *Correspondência*, o Bairro Alto figura nas referências ao endereço de Ramalho Ortigão, a quem escreve com frequência, na Rua dos Caetanos. Eça de Queiroz se refere às vezes com certas hesitações a locais de Lisboa. Ora menciona Calçada dos Caetanos, ora Rua dos Caetanos. A primeira designação seria a certa, pelos almanaques da época. O nome Caetanos dado ao local se deve a um convento dos clérigos teatinos da Divina Providência que se instalaram em Portugal em 1650. O convento foi inaugurado em 1653. O terremoto quase arrasou o edifício, reedificado alguns anos depois do grande sismo. No tempo das guerras entre absolutistas e liberais, tropas miguelistas estiveram nele aquarteladas. E no início do regime liberal, uma companhia da Guarda Municipal lá esteve. No casco do que foi o Convento dos Caetanos, ou dos frades teatinos, ou da Divina Providência, é que foi instalado o Conservatório Nacional de Música e Teatro, à Rua dos Caetanos, nº 29, e ainda lá se encontra, em imponente edifício. Foi fundado em 1836 e seu primeiro diretor foi Almeida Garrett.

Em *Notas Contemporâneas* constam importantes referências autobiográficas das quais Antero era parte. Lá estão relatados aspectos do Cenáculo da Travessa do Guarda-Mor, que permearam muitas das biografias de Eça de Queiroz. As citações feitas no início do presente capítulo desta obra, do livro de Antônio Cabral sobre a vida e a obra de Eça de Queiroz, envolvem não poucos dados do artigo de Eça sobre Antero de Quental nas *Notas Contemporâneas.*

Em *Uma Campanha Alegre*, Tomo I, Eça de Queiroz, farpeando as instituições — o teatro em Portugal, no caso —, diz que a idéia que acode a todos é traduzir, imitar. E quem traduz do francês não sabe francês. Onde está *Mr. Valeroy*, põe-se o *Conselheiro Bezerra*; onde está *rue Vivienne*, põe-se *Beco do Fala-Só*. "Os jornais aplaudem, o rei preside ao espetáculo, e todo o mundo vai tomar chá com emoção." A

Travessa do Fala-Só existia no tempo de Eça, como hoje, com o mesmo nome, saindo da Calçada da Glória, por onde sobe o elevador (plano inclinado) da Avenida da Liberdade para São Pedro de Alcântara. É uma travessa sinuosa que vem até à Travessa da Conceição da Glória, no labiríntico bairro da Glória.

No capítulo XIII, constam referências à fala do Adolfo Coelho no Casino Lisbonense, em trecho dos mais engraçados das *Farpas* de Eça de Queiroz, que começa pelo reinado, em Portugal, dos Pontos de Reticências, em que o Presidente do Conselho é o Duque de Ponto Final; o Ministro do Culto é o Visconde de Parênteses; o Ministro da Guerra é o Brigadeiro Vírgula; o Ministro da Justiça é o Comendador Dois Pontos de Vasconcelos. Acrescente-se que Adolfo Coelho era irmão de Eduardo Coelho, fundador do *Diário de Notícias*, do tempo da Rua dos Calafates.

No capítulo XIX, Eça de Queiroz diz que as *Farpas* eram impressas na Tipografia Universal, "sem grandes erros de gramática e sem grandes verdades de filosofia, estalando de riso por todas as entrelinhas, mesmo quando franzem a testa — e contentando-se com serem alegremente recebidas, pela manhã, à hora do correio, e do almoço, por alguns espíritos simpáticos e por algumas brancas mãos. Diógenes decerto, por tão pouco, não apagaria a sua lanterna!" A Tipografia Universal, aí mencionada, foi o berço do *Diário de Notícias*, como já visto.

No artigo XXVI, que contém aquelas pequenas notas sobre r-e-v-o-l-u-ç-ã-o, há uma que diz que "o Governo que felizmente nos rege, continua na sua obra de pacificação. A redação da *Nação* mudou-se para o palácio dos Senhores Duques de Palmela, ao Calhariz". Esse palácio foi absorvido e transformado para nele sediar hoje a Caixa Geral de Depósito, edifício que englobou também, como já visto, o antigo palácio dos Condes de Sobral.

No segundo tomo de *Uma Campanha Alegre*, nota XIII, de janeiro de 1872, Eça farpeia violentamente as então projetadas *reformas da Carta* ("plural melancólico!"). E vem um trecho que merece transcrição: "As reformas dos senhores ministros são como as fardas dos senhores ministros. As fardas servem para ir ao paço, às galas, ao beija-mão. São o distintivo oficial e bordado dos que governam. Enquanto se tem correio (empregado), são escovadas, lavadas com chá, enrodilhadas em papel de seda, estendidas em lençóis de linho, cercadas de atenção zelosa da criada e do pasmo do aguadeiro. Quando o senhor Ministro é despedido, a farda é vendida, reduzida a jaqueta de toureiro para se aproveitarem os bordados, dependurada no prego miserável de uma loja de adelo (vendedor de roupas); e depois de ter

chegado às costas suadas de uma máscara do Casino ou de um comparsa do Salitre, perde-se enfim, miserável e amarfanhada, na dispersão melancólica dos trapos inúteis!" Salitre é referência ao Teatro do Salitre, construído por Simão Caetano Nunes, de má construção, segundo Mário Moreau no livro *Cantores de Óperas Portugueses*, Lisboa, 1981. Era talvez pior do que o da Rua dos Condes. Inaugurado em 1782, era, pois, quase centenário à época daquela *Farpa* de Eça de Queiroz. Em dado momento, Antônio Feliciano de Castilho, o *velho Arcade*, foi seu diretor. Começou a ser demolido em 1879, no mesmo ano em que também começou a demolição do circo Price, em obediência ao plano de construção da Avenida da Liberdade ao tempo em que Rosa de Araújo presidia a Câmara Municipal de Lisboa.

Do artigo XX — *Carta a S.M. Imperador do Brasil* — é pertinente a seguinte citação: "Igualmente aconteceu que, se por um lado Vossa Majestade negava ser o Imperador do Brasil, dava bastante a entender, por outro, que não era inteiramente nem o defunto Pilatos, nem o atual varredor da Travessa das Gáveas." Esta é hoje a Rua das Gáveas, paralela à Rua da Misericórdia, saindo da Praça Luís de Camões. Nela está situada a casa de fados A Severa.

8.

LAPA E BAIRROS OCIDENTAIS

"Santa Maria de Belem, templo de huma nobre, curiosa, e gothica architectura, contiguo ao extincto convento dos Jeronymos, hoje servindo de casa pia. Elrei D. Manoel o fundou em 1499, e seu filho D. João 3º o completou, segundo se vê no distico latino por sima da porta do convento. Esta magestosa igreja pela originalidade da sua construção, merece ser considerada como huma das mais curiosas e celebres da Europa".

J. J. da Câmara, *in Descripção Geral de Lisboa em 1839*, Lisboa, 1839.

"Mas o quartel-general, o centro de todos informes, era o mercado; o mercado do Largo de Alcântara. E quando ao meio-dia regressava do mercado a Júlia sabia tudo o que dissesse respeito à Cesaltina, mais o senhor Sabino. Pois onde é que os pombinhos tinham feito o ninho? Na Rua do Livramento. Numa parte de casa da Rua do Livramento".

David de Mourão-Ferreira, *in Gaivotas em Terra*, novelas, Lisboa, 1959.

"Cá vai Ajuda
Cá vai Ajuda
E os navegadores sem par
Que partiram do Restelo
Para o mundo desvendar
Cantemos todos
que na marcha renasceu
Ajuda, ditoso bairro

Que tal gente conheceu
Cá vai Ajuda
que abriu as janelas
P'ra ver o Tejo
O esplendor das caravelas
Navegadores, gente graúda
Que ao mar levaram
Nossa Senhora da Ajuda
Cantai a marcha
Que recorda mares sem fundo
Para exaltar a raça
Que deu força ao novo mundo".

Marcha do Bairro da Ajuda, nas *Marchas Populares de Santo Antônio*, que desfilaram na Avenida da Liberdade, em 12 de junho de 1983. Texto extraído do *Diário Popular*, de Lisboa.

A fabulação de Eça de Queiroz se estende pela parte ocidental da cidade de Lisboa, em especial pelas freguesias de Santos-o-Velho e Lapa onde se passam muitas cenas de *Os Maias*. A Rua das Janelas Verdes, onde Eça colocou o Ramalhete, ficava no Bairro das Janelas Verdes, marcado pela presença do Palácio das Janelas Verdes, na Freguesia de Santos-o-Velho. Este palácio foi construído em 1690 por D. Francisco de Távora, Conde de Alvor. O processo movido por Pombal contra os Távoras, pelo atentado a D. José, em 3 de setembro de 1758, levou ao confisco do palácio. Foi ele depois adquirido por Matias Aires da Silva de Eça, provedor da Casa da Moeda. No ano de 1760 passava para a propriedade de Paulo Carvalho e Mendonça, irmão de Pombal. No palácio viveu e morreu a Imperatriz Maria Amélia de Leuchtemberg, segunda mulher de D. Pedro I do Brasil, talvez mais conhecida em Portugal como Duquesa de Bragança. Seu passamento se deu a 26 de janeiro de 1873, após 39 anos de viuvez.

No Palácio das Janelas Verdes — também chamado Palácio dos Távoras ou Palácio de Alvor — foi instalado em 1883, sob a tutela da Academia Real de Belas Artes, um museu para cuja fundação grandemente concorreu Delfim Deodato Guedes, 1º Conde de Almedina. Sobre a história daquele período, D. Alda Guimarães Guedes, Condessa de Almedina, sua filha, escreveu o livro *O Conde de Almedina e a Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, 1954. Em 1911 assumiu a direção do museu José de Figueiredo, escritor que se notabilizou pelo estudo de questões artísticas, responsável pela idéia de dar instalações mais condignas ao que veio a ser o Museu Nacional de Arte Antiga. Ao primitivo conjunto do Palácio das Janelas Verdes e do antigo convento das religiosas de Santo Alberto (freiras descalças do Carmo), fundado em 1584, foi acrescentada outra parte, que dá fachada para a Praça

9 de Abril (data da batalha de La Lys, de que participaram os portugueses, na I Grande Guerra), constituindo o imponente conjunto que hoje se vê. Essa linda pracinha, um miradouro sobre Lisboa, está compreendida entre o Museu e o Palácio do Conde de Óbidos, hoje sede da Cruz Vermelha Portuguesa. José de Figueiredo, falecido em 1937, não viu pronta a obra com que sonhou, pois as novas instalações do Museu foram inauguradas em 1940. Sua memória foi homenageada com o Instituto José de Figueiredo, destinado a restauração de obras artísticas, e com o Prêmio José de Figueiredo, instituído em 1940, atribuído a importantes personalidades como Santos Simões, Raul Lino, Reynaldo dos Santos e tantas outras. Em 1983, foi concedido *ex-aequo* a Tomás Taveira, por seu trabalho sobre a renovação da área do Martim Moniz, e a Pedro Dias, pela obra *A Arquitetura de Coimbra na Transição do Gótico para a Renascença* (1490-1510).

No capítulo sobre a parte ocidental de Lisboa constarão referências a cenas de romances e outras obras de Eça de Queiroz que se passam nas freguesias de Santos-o-Velho, Lapa, Santa Isabel, Prazeres, Alcântara, Ajuda e Santa Maria de Belém. Ou, em termos de paróquias do Patriarcado de Lisboa: Santos-o-Velho, São Francisco de Paula, Estrela, Santa Isabel, Prazeres, Alcântara, Ajuda e Belém.

Em *Os Maias,* logo nas três primeiras linhas do livro vem mencionado o Bairro das Janelas Verdes, na vizinhança da Rua de São Francisco de Paula (hoje Rua Presidente Arriaga), onde estava o Ramalhete, casa em que a família Maia (Afonso e o neto Carlos Eduardo) veio habitar, no outono de 1875. Muito foi dito sobre essa casa no portal de entrada do monumental romance, dos mais notáveis da língua portuguesa, talvez o romance português mais conhecido dos brasileiros, exceto sua identificação. Entre os que estudam o problema da colocação do Ramalhete, parece predominar a idéia de que Eça de Queiroz se inspirou na casa do Conde de Sabugosa (Antonio Maria José de Melo César de Menezes, 1854-1932), um dos *Vencidos da Vida.* Foi mordomo-mor da Casa Real, par do Reino, mordomo da casa da Rainha D. Amélia, diplomata, historiador, escritor e amigo de Eça de Queiroz. Situa-se, porém, a casa, em Santo Amaro, perto da Junqueira, a meio caminho entre Alcântara e Belém, e não no bairro das Janelas Verdes. Mais precisamente, na Rua 1º de Maio, nº 120-124. O neto do Conde de Sabugosa (D. Antonio Vasco José de Melo Silva César e Menezes, Marquês de Sabugosa) e seu filho (Engenheiro D. Antônio Vasco de Melo Silva César e Menezes, 14º Conde de São Lourenço) nela habitam. Há quem pretenda sustentar que o Hotel York-House (à Rua das Janelas Verdes nº 47) poderia também ter sido fonte de inspiração do Ramalhete, mas essa suposição é bem mais discutível.

O poeta Antonio Nobre, este sim, esteve ligado a esse hotel pois nele se hospedava.

Campos Matos, em *Imagens do Portugal Queirosiano,* Lisboa, 1876, livro de reconhecida importância sobre o tema, assinala: "Quanto ao *Ramalhete,* sabemos que fica às Janelas Verdes, cerca da Rua de S. Francisco de Paula, hoje Rua Presidente Arriaga, embora se atribua ao solar do conde de Sabugosa, em Santo Amaro, a sua fonte de inspiração. Eça bem conhecia essa casa, que pertencia a um dos *Vencidos da Vida* e onde várias características exteriores se conjugam, desde logo, com a casa dos Maias: a marcada severidade da fachada, a fila de pequenas janelas abrigadas sob o beirado e até a sua localização relativamente ao rio Tejo." Uma fotografia da fachada da casa é apresentada na presente obra. A cada instante, ao longo de *Os Maias*, o Ramalhete figura como um verdadeiro personagem. Quando no início Afonso comunicou ao Vilaça a decisão de ir morar em Lisboa, o procurador, depois de enumerar as reformas indispensáveis, lembrou uma lenda segundo a qual "eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete". Afonso respondeu: "Que se fizessem as obras necessárias; e quanto a lendas e agouros, bastaria abrir, de par em par, as janelas e deixar entrar o sol." Vilaça se envergonhava de mencionar tais frioleiras neste século de Voltaire (sic), Guizot e outros filósofos liberais... No Ramalhete morreu de um ataque súbito o velho Afonso da Maia, pelo desgosto profundo que lhe causou o incesto dos netos.

Com certa frequência é mencionada em *Os Maias* a rampa de Santos, acesso natural para quem vem da cidade para a Rua das Janelas Verdes. É de fácil localização: uma suave ladeira, hoje chamada Calçada Ribeiro Santos, que parte da Avenida 24 de Julho, no Largo de Santos, em direção à Rua das Janelas Verdes, ao local em que esta se entronca com a Rua de São João da Mata e a Rua de Santos-o-Velho. O grande muro carmesim escuro que se vê à direita de quem sobe a rampa é sustentação da parte alta sobre a qual assenta o conjunto do Palácio de Abrantes, sede da Embaixada de França. Adquirido pelo Estado francês em 1911, é um dos belos palácios de Lisboa. Teve por base inicial a casa religiosa das Comendadeiras de Sant-Iago, o Mosteiro de Santos — esposas, filhas e viúvas dos Comendadores da Ordem Militar de Sant'Iago que partiram para aventuras guerreiras por Mértola, Alcácer e outras terras meridionais. O Mosteiro de Santos foi fundado em 1217, ao tempo de D. Sancho I, filho de Afonso Henriques. Quando em 1490 as Comendadeiras se transferiram para outro local, Santos-o-Novo, no que é hoje a Freguesia de São João, o antigo passou a chamar-se Santos-o-Velho. No século XVII, D. Francisco Luís de Lencastre, bisneto de D. João II, adquiriu a propriedade com terrenos e jardins. Habitaram sucessivamente o Palácio dos Lencastres e

nele acrescentaram melhoramento os Condes de Figueiró, os Condes de Vila Nova, os Marqueses de Fontes e os Marqueses de Abrantes, todos Lencastres (sucessão de títulos em família, como explica Norberto de Araújo). Arrendaram-no todo ou em parte. D. Amélia de Leuchtemberg também nele morou, mas por alguns anos. A partir de 1870, lá estava sediada a Legação da França, mas só no começo deste século o Governo francês adquiriu o palácio. Como é sabido, o romance *Os Maias* termina na rampa de Santos e no Aterro, com aquela corrida de Carlos Eduardo e João da Ega atrás de um americano (bonde puxado a burro).

Em *Os Maias* surgem com frequência alusões a São Bento como sede do Parlamento ou das Cortes (na linguagem de hoje, Assembléia da República). O nome do edifício se origina do antigo Convento de São Bento da Saúde, dos monges beneditinos que passaram a ter casa em Lisboa no tempo do Rei D. Sebastião. A primitiva instalação dos beneditinos na Capital data de 1573. De 1597 a 1619 foi feito o convento maior, segundo o risco do arquiteto Baltasar Álvares. O edifício foi pouco danificado pelo terremoto. A partir de 1834, com o fim das guerras entre liberais e absolutistas, o prédio foi destinado à sede das Cortes da Nação, promovendo-se as necessárias adaptações. Já desde 1757, dois anos depois do terremoto, os arquivos da Torre Albarrã, ou do Tombo (que existia no Castelo São Jorge e ruiu com o grande sismo), foram provisoriamente alojados na parte norte do convento. Mas o provisório dura até hoje. Em 1895 um incêndio deu motivo a reforma e reedificação do conjunto, sob a direção do Arquiteto Miguel Ventura Terra, um grande nome da arquitetura portuguesa. Ventura Terra faleceu em Lisboa, em 30 de abril de 1919, antes de concluídos os trabalhos. Lisboa passou a contar com uma das belas sedes de Parlamento da Europa e do mundo. Na Sala dos Passos Perdidos há seis grandes óleos de Columbano Bordalo Pinheiro. Ramalho Ortigão considera que, com a remodelação do São Bento, se tem "o mais importante, o mais grandioso, o mais belo de todos os recintos portugueses edificados durante o período dos últimos cem anos". A casa em que Ventura Terra faleceu, à Rua Alexandre Herculano nº 57, em Lisboa, está assinalada com uma lápide da Câmara Municipal. Foi legada às Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto. Seu rendimento líquido é destinado a pensões para estudantes pobres daquelas duas escolas.

O laboratório que Carlos Eduardo montou, ao começar a exercer sua profissão de médico, se situava num armazém nas Necessidades, bairro onde se encontra o Palácio das Necessidades, na parte alta de Alcântara. O palácio, com longa história, é constituído de dois corpos de edifícios cuja designação vem da lenda da fundação da Capela de Nossa Senhora das Necessidades, como o explica Manuel H. Corte-Real, em sua grande obra ilustrada *O Palácio das Necessidades*, Lisboa, 1983. Em 1580, quando uma terrível peste assolou Lisboa, um casal da Freguesia dos Anjos furtou uma imagem que tinha a invocação de Senhora da Saúde, guardando-a secretamente em sua casa, em Alcântara. Cedo se espalhou a fama milagrosa da imagem que veio a ser chamada Nossa Senhora das Necessidades. Essa lenda, explica Corte-Real, não tem foros de autenticidade histórica mas é sempre evocada por quantos se interessam pela capela e pelo palácio. Em 1607 já estava construída a pequena ermida de Nossa Senhora das Necessidades, que deu lugar depois a uma igreja, de que o Rei D. João IV se tornou protetor. D. Pedro II e D. João foram devotos de Nossa Senhora das Necessidades. D. João V pensou não só em aumentar o templo como construir um palácio para a sua habitação e um hospício para os padres da Congregação do Oratório de São Filipe Neri. A obra ficou pronta em 1750 e pouco sofreu com o terremoto de 1755.

Os padres oratorianos se instalaram na parte conventual em 1757 e lá permaneceram até o confisco das propriedades religiosas no período liberal. A capela real foi sagrada em 1751. O edifício do convento é o que está situado no Largo do Rilvas, a que se chega pela Rua Cova Moura e de onde arranca a Calçada das Necessidades. O antigo palácio fica no lado sudoeste. Nele reinou D. Maria II e lá faleceram ela, o marido D. Fernando, D. Estefânia, D. Pedro V. Havia uma crendice popular de que o palácio era nefasto para a família dos Braganças. De 1780 a 1791 foi sede da Real Academia das Ciências de Lisboa. Lá realizou-se a sessão de abertura das Cortes Extraordinárias (1821). Em 1910, quando da revolução que levou à proclamação da República, o Palácio foi alvo de disparo de um navio de guerra surto em Alcântara, de que há um vestígio ainda hoje: um espelho partido, numa sala do Protocolo do Estado. Desde 1916 o Ministério dos Negócios Estrangeiros lá está instalado.

Figura em *Os Maias*, com certos pormenores, uma cena de corrida de cavalos. Num domingo, Carlos chegava ao Largo de Belém no momento em que, para o lado do hipódromo, já estalavam foguetes. No Largo dos Jerônimos, um ônibus (carruagem grande) esperava, desatrelado, junto ao portal da Igreja (Eça não se detém em fazer referência especial ao grande monumento manuelino; em *A Correspondência de Fradique Mendes* os Jerônimos são apenas mencionados a propósito de uma "idéia de arte").

O Mosteiro dos Jerônimos é o mais notável monumento de Lisboa, no estilo chamado manuelino. Foi construído ao tempo de D. Manuel I, entre 1502 e 1516. O risco inicial daquela obra foi de Boytac, ou Boytaca, um estrangeiro que já havia trabalhado para D. João II. Segundo Norberto de Araújo, "parece obedecer a um plano único, de alma gótica e palavra portuguesa". Havia sido construída no Restelo, em meados do século XV, a ermida de Santa Maria, doada pelo Infante D. Henriques aos freires de Cristo, em 1460. D. Manuel resolveu entregar aquela ermida aos religiosos de São Jerônimo, cuja primeira casa em Portugal era situada em Sintra (Convento da Penha Longa), na segunda metade do século XV. Uma bula do Papa Alexandre VI dispôs sobre a fundação do grande Convento dos Jerônimos. A Capela-Mor data da segunda metade do século XVI, quando era Rainha regente D. Catarina, viúva do D. João III. Entre os que estão sepultados nos Jerônimos, contam-se D. Manuel, a Rainha D. Maria, D. João III, Rainha D. Catarina, D. Afonso VI, D. Catarina, Rainha da Inglaterra, o Príncipe D. Teodósio, D. Joana, filha de D. João IV. Em junho de 1983, o Professor Artur Marques de Carvalho apresentou ao Congresso dos Descobrimentos, no âmbito da XVII Exposição Européia de Artes, Ciência e Cultura, a tese de que D. Sebastião também está sepultado nos Jerônimos. Essa comunicação despertou interesse e certa sensação em Portugal, com eco em toda a imprensa (*A Tarde*, de 24 de junho de 1983; *O Globo*, de 6 de julho de 1983 e outros). Os Jerônimos resistiram ao terremoto de 1755. Ruiu, porém, a torre da igreja, reconstruída no século XIX. Há outros nomes importantes ligados à construção e arquitetura dos Jerônimos: João de Castilho, o francês Nicolau Chanterenne, Diogo de Torralva, Jerônimo de Ruão. Nos Jerônimos, na igreja, estão também sepultados em dois grandes sarcófagos Vasco da Gama e Camões. Segundo Heitor Lyra, aqueles túmulos são meros símbolos, pois seus corpos não estão ali.

A graciosa capelinha que se vê sobre uma elevação no Restelo, bem defronte à Avenida da Torre de Belém, é a Ermida de São Jerônimo, que data de 1514, na concepção de Boytac, concluída por Rodrigo Afonso, ao tempo de D. Manuel I. Dela diz Norberto de Araújo: "É de uma encantadora sobriedade, e formosa, com sua elegante porta principal, pequenina, com as suas gárgulas, os seus pináculos, e a sua função de *vigilante* — segundo a lenda — pois diz-se que ali se quedavam os frades de São Jerônimo à espera que chegassem as naus da Índia, cujos direitos de especiarias eles cobravam."

A igreja do Mosteiro dos Jerônimos, da qual é vizinho o Museu de Marinha, é o templo utilizado pela Marinha de Portugal para suas solenidades litúrgicas. Em 21 de março de 1983 o autor desta obra lá assistiu à missa de ação de graças pelos 200 anos de fundação da Academia Real dos Guardas-Marinhas, ou Companhia de Guardas-Marinhas e sua Real Academia. As comemorações da efeméride em Portugal presidiu o Almirante Antonio Egídio Souza Leitão, Chefe do Estado Maior da Armada, tendo também estado presente o Comandante da Escola Naval Portuguesa, Vice-Almirante Henrique Antonio Serpa de Vasconcelos. O bicentenário da Companhia de Guardas-Marinhas e Sua Real Academia foi também celebrado no Brasil. A Escola Naval instalada hoje na Ilha de Villegagnon, no Rio de Janeiro, nasceu em 1782, por decreto da Rainha de Portugal, D. Maria I, com o nome de *Companhia de Guardas-Marinhas*. Toda a história das raízes da Escola Naval brasileira vem relatada na obra *Da Companhia de Guardas-Marinhas e Sua Real Academia à Escola Naval, 1782-1982*, do Professor Antonio Luiz Porto e Albuquerque, Rio de Janeiro, 1982, edição reprográfica *xerox*, da Escola Naval. Às comemorações do lado brasileiro presidiram o Almirante-de-Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, Ministro da Marinha, e o Contra-Almirante Henrique Octavio Aché Pillar, Comandante da Escola Naval.

À entrada para o Hipódromo de Belém Carlos foi impedido de avançar porque a porta estava tomada por uma caleche de praça. Ele queria que chamassem o Savedra, que era do Jóquei-Clube e lhe tinha dito, ainda na véspera, na botica do Azevedo, que ele poderia entrar sem pagar a carruagem. Finalmente, o fáeton entrou. Visto de dentro do hipódromo, "o largo Tejo faiscava, todo azul, tão azul como o céu, numa pulverização fina de luz". Tocou-se o hino da carta e El-Rei D. Luís I apareceu na tribuna, sorrindo, de quinzena de veludo e chapéu branco. Aqueles mais interessados, que traziam binóculos a tiracolo, apressaram o passo para a corda da pista. Debaixo da tribuna, sob o tabuado nu, estava instalado o bufete onde se serviam, à pressa, "fatias de sanduíches com cerveja". Eça descreveu todo um ambiente de corrida de cavalos, com os nomes dos animais, presenças elegantes, bandeiras vermelhas na pista, o *starter* em funções, conversas galantes e pícaras. O final da corrida foi aquela frustração grotesca. Um cavalo solitário chegava em galope pacato, passando a meta sem se apressar. "E em redor perguntava-se que corrida era aquela de um cavalo só — quando ao longe, como que saindo da claridade loura do sol que descia sobre o rio, apareceu um pobre pileca branca, empurrando-se, arquejando, num esforço doloroso, sob as chicotadas atarantadas de um jóquei de roxo e preto. Quando ele chegou, enfim, já o outro *gentleman-rider* voltara da meta, a passo, pachorrentamente — e estava conversando com os amigos, encostados à corda da pista."

A origem dos desportos hípicos em Portugal é inseparável da origem do Turf-Club. Em 1873 havia sido fundado o Club Equestre que

construiu, em 1874, o Hipódromo de Belém, perto dos Jerônimos, em terrenos da Quinta da Princesa e outros, nos bairros do Restelo e Pedrouços de hoje. Ficava perto, também, do Convento de Bom Sucesso, hoje à Rua Bartolomeu Dias nº 53, rua que sai da Praça do Império (diante dos Jerônimos), se transforma depois em Largo da Princesa e, finalmente, em Rua de Pedrouços. O antigo nome do convento era Mosteiro das Dominicanas da II Ordem, de religiosas irlandesas. Chegaram elas a Portugal em 1639, por motivos de perseguição religiosa em sua terra. Obtiveram de Filipe da Espanha autorização para se instalarem em Lisboa. A atual sede do convento era inicialmente a casa da Condessa de Atalaia. Deve tratar-se de D. Filipa de Távora, filha de D. João de Meneses, Comendador de Valada, cujo marido foi o 3º Conde de Atalaia, D. Antônio Manuel de Ataíde. Presentemente, o convento é sede de um colégio que pertence à Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário e Santa Catarina de Siena, Cabra, da Irlanda, desde 1955 sem clausura. Há uma igreja principal e três outras capelinhas (ainda hoje uma é chamada pelas alunas de Capela da Condessa) antigas, com azulejos amarelos e azuis.

Em 1875, o Club Equestre se transformou no Jóquei-Clube, que promoveu corridas de cavalos até 1882. No ano seguinte foi fundada a Sociedade Promotora de Apuramento de Raças Cavalares, que adquiriu o Jóquei-Clube e o Hipódromo de Belém. Essa sociedade manteve a promessa nos estatutos de 1883 de fundar o Turf Club, o que se deu em 1886 com a instalação da sua sede na Rua Garrett nº 36, 1º andar. Em 1889 o Turf arrendou nova sede, na mesma rua, nº 74, mas um violento incêndio, em 14 de novembro daquele ano, numa casa bem próxima, o Bazar Suiço, desalojou o Turf, provisoriamente instalado na Rua do Alecrim. Em 1891 voltou à sua sede, onde ainda hoje se encontra, na Rua Garrett, onde está a firma *Império Seguros*. Foi nesse local que, na noite de 17 de junho de 1983, o Turf Club celebrou, com um baile (a que assistiu o autor deste livro) o encerramento das festividades do centenário de sua fundação.

No final de *Os Maias*, João da Ega deambulava com Carlos Eduardo para mostrar a cidade, dez anos após a ausência deste e, passando em frente à sede do Turf, disse: "São os rapazes do Turf, um clube novo, o antigo Jóquei da Travessa da Palha (Rua dos Correeiros). Tudo gente muito simpática..." Os Reis D. Luís I, D. Carlos I e D. Manuel II foram Presidentes de Honra do Turf Club. Em 1983 celebra-se o cinquentenário da morte de D. Manuel II, destronado com a queda da monarquia em 5 de outubro de 1910. No período republicano, foi Presidente de honra do Turf Club D. Duarte Nuno, Duque de Bragança, falecido em 1976. Atualmente o é seu filho, D. Duarte, Duque de Bragança, nascido em 1945, chefe da família real

portuguesa. Na sede do Turf Club existe uma sala com fotografias dos Presidentes de honra, a Sala dos Reis.

Essas informações estão em luxuosa publicação, com ilustrações — *O Turf Club e Sua História, 1883-1973*, Lisboa, 1973, com 413 páginas. Dela consta que tinham sido endereços do Jóquei Clube: Rua Nova do Almada, 109, 1º andar; Calçada do Carmo, 21, 1º andar; Travessa das Portas de Santa Catarina, nº 12, 1º andar (hoje Travessa da Trindade), bem perto do antigo Hotel Universal. No livro não consta, porém, referência ao Jóquei Clube da Travessa da Palha, a que se refere *Os Maias*. Quanto ao Hipódromo de Belém, foi ele inaugurado com as primeiras corridas realizadas em Lisboa, em 29 de junho de 1874, com grande publicidade.

Da primeira participaram os animais Argos, Norma, Dinorá, Emir, Sultão, Careto, Cuco e Abdá. Em 1882 as corridas passaram a realizar-se no Campo Grande, de acesso mais fácil do centro de Lisboa. Nos dias de hoje, 1983, existe em Lisboa o Hipódromo do Campo Grande, cujo usuário é a Sociedade Hípica Portuguesa, para competições diversas mas não propriamente para corridas.

Há ainda em *Os Maias* referência às Amoreiras. Com esse nome há rua, arco e praça, entre o Rato e o alto da Avenida Duarte Pacheco. O topônimo vem da Real Fábrica das Sedas, criada pelo Marquês de Pombal. O Arco das Amoreiras, na Rua das Amoreiras, é um belo monumento de 1748 para celebrar a construção do Aqueduto das Águas Livres, que termina na Praça das Amoreiras.

No início de *O Conde de Abranhos*, em carta à Condessa de Abranhos, o secretário Zagallo refere o fato de que a Condessa erguia no Cemitério dos Prazeres um mausoléu em memória do marido. O Cemitério dos Prazeres (sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres) é o 2º Cemitério (Ocidental), construído em 1833. É contemporâneo do Cemitério do Alto de São João. Nele estão importantes e conhecidos mausoléus, dentre os quais o de Oliveira Martins, de autoria do arquiteto José Teixeira Lopes, com trabalho de escultura de Antonio Teixeira Lopes (autor do monumento a Eça de Queiroz, no Largo Barão de Quintela), bem atrás da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres. Muitos e muitos nomes da política, das letras, das artes, da sociedade em geral aparecem numa visita, mesmo breve, aos Prazeres. O procurador Vilaça, na ficção eciana, foi sepultado nos Prazeres.

O bairro de Campolide é mencionado em *O Conde de Abranhos* a propósito de uma visita do Desembargador Amado (sogro de Abranhos) ao Doutor Pimentel, advogado. Tinha ele uma demanda com um vizinho proprietário de Campolide e vinha falar com Doutor Vaz Correia,

"que nesse momento trovejava na Boa Hora" (tribunal). À época de Eça de Queiroz, Campolide atingia quase Alcântara e a Cotovia. A parte hoje definida como Campolide apenas começou a ter existência efetiva no último quartel do século passado, embora aquela área já fosse povoada desde o século XVIII, mas com caráter rústico e arrabaldino. A etimologia de Campolide é complicada, no dizer de Norberto de Araújo, para quem o mais acertado, depois de enumerar algumas hipóteses, é ficar mesmo na ignorância de sua origem. No século passado ficava na fímbria noroeste da cidade, estendendo-se para o Vale de Alcântara. É tradicional nesse bairro o Arco do Carvalhão, alcunha que tinha Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, que possuía terrenos naquela parte da cidade. A Rua do Arco do Carvalhão passa por debaixo de dois grandes arcos do Aqueduto das Águas Livres, o qual canaliza as águas da Ribeira das Águas Livres, junto a Caneças, para o depósito monumental chamado Casa das Águas, ou Mãe d'Água, nas Amoreiras. Campolide é freguesia e paróquia. Para definir bem o caráter de Campolide à época em que Eça de Queiroz conheceu Lisboa, basta recordar que, segundo sua narrativa, Alípio e Virgínia passaram a lua-de-mel em Campolide, "sob os murmurosos arvoredos de uma quinta, ao rítmico som das águas que cantam nas vacias de mármore". Mal chegava da quinta de Campolide e das pieguices da lua-de-mel, eis Alípio súbita e inesperadamente instalado numa cadeira em São Bento, como deputado por Freixo-de-Espada-à-Cinta, círculo que ele conhecia mal e a ponto de dizer a seus eleitores que um dia visitaria sua "bela província do Minho" (Freixo-de-Espada-à-Cinta fica em Trás-os-Montes). Sua eleição não era fruto de intrigas políticas "mas simples evidência do seu formoso talento". Também se diz que, encerradas as sessões do Parlamento, Alípio Abranhos e a família partiram para Campolide, onde iam passar as férias estivais, em três meses de concentração de íntima felicidade. Hoje pode-se dizer que Campolide está perto do centro de Lisboa, mais perto do Rossio do que o Largo do Machado o é do Largo da Carioca no Rio de Janeiro. Quando Alípio esperava ser Ministro (e não o foi daquela primeira vez) já antevia pessoas de espinhaço respeitosamente curvado na entrada do seu gabinete; via-se distribuindo empregos, dominando a magistratura; via-se na estrada deliciosa que leva à Ajuda, no aperto de mão de El-Rei. Virgininha iria ao Paço, enquanto uma sua rival, que a chamara de sirigaita, ficava fora da Corte, reduzida ao crochê! Depois da recusa em ser Ministro do Governo que resultou de um golpe de força, Abranhos retirou-se para Campolide para esperar, "no remanso do campo", a próxima crise. "A ambição, como uma cobra entorpecida, fora vivamente sacudida, despertada por aquela rápida visão de uma pasta e desde então não sossegava, inquieta, retorcendo-se com fúria, com as goelas escancaradas, ávida da presa. Os dias sucediam-se na monotonia do mesmo céu tórrido, azul-ferrete, da mesma folhagem imóvel no seu verde crestado, sob um véu de poeira; e o ministério lá estava, imperturbado, gozando as suas férias, na dispersão providencial da oposição pelas quintas e pelas praias. Campolide, segundo uma expressão muito dele, secava-o mortalmente." Mais adiante, refere-se o livro à morte do General que chefiou o golpe militar. O corpo era velado em seu palácio, na Estrela.

A Ajuda — freguesia e paróquia com este nome — é uma parte da cidade encravada entre Alcântara, Belém e São Francisco Xavier, esta última compreendendo o bairro de Caselas e parte de Restelo, onde hoje está situada a residência da Embaixada do Brasil. A Ajuda era um bairro nobre — abriga o Palácio Real da Ajuda, o chamado Paço, de tão frequente citação na ficção de Eça de Queiroz — e ao mesmo tempo um bairro popular. O nome deriva de uma pequena ermida dessa invocação erigida no século XV, num cômoro, a parte mais alta, a respeito da qual havia a lenda de que um pastor, que por aqui trazia seu rebanho, encontrou uma imagem da Virgem numa gruta. A imagem se revelou milagrosa, amparando os que a ela pediam *ajuda*. Daí nasceu a poderosa devoção de Nossa Senhora da Ajuda, que se estendeu a todo Portugal, Brasil, Goa, etc. O Palácio da Ajuda foi iniciado em 1802. Apesar de imponente é obra inacabada. José-Augusto França explica que o arquiteto real Manuel Caetano havia preparado o projeto do palácio em estilo barroco mas, em 1802, o Ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, futuro Conde de Linhares, mandou submeter o plano ao arquiteto italiano Fabri, de Bolonha, e a um discípulo seu, J. Costa e Silva, de Portugal. Manuel Caetano morreu de desgosto e o projeto foi alterado, de que resultou a traça do Palácio da Ajuda inspirada no gosto neoclássico do Palácio de Caserta, em Nápoles, de Vanvitelli. É o que consta em *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, de José-Augusto França, Lisboa, 1980. No Palácio da Ajuda reinou D. Luís I, casado com D. Maria Pia, da Casa de Savóia. Morreu no ano em que a República foi proclamada no Brasil. Era filho de D. Maria II e neto de D. Pedro I do Brasil.

O Palácio da Ajuda é objeto de boa bibliografia. Na obra *O Palácio Nacional da Ajuda*, Gustavo de Matos Sequeira assinala que no século XV se deu o nascimento, em terras do antigo Reguengo de Algés — vasto terreno marginal de searas, pastos, ferregiais (campos semeados de cereais), olivais, hortas e marinhas de sal — de um núcleo populacional que veio a ser depois a base do bairro da Ajuda, onde ocorreu o achado da imagem milagrosa.

A Estrela é um pequeno bairro de Lisboa, paróquia mas não freguesia. Sua área está dentro da freguesia de Santa Isabel. O bairro

se formou na transição do século XVIII para o XIX. No dizer de Norberto de Araújo, só em meados do século XIX atingiu sua maioridade. É uma parte ridente de Lisboa, com lindo jardim e a monumental Basílica da Estrela, mandada construir em 1779 por D. Maria I, nela sepultada. No bairro da Estrela estão os cemitérios dos ingleses e dos alemães, este perto da igreja da comunidade católica alemã (Igreja do Patrocínio). Do jardim da Estrela arranca a Avenida Álvares Cabral, com um monumento ao descobridor do Brasil, inaugurado em 30 de novembro de 1940, cópia do que existe no Rio de Janeiro. A rua principal da Estrela é chamada Calçada da Estrela, que sai do Palácio de São Bento e morre no Largo da Estrela, entre a Basílica e o Jardim da Estrela.

No conto *A Catástrofe*, incluído no mesmo volume de *O Conde de Abranhos*, logo no início se fala na Rua Buenos Aires. Essa rua nasce na Rua dos Navegantes, seguindo até à Rua de São Caetano. É situada no que se chamava tradicionalmente a Lapa aristocrática. Dela sai a Rua de São Domingos à Lapa, descendo na direção sul — uma das mais belas ruas da Lapa e de cujo alto se tem uma vista sobre o Tejo, que bem se parece com aquela descrita por Eça de Queiroz, a propósito do Ramalhete. Ao alto, na esquina de São Domingos à Lapa com Buenos Aires, há o palacete do Conde de Monte Real, hoje sede do Partido Social Democrático. Diz Norberto de Araújo que seria impossível reunir mais elementos em tão pequeno espaço. É um palacete de bonita traça, de aspecto senhorial e elegante, com capela e pátio. A cidade de Buenos Aires está bem homenageada com essa rua, de denominação mais do que secular.

A Cidade e as Serras começa com o conhecido episódio do avô do Jacinto, o gordíssimo e riquíssimo Jacinto, chamado D. Galião, que, descendo a Travessa da Trabuqueta, escorregou numa casca de laranja e desabou no lajedo. Foi levantado por um homem moreno, de casaco de baetão verde e de botas altas, em que Jacinto Galião logo reconheceu a pessoa do Senhor Infante D. Miguel. Jacinto morava à Pampulha. A Travessa da Trabuqueta, hoje ainda com este nome, e de aspecto pitoresco, desemboca na Rua do Prior do Crato, via que sai de Alcântara em direção à Avenida do Infante Santo. Pampulha era referência à Calçada do mesmo nome, que começava à Rua de São Francisco de Paula e findava na Rua da Torre da Pólvora e Travessa da Praia. Hoje a Calçada da Pampulha começa na Rua Presidente Arriaga, novo nome da Rua de São Francisco de Paula, e vem até à Avenida Infante Santo. Cruzada esta, em direção ao poente, a Calçada da Pampulha toma o nome de Rua do Sacramento. A Avenida do Infante Santo, uma grande artéria que sai da Estrela em direção à Avenida 24 de Julho, ao longo do Tejo, foi rasgada depois da Segunda

Guerra Mundial. Segundo Caldas Aulete, Pampulha é o feminino de pampulheiro, habitante ou natural do bairro de Pampulha em Lisboa.

Em *A Relíquia*, há também menção ao bairro da Pampulha, onde vivia Crispim, filho de um dos donos de uma fábrica de fiação, amigo de Teodorico Raposo. O bairro de Santa Isabel é mencionado a propósito do Colégio dos Isidoros (não foi possível identificar ou determinar se é fictício ou não) onde Teodorico Raposo foi aluno interno. Em Santa Isabel está situada a Igreja de Santa Isabel (onde casou Márcia, filha de Juscelino Kubitschek de Oliveira), na Rua Saraiva de Carvalho (Rua Santa Isabel, ao tempo de Eça de Queiroz), uma igreja do século XVIII. Sobre a sua fachada se lê esta inscrição em latim: *Beatae Elisabeth Lusitaniae Reginae.* É um bairro relativamente novo.

Em *O Crime do Padre Amaro* diz-se que o pai de Amaro morreu de apoplexia e a mãe, um ano depois, de tísica de laringe. O menino Amaro completava seis anos. Tinha um tio merceeiro, abastado, no bairro da Estrela, em cuja casa Amaro foi depois morar. O tio o colocara em serviço no balcão da mercearia. Um ano antes de entrar para o Seminário, para se afirmar mais no latim, foi dispensado do trabalho de atendimento na casa comercial. A partir de então, possuiu mais liberdade para passear pelas ruas e pelo Jardim da Estrela. "Viu a cidade, o exercício de Infantaria, espreitou às portas dos cafés, leu os cartazes dos teatros. Sobretudo começara a reparar muito nas mulheres — e vinham-lhe, de tudo o que via, grandes melancolias." O Campo de Ourique tem sido tradicionalmente um bairro de quartéis.

Há uma referência, no romance, ao Clube Democrático de Alcântara, de que era membro um tipógrafo, um homem que ajudara a redigir um manifesto aos irmãos cigarreiros em greve e se considerava "votado ao serviço do Proletariado e da República". Esse homem vivia pensando na revolução de Espanha e suas consequências em Portugal. Dizia que tudo dependia da Espanha. Mas para o tio Osório, o que lhe desagradava era contar com os espanhóis: "de Espanha, deviam os cavalheiros sabê-lo, nem bom vento, nem bom casamento!" Alcântara — paróquia e freguesia com o mesmo nome — é um bairro que começou a formar-se depois do terremoto de 1755. Naquela parte da cidade — visivelmente um vale — corria outrora a ribeira de Alcântara. O nome Alcântara vem do árabe e quer dizer *a ponte*. Havia sobre a ribeira de então uma ponte de madeira e pedra, de configuração rudimentar. Em Alcântara, em 1580, se travou uma batalha entre o pretendente do trono de Portugal, D. Antônio, Prior do Crato, e o Duque de Alba, que comandava as tropas de Filipe II. Daí a homenagem ao Prior do Crato com seu nome a uma das principais ruas do bairro. Em 1887, inaugurou-se uma linha de trem de Alcântara em

direção a Cacém e Torres Vedras. A estação ferroviária de Alcântara-Terra seguiu-se a de Alcântara-Mar, em 1891. Com a abertura do túnel ferroviário do Rossio (1888-1891), a Estação de Alcântara-Terra perdeu seu movimento de passageiros.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, um romance veladamente sebastianista, na explicação de Antônio Quadros Ferro ao autor desta obra, as referências encontradas à parte ocidental de Lisboa foram especialmente sobre São Bento como sede do Parlamento. Sendo um romance em que a política é parte do entrecho, São Bento não podia faltar: "De folhetim em folhetim se chega a São Bento!" — dizia o Castanheiro para Gonçalo Mendes Ramires. Um lugar em São Bento; uma ensebada cadeira em São Bento; ir a sessões do São Bento com luvas cor de pérola e uma flor no peito; galgar de tipóia a ladeira de São Bento — eis algumas das frases e expressões relativas à sede do Parlamento português naquele romance.

Em *A Tragédia da Rua das Flores*, no início do romance, Dâmaso gabou a corrida de Belém. Ouvira dizer de estrangeiros que, como vista de hipódromo, não havia melhor no mundo; de resto, era tal qual como lá fora. Como já foi visto, o Hipódromo de Belém existia desde 1874. À época de Eça de Queiroz havia um serviço de barco a vapor de Lisboa para Belém, serviço referido por Ramalho Ortigão no seu livro *As Praias de Portugal*, escrito em 1876. Ramalho conta o passeio que fez num domingo no vapor de Cascais, que saía do Sodré. Referiu-se, então, também às "carruagens de Nova Iorque, puxadas por mulas brasileiras, que rolam aparatosamente sobre o carril americano e salpicam o cais com suas alegres cores ambulantes". O passeio a vapor vem referido numa conversa entre Victor e Madame de Molineux. Tinha ele ido à sua casa às duas horas da tarde e encontrou-a alegre, fresca, com um grande roupão de seda, um sorriso, as mãos estendidas, muito amável. É nesse ponto que Madame de Molineux disse que o dia estava lindo para ir a Belém de vapor. Genoveva (Madame de Molineux) foi enterrada no Cemitério dos Prazeres. Victor foi um dia visitar sua sepultura, bem como a de tio Timóteo.

Em *O Primo Basílio* D. Felicidade faz referência à "valsa que dançara com o senhor D. Fernando, no tempo da Regência, nas Necessidades. Era uma valsa linda, dessa época: *A Pérola de Ofir*". Trata-se de referência à decisão das Cortes, por morte de D. Maria II (15 de novembro de 1853), de entregar a Regência a D. Fernando II, que a exerceu até a aclamação de seu filho, D. Pedro V (16 de setembro de 1855).

Quando Jorge partiu para sua missão no Alentejo, em pleno verão, Luísa, que não tinha o costume de viver só, pensou em chamar a tia

Patrocínio, uma velha parenta pobre que vivia em Belém. Assinala Norberto de Araújo que Belém — orgulhoso sítio da antiga Lisboa arrabaldina — nasceu do Restelo (barra ou surgidouro do Restelo) ao qual as navegações do século XV emprestaram notoriedade.

Belém, mais nova do que Ajuda, era uma praia, um porto, um lugar dependente da Ajuda. Em 1835, Belém era porém um concelho independente do de Lisboa. Em 1885 foi extinta essa condição concelhia (municipal) de Belém, que passou a ser uma freguesia de Lisboa. O antigo Paço Real de Belém (adquirido e reedificado por D. João V) é, desde 1910, ano da proclamação da República de Portugal, Palácio Presidencial, para residência e despacho.

Entre o Palácio de Belém e os Jerônimos está situada, à Rua de Belém nº 84-92, a *Única Fábrica dos Pastéis de Belém*, fundada pelo mestre confeiteiro, Domingos Rafael Alves, em 1837. João Manuel Ramalho Pereira, um dos atuais sócios da pastelaria, afirma que o fundador da casa, tendo montado no Brasil um negócio de extração de açúcar, teve de voltar para Portugal por motivo de saúde de sua mulher. Teria ele contratado um cozinheiro dos frades Jerônimos para com ele trabalhar, assim conquistando o segredo dos pastéis de Belém, possivelmente um doce conventual. Essa informação, João Manuel Ramalho Pereira prestou ao jornalista Brito Vintém, de *O Globo* de Lisboa, em 8 de julho de 1983, que explicou a receita dos famosos pastéis de Belém (folhado, natas, manteigas, ovos, leite e açúcar). Haveria, porém, segredo na maneira de preparar a nata e a massa folhada. Muito se fala em que esse segredo é guardado num cofre através de longos anos. Segundo Norberto de Araújo, o segredo foi comprado pela Pastelaria em 1879. O autor desta obra obteve, por via direta, a informação de que o segredo está na cabeça dos pasteleiros, sócios da firma, por isso mesmo interessados na preservação da qualidade única dos pastéis de Belém, uma marca de fábrica. São também chamados *Pastéis do Restelo, Pastéis dos Jerônimos, Pastéis Belenenses, Pastéis Bom Sucesso* ou *Pastéis Sistema de Belém*. Tudo gira em torno de nomes da nobre vizinhança. Consta que houve no século passado um pasteleiro que levou muito a sério a conservação do segredo em seu poder, ao ponto de julgar que sua revelação lhe poderia acarretar a prisão ou até a morte. Jorge Amado é tradicional frequentador da Pastelaria de Belém, onde já foi homenageado. Também o Ministro Delfim Neto e o Doutor Marcos Vinícios Vilaça foram homenageados nessa casa de raízes brasileiras.

Em *O Monge de Cister*, Alexandre Herculano faz reviver Pedrouços, Alcântara, Ajuda e Restelo. Existia a chamada aldeia do Restelo, parte do Reguengo de Algés, habitada parcialmente por mouros forros

que nos arredores grangeavam (lavravam) algumas hortas e pomares, com o que ajudavam a abastecer a cidade, ou por pescadores que saíam em seus batéis a pescar no Tejo. No século XV o Restelo mais parecia uma terra muçulmana. Avultava entre a raça goda e a cristã a raça africano-árabe. Sobre o Monsanto, Queluz e Sintra, vale consultar a obra *Arredores de Lisboa*, de Esther de Lemos. José Dias Sanches escreveu particularmente sobre Belém e seus arredores através dos tempos. Explica ele que Monsanto, na Ajuda, foi outrora chamado *Mons-Sacre*, monte santo. Jaime Cortesão se refere a essas partes de Lisboa em seu poema *Lisboa Vista do Céu*.

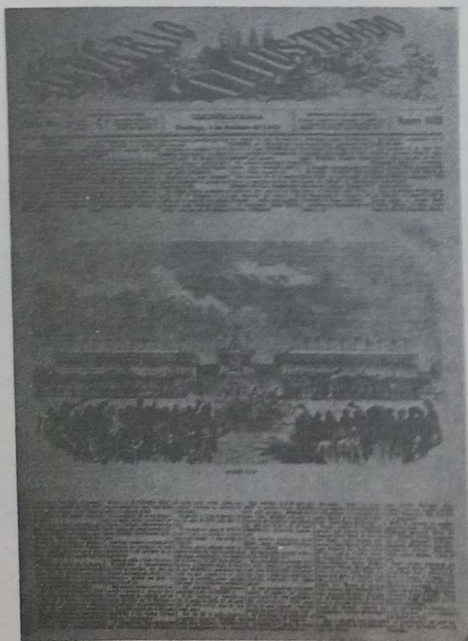
Em certo momento de sua vida, o Visconde de Almeida Garrett, "o divino Garrett, de fraquezas bem humanas", no dizer de João Saraiva, em conferência no Grêmio Literário, a 30 de janeiro de 1934, foi passar algum tempo em casa do austero Alexandre Herculano, na Ajuda, para distrair-se de pensamentos fúnebres. Herculano e Garrett passeavam e espaireciam pela estrada de Pedrouços, onde uma vez Garrett interrompeu o passeio para entregar-se a um interminável colóquio, montado o pé no estribo de uma carruagem onde se ocultava uma dama misteriosa. Alexandre Herculano, descrevendo aquele episódio passado em Pedrouços, diz que Garrett o colocou no papel "atribuído a determinado pau, de que os cabeleireiros se servem na confecção das suas perucas". Estaria aí uma explicação para o dito "pau de cabeleira". É bem sabido que os contemporâneos acusaram Garrett de ter perturbado, com suas paixões abrasadas, a tranquilidade de alguns lares.

Ramalho Ortigão dizia de Pedrouços, em *As Praias de Portugal*: "é a mansão oficial da vilegiatura burocrática de Lisboa." E mais esta: "... tem um pouco o aspecto de uma secretaria de Estado — ao ar livre."

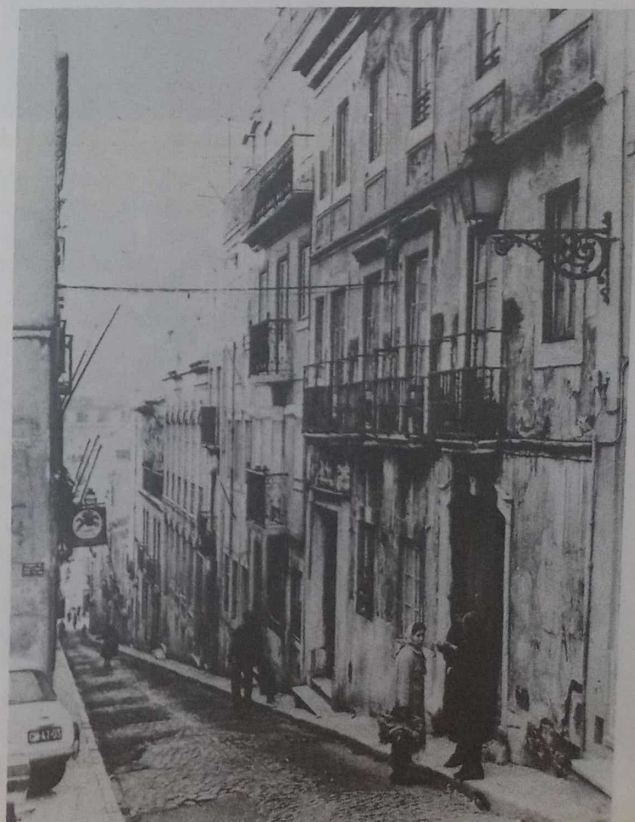
A criada Juliana dizia que só conseguia adormecer com o dia e a conversa girou em torno do problema, tendo-lhe sido aconselhado ir a uma "mulher de virtudes" (curandeira), que tinha orações e unguentos para tudo e que morava ao Poço dos Negros. Trata-se de uma rua que começa ao fim da Calçada do Combro e vai até à Avenida D. Carlos I. Não é propriamente parte dos bairros ocidentais de Lisboa. Fica nas Mercês, perto dos limites dos bairros ocidentais. O Poço dos Negros era um poço ou vala onde se enterravam cadáveres de negros escravos empestados. Estaria ele localizado no quintal da casa 7-C, do Largo do Doutor Souza Macedo. O lúgubre poço acabou mas não a designação. A Rua do Poço dos Negros se entronca com a Calçada do Combro no já mencionado Largo do Doutor Souza Macedo, a quem pertenceu um palácio seiscentista ali situado.

Palácio das Necessidades, que dá nome ao bairro e onde atualmente funciona o Ministério dos Negócios Estrangeiros: "Ocupava-se então mais do laboratório, que decidira instalar no armazém, nas Necessidades." (*Os Maias*) (Foto A. Campos Matos)

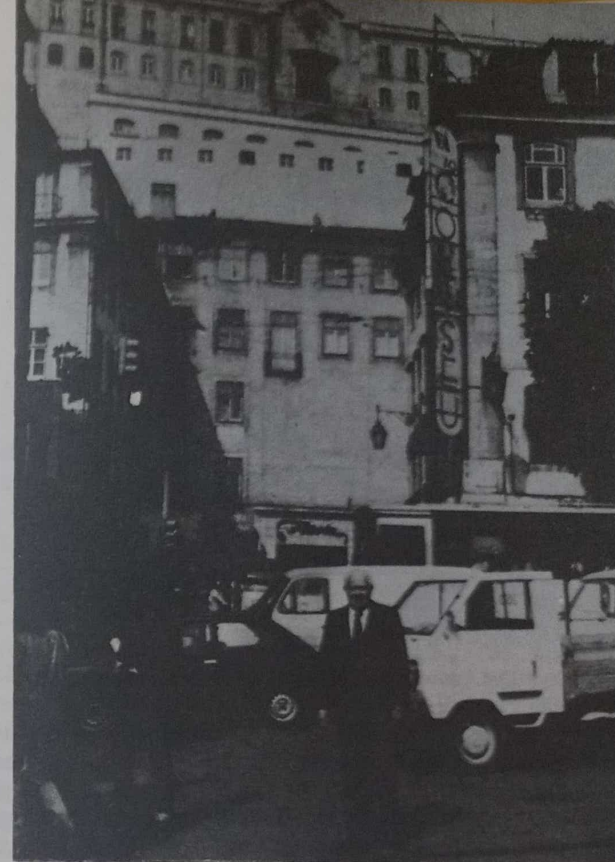
A Travessa da Trabuqueta se encontra no bairro de Alcântara. "Seu avô, aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o *D. Galião,* descendo uma tarde pela Travessa da Trabuqueta, rente a um muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou numa casca de laranja e desabou no lajedo." (*A Cidade e as Serras*) (Foto Carlos Moreira Garcia)

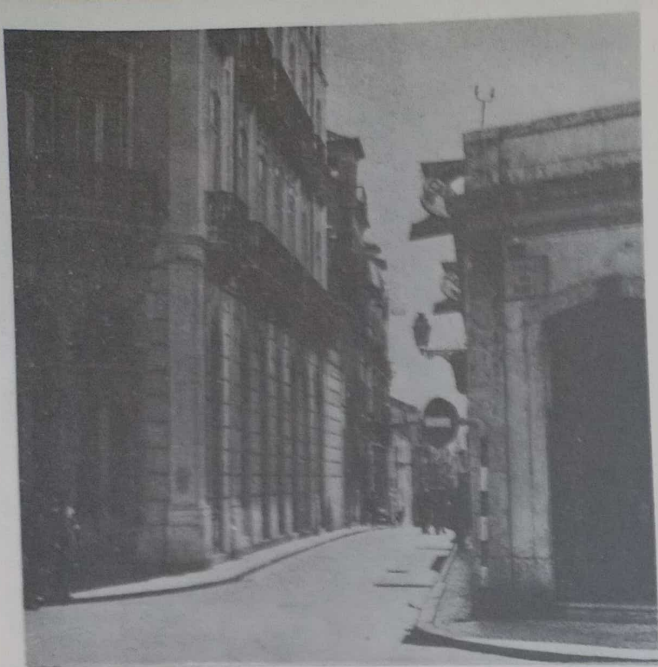
Em cima, o Hipódromo de Belém na década de 1870.
Embaixo, a primeira página do *Diário Ilustrado,* de 3 de outubro de 1875, com uma imagem do Hipódromo de Belém (Jockey Club), no início das corridas. (Fotos *Diário de Notícias,* de Lisboa)
Ao lado, rótulo da Pastelaria de Belém, fundada em 1837, que ainda hoje funciona em suas primitivas instalações.

Antiga Confeitaria de Belém, Lda.
CASA FUNDADA EM 1837
ÚNICA CASA DOS VERDADEIROS
Pasteis de Belém
(Nome Registado)

Rua de Belém, 84 a 92 — LISBOA-3
Telefones 63 74 23 - 63 80 77 - 63 80 78
Rebuçados de avenca, musgo e altela

Em cima, a "correnteza de casas", no Largo de Santa Bárbara, em São Jorge dos Arroios: "Meu amor", dizia Basílio, "por um feliz acaso descobri o que precisávamos, um ninho discreto para nos vermos... Batizei a casa com o nome de *Paraíso...*" (*O Primo Basílio*) (Foto do Autor)
Embaixo: "E o Xavier agora vivia com uma espanhola chamada Cármen, e três filhos dela, num casebre da Rua da Fé". (*A Relíquia*) (Foto A. Campos Matos)

Em cima: "Eu ia enfiar as botas; e, autorizado agora por ela a recrear-me fora de casa até às nove e meia, corria ao fim da Rua da Madalena, ao pé do Largo dos Caldas. Aí, com resguardo, encolhido na gola do meu sobretudo, cosido com o muro, como se o candeeiro de gás que ali havia fosse o olho inexorável da titi — penetrava sofregamente na escadinha da Adélia...". (*A Relíquia*)

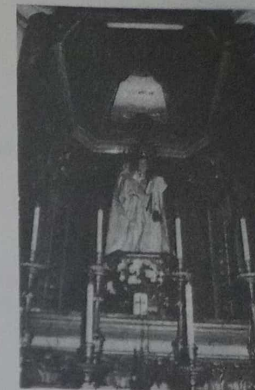
Embaixo: O Hotel Francfort, ao tempo de Eça de Queiroz, ficava à Rua de Santa Justa, nº 72, esquina com a Rua Augusta e com a Rua do Arco da Bandeira (Rua dos Sapateiros). Mais tarde, instalou-se num prédio situado ao lado oriental do Rossio (Praça D. Pedro IV). Em ambos estes locais, ainda aparece ao alto a inscrição Hotel Francfort, mas ele já não existe em nenhum dos dois. A fotografia abaixo representa o Hotel Francfort na Rua de Santa Justa, que devia ser o hotel referido no romance *A Ilustre Casa de Ramires*:

"— Esse Sanches Lucena é um idiota! Ora, que arranjo fará a esse homem, aos sessenta anos, ser deputado, passar meses em Lisboa no Francfort, abandonar as propriedades, deixar aquela linda quinta...". (Fotos do Autor)

Em cima: "E pela tarde toda do Convento do Carmo, não tenho senão a abraçar-te, mestre e amigo. Está claro que foste servido por um tipo de incomparável grandeza, e um momento de vida verdadeiramente sublime. Mas, aí no Carmo, nunca estiveste abaixo do teu herói — e ainda que seja penoso, muito penoso, fazer um tal elogio a um confrade em letras, sou forçado a confessar que toda essa parte da história de Fr. Nuno está nobremente ao lado da vida de D. Nuno." (*Correspondência*) (Foto do Autor)

Ao lado: A primeira sede do *Diário de Notícias*, na antiga Rua dos Calafates, no Bairro Alto, e que depois passou a chamar-se Rua do Diário de Notícias. (Foto *Diário de Notícias*, de Lisboa)

Em cima, encontro da Rua da Rosa com a Rua do Moinho de Vento (hoje, Rua Dom Pedro V), de onde descia Luísa na antológica *perseguição* pelo Conselheiro Acácio, que iria terminar no dentista Vitry, ao Rossio.

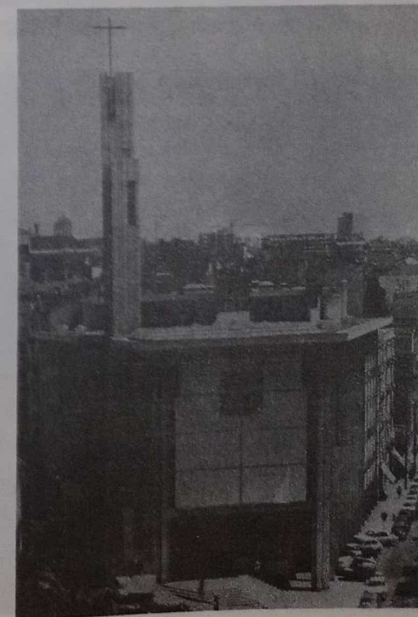
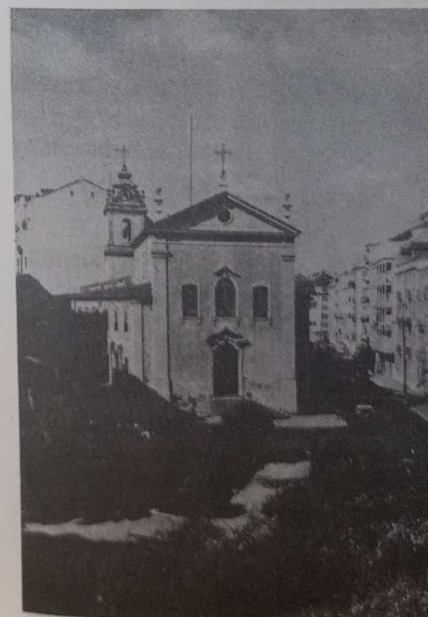
"E às onze e meia descia o Moinho de Vento, quando viu a figura digna do conselheiro Acácio que subia da Rua da Rosa, devagar, com o guarda-sol fechado, a cabeça alta. Apenas a avistou apressou-se, curvou-se profundamente: — Que encontro verdadeiramente feliz!..." (*O Primo Basílio*) (Foto A. Campos Matos)

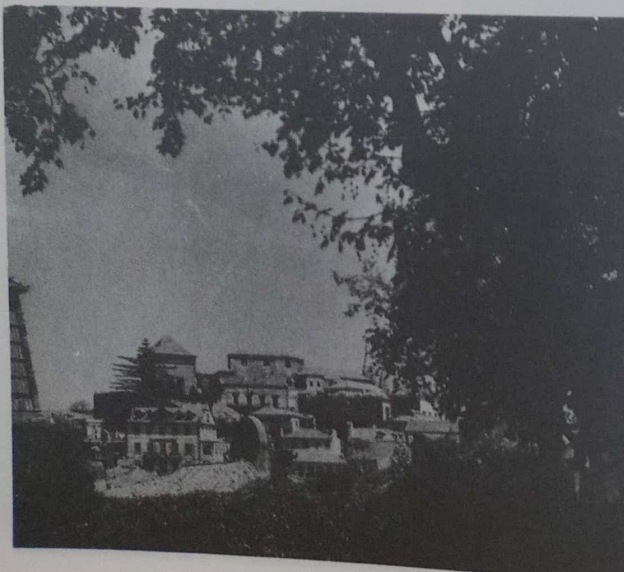
Embaixo, à esquerda: Tia Patrocínio, a titi, morava no Campo de Santana nº 47, pela numeração antiga. Pela numeração moderna, o nº 47 do Campo dos Mártires da Pátria, nova designação do antigo Campo de Santana, é um prédio vizinho à sede do Patriarcado de Lisboa, a ele integrado.

À direita, a famosa Rua do Capelão, onde morou a Severa. Fotografia de capa de suplemento do jornal *A Capital*, de Lisboa.

Em *Os Maias,* João da Ega morava numa casa chamada Vila Balzac, que "esse fantasista andara meditando e dispondo, desde a sua chegada a Lisboa, e onde finalmente se tinha instalado. Ega dera-lhe esta denominação literária pelos mesmos motivos por que a alugara num subúrbio longínquo. na solidão da Penha de França — para que o nome de Balzac, seu padroeiro, o silêncio campestre, os ares limpos, tudo ali fosse favorável aos estudos, às horas de arte e de ideal".

Em cima, foto Júlio Almeida: Imagem de Nossa Senhora da Penha de França feita por um entalhador que escapou do desastre de Alcácer Quibir, em 1578.

Embaixo, à esquerda: A nova Igreja de São Jorge dos Arroios, vendo-se à sua entrada o famoso cruzeiro, que antes ficava no Largo do Cruzeiro, ao tempo de D. João III.

À direita: A antiga Igreja de São Jorge dos Arroios, vulgarmente designada por Igreja de Arroios, inaugurada por D. Miguel em 1829, foi demolida na década de 1970. (Fotos Júlio Almeida)

Em cima: "Foram-no encontrar triunfante, diante de um montão de penedos, polidos pelo uso, já com um vago feitio de assentos, deixados ali, outra, poeticamente, para dar ao terraço uma graça agreste de selva brava. Então, não dizia ele? Bem dizia ele que em Seteais havia penedos! — Se eu me lembrava perfeitamente! *Penedo da Saudade,* não é que se chama, Alencar?" (*Os Maias*)

Embaixo: Uma bucólica vista do Hotel Nunes, demolido na década de 1970, dando lugar ao moderno e elegante Hotel Tivoli-Sintra: "O criado conhecia bem o Senhor Dâmaso Salcede. Ainda na véspera pela manhã o vira entrar defronte, no bilhar, com um sujeito de barbas pretas... Devia estar na Lawrence, porque só com raparigas e em pândega é que o Senhor Dâmaso vinha para o Nunes!" (*Os Maias*) (Fotos A. Campos Matos)

A criada Juliana contou a Joana que fora visitar uma amiga à Calçada do Marquês de Abrantes, hoje simplesmente Calçada de Abrantes, e, de repente, lhe dera um flato e a dor... Por isso estivera um dia e meio de cama. Na Calçada de Abrantes está o Palácio de Abrantes, sede da Embaixada de França, como já foi visto; a liga o bairro da Madragoa à Avenida D. Carlos.

Em *A Capital*, São Bento como sede do Parlamento também é objeto de frequentes menções. Artur, em uma ocasião, perdeu-se, vagueou pelo Rato, pelo Salitre. O Rato é um importante largo de Lisboa para o qual confluem cerca de dez ruas: São Bento, Álvares Cabral, Escola Politécnica, Salitre, Alexandre Herculano, Amoreiras, Sol ao Rato, etc. Originou-se no século XVII como parte de Campolide e da Cotovia. Deve-se esse tradicional topônimo da Capital portuguesa à antiga presença no local da fábrica de louças do Rato, que contou com a proteção do Marquês de Pombal. Os produtos de faiança e de porcelana do Rato foram cercados de fama e apreço. Após a proclamação da República em Portugal, em 1910, quis-se homenagear o Brasil, mudando-se o nome Largo do Rato para Praça do Brasil. Mas o nome Rato se impôs e voltou a denominar aquele logradouro. No dizer de Norberto de Araújo: "Rato foi e Rato é." Ao redor do Largo do Rato, ou nele próprio, situam-se: o terminal do Aqueduto das Águas Livres, ou Mãe d'Água, imponente construção segundo o risco de Manoel da Maia; o Palácio Palmela, do princípio do século XIX, sobre a Rua da Escola Politécnica, esquina da Rua do Salitre, que em 1973 esteve a ponto de ser adquirido pelo Governo brasileiro para sede da Embaixada do Brasil, agora sede da Procuradoria Geral da República; o Palácio do Marquês da Praia, pertencente ao Partido Socialista; o Convento das Religiosas da Ordem da Santíssima Trindade, onde está instalado o Asilo de Nossa Senhora da Conceição, com a igreja da mesma invocação. Estabelecimentos comerciais situados no Rato, ou bem perto, lembram o passado recente: Charcutaria Brasil, Utilidades e Novidades Brasil, Novidades para Senhoras Brasília, Óptica Brasil e Leitaria Brasil.

Há uma referência no romance à família dos Pereiras, de Santo Amaro. É um tradicional bairro na parte ocidental de Lisboa, onde acaba o Calvário (poder-se-ia comparar o Calvário ao Largo do Machado no Rio de Janeiro, antes das grandes reformas por que este passou recentemente, com as obras do Metropolitano) e começa a Junqueira. Em Santo Amaro está o Palácio Sabugosa, já objeto de consideração nesta obra. Ali está a estação dos carros elétricos (bondes) da Companhia Carris de Ferro, fundada no Rio de Janeiro, no século passado, e autorizada a funcionar em Portugal. Data de 1873 a primeira linha de bondes puxados a burro — de Santa Apolônia ao

Calvário. Era o que se chamava, então, de americano, tão falado em *Os Maias*. Na parte alta de Santo Amaro está uma das jóias arquitetônicas de Lisboa, a Ermida de Santo Amaro, edificada em 1549, em estilo renascentista, não afetada pelo terremoto. Santo Amaro não é freguesia nem Paróquia. Integra-se a Alcântara.

Em *Notas Contemporâneas*, no artigo sobre Brasil e Portugal, datado de Bristol, 14 de dezembro de 1880, Eça de Queiroz, em trechos já citados nesta obra, fala da "escandalosa aparição de Belzebu no Convento do Sacramento de Alcântara". Segundo Norberto de Araújo, o Convento do Sacramento, das religiosas dominicanas, foi fundado em 1612 pelo 4º Conde de Vimioso, D. Luís de Portugal (1555-1637), casado com D. Joana de Castro Mendonça. Ambos resolveram abraçar a vida monástica, segundo a obra *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Lisboa, 1961, coordenada por Afonso Eduardo Martins Zuquete. O Mosteiro do Sacramento é situado na estrada que ia da Pampulha para a Ribeira de Alcântara. O local se chama hoje Rua do Sacramento à Alcântara. Nesse mosteiro, pouco danificado pelo terremoto, também professou D. Madalena de Vilhena, com o nome de Soror Madalena das Chagas, mulher de D. João de Portugal, a qual, com a morte do marido em Alcácer Quibir, casou com D. Manuel de Sousa Coutinho, que veio a ser na vida monástica Frei Luís de Sousa. Sobre essa história, Almeida Garrett construiu o famoso drama *Frei Luís de Sousa*, no qual faz D. João de Portugal retornar como um romeiro e reencontrar a esposa de novo casada, o que, segundo a fabulação do grande dramaturgo português, tinha sido a causa de que D. Madalena de Vilhena e D. Manuel de Sousa Coutinho se decidissem a professar.

Em *Uma Campanha Alegre*, 1º Tomo, no artigo XVI, de julho de 1871, há a história já aqui referida de que um deputado subiu com sua carruagem a rampa de São Bento, às Cortes. Termina com esta observação: "A história raras vezes registra tão altivos rasgos. Ainda não secaram os louros de Montes Claros." É alusão à vitória dos portugueses sobre os espanhóis na povoação de Montes Claros, em Vila Viçosa, no Alentejo, em 1655, durante o período das guerras da Restauração. A batalha, travada no dia 17 de maio daquele ano, constituiu pesada derrota para o exército espanhol, que teve cerca de dez mil baixas dentre mortos e prisioneiros. O Alentejo foi o principal teatro das guerras da Restauração.

9.

SINTRA, ESTORIL E OUTROS ARREDORES

"Já a vista, pouco e pouco, se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam:
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam.
E, já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais, enfim, que mar e céu."

Luís de Camões, *in Lusíadas*,
canto V, III. Lisboa, 1980.

"Cintra, one of the most celebrated mountains of Europe, is situated about five leagues S.W. of Lisbon. To navigators it is well known, as being the most westerley part of all Europe. The cape contiguous to it, which is called the Rock of Cintra, was named by the ancient geographers the Promontory of the Moon, or Hierna, according to Strabo."

James Murphy, *in General View of the State of Portugal*. Londres, 1798.

"Se há paragem no Mundo que mereça a designação de terra encantada, é Sintra, certamente. Tivoli é bela e pitoresca, mas não tardam a esquecê-la todos os que viram algum dia o Paraíso Português."

George Borrow, *in Guia de Portugal*, Lisboa, 1924.

Sintra é um grande tema na obra de Eça de Queiroz, em especial em *Os Maias* mas também em *A Tragédia da Rua das Flores, Mistério da Estrada de Sintra, O Primo Basílio, O Crime do Padre Amaro, A Capital, A Correspondência de Fradique Mendes, Cartas, Correspondência, O Conde de Abranhos, A Ilustre Casa de Ramires.* A vida de Eça de Queiroz também tem o que ver com Sintra. Ele conhecia bem aquele encantador lugar perto de Lisboa e dêle muito falou em sua obra. Uma Petrópolis a meia hora, ou pouco menos, da Capital portuguesa. Pela carta que dirigiu à sua querida Emília, em Paris, da Quinta da Vila Nova (Tormes), em Santa Cruz do Douro, em 7 de junho de 1898, Eça fazia comparações entre a quinta no Douro e Sintra, lembrando que ela detestava a Quinta dos Castanhais, naquela serra vizinha de Lisboa, "... toda em socalcos, descidas, precipícios. Pois Santa Cruz é o mesmo em grandioso". Eça, em dado momento, quando era Cônsul em Paris, alugou uma casa na Quinta das Castanheiras não distante do Palácio Real de Sintra, perto do Passeio dos Velhos. Nela trabalhou, segundo se diz, na revisão de *A Cidade e as Serras*. A casa é visível das janelas do restaurante do moderno Hotel Tivoli Sintra. Graças a Luis Vianna Filho, o autor tomou conhecimento de uma carta de Eça de Queiroz a Bernardo (Pindela) datada de "Castanhaes, Vila Fontes".

As origens de Sintra se perdem em lendas nebulosas. Plínio se referiu ao promontório Magno (Cabo da Roca) onde os lusitanos iam em romagem adorar a lua, Cynthia, que deu nome ao burgo que veio a chamar-se Sintra. Recebeu ela foral em 1154, ao tempo de Afonso Henriques. O Palácio Real de Sintra remonta, em suas origens, ao século XIV. D. Afonso V fez obras importantes no antigo palácio diniziano, que era gótico. D. João II foi nele aclamado rei, em 1481. D. Manuel, entre 1505 e 1520, acrescentou a ala oriental, tipicamente

ao estilo que veio a ser depois denominado manuelino. D. Afonso VI, na segunda metade do século XVII, esteve cativo no Palácio Real de Sintra. Em prosa e verso Sintra foi decantada por Bombelles, Beckford, Southey ("o mais abençoado lugar de todo o mundo habitável"), Byron ("glorioso Éden"), Garrett, e tantos e tantos outros. É clássico o versinho de Gil Vicente:

"Um jardim do paraíso terreal
Que Salomão mandou aqui
A um rei de Portugal."

William Beckford (1760-1844) é autor de textos de reconhecido valor sobre o modo de viver da sociedade portuguesa no final do século XVIII. Veio a Portugal três vezes. Na primeira, em 1787, instalou-se por vários meses em Lisboa e Sintra. Em 1788, de novo veio a Portugal. E voltou pela terceira vez, de 1794 a 1796. O que escreveu sobre o país somente veio à luz dez anos antes de sua morte, no fim das lutas entre miguelistas e liberais, tempos já bem diferentes daqueles em que visitara Portugal. Em 1834 publicou *Italy: With Sketches of Spain and Portugal;* em 1835, *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha.* Só em meados deste século foi publicado seu diário íntimo, *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain*, divulgado em Londres por Boyd Alexander, em 1954, e traduzido para o português por João Gaspar Simões, em 1957. Beckford ficou instalado no Ramalhão, uma linda e deliciosa quinta à entrada de Sintra. De lá fazia passeios pelos arredores, visitando propriedades em Colares, subindo a Penha Verde, estabelecendo, enfim, "imorredouramente a celebridade do refúgio fresco e umbroso que tanto viria a seduzir seus futuros patrícios", no dizer de Alberto Candeias.

Robert Southey chegou a Portugal em 1796. Sobre Sintra disse ele: "Se eu tivesse nascido em Sintra, julgo que nada haveria que me tentasse a abandonar as suas sombras deliciosas e a atravessar a terrível aridez que as separa do mundo."

Lorde Byron visitou Portugal em 1809. Sintra despertou nele, no dizer de Alberto Candeias, em *Portugal em Alguns Escritores Ingleses*, Lisboa, 1946, "todas as exagerações do seu espírito exaltável e do seu estro incontinente". Byron chegou a Lisboa procedente de Falmouth, de onde partira em famosa peregrinação, em 2 de julho de 1809, segundo o prefácio de *Byron's Poetical Works*, edição de Gall & Inglis, Londres, 1857. Tinha ele à época 21 anos. Em *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto Primeiro, há referência de Byron a Sintra, que a seguir vai transcrita (parte da estrofe XVIII e toda a estrofe XIX):

"Lo! Cintra's glorious Eden intervenes
In variegated maze of mount and glen.
. . . .
The horrid crags, by toppling convent crown'd,
The cork-trees hoar that clothe the shaggy steep,
The mountain-moss by scorching skies imbrown'd,
The sunken glen, whose sunless shrubs must weep,
The tender azure of the unruffled deep,
The orange tints that gild the greenest bough,
The torrents that from cliff to valley leap,
The vine on high, the willow branch below,
Mix'd in one mighty scene, with varied beauty glow."

A tradução que apresenta Alberto Candeias desse trecho é a que se segue:

"Lá está Sintra, o esplendoroso Éden, situada
Entre vales frondosos e montes variegados...
. . . .
As penhas ásperas coroadas pelo convento,
Os sobreiros revestindo o abismo hirsuto,
O montesinho musgo tostado pelo calor do céu,
O vale sombrio onde o sol não entra e os arbustos murcham,
O azul delicado das funduras serenas,
Os tons alaranjados dourando os gomos verdes,
As torrentes a saltar de rocha em rocha,
A vinha do alto, em baixo os ramos dos salgueiros,
Combinam-se num cenário de beleza cintilante e variada."

O poeta inglês William Wordsworth (1770-1850) também esteve em Portugal e em Sintra, tendo declarado ódio de morte a Napoleão a propósito, especialmente, da Convenção de Sintra, ato pelo qual foi estabelecida a retirada de Junot de Portugal, "fagulha que fez deflagrar esse ódio tremendo, sob a forma de um panfleto violentíssimo em que denuncia à execração pública o inconcebível procedimento dos generais britânicos que, com ela, deixavam escapar os frutos da vitória alcançada sobre Junot", segundo o texto de Alberto Candeias. Da parte inglesa, assinou-a Sir Artur Wellesley, que foi também hóspede do Ramalhão. Lorde Carnarvon foi outro escritor inglês que esteve em Sintra e se deleitou com as suas belezas e com as frescuras da várzea de Colares.

É particularmente conhecido o *Impromptu* de Garrett sobre Sintra, que começa assim:

"Que ar tão suave se respira em Sintra!
Que amenos prados, que gentis outeiros!
Que horizonte, que céu, que estância amável!
por entre esses esmaltes de verdura
Como é saudoso o murmurar das fontes!
Parece quase ouvir que elas suspiram,
E a suspirar os peitos nos convidam."

Alberto Pimentel, polígrafo, cronista, memorialista, escreveu *Noites de Cintra*, que começa por aquela frase de encantamento: "Éramos dez, e tínhamos combinado, por desfastio, ir a Cintra, na primavera, ouvir os rouxinóis." O poeta Mário Beirão (1892-1965) disse em um poema dedicado a Teixeira de Pascoaes:

"Oh paisagem do Céu!
Cintra! Visão suprema!
Arquitetura dos acordes de um poema!"

Eça de Queiroz sentiu, saudou, homenageou, pintou, exaltou e glorificou Sintra, "na solenidade religiosa de seus espessos arvoredos..."

Sintra é um Concelho (município), com sua Câmara Municipal, vizinho de Lisboa. Uma de suas freguesias mais importantes é Queluz. A vila de Sintra tem cerca de 20 mil habitantes mas todo o Concelho tem cerca de 225 mil habitantes, o segundo mais populoso dentre os municípios vizinhos de Lisboa, em seguida a Loures. Em Sintra está o ponto mais ocidental de todo o continente europeu, o Cabo da Roca, que é, no dizer de Camões, o lugar "onde a terra se acaba e o mar começa". Sintra tem um famoso vinho, um dos preferidos da ficção queiroziana, proveniente da região legalmente demarcada de Colares e cuja fama remonta a D. Afonso III, no século XIII. No livro *Contos*, José Matias uma vez bebia, no Café Central de Lisboa, "um Colares que parecia engarrafado no Céu..."

Nas primeiras páginas de *Os Maias* surge referência a um dos lugares periféricos da Lisboa de então, objeto de tratamento neste capítulo, que é Benfica. É freguesia e paróquia. Como freguesia, já existia na primeira metade do século XVII. Sua área era então bem mais extensa do que a de hoje: confinava com São Sebastião da Pedreira, Nossa Senhora da Ajuda, São Romão de Carnaxide (esta última em Oeiras, fora do termo de Lisboa), São Lourenço de Carnide, Santo Nome de Jesus de Odivelas e Barcarnea (estas duas últimas também fora do termo de Lisboa). Olhando-se para um mapa, Benfica aparece situada na parte centro-ocidental de Lisboa. A estrada de Benfica era o caminho de saída de Lisboa em direção a Sintra, como tão bem

se vê na narrativa de Eça de Queiroz. Lá está situado o antigo Convento de São Domingos de Benfica, cuja Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi, por provisão de D. Antônio Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa, datada de 2 de julho de 1979, cedida à Força Aérea Portuguesa, sendo então seu Chefe de Estado Maior o General José Lemos Ferreira. A Ordem dos Pregadores Dominicanos havia recebido de D. João I, em 1399, a casa e os terrenos que este herdara de D. Diniz para neles ser edificado um convento. A decisão real era uma pura e perpétua doação, "à Ordem de São Domingos, dos nossos Paços de Benfica, a par da cidade de Lisboa, com todos seus pomares, hortas, entradas e saídas, para se fazer deles um Mosteiro e estarem aí Frades a serviço de Deus". Esta doação ficou a dever-se à influência de João das Regras, Chanceler-Mor de D. João I. Está sepultado no Convento de São Domingos Frei Luís de Sousa. Nasceu em 1553 e, depois de uma vida aventurosa que o levou até ao Peru, faleceu em 1632. A lápide sobre seu túmulo foi mandada colocar pelo padre pernambucano Joaquim Pinto de Campos, em 1878. Também lá estão os túmulos de João das Regras, de D. Carlos Mascarenhas, ajudante de campo de D. Pedro V, e de várias outras personalidades. Do Convento de Benfica saiu para ocupar as elevadas funções de Arcebispo Primaz de Braga a notável figura de varão de virtudes heróicas que foi o Frei Bartolomeu dos Mártires. A descrição de sua vida, por Frei Luís de Sousa, é uma das obras clássicas do período seiscentista da literatura portuguesa. A publicação *Apontamentos Monográficos Sobre a Igreja Nossa Senhora do Rosário*, por M. B. Gonçalves Pedro, Capelão da Força Aérea Portuguesa, Lisboa, 1979, contém estudo sobre aquele monumento arquitetônico de Lisboa, além de alistar bibliografia portuguesa, norte-americana e inglesa sobre o assunto. A respeito do bairro de Benfica, existe uma publicação do Padre Álvaro Proença, *Benfica Através dos Tempos*, Lisboa, 1964, de particular interesse. Benfica está a cerca de seis quilômetros do centro de Lisboa. Também descreve Benfica o historiador Gabriel Pereira, em sua obra *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, Lisboa, 1910.

A família dos Maias tinha mandado vir de seu palacete de Benfica (Eça não o identificou) as mobílias e louças que lá estavam para serem guardadas no Ramalhete, antes de ser este decorado e reaberto. O palacete de Benfica, morada quase histórica dos Maias, depois de andar anos em praça, fora finalmente comprado por um Comendador brasileiro. Essa casa tem papel importante no início do romance, pois nela morreu subitamente o velho Caetano da Maia, pai de Afonso. Por causa disso Afonso regressou de Londres para Lisboa, ocasião em que conheceu Maria Eduarda Runa, com quem veio a casar, levando-a consigo para Londres. Era ela filha do Conde de Runa, mimoso (protegido) de D. Carlota Joaquina, aliada do filho, D. Miguel, razão pela

qual os bens de Afonso da Maia, um liberal, nunca foram confiscados. Depois, a viúva de Caetano — mãe de Afonso — morreu de uma apoplexia no palacete de Benfica e a tia Fany foi para a Inglaterra fazer companhia a Afonso e Maria Eduarda. Como esta nunca se habituasse a viver em Inglaterra, sobretudo pela falta do catolicismo das ruas, das procissões e das novenas, voltou o casal para Lisboa, a morar em Benfica. No palacete de Benfica também morou Pedro, já quase um homem, lá dando seus lentos passeios a cavalo, e de onde saía para bebericar sua genebra nos botequins de Lisboa. O jovem Pedro frequentava a Igreja de Benfica. Foi também no palacete de Benfica que Pedro se apaixonou pela Maria Monforte, a *negreira*. Mas depois do casamento do filho Pedro, e antes de que este retornasse a Lisboa de sua viagem de lua-de-mel, Afonso partiu para sua quinta em Santa Olávia e fez-se entre o pai e o filho aquela grande separação. Vem o conhecido período de vida do casal Pedro da Maia no palacete de Arroios, a fuga da Maria Monforte com o napolitano, o desesperado retorno de Pedro à casa do pai, Afonso, e seu suicídio em Benfica.

A família Maia tinha também, no começo do romance, uma outra propriedade, a *Tojeira*, uma quinta situada adiante de Almada, em frente a Lisboa, na Outra Banda, isto é, no outro lado do Tejo. Almada, com categoria de cidade desde 1973, tem cinco freguesias: Almada, Cova da Piedade, Trafaria, Caparica e Costa da Caparica. A cidade cultiva a memória de Fernão Mendes Pinto, nela falecido há 400 anos (8 de julho de 1583), em honra de quem, no Pragal, foi em 1983 inaugurada uma estátua de autoria do escultor Antonio Duarte. Almada foi reconquistada aos mouros em 1147 por Afonso Henriques. Há um fato que os daquela terra também gostam de recordar. Em 1599, por ocasião de uma peste que assolou Lisboa, no período filipino, Manuel de Sousa Coutinho, que seria mais tarde Frei Luís de Sousa, tomou a decisão de queimar sua casa para não permitir que nela viessem habitar pessoas que viviam a soldo dos espanhóis.

Está em Almada a estátua a Cristo-Rei, inaugurada em 17 de maio de 1959, em cumprimento de um voto feito pelo Episcopado português, em 20 de abril de 1940, para que Portugal escapasse aos horrores da II Guerra Mundial. É considerado por muitos um símbolo da gratidão nacional. As comunidades portuguesas no Brasil também colaboraram para o cumprimento daquela promessa. O *Diário de Notícias* de Lisboa, de 8 de janeiro de 1983, trouxe reportagem com minúcias sobre a história, a construção e a inauguração do monumento a Cristo-Rei, uma espécie de Cristo Redentor dos lisboetas.

Na descrição do Ramalhete, e de seu terraço, que muito tinha perdido com a construção de casas em redor, tapando o horizonte esplêndido, é mencionada a visão de "uma vela de barco da Trafaria

fugindo airosamente à bolina". A Trafaria é, como foi dito acima, uma freguesia do Concelho de Almada, situada em frente à parte ocidental de Lisboa, compondo a barra do Tejo.

Superada a fase miguelista, o velho Afonso voltava a viver em Portugal. Já tinham passado os tempos em que ela — porque em alto e bom som não poupava o mundo de Queluz, "bestial e sórdido" — tivera o palacete de Benfica vasculhado pela polícia miguelista, à busca de "papéis e armas escondidas". Afonso e Maria Eduarda tinham então assistido impassivelmente àqueles atos de violência em sua casa, onde nada fora descoberto contra os poderes, "segundo o senhor juiz de fora". Afonso confessara ao mordomo "que os tempos eram bem duros..." E por isso, daí a semanas, tinha partido com a mulher e com o filho para o exílio na Inglaterra.

O *mundo de Queluz* era referência à nobreza absolutista no poder. Por Queluz se podia dizer o Palácio de Queluz, como o local, a freguesia do mesmo nome, do Concelho de Sintra. No século XVI já existia na área um pequeno aglomerado de casais (conjunto de casas) e uma vasta área daqueles terrenos fora transacionada a D. Beatriz, mãe do Rei D. Manuel, que o cedeu depois a D. Vasco Anes Corte-Real. Queluz está situada no caminho entre Lisboa e Sintra. A partir da Restauração, aquelas terras foram incorporadas ao Infantado, instituído por D. João IV e por ele doado a seu filho, o Infante D. Pedro. O Infantado era o conjunto de terras e rendas pertencentes ao Infante. O atual Palácio de Queluz se originou de uma antiga casa de campo do século XVII, integrada na Casa do Infantado. Foi o próprio Infante D. Pedro que iniciou obras significativas no imóvel. Com a destruição do Paço da Ribeira, em 1755, pelo terremoto, foi construído um palácio provisório, de madeira, na Ajuda, onde residiu D. José e, depois, D. Maria, a Louca. Em 1794 o palácio provisório foi destruído por um incêndio e Queluz passou então a ser residência da família real e cenário de recepções oficiais. Foram arquitetos responsáveis pelo palácio, em duas fases da obra, Mateus Vicente de Oliveira e o arquiteto e escultor francês Jean-Baptiste Robillon. Foi na segunda fase que se ergueu a ala do poente, com a Sala dos Embaixadores e o Pavilhão de Robillon. Queluz apresenta um certo hibridismo artístico. Após a partida da família real para o Brasil, o General Junot instalou-se no Palácio, por breve tempo. Em Queluz nasceu e morreu D. Pedro IV (D. Pedro I, do Brasil). Na data de hoje, o Palácio de Queluz é utilizado para hospedagem de Chefes de Estado e de Governo estrangeiros.

Sintra começa a aparecer em *Os Maias* num raconto do poeta Alencar (que gostava de recitar traduções de Klopstock, assim como D. Angelina, avó de Fradique Mendes, gostava de fazê-las) sobre aqueles "grandes tempos da sua mocidade", quando os rapazes "ainda

tinham um resto de calor das guerras civis, e o calmavam indo em bando varrer botequins ou rebentando pilecas de seges engalopadas para Sintra. Sintra era então um ninho de amores, e sob as suas românticas ramagens as fidalgas abandonavam-se aos braços dos poetas. Elas eram Elviras e eles eram Antonys. O dinheiro abundava; a corte era alegre; a regeneração literata e galante ia engrandecer o país, belo jardim da Europa; os bacharéis chegavam de Coimbra, frementes de eloquência; os ministros da Coroa recitavam ao piano; o mesmo sopro lírico inchava as odes e os projetos de lei..."

O Lumiar é mencionado com certa frequência no começo do romance. É uma freguesia situada ao norte do Concelho de Lisboa, limitando-se a oriente com a Ameixoeira, a ocidente com Carnide, a sul com o Campo Grande e a norte com o vizinho Concelho de Loures. Está situada num lugar elevado e sadio, rodeado de quintas e palácios, outrora um magnífico lugar de vilegiatura. Ainda hoje há um belo parque no Lumiar, o Parque do Monteiro-Mor, iniciado na década de 1750 por D. Pedro José de Noronha de Albuquerque Moniz e Sousa, 3º Marquês de Angeja. Organizou-o o botânico italiano Domenico Vandelli. Em 1793 já era um dos mais belos, no gênero, em Lisboa. Em 1840 D. Domingos de Sousa Holstein Beck, 2º Duque de Palmela, adquiriu a casa e o parque à Casa de Angeja. Nesse parque — que Palmela enriqueceu — Almeida Garrett se encontrou com a escritora Caroline Elizabeth Sarah Norton, a quem dedicou um belo poema. Garrett compôs um poema ao Lumiar, incluído no livro *Folhas Caídas*, que começa assim:

"Era um dia de Abril; a primavera
Mostrava apenas o seu virgíneo seio
Entre a folhagem tenra; não vencera,
De todo, o sol o misterioso enleio
Da névoa rara e fina que estendera
A manhã sobre as flores; o gorgeio
Das aves inda tímido e infantil...
Era um dia de Abril.
E nós íamos lentos passeando
De vergel em vergel, no descuidado
Sossego d'alma que se está lembrando
Das lutas do passado,
.................................."

É nesse belo ambiente da antiga Quinta dos Angeja e de Palmela, também chamada Quinta da Marquesa de Tancos, que está instalado, desde 1977, e inaugurado pelo Doutor Mário Soares, o Museu Nacional do Trajo, no gênero um dos melhores museus da Europa. O Governo

português adquirira a propriedade em 1975. O Lumiar, juntamente com a Cruz Quebrada, era um dos lugares preferidos para duelos na prosa de Eça de Queiroz. No Lumiar, em frente ao Parque do Monteiro-Mor, se encontra a casa em que viveu Júlio de Castilho (1840-1919), poeta, historiador, olisipógrafo, arqueólogo, autor da monumental obra *Lisboa Antiga*, em 13 volumes. Ao logradouro onde se encontra essa casa foi dado o nome de Largo Júlio de Castilho. Em 1983 inauguraram-se no Lumiar, na vizinhança da Quinta Velha, na Estrada do Paço do Lumiar, as instalações do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial. No Lumiar se encontra o 6º Cemitério de Lisboa.

A presença de Sintra em *Os Maias* ganha corpo com a subida de de Carlos Eduardo àquela serra, em busca da figura de Maria Eduarda. Carlos convidou o maestro Cruges para ir com ele a Sintra no dia seguinte. O teclado do piano calou-se, o maestro ergueu um olhar espantado e Carlos nem o deixou falar. Na manhã seguinte estava à sua porta com o *break!* Uma voz esganiçada de mulher gritava para Cruges quando ele pulava os últimos degraus para subir ao veículo de Carlos: "Olha, não te esqueçam as queijadas!"

Em Sintra fariam as peregrinações clássicas: subir à Pena, ir beber água à fonte dos Amores, barquejar na Várzea (hoje isto já não é possível), ir a Seteais, comer manteiga fresca, "muita manteiga", dizia Carlos. E arranjariam muitos burros... E logo o *break* rodava na Estrada de Benfica, passando por muros enramados de quintas, casarões tristes de vidraças quebradas, vendas com cigarros dependurados à porta, tudo encantando Cruges, que havia tempos não via o campo!

A Estrada de Benfica arrancava de uma artéria que se chamava Estrada de Palhavã, a partir da Estrada da Circunvalação, perto do Jardim Zoológico, à qual se fez referência no segundo capítulo desta obra. A Estrada de Benfica passava perto de São Domingos, entroncava-se com a Azinhaga da Fonte, cruzava a Estrada da Buraca, passava ao lado do Cemitério de Benfica e ia até à Porcalhota, local mencionado por Eça de Queiroz naquela subida a Sintra. Foi na Porcalhota que comeram ovos com chouriço. Partiram, entraram pela charneca — campo aberto e inculto que ia da Porcalhota em direção à Serra de Sintra. O trote compassado dos cavalos batia monotonamente a estrada. E, finalmente, chegam à entrada de Sintra, sob as árvores do Ramalhão. "Chegavam às primeiras casas de Sintra: havia já verduras na estrada, e batia-lhes no rosto o primeiro sopro forte e fresco da serra. E a passo, o *break* foi penetrando sob as árvores do Ramalhão. Com a paz das grandes sombras, envolvia-os pouco a pouco

uma lenta e embaladora sussurração de ramagens, e como o difuso e vago murmúrio de águas correntes. Os muros estavam cobertos de heras e de musgos, através da folhagem, faiscavam longas flechas de sol. Um ar subtil e aveludado circulava, recendendo a verduras novas; e além, nos ramos mais sombrios, pássaros chilreavam de leve; e naquele simples bocado de estrada, todo salpicado de manchas de sol, sentia-se já, sem se ver, a religiosa solenidade dos espessos arvoredos, a frescura distante das nascentes vivas, a tristeza que cai das penedias e o repouso fidalgo das quintas de verão..."

A primeira coisa a decidir foi se iriam diretamente para a Lawrence ou para o Nunes. A Estalagem Lawrence, segundo se afirma, é o mais antigo hotel em Portugal (hotel no conceito moderno). Foi aberto por volta de 1780, por iniciativa de uma família de origem inglesa. Lorde Byron foi um de seus ilustres hóspedes, em 1809. Afirma-se que ali escreveu parte de seu famoso *Childe Harold's Pilgrimage*. Deve tratar-se do começo da obra, pois a passagem por Lisboa foi no início mesmo de sua longa viagem originada em Falmouth, em 2 de julho de 1809. Em fins de setembro daquele ano, Byron já estava na Albânia. As estâncias no *Childe Harold* sobre Sintra são as XVIII e XIX, do *Canto The First*, começo do grande poema. A Lawrence passou a chamar-se muito depois Estalagem dos Cavaleiros, hoje fechada, abandonada e degradada. O local é bem perto do centro de Sintra, no caminho para a Pena. Olhando-se através do portão que dá para um pátio, vê-se na parede a inscrição "Pousada do Lorde Byron". O *Diário de Lisboa*, de 16 de novembro de 1961, publicou longo artigo de Raul Rego sobre a história da Lawrence, com muito interesse para quem deseja aprofundar mais o conhecimento daquele local tão presente em *Os Maias*. Quando a Estalagem dos Cavaleiros fechou, depois de 1961 (Raul Rego descreveu-lhe ainda o mobiliário), seu recheio foi vendido em leilão. Algumas ou muitas peças foram arrematadas por ingleses. Em julho de 1983 surgiu na imprensa lisboeta um movimento no sentido de fazer da antiga Lawrence um Museu do Turismo, considerando que ela foi o primeiro hotel convencional da Península Ibérica, e dos primeiros do mundo (*Correio da Manhã*, Lisboa, 10 de julho de 1983). O Hotel Nunes, este foi destruído, com seu antigo plátano, na década de 1970, para dar lugar ao moderno Hotel Tivoli Sintra, com vista deslumbrante para a serra, o campo e o mar.

O *break* passou por São Pedro de Sintra (onde se realiza a conhecida feira de Sintra). Apenas avistaram o Paço (Palácio Real de Sintra), Cruges, "que parecia receber com impressão religiosa todo aquele esplendor sombrio de arvoredo", sorvendo o aroma delicioso do ambiente e encantado com o sussurro doce das águas que desciam, descerrou finalmente os lábios: "Sim Senhor, tem *cachet!*" E avistaram o maciço e silencioso palácio, "e no alto as duas chaminés colossais, disformes, resumindo tudo, como se essa residência fosse toda ela uma cozinha talhada às proporções de uma gula de rei que cada dia come todo um reino..." Hospedaram-se no Nunes, enquanto tiveram notícias, pelo criado do hotel, de que Dâmaso Salcede devia estar na Lawrence, "porque só com raparigas e em pândega é que o Dâmaso vinha para o Nunes". No hotel logo encontraram Eusebiozinho, com duas raparigas espanholas, Lola e Concha. Estava em sua companhia o amigo Palma. Cruges quis saber qual das duas meninas era a *esposa* do amigo Eusébio. Este, sem erguer os óculos da laranja que descascava, com voz morosa disse que estava ali de passeio, não tinha esposa e ambas aquelas meninas *pertenciam* ao amigo Palma. Isto fez Concha ficar indignada e furiosa e, atirando um murro à borda da mesa, queria que Eusébio dissesse se tinha vergonha dela e de confessar que a tinha trazido a Sintra. E daí saíram os maiores despropósitos, os piores nomes, uma fúria que torcia a boca de Concha e lhe punha manchas de sangue em seu carão trigueiro. Concha fez tombar uma cadeira, abalando pela sala fora, a mantilha caída, a grande cauda de cetim varrendo desabridamente o soalho. A Lola e o Palma censuraram o Eusebiozinho por não saber portar-se como um cavalheiro. Esse incidente marcou o passeio a Sintra onde Eça de Queiroz fez avivar a fama de incontidas e desbragadas de suas Lolas e Conchas. Eram duas horas da tarde quando os dois amigos saíram do hotel e foram a Seteais, de vez em quando aparecendo um bocado da serra, com sua muralha de ameias correndo sobre as penedias, ou avistando-se o Castelo da Pena, solitário, lá no alto. "E por toda a parte o luminoso ar de abril punha doçura do seu veludo." Defronte da Lawrence, Carlos mostrou-a a Cruges. "Tem o ar mais simpático — disse o maestro — mas valeu muito a pena ir para o Nunes, só para ver aquela cena..."

Antônio Coimbra Martins, em *Ensaios Queirosianos*, Lisboa, 1967, dedica um de seus capítulos ao tema *quadros urbanos* na obra de Eça de Queiroz e os analisa à luz de obras de Balzac. São analisados a ópera, os passeios, salões e grêmios. O passeio ao Dafundo, em *A Capital*, que tem seu equivalente no capítulo da excursão a Sintra, em *Os Maias*, é resumido por Coimbra Martins. Artur Corvelo e Lucien são frequentemente contrapostos, com semelhanças e contrastes. Mas Eça, como assinala Coimbra Martins, não se dedica com raiva, demora e minúcia à descrição das sórdidas mansões da penúria como o faz Balzac. Em contraste com os locais sórdidos, Balzac se entusiasma com os esplendores parisienses: "enquanto o forte de Eça é pôr constantemente em destaque a falsidade das aparências brilhantes, descobrir irônica se não rancorosamente, com um leve arranhão, a miséria, a tristeza e a mesquinhez, sob o luxo das aparências."

O Ramalhão é uma construção antiga que remonta a Afonso V, segundo Francisco Costa em sua notável obra *Beckford em Sintra no Verão de 1787 — História da Quinta e Palácio do Ramalhão*, Sintra, 1982. Mas se notabilizou após as grandes alterações e rearrumações por que passou por ordem de Carlota Joaquina, que tinha no Ramalhão sua residência predileta. Foi Paço Real de 1802 a 1830. Nela há uma sala de jantar ornada de afrescos pretendidamente ao estilo de Pillement (Jean Pillement, 1727-1808, pintor francês que viveu em Portugal, do qual o Museu Municipal do Porto possui boa coleção de quadros), que ficam aquém da expectativa. No Ramalhão, D. Carlota Joaquina foi mandada morar, em 1822, com residência fixa, ao opor-se ela a jurar a Constituição das Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes reunidas em Lisboa sob o influxo da revolução de 1820. A Constituição é datada de 23 de setembro de 1822 e foi jurada por D. João VI em 1º de outubro do mesmo ano, depois de regressar do Brasil. Continha 240 artigos aquele primeiro texto constitucional de Portugal. No Ramalhão permaneceu D. Carlota Joaquina até junho de 1823. Lá participou da preparação da *Vila Francada*. Esteve também a favor da *Abrilada*, em 1824. O Ramalhão é hoje sede do Colégio de São José do Ramalhão, internato para moças, dirigido pelas Irmãs Dominicanas da Ordem de Santa Catarina de Sena, as quais têm estabelecimento no Brasil, o Colégio Santa Catarina de Sena, em São Paulo.

O Castelo dos Mouros, segundo a obra *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, 1976, é o mais antigo monumento de Sintra, remontando aos séculos VIII ou IX. Afonso Henriques o ocupou em 1146. Sofreu várias restaurações, especialmente ao tempo de D. Fernando I (século XIV). Sua feição atual se deve a obras de restauração de D. Fernando II (consorte de D. Maria II, filha de D. Pedro I do Brasil). Em 25 de fevereiro de 1970, o escritor José Maria Ferreira de Castro, conhecido e amado dos brasileiros, especialmente por seu romance *A Selva*, dirigiu carta às entidades de Lisboa e Sintra, de que vai extraído o seguinte trecho: "Tenho escrito a maior parte da minha obra em Sintra, onde tanto sonhei e trabalhei, eu desejaria ficar ali para sempre, entregue à proteção da sua poesia inesquecível e da sua beleza inefável. Desejaria ficar sepultado à beira duma dessas poéticas veredas que dão acesso ao Castelo dos Mouros, sob as velhas árvores românticas que ali residem e tantas vezes contemplei com esta idéia no meu espírito. Ficar perto dos homens, meus irmãos, e mais próximo da Lua e das estrelas, minhas amigas, tendo em frente à terra verde e o mar a perder de vista — o mar e a terra que tanto amei." Ferreira de Castro, que faleceu no Porto, em 25 de junho de 1974, foi atendido nesse desejo e seu túmulo é objeto de romaria, organizada quase todos os anos, no verão, pela Associação dos Amigos de Ferreira de Castro,

presidida por Eurico de Andrade Alves, com sede em São João da Madeira.

O Palácio de Seteais, uma mansão nobre, foi inaugurado em 1787; inicialmente foi a residência do Cônsul da Holanda, Daniel Gildemeester. Nos últimos anos do século XVIII foi propriedade do 5º Marquês de Marialva, gentil-homem de D. Maria I, o qual deu no Palácio suntuosas festas. Em Seteais estiveram D. Maria I e, em 1802, o Príncipe Regente D. João e D. Carlota Joaquina. Os dois corpos laterais, encimados por platibandas em estilo neoclássico, foram ligados por um arco triunfal em comemoração da visita real, segundo a obra *Tesouros Artísticos de Portugal*. Em 1946 foi o Palácio de Seteais adquirido pelo Estado português.

O Castelo da Pena, ou Palácio Nacional da Pena, foi construído por D. Fernando II no local do primitivo Mosteiro dos Frades Jerônimos, do tempo de D. Manuel o Venturoso. Era residência real de verão. Do ponto de vista artístico é uma *estravaganza*, uma amálgama de estilos arquitetônicos, com motivações e sugestões variadas: góticas, renascentistas, manuelinas, orientais e mudéjar. Dele já se disse também que é uma "descontrolada fantasia". Mas é ponto obrigatório de visita em Sintra.

Carlos pensava no motivo que o trouxera a Sintra. Não sabia bem por que tinha ido lá. Mas havia duas semanas que "não avistava certa figura que tinha um passo de deusa pisando a terra, e que não encontrava o negro profundo de dois olhos que se tinham fixado nos seus; agora supunha que ela estava em Sintra, corria a Sintra. Não esperava nada, não desejava nada. Não sabia se a veria; talvez ela tivesse partido". Perto de Seteais, Carlos Eduardo e Cruges encontram o poeta Alencar, que se hospedava na Lawrence. O poeta evocou um de seus versos sobre Seteais: "...E os ais que soltei ali / Não foram sete, foram mil!" — uma alusão à lenda de que o nome *ai* ali ecoa sete vezes, ou que sete suspiros teriam marcado a assinatura do acordo sobre o fim da invasão de Junot. Gravuras antigas se referem a *Sitiais*, o que invalidaria a vinculação à idéia de *sete ais*. Para Alencar, tudo em Sintra era divino, não havia cantinho que não fosse um poema. Carlos reforçara sua convicção de que Maria Eduarda estivesse na Lawrence. Depois de um momento de ansiedade e esperança, Carlos ficava sabendo na Lawrence que Maria Eduarda e o Senhor Castro Gomes, com a cadelinha, tinham partido na véspera para Mafra. Eis que de repente Sintra

ficava intoleravelmente deserta e triste. E vem depois a descida da serra, agora os três — Alencar se juntara a Carlos e Cruges — para descobrirem na charneca que tinham esquecido as queijadas. Eram elas conhecidas em Sintra desde meados do século VIII, embora até se diga que um tipo de doce chamado queijada fosse mencionado no tempo de D. Sancho II (século XIII). O berço da indústria de doces de Sintra foi Ranholas, a poucos quilômetros da vila de Sintra, outrora ponto de parada de carruagens que de Lisboa demandavam a serra. Ramalho Ortigão disse nas *Farpas* que Lorde Byron apreciara as queijadas de Sintra. Segundo Alfredo Pinto, em *Cartas de Sintra*, quem primeiro fabricou queijadas em moldes industriais foi uma mulher chamada Maria da Sapa, em 1756. Daí que existe hoje em Sintra uma casa, pertencente a F. B. Neves, chamada Fábrica das Verdadeiras Queijadas da Sapa, com endereço em Volta do Duche, nº 10-12. O avô do atual dono da casa começou com o negócio em Ranholas, onde paravam as carruagens da nobreza e da burguesia "para trincarem o afamado doce". Em julho de 1983 a casa aparecia fechada e sobre a porta havia uma tabuleta com esta inscrição: "Transpassa-se."

O poeta Alencar recordou mais tarde um poema que fez sobre Sintra — *Na Estrada do Capuchos* — que ele dizia ter sido cinzelado ao estilo moderno, já com o traço realista. A estrada leva ao Convento dos Capuchos, fundado no século XVI por D. Álvaro de Castro, ao pé do Pico do Monge, um dos pontos culminantes da serra (490 metros de altura). João da Ega também foi a Sintra, em uma ocasião, de surpresa, tendo deixado para Carlos um bilhete a lápis com a explicação de que estava com "saudade infinita da natureza e do verde". A porção de animalidade que restava em seu ser "pedia relva, beber no fio dos regatos, dormir sob o balanço de um ramo de castanheiro. Só por três ou quatro dias. O tempo de cavaquear um bocado com o Absoluto, no alto dos Capuchos, e ver o que estão fazendo os miosótis junto à meiga fonte dos amores..." O antigo Hotel Victor, também mencionado por Eça de Queiroz, no Largo do Victor, hoje Largo de Ferreira de Castro, é um prédio residencial.

Em *Os Maias* aparecem ainda referências a outros arredores de Lisboa: a Odivelas (no vizinho Concelho de Loures, já mencionado anteriormente nesta obra); ao Dafundo (no Concelho de Oeiras), junto à parte mais ocidental de Lisboa, o Restelo, quase sempre associado na ficção queiroziana a locais de encontros para farras e pândegas com espanholas. No Dafundo está instalado o Aquário Vasco da Gama, inaugurado em 20 de maio de 1898, ano em que se celebrou o quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo para as Índias. Mantém exibição de fauna aquática viva e de fauna conservada — esta formada inicialmente com a coleção do Rei D. Carlos, ele

próprio um oceanografista, biólogo e malacologista, tendo-se dedicado à pesquisa sobretudo entre o Cabo da Roca e Sines e no Algarve; ao Alfeite (outrora uma quinta real, em frente a Lisboa, na Outra Banda, hoje sede da Escola Naval da Marinha de Guerra portuguesa, com estaleiros e base naval); ao Lazareto, local onde era feita a quarentena dos passageiros chegados de portos suspeitos de pestes. O Príncipe Regente (D. João VI) mandou-o construir em 1800. Em 1813, situava-se ele provisoriamente na Trafaria, tendo sido transferido em 1815 para a Torre Velha de São Sebastião da Caparica, que passou por obras de melhoria no período dos surtos de cólera e febre amarela no reinado de D. Pedro V. As instalações do bloco sanitário onde as pessoas eram internadas não tinham fama de serem cômodas, nem de terem boa alimentação para seus hóspedes. O mínimo que delas se dizia é que eram um misto de hospital e penitenciária... Rafael Bordelo Pinheiro, grande caricaturista e ceramista, publicou um opúsculo de sátira ao Lazareto, em 1881, pela Empresa Literária Luso-Brasileira, de A. de Sousa Pinto, de 56 páginas, que é um monumento em matéria de humorismo. O Lazareto foi desativado em 1906 e ainda há vestígios da construção onde funcionou na Outra Banda, aproximadamente em frente a Belém.

Em *Alves & Cia. e Outras Ficções* há também referências diversas a Sintra. Godofredo planeava (planejava) passar os meses de verão em Sintra: sua estada na Lawrence foi uma nova lua-de-mel com Ludovina, depois de feitas as pazes. Muito falaram sobre Sintra, sobre os sítios que lá preferiam. Estavam bem na vida, "tinham carruagem e no verão iam para Sintra". Outros locais periféricos que figuram em *Alves* são: Lumiar, Colares, Outra Banda, Pedrouços, na parte mais ocidental da costa lisboeta, ao longo da qual corria a Rua Direita de Pedrouços. Hoje há uma estação de Pedrouços, na linha férrea do Sodré a Cascais, há a Rua de Pedrouços e há a Doca de Pedrouços. E também Ericeira, vila pesqueira e local turístico a cerca de 40 quilômetros ao norte de Lisboa. Outrora era conhecida também por suas fontes de águas boas para reumatismo e afecções gastrointestinais. Foi de Ericeira — a que se chega também por Mafra — que D. Manuel II e sua mãe, a Rainha D. Amélia, deixaram Portugal rumo a Gibraltar, no dia seguinte ao da implantação da República, em 5 de outubro de 1910. Ludovina, "com os ares da Ericeira, voltara mais sólida, mais cheia, magnífica na sua forte beleza de trigueira sadia..."

Em *O Primo Basílio*, Luísa e o primo se tinham enamorado em sua primeira mocidade em Sintra. Basílio tinha chegado da Inglaterra e espantava Sintra com sua indumentária. "Depois vieram todos os episódios clássicos dos amores lisboetas passados em Sintra: os passeios em Seteais ao luar, devagar, sobre a relva pálida, com grandes

descansos calados no Penedo da Saudade, vendo o vale, as areias ao longe, cheias de uma luz saudosa, idealizadora e branca; as sestas quentes, nas sombras da Penha Verde, ouvindo o rumor fresco e gotejante das águas que vão de pedra em pedra; as tardes na várzea de Colares, remando num velho bote, sobre a água escura da sombra dos freixos — e que risadas quando iam encalhar nas ervagens altas, e o seu chapéu de palha se prendia aos ramos baixos dos choupos! Sempre gostara muito de Sintra. Logo ao entrar, os arvoredos escuros e murmurosos do Ramalhão lhe davam uma melancolia feliz!" Penha Verde é referência à Quinta da Penha Verde, que mandou fazer o Vice-Rei da Índia, D. João de Castro, ao tempo de D. João III, no século XVI. Há na quinta uma capela renascentista. É das mais antigas quintas do país. Está situada fora do perímetro da vila de Sintra, no caminho para Colares.

Figuram em *O Primo Basílio* referências a Dafundo (com a tradicional conotação de lugar de troças e pândega); a Almada, local da casa do pai de Luísa, com sua adega "a fileira tenebrosa das pipas bojudas, onde houvera pelos cantos beijos furtados entre Basílio e Luísa", na primeira mocidade. Em Almada, Sebastião tinha a Quinta do Rosegal, onde fazia obras. Sebastião era "o íntimo, o camarada, inseparável de Jorge desde o latim, na aula de Frei Libório, aos Paulistas". Embora não identificada, podia ser esta uma escola situada na Calçada do Combro, onde algum frade da antiga Ordem dos Paulistas da Serra da Ossa desse aula de latim. Na Travessa André Valente (onde morou Bocage) existiu um colégio de nomeada, segundo o arquiteto Eduardo Martins Bairrada. Ou podia ter sido, em outra hipótese, a Escola do Poço Novo. Figuram ainda, no romance, Seixal (concelho na margem esquerda do Tejo, entre Barreiro e Almada, onde Sebastião tinha terras de lavoura, uma zona caracterizada por esteiros, onde navegavam as faluas); Loures; Queluz; Olivais; Lumiar; Campo Grande; Benfica; Cacilhas (povoação em frente a Lisboa, no Concelho de Almada, na Outra Banda, ligada a Lisboa por barcos que saem do Cais do Sodré e de mais algum ponto de Lisboa, por isso chamados de *cacilheiros*, como se se chamassem no Rio de Janeiro aos barcos da Cantareira de *niteroieiros*); Paço de Arcos, freguesia do Concelho de Oeiras, entre Caxias (residência predileta de D. Miguel) e Santo Amaro de Oeiras, derivando o nome do antigo Palácio dos Condes de Alcáçovas, ou Palácio dos Arcos, que remonta ao século XV, e que era frequentado por D. Manuel o Venturoso; Cascais, um Concelho de vetusta história que, sob o domínio romano, se chamava Cascale. Foi conquistada aos mouros e recebeu foral em 1159, ao tempo de Afonso Henriques. Sua fortaleza — a Cidadela — utilizada na defesa de Cascais na invasão do Duque de Alba, em 1580, foi vencida. Após a Restauração foi reconstruída. Cascais, dos mais famosos lugares turísticos de Portugal, abrange várias povoações importantes e de renome internacional, como os Estoris — São Pedro do Estoril, São João do Estoril, Santo Antônio do Estoril e Monte Estoril. Constituem a Riviera portuguesa, a Costa do Sol, de acesso fácil a Lisboa (pouco mais de 20 quilômetros) pela linda mas perigosa Estrada Marginal. Grandes propugnadores do moderno desenvolvimento turístico da zona do Estoril foram Fausto de Figueiredo, cujo busto se vê no jardim da esplanada fronteira ao Casino Estoril, e José Teodoro dos Santos, fundador da Organização Estoril-Sol, falecido no Brasil, em 1972, e que dá nome à praça lateral à entrada do Casino.

Ramalho Ortigão, em seu livro *As Praias de Portugal*, escrito em 1876, pintava um quadro de impressionante animação em praias da zona do Estoril. Sobre a praia da Torre de Belém dizia ele ser "animadíssimo o seu aspecto. As barracas dos banhistas, brancas, ponteagudas, dão-lhe o ar de um acampamento de ópera cômica. Junto da água, barracões de madeira, embandeirados, ostentam as suas varandas cobertas com toldos recortados, debaixo dos quais ondeiam os véus e se agitam os leques das senhoras". Referindo-se a Cascais, lembra um almoço num dia de inverno com seu amigo Eça de Queiroz, na Boca do Inferno. Ramalho Ortigão era grande apreciador dos banhos de mar. Numa carta até agora inédita, datada de Lisboa, de 14 de novembro de 1900, dirigida a Batalha Reis, Ramalho dizia que tinha estado na Suíça, onde acompanhou "o querido Queiroz" (na grave enfermidade deste, antes de regressar a Paris, onde morreu em 16 de agosto daquele ano), estivera na Itália e por fim voltara "para Cascais a fim de tomar os banhos do Estoril", antes de reinstalar-se nos Caetanos. A carta vem publicada nesta obra.

Em *O Crime do Padre Amaro*, a Marquesa de Alegros (em cuja casa nascera Amaro Vieira, o futuro Padre Amaro) ficara viúva aos 43 anos e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. Era uma freguesia do Concelho de Cascais, na linha do Estoril. É hoje a menor região vinhateira do país legalmente demarcada, reduzida a algumas poucas dezenas de hectares, produzindo anualmente menos de 300 hectolitros de vinho. Está cercada de edifícios residenciais e, potencialmente, ameaçada de extinção. Já no tempo do Marquês de Pombal, sua quinta de Oeiras, ao lado de Carcavelos, produzia vinhos de qualidade que eram enviados pelo Rei D. José à Corte de Pequim. Hoje, a Quinta do Barão (propriedade da família de Francisco José Braamcamp Lobo de Vasconcellos) produz o famoso e escasso vinho generoso de Carcavelos, e aguardente. Os ingleses, no início do século passado, ao tempo das invasões napoleônicas, o apreciavam e o chamavam *Lisbon wine*. Carcavelos é a região vinícola mais perto de Lisboa (outras são o Azeitão, Bucelas e Colares,

ao redor de Lisboa). É onde se pode ver uma vindima quase sem sair de Lisboa, em fins de setembro ou começo de outubro. Em outubro, um personagem do conto *José Matias*, de Eça de Queiroz, o segundo marido da divina Elisa, Torres Nogueira, continuava a vindimar em Carcavelos.

Há esta referência ao outro lado do Tejo, em *O Crime do Padre Amaro*, que merece ser transcrita: "Quando chegou (Amaro) a Santa Apolônia, a claridade do sol alaranjava o ar por detrás dos montes da Outra Banda; o rio estendia-se, imóvel, riscado de correntes de cor de aço sem lustre; e já alguma vela de falua passava, vagarosa e branca."

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, Sintra figura logo no início. Fradique viera de Londres, segundo explica seu parente Marcos Vidigal, para visitar Sintra, que ele adorava, e onde comprara a Quinta da *Saragoça* no caminho dos Capuchos, "para ter de verão em Portugal um repouso fidalgo". Em sua quinta em Sintra, Fradique fumava o *chibouk persa*. Foi lá que o autor das *Lapidárias* celebrou seus 33 anos, pela festa de São Pedro, com "a robustez tenra e ágil de um efebo, na infância do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava, se surpreendiam imediatamente nele vinte séculos de literatura". Mais tarde, Fradique explicava a compra da quinta em Sintra: "para ter terra em Portugal, e para se prender pelo forte vínculo da propriedade ao solo augusto de onde um dia tinham partido, levados por um ingênuo tumulto de idéias grandes, os seus avós, buscadores de mundos, de quem ele herdara o sangue e a curiosidade do além." Em Sintra foi morar a viúva do gênio chamado Pacheco. O não menos conhecido Padre Salgueiro aparece, em uma ocasião, ocupado com duas incumbências de seu Bispo: uma relativa a queijadas de Sintra, outra sobre uma coleção do *Diário do Governo*. Sacavém também figura numa carta de Fradique a Madame de Jouarre.

Em *Cartas*, há uma correspondência de Eça de Queiroz a Carlos Mayer, escrita do Rossio, nº 26, em que narra a "imensa trapalhada" por que passara na véspera. Fora a Cascais visitar o Ramalho mas perdeu o comboio das quatro e meia. Resolveu ir a pé de Cascais a Carcavelos "e aí tomou o comboio que, depois de vários atrasos, chegou ao Sodré às oito horas". A estrada de ferro do Cais do Sodré a Cascais ficou pronta, em seus vários trechos, entre 1889 e 1897. O sistema de tração utilizado, a partir de 1889, era o vapor. Tomava-se, portanto, no Sodré, um comboio a vapor para Belém. Isto pode às vezes induzir em erro sobre se ir a vapor do Sodré a Belém era por comboio, ou por barco a vapor. No livro *As Praias de Portugal*, de 1875, Ramalho Ortigão dizia que tomava o barco a vapor no Sodré para Belém, num domingo, às sete horas da manhã. Ao final da carta, Eça disse que estava ansioso para ver a medíocre substituição da "famosa e saudosa

Cruz do Taboado". Era alusão à quinta de Carlos Mayer onde também se reuniam os *Vencidos da Vida*. A Quinta da Cruz do Taboado era um local na Rua do Chafariz de Andaluz, bairro de São Sebastião da Pedreira. Além disso, havia com o nome de Cruz do Taboado: uma travessa (em Arroios); uma estrada (continuação da Rua de Gomes Freire, indo do Campo dos Mártires da Pátria e findando entre as ruas do Chafariz de Andaluz e a Travessa do Abarracamento da Cruz do Taboado); e um largo, entre a estrada das Picoas e a Rua do Sacramento. Era nesse largo que se encontrava, desde 1857, o matadouro municipal. A Praça José Fontana se situa, nos dias de hoje, no que era o antigo Largo da Cruz do Taboado, ao tempo de Eça uma parte ainda arrabaldina de Lisboa. Está sendo inaugurado em 1983, na parte norte da Praça José Fontana, e tendo também fachada sobre a Avenida Fontes Pereira de Melo, um grande prédio, o Edifício das Telecomunicações de Lisboa — Picoas. Perto, situa-se o Hotel Sheraton. Na moderna toponímia de Lisboa o nome Cruz do Taboado desapareceu de todo, segundo se depreende do exame da lista de ruas e praças constantes do *Roteiro de Lisboa*, edição de dezembro de 1982.

Em *A Relíquia*, há uma menção a Sintra vista do mar, quando da chegada de Teodorico Raposo de sua viagem à Terra Santa. É uma visão que Eça deve ter tido ao voltar do Egito no princípio do ano de 1870. Diz-se em *A Relíquia*: "Depois uma manhã, cortando a vaga azul, avistaria a serra fresca de Sintra: as gaivotas da pátria vinham dar-me o grito de boa acolhida, esvoaçando em torno dos mastros; Lisboa pouco a pouco surgia..." Nesse romance figuram referências a Cacilhas, Dafundo e Cascais.

Em *Prosas Bárbaras*, na Introdução de Jaime Batalha Reis, há referência a um episódio na vida de Eça e de amigos seus que se passa numa tasca do *Arco do Cego*. Embora já não seja hoje um local periférico de Lisboa, ele não tinha ainda figurado nesta obra. Está hoje situado numa área limitada a norte pela Avenida João XXI, a sul pela Avenida Antonio José de Almedia, a leste pela Praça de Londres e a oeste pela Rua D. Filipa de Vilhena. Dele arranca a Rua do Arco do Cego, que passa por trás do Campo Pequeno (Praça de Touros) e termina na Travessa Henrique Cardoso. Ao tempo de Eça, era a Estrada do Arco do Cego. O bairro do Arco do Cego era fora das portas de Lisboa. A Estrada do Arco do Cego era uma via de saída de Lisboa. Transformava-se na Estrada de Campo Grande, a qual tomava mais a norte o nome de Rua Direita do Lumiar, em direção a Ameixoeira, Carriche e Odivelas.

Não foi possível obter explicação sobre a origem do nome Arco do Cego mas, graças a um artigo de Júlio Dantas, publicado no *Boletim da Segunda Classe*, da Academia Real das Ciências de Lisboa, Vol. III,

nº 1, de janeiro de 1910, pode-se saber que ele existia ao tempo de D. João V (primeira metade do século XVIII), na estrada que ia do Largo de São Jorge (Arroios) até ao Palácio Golvêas (na Avenida João XXI de hoje). Nas obras sobre Lisboa, esse arco não vem suficientemente esclarecido mas Júlio Dantas descobriu pormenores através de um texto sobre a apoplexia que afetou gravemente D. João V, em 1742 (segundo o artigo, Santo André Avelino é o advogado dos vitimados de apoplexia). Tudo foi então feito para a recuperação da saúde do Rei, que teve ainda mais oito anos de vida. O caminho mais curto de Lisboa a Caldas da Rainha era por Loures, passando antes pelo estreito Arco do Cego. Como ficou assentado que o Rei D. João V seria transportado para Caldas da Rainha numa verdadeira traquitana e esta não passava pelo arco, foi então necessário demoli-lo, o que foi feito entre 7 e 10 de setembro de 1742. A ironia de tudo está em que, finalmente, foi decidido que D. João V saía de Lisboa em bergantim, pelo Tejo, até Vila Nova da Rainha, de onde seguia, em carruagem, por Castanheira, Moinho Novo, Ota e Cercal Assim, o Arco do Cego foi demolido em vão.

Em *O Mistério da Estrada de Sintra*, como o nome o indica, Sintra é personagem. O sequestro ocorre a meia distância entre São Pedro de Sintra e o Cacém, no caminho de Sintra para Lisboa, segundo a primeira misteriosa carta para o redator do *Diário de Notícias*. É mencionada a Porcalhota (Amadora, um Concelho próprio desde 1979). Com o nome de Porcalhota, havia a povoação; a Estrada da Porcalhota, que vinha de Benfica; e a estação da estrada de ferro na linha de Lisboa a Sintra, a partir da estação de Alcântara. A estrada que ligava Lisboa a Sintra era "macadamizada e lisa" e dela a carruagem, depois do sequestro, "entrou num caminho vicinal ou num atalho".

Em *Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres*, Eça se refere a Cacilhas para dizer que Londres só é habitada (bem habitada, no seu modo de dizer) de maio aos primeiros dias quentes de agosto. Depois, é uma turba que toma conta da cidade, que se torna como a "lamentável Cacilhas". Em artigo sobre a questão do Egito, Eça de Queiroz, com forte ironia, comenta a decisão da esquadra inglesa de bombardear Alexandria porque Arabi-Paxá mandou consertar as brechas das fortificações de Alexandria. A esquadra inglesa se sentia ameaçada por aquelas ogras de defesa. Acrescenta Eça: "Com tal precedente, os almirantes ingleses que honram frequentemente o humilde porto de Lisboa com a presença dos seus pavilhões — estariam autorizados a exigir a destruição da Torre de São Julião, do Bugio e de Belém". São Julião é referência à antiga fortaleza de São Julião (ou Gião) da Barra, que começou a ser construída em 1556, segundo Carlos Pereira Callixto em *São Julião da Barra*, Lisboa, 1980. É a mais imponente

das fortalezas da linha do Estoril. Fica em Oeiras, de cuja parte mais alta o Duque de Alba desfechou o ataque com que a submeteu, em 1580. A elevação de Oeiras funcionou como monte padrasto em relação a São Julião, cujas guarnições estavam na expectativa de um ataque por mar. Sua história é interessante, inclusive no período das guerras entre liberais e absolutistas. Ela serviu de presídio político. Gomes Freire lá foi preso, antes de ser sentenciado à morte. Hoje, São Julião da Barra é uma fortaleza desartilhada, local de recepção à disposição do Estado Maior General das Forças Armadas. Bugio é alusão à antiga Torre do Bugio, que teve sua construção começada no final do reinado de D. Sebastião, em 1578, sob o nome de Torre de São Lourenço, sobre um pequeno ilhéu pedregulhoso. Hoje está desartilhada e, como fica bem em frente à barra do Tejo, funciona como importante farol para orientar a navegação marítima. O nome bugio, a julgar das explicações que dá Luís Pastor de Macedo, em seu *Lisboa de Lés-a-Lés*, Lisboa, 1941, a propósito do antigo Beco do Bugio, no Castelo (ainda hoje guardando este nome), vem de Bugia, cidade na costa norte-africana da Berbéria, onde os espanhóis se depararam com uma grande quantidade de bugios (macacos). Bugio ficou sendo sinônimo de imitação. Em engenharia antiga, bugio era "um engenho da feição de uma forquilha"; um engenho com que se batiam estacas e fincavam pedras para as bases de uma construção. É de imaginar-se que algum processo desse tipo se tenha utilizado para a ereção do antigo forte do Bugio. As explicações sobre Bugio são creditadas por Pastor de Macedo ao erudito D. Rafael Bluteau, monge teatino (da Ordem dos Caetanos), 1638-1734, autor da monumental obra *Vocabulário Português e Latino*, em oito volumes. Caldas Aulete associa a palavra *bugio*, de outros tempos, com *macaco* dos tempos mais modernos, para significar instrumento de levantar, instrumento de pressão. E Belém é a Torre de Belém, fina jóia da arquitetura manuelina, um dos *ex-libris* de Lisboa. Foi concebida por D. João II mas o começo de sua construção somente se deu em 1515, no reinado de D. Manuel, sob o risco de Francisco Arruda. Em 1983, funciona como um dos cinco núcleos da XVII Exposição Européia de Arte, Ciência e Cultura, com ênfase especial sobre D. Sebastião e armamento da época quinhentista.

No primeiro tomo de *Uma Campanha Alegre*, Eça de Queiroz, no artigo XIII, de julho de 1871, comenta um texto lírico e heróico da *Nação*, para quem "a verdadeira missão do país não é a indústria — é a conquista!" E então diz que é uma pena que Cacilhas, a fiel Cacilhas, não seja moura. "Se fosse, a *Nação* vestia a sua armadura e ia lá, num bote!" No artigo XIV, de julho de 1871, Eça de Queiroz diz, comentando o discurso da Coroa, que o país floresce, enriquece. O paraíso está mais perto do que a Outra Banda. Em outro artigo, fala na Aldeia Galega, antigo nome do Concelho de Montijo, no outro lado

do Tejo, em frente a Lisboa. Na Outra Banda, entre os concelhos de Almada e Barreiro, está o Concelho de Seixal, onde existiram outrora moinhos de maré (primitivas usinas maremotrizes). Naquela região, há o acidente geográfico chamado *saco*, no mesmo sentido em que é usado no Brasil, para definir uma pequena enseada. No artigo XVIII, de julho de 1871, a propósito de Macau, Eça comenta a situação de penúria da Marinha de Portugal e diz, em certo ponto: "E este grande povo de navegadores acha-se reduzido a admirar o vapor de Cacilhas!" No artigo XLIX, de novembro de 1871, comenta uma greve havida em Oeiras, um *chic* de que Lisboa ainda não podia orgulhar-se.

No segundo tomo de *Uma Campanha Alegre*, Eça de Queiroz, no artigo XVI, de fevereiro de 1872, satiriza sobre o gosto de D. Pedro II em ostentar seus conhecimentos de hebraico. "Foi assim em Lisboa, no Lazareto. Sua Majestade, já ao descer as escadas do paquete, vinha resmungando: salta meu hebraicozinho!" Como é bem sabido, D. Pedro II fez questão em fazer quarentena no Lazareto.

Na nota XXXII, de agosto de 1872, Eça dirige uma carta aberta à alma de D. Pedro IV, nos Elísios. Nela fala do Duque da Terceira e da batalha no pontal de Cacilhas, alusão à derrota que as tropas liberais comandadas pelo Duque infligiram às defesas miguelistas chefiadas por Telles Jordão, que morreu em combate. Isto se deu a 23 de julho de 1833. No dia seguinte, as tropas liberais desembarcaram em Lisboa, no aterro e no que é hoje a Praça Duque da Terceira, representado na estátua ao centro da praça. Por isso foi dado ao aterro o nome de Avenida 24 de Julho. Ainda na mesma nota, alude ao desdém de Lisboa pelo Senhor Bispo de Viseu. Mais de uma vez Eça se refere ao Bispo de Viseu. Era D. Antonio Alves Martins, político conhecido, e Ministro, de quem Camilo Castelo Branco, em sua vastíssima obra, falou com mais frequência. Alberto Pimentel deu como título a um livro de crônicas publicado em 1881, já citado nesta obra, *O que Anda no Ar*, tendo por base uma frase atribuída ao Bispo de Viseu numa sessão da Câmara dos Deputados, em 12 de fevereiro de 1881. A frase que adquiriu à época foros de grande popularidade era: *Anda uma coisa no ar*. Pimentel disse que, como acontece com os grandes oradores parlamentares, o Bispo fez dois discursos num só dia: um para a Câmara, outro para o *Diário das Sessões*...

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, diz-se do pai de Gonçalo que "vivia em Lisboa no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário e pelo lajedo da Arcada..." Esse banco não consta de almanaques informativos da época e parece ocultar, na opinião de especialistas, o nome do Banco Lusitano, na Rua dos Capelistas, bem perto da Arcada, e do qual era presirente João Henrique Ulrich, pessoa

ligada a Carlos Mayer, grande amigo de Eça. Sintra figura algumas vezes nos diálogos em *A Ilustre Casa de Ramires*, evocada quase sempre como lugar agradável, sítio de férias. Assim são mencionados Seteais e Colares. Cascais também figura no romance.

Em *O Conde de Abranhos*, o Desembargador Amado, sogro de Alípio Abranhos, era um rico proprietário em Azeitão. Com esse nome há dois locais, um perto do outro, na península do Sado, a cerca de trinta quilômetros de Lisboa: Vila Fresca de Azeitão e a Vila Nogueira de Azeitão, ambos com testemunhos arquitetônicos do Renascimento. Na primeira situa-se a famosa Quinta da Bacalhoa, construída no último quartel do século XV, tendo sofrido várias modificações. Pertenceu a D. Brites, neta de D. João I. Em 1528, Afonso Brás de Albuquerque, filho de Afonso de Albuquerque, Vice-Rei da Índia, adquiriu-a. É uma jóia da arquitetura portuguesa antiga, com traços renascentistas italianos. Em 1937, a Bacalhoa foi adquirida por Orlena Zabriskie Scoville, de nacionalidade norte-americana. É dono da quinta seu herdeiro e neto, Thomas Scoville. É zona famosa de vinhos e de queijos de ovelha. As adegas de José Maria da Fonseca e Herdeiros estão situadas perto da Quinta da Bacalhoa. Um pouco mais a leste, está a Vila Nogueira de Azeitão. Uma propriedade construída em meados do século XVI, de alto valor artístico, a Quinta da Torre (hoje uma estalagem), se situa entre as duas vilas.

O primeiro duelo que enfrentou o Conde de Abranhos foi em Cruz Quebrada, no Concelho de Oeiras, entre Dafundo e Caxias. Ainda hoje é uma área com bosques e arvoredos. Perto da Cruz Quebrada está o Estádio Nacional construído no começo da década de 1940, no Vale do Jamor. Na linha férrea do Estoril há uma estação com o nome de Cruz Quebrada. Quando o Conde de Abranhos foi ao segundo duelo, no Lumiar, cedinho como era de praxe, dissera à mulher, D. Virgínia, que ia a um almoço de amigos no Farol da Guia (local situado a um quilômetro adiante da Boca do Inferno, em Cascais).

Eça se refere no romance a "uma alegre tourada no Campo de Santana", a propósito de considerações sobre uma revolução que impôs ao Rei demitir o Ministério, episódio já tratado nesta obra. Mas cabem algumas observações sobre a prática de corridas de touros em Lisboa e em Portugal, a chamada festa brava. Diz J. J. da Câmara, em 1839, que havia, junto ao Teatro do Salitre, um grande circo denominado Praça do Salitre, destinado a touradas, mas que já era pouco utilizado desde que se fizera outro melhor e maior, em 1832, no Campo de Santana. A última corrida de touros no Campo de Santana se deu em 1887, segundo Antônio Sancho, em *O Globo*, de Lisboa, de 17 de maio de 1983. A Praça de Touros do Campo Pequeno foi mandada constuir pela Empreza Tauromachica Lisbonense, segundo o projeto

em estilo árabe, do arquiteto francês Broussard. Inaugurada em 18 de agosto de 1892, é hoje explorada pelo empresário Manuel Gonçalves. Aquele projeto causou na época reação negativa na opinião pública portuguesa. Fialho de Almeida, no sexto volume de *Os Gatos*, o criticou e chamou seu estilo de "macaco-árabe de nossos amigos espanhóis". No século XVII, o próprio Terreiro do Paço tinha sido palco de corridas de touros. Na segunda metade do século XVIII, houve corridas onde hoje se situa o Jardim da Estrela. D. Maria II, em 1836, promulgou decreto-lei que proibiu as touradas em Portugal, por ser uma prática feroz e contrária ao aperfeiçoamento moral da nação. O ato foi provisoriamente revogado em 1837. O Código Penal de 1852 e o de 1886 proibiram a tourada com a morte do touro (touros de morte, como se diz em Portugal). Outros diplomas legais vieram a ser promulgados na mesma linha, pois havia infrações às normas que vedavam a morte do touro na arena. De 1895 a 1974, em Algés, houve uma praça de touros também em estilo árabe mas dela já não há vestígio.

O decreto nº 15.355, de 14 de abril de 1928, disciplinou a proibição dos "espetáculos de touros de morte" em Portugal, considerando-os delito passível de pena de prisão. Esse decreto está em vigor mas o Código Penal de 1982 não trata do assunto. Em 1951, o famosíssimo toureiro Manuel dos Santos (nascido na Golegã, Santarém), na Praça do Campo Pequeno, quando atuava com Luís Miguel Dominguin, instigado pelo entusiasmo do público matou o touro. Foi imediatamente preso, passou uma noite no calabouço e foi posto em liberdade mediante fiança. Em 1954 foi julgado no tribunal da Boa Hora pelo juiz Almeida Moura, que o absolveu por não se ter provado "a voluntariedade do ato". Manuel dos Santos lidou 1.400 touros. Concederam-lhe 195 orelhas, 44 rabos e 2 patas. Saiu 60 vezes da praça levado sobre os ombros e sofreu 12 colhidas graves.

Em 22 de maio de 1982, a Radiotelevisão Portuguesa apresentou em transmissão direta da Espanha um espetáculo que incluía vários touros de morte, o que determinou a abertura de um processo do Provedor de Justiça de Portugal junto à Assembléia da República para sugerir a urgente atualização do citado Decreto 15.355, de 1928, com vistas a abranger na proibição legal a transmissão de espetáculos de touros de morte por via da televisão.

Miguel Torga, em seu livro de contos *Bichos*, tem um belo conto chamado *Miura*, em que a corrida de touros é vista, do lado do animal, de forma pungente. A morte seria para ele uma generosidade dos homens. "Calada, a lâmina oferecia-se inteira. Calmamente, num domínio perfeito de si, Miura fitou-a bem. Depois, numa arremetida

que parecia ainda de luta e era de submissão, entregou o pescoço vencido ao alívio daquele gume."

Em Portugal, como no Brasil, é bem conhecido o texto de Luís Augusto Rebelo da Silva *A Última Corrida de Touros em Salvaterra*, sobre a morte trágica do Conde dos Arcos, filho do Marquês de Marialva, em uma tourada em Salvaterra, na presença do Rei D. José I e do Marquês de Pombal. Eça de Queiroz, no conto que escreveu em Havana, *Singularidades de Uma Rapariga Loura*, completou aquela narrativa romanceada. Eduardo Pizarro Monteiro editou, em 1982, em Lisboa, uma curta monografia intitulada *A Última Corrida de Salvaterra Nunca Existiu*. Sua tese, baseada em documentação importante que apresenta, é a de que o Conde dos Arcos morreu tragicamente no picadeiro, em 21 de fevereiro de 1778, mas quando D. José I já não era vivo (falecera este em 24 de fevereiro do ano anterior) e o Marquês de Pombal já não era Ministro do Reino. Portanto, não podia ter havido toda aquela aparatosa cena narrada por Rebelo da Silva, sob as vistas de D. José I e do Marquês de Pombal.

A Capital descreve numerosas cenas passadas no Dafundo. Também figuram no romance Campo Grande, Sintra e Pedrouços. Há uma referência à *Ponte de Algés*, que merece registro. Almeida Garrett, ao descrever a margem direita do Tejo, em *Romanceiro*, tomo III, página 183, segundo a série *Archive Pittoresco*, de 1862, diz do trecho de Belém a Paço d'Arcos: "Não há palavras que digam todas as belezas d'aquela terra, d'aquele céu, d'aquelas águas." Na estrada de Pedrouços para Paço d'Arcos goza-se da vista de uma pequena ponte de pedra sobre a ribeira de Algés, que nasce num outeiro defronte de Monsanto e desemboca no mar perto do antigo forte da Conceição.

Sintra figura em todo seu esplendor em *A Tragédia da Rua das Flores*, com suas belezas, suas estradas, os Capuchos, Seteais, a Peninha, a Lawrence, o Ramalhão, o Palácio da Pena. Da Peninha — na estrada que vem do Cabo da Roca para os Capuchos e Sintra — se tem uma das soberbas vistas da região da Sintra. Avista-se a Praia do Guincho, o Cabo da Roca, o litoral norte até além de Azenhas do Mar, a floresta de Sintra, o Estoril. Também a Cruz Quebrada aparece como local proposto para duelo por Victor a Dâmaso, às oito horas da manhã, "ao primeiro sangue". E também desfilam Queluz e Campo Grande.

Na Biblioteca Municipal de Sintra, no Palácio Valenças, bem perto do Paço Real, existe a melhor *camiliana* de Portugal. São cerca de três milhares e meio de livros e folhetos (inclusive manuscritos) da ou sobre a obra do grande escritor português. Mais de 400 cartas manuscritas de Camillo fazem parte dessa extraordinária *camiliana*

às portas de Lisboa, que supera a de São Miguel de Seide, em Vila Nova de Famalicão, e que foi doada a Sintra por Rodrigo Simões Costa. Há também bustos, objetos, retratos que completam a vasta e valiosa *camiliana* de Sintra. Só de *Amor de Perdição* há quase 80 edições. Está representada praticamente toda a obra de Camilo Castelo Branco (mesmo em Portugal é difícil falar em toda a obra do grande escritor portuense). Sobre a Biblioteca Municipal de Sintra, que conta com 37 mil volumes, com notável especialidade sobre Sintra e sua história (mais de um milhar de volumes), a revista lisboeta *Crônica,* em seu número 9, de 29 de junho de 1983, publicou reportagem de José Gutierrez.

Em *Correspondência,* Sintra vem várias vezes mencionada, em suas galas e belezas. Numa carta de Eça de Queiroz ao Conde de Arnoso, datada de 8 de setembro de 1885, de Bristol, diz o grande escritor: "Parece que Sintra, este ano, tem sido, ou foi, um verdadeiro e ardente inferno de luxo, prazer, paixão, valsa, verve e garbo. O José da Câmara mandou-me contar que as estradas e atalhos estavam constantemente atulhados de equipagens *fringantíssimas* — e que à noite o *Champagne* corria por baixo das portas e vinha fazer cascatas murmurantes entre as rochas. (...) Conta-me, querido Bernardo, como foi o grande festival. Dá o detalhe, dá o traço." E mais adiante: "Suponho que os teus pequenos estão com a avó, em Pindela; ou levá-los para Cascais? Se estão contigo, cobre-os de beijos por mim; se não, manda-lhos pelo correio. Dá grande abraço ao bravo Vicente e a Sabugosa — e outro grande abraço para ti do teu c. Queiroz." Segue-se uma nota posterior: "Mil cousas a Ficalho. Que faz ele? Imagino-o em Cascais, *Garciando da Orta.*" Era alusão ao livro sobre Garcia da Orta, grande médico e naturalista português do século XVI, que o Conde de Ficalho (Francisco Manuel de Mello) escrevia por aquele tempo.

Em carta a Oliveira Martins, de 26 de abril de 1894, de Paris, Eça diz a seu amigo que sabe não somente estar ele entre o número dos vivos mas no número dos sãos. "E um amigo de Lisboa manda dizer que Sousa Martins te considera já sólido." Sousa Martins deve ser referência ao conhecido médico falecido em 1897, e cuja estátua está no Campo dos Mártires da Pátria, em frente à Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, objeto de reverência, promessas e *ex-votos,* como já referido na presente obra.

Em carta ao Conde de Arnoso, de 20 de julho de 1899 (um ano antes de sua morte), de Paris, Eça se congratula com a notícia de que o amigo nada sofrera no desastre de comboio em Braço de Prata. O local se situa na zona portuária da freguesia dos Olivais, na parte oriental de Lisboa, perto da Doca do Poço do Bispo, quase à beira do

Tejo. Existe no local a Fábrica Militar de Braço de Prata, a meio caminho entre Santa Apolônia e os Olivais. Segundo Luís Pastor de Macedo, em *Lisboa de Lés-a-Lés,* a denominação advém da alcunha de Braço de Prata que fora dada a Antônio de Sousa Meneses, filho, que perdeu um braço numa batalha defronte da ilha de Itamaracá, Pernambuco, contra os holandeses. Antonio de Sousa Meneses, filho, era fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo e portador de vários outros títulos. Foi para a Bahia em 1635, como capitão de infantaria. Depois do episódio em Pernambuco voltou para Portugal onde, após a Restauração de 1640, se engajou em funções militares no Alentejo. Foi depois para a Índia e, mais tarde, como Governador e Capitão-General, voltou à Bahia, onde foi morto em 1687, "numa revolta dos naturais". Foi ao regressar a Portugal, após a batalha contra os invasores holandeses, que D. Antônio tinha mandado fazer um braço de prata para substituir o braço de carne e osso que perdera com uma bala de artilharia. Por morte do pai, recebera de herança uma quinta no sítio de Nossa Senhora dos Olivais. A essa propriedade passou o povo a chamar de Quinta do Braço de Prata, nome que hoje, em 1983, continua na toponímia daquela parte oriental de Lisboa. Quem deixar Lisboa a partir de Santa Apolônia, por comboio (trem), passará por Braço de Prata. Quem for de automóvel da Baixa lisboeta para o Aeroporto, pela beira do Tejo, via Olivais, passará por Braço de Prata e verá a Fábrica Militar Braço de Prata, tendo assim mais um testemunho, dentre uma multidão, do imbricamento do destino de portugueses e brasileiros ao longo da história.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Norberto de. *Inventário de Lisboa*, Lisboa, 1947.
———. *Itinerários Turísticos em Lisboa*, Lisboa, 1950.
———. *Legendas de Lisboa*, Lisboa, 1943.
———. *Peregrinações em Lisboa*, Lisboa, 1938-39.
ARCOS, Joaquim Paço d'. *Crônicas da Vida Lisboeta*, Rio de Janeiro, 1974.
———. *Eça de Queiroz e o Século XX*, Lisboa, 1949.
AYRES, Francisco. *Eça de Queiroz, Vida e Obra*, Rio de Janeiro, 1983.
AZEVEDO, Manuela de. *À Sombra d'Eça e Camilo*, Lisboa, 1969.
BAIRRADA, Eduardo Martins. *Arq.to Rosendo Carvalheira (1863-1919), um Filho Adotivo de Alexandre Herculano na Arte de Construir (Notas de Fixação Biográfica)*, Lisboa, 1981.
BAPTISTA, Antonio Alçada. *Peregrinação Interior*, Vol. I: *Reflexões Sobre Deus* e Vol. II: *Anjos da Esperança*, Lisboa, 1982.
BARRETO, Moniz. *Ensaios de Crítica*, Lisboa, 1944.
BECKFORD, Silliam. *Lettres d'Espagne et de Portugal (1787-1788)*, traduzidas do inglês por Madeleine Clemenceau Jacquemaire, Paris, 1936.
BOLOMA, General Marquez d'Avila e de. *Nova Carta Chorographica de Portugal*, Lisboa, 1914.
BOMBELLES, Marquis de. *Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal (1786-1788)*, Fondation Calouste Gulbenkian, Paris, 1979.
BRAGA, Luís de Almeida. *Nuvens Sobre o Deserto*, Lisboa (sem data).
BRANCO, Camilo Castelo. *Mistérios de Lisboa*, seleção e notas de Alexandre Cabral, Lisboa, 1981.
BRITO, J. J. Gomes de. *Ruas de Lisboa*, Lisboa, 1935.
BYRON. *Byron's Poetical Works*, Londres, 1857.
CABRAL, Antônio. *Eça de Queiroz (A sua vida e a sua obra. Cartas e documentos inéditos)*, Rio de Janeiro, 1916.
CAL, Ernesto Guerra Da. *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, Coimbra, 1975.
———. *Língua e Estilo de Eça de Queiroz: I — Elementos Básicos*, Rio de Janeiro, 1969.
———. *A Relíquia, Romance Pitoresco e Cervantesco*, Lisboa, 1971.
CALLIXTO, Carlos Pereira. *São Julião da Barra*, Lisboa, 1980.
CALLIXTO, Vasco. *As Rodas da Capital*, Lisboa, 1967.
CALMON, Pedro. *História do Brasil*, Rio de Janeiro, 1963.
CANDEIAS, Alberto. *Portugal em Alguns Escritores Ingleses*, Lisboa, 1946.
CAPITÃO, Maria Amélia da Motta. *Subsídios para a História dos Transportes Terrestres em Lisboa no Século XIX*, Lisboa, 1974.

CARLOS, Rui Palma. *Lisboéticas e Outros Poemas*, Aveiro, 1977.
CARVALHO, Afonso de. *Como Disse Eça de Queiroz...*, Lisboa, 1949.
CARVALHO, Fausto Lopo de. *E à Noite Podemos Jogar as Cartas*. Lisboa, 1974.
CASTILHO, Júlio de. *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, Lisboa, 1935-1938.
CATTON, Albano Pereira. *Eça de Queiroz, Dicionário Biográfico dos Seus Personagens*, Editora Borsoi, Brasil, s/d.
CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil?*, São Paulo, 1966.
CHAVES, Luís. *Os Transportes na Etnografia em Portugal (Esquema de Estudos)*, Madri, 1949.
COELHO, Trindade. *In Illo Tempore — Estudantes, lentes e futricas*, Lisboa, 1943.
COELHO, Vicente de Faria. *Eça de Queiroz, Poesias*, Série de Eça de Queiroz VI (coletânea e comentários), Brasil, 1973.
CORRÊIA, Natália. *Aconteceu no Bairro*, Lisboa, 1946.
CORTE-REAL, Manuel H. *O Palácio das Necessidades*, MNE, Lisboa, 1983.
COSTA, Francisco. *Diálogos Estéticos (1945-1957)*, Lisboa, 1981.
———. *O Paço Real de Sintra*, CML, Lisboa, 1980.
———. *Beckford em Sintra no Verão de 1787*, CML, Lisboa, 1982.
———. *O Foral de Sintra (1154)*, CML, Lisboa, 1976.
COSTA, Mário.*O Chiado Pitoresco e Elegante*, Lisboa, 1965.
COSTA, Odylo, Filho. *Tempo de Lisboa e Outros Poemas*, Lisboa, 1966.
DANTAS, Júlio. *O Arco do Cego*, artigo publicado no *Boletim de Segunda Classe* pela Academia das Ciências de Lisboa, Vol. III, nº 1, Lisboa, janeiro de 1910.
———. *Figuras d'Ontem e d'Hoje*, Porto, 1914.
———. *Lisboa dos Nossos Avós, CML*, Lisboa, 1969.
DELGADO, Ralph. *A Antiga Freguesia dos Livais*, Lisboa, 1969.
DIAS, Carlos Malheiro. *Cicloroma Crítico de um Tempo (Antologia)*, IPL, Lisboa, 1982.
EFFENDI, Shogi. *A Presença de Deus*, Rio de Janeiro, 1981.
———. *Chamado às Nações*, Rio de Janeiro, 1980.
FERREIRA, David Mourão. *Obra Poética*, Lisboa, 1980.
FERREIRA, Vergílio. *Sobre o Humorismo de Eça de Queiroz*, Coimbra, 1943.
FONSECA, Gondin da. *Eça de Queiroz, Uma Biografia Pioneira*, Rio de Janeiro, 1970.
FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, 1980.
———. *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, 1977.
———. *Lisboa: Urbanismo e Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa, 1980.
———. *Reconstrução de Lisboa e Arquitectura Pombalina*, Lisboa, 1978.
FRANCHINI-Neto, Miguel. *O Marquês de Pombal e o Brasil*, Lisboa, 1981.
GALWAY, James. *A Música no Tempo*, escrita por William Mann, Lisboa, 1983.
GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra*, prólogo de Aquilino Ribeiro, Lisboa, 1954.
———. *Folhas Caídas* (nº 241), Lisboa, s/d.
GOMES, José Sousa. *Lisboa — Da Sua Vida e da Sua Beleza*, Lisboa, 1937.
GRAÇA, Mário Quartin. *O Imperador do Brasil em Lisboa (1871-1872)*, Brasília, 1982.
GRACIOTTI, Mário. *Portugal, Crônicas de Viagem para Adultos e Crianças*, São Paulo, 1957.
GUEDES, Alda Guimarães (Condessa de Almedina). *O Conde de Almedina e a Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, 1954.
LEAL, Thomaz d'Eça. *Eça de Queiroz, Menino e Moço*, Lisboa, 1954.
LINS, Álvaro. *História Literária de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, 1939, e *Vinte Anos Depois, uma Geografia de Eça de Queiroz* (ensaio publicado em três números nos "Diários Associados", em janeiro de 1958).
LYRA, Heitor. *O Brasil na Vida de Eça de Queiroz*, Lisboa, 1965.
MACEDO, Luís Pastor de. *Lisboa de Lés-a-Lés*, Lisboa, 1955/60/62/68.
MAGALHÃES Jr., Raymundo. *Olavo Bilac e Sua Época*, Rio de Janeiro, 1974.
MARQUES, Gentil. *Eça de Queiroz, o Romance da Sua Vida e da Sua Obra*, Lisboa, 1946.
MARTINS, Antônio Coimbra. *Ensaios Queirosianos*, Lisboa, 1967.
MATOS, Alfredo Campos. *Eça de Queiroz e a França*, Revista "História" nº 50, Lisboa, dezembro de 1982.

———. *Eça de Queiroz, Primeiro de Maio*, Lisboa, 1982.
———. *Imagens do Portugal Queirosiano*, Lisboa, 1976.
MEDINA, João. *Eça de Queiroz e a Geração de 70*, Lisboa, 1980.
———. *Eça Político (Ensaios Sobre Aspectos Político-Ideológicos da Obra de Eça de Queiroz)*, Lisboa, 1974.
MERQUIOR, J. G. *De Anchieta a Euclides*, Rio de Janeiro, 1977.
MONTEIRO, Gomes. *Vencidos da Vida*, Lisboa, 1944.
MOOG, Vianna. *Eça de Queiroz e o Século XIX*, Rio de Janeiro, 1966.
MURPHY, James. *A General View of the State of Portugal*, Londres, 1798.
NAMORA, Fernando. *O Rio Triste*, Lisboa, 1982.
NEVES, José Cassiano. *Miscelânea Curiosa*, Lisboa, 1983.
NEVES, P. Moreira das. *O Grupo dos Cinco, Dramas Espirituais*, Lisboa, 1945.
NOBRE, Antônio. *Despedidas*, Lisboa, s/d.
OLIVEIRA, Mário de. *Poemas de Amor e Desespero*, Vila Real, 1982.
O'NEILL, Alexandre. *Uma Lisboa Remanchada*, 1979.
ORTIGÃO, Ramalho. *As Praias de Portugal*, Porto, 1876.
———. *Novas Cartas Inéditas de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, 1940.
OSÓRIO, João de Castro. *Cancioneiro de Lisboa*, CML, Lisboa, 1956.
PEREIRA, Gabriel Vitor do Monte. *Lisboa e Arredores* (Inquirições do reinado de D. Affonso III), Lisboa, 1902.
———. *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, Lisboa, 1910.
PIMENTEL, Alberto. *Luar da Saudade*, com uma biografia de Gonçalves Crespo, Lisboa, 1924/25.
———. *O Que Anda no Ar*, Lisboa, 1881.
PIRES, José Cardoso. *Balada da Praia dos Cães*, Lisboa, 1982.
PORTUGAL, J. M. Boa Vida. *Eça de Queiroz e o Mundo do Nosso Tempo*, Lisboa, 1974.
PROENÇA, Raul. *Guia de Portugal*, Lisboa, 1924. Reedição fiel em 1979, Lisboa, apresentação de Sant'Anna Dionísio.
QUADROS, Antônio. *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, I Vol: *O Sebastianismo em Portugal e no Brasil*, Lisboa, 1982; II Vol.: *Polêmica, História e Teoria do Mito*, Lisboa, 1983.
QUEIROZ, Dinah Silveira de. *O Desfrute*, Lisboa, 1981, ou *Guida, Caríssima Guida*, Rio de Janeiro, 1981.
———. *A Muralha*, Lisboa, 1983.
QUEIROZ, Eça de. *A Emigração Como Força Civilizadora*, prefácio de Raul Rego, Lisboa, 1979.
RAMALHETE, Clóvis. *Eça de Queiroz*, São Paulo, edições de 1942 e 1981.
RAMOS, Jorge. *O Que É A Maçonaria*, Lisboa, 1983.
RAPOSO, Hugo. *Primeiro Circuito da Lisboa Moderna em Transporte Coletivo*, Grupo "Amigos de Lisboa", 1950.
REIS, Beatriz Cinara Batalha. *Eça de Queiroz e Jaime Batalha*, Lisboa, s/d.
REIS, Carlos. *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queiroz*, Coimbra, 1981.
REIS, P. Jacinto. *Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e Além-Mar e Seu Padroado*, Lisboa, 1967.
ROSA, Alberto Machado da. *Eça, Discípulo de Machado?* (Formação de Eça de Queiroz: 1875-1880). Edição de 1979, revista e atualizada, Lisboa, s/d.
SACRAMENTO, Mário. *Eça de Queiroz, Uma Estética da Ironia*, Coimbra, 1945.
SALEMA, Álvaro. *Jorge Amado, o Homem e a Obra, Presença em Portugal*, Lisboa, 1982.
SAMPAIO, Albino Forjaz de. *Volúpia* (A nona Arte: a Gastronomia), Porto, 1939.
SANTANA, Francisco. *Índice da Lisboa Antiga e da Ribeira de Lisboa de Júlio Castilho*, CML, Lisboa, 1974.
SARAIVA, Antonio José. *As idéias de Eça de Queiroz*, Lisboa, 1982.
SARAIVA, João. *O Grêmio Literário*. Figuras e episódios de outros tempos, conferência do GL, em 30-01-1934, Lisboa, 1977.

SCHUBERT, Jörg. *Lisboa*, Lisboa, 1982.
SCHWALBACH, Luís. *Alguns Elementos Geográficos na Obra de Eça de Queiroz*, Lisboa, 1945.
SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queiroz, a Obra e o Homem*, Lisboa, 1981.
————. *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, Lisboa, 1980.
SOUSA, João Rui de. *Hipérbole na Cidade*, Porto, 1960.
SOUZA, Alberto. *O Trajo Popular em Portugal nos Séculos XVIII e XIX*, Lisboa, 1924.
TELLES, Sérgio. *Encontro*, Lisboa, 1970.
TINOP, João Pinto de Carvalho. *História do Fado*, Lisboa, 1982.
————. *Lisboa de Outrora*, Lisboa, 1939.
TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Monólogo em Éfeso*, Lisboa, 1972.
————. *O Nacionalismo de Eça de Queiroz*, Lisboa, 1935.
VERDE, Cesário. *O Livro de Cesário Verde*, 15ª edição revista por Cabral do Nascimento, Lisboa, s/d.
VIEIRA, Antonio Lopes. *Os Transportes Públicos de Lisboa entre 1830 e 1910*, IN/CM, Lisboa, 1982.
VIEIRA, Celso. *O Gênio e a Graça*, Porto, 1951.

OBRAS DE AUTORIA COLETIVA

Almanach Burocratico e Commercial da Empreza Litteraria de Lisboa para 1884 — 7º anno, Lisboa.
Almanach Commercial de Lisboa ou Annuario de Portugal, por Carlos Augusto da Silva Campos para 1888 — 8º anno, Lisboa.
Almanach Commercial de Lisboa para 1881, por Carlos Augusto da Silva Campos, Lisboa, 1880.
Almanach das Senhoras para 1881 (Portugal e Brazil), Lisboa, 11º anno.
Almanach das Senhoras para 1882, 12º anno, Lisboa.
Almanach de Lembranças — 1895, com sua referência especial a Ignacio de Vilhena Barbosa, Lisboa.
Almanach Industrial, Commercial e Profissional de Lisboa, Lisboa, 1865.
Almanach Palhares — Burocratico e Commercial, Lisboa, 1900.
Antologia de Autores Portugueses e Brasileiros dos Séculos XIX e XX, Lisboa, 1983.
Antologia de Poesia Contemporânea, a Partir de Vitorino Nemésio, organizada por Carlos Nejar, São Paulo, 1982.
Antologia da Ficção Portuguesa Contemporânea — Seleção, prefácio e notas bibliográficas de Jacinto do Prado Coelho (com a colaboração de Álvaro Salema), Lisboa, 1979.
Anuário Delta Larousse 1973, Rio de Janeiro, com os eventos de 1972.
Archivo Pittoresco — Semanário Ilustrado. Principal redator, A. da Silva Tullio, Vols. V a VIII, Lisboa, 1862 a 1865.
Boletim Cultural — Assembléia Distrital de Lisboa, 1976/1978.
Byron Portugal, organizado por F. de Mello Moser, Lisboa, 1977.
Cortejo Histórico de Viaturas (Catálogo descritivo), CML, Lisboa, 1934.
Descrição Geral de Lisboa em 1839 ou Ensaio Histórico (Tudo quanto esta capital contém de mais notável, e sua história política e literária até o tempo presente). P.P. da Câmara, Lisboa, 1939.
Dicionário da Língua Portuguesa, de Francisco Torrinha, Porto, 1946.
Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Rio de Janeiro.
Dicionário de História de Portugal — direção de Joel Serrão, Porto, 1979.
Dicionário de Literatura (Brasileira, Portuguesa, Galega, Estilística, Literária), Rio de Janeiro, 1969.
Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura — Verbo, Lisboa, s/d.
Guarda Nacional Republicana (A) — Publicação coordenada e editada pela CI da GNR, Lisboa, 1977.
Guia das Ruas de Lisboa, 14ª edição, Lisboa, 1980/1981.
Igreja da Memória, texto de Emmanuel Correia, Lisboa, s/d.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário, templo da Força Aérea em Lisboa, apontamentos monográficos por M. B. Gonçalves Pedro, Capelão da Força Aérea, Lisboa, s/d.
Lello Universal, Porto, s/d.
Lisboa e o Marquês de Pombal — Exposição comemorativa do bicentenário da morte do Marquês de Pombal (1782-1982), CML, Museu da Cidade, Lisboa, 1982.
Lisboa, Guia (Turístico) da Cidade — CML, Lisboa, 1983.
Lisboa, Revista Municipal — CML, Ano XL, nº 1, 2ª série, 4º trimestre de 1979, Lisboa.
Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa — 1º Tomo (1973), 2º Tomo (1975), Assembléia Distrital de Lisboa.
Museus de Portugal — MEC, Lisboa, 1978.
Novo Roteiro das Ruas de Lisboa, Lisboa, última edição, s/d.
Olisipo — Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa", n.os de 1 a 120, 1938/1967 e de 121 a 145 (último).
Paços do Concelho de Lisboa (Os) — Texto de Salette Simões Salvado, Lisboa, 1982.
Paróquia de S. Jorge da Cidade de Lisboa (A) — Subsídios para a sua história, por Roberto Dias da Costa, Lisboa, 1939.
Parque do Monteiro-Mor — (Secretaria de Estado da Cultura), Lisboa, 1978.
Portas e Brasões de Lisboa, por Luiz Ferro Ponde de Leão, CML, Lisboa, s/d.
Portugal, Les Guides Bleus, Hachette, Paris, 1978.
Povo de Lisboa (O) — Tipos, ambiente, modos de vida, mercado e feiras, divertimentos, mentalidade — CML, Exposição iconográfica: Junho/Julho: 1978 — 1979.
Quem é Quem — na Literatura Portuguesa, direção e organização de Álvaro Manuel Machado, Lisboa, 1979.
Relação e Indice Alphabetico dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu — Anno Lectivo de 1863 para 1864, Coimbra, 1863.
Retrato da Lisboa Popular, Antonio Barreto — Maria Filomena Mónica, Lisboa, 1982.
Revista de Poesia e Crítica, nº 6, Brasília/São Paulo/Rio de Janeiro, dezembro de 1979.
Roteiro da Cidade de Lisboa, CML, 1962.
Roteiro das Ruas de Lisboa e Imediações, por Eduardo O. Pereira Queiroz Vellozo, 4ª edição, Lisboa, 1881.
Roteiro de Lisboa — Anuário Geral de Portugal, 3ª edição, Lisboa, 1982.
Santuário de Nossa Senhora da Penha de França em Lisboa, Lisboa, 1981.
Tejo em Lisboa (O), breve antologia poética, CML, Lisboa, 1981.
Tesouros Artísticos de Portugal, edição de Seleções do Reader's Digest, Lisboa, 1982.
Turf Club e a Sua História (O), 1883-1973, Lisboa, 1973.
Vinhos do Nosso País, edição da Junta Nacional do Vinho, Lisboa, 1978.

O AUTOR

Dário Moreira de Castro Alves nasceu em Fortaleza, em 1927. Concluiu seus estudos jurídicos no Rio de Janeiro e ingressou no Itamaraty, onde permanece há 35 anos. Atualmente se encontra nos Estados Unidos, como representante do Brasil na OEA.

Desde cedo ligado à literatura portuguesa, seu gosto por Eça de Queiroz data de longos anos, mas, logicamente, se desenvolveu nos quatro anos e meio que passou em Lisboa como embaixador do Brasil.

A idéia de realizar esta obra veio de um forte apelo que lhe fez sua inesquecível Dinah Silveira de Queiroz, com quem foi casado durante vinte anos. Já no ano de sua grave enfermidade, em 1982, ela lhe fez prometer que acabaria a obra sobre Lisboa e Eça de Queiroz. Foi com este impulso indeclinável que Dário decidiu completar todas as pesquisas e realizar este trabalho, agora apresentado pela Nórdica.

Dário Moreira de Castro Alves

era Lisboa e chovia

"Um livro de agora em diante indispensável aos que amam Lisboa e amam Eça de Queiroz."

Jorge Amado